

LA CRÓNICA DE JETTER

LIBRO PRIMERO

El de Inimigo deus

BERNARD CORNWELL

TRADUCIDO DE G. JACINTO Y D. JORDAN



O Inimigo de Deus é dedicado a Susan Watt, a sua única progenitora.

Prólogo

O Inimigo de Deus é o segundo romance da série CRÔNICAS DO SENHOR DA GUERRA e nele se dá continuidade imediata aos acontecimentos descritos em *O Rei do Inverno*. Neste livro, Uther, rei de *Dumnónia* e Rei Supremo da Bretanha morre, sendo sucedido por Mordred, o seu neto aleijado ainda bebê. Artur, um dos filhos bastardos de Uther, é nomeado tutor de Mordred e com o passar dos anos torna-se o mais importante dos seus protetores. Artur está decidido a cumprir o juramento feito a Uther de garantir que, uma vez chegado à idade adulta, Mordred assumirá o trono de *Dumnónia*.

Artur está igualmente decidido a restituir a paz aos beligerantes reinos da Bretanha. O conflito mais importante é o que opõe *Dumnónia* a *Powys*, e quando Artur é

encorajado a desposar Ceinwyn, princesa de *Powys*, surge a possibilidade de evitar a guerra. Em vez disso, Artur foge com a arruinada princesa Guinevere, e este insulto feito a Ceinwyn acarretará anos de guerra que apenas terminam quando Artur derrota o rei Gorfyddyd de *Powys*, na Batalha

do Vale do *Lugg*. O trono de *Powys* passa então para Cuneglas, o irmão de Ceinwyn que, tal como Artur, deseja a paz entre os Bretões, para que estes possam unir as suas lanças na luta contra o inimigo comum: os Saxões.

O *Rei do Inverno*, tal como o presente livro, é narrado por Derfel (deve pronunciar-se Dervel), um escravo saxão que cresceu na casa de Merlim e se tornou um dos guerreiros de Artur. Artur envia Derfel para *Armórica* (a atual Bretanha francesa) para lutar na desditosa campanha destinada a proteger o reino britânico de *Benoic* dos ataques dos Francos. Entre os refugiados de *Benoic* que regressam à Bretanha encontra-se Lancelot, rei de *Benoic*, que Artur pretende agora casar com Ceinwyn e colocar no trono da *Silúria*. Derfel apaixona-se por Ceinwyn.

O outro amor de Derfel é Nimue, sua amiga de infância, que, entretanto se tornara ajudante e amante de Merlim, um Druida que lidera a facção bretã empenhada em restituir a ilha aos seus antigos deuses. Para tal persegue um Caldeirão, um dos Treze Tesouros da Bretanha, uma procura que, tanto para Merlim como para Nimue, é

infinitamente superior a qualquer batalha travada contra outros reinos ou invasores, sejam eles quais forem. Os adversários de Merlim são os Cristãos da Bretanha. Um dos seus líderes é o bispo Sansum, que ao desafiar Guinevere

perdeu muito do poder que detinha.

Sansum, agora caído em desgraça, desempenha as funções de Abade do Mosteiro do Espinheiro Sagrado, em *Ynys Wydryn* (*Glastonbury*). *O Rei do Inverno* termina com a vitória de Artur na grande batalha do Vale do *Lugg*. O trono de Mordred é salvo, os reinos do sul da Bretanha selam alianças e Artur, embora não seja rei, é o seu líder incontestado.

PRIMEIRA PARTE

A Estrada Sombria

Hoje tenho pensado nos mortos.

Estamos no último dia do ano velho. Os fetos que cobrem a colina tingiram-se de uma tonalidade acastanhada, os olmeiros nas extremidades do vale perderam as folhas e a matança de Inverno das nossas cabeças de gado já começou. Esta noite é Véspera do *Samain*.

Esta noite, a cortina que separa os mortos dos vivos estremecerá, se desfilará e acabará por desaparecer. Esta noite, os mortos atravessarão a ponte das espadas. Esta noite os mortos chegarão, vindos do Outro Mundo, mas nós não os veremos. Serão sombras diluídas na escuridão, simples sussurros numa noite sem vento, mas estarão

presentes.

O bispo Sansum, o santo que governa nossa pequena comunidade de monges, faz troça desta crença. Os mortos, diz ele, não têm corpos feitos de sombra, tão pouco são capazes de atravessar a ponte das espadas. Em vez disso, jazem nos seus túmulos frios aguardando a última vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. É uma atitude digna, diz ele ainda, recordar os mortos e rezar pela imortalidade das suas almas, mas os seus corpos desapareceram para sempre. São corruptos. Os olhos derreteram-se para dar lugar a buracos negros incrustados nos crânios, os vermes liquefazem-lhes as barrigas e os ossos estão forrados com húmus. O santo insiste em dizer que os mortos não perturbam os vivos na Véspera do *Samain*, mas até ele tomará as precauções necessárias para deixar um pão junto da lareira do mosteiro, esta noite. Fará de conta que se tratou de um descuido da sua parte, mas seja como for esta noite haverá um pão e um cântaro com água ao lado das cinzas da cozinha.

Eu deixarei mais qualquer coisa. Uma taça de hidromel e um pedaço de salmão.

São oferendas humildes, mas é tudo o que posso dar, e esta noite as colocarei no meio das sombras, junto à lareira. Em seguida irei até à minha cela de monge para acolher os mortos que virão até esta casa fria, situada nesta colina

despida.

Passo a nomear os mortos. Ceinwyn, Guinevere, Nimue, Merlim, Lancelot, Galaad, Dian, Sagramor. A lista daria para encher dois pergaminhos. Tantos mortos. O

som dos seus passos não provocará o mínimo sobressalto, tão pouco assustará os ratos que vivem no telhado de colmo do mosteiro, mas até o bispo Sansum sabe que os nossos gatos arquearão os respectivos corpos e bufarão pelos cantos da cozinha quando as sombras que não são sombras se aproximarem da nossa lareira, ao encontro das oferendas que as dissuadem de fazer tropelias.

Hoje tenho pensado, então, nos mortos.

Estou velho agora, talvez tão velho como era Merlim, embora nem por sombra tão sábio. Penso que o bispo Sansum e eu somos os únicos homens que sobreviveram aos dias gloriosos, e eu sou o único que os recordo com ternura. É provável que outros vivam ainda. Na Irlanda, talvez, ou nas terras desoladas a norte de *Lothian*, mas eu nada sei deles, ainda que esteja certo do seguinte: se outros há que de fato vivem ainda, então eles, tal como eu, evitam a escuridão avassaladora como gatos fugindo das sombras desta noite. Tudo o que amávamos foi destruído, tudo o que construímos foi arrasado, tudo o que semeamos está sendo

colhido pelos Saxões. Nós, os Britânicos, nos mantemos fiéis às terras altas a oeste e falamos de vingança, mas não há nenhuma espada capaz de lutar contra a grande escuridão. Há momentos, agora muito freqüentes, em que tudo o que desejo é estar na companhia dos mortos. O bispo Sansum aplaude este meu desejo e me diz que está certo que eu anseie por estar no Céu, à direita de Deus, mas não creio que alguma vez chegue a entrar no paraíso dos santos. Pequei demais e por isso temo o inferno, embora ainda acalente a esperança de, contrariando assim a minha fé, passar para o Outro Mundo. Aí, à sombra das macieiras espalhadas entre as quatro torres de *Annwn*, espera-me uma mesa repleta de comida e povoada pelos corpos-sombra dos meus velhos amigos. Merlim se dividirá entre adulações, palestras, queixumes e zombarias. Galaad arderá de impaciência por interrompê-lo e Culhwuch, enfadado com tanta conversa, surripiará uma porção de carne maior, julgando que ninguém terá percebido o seu gesto. E Ceinwyn estará lá também, a querida e encantadora Ceinwyn, apaziguando o tumulto gerado por Nimue.

Eu, porém, ainda me encontro sob a maldição da vida. Enquanto os meus amigos festejam, eu continuo a viver, e enquanto viver hei de escrever esta história de Artur. Escrevo por ordem da rainha Igraine, a jovem esposa do rei Brochvael de *Powys*, o protetor do nosso pequeno mosteiro. Igraine quis saber tudo o que eu pudesse lembrar-me acerca

de Artur, por isso comecei a escrever estas histórias. O bispo Sansum, porém, não aprova este meu trabalho. Ele diz que Artur era o Inimigo de Deus, um rebento do diabo, então estou escrevendo estas histórias em saxão, a minha língua materna, que o santo desconhece. Tanto eu como Igraine dissemos ao santo que estou escrevendo o evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo na língua do inimigo. É possível que ele acredite em nós, ou então talvez esteja aguardando a hora certa para desmascarar a nossa mentira e castigar-me, em seguida.

Escrevo todos os dias. Igraine desloca-se frequentemente ao mosteiro para pedir a Deus que abençoe o seu ventre com um filho. Terminadas as orações leva consigo as peles já preenchidas e pede ao escrivão de Brochael que as traduza para britânico. Acho que ela altera a história nesse momento, fazendo-a coincidir com o Artur que ela deseja que exista e não com o Artur que de fato existiu. Mas é provável que isso não tenha importância, pois quem irá ler esta história? Sinto-me como um homem que constrói uma parede de lama e vime, com o objetivo de conter uma inundação iminente. A idade das trevas, um tempo em que nenhum homem lerá uma linha que seja, está chegando.

Haverá apenas Saxões.

Estou então escrevendo sobre os mortos, e a escrita me

ajuda a passar o tempo que me resta até poder me juntar a eles; o tempo em que o irmão Derfel, humilde monge de *Dinnewrac*, tornará a ser Lorde Derfel Cadarn, Derfel, o Poderoso, Paladino de *Dumnónia* e amigo dileto de Artur. Agora, porém, sou apenas um velho monge enregelado que escreve memórias com a única mão que lhe resta. E esta noite é Véspera do *Samain* e amanhã começa um novo ano. O Inverno está chegando. Empurradas pelo vento, as folhas outonais jazem sobre as sebes em montículos cintilantes, tordos-piscos revolteiam em torno dos restolhos, as gaiotas trocaram o mar pela terra e as galinholas reúnem-se à luz da lua cheia. É uma boa estação, segundo me disse Igraine, para escrever sobre coisas antigas. Por essa razão me trouxe uma pilha de peles novas, um frasco de tinta acabada de misturar e um molho de penas. Fale-me de Artur, pede-me ela, do Artur de ouro, a nossa última e melhor esperança, o nosso rei que nunca chegou a ser rei, o Inimigo de Deus e o flagelo dos Saxões. Fale-me de Artur.

Um campo de batalha é uma visão horrível.

Sáíramos vitoriosos, mas nas nossas almas não havia qualquer vestígio de júbilo, apenas fadiga e alívio. Trêmulos, nos juntávamos em volta das nossas fogueiras e tentávamos não pensar nos vampiros e espíritos que trilhavam a escuridão onde jaziam os mortos do Vale do *Lugg*. Alguns de nós dormiam, mas ninguém conseguia um sono

descansado, pois os pesadelos do final da batalha não nos davam tréguas. Acordei em plena noite, sobressaltado pela lembrança da estocada de uma lança que por pouco não se enterrara na minha barriga. Issa me salvara, afastando a lança inimiga com o rebordo do seu escudo, mas a memória do que quase acontecera continuava a atormentar-me.

Tentei voltar a adormecer, mas a recordação daquela lança manteve-me acordado até

que, por fim, trêmulo e exausto, me levantei e me enrolei na minha capa. O vale estava iluminado por fogueiras que iam se consumindo lentamente, e nos intervalos escuros entre as chamas espalhava-se um miasma formado pela fumaça e pela neblina que se elevava do rio. Algumas silhuetas moviam-se envoltas na cortina de fumaça, mas se eram fantasmas ou criaturas vivas não sei dizer.

- Não consegue dormir, Derfel? - disse uma voz suave, vinda do limiar do edifício romano onde repousava o corpo do rei Gorfyddyd.

Voltei-me e vi que Artur me observava.

- Não, não consigo dormir, senhor - admiti.

Ele avançou com cuidado pelo meio dos guerreiros adormecidos. Usava uma daquelas longas capas brancas de

que tanto gostava e, na noite feérica, a peça de vestuário parecia resplandecer. Não apresentava qualquer vestígio de lama, ou de sangue, e percebi que ele devia tê-la enrolado em lugar seguro para ter uma peça de vestuário limpa para vestir depois da batalha. Nenhum de nós se teria importado de chegar ao fim do combate completamente nu desde que estivesse vivo, mas Artur sempre foi um homem dado a minúcias. Tinha a cabeça descoberta e o cabelo ainda traía as reentrâncias deixadas pelo elmo no lugar onde este lhe apertara o crânio.

- Nunca durmo bem depois de uma batalha - disse ele - durante uma semana, pelo menos. Depois disso surge então uma noite de abençoado descanso - sorriu para mim. - Estou em dívida para contigo.

- Não, - senhor disse eu, embora ele estivesse de fato em dívida para comigo.

Sagramor e eu tínhamos defendido o Vale do *Lugg* durante todo aquele longo dia, lutando dentro do escudo defensivo contra uma vasta horda de inimigos, e Artur não conseguira vir nos socorrer. O auxílio acabara por chegar, e com ele a vitória, mas de todas as batalhas travadas por Artur, Vale do *Lugg* foi a que estive mais perto da derrota. Até à

última batalha.

- Eu, pelo menos, hei de recordar esta dívida - disse ele, com afeto, - ainda que você não o faça. Já é tempo de fazer de você um homem rico, Derfel, a você e aos seus homens.

Sorriu e, segurando-me pelo cotovelo, conduziu-me até a um pedaço de terra vazio onde as nossas vozes não perturbariam o sono agitado dos guerreiros, deitados perto das fogueiras. O chão estava úmido e a chuva cobrira com lama as marcas fundas deixadas pelos cascos dos enormes cavalos do exército de Artur. Perguntei a mim mesmo se os cavalos sonhariam com batalhas e, depois, se os mortos recém-chegados ao Outro Mundo ainda estremeciam perante a recordação do golpe da espada ou da lança que atirara as suas almas para o outro lado da ponta das espadas.

- Gundleus está morto, suponho? - Artur interrompeu o fio dos meus pensamentos.

- Está sim, Senhor - confirmei. O Rei da *Silúria* morrera ao princípio da noite, mas eu não via Artur desde o instante em que Nimue pusera fim à vida do seu inimigo.

- Eu o ouvi gritar - disse Artur num tom de voz neutro.

- A Bretanha inteira deve tê-lo ouvido gritar - respondi eu numa inflexão de voz igualmente seca. Nimue destruíra a tenebrosa alma do rei pedaço por pedaço, nunca deixando de trautear a meia voz a sua vingança sobre o homem que a

violara e lhe arrancara um dos olhos.

- Nesse caso, a *Silúria* precisa de um rei - disse Artur, contemplando o vale imenso até onde as silhuetas negras flutuavam no meio da neblina e do fumaça. As chamas projetavam sombras no seu rosto, emprestando-lhe um aspecto macilento. Não era um homem bonito, mas tão pouco era feio. Possuía, antes, um rosto singular: comprido, ossudo e resoluto. Em repouso era um rosto triste que denotava compaixão e um caráter sério, mas em momentos de conversa era animado pelo entusiasmo e por um sorriso fácil. Ainda era jovem nessa época, tinha apenas trinta anos, e entre os seus cabelos curtos não se vislumbrava ainda qualquer fio grisalho.

- Venha - tocou no meu braço e fez um gesto na direção do vale.

- Ousaria caminhar entre os mortos? - Recuei, horrorizado. Eu teria esperado até

que a madrugada tivesse afugentado os vampiros antes de me aventurar para longe da luz protetora das fogueiras.

- Fomos nós quem os transformou em mortos, Derfel, você e eu - disse Artur, -

por isso é natural que tenham medo de nós, não é?

Nunca foi um homem supersticioso, ao contrário de nós, que suspirávamos por bênçãos, venerávamos amuletos e nunca desistíamos de procurar presságios que pudessem nos pôr de sobreaviso contra perigos iminentes. Artur se movia naquele mundo de espíritos como um homem cego.

- Venha - disse, tocando-me de novo no braço.

Penetramos, então, na escuridão. Não estavam todas mortas, aquelas coisas que jaziam enleadas na neblina, já que algumas imploravam por socorro em lamentos compungidos. Artur, porém, normalmente o mais bondoso dos homens, manteve-se surdo aos seus clamores débeis. Pensava na Bretanha.

- Amanhã sigo para o Sul - disse. - Vou me encontrar com Tewdric. - O rei Tewdric de *Gwent* era nosso aliado, mas recusara-se a enviar os seus homens para o Vale do *Lugg*, crente da impossibilidade de uma vitória. Agora, o rei estava em dívida para conosco, pois tínhamos ganhado uma guerra que era dele em seu lugar. Artur, no entanto, não era homem que guardasse ressentimentos.

- Pedirei a Tewdric que envie um grupo de homens para o Leste, para lutar contra os Saxões - continuou, - mas vou enviar Sagramor também. Isso deverá ser suficiente para segurar a fronteira durante o Inverno. Os seus homens -

brindou-me com um sorriso rápido, - merecem um descanso.

O sorriso dele me disse que não haveria descanso.

- Eles farão tudo o que lhes pedir - respondi, obediente. Caminhava hirto, olhando com desconfiança para as sombras que nos rodeavam e fazendo o gesto destinado a afastar o mal com a mão direita. Certas almas, recém-arrancadas dos respectivos corpos, não conseguem encontrar a porta de entrada para o Outro Mundo e, ao invés, perambulam pela superfície da Terra em busca dos seus antigos corpos procurando vingar-se de quem as assassinou. Muitas dessas almas estavam no Vale do *Lugg* nessa noite e eu as temia, mas Artur, esquecido da ameaça que elas representavam, perambulava despreocupadamente pelo campo de morte, segurando as dobras da capa com uma das mãos para manter fora do alcance da erva molhada e da lama espessa.

- Quero os seus homens na *Silúria* - disse, em tom decidido.
- Oengus Mac Airem vai querer saqueá-la, mas tem de ser detido.

Oengus era o rei irlandês de *Demétia* que, ao mudar de partido durante a batalha, dera a vitória a Artur. O preço do irlandês era uma parte dos escravos e das riquezas do reino do falecido Gundleus.

- Ele pode levar uma centena de escravos - decretou Artur, - e um terço dos tesouros de Gundleus. Concordou com estes termos, mas ainda assim tentará nos enganar.

- Vou me assegurar que não o fará, senhor.

- Não, você não. Permite que Galaad comande os seus homens?

Assenti, escondendo a minha surpresa.

- O que pretende então de mim? - perguntei.

- A *Silúria* é um problema - continuou Artur, ignorando a minha pergunta. Deteve-se, franzindo o sobrolho ao pensar no reino de Gundleus. - Tem sido mal governada, Derfel, mal governada.

Falou com profundo desagrado. Para os restantes de nós, os governos corruptos eram tão naturais como a neve no Inverno ou as flores na Primavera, mas Artur sentia-se genuinamente horrorizado com isso. Nos dias que correm recordamos Artur como um senhor da guerra, como o homem extraordinário que metido numa reluzente armadura de latão polido fez de uma espada uma lenda. Ele, porém, teria preferido que o lembrassem apenas como um governante bom, honesto e justo. A espada deu-lhe poder, mas ele colocou esse poder ao serviço da lei.

- Não é um reino importante - continuou ele, - mas será uma eterna fonte *de* problemas, se não impusermos a ordem. - Pensava em voz alta, tentando antecipar todos os obstáculos que se interpunham entre aquela primeira noite depois da batalha e o seu sonho de uma Bretanha unida e pacificada. - A solução ideal seria dividi-la entre *Gwent* e *Powys*.

- E porque não o fazemos? - perguntei.

- Porque prometi a *Silúria* a Lancelot - disse ele, numa voz que não admitia oposição.

Eu nada disse, limitei-me a tocar o punho da *Hywelbane*, para que o ferro protegesse a minha alma das coisas demoníacas daquela noite. Olhei para sul, na direção do local onde os mortos jaziam mansamente e, como o curso de um regato, junto à sebe de árvores onde os meus homens tinham combatido o inimigo durante aquele longo dia.

Muitos homens valentes tinham participado naquele combate. Lancelot, no entanto, não o fizera. Ao longo de todos estes anos que tenho combatido por Artur e desde que conheço Lancelot nunca o vi combater no escudo defensivo. Vira-o perseguir fugitivos derrotados, ou fazer prisioneiros e exibi-los perante multidões excitadas, mas nunca me fora dado vê-lo sofrer os efeitos da pressão

terrível, abrasadora e clangorosa da luta árdua no perímetro de um escudo defensivo. Ele era o rei exilado de *Benoiç*, destronado pela horda de francos que tinham irrompido da Gália decididos a apagar da memória dos homens o reino de seu pai, e nem uma vez, tanto quanto eu saiba, brandira uma lança contra um grupo de guerreiros francos, apesar da sua bravura ser cantada por todos os bardos de norte a sul da Bretanha. Ele era Lancelot, o rei sem terra, o herói de cem combates, a espada dos Bretões, o formoso senhor da desventura, o modelo da perfeição, e toda a sua reputação fora construída ao som de melodias e não, pelo que eu sabia, com uma espada. Eu era seu inimigo, e ele meu, mas ambos éramos amigos de Artur e essa amizade impunha tréguas pouco cômodas à nossa inimizade.

Artur conhecia a minha hostilidade. Tocou-me no cotovelo fazendo sinal para que ambos caminhássemos para sul, na direção do tapete de mortos.

- Lancelot é amigo de *Dumnónia* - insistiu ele, - e se for ele a governar a *Silúria* não teremos nada a temer. Além disso, se Lancelot desposar Ceinwyn contará também com o apoio de *Powys*.

Pronto, estava dito, e agora a minha hostilidade misturava-se com um sentimento de raiva. Todavia, nada disse contra os planos de Artur. Que poderia eu dizer? Era filho de um

escravo saxão, um jovem guerreiro com um bando de homens, mas sem terra, e Ceinwyn era uma princesa de *Powys*. Chamavam-na *Seren*, a estrela, e ela cintilava numa terra sem interesse como uma centelha de sol caída na lama. Estivera noiva de Artur, mas perdera-o para Guinevere, e essa perda desencadeara a guerra que neste momento chegava ao fim com o massacre do Vale do *Lugg*. Agora, em nome da paz, Ceinwyn deveria desposar Lancelot, o meu inimigo, enquanto eu, que valia pouco mais que nada, estava apaixonado por ela. Usava o pregador dela e a sua imagem nunca me saía do pensamento. Chegara até a jurar que a protegeria, um juramento que ela não repelira. A aceitação dela fizera nascer em mim a esperança louca de que o meu amor por ela não era impossível, mas era de fato. Ceinwyn era uma princesa e como tal deveria casar com um rei, e eu era um soldado, escravo de nascença, e me casaria com quem me aceitasse.

Nada revelei, por isso, acerca do meu amor por Ceinwyn e Artur, que naquela noite vitoriosa punha e dispunha da Bretanha, não suspeitou de nada. E porque haveria de fazê-lo? Se lhe tivesse confessado que estava apaixonado por Ceinwyn ele teria considerado o fato como uma ambição tão injuriosa quanto a de um galo de capoeira que quisesse acasalar com uma águia.

- Você conhece Ceinwyn, não conhece? - perguntou-me ele.

- Sim, Senhor.

- E ela gosta de você - disse ele, em jeito de pergunta incompleta.

- Ouso pensar que sim - respondi eu com sinceridade, revendo em espírito a beleza pálida e argentina de Ceinwyn e abominando a idéia de a mesma vir a ser entregue à guarda do formoso Lancelot.- Ela gosta de mim o suficiente para me ter dito que não sente qualquer entusiasmo em relação a este casamento.

- E porque haveria de sentir? - perguntou Artur. - Ela nunca viu Lancelot. Não espero entusiasmo da parte dela, Derfel, apenas obediência.

Hesitei. Antes da batalha, quando Tewdric tentava desesperadamente pôr fim à

guerra que ameaçava destruir os seus domínios, eu fora enviado à presença de Gorfyddyd numa missão de paz. A missão falhara, mas eu falara com Ceinwyn e contara-lhe as esperanças acalentadas por Artur de vê-la casada com Lancelot. Não rejeitara a idéia, mas tão pouco a recebera de bom grado. Naquela época, ninguém acreditava que Artur fosse capaz de derrotar o pai de Ceinwyn numa batalha, mas Ceinwyn levava em consideração essa possibilidade inverossímil e pedira-me que transmitisse a Artur um pedido

seu, caso ele saísse vencedor do conflito. Queria a proteção dele, e eu, consumido de paixão por ela, transformara o seu pedido num apelo para que ela não fosse forçada a um casamento contrário aos seus desejos. Agora dizia a Artur que ela implorara a sua proteção.

- Ela esteve prometida em casamento vezes demais, senhor - acrescentei - e por vezes demais se sentiu desiludida. Acho que ela quer que a deixem tranqüila durante algum tempo.

- Tempo! - riu Artur. - Ela não tem tempo, Derfel. Tem quase vinte anos. Não pode continuar solteira como um gato que não caça ratos. E com quem mais poderia ela casar? - avançou alguns passos. - Ela tem a minha proteção, mas que melhor proteção poderia ela querer do que estar casada com Lancelot e poder sentar-se num trono? E

você? - perguntou ele, inesperadamente.

- Eu, senhor? - Por momentos pensei que ele estaria sugerindo que eu deveria desposar Ceinwyn e o meu coração teve um sobressalto.

- Você tem quase trinta anos, é tempo de se casar. Trataremos disso depois de regressarmos a *Dumnónia*. Agora, quero que vá até *Powys*.

- Eu, senhor? *Powys*?

Tínhamos acabado de combater e de derrotar o exército de *Powys* e não me passava pela cabeça que alguém em *Powys* estivesse disposto a acolher amigavelmente um guerreiro inimigo.

Artur agarrou-me pelo braço.

- O fato mais importante das próximas semanas, Derfel, é garantir que Cuneglas seja proclamado rei de *Powys*. Ele acha que ninguém o desafiará, mas quero estar certo disso. Quero um dos meus homens em *Caer Sws* para servir de testemunha da nossa amizade. Nada mais. Quero apenas que todo aquele que pense em lançar um desafio saiba que terá de lutar comigo e com Cuneglas. Se você estiver lá e se for visto como amigo dele, essa mensagem será clara.

- Nesse caso, porque não enviar uma centena de homens? - perguntei eu.

- Porque assim parecerá que estamos impondo Cuneglas no trono de *Powys*.

Não quero isso. Preciso dele como amigo e não quero que ele regresse a *Powys* como um homem derrotado. - Além disso, sorriu, - você vale tanto como uma centena de homens, Derfel. Provou isso ontem.

Fiz uma careta, pois os elogios extravagantes deixavam-me

sempre pouco à

vontade. No entanto, se o elogio significava que eu era o homem certo para ser o enviado de Artur a *Powys*, então me sentia feliz por isso, pois estaria de novo perto de Ceinwyn.

Ainda conservava a preciosa recordação do toque dela na minha mão, da mesma forma que guardava religiosamente o pregador que ela me dera há tantos anos atrás. Ela ainda não estava casada com Lancelot, disse para comigo mesmo, e tudo o que eu queria era uma oportunidade para me entregar de corpo e alma às minhas esperanças impossíveis.

- E depois de Cuneglas ter sido proclamado rei - perguntei, - que faço então?

- Espera por mim - disse Artur. - Seguirei para *Powys* logo que possa, e uma vez assinada a paz e assegurado o noivado de Lancelot regressaremos para casa. E no próximo ano, meu amigo, comandaremos os exércitos da Bretanha contra os Saxões. -

Sentia um prazer raro ao falar da arte de guerrear. Era um bom soldado, que gostava das batalhas graças às emoções vivas e desenfreadas que tomavam conta da sua alma, habitualmente caracterizada pela prudência. Todavia, nunca procurava a guerra quando a paz era uma possibilidade real, pois suspeitava das incertezas da batalha. Neste caso,

porém, nem a diplomacia nem o tato lograriam alguma vez derrotar o invasor saxão, que se expandia para Oeste, alastrando por todo o território da Bretanha como se fosse uma praga de parasitas. Artur sonhava com uma Bretanha ordenada, dotada de um governo legítimo e pacífico e os Saxões não faziam parte desse sonho.

- Marchamos na Primavera? - perguntei.

- Com o despontar das primeiras folhas.

- Então gostaria de pedir-lhe que me concedesse um favor, antes disso.

- Qual? respondeu ele, encantado com o fato de eu querer algo como recompensa por ter contribuído para a sua vitória.

- Quero marchar com Merlim, senhor - disse eu.

- Não - respondeu logo. Limitou-se a fitar o chão enlameado, onde estava caída uma espada cuja lâmina estava dobrada quase em dois. Em algum lugar no escuro um homem gemeu, chamou e calou-se em seguida.

- O Caldeirão - disse Artur, finalmente, com voz carregada.

- Sim, senhor - disse eu. Merlim viera ao nosso encontro durante a batalha e pedira às duas facções envolvidas que

suspendessem os combates e o seguissem na busca do Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*. O Caldeirão era o maior Tesouro da Bretanha, a oferenda mágica dos velhos deuses, e havia séculos que se desconhecia o seu paradeiro.

Merlim dedicara a sua vida à recuperação desses Tesouros, e o Caldeirão era a maior recompensa que poderia conquistar. Se conseguisse encontrá-lo, dissera ele, poderia devolver a Bretanha aos seus deuses legítimos.

Artur meneou a cabeça.

- Acredita mesmo que o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn* tem estado escondido durante todos estes anos? - perguntou-me ele. - Durante todos os anos de domínio romano? Foi levado para Roma, Derfel, e fundido para fazer alfinetes, ou pregadores, ou moedas. O Caldeirão não existe!

- Merlim diz que sim, senhor - insisti eu.

- Merlim deu ouvidos a historietas de velhas - respondeu Artur, zangado. - Sabe quantos homens pretende ele arrastar nessa busca do seu Caldeirão?

- Não, senhor.

- Oitenta, - disse-me ele. - Ou cem. Ou, melhor ainda, duzentos! Ele nem sequer diz onde está o Caldeirão, quer

apenas que eu lhe dê um exército e que o autorize a marchar até qualquer local inóspito. Até à Irlanda, provavelmente, ou para o Deserto. Não!

- Deu um pontapé na espada dobrada e em seguida enterrou um dos dedos no meu ombro. - Ouça-me, Derfel, no próximo ano vou precisar de todas as lanças que conseguir reunir. Vamos acabar com os Saxões de uma vez por todas, e eu não posso abdicar de oitenta ou cem homens e deixá-los partir em busca de uma taça que desapareceu há

quase quinhentos anos. Logo que os saxões de Aelle estejam derrotados será livre para ir atrás desse disparate, se a isso se sente obrigado. Mas isso é um disparate. O Caldeirão não existe. - Virou-se e começou a falar para as fogueiras. Segui-o, desejoso de contra-argumentar, mas sabia que nunca seria capaz de persuadi-lo do contrário, pois ele iria precisar de todas as lanças que conseguisse reunir se de fato pretendia derrotar os Saxões, e neste momento nada faria para reduzir as suas chances de vitória na Primavera. Sorriu para mim, como se assim quisesse compensar-me pela áspera resposta ao meu pedido. - Se o Caldeirão realmente existe, então pode muito bem continuar escondido por mais um ano ou dois. Entretanto, Derfel, tenho planos para fazer de você um homem rico. Vamos arranjar-lhe um casamento próspero - deu-me uma palmada nas costas. - Uma última campanha, meu querido Derfel, um

último grande massacre, e depois teremos paz. A paz total. Não precisaremos de caldeirões nesse momento.

Falava em tom exultante. Nessa noite, rodeado pelos mortos, ele viu de fato o advento da paz.

Caminhamos na direção das fogueiras que circundavam a casa romana onde Gorfyddy, o pai de Ceinwyn, jazia morto. Artur sentia-se feliz nessa noite, genuinamente feliz, pois via o seu sonho tornar-se realidade. E tudo parecia tão fácil. Haveria mais uma guerra e, depois, a paz eterna. Artur era o nosso senhor da guerra, o maior guerreiro da Bretanha. No entanto, naquela noite, após a batalha, vagueando entre as almas agonizantes dos mortos envoltos em fumaça, a paz era tudo o que ele desejava.

Cuneglas de *Powys*, o herdeiro de Gorfyddy, comungava do sonho de Artur. Tewdric de *Gwent* era um aliado, Lancelot ficaria com o reino da *Silúria* e, juntamente com o exército dumnoniano de Artur, os reis unidos da Bretanha derrotariam os invasores Saxões. Sob a proteção de Artur, Mordred cresceria e assumiria o trono de *Dumnónia* e nessa altura Artur se retiraria para desfrutar a paz e a prosperidade que a sua espada concedera à

Bretanha.

Artur determinava assim o futuro dourado.

Todavia, não estava contando com Merlim. Merlim era mais velho, mais sensato e mais ardiloso do que Artur. E Merlim pressentira a presença do Caldeirão. Ele o encontraria, e o seu poder se espalharia por toda a Bretanha como um veneno.

Pois era, de fato, o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*. O Caldeirão que destruía os sonhos dos homens.

E Artur, apesar de todo o seu espírito prático, era um sonhador.

Em *Caer Sws*, as folhas sucumbiam ao peso dos últimos frutos do Verão.

Eu viajara para norte na companhia do rei Cuneglas e do seu exército derrotado.

Era, por isso, o único dumnoniano que estava presente quando o corpo do rei Gorfyddyd foi cremado no cume de *Dolforwyn*. Vi as chamas da sua pira funerária elevarem-se bem alto na escuridão da noite no momento em que a sua alma atravessou a ponte das espadas e entrou no Outro Mundo. Em torno da fogueira estavam alinhados os lanceiros de *Powys*, formando dois anéis e empunhando tochas flamejantes que oscilavam em uníssono enquanto eles cantavam o Lamento da Morte de *Beli Mawr*. Cantaram durante muito tempo, e o som das suas vozes ecoou nas

colinas próximas como um coro de fantasmas. *Caer Sws* estava mergulhada numa grande consternação. Muitos eram os habitantes da região que tinham ficado viúvos ou órfãos, e na manhã seguinte à

cremação do velho rei no momento em que um fio de fumaça ainda se desprendia da sua pira elevando-se na direção das montanhas a norte, a notícia da queda de *Ratae* veio aumentar ainda mais a tristeza. *Ratae* fora uma grande fortaleza na fronteira leste de *Powys*, mas Artur entregara-a aos Saxões comprando assim a paz que necessitava enquanto combatia *Gorfyddyd*. Ninguém, em *Powys*, sabia desta deslealdade de Artur e eu nada lhes disse.

Não vi *Ceinwyn* durante três dias, já que esses eram os dias de luto por *Gorfyddyd* e as mulheres não estavam autorizadas a participar na cremação. Em vez disso, as mulheres nobres de *Powys* vestiam-se de lã preta e permaneciam confinadas à

ala do palácio que lhes estava destinada. Não podiam ouvir música, bebiam água e o seu único alimento consistia em pão seco e uma papa de aveia muito rala. No exterior, os guerreiros de *Powys* reuniram-se para aclamar o novo rei e eu, obedecendo às ordens de Artur, tentei descobrir se algum dos homens presentes seria capaz de desafiar o direito de *Cuneglas* ao trono. Nem um murmúrio de oposição

se ouviu.

Ao fim dos três dias, a porta da ala das mulheres foi aberta. Uma serva assomou à porta e espalhou arruda no umbral e nas escadas. Um instante depois, uma onda de fumaça irrompeu através da porta, sinal de que as mulheres estavam queimando o leito nupcial do velho rei. A fumaça escapava, rodopiante, pela porta e janelas dos aposentos das mulheres, e foi só depois da fumaça ter se dissipado que Helledd, agora Rainha de *Powys*, desceu os degraus para ajoelhar perante o marido, o Rei Cuneglas de *Powys*.

Usava um vestido de linho branco que, no momento em que Cuneglas a fez levantar, ostentava marcas de lama nos lugares onde ajoelhara. Beijou-a e depois conduziu-a de volta aos seus aposentos. Vestido de negro, lorweth, o druida de *Powys*, seguiu o rei até

à ala das mulheres, enquanto no exterior, rodeando os muros de madeira do palácio em fileiras de ferro e couro, os guerreiros sobreviventes de *Powys* observavam expectantes.

Esperaram enquanto um coro de crianças entoava o dueto de amor de *Gwydion* e *Aranrhod*, a Canção de *Rhiannon* e em seguida cada um dos longos versos da Marcha para *Caer Idion*, de *Gofannon*. Foi só quando terminou esta

última melodia que lorweth, agora vestido de branco e empunhando uma vara negra encimada por visco-branco, assomou à porta e anunciou que os dias de luto tinham finalmente chegado ao seu termo.

Os guerreiros deram vivas e desfizeram fileiras para ir ao encontro das respectivas esposas. Amanhã, Cuneglas será aclamado no cimo do monte *Dolforwyn* e se algum homem quiser desafiar o seu direito ao trono de *Powys*, o momento da aclamação será a oportunidade ideal. Essa será também a ocasião em que poderei vislumbrar Ceinwyn pela primeira vez desde o dia da batalha.

No dia seguinte, fixei o meu olhar em Ceinwyn enquanto lorweth executava os ritos de aclamação. Estava de pé, de olhos postos no irmão e eu a fitava, atônito, perguntando a mim próprio como poderia uma mulher ser tão encantadora. Hoje estou velho, por isso é provável que a minha memória de velho exagere a beleza da princesa Ceinwyn, mas julgo que não. Não era impunemente que lhe chamavam *Seren*, a estrela.

Era de estatura mediana, mas tinha uma constituição muito delicada e essa esbelteza emprestava-lhe uma aparência de fragilidade que era, conforme mais tarde vim a descobrir, enganadora, pois Ceinwyn era acima de tudo dotada de uma vontade férrea.

Tinha cabelos louros como os meus. Os dela, porém, eram de um dourado pálido e brilhante como o Sol enquanto os meus se aproximavam mais do tom de palha suja. Os olhos eram azuis, o seu comportamento recatado e o seu rosto doce como o mel de uma colméia silvestre. Naquele dia estava vestida com um traje de linho azul, guarnecido com a pele prateada e malhada de negro do arminho, o mesmo vestido que usava quando tocara a minha mão e aceitara o meu juramento. O seu olhar cruzou-se com o meu uma vez, e ela sorriu gravemente. Juro que o meu coração parou de bater durante uns segundos.

Os ritos da realeza de *Powys* não eram diferentes dos nossos. Cuneglas desfilou em torno do círculo de pedras de *Dolforwyn*, recebeu os símbolos da realeza e depois foi proclamado rei por um guerreiro, que desafiou todos os presentes a questionarem a aclamação. A resposta ao desafio foi o silêncio. As cinzas da enorme pira ainda fumegavam, para lá do círculo, assinalando a morte de um rei. Todavia, o silêncio que reinava em torno das pedras era a prova de que um novo rei reinava agora. Em seguida, Cuneglas foi presenteado com oferendas. Artur, conforme eu bem sabia, traria ele próprio o seu magnífico presente, mas tinha-me confiado a espada de guerra de *Gorfyddyd* que fora encontrada no campo de batalha e que eu agora devolvia ao filho de *Gorfyddyd* como símbolo do desejo de *Dumnónia* de assinar a paz com *Powys*.

Depois da proclamação houve um banquete no edifício solitário situado no alto de *Dolforwyn*. Foram festejos modestos, mais ricos em hidromel e em cerveja do que em comida, mas foi uma oportunidade para Cuneglas comunicar aos seus guerreiros as esperanças que alimentava para o seu reino.

Começou por falar da guerra que acabava de chegar ao fim. Evocou os mortos do Vale do *Lugg* e prometeu aos seus homens que aqueles guerreiros não tinham morrido em vão.

- O seu feito - disse - foi terem conseguido impor a paz entre os Bretões. Uma paz entre *Powys* e *Dumnónia*.

Estas palavras desencadearam alguns protestos entre os guerreiros, mas Cuneglas silenciou-os erguendo uma das mãos.

- O nosso inimigo - disse, e a sua voz soou subitamente dura - não é *Dumnónia*.

O nosso inimigo é o saxão!

Fez uma pausa, e desta vez não se ouviram protestos. Esperavam apenas, em silêncio, observando o seu novo rei, que na verdade não era um grande guerreiro, mas sim um homem bom e honesto. Estas qualidades pareciam estar estampadas no seu rosto redondo e sincero ao qual ele

tentara, em vão, imprimir dignidade deixando crescer um bigode longo e entrelaçado que lhe chegava ao peito. Poderia não ser um guerreiro, mas era arguto o suficiente para saber que tinha de oferecer a estes guerreiros a oportunidade de combater numa guerra, pois só através dela é que um homem pode conquistar a glória e a riqueza.

Ratae prometeu-lhes, seria reconquistada e os Saxões punidos pelos horrores que tinham infligido aos seus habitantes. *Lloegyr*, as Terras Perdidas, seriam reclamadas aos Saxões e *Powys*, em tempos o mais poderoso dos reinos da Bretanha, tornaria a estender-se das montanhas ao mar Germânico. As cidades romanas seriam reconstruídas, os seus muros tornariam a erguer-se, gloriosos, e as estradas seriam reparadas. Haveria terras cultiváveis, saques e escravos saxões para cada um dos guerreiros de *Powys*. Estes aplaudiram esta perspectiva, pois Cuneglas oferecia aos seus desiludidos chefes militares as recompensas que homens como eles sempre procuravam obter dos seus soberanos. No entanto, continuou depois de ter erguido uma mão a fim de silenciar os aplausos, as riquezas de *Lloegyr* não seriam reclamadas apenas por *Powys*.

- Agora - advertiu os seus seguidores, - marchamos lado a lado com os homens de *Gwent* e ao lado dos lanceiros de *Dumnónia*. Eram os inimigos de meu pai, mas são meus amigos, e é por esse motivo que Lorde Derfel está aqui

presente - sorriu para mim.

- É por esse motivo, que na próxima lua cheia, a minha querida irmã assumirá o seu noivado com Lancelot. Será rainha na *Silúria* e os homens naturais deste país marcharão conosco, e com Artur e com Tewdric, para expulsar os Saxões. Destruiremos o nosso verdadeiro inimigo. Destruiremos os Sais!

Desta vez, a aclamação elevou-se sem entraves. Conquistara-os. Oferecia-lhes a riqueza e o poder da velha Bretanha e eles aplaudiam e batiam os pés para demonstrar a sua aprovação. Cuneglas permaneceu de pé durante algum tempo, deixando que a aclamação continuasse, depois se sentou e sorriu para mim como se reconhecesse que Artur teria aprovado as palavras que acabara de proferir.

Não fiquei em *Dolforwyn* para o festim que se prolongaria pela noite afora. Em vez disso regressei a *Caer Sws* atrás da carroça puxada por bois que transportava a rainha Helledd, as suas duas tias e Ceinwyn. As nobres damas desejavam estar de volta a *Caer Sws* à hora do crepúsculo e eu as acompanhei, não porque me sentisse hostilizado na companhia dos homens de Cuneglas, mas sim porque não tivera qualquer oportunidade de falar com Ceinwyn. Assim, como um vitelo aluado, juntei-me ao reduzido grupo de soldados que escoltava a carroça até ao seu destino.

Vestira-me com esmero nesse dia, desejando impressionar Ceinwyn. Limpava a minha cota de malha, escovava a lama que manchava as minhas botas e a minha capa e depois prendera os meus longos cabelos louros numa longa trança que caía ao longo das minhas costas. Usava o pregador dela na minha capa, em sinal da minha vassalagem para com ela.

Pensei que ela iria me ignorar, pois durante a longa caminhada de volta a *Caer Sws* seguiu sentada na carroça sem olhar para mim. Finalmente, porém, depois da curva e quando a fortaleza se tornou visível virou-se e apeou esperando por mim na beira da estrada. Os soldados que a escoltavam afastaram-se para me deixar caminhar ao lado dela. Ela sorriu ao reconhecer o pregador, mas não fez qualquer referência ao mesmo.

- Estávamos curiosas, Lorde Derfel - disse ela, em vez disso, - por conhecer os motivos que o trouxeram até aqui.

- Artur queria que alguém de *Dumnónia* testemunhasse a aclamação do seu irmão, senhora - respondi.

- Ou será que Artur queria certificar-se de que ele iria ser aclamado? - perguntou ela, sagazmente.

- Também - admiti eu.

Ela encolheu os ombros.

- Mais ninguém a não ser ele poderia ser rei. O meu pai garantiu que assim fosse. Havia um chefe chamado Valerin que poderia ter contestado a ascensão ao trono de Cuneglas, mas segundo as notícias que nos chegaram, Valerin morreu na batalha.

- Sim, senhora, assim foi - disse eu, sem acrescentar, contudo que fora eu quem matara Valerin num combate corpo a corpo junto ao vau, no Vale do *Lugg*. - Era um homem valente, tal como o seu pai. Lamento que ele tenha morrido.

Avançou alguns passos em silêncio sob o olhar desconfiado de Helledd, a rainha de *Powys*, que permanecia na carroça.

- O meu pai - disse Ceinwyn algum tempo depois - era um homem muito amargurado. Mas sempre foi bom para mim - o tom da sua voz era triste, mas nenhuma lágrima foi derramada. Já tinha vertido todas as lágrimas e agora o irmão era rei e ela, Ceinwyn, tinha pela frente um novo futuro. Puxou as saias para cima para passar por cima de uma mancha de lama. Chovera durante a noite anterior e as nuvens que se acumulavam a ocidente prometiam mais chuva para breve. - E Artur, virá aqui?

- Pode chegar a qualquer momento, senhora.

- E vem acompanhado de Lancelot? - perguntou ela.

- Acho que sim.

Ela fez uma careta.

- No nosso último encontro, Lorde Derfel, eu estava prometida em casamento a Gundleus. Agora é Lancelot. Um rei atrás do outro.

- Sim, senhora - disse eu. Era uma resposta inadequada, estúpida até, mas eu tinha sido assaltado por um intenso e estranho nervosismo que ata a língua dos amantes.

Tudo o que sempre desejara era estar com Ceinwyn, mas sempre que me encontrava a seu lado não era capaz de dizer o que me ia à alma.

- Estou então destinada a ser Rainha da Silúria - disse Ceinwyn sem demonstrar qualquer vislumbre de satisfação perante a perspectiva. Parou e indicou com um gesto o amplo vale do *Severn*, atrás de nós. - Logo depois de passarmos *Dolforwyn*, há um pequeno vale escondido com uma casa e algumas macieiras. Quando era uma garotinha costumava pensar que o Outro Mundo se parecia com esse vale; um lugar pequeno e seguro onde eu poderia viver, ser feliz e ter filhos - riu para si própria e recomeçou a andar. - Em toda a Bretanha há moças que sonham em se casar com

Lancelot e em serem rainhas de um palácio, e tudo o que eu quero é um pequeno vale com as suas macieiras.

- Senhora - disse eu, enchendo-me de coragem para dizer aquilo que realmente queria dizer, mas ela adivinhou de imediato o que me ia ao espírito e tocou o meu braço para me impor silêncio.

- Tenho de cumprir o meu dever, Lorde Derfel - disse ela, advertindo-me para ter cuidado com a língua.

- Estou ligado à senhora por um juramento de fidelidade - deixei escapar abruptamente. Era o mais próximo que eu conseguia chegar de uma confissão de amor naquele momento.

- Eu sei - disse ela em tom grave, - e é meu amigo, não é?

Queria ser mais do que um amigo, mas assenti.

- Sou seu amigo, senhora.

- Então lhe digo o que disse ao meu irmão. - Fitou-me com os seus olhos azuis muito sérios. - Não sei se quero me casar com Lancelot, mas prometi a Cuneglas que o conheceria antes de tomar a minha decisão. Tenho de fazê-lo, mas se vou ou não casar-me com ele, não sei.

Deu alguns passos em silêncio e eu senti que ela ponderava se devia ou não dizer-me alguma coisa. Finalmente decidiu-se a confiar em mim.

- Desde a última vez que estive convosco visitei a sacerdotisa em *Maesmwyr*, que me levou para a caverna dos sonhos e me fez dormir no leito de caveiras. Queria descobrir o meu destino, mas não me recordo de ter sonhado fosse o que fosse. No entanto, quando acordei a sacerdotisa disse que o próximo homem que quisesse casar comigo casaria com os mortos e não comigo - fitou-me. - Acha que isto faz sentido?

- Nenhum, senhora - disse eu e toquei o ferro que forrava o punho da *Hywelbane*.

Estaria ela me avisando? Nunca tínhamos falado de amor, mas ela deve ter pressentido a intensidade do meu desejo.

- Para mim também não faz qualquer sentido, por isso perguntei a lorweth qual era o significado da profecia e ele me disse que eu devia parar de me preocupar. Disse que a sacerdotisa fala por enigmas, porque é incapaz de se expressar de forma coerente.

Penso que a profecia significa que não devo me casar de todo, mas não sei. Sei apenas uma coisa, Lorde Derfel. Não me casarei de forma leviana.

- Saiba duas coisas, senhora - disse eu. - Saiba que o meu juramento continua de pé.

- Sei disso também - concordou ela e depois sorriu de novo para mim. - A sua presença aqui me deixa feliz, Lorde Derfel. - E com estas palavras correu e voltou a subir para a carroça, deixando-me a braços com a resolução daquele enigma, sem encontrar qualquer resposta que desse paz à minha alma.

Artur chegou a *Caer Sws* três dias mais tarde, acompanhado de vinte cavaleiros e de uma centena de lanceiros. Com ele vinham também bardos e harpistas. Trouxe Merlin, Nimue e oferendas em ouro tiradas aos mortos do Vale do *Lugg* e ainda Guinevere e Lancelot.

Soltei um lamento de desaprovação quando vi Guinevere. Tínhamos conseguido uma vitória e feito a paz, mas mesmo assim achei cruel da parte de Artur fazer-se acompanhar da mulher por amor de quem tinha repellido Ceinwyn. Guinevere, porém, insistira em acompanhar o marido e foi assim que chegou a *Caer Sws* numa carroça puxada por bois guarneçada de peles, decorada com panos de linho tingidos e adornada com ramos de verdura em sinal de paz. A rainha Elaine, mãe de Lancelot, viajava com Guinevere, mas era esta e não a rainha quem atraía as atenções. Levantou-se no momento em que a carroça transpunha lentamente os portões de *Caer Sws* e manteve-se de pé à medida que os

bois a conduziam até à entrada do grande castelo de Cuneglas, onde outrora fora uma exilada indesejada e aonde agora chegava como uma conquistadora. Vestia um vestido de linho tingido de dourado, trazia ouro ao pescoço e nos pulsos, enquanto a sua farta cabeleira ruiva estava presa por um aro de ouro. Estava grávida, mas a gravidez ainda não era visível sob o precioso linho dourado. Parecia uma deusa.

Todavia, se Guinevere parecia uma deusa, Lancelot entrou em *Caer Sws* como um deus. Muita gente pensou que se tratava de Artur, pois o seu aspecto era magnífico, montado num cavalo branco ornamentado com um pano de linho de cor pálida guarnecido de pequenas estrelas douradas. Usava a sua armadura de lâminas metálicas dispostas em forma de escamas e esmaltada de branco, a espada enfiada numa bainha igualmente branca e uma longa capa branca, forrada a vermelho, que lhe caía sobre os ombros. O

belo rosto moreno estava emoldurado pelo rebordo dourado do elmo, agora encimado por um par de asas de cisne abertas, em vez das asas de águia-marinha que usara em *Ynys Trebes*. As pessoas sustinham a respiração ao vê-lo passar e eu pude ouvir um murmúrio que rapidamente percorreu a multidão informando que aquele não era Artur, afinal, mas sim o rei Lancelot, o herói trágico do reino perdido de *Benoic* e o homem que iria desposar Ceinwyn, a sua princesa. Senti um aperto no coração quando o vi, pois

recei que a sua magnificência deslumbrasse Ceinwyn. A multidão quase nem reparou em Artur, que usava um justilho de couro e uma capa branca e parecia embaraçado por estar em *Caer Sws*.

Naquela noite houve um banquete. Duvido que Cuneglas se sentisse muito inclinado a acolher amigavelmente Guinevere, mas ele era um homem paciente e sensato que, ao contrário de seu pai, não encarava como ofensa todas as hipotéticas manifestações de descortesia. Por isso tratou Guinevere como uma rainha. Serviu-lhe vinho, comida e inclinou a cabeça para conversar com ela. Artur estava sentado do outro lado de Guinevere, irradiando satisfação. Era sempre a imagem da felicidade quando estava com a sua Guinevere e deve ter sentido um prazer genuíno ao vê-la ser tratada com tanta cerimônia, precisamente no mesmo palácio onde a entrevira pela primeira vez, no meio dos simples, perdida no fundo da multidão.

Artur concentrava quase todas as suas atenções em Ceinwyn. Todos os que estavam presentes no salão sabiam que ele a desprezara, desfazendo o noivado entre ambos para casar com a arruinada Guinevere. Muitos dos homens de *Powys* haviam jurado que jamais perdoariam Artur por essa humilhação, embora Ceinwyn o tivesse feito e o demonstrasse agora de modo bastante óbvio. Sorria para ele, descansava uma mão no braço dele e inclinava-se até ficar

bem perto dele. Mais tarde, no decorrer dos festejos, quando o hidromel já havia diluído todas as antigas hostilidades, o rei Cuneglas tomou a mão de Artur, depois a de sua irmã e uniu as duas entre as suas debaixo dos aplausos de todos os convivas, que ao testemunhar aquele gesto de paz dava largas à sua alegria.

Um insulto antigo era assim anulado.

Instantes depois, em mais um gesto simbólico, Artur tomou a mão de Ceinwyn e conduziu-a até um assento que fora deixado vago ao lado de Lancelot. Nova aclamação.

Ví, com o rosto impassível, quando Lancelot se levantou para receber Ceinwyn e depois se sentou ao lado dela e lhe serviu um pouco de vinho. Tirou uma pesada pulseira de ouro do seu pulso e ofereceu-lhe e embora Ceinwyn tivesse feito menção de recusar a generosa oferta acabou por enfiá-la no braço, onde o ouro cintilou à luz das velas. Os guerreiros espalhados pelo pavimento do salão pediram para ver a pulseira e Ceinwyn ergueu timidamente o braço para exibir o pesado aro de ouro. Fui o único que não aplaudiu. Deixei-me ficar sentado à medida que o som dos aplausos estrondeava à minha volta e a chuva intensa fustigava a cobertura do telhado. "Ficara deslumbrada", pensei,

"ficara deslumbrada". A estrela de *Powys* sucumbira ante a

beleza morena e elegante de Lancelot.

Teria abandonado o palácio naquele preciso momento carregando comigo a minha infelicidade para a noite varrida pela chuva, se Merlim não tivesse pisado o chão do salão. No início do banquete sentara-se na mesa principal, mas abandonara-a para passear entre os guerreiros, detendo-se aqui e ali para escutar uma conversa ou sussurrar qualquer coisa ao ouvido de alguém. O seu cabelo branco estava puxado para trás e apanhado numa trança comprida que ele prendera com uma fita negra, enquanto a longa barba estava entrançada e presa de forma semelhante. O seu rosto, escuro como as castanhas romanas tão apreciadas em *Dumnónia*, era comprido, sulcado de rugas profundas e perpassado por uma expressão divertida. "Está preparando alguma travessura", pensei eu, e me encolhi no meu lugar para que ele não me escolhesse como alvo das suas brincadeiras. Gostava de Merlim como de um pai, mas não estava com disposição para mais enigmas. Queria apenas me manter tão longe de Ceinwyn e de Lancelot quanto os deuses me permitissem.

Esperei até achar que Merlim se encontrava no extremo mais afastado do salão e que poderia sair sem receio que ele me visse, mas justamente nesse instante a sua voz soou no meu ouvido.

- Estava se escondendo de mim, Derfel? - perguntou, soltando em seguida um elaborado suspiro ao instalar-se no chão ao meu lado. Gostava de fingir que a sua idade avançada o fragilizara e, numa atitude teatral, massageou os joelhos gemendo ao sentir dores nas articulações. Tirou depois o corno do hidromel que eu segurava na minha mão e esvaziou-o. - Observa a princesa virgem - disse, indicando Ceinwyn com o corno vazio,

- caminhando para o seu terrível destino. - Vejamos - coçou os intervalos das tranças da barba enquanto refletia sobre as suas próximas palavras. - Meio mês até ao noivado?

Casamento uma semana depois e em seguida uma série de meses até que a criança a mate. Não há qualquer chance de que um bebê consiga passar através daquelas ancas estreitas sem a partir ao meio - e riu. - Seria o mesmo que uma gata dar à luz um boi.

Muito desagradável, Derfel - olhou-me com atenção, retirando prazer do meu desconforto.

- Julguei - respondi, em tom azedo, - que tinha feito um amuleto da felicidade para Ceinwyn.

- E fiz - disse ele suavemente. - E daí? As mulheres gostam de ter bebês, e se a felicidade de Ceinwyn consiste em ser rasgada em duas metades ensangüentadas para dar à luz o

seu primogênito, então o meu amuleto terá funcionado, não é verdade? - sorriu para mim.

”Ela nunca subirá alto” - disse eu, citando a profecia de Merlim, a mesma que ele proferira naquele mesmo palácio havia menos de um mês, - “nunca descerá baixo, mas será feliz.”

- Que memória prodigiosa para trivialidades, a sua! O carneiro está péssimo, não acha? Mal cozido, percebe? E nem sequer está quente! Não suporto comida fria - o que não o impediu de roubar uma porção do meu prato. - Você acha que ser rainha da *Silúria* é subir alto?

- E não é? - perguntei, irritado.

- Oh, pelos Deuses, não. Que idéia absurda! A *Silúria* é o lugar mais deplorável na superfície da Terra, Derfel. Vales cheios de bichos, praias rochosas e pessoas feias, nada mais. Queimam carvão em vez de madeira e em resultado disso, a maioria dos habitantes é preta como Sagramor. Desconfio que nem sequer sabem o que é lavar-se arrancou um pedaço de cartilagem com os dentes e atirou-o a um dos cães que perambulavam entre os convivas. - Lancelot depressa se cansará da *Silúria*! Não estou vendo o nosso galante Lancelot capaz de suportar aqueles preguiçosos feios e enegrecidos pelo carvão durante muito tempo. Assim

sendo, se sobreviver ao parto, o que eu duvido, a pobre Ceinwyn será abandonada tendo apenas um monte de carvão e um bebê chorão por companhia. Isso será o fim dela! - A perspectiva parecia agradar-lhe. - Já

reparou, Derfel, em como encontramos uma jovem no auge da sua beleza, com um rosto capaz de fazer desaparecer as próprias estrelas dos céus, e um ano mais tarde a surpreendemos tresandando a leite e excremento de bebê e perguntamos a nós próprios como pudemos tê-la considerado bela? Os bebês fazem isso às mulheres. Por isso olhe para ela agora, Derfel, olhe para ela agora, pois ela nunca mais voltará a ser tão encantadora.

Estava encantadora, e pior do que isso, parecia feliz. Usava um vestido branco nessa noite e em torno do pescoço trazia uma estrela prateada enfiada numa corrente de prata. Os cabelos dourados estavam presos por um laço prateado e eram igualmente de prata as gotas de chuva que pendiam das suas orelhas. E Lancelot estava tão atraente quanto Ceinwyn, nessa noite. Era considerado o homem mais belo da Bretanha e assim era, caso se gostasse do seu rosto moreno, comprido e magro, quase reptiliano. Estava vestido com um casaco preto de riscas brancas, usava um colar dourado de metal torcido e um aro em ouro prendia os seus longos cabelos negros e oleados, que acompanhavam os contornos do couro cabeludo antes de cair em cascata ao

longo das suas costas. A barba, aparada para formar um bico, estava também oleada.

- Ela me disse - disse eu a Merlim, consciente de que estava expondo em demasia os segredos do meu coração àquele velho perverso - que não está segura quanto a um casamento com Lancelot.

- Bom, é natural que diga isso, não é? - respondeu Merlim despreocupadamente, fazendo sinal a um escravo que levava um prato com carne de porco destinado à mesa principal. Serviu-se de uma mão-cheia de costeletas, que colocou no regaço da sua imunda túnica branca, e começou a chupar uma delas. - Ceinwyn - prosseguiu depois de já ter descamado a quase totalidade da costeleta - é uma tola romântica. Não sei como nem porquê conseguiu convencer a si própria que podia casar com quem quisesse, ainda que só os deuses saibam por que razão tal idéia cruzaria o espírito de qualquer garota!

Agora, é claro que tudo muda. Ela conheceu Lancelot! A esta altura estará deslumbrada por ele. Talvez nem espere até o dia do casamento. Quem sabe? Talvez, esta mesma noite, na privacidade dos seus aposentos ela cubra o malandro. No entanto, é pouco provável que isso aconteça. É uma garota muito convencional. - As três últimas palavras foram proferidas num tom depreciativo. - Coma uma costeleta. Já é

tempo de se casar.

- Não há ninguém com quem deseje me casar - disse eu, mal-humorado. À

exceção de Ceinwyn, claro, mas que esperanças poderia eu alimentar perante um rival como Lancelot?

- O casamento nada tem que ver com querer ou não querer - disse Merlin, com desdém. - Artur achou que sim e veja como ele é um idiota em questões de mulheres! O

que você quer, Derfel, é uma garota bonita na sua cama, mas só os idiotas acham que uma garota e uma esposa têm forçosamente de ser a mesma criatura. Artur é de opinião que você deveria se casar com Gwenthwyvach. O nome dela foi dito em tom despreocupado.

- Gwenthwyvach! - exclamei eu em tom demasiado elevado. Tratava-se da irmã

mais nova de Guinevere, uma garota gorda, estúpida e deslavada que Guinevere considerava insuportável. Não tinha qualquer motivo para não gostar de Gwenthwyvach, mas tão-pouco conseguia imaginar-me casado com alguém tão porco, vulgar e infeliz como ela.

- E porque não? - perguntou Merlin fingindo-se ofendido. -

É um bom partido, Derfel. O que você é, afinal, a não ser o filho de um escravo saxão? E Gwenthwyvach é

uma princesa genuína. Não tem dinheiro, claro, e é mais feia do que a porca selvagem de Llyffan, mas pense só em como ela te ficará grata! - Olhou-me de soslaio. - E pense nas ancas de Gwenthwyvach, Derfel! Não há qualquer perigo de um bebê ficar preso entre elas. Ela cuspirá as pestezinhas como se fossem pevides gordurosas!

Perguntei a mim mesmo se Artur teria de fato sugerido aquele casamento ou se teria sido idéia de Guinevere? O mais certo é que tivesse sido uma lembrança desta última. Fitei-a, envolta em ouro, sentada ao lado de Cuneglas, e a expressão de triunfo do seu rosto era inegável. Estava invulgarmente bela nessa noite. Foi sempre a mulher mais atraente de toda a Bretanha, mas naquela noite chuvosa e festiva em *Caer Sws* parecia resplandecente. Talvez isso se devesse à gravidez, mas a explicação mais provável residia no profundo prazer que sentia perante o poder que agora detinha sobre as pessoas que outrora a tinham rejeitado tratando-a como uma exilada sem recursos. Hoje, graças à espada de Artur, podia dispor dessas pessoas da mesma forma que o marido dispunha dos seus reinos. Guinevere, e eu bem o sabia, era a principal defensora de Lancelot na *Dumnônia*, fora ela quem obrigara Artur a prometer o trono da *Silúria* a Lancelot, fora ela, por fim, quem decidira que

Ceinwyn deveria ser a noiva de Lancelot.

Agora, suspeitava, queria castigar-me pela hostilidade que eu demonstrava para com Lancelot impondo a sua inconveniente irmã como minha noiva.

- Você parece infeliz, Derfel. - Merlim me provocou.

Não cedi à sua provocação.

- E o senhor? Está feliz?

- E isso o preocupa? - perguntou ele, alegremente.

- Eu o amo, senhor, como um pai - disse eu.

Soltou um assobio ao ouvir as minhas palavras e quase se engasgou com uma lasca de carne de porco, mas ainda ria quando recobrou fôlego.

- Como um pai! Oh, Derfel, que criatura absurdamente emotiva você me saiu. A única razão que me levou a criá-lo foi por pensar que os deuses te consideravam especial, e talvez seja. Os deuses, por vezes, escolhem as criaturas mais estranhas para amar. Diga lá, então, filho putativo, o seu amor filial inclui o serviço?

- Que serviço, senhor? - perguntei eu, embora soubesse muito bem o que ele queria. Queria lanceiros que partissem

comele em busca do Caldeirão.

Baixou a voz e aproximou-se ainda mais de mim, ainda que eu duvidasse que algum dos convivas presentes naquele salão ruidoso e embriagado pudesse ouvir a nossa conversa.

- A Bretanha - disse ele - sofre de dois males, mas Artur e Cuneglas apenas reconhecem um deles.

- Os Saxões.

Ele assentiu.

- No entanto, a Bretanha sem Saxões continuará doente, Derfel, pois corremos o risco de perder os deuses. O Cristianismo está espalhando-se mais depressa do que os Saxões, e os cristãos constituem uma ofensa maior para os nossos deuses do que qualquer saxão. Se não contivermos os cristãos, os deuses nos abandonarão por completo, e o que é a Bretanha sem os seus deuses? Todavia, se protegemos os deuses e restaurarmos a sua legitimidade na Bretanha, tanto os Saxões como os cristãos desaparecerão. Estamos atacando a doença errada, Derfel.

Olhei para Artur que escutava atentamente algo que Cuneglas dizia. Artur não era um homem descrente, mas lidava com as suas crenças de forma pouco séria e na sua alma não havia lugar para ódio em relação aos homens e

mulheres que acreditavam em outros deuses. Mas eu sabia que Artur detestaria ouvir Merlim falar da luta contra os cristãos.

- E ninguém lhe dá ouvidos, senhor? - perguntei a Merlim.

- Alguns sim - respondeu, ressentido. - Poucos, um ou dois. Artur, não. Acha que sou um velho idiota à beira da senilidade. E você, Derfel? Também acha que sou um velho tolo?

- Não, Senhor.

- E acredita na magia, Derfel?

- Sim, senhor - disse eu. Tinha visto a magia funcionar, mas também a vira falhar.

Era algo difícil, a magia, mas eu acreditava nela.

Merlim inclinou-se ainda mais, aproximando-se do meu ouvido.

- Então vá ao cume do *Dolforwyn* esta noite, Derfel - sussurrou, - e eu lhe concederei o desejo da sua alma.

Um tocador de harpa fez soar a corda que convocava os bardos para a sessão de cânticos. As vozes dos guerreiros esmoreceram quando uma rajada de vento gélido empurrou

alguns pingos de chuva para dentro do salão através da porta aberta e fez estremecer as pequenas chamas das velas de sebo e das velas de pavio ensopadas em gordura.

- O desejo da sua alma - tornou a sussurrar Merlim. Todavia, quando olhei para a minha esquerda ele tinha desaparecido sem que eu soubesse como.

Ena noite a trovoada rugia. Os deuses estavam ausentes no estrangeiro e eu tinha sido chamado ao *Dolforwyn*.

Abandonei o banquete antes da troca de oferendas, antes que os bardos tivessem começado a cantar e que as vozes dos guerreiros bêbados se elevassem entoando os sons da obsessiva Canção de *Nwyfre*. Ouvia a canção muito para trás de mim enquanto descia sozinho, o vale do rio, onde Ceinwyn me falara da sua visita ao leito de caveiras e da estranha profecia que não fazia sentido.

Usava a minha armadura, mas não levava escudo.

Hywelbane, a minha espada, estava comigo e sobre os ombros tinha a minha capa verde. Nenhum homem penetrava na noite de ânimo leve, pois a noite pertencia aos vampiros e aos espíritos, mas eu tinha sido convocado por Merlim e por isso sabia que estava em segurança.

O meu caminho acabou por revelar-se fácil, já que havia uma estrada que seguia para leste das muralhas, na direção da

vertente sul das colinas onde se situava *Dolforwyn*. Era uma caminhada longa, quatro horas na escuridão úmida e a estrada era negra como breu. Os deuses, porém, deviam estar interessados em que eu chegasse ao meu destino, pois nem me perdi nem tropecei em quaisquer perigos noturnos.

Sabia que Merlim não podia levar muita vantagem e embora eu fosse duas vidas mais jovem do que ele, não só não o alcancei como também não o ouvi. Aos ouvidos chegava-me apenas o som distante das canções e, mais tarde, quando as notas das melodias se diluíram na noite escutei o rumorejar do rio que corria sobre as pedras, o bater da chuva nas folhas, o grito de uma lebre apanhada por uma doninha e o grito estridente de um texugo chamando pela companheira. Passei por dois acampamentos, onde o brilho tênue das fogueiras aparecia através das aberturas por baixo dos tetos de fetos. De dentro de uma das cabanas soou uma voz masculina chamando em tom de desafio, mas eu respondi que viajava em paz e ele calou o cão que desatara a ladrar.

Deixei a estrada para ir a um caminho estreito que subia, serpenteante, a encosta de *Dolforwyn*. Tive medo que a escuridão me afastasse do caminho que seguia sob as copas dos carvalhos frondosos que povoavam a encosta, mas as nuvens de chuva tornaram-se menos compactas para deixar penetrar um luar pálido através da densa folhagem tornando visível o trilho empedrado que subia pela colina real, na

direção do Sol. Ninguém ali vivia. Era um lugar para os carvalhos, as pedras e o mistério.

O trilho ligava o arvoredado ao vasto espaço aberto do cume onde se erguia, solitária, a sala das celebrações e onde o círculo de pedras eretas marcava o local onde Cuneglas fora aclamado. Este cume era o local mais sagrado de *Powys*. Todavia, durante a maior parte do ano permanecia deserto, sendo usado apenas para celebrações importantes e em épocas de grande solenidade. Agora, à luz pálida do luar, a sala estava envolta na escuridão e o topo da colina estava, aparentemente, vazio.

Detive-me junto à orla de carvalhos. Uma coruja branca voou sobre a minha cabeça, o seu corpo atarracado roçando apressadamente a crista do meu elmo, adornado com uma cauda de lobo. A coruja era um presságio, mas eu não conseguia saber se esse presságio era bom ou mau e, de súbito, me senti assustado. A curiosidade me atraía até este lugar, mas agora eu pressentia o perigo. Merlim não me ofereceria os desejos da minha alma a troco de nada, o que significava que eu estava aqui para fazer uma escolha, uma escolha, suspeitava eu, que eu não iria querer fazer. De fato, o meu medo era tal que quase virei costas e me encaminhei para o arvoredado envolto na escuridão. Foi então que um latejar na cicatriz da minha mão esquerda me obrigou a

permanecer no mesmo lugar.

A cicatriz fora ali colocada por Nimue e sempre que ela latejava eu sabia que o meu destino tinha escapado a qualquer possibilidade de escolha da minha parte. Estava ligado a Nimue por um juramento. Não podia retroceder.

A chuva parara e as nuvens pareciam agora em farrapos. Um vento frio varria as copas das árvores, mas não chovia. Ainda estava escuro. A madrugada já não devia tardar, mas não se vislumbrava ainda qualquer indício da luminosidade rosada por trás das colinas a Leste. Havia apenas o luar bruxuleante que transformava as pedras do círculo real de *Dolforwyn* num conjunto de silhuetas prateadas incrustadas na escuridão.

Avancei na direção do círculo de pedras e o bater do meu coração abafava o ruído provocado pelas minhas botas pesadas. No entanto, ninguém apareceu e, por instantes, perguntei a mim próprio se não seria uma das elaboradas brincadeiras de Merlim. Então, no centro do anel de pedras, onde repousava a única pedra da realeza de *Powys*, vi um clarão mais brilhante do que qualquer reflexo de luar num rochedo varrido pela chuva.

Aproximei-me com o coração ribombando, depois penetrei no círculo de pedras e vi o reflexo da Lua numa taça. Uma

taça de prata. Uma pequena taça de prata que, conforme pude ver quando me aproximei da pedra real, continha um líquido escuro, banhado pelo luar.

- Beba, Derfel - disse a voz de Nimue, num sussurro que mal se sobrepunha ao som do vento entre os carvalhos. - Beba.

Virei-me, procurando-a, mas não consegui ver ninguém. O vento levantou a minha capa e fez saltar a cobertura de colmo do telhado da sala.

- Beba, Derfel - repetiu a voz de Nimue, - beba.

Olhei para o céu e rezei a *Lleullaw* pedindo-lhe que velasse por mim. A minha mão esquerda, que latejava agora com as dores, apertava-se em torno da bainha da *Hywelbane*. Queria fazer aquilo que era mais seguro e isso, eu sabia, consistia em sair dali e regressar ao calor da amizade de Artur. Todavia, a infelicidade que invadia a minha alma me trouxera até esta colina fria e agreste e a idéia da mão de Lancelot sobre o pulso delgado de Ceinwyn me fez baixar os olhos e fitar a taça.

Ergui-a, hesitei, e depois esvaziei-a.

O líquido tinha um sabor amargo que me fez estremecer quando acabei de engolir a última gota. Voltei a colocar, com cuidado, a taça na pedra do rei e o sabor desagradável

permanecia na minha boca e garganta.

- Nimue? - chamei em tom quase implorante, mas não tive resposta à exceção do vento soprando entre as árvores.

- Nimue! - tornei a chamar, pois agora sentia a cabeça rodando. As nuvens agitavam-se em negros e cinzentos e a Lua estilhaçava-se em pontos de luz prateada que retalhavam o rio distante e se despedaçavam na escuridão das árvores sinuosas. -

Nimue! - chamei, à medida que os meus joelhos cediam e a minha cabeça rodopiava em sonhos lúridos. Ajoelhei aos pés da pedra real que, de súbito, se agigantara e surgia diante dos meus olhos tão grande como uma montanha. Depois caí para frente e o meu peso era tal que ao esticar o braço fiz voar a taça vazia. Sentia-me enjoado, mas não conseguia vomitar, havia apenas sonhos, sonhos terríveis, pesadelos povoados de vampiros soltando gritos estridentes dentro da minha cabeça. Chorava, suava abundantemente e os meus músculos contraíam-se em espasmos incontroláveis.

Depois, mãos agarraram a minha cabeça. O meu elmo foi puxado para cima e uma fronte foi pressionada contra a minha. Era uma testa branca e fresca e os pesadelos esfumaram-se para serem substituídos pela visão de um

longo corpo branco e desnudado, de coxas delgadas e seios pequenos.

- Sonhe, Derfel. - Nimue tranquilizou-me, afagando-me os cabelos com as duas mãos, - sonhe, meu amor, sonhe.

Eu chorava descontroladamente. Era um guerreiro, um Senhor de *Dumnónia*, amado por Artur e a sua dívida para comigo depois da última batalha era de tal modo grande que ele me agraciaria com terras e riquezas com que eu jamais sonhara. E, no entanto, naquele momento chorava como uma criança órfã. O desejo da minha alma era Ceinwyn, mas Ceinwyn estava deixando-se fascinar por Lancelot e eu julgava que nunca mais poderia conhecer a felicidade.

- Sonhe, meu amor - cantarolava Nimue, e deve ter estendido uma capa negra sobre as cabeças de ambos, pois subitamente a noite cinzenta desapareceu e eu fiquei imerso numa escuridão silenciosa com os braços dela rodeando meu pescoço e o seu rosto colado ao meu. Ajoelhamos, as nossas faces sempre juntas, as minhas mãos estremecendo espasmódica e descontroladamente sobre a pele fresca das suas coxas nuas. Deixei que o peso do meu corpo contorcido encontrasse apoio nos ombros magros dela e, aí, entre os seus braços, as lágrimas cessaram, os espasmos serenaram e eu fiquei subitamente calmo. Nenhum acesso de vômito me apertava a garganta, as dores nas pernas tinham

desaparecido e eu me senti quente, tão quente que continuei a transpirar. Permaneci imóvel, não queria me mexer, mas deixar apenas que o sonho acontecesse.

Começou por ser um sonho maravilhoso, pois era como se tivessem me dado as asas de uma grande águia e eu voava agora muito alto sobre um país que não conhecia.

Então vi que se tratava de um país horrível, dilacerado por abismos profundos e altas montanhas feitas de rochedos escarpados, ao longo dos quais pequenos riachos escorriam em cascata e iam morrer em lagos negros. As montanhas pareciam não ter fim, ou refúgio, pois à medida que sobrevoava os seus contornos nas asas do meu sonho não via cavalos, nem abrigos, nem campos, nem rebanhos ou manadas, nem almas, apenas um lobo correndo entre as rochas escarpadas e as ossadas de um veado abandonado numa mata. O céu por cima de mim era tão cinzento como uma espada, as montanhas abaixo tão escuras como sangue seco e o ar sob as minhas asas frio como um punhal enterrado nas costelas.

- Sonhe, meu amor - murmurava Nimue, e no sonho as minhas largas asas ajudaram-me a descer o suficiente para distinguir uma estrada serpenteante entre as montanhas escuras. Era uma estrada de terra, cortada por rochas, fazendo a ligação entre vales ao longo do seu percurso,

subindo por vezes por passagens sinistras antes de tomar a
descer até às pedras descarnadas do leito de mais um vale.
A estrada passava à

beira de lagos negros, atravessava abismos mergulhados
num mar de sombras, contornava colinas cobertas de neve,
mas seguia para Norte. Porquê para norte, não sabia, mas
este era um sonho em que o conhecimento não necessita de
explicações.

As asas do sonho baixaram-me até à superfície da estrada e,
de súbito, deixei de voar para passar a caminhar estrada
acima na direção de uma passagem estreita entre as colinas.
As encostas, em ambos os lados da passagem eram lajes
íngremes em ardósia negra por onde escorria água. Todavia,
algo me dizia que a estrada acabava logo depois do
desfiladeiro escuro e que se eu conseguisse forçar as
minhas pernas cansadas a andar mais um pouco poderia
atravessar o cume e encontrar o desejo da minha alma no
extremo mais afastado.

Respirava agora com dificuldade, por arfadas angustiadas
enquanto, no sonho, percorria o pouco que me restava para
chegar ao fim do caminho quando, de súbito, chegado ao
alto, vi luz, cor e calor.

De fato, a estrada começava a descer continuando depois da

passagem até uma zona costeira onde havia árvores e campos. Para lá da costa via-se o mar cintilante onde havia uma ilha e nesta, resplandecendo sob o Sol inesperado, um lago.

- Aí está! - exclamei eu em voz alta, pois sabia que a ilha era a minha meta.

Todavia, no preciso momento em que parecia que tinham me concedido energia redobrada para percorrer os últimos metros de estrada e mergulhar naquele mar banhado pelo Sol, um vampiro atravessou-se no meu caminho. Era uma coisa negra metida dentro de uma armadura preta e da sua boca saíam limos negros. Na mão que terminava em garras negras segurava uma espada com uma lâmina negra duas vezes mais comprida do que a *Hywelbane*. Gritou, lançando-me um desafio.

Gritei também e o meu corpo ficou rígido entre os braços de Nimue. Os braços dela apertaram-se em torno dos meus ombros.

- Você viu a Estrada Sombria, Derfel - sussurrou ela, - a Estrada Sombria.

De súbito afastou-se de mim, a capa foi arrancada das minhas costas e eu caí

para frente sobre a erva úmida do *Dolforwyn* enquanto o vento frio uivava à minha volta.

Fiquei ali deitado durante longos minutos. O sonho terminara e perguntei a mim mesmo o que é que a Estrada Sombria teria que ver com o desejo da minha alma. Em seguida fiz um movimento brusco e comecei a vomitar. Depois disso, as idéias voltaram a ficar claras na minha cabeça e eu vi a taça prateada caída a meu lado. Peguei-a, endireitei-me e vi que Merlim me observava do canto mais afastado da pedra real. Nimue, sua amante e sacerdotisa, estava a seu lado, o corpo magro envolto numa ampla túnica negra, o cabelo preto preso por uma fita e o olho dourado brilhava à luz da Lua. O olho daquela órbita tinha sido alvo da cobiça de Gundleus, e por isso ele fora obrigado a pagar um preço mil vezes superior.

Nenhum deles falou, apenas me observavam enquanto eu cuspi o último vômito, limpava os lábios, abanava a cabeça e tentava pôr-me de pé. O meu corpo ainda estava fraco, ou então era a cabeça que continuava rodando, pois não conseguia me levantar. Em vez disso, ajoelhei-me ao lado da pedra e apoiei-me nos cotovelos. Breves espasmos ainda me provocavam convulsões de tempos em tempos.

- O que me obrigaram a beber? - perguntei, tornando a colocar a taça prateada sobre a pedra.

- Não o obriguei a beber nada - respondeu Merlim. – Você bebeu por sua livre e espontânea vontade, Derfel, do mesmo modo que veio até aqui por sua livre e espontânea vontade.

- A sua voz, tão maliciosa no castelo de Cuneglas, soava agora fria e distante. – O que você viu?

- A Estrada Sombria - respondi, obediente.

- Ali está ela - disse Merlim apontando para Norte, na noite escura.

- E o vampiro? - perguntei.

- É Diwmach - respondeu ele.

Fechei os olhos, pois agora sabia o que ele queria.

- E a ilha - disse, abrindo de novo os olhos, - é *Ynys Mon*?

- Sim - disse Merlim. - A Ilha Abençoada.

Antes da chegada dos Romanos e antes mesmo que alguém sonhasse com a existência dos Saxões, a Bretanha era governada pelos deuses, que comunicavam conosco de *Ynys Mon*. A ilha, porém, fora saqueada pelos Romanos que tinham abatido os carvalhos, destruído os seus bosques sagrados e massacrado os seus guardiões, os druidas. O Ano Negro ocorrera mais de quatrocentos anos antes desta

noite, mas *Ynys Mon* era ainda território sagrado para os poucos druidas que, tal como Merlim, tentavam fazer com que os deuses regressassem à Bretanha. Agora, porém, a ilha abençoada fazia parte do reino de *Lleyn*, e *Lleyn* era governada por Diwrnach, o mais terrível de todos os reis irlandeses, que atravessara o mar da Irlanda para invadir e dominar a Bretanha.

Dizia-se que Diwrnach pintava os seus escudos com sangue humano. Não havia em toda a Bretanha rei mais cruel ou mais temido e apenas as montanhas que o cercavam e a pequenez do seu exército o impediam de espalhar o seu reino de terror para sul através de *Gwynned*. Diwrnach era uma besta que não podia ser morta; uma criatura que permanecia à espreita nos recantos obscuros da Bretanha e, mediante um acordo comum, ninguém o provocava.

- Você quer - disse eu a Merlim - que eu vá até *Ynys Mon*?

- Quero que venha conosco até *Ynys Mon* - disse ele, indicando Nimue. -

Conosco e com uma virgem.

- Uma Virgem? - perguntei.

- Porque só uma virgem, Derfel, pode encontrar o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*.

E nenhum de nós, acho eu, corresponde a este requisito - acrescentou estas últimas palavras sarcasticamente.

- E o Caldeirão - disse eu, lentamente - está em *Ynys Mon*.

Merlim assentiu com um movimento de cabeça e eu estremei ao pensar em tal empresa. O Caldeirão de *Clyddno Eiddyn* era um dos treze Tesouros Mágicos da Bretanha que tinha sido disperso quando os Romanos arrasaram *Ynys Mon*, e a última ambição da longa vida de Merlim era conseguir reunir os Tesouros, embora o Caldeirão fosse o seu verdadeiro prêmio. Com o Caldeirão, alegava ele, poderia controlar os deuses e destruir os Cristãos, razão pela qual, com um gosto amargo na boca e o estômago revirado, eu me encontrava ajoelhado no alto de uma colina úmida em Powys.

- A minha missão - disse eu a Merlim - é lutar contra os Saxões.

- Louco! - Merlim disse com brusquidão. - A guerra contra os Sais está perdida, a não ser que recuperemos os Tesouros.

- Artur não é dessa opinião.

- Então Artur é tão louco como você. Que importância têm os Saxões, estúpido, quando os nossos deuses nos

abandonaram?

- Jurei prestar serviço a Artur - protestei.

- Agora está ligado ao meu chamado também - disse Nimue, erguendo a mão esquerda para exibir uma cicatriz igual à minha.

- Mas não quero um homem na Estrada Sombria - disse Merlim, - que não venha por sua livre e espontânea vontade. Você tem de escolher a quem dedicar a sua lealdade, Derfel, e eu posso ajudá-lo a escolher.

Afastou a taça que estava em cima da pedra e em seu lugar colocou uma pilha com os ossos das costeletas que comera no festim de Cuneglas. Ajoelhou-se, pegou um osso e colocou-o no centro da pedra real.

- Isto é Artur, e isto - tirou outro osso, - é Cuneglas, - e deste colocou um terceiro osso de modo que este formasse um triângulo juntamente com os dois primeiros, -

falaremos mais tarde. Este - depôs um quarto osso atravessado sobre um dos ângulos do triângulo - é Tewdric de *Gwent*, e isto é a aliança entre Artur e Tewdric e isto a sua aliança com Cuneglas.

O segundo triângulo erguia-se então sobre o primeiro e

ambos se assemelhavam agora a uma estrela de seis pontas imperfeita.

- Aqui está *Elmet* - começou a formar a terceira camada que era paralela à

primeira, - e aqui a *Silúria*, e este osso - ergueu o último - representa a aliança entre todos estes reinos. Pronto.

- Inclinou-se para trás e fez um gesto na direção da precária torre de ossos que se erguia no centro da pedra.

- Aqui está, *Derfel*, o cuidadoso plano de Artur, embora diga, assevere, que sem os Tesouros o plano falhará.

Calou-se. Fitei os nove ossos. Todos eles, à exceção do misterioso terceiro osso, ainda tinham lascas de carne, tendões e cartilagem. Apenas aquele terceiro osso fora completamente chupado. Toquei-o muito de leve com o dedo, tomando precauções para não perturbar o frágil equilíbrio da atarracada torre.

- E o terceiro osso, o que é? - perguntei.

Merlim sorriu.

- O terceiro osso, *Derfel* - disse ele - é o casamento entre Lancelot e Ceinwyn. -

Deteve-se. - Tire-o.

Não me mexi. Tirar o terceiro osso significaria fazer desmoronar a frágil rede de alianças de Artur, a sua melhor, a sua única, para ser mais exato, esperança de derrotar os Saxões.

Merlim riu da minha relutância, em seguida apoderou-se do terceiro osso, mas não o soltou.

- Os deuses detestam a ordem - disse com rispidez. - A ordem, Derfel, é o que destrói os deuses, por isso eles têm de destruir a ordem. - Puxou o osso para fora e de imediato a pilha de ossos se desmoronou. - Artur tem de reintegrar os deuses, Derfel, se quiser estender a paz a toda a Bretanha. - Estendeu-me o osso. - Leve-o.

Não me mexi.

- É apenas uma pilha de ossos - disse Merlim, - mas este osso, Derfel, é o desejo da sua alma. - Mantinha o osso limpo estendido na minha direção. - Este osso representa o casamento de Lancelot com Ceinwyn. Parta este osso em dois, Derfel, e o casamento nunca se realizará. Mas deixe este osso intacto, Derfel, e o seu inimigo levará a sua mulher para a sua cama e a tratará como um cão. - Tornou a empurrar o osso na minha direção e, mais uma vez, não o toquei. Acha que o seu amor por Ceinwyn não está

estampado no seu rosto? - perguntou Merlim com ironia. -
Leve-o! Porque eu, Merlim de Avalon, concedo-a você,
Derfel, o poder deste osso.

Peguei-o, que os deuses me perdoem, mas peguei-o. Que
outra coisa poderia ter feito? Estava apaixonado e peguei
aquele osso limpo e coloquei-o na minha bolsa.

- Não te servirá de nada. - Merlim troçou de mim - a não ser
que o quebre.

- Poderá não me servir de nada, seja de que forma for - disse
eu, descobrindo por fim que conseguia manter-me de pé.

- Você é um tolo, Derfel - disse Merlim. - Mas é um tolo que
maneja bem a espada e é por isso que preciso de você, se
decidirmos percorrer a Estrada Sombria. A escolha é sua,
agora. Pode partir o osso e Ceinwyn virá ter contigo,
prometo-lhe. Nesse momento, porém, ficará ajuramentado à
busca do Caldeirão. Ou, então, pode casar com
Gwenhwyvach e desperdiçar a sua vida demolindo escudos
saxões enquanto os cristãos inventam estratégias para
dominar a *Dumnónia*. Deixo esta escolha ao teu cuidado,
Derfel. Agora feche os olhos.

Fechei os olhos e, obedientemente, mantive-os fechados
durante muito tempo.

Por fim, quando todas as instruções tinham sido dadas, eu os abri.

O alto da colina estava vazio. Nada ouvira, mas Merlim, Nimue, os oito ossos e a taça prateada tinham desaparecido. A aurora rompia a oriente, os pássaros chilreavam nas árvores e eu tinha um osso descarnado dentro da minha bolsa.

Desci a encosta da colina até chegar à estrada que seguia ao longo do rio. Na minha cabeça, porém via outra estrada, a Estrada Sombria que conduzia ao covil de Diwrnach, e me senti assustado.

Passamos a manhã caçando javalis e quando saíamos de *Caer Sws*, Artur procurou deliberadamente a minha companhia.

- Você saiu cedo ontem à noite, Derfel - cumprimentou ele.

- O meu estômago, senhor - disse eu. Não queria contar lhe a verdade, dizer-lhe que estivera com Merlim, pois isso o levaria a desconfiar de que eu ainda não abandonara a idéia da procura do Caldeirão. Era preferível mentir.

- Tive uma indisposição de estômago - expliquei.

Ele riu

- Nunca entendi por que razões lhes chamam banquetes - disse ele, - pois não são mais do que uma desculpa para beber.

Parou para esperar por Guinevere, que gostava de caçar e nessa manhã tinha calçado botas e vestido um par de calças axadrezadas em pele bem cingidas às suas longas pernas. Escondia a gravidez sob um colete de couro sobre o qual usava uma capa verde. Trouxera consigo uma parelha dos seus adorados galgos escoceses e passou-me as trelas dos mesmos, para que Artur pudesse carregá-la sobre o vau que corria ao lado da velha fortaleza.

Lancelot ofereceu a mesma cortesia a Ceinwyn, que soltou um grito de inegável prazer quando Lancelot a tomou nos braços. Ceinwyn também estava vestida com roupas de homem, mas as suas não eram tão justas nem tão finas como as de Guinevere.

Ceinwyn tomara provavelmente de empréstimo toda a roupa de caça que o irmão já não queria, e as peças de vestuário largas e muito compridas faziam com que se parecesse com um rapazinho, emprestando-lhe um ar juvenil em comparação com a elegância sofisticada de Guinevere. Nenhuma das mulheres tinha lança, mas Bors, primo de Lancelot e seu paladino, carregava uma arma a mais caso Ceinwyn quisesse participar da matança. Artur insistira para que Guinevere,

que estava grávida, não levasse nenhuma arma.

- Você precisa ter cuidado hoje - disse ele, quando a pousou no chão, na margem sul do Severn.

- Você se preocupa demais - disse ela, após o que pegou as trelas dos galgos, que eu segurava, passou uma das mãos pelos espessos e longos cabelos ruivos e virou-se para Ceinwyn. - Basta que engravide para que os homens logo pensem que é feita de vidro.

Acertou o seu passo com o de Lancelot, Ceinwyn e Cuneglas, deixando que Artur seguisse a meu lado na direção do vale coberto de folhas onde, segundo os batedores de Cuneglas, havia caça em abundância. Devíamos ser cinquenta caçadores ao todo, na sua maioria guerreiros, embora um grupo de mulheres tivesse decidido acompanhar-nos e cerca de quarenta criados fechassem o cortejo. Um deles fazia soar um corno para avisar os batedores de caça que se encontravam no extremo mais afastado do vale que era chegada a hora de empurrar a caça para baixo, na direção do rio, enquanto nós erguíamos as nossas longas e pesadas lanças de javali à medida que nós nos posicionávamos em linha. Era um frio dia de final de Verão, suficientemente frio para que a nossa respiração formasse nuvens de vapor. No entanto, a chuva parara e o Sol brilhava sobre os campos em pouso adornados pela

neblina matinal. Artur estava de muito bom humor, deleitando-se com a beleza daquele dia, com a sua juventude e com a perspectiva de uma caçada.

- Mais um festim - disse-me, - e depois pode ir para casa e descansar.

- Mais um festim? - perguntei, desencorajado, o espírito toldado pelo cansaço e pelos últimos resquícios do líquido que Merlim e Nimue me tinham dado para beber, fosse ele o que fosse, no alto de *Dolforwyn*.

Artur deu-me uma palmada no ombro.

- O noivado de Lancelot, Derfel. Em seguida regressamos a *Dumnónia*. E nos atiramos ao trabalho! - Parecia encantado com a perspectiva e cheio de entusiasmo falou-me sobre os seus planos para o Inverno que se aproximava. Queria reconstruir quatro pontes romanas que haviam sido destruídas, depois os pedreiros do reino seriam enviados para acabar o palácio real em *Lindinis*. *Lindinis* era a cidade romana próxima de *Caer Cadarn*, o local onde eram realizadas as aclamações reais, e Artur queria fazer dela a nova capital. - Há cristãos demais em *Durnovária* - disse, embora se apressasse a acrescentar, como era próprio dele, que pessoalmente nada tinha contra os Cristãos.

- Acontece, senhor - disse eu secamente, - que eles têm algo

contra si.

- Alguns sim - admitiu ele. Antes da batalha, quando a causa de Artur parecia irremediavelmente perdida, uma das facções que se opunham a Artur era liderada por cristãos, os mesmos que detinham a guarda de Mordred. A causa próxima da sua hostilidade fora um empréstimo que Artur arrancara à força à Igreja, destinado a financiar a campanha que terminara no Vale do *Lugg*, empréstimo esse que fizera nascer uma amarga inimizade. "Estranho", pensei eu, "como a Igreja pregava as virtudes da pobreza, mas nunca perdoava um homem pelo dinheiro que lhe pedia emprestado."

- Queria falar com você sobre Mordred - disse Artur, explicando o que o levava a procurar a minha companhia naquela bela manhã. - Dentro de dez anos terá idade suficiente para assumir o trono. Já não falta muito para isso, Derfel, não falta mesmo muito, e é necessário educá-lo bem durante esses dez anos. Tem de aprender a ler e a escrever, a manejar a espada e tem de aprender a ser responsável. - Acenei com a cabeça em sinal de concordância, embora sem qualquer entusiasmo. Mordred, que tinha cinco anos de idade, iria certamente aprender tudo o que Artur desejava que ele aprendesse, mas eu não entendia o que é que isso tinha que a ver comigo. Artur pensava de forma diferente. - Quero que você seja seu protetor - disse ele, apanhando-me

de surpresa.

- Eu! - exclamei.

- Nabur está mais preocupado com a sua própria prosperidade do que com o caráter de Mordred - disse Artur. Nabur era o magistrado cristão, atual protetor de Mordred, e fora ele quem conspirara com mais vigor para destruir o poder de Artur; Nabur e, é claro, o bispo Sansum. - E Nabur não é de modo nenhum um soldado. Rezo para que Mordred reine em paz, Derfel, mas ele precisa aprender as artes da guerra, todos os reis precisam, e não me ocorre ninguém melhor do que você para treiná-lo.

- Eu não! - protestei. - Sou jovem demais!

Artur riu perante esta objeção.

- Os jovens devem ser educados pelos jovens, Derfel - disse ele.

Uma trombeta distante soou anunciando que no fundo do vale se iniciara a caçada. Nós, os caçadores, nos enterramos no arvoredo passando por cima do emaranhado de roseiras bravas e troncos mortos carregados de fungos. Avançávamos devagar, agora, à espera do som aterrorizador de um javali fazendo estalar os arbustos.

- Além disso - continuei, - o meu lugar é no seio do seu escudo defensivo, não nos aposentos de Mordred.

- Continuará fazendo parte do meu escudo defensivo. Acha que me daria ao luxo de perdê-lo, Derfel? - disse Artur com um sorriso. - Não te quero amarrado a Mordred, quero apenas que ele vá para a sua casa. Preciso que ele seja educado por um homem honesto.

Ignorei o elogio e depois pensei, assaltado pela culpa, no osso limpo e intacto que guardava dentro da minha bolsa. "Seria honesto", cismei, "servir-me da magia para fazer com que Ceinwyn mudasse de idéias?" Fitei-a, e ela olhou na minha direção sorrindo timidamente.

- Não tenho casa - disse eu a Artur.

- Mas em breve terá uma - disse ele.

Depois ergueu uma mão e eu gelei, escutando os sons que se faziam sentir à

nossa frente. Uma coisa pesada pisava o chão entre as árvores e ambos nos agachamos, instintivamente, as nossas lanças quase roçando o solo. Foi então que vimos que a besta assustada era um belo veado com um bom par de chifres e quando o animal se afastou tornamos a nos descontraír.

- Vamos caçá-lo amanhã, talvez - disse Artur, ao ver o veado se afastando. -

Deixe os teus galgos darem uma boa corrida esta manhã! - gritou para Guinevere.

Ela riu e desceu a colina vindo ao nosso encontro, os cães exercendo pressão sobre as trelas.

- Isso muito me agradaria - disse ela. Os seus olhos estavam brilhantes e tinha as faces ruborizadas pelo frio. - A caça é melhor aqui do que em *Dumnónia*.

- Mas a terra não é - contrapôs Artur, dirigindo-se a mim. - Há uma propriedade a norte de *Durnovária*, que pertence a Mordred por direito próprio. Pretendo fazer de você o seu rendeiro. Lhe darei outras terras, para os seus, mas poderá construir um castelo nas terras de Mordred e educá-lo ali.

- Você conhece a propriedade - disse Guinevere. - É aquela que fica a norte da herdade de *Gyllad*.

- Sei qual é - disse eu. A propriedade possuía boas terras alagadiças, ideais para sementeiras, e ótimas terras altas para criar carneiros. - Mas não estou certo de saber como educar uma criança. - As trombetas soaram alto um pouco mais à frente e os galgos dos batedores de caça latiram. Ao longe, à nossa direita, ouviram-se vivas, sinal que alguém encontrara

uma presa, se bem que a zona do bosque onde nos encontrávamos ainda estivesse vazia. Um pequeno riacho rumorejava à nossa esquerda e à direita trepava a paisagem florestal. As rochas e as raízes torcidas das árvores estavam forradas de musgo.

Artur fez desaparecer os meus medos.

- Não será você quem educará Mordred - disse ele, - mas quero que ele seja educado em sua casa, na companhia dos seus criados, segundo as suas maneiras, a sua moral e os seus juízos.

- E - acrescentou Guinevere, - com a sua mulher.

O estalar de um galho obrigou-me a olhar para o alto da colina. Lancelot e o primo Bors estavam lá, os dois em frente de Ceinwyn. A haste da lança de Lancelot estava pintada de branco e ele usava botas altas de cabedal e uma capa de pele macia.

Voltei a fitar Artur.

- A esposa, senhor - disse eu, - é uma novidade para mim.

Apertou-me o cotovelo, esquecendo a caça ao javali.

- Estou pensando em nomeá-lo paladino de *Dumnónia*,

Derfel - disse ele

- É uma honra muito elevada para mim, senhor - disse eu, cauteloso. - Além do mais, o paladino de Mordred é o senhor.

- O Príncipe Artur - disse Guinevere, pois gostava de tratá-lo por Príncipe, ainda que ele fosse filho bastardo, - já preside ao Conselho. Não pode ser paladino mesmo tempo, a não ser que se espere que seja ele a fazer tudo o que há a fazer em *Dumnónia*?

- É certo, Senhora - disse eu. Não era avesso à honra, pois a mesma era elevada, embora tivesse um preço. Em caso de batalha teria de lutar contra todo e qualquer paladino que se apresentasse para um combate individual, mas em tempo de paz essa honra se traduziria em riquezas e num estatuto muito acima da minha condição presente. Já tinha o título de Lorde, bem como os homens condizentes com esse tipo de título e o direito de pintar a minha própria divisa nos escudos desses homens. No entanto estas honrarias eram partilhadas com outros quarenta senhores da guerra de *Dumnónia*.

Como paladino do rei me tornaria o principal guerreiro de *Dumnónia*, embora eu não conseguisse ver de que modo é que um homem, fosse ele quem fosse, poderia reclamar esse

estatuto enquanto Artur fosse vivo Ou enquanto Sagramor fosse vivo, de fato.

- Sagramor - disse cauteloso, - é melhor guerreiro do que eu, meu Príncipe.

Na presença de Guinevere não podia esquecer-me de tratá-lo ocasionalmente por Príncipe, embora este título lhe desagradasse.

Artur demoliu a minha objeção.

- Vou nomear Sagramor Senhor das Pedras - disse - É tudo o que ele quer. - A tutela das Pedras transformaria Sagramor no responsável pela fronteira saxônia e não era difícil acreditar que o negro Sagramor, pele e olhos escuros, ficaria satisfeito com uma nomeação de características tão bélicas. - Você, Derfel - bateu-me no peito, - será o paladino.

- E quem - perguntei em tom seco, - será a esposa do paladino?

- A minha irmã, Gwenhwyvach - disse Guinevere, olhando-me fixamente.

Senti-me agradecido por ter sido prevenido por Merlin.

- Concede-me uma honra muito elevada, Senhora - disse eu,

suavemente.

Guinevere sorriu, satisfeita pelo fato de as minhas palavras implicarem aceitação.

- Alguma vez pensou em vir a casar com uma princesa, Derfel?

- Não, senhora - disse eu. Gwenthwyvach, tal como Guinevere, era de fato uma princesa, uma princesa de *Henis Wyren*, embora *Henis Wyren* já não existisse. O infeliz reino chamava-se agora *Lleyn* e era governado pelo tenebroso invasor irlandês, o rei Diwrnach.

Guinevere deu um puxão nas trelas para conter a excitação dos cães

- Podemos celebrar o noivado quando regressarmos a *Dumnónia* - disse ela. -

Gwenthwyvach já deu o seu consentimento

- Há um impedimento, senhor - disse eu a Artur.

Guinevere tornou a puxar as trelas dos cães desnecessariamente, mas não tolerava qualquer oposição e descarregava a sua frustração nos cães em vez de fazê-lo sobre mim. Eu não lhe desagradava naquela época, mas ela

tão pouco nutria um sentimento especial por mim. Conhecia a minha aversão a Lancelot e era inegável que esse fato a predispunha contra mim. No entanto, não teria atribuído grande significado aos meus sentimentos de antipatia, pois me via apenas como mais um dos senhores da guerra do marido; um homem alto, desinteressante, loiro como o trigo desprovido das graciosas e civilizadas maneiras que Guinevere tanto apreciava.

- Um impedimento? - perguntou-me Guinevere, perigosamente.

- Meu Príncipe - disse eu, insistindo em falar com Artur e não com a sua esposa,

- estou ligado a uma dama por um juramento. - Lembrei-me do osso que tinha na minha bolsa. - Não tenho quaisquer direitos sobre ela, nem posso esperar nada da sua parte, mas se ela me quiser serei forçado a aceitá-la.

- Quem? - perguntou de imediato Guinevere

- Não posso revelar, senhora.

- Quem? - insistiu Guinevere.

- Ele não precisa revelar - defendeu-me Artur. Sorriu. - Durante quanto tempo pode esta senhora reclamar a sua

lealdade?

- Pouco, senhor - disse eu, - apenas durante mais alguns dias.

Pois uma vez Ceinwyn estando comprometida com Lancelot eu poderia considerar sem validade o juramento que lhe fizera.

- Muito bem - disse ele energicamente e sorriu a Guinevere como se pretendesse convidá-la a partilhar o prazer que ele sentia. Guinevere, porém, franziu o sobrolho.

Detestava Gwenthwyvach, considerando-a sem graça e maçadora e queria casar a irmã a toda a força para que esta saísse da sua vida

- Se tudo correr bem - disse Artur, - poderá casar em *Glevum* ao mesmo tempo em que Lancelot desposar Ceinwyn.

- Ou será que está pedindo esses poucos dias que faltam - perguntou Guinevere, com acidez, - para inventar motivos para não se casar com minha irmã?

- Senhora - reagiu, sério - seria uma honra para mim desposar Gwenthwyvach.

Esta, era, creio eu, a pura verdade, pois Gwenthwyvach se

revelaria certamente uma esposa honesta. Agora, saber se eu daria um bom marido era outra questão, já que o único motivo que me levaria a casar com Gwenthwyvach seriam o elevado estatuto social e a grande riqueza que ela traria no dote. Estes, contudo, eram para a maioria dos homens o objetivo primordial do casamento. E se eu não podia ter Ceinwyn, que importância tinha a pessoa com quem viesse a casar? Merlim sempre nos advertira para não confundirmos amor com casamento e apesar do cinismo do conselho, ele continha também um quê de verdade. Ninguém esperava que eu amasse Gwenthwyvach, apenas que me casasse com ela, e a sua posição social e riqueza seriam as minhas recompensas por ter lutado durante todo aquele longo e sangrento dia, no Vale do *Lugg*.

Ainda que maculadas pelas zombarias de Guinevere, estas recompensas não deixariam de constituir um belo presente.

- Desposarei a sua irmã com prazer - prometi a Guinevere, - desde que a dona do meu juramento nada me reclame.

- Rezo para que não o faça - disse Artur com um sorriso, virando-se subitamente quando um grito soou no alto da colina.

Bors estava agachado, segurando a lança. Lancelot estava a seu lado, mas olhava para a base da colina, na nossa

direção, preocupado talvez com a possibilidade de o animal poder se esgueirar pela abertura que havia entre nós.

Gentilmente, Artur fez recuar Guinevere e, com um gesto, indicou-me que subisse a colina e tapasse a abertura.

- São dois! - gritou Lancelot.

- Um deve ser uma porca - replicou Artur correndo alguns passos rio acima antes de iniciar a subida da colina. - Onde?

Lancelot apontou o lugar com a sua lança branca, mas eu continuava sem distinguir nada no meio dos arbustos.

- Ali! - disse Lancelot, petulante, picando um emaranhado de roseiras bravas com a ponta da lança.

Artur e eu subimos mais alguns metros e então conseguimos finalmente ver o javali bem escondido no matagal. Era um animal enorme e velho com dois dentes amarelos, olhos pequenos e bocas de músculo sob a pele escura e cheia de cicatrizes. A massa muscular permitia-lhe mover-se à velocidade da luz e enterrar os dentes aguçados com uma perícia fatal. Todos nós já víamos homens morrerem em conseqüência de feridas provocadas por dentadas de javali e nada tornava um javali mais perigoso do que ser encurralado por uma porca. Todos os caçadores rezavam para que um javali atacasse em campo aberto, permitindo-lhes assim aproveitar a velocidade e a corpulência do animal

para enterrar a lança no seu corpo. Um confronto como este exigia sangue-frio e perícia, mas não tanto sangue-frio como aquele que era necessário quando um homem tinha de atacar frontalmente o javali.

- Quem o viu primeiro? - perguntou Artur.

- O meu Rei e senhor, Bors - indicou Lancelot.

- É seu, então, meu Rei, - graciosamente, Artur cedeu a Lancelot a honra da matança.

- Eu lhe ofereço esse, senhor - respondeu Lancelot. Ceinwyn estava de pé atrás dele, mordendo o lábio inferior de olhos muito abertos. Pegara a lança sobressalente que pertencia a Bors, não porque tivesse esperanças de servir-se dela, mas para aliviá-lo daquele fardo, e agora segurava a arma nervosamente.

- Atice-lhe os cães! - Guinevere juntou-se a nós. Os seus olhos brilhavam e o seu rosto estava animado. Acho que ela se sentia entediada dentro dos grandes palácios de *Dumnónia* e o terreno de caça proporcionava-lhe a excitação por que tanto ansiava.

- Vai perder os dois cães - advertiu Artur. - Este porco sabe lutar.

Avançou com cuidado, avaliando qual seria a melhor forma de provocar o animal.

Em seguida deu alguns passos enérgicos em frente e bateu vigorosamente nos arbustos com a lança, como se assim quisesse oferecer ao javali uma porta de saída do seu refúgio. A besta rugiu, mas não se mexeu, nem mesmo quando a flamejante lâmina da lança lhe rasou o focinho, passando a escassos centímetros de distância. A porca estava atrás do javali, observando-nos.

- Já fez isto antes - disse Artur, feliz.

- Deixe-me apanhá-lo, senhor - disse eu, subitamente ansioso.

- Acha que perdi a habilidade? - perguntou Artur com um sorriso. Agitou de novo os arbustos, mas as roseiras bravas não baixavam e o javali não se movia. - Que os deuses o abençoem - disse Artur dirigindo-se ao animal, após o que gritou um desafio e mergulhou num emaranhado de espinhos. Saltou para um dos lados do trilho que tão cruamente abria e ao fincar os pés no chão atirou a lança para frente, apontando a sua lâmina cintilante para o flanco esquerdo do javali.

A cabeça do javali pareceu contrair-se. Foi uma contração ligeira, mas suficiente para desviar a lâmina da lança de um

dos dentes, rasgando a pele do animal e abrindo uma ferida inofensiva ao longo de um dos flancos. Em seguida atacou. Um bom javali pode passar da imobilidade total à loucura instantânea, cabeça apontada para o chão e dentes preparados para investir em sentido ascendente. O animal encontrava-se já fora do alcance da ponta da lança de Artur no momento da investida fazendo com que ele ficasse preso no silvado.

Dei um grito no intuito de distrair o javali e enterrei a minha própria lança na sua barriga. Artur estava caído no chão, de costas, a lança caída e o javali sobre o seu corpo.

Os cães uivaram e Guinevere gritou por ajuda. A minha lança penetrara fundo na barriga do animal e o seu sangue jorrava para as minhas mãos à medida que eu levantava a lança como se fosse uma alavanca, para afastar o animal ferido de cima do meu senhor.

A criatura pesava mais do que dois sacos cheios de sementes, e a sua musculatura fazia lembrar cordas de ferro torcendo a minha lança. Segurei-a com firmeza e dei um puxão.

Nesse momento, porém, a porca investiu e me fez perder o equilíbrio.

Caí, e o meu peso pressionou a haste da lança para baixo

fazendo com que o javali se encavalitasse de novo sobre a barriga de Artur.

Sem que se soubesse como, Artur conseguira agarrar os dois dentes do animal e, apelando a todas as suas forças, empurrava agora a cabeça para longe do seu peito. A porca desapareceu, precipitando-se colina abaixo na direção do riacho.

- Mate-o! - gritou Artur, embora ainda conseguisse esboçar um meio sorriso.

Estava a escassos centímetros da morte, mas estava adorando o momento. - Mate-o! -

As patas traseiras do javali agitavam-se e a sua saliva salpicava o rosto de Artur, e as roupas estavam ensopadas no sangue do animal.

Eu estava deitado de costas, o rosto dilacerado pelos espinhos. Pus-me de pé

atabalhoadamente e tentei alcançar a minha lança que se contorcia e agitava ainda enterrada na barriga daquele enorme brutamontes. Nesse momento, porém, Bors espetou uma faca no pescoço do javali e eu vi quando a imensa força do animal começou a diminuir enquanto Artur conseguia forçar a cabeça compacta, malcheirosa e ensangüentada

afastando-a das suas costelas. Agarrei a minha lança e torci a lâmina, procurando o sangue vital do animal escondido bem no fundo das suas entranhas enquanto Bors o esfaqueava uma segunda vez. De súbito, o javali urinou para cima de Artur, desferiu um último golpe desesperado com o seu pescoço enorme e depois, sucumbiu abruptamente. Artur estava empapado no sangue e urina do animal, soterrado como estava debaixo do seu corpo.

Cautelosamente, soltou os dentes do javali e depois desfez-se numa gargalhada descontrolada. Bors e eu agarrámos em cada um dos dentes e, com um impulso conjunto, levantámos o corpo e o tirámos de cima de Artur. Um dos dentes ficou preso no colete de Artur, rasgando o tecido no momento em que o retirávamos. Pousámos o animal sobre o matagal e ajudámos Artur a levantar-se. Ficámos os três de pé sorrindo, com as roupas enlameadas, rasgadas e cobertas de folhas, raízes e do sangue do javali

- Vou ficar com uma nódoa negra aqui - disse Artur dando uma palmada no peito.

Virou-se para Lancelot, que permanecera imóvel durante a refrega.

Após uma brevíssima pausa, Artur inclinou a cabeça.

- Agraciou-me com uma nobre oferenda, meu Rei - disse ele,

- e eu a aceitei da forma mais ignóbil, - limpou os olhos. - Mas apesar de tudo gostei. E havemos de desfrutá-lo na sua festa de noivado - olhou para Guinevere e vendo-a pálida, quase trêmula, dirigiu-se imediatamente para ela:

- Você está se sentindo mal?

- Não, não - disse ela, enlaçando-o e descansando a sua cabeça no peito ensangüentado do marido. Estava chorando. Era a primeira vez que eu a via chorar.

Artur fez-lhe uma festa nas costas.

- Não houve qualquer perigo, meu amor - disse ele, - nenhum perigo. Só

transformei a matança num picado de carne.

- Você está ferido? - perguntou Guinevere, afastando-se dele e limpando as lágrimas.

- São só arranhões. - O rosto e as mãos estavam dilaceradas pelos espinhos, mas não havia outras mazelas, à exceção da nódoa negra provocada pelo dente do javali.

Afastou-se dela, pegou a lança e gritou: - Há uma dúzia de anos que ninguém me atirava ao chão daquela maneira!

O rei Cuneglas chegou correndo, preocupado com os seus

convidados, e os batedores de caça apareceram logo em seguida para levar dali o corpo. Todos eles devem ter percebido a discrepância entre as roupas imaculadas de Lancelot e o estado de desalinho em que nós nos encontrávamos, mas ninguém fez qualquer comentário.

Estávamos todos excitados, satisfeitos por termos sobrevivido e ansiosos por partilhar a história em que Artur afastara a fera bruta do seu corpo, segurando-a pelos dentes. A história espalhou-se e as gargalhadas dos homens soaram alto entre as árvores. Lancelot era o único que não ria.

- Agora temos de encontrar um javali para você, meu Rei e senhor - disse-lhe eu.

Estávamos a poucos passos de distância da multidão excitada que se juntara para ver os batedores de caça tirar as vísceras ao javali e arranjar assim uma boa refeição para os cães de Guinevere.

Lancelot mirou-me de soslaio com olhos avaliadores. Detestava-me tanto quanto eu o detestava, mas inesperadamente sorriu.

- Um javali - disse - seria melhor do que uma porca, acho eu

- Uma porca? - perguntei, pressentindo um insulto.

- A porca não o atacou? - perguntou ele e depois abriu muito os olhos francos. -

Certamente não pensa que eu estava me referindo ao seu casamento! - Presenteou-me com uma vênia irônica. - Não posso deixar de felicitá-lo, Lorde Derfel! Pelo casamento com Gwenthwyvach!

Contive a raiva com todas as minhas forças e fiz um esforço para fitar o seu rosto zombeteiro com a sua barba delicada, olhos escuros e longos cabelos oleados tão escuros e brilhantes como asas de corvo

- E eu devo felicitá-lo, meu Rei e senhor, pelo seu noivado.

- Com *Seren* - disse ele, - a estrela de *Powys*.

Olhou para Ceinwyn, que permanecia de pé com as mãos no rosto enquanto os punhais dos caçadores iam rasgando as longas pregas dos intestinos do javali. Parecia tão jovem, com o seu cabelo brilhante puxado para a nuca.

- Não é encantadora? perguntou-me Lancelot numa voz que soava como o ronronar de um gato. - Tão vulnerável. Nunca acreditei nas histórias que contavam sobre a sua beleza, pois quem esperaria encontrar uma jóia como esta entre as crias de Gorfyddy. Mas é bela e eu sou um homem muito afortunado.

- É, sim, meu Rei e Senhor.

Riu e virou-se. Era um homem no auge da sua glória, um rei que vinha buscar a sua noiva e era também meu inimigo. Eu, porém, tinha o osso dele dentro da minha bolsa.

Toquei-a, preocupado em saber se a luta com o javali tinha partido a costeleta. Esta, no entanto, estava intacta, escondida, esperando apenas os desígnios da minha vontade.

Cavan, o meu segundo-comandante, chegou a *Caer Sws* na véspera do noivado de Ceinwyn acompanhado de quarenta dos meus lanceiros. Galaad mandara-os regressar, concluindo que o seu trabalho na *Silúria* poderia ser terminado pelos outros vinte homens que lá ficavam. Os habitantes da *Silúria*, segundo parecia, tinham aceiteado tristemente a derrota do seu país e não se tinha verificado qualquer agitação quando as notícias da morte do seu rei se espalharam, tão só uma dócil submissão às exigências dos vitoriosos. Cavan disse-me que Oengus de *Demétia*, o rei irlandês que possibilitara a vitória de Artur no Vale do *Lugg*, reivindicara a parte que lhe cabia em escravos e tesouros, roubados mais uma vez, e partira deixando para trás os silurianos nitidamente felizes pelo fato do famoso Lancelot ser agora o seu rei.

- Suponho que o patife será bem acolhido - disse Cavan quando me encontrou no castelo de Cuneglas, onde eu tinha estendido o meu cobertor e comia as minhas refeições. Coçou um piolho que passeava pela sua barba. - Um lugar sujo, a *Silúria*.

- Geram bons guerreiros - disse eu.

- Lutar para fugir à pátria, nada que me surpreenda. - Fungou. O que é que lhe arranhou o rosto, senhor?

- Espinhos. Uma luta com um javali.

- Achei que talvez tivesse se casado enquanto eu estava distraído - disse ele, - e que esse tinha sido o presente de casamento dela.

- Vou me casar em breve - contei-lhe no momento em que saíamos do salão em direção ao sol de *Caer Sws* e eu contei-lhe a proposta de Artur, que pretendia fazer de mim paladino de Mordred e seu cunhado. Cavan recebeu as notícias da minha prosperidade iminente com grande satisfação, pois era um irlandês condenado ao exílio que procurara transformar o seu talento para manusear a lança e a espada em fortuna, na *Dumnónia* de Uther. No entanto, esta fortuna teimava de certo modo em iludi-lo. Tinha o dobro da minha idade, era um homem atarracado, de ombros largos, barba grisalha e com umas mãos cobertas pelos anéis típicos dos guerreiros,

que forjávamos a partir das armas dos inimigos derrotados. Estava feliz pelo fato do meu casamento significar ouro e deu provas de muito tato no que se referia à noiva que traria esse metal.

- Não é uma beldade como a irmã - disse ele.

- É certo - admiti.

- Na verdade - disse ele, abdicando do tato, - é feia como um saco de sapos.

- Não tem de fato nenhuma beleza especial - concordei.

- Mas são as menos bonitas que fazem as melhores esposas, senhor - declarou ele, que nunca tinha sido casado mas que tão pouco era um homem solitário. - E ela vai trazer prosperidade para todos nós - acrescentou feliz; esta era obviamente a razão que me levava a casar com a infeliz Gwenthwyvach.

O meu bom senso não podia depositar qualquer tipo de fé na costeleta de porco que guardava dentro da minha bolsa, e o meu dever para com os meus homens era recompensá-los pela sua lealdade, recompensas estas que tinham escasseado durante o ano anterior. Tinham perdido virtualmente tudo o que possuíam com a queda de *Ynys Trebes* e em seguida tinham combatido contra o exército de

Gorfyddyd, no Vale do *Lugg*.

Agora estavam cansados, mais pobres, e não havia homens que merecessem mais da parte do seu amo e senhor do que eles.

Saudei os meus quarenta homens, que esperavam indicações para se instalarem. Senti-me contente ao ver Issa no meio deles, já que ele era o melhor dos meus lanceiros: um moço de lavoura, dotado de uma força imensa e de um otimismo inesgotável, que protegia o meu flanco direito nas batalhas. Abracei-o e depois expressei o meu pesar por não ter oferendas para lhes dar.

- Mas a nossa recompensa está próxima - acrescentei, olhando em seguida para as duas dúzias de garotas que deviam ter seduzido na *Silúria*, - ainda que me sinta muito satisfeito por ver que a maioria de vocês encontrou algumas recompensas por iniciativa própria.

Riram. A garota de Issa era uma bonita criança de cabelo escuro de talvez catorze Verões. Ele apresentou-a.

- Scarach, senhor - pronunciou o nome dela com orgulho.

- Irlandesa? - perguntei-lhe.

Ela acenou afirmativamente.

- Era uma das escravas de Ladwys, senhor.

Scarach falava a língua da Irlanda, um idioma como o nosso, mas com as diferenças suficientes, como o nome dela por exemplo, para identificar a raça a que pertencia. Supus que tivesse sido capturada pelos homens de Gundleus numa das suas incursões às terras do rei Oengus, na *Demétia*. A maioria dos escravos irlandeses provinha de povoações situadas na costa ocidental da Bretanha, embora eu suspeitasse que nenhum tivesse alguma vez sido capturado em *Lleyn*. Só um louco se aventuraria a penetrar no território de Diwrnach sem ser convidado.

- Ladwys! - disse eu. - Como está ela?

Ladwys fora amante de Gundleus. Era uma mulher alta e morena que Gundleus desposara em segredo, embora estivesse disposto a renegar esta união quando Gorfyddyd lhe oferecera a mão de Ceinwyn.

- Está morta, senhor - disse Scarach alegremente. – Nós a matamos na cozinha.

Enterrei-lhe um espeto na barriga.

- É uma boa garota - disse Issa, ansiosamente.

- Nota-se - disse eu, - por isso tome conta dela.

A última garota que tivera, abandonara-o trocando-o por um dos missionários cristãos que perambulavam pelos caminhos de *Dumnónia*. No entanto, duvidava que a temível Scarach incorresse em semelhante loucura.

Nessa tarde, usando alguma da cal armazenada nas arrecadações de Cuneglas, os meus homens pintaram uma nova divisa nos seus escudos. A honra de usar a minha própria divisa fora-me concedida por Artur, na véspera da batalha do Vale do *Lugg*, mas não houvera tempo para mudar os escudos que, até este momento, tinham ostentado a figura de um urso, o símbolo de Artur. Os meus homens esperavam que eu escolhesse uma máscara de lobo como insígnia, fazendo eco das caudas de lobo que tínhamos começado a usar nos nossos elmos, nas florestas de *Benoic*. Eu, no entanto, insisti em que cada um de nós pintasse uma estrela de cinco pontas.

- Uma estrela! - resmungara Cavan, desapontado. Pretendia algo feroz, com garras, focinho e dentes, mas eu não abdiquei da estrela.

- *Seren* - disse eu, - pois somos nós as estrelas do escudo defensivo.

A explicação agradou-lhes e ninguém suspeitou do romantismo sem futuro subjacente à minha escolha. Assim,

começamos por aplicar uma camada de pez negra sobre as formas arredondadas dos escudos feitos de pau de salgueiro e forrados de pele; em seguida pintamos as estrelas com cal servindo-nos da bainha de uma espada para manter os extremos direitos. Quando a cal ficou seca aplicamos uma camada de verniz feito de resina de pinheiro e clara de ovo, que protegeria as estrelas da chuva durante alguns meses.

- Fica diferente - concedeu Cavan de má vontade enquanto admirávamos os escudos depois de pintados.

- Está esplêndido - disse eu, e nessa noite, quando jantava entre o círculo de guerreiros que comiam deitados no chão do palácio, Issa estava perfilhado atrás de mim como meu escudeiro. O verniz ainda estava úmido, mas isso só fazia com que a estrela parecesse mais brilhante. Scarach serviu-me. Era uma refeição pobre composta por papas de cevada, mas as cozinhas de *Caer Sws* não estavam em condições de fornecer uma refeição mais requintada, pois estavam atarefadas com a preparação da grande festa da noite seguinte. Na verdade, todo o palácio estava ocupado com os preparativos para esse acontecimento. O salão tinha sido decorado com ramos de faia vermelho-escuros, o chão tinha sido varrido e coberto de junco fresco e dos aposentos das mulheres chegavam relatos sobre os vestidos que estavam sendo confeccionados e delicadamente bordados. Pelo menos quatrocentos guerreiros estavam agora hospedados

em *Caer Sws*, instalados na sua maioria em abrigos improvisados nos campos que ficavam do lado de fora das muralhas, enquanto no interior da fortaleza se concentrava uma multidão formada pelas esposas dos guerreiros, crianças e cães.

Metade dos homens pertenciam a Cuneglas e a outra metade eram dumnonianos. No entanto, apesar da guerra recente não se registravam distúrbios, nem sequer quando se espalhou a notícia da queda de *Ratae* que caíra nas mãos da horda saxônia de Aelle graças à traição de Artur. Cuneglas devia ter desconfiado que Artur comprara a paz a Aelle por esse meio e aceitou o juramento de Artur, quando este lhe prometeu que os homens de *Dumnónia* vingariam os mortos de *Powys* que jaziam entre as cinzas da fortaleza capturada.

Não via Merlim ou Nimue desde a noite em que fora ao *Dolforwyn*. Merlim deixara *Caer Sws*, mas Nimue, segundo me constara, encontrava-se ainda no interior da fortaleza e estava escondida nos aposentos das mulheres onde, a acreditar nos rumores que corriam, passava muito tempo na companhia da princesa Ceinwyn. Isso me parecia pouco provável, já que Nimue e Ceinwyn eram muito diferentes uma da outra. Nimue era alguns anos mais velha do que Ceinwyn. Era uma mulher morena e ardente, vacilando eternamente na estreita fronteira que separa a loucura da raiva, enquanto Ceinwyn era loura, suave e, como me dissera Merlim,

extremamente convencional. Não conseguia imaginar que alguma delas tivesse muito para dizer uma à outra, por isso concluí que os boatos eram falsos e que Nimue estaria com Merlim que, julgava eu, partira à procura de homens dispostos a carregarem as suas espadas até aos terríveis domínios de Diwmach, em busca do Caldeirão.

E eu? Me juntaria a ele? Na manhã do noivado de Ceinwyn encaminhei-me para o norte, na direção dos grandes carvalhos que circundavam o imenso vale de *Caer Sws*.

Procurava um local em particular e Cuneglas me dissera onde podia encontrá-lo. Issa, o meu fiel Issa, acompanhou-me, embora não fizesse a menor idéia do motivo que nos levava àqueles bosques densos e escuros.

Esta terra, o coração de *Powys*, ficara quase incólume à passagem dos Romanos. Estes tinham construído fortes na região, como *Caer Sws*, e tinham deixado algumas estradas que corriam ao longo dos vales ribeirinhos, mas não se viam grandes *villas* ou cidades como as que existiam em *Dumnónia* e lhe conferiam o brilho de uma civilização perdida. Aqui, no coração dos domínios de Cuneglas, também não havia muitos cristãos. O culto dos antigos deuses tinha sobrevivido em *Powys* sem o rancor que enquinava a religião no reino de Mordred, onde cristãos e pagãos rivalizavam pela obtenção de favores reais e pelo

direito de erigir os seus santuários em locais sagrados.

Nenhum altar romano havia substituído os bosques dos druidas de *Powys* e nenhuma igreja cristã se erguia sobre os seus poços sagrados. Os Romanos tinham demolido alguns santuários, mas muitos tinham sido preservados e era para um destes locais sagrados antigos que Issa e eu nos dirigíamos sob a penumbra folhosa da floresta batida pelo Sol do meio-dia.

Era um santuário druida, um pequeno bosque de carvalhos perdido nos confins de uma floresta densa. A folhagem suspensa sobre o santuário ainda não se tingira de bronze, mas isso não tardaria a acontecer e então as folhas tombariam sobre o baixo muro de pedra disposto em semicírculo no centro do bosque. Dois nichos tinham sido escavados na parede e neles tinham sido colocados dois crânios humanos. Outrora, eram muitos os locais como este em toda a *Dumnónia* e muitos mais tinham sido reconstruídos depois da partida dos Romanos. Muitas vezes, porém, os cristãos apareciam e quebravam os crânios, destruíam os muros feitos de pedras secas e cortavam os carvalhos. No entanto, este santuário de *Powys* poderia continuar perdido neste denso bosque durante um milhar de anos. Pequenos fios de lã tinham sido enfiados entre as pedras, assinalando assim as orações oferecidas pelos crentes neste bosque.

O silêncio pairava sobre os carvalhos. Era um silêncio pesado. Issa me observava, do arvoredo, enquanto eu caminhava até o centro do semicírculo, onde desaparetei o pesado cinto da *Hywelbane*.

Depus a espada sobre a pedra lisa que marcava o centro do santuário e da bolsa tirei o osso branco que me conferia poderes sobre o casamento de Lancelot. Coloquei-o ao lado da espada. Por último, coloquei sobre a pedra o pequeno pregador dourado que Ceinwyn me dera muitos anos antes. Estendi-me sobre a cama de folhas.

Dormi, na esperança de ter um sonho que me dissesse o que devia fazer, mas tal não aconteceu. Talvez devesse ter sacrificado um pássaro ou um animal antes de ter adormecido, uma oferenda que pudesse ter incitado uma divindade a me conceder a resposta que eu procurava. Nenhuma resposta, porém, veio em meu auxílio. Apenas o silêncio. Colocara a minha espada e o poder do osso nas mãos dos deuses, à guarda de *Bei* e *Manawydan*, de *Taranis* e *Lleullaw*, mas eles ignoraram as minhas oferendas.

Ouvia-se apenas o sussurro do vento entre a folhagem alta, o arranhar das patas dos esquilos nos ramos dos carvalhos e a súbita algazarra de um pica-pau.

Fiquei deitado, imóvel, quando acordei. Não tivera qualquer sonho, mas sabia o que queria. Queria pegar o osso e parti-lo em dois, e se semelhante gesto implicasse percorrer a Estrada Sombria e penetrar no reino de Diwrnach, paciência. No entanto, queria também que a Bretanha de Artur fosse uma, boa e verdadeira. E queria que os meus homens tivessem ouro, terras, escravos e títulos. Queria expulsar os Saxões de *Lloegyr*. Queria ouvir o alarido que se libertava de um escudo defensivo desfeito e o estridor das trombetas de guerra à medida que um exército vitorioso perseguia e levava o seu inimigo à ruína. Queria marchar com os meus escudos estrelados na direção das planícies a leste que nenhum bretão livre, via há uma geração. E queria Ceinwyn.

Sentei-me. Issa viera sentar-se ao meu lado. Deve ter perguntado a si próprio por que razão eu olhava tão fixamente para o osso, mas não fez quaisquer perguntas.

Pensei na pequena e atarracada torre de ossos de Merlim que representava o sonho de Artur e perguntei a mim próprio se aquele sonho se desmoronaria de fato, caso Lancelot não desposasse Ceinwyn. O casamento dificilmente podia ser considerado como o elo que mantinha intacta a aliança de Artur; era apenas uma conveniência destinada a atribuir um trono a Lancelot e garantir a *Powys* um aliado no interior da casa real da *Silúria*. Se o casamento nunca viesse a se realizar, os exércitos de *Dumnónia*, *Gwent*,

Powys e *Elmet* não deixariam de marchar contra os Sais. Tudo isso eu sabia, tudo isso era verdade. No entanto, também pressentia que o osso podia de alguma forma abalar o sonho de Artur. No momento em que partisse o osso em dois estaria jurando fidelidade à

busca de Merlim, uma busca que prometia instalar a inimizade em *Dumnónia*; a inimizade dos antigos pagãos que tanto odiavam a recente religião cristã.

- Guinevere - proferi subitamente o nome em voz alta.

- Senhor? - perguntou Issa, perplexo.

Abanei a cabeça para mostrar que não tinha mais nada a dizer. Na verdade, não era minha intenção pronunciar o nome de Guinevere em voz alta. De súbito, porém, compreendera que o gesto de partir o osso faria muito mais do que apenas encorajar a campanha de Merlim contra o Deus cristão, também faria de Guinevere minha inimiga.

Fechei os olhos. Poderia a esposa do meu senhor ser minha inimiga? E se fosse? Artur continuaria a me amar, e eu a ele, e as minhas lanças e escudos estrelados tinham mais valor para ele do que toda a fama de Lancelot.

Levantei-me e recuperei o pregador, o osso e a espada. Issa viu-me tirar um fio de lã verde da minha capa, que depus

entre as pedras.

- Você não estava em *Caer Sws* - perguntei-lhe, - quando Artur rompeu o noivado com Ceinwyn?

- Não, senhor. Mas ouvi falar nisso.

- Foi durante a festa de noivado - disse eu, - uma festa exatamente igual àquela a que assistiremos esta noite. Artur estava sentado na mesa principal com Ceinwyn a seu lado quando viu Guinevere no fundo do salão. Ela vestia uma capa velha e gasta e tinha os galgos a seu lado. Artur viu-a ali e as coisas nunca mais foram as mesmas. Só os deuses sabem quantos homens morreram por ele ter visto aquela cabeleira ruiva. - Virei-me para o muro de pedra baixo e reparei que havia um ninho abandonado no interior de um dos crânios forrados de musgo. - Merlim diz que os deuses amam o caos.

- Merlim ama o caos - disse Issa em tom despreocupado, embora as suas palavras contivessem mais verdade do que ele supunha.

- Merlim o ama, sim, mas a maioria de nós teme o caos e é por isso que tentamos impor a ordem. - Pensei na pilha de ossos cuidadosamente ordenada. - Mas quando se tem ordem não se precisa dos deuses. Quando tudo está bem ordenado e disciplinado não há espaço para o inesperado. Quando

compreendemos tudo, deixa de haver espaço para a magia. E é só no momento em que nos sentimos perdidos e assustados e mergulhados no escuro que invocamos os deuses, e eles gostam que nós os invoquemos. Faz com que se sintam poderosos, e é por isso que eles gostam que vivamos no caos. - Limitava-me a repetir as lições que aprendera na infância, as lições que nos eram dadas no Tor de Merlim. - E agora temos chance de escolher. Podemos viver na Bretanha bem ordenada de Artur ou podemos seguir Merlim rumo ao caos.

- Eu o seguirei, senhor, em quaisquer circunstâncias - disse Issa. Não creio que ele tenha compreendido o que eu tinha dito, mas estava contente por confiar em mim de qualquer maneira.

- Quem dera saber o que fazer - confessei.

”Quão fácil seria”, pensei, ”se os deuses andassem pela Bretanha como antes.

Nesses tempos podíamos vê-los, ouvi-los, falar-lhes. Agora, somos como homens de olhos vendados procurando uma agulha num palheiro.”

Ajuntei a espada na sua posição habitual e depois tornei a guardar o osso intacto dentro da bolsa.

- Quero que transmitas uma mensagem aos homens - disse eu a Issa. - Não a Cavan, pois com ele falarei pessoalmente, mas quero que lhes digas que se algo de estranho acontecer esta noite, eles estão desobrigados do juramento que me fizeram.

Ele me olhou, franzindo o sobrolho.

- Desobrigados dos nossos juramentos? - perguntou e depois abanou a cabeça energicamente. - Eu não, Senhor.

Fiz sinal para que se calasse.

- Diga-lhes também que se algo de estranho acontecer de fato, e pode ser que não aconteça, a lealdade ao meu juramento poderá ter como significado lutar contra Diwrnach.

- Diwrnach! - disse Issa. Cuspiu e fez o símbolo para afastar o mal com a mão direita.

- Diga-lhes isto, Issa - disse eu.

- E o que poderá acontecer esta noite, então? - perguntou ele, ansiosamente.

- Nada, talvez, - absolutamente nada pois os deuses não me tinham revelado qualquer sinal no bosque e eu ainda não

sabia qual seria a minha escolha. Ordem ou caos. Ou nenhum dos dois, pois talvez o osso mais não fosse do que um resto de comida cozida e o fato de quebrá-lo fosse apenas o símbolo da destruição do amor que eu próprio sentia por Ceinwyn. Contudo, havia apenas uma forma de descobrir, e essa era quebrar o osso. Se eu ousasse fazer isso.

De todas as festas que marcaram aquelas noites de fim de Verão, a festa de noivado de Lancelot e Ceinwyn foi a mais suntuosa. Até os deuses pareciam favorecê-la, pois a Lua surgiu cheia e clara, o que era um presságio maravilhoso para um noivado. A lua subiu pouco depois do pôr do Sol, uma orbe de prata crescendo, imensa, sobre os cumes onde ficava *Dolforwyn*. Perguntara a mim mesmo se a festa decorreria no castelo de *Dolforwyn*, mas Cuneglas, ao ver o elevado número de bocas que havia para alimentar, decidira circunscrever as celebrações ao interior de *Caer Sws*.

Havia muitos convidados para que todos coubessem dentro do salão do rei, por isso apenas os mais privilegiados foram autorizados a instalar-se entre as suas grossas paredes de madeira. Os restantes sentaram-se no exterior, dando graças aos deuses por aquela noite seca. O solo ainda estava úmido da chuva que caíra no início da semana, mas havia grande abundância de palha para que os homens arranjassem assentos secos.

Tochas ensopadas em óleo tinham sido amarradas a estacas e, momentos depois da Lua ter nascido, foram acesas e o recinto real foi subitamente iluminado por chamas tremeluzentes. A cerimônia de casamento seria realizada à luz do dia para que *Gwydion*, o Deus da Luz, e *Belenos*, o Deus do Sol, concedessem a sua bênção, mas o noivado estava sob a bênção da Lua. As vezes, a fagulha de uma tocha flutuaria até ao solo para pousar num pedaço de palha e logo ressoariam gargalhadas, gritos de criança, latidos de cães e um acesso de pânico até o fogo ser extinto.

Mais de cem homens tinham sido convidados a transpor os muros do palácio de Cuneglas. Grupos de círios e velas de pavio projetavam sombras estranhas e vacilantes nos altos tetos de colmo, onde os pequenos ramos de folhas de faia se misturavam agora com as primeiras bagas de azevinho do ano. A única mesa que havia no salão fora colocada sobre o estrado, debaixo de uma fileira de escudos, cada um dos quais tinha um círio na base que iluminava a divisa pintada sobre o couro. No centro estava o escudo real de *Powys*, pertencente a Cuneglas, com a sua águia de asas abertas, enquanto num dos lados da águia aparecia o urso negro de Artur e no outro o dragão vermelho de *Dumnónia*. A divisa de Guinevere, um veado coroado pela lua, estava pendurado ao lado do urso, enquanto a águia-marinha de Lancelot voava ao lado do dragão, com um peixe preso entre as garras. Não estava presente nenhum representante de

Gwent, mas Artur insistira em que o touro negro de Tewdric fosse pendurado juntamente com o cavalo vermelho de *Elmet* e a máscara de raposa da *Silúria*. Os símbolos reais marcavam a grande aliança, a barreira defensiva que repeliria os Saxões para a costa.

Iorweth, o druida supremo de *Powys*, anunciou o momento em que dava como certo o desaparecimento definitivo dos últimos raios do sol moribundo no longínquo mar da Irlanda, após o que os convidados de honra ocuparam os respectivos lugares sobre o estrado. Quanto a nós, já estávamos sentados no chão do salão, onde os homens reclamavam uma quantidade do poderoso hidromel de *Powys* superior à que fora preparada para essa noite. Vivas e aplausos acolheram os convidados de honra.

A rainha Elaine foi a primeira a entrar. A mãe de Lancelot estava vestida de azul.

Em volta do pescoço trazia uma corrente de ouro de metal torcido e um fio também dourado prendia os caracóis dos seus cabelos grisalhos. Em seguida, uma sonora aclamação recebeu Cuneglas e a rainha Helled. O rosto redondo do rei irradiava prazer perante a perspectiva das celebrações da noite, em honra das quais atara pequenas fitas brancas aos bigodes balouçantes. Artur vinha sobriamente vestido de negro, enquanto Guinevere, que o seguia até ao estrado,

estava esplêndida, no seu traje de linho ouro pálido. Tinha sido habilidosamente cortado e cozido para que o precioso tecido, tingido com ferrugem e goma, desse a impressão de se colar ao seu corpo alto. A sua barriga mal traía sinais da gravidez e entre os homens espantados ouviu-se um murmúrio de admiração pela sua beleza. Pequenas lascas douradas tinham sido cozidas no tecido do vestido, o seu corpo parecia reluzir à medida que ela caminhava devagar atrás de Artur até o centro do estrado. Sorriu ao ver o desejo que sabia que provocava, e que queria provocar, pois nessa noite Guinevere estava empenhada em ofuscar Ceinwyn. Um pequeno aro dourado mantinha os seus cabelos ruivos no devido lugar, um cinto de argolas de ouro rodeava-lhe a cintura e, em honra de Lancelot, um alfinete dourado com uma águia-marinha adornava o pescoço de Guinevere. Beijou as faces da rainha Elaine, depôs outro beijo numa das faces de Cuneglas, inclinou a cabeça perante a rainha Helled e depois se sentou à direita de Cuneglas enquanto Artur deslizava para o assento vago ao lado de Helled.

Sobravam ainda dois lugares, mas antes que qualquer deles fosse ocupado Cuneglas levantou-se e bateu de leve com o punho na mesa. O silêncio desceu sobre os convivas, e no mutismo que se formou Cuneglas indicou com um gesto os tesouros dispostos na extremidade do estrado, em frente ao pano de linho que pendia da mesa.

Esses tesouros eram os presentes que Lancelot trouxera para Ceinwyn e a sua magnificência desencadeou uma tempestade de aplausos que ressoou por todo o salão.

Todos nós tínhamos inspecionado as oferendas e eu ouvira, irritado, os elogios que os homens iam tecendo à generosidade do rei de *Benovic*. Havia correntes de ouro, correntes de prata e correntes feitas de uma mistura de ouro e prata. As correntes eram tantas que apenas serviam de base para todos os presentes. Viam-se espelhos de mão romanos, frascos de vidro romano e pilhas de jóias também romanas. Havia ainda colares, pregadores, jarros de água, alfinetes e fivelas. Uma fortuna digna de um rei composta de metal cintilante, esmalte, coral e pedras preciosas. Tudo aquilo, tinha sido retirado de *Ynys Trebes* em chamas quando Lancelot, evitando erguer a sua espada contra os francos, fugira no primeiro navio que encontrara para escapar ao massacre da cidade.

Os aplausos dirigidos às oferendas ainda ressoavam quando Lancelot entrou em toda a sua glória. Tal como Artur, ele vinha vestido de negro. No entanto, as roupas negras de Lancelot eram adornadas por uma orla feita de um raro tecido dourado. O seu cabelo negro tinha sido oleado e puxado para trás de forma a ficar bem junto ao crânio estreito, colando-se à nuca sem uma única ruga. Os dedos da mão direita cintilavam com anéis de ouro enquanto a esquerda

ostentava os braços anéis de guerreiro, nenhum dos quais, concluí irritado, fora ganho em batalha. Em torno do pescoço usava uma pesada corrente de ouro rematada por pedras reluzentes e, sobre o peito, em honra de Ceinwyn exibia o símbolo da família real a que ela pertencia: uma águia de asas abertas. Não trazia armas, já que homem algum fora autorizado a entrar no palácio do rei acompanhado de uma só espada que fosse, mas usava o cinto da espada com que Artur o presenteara. Agradeceu a aclamação erguendo uma das mãos, beijou a mãe, cumprimentou Guinevere com um beijo na mão, fez uma vênia a Helled e sentou-se.

Um dos assentos continuava vazio. Uma harpista tinha começado a tocar, mas as notas clangorosas que produzia mal se faziam ouvir sobre os ruídos das conversas. O

cheiro a carne assada deslizou suavemente para o interior do salão, onde jovens escravas distribuíam jarros de hidromel. Iorweth o druida, percorria o salão para cima e para baixo em grande azáfama, abrindo um corredor entre os homens sentados no chão coberto de juncos. Afastou os convivas para os lados, saudou o rei com uma vênia depois de ter aberto o corredor e pediu silêncio com um movimento do bastão.

Uma grande saudação irrompeu no seio da multidão que se encontrava no exterior.

Os convidados de honra tinham entrado no salão pela retaguarda, subindo para o estrado vindos diretamente das sombras da noite. Ceinwyn, no entanto, faria a sua entrada através da enorme porta situada em frente ao salão e para chegar a essa porta teria de caminhar por entre a multidão de convidados que se apinhavam no recinto iluminado por fogueiras. A aclamação que tínhamos acabado de ouvir era o som dos aplausos desses convidados ao vê-la sair dos aposentos das mulheres, enquanto no interior do palácio do rei nós aguardávamos a sua entrada debaixo de um silêncio expectante. Até a harpista afastou os seus dedos das cordas e olhou para a porta.

Primeiro entrou uma criança. Era uma menina vestida de linho branco que caminhava virada de costas ao longo da ala aberta por lorweth para permitir a passagem de Ceinwyn. A criança ia espalhando pétalas secas de flores primaveris sobre os juncos recentemente dispostos sobre o pavimento. Ninguém falava. Todos os olhares estavam fixos na porta à exceção do meu, que observava o estrado. Lancelot fitava a porta, o rosto iluminado por um meio sorriso. Cuneglas não parava de secar as lágrimas que teimavam em assomar-lhe aos olhos, tão grande era a sua felicidade. Artur, o autor da paz, estava radiante. Só Guinevere não sorria. Exibia apenas uma expressão de triunfo. Em tempos fora objeto de escárnio neste mesmo castelo e agora punha e dispunha da filha do seu senhor, impondo-lhe um casamento.

Eu observava Guinevere enquanto, com a mão direita, tirava o osso de dentro da minha bolsa. A costeleta parecia macia sob os meus dedos e Issa, perfilhado atrás de mim com o meu escudo, deve ter perguntado a si mesmo que significado poderia ter para mim aquele resto de comida naquela noite de ouro e fogo, iluminada pela luz da Lua.

Olhei para a enorme porta do salão no preciso instante em que Ceinwyn apareceu e, nos segundos que antecederam a explosão de vivas que ressoou por todo o salão, ouviu-se uma exclamação de admiração. Nem todo o ouro da Bretanha, nem nenhuma das rainhas de outrora poderiam ter ofuscado Ceinwyn naquela noite. Não precisei sequer de olhar para Guinevere para saber que ela tinha sido completamente vencida pela astúcia naquela noite de beleza.

Esta era, eu bem o sabia, a quarta festa de noivado de Ceinwyn. Viera aqui uma vez por Artur, mas ele quebrara o compromisso deixando-se enfeitiçar pelo amor de Guinevere. Em seguida, Ceinwyn ficara noiva de um Príncipe da distante *Rheded*. Este, porém, morrera em consequência de uma febre antes do casamento; depois, ainda não há muito tempo, usara o colar de noivado por Gundleus da *Silúria*, mas este perecera gritando às mãos cruéis de Nimue. Agora, pela quarta vez, Ceinwyn transportava o colar por um homem. Lancelot dera-lhe um tesouro imenso, mas o costume ditava que ela lhe retribuísse presenteando-o com um vulgar

cabresto de boi, significando dessa forma que a partir desse dia se submeteria à autoridade dele.

Lancelot levantou-se quando ela entrou e o meio sorriso converteu-se num olhar de alegria, o que não era de surpreender, já que a sua beleza era arrebatadora. Nos noivados anteriores, tal como convinha a uma princesa, Ceinwyn aparecera envolta em jóias e prata, ouro e adornos vários. Esta noite, no entanto, usava apenas um simples vestido branco, cingido por um cordão azul-pálido que caía ao longo da saia singela que terminava em borlas. Nem um fio de prata embelezava os seus cabelos, nem o menor vestígio de ouro cintilava no seu pescoço, não trazia qualquer jóia, apenas o vestido de linho e, em torno do cabelo louro-pálido, uma delicada grinalda azul feita com as últimas violetas estivais. Não calçava sapatos, mas caminhava descalça sobre as pétalas. Não evidenciava sinais de realeza ou quaisquer símbolos de riqueza. Deslocara-se até o salão vestida de forma tão singela como uma camponesa e conseguiu um triunfo. Não era de admirar que os homens suspirassem, não era de admirar que a aplaudissem à medida que ela avançava, lenta e timidamente, por entre os convivas. Cuneglas lacrimejava de felicidade, Artur liderava as aclamações, Lancelot alisava o cabelo e a mãe dele irradiava alegria e aprovação. Por momentos, o rosto de Guinevere ficou imperscrutável, mas depois abriu-se num sorriso, um sorriso de puro triunfo. Podia ter sido

ofuscada pela beleza de Ceinwyn, mas esta ainda não deixara de ser a noite de Guinevere, que via assim a sua velha rival ser entregue a um casamento que ela própria arquitetara.

Vi o sorriso afetado e vitorioso que assomou no rosto de Guinevere e talvez tivesse sido a sua satisfação maldosa que me fez decidir. Ou talvez tivesse sido o ódio que sentia por Lancelot, ou o meu amor por Ceinwyn, ou talvez Merlim estivesse certo e os deuses amem de fato o caos, pois num súbito acesso de raiva, agarrei o osso com as duas mãos. Não pensei nas conseqüências da magia de Merlim, no seu ódio pelos cristãos ou no risco de virmos a acabar todos mortos em plena busca do Caldeirão, no reino de Diwrnach. Não pensei na ordem prudente de Artur, tinha apenas consciência de que Ceinwyn ia ser entregue a um homem que eu odiava. Eu, como os outros convivas espalhados pelo salão, estava de pé observando Ceinwyn por entre as cabeças dos guerreiros. Ela alcançara o grande pilar central de carvalho do salão principal, onde foi envolvida e cercada pelo feroz estridor dos aplausos e assobios. Eu era o único que me mantinha silencioso. Sem desviar os meus olhos dela coloquei os meus dois polegares na parte central da costeleta e preendi as extremidades entre os punhos. "Agora, Merlim"

pensei, "agora, velho patife, deixe-me testar a sua magia."

Quebrei a costeleta. O ruído que provocou ao desfazer-se diluiu-se no meio dos aplausos.

Enfiei as duas metades do osso dentro da minha bolsa e juro que quase não sentia o bater do meu coração enquanto observava a princesa de *Powys*, que saíra da noite com flores no cabelo.

E que nesse momento se deteve subitamente. Parou, mesmo junto ao pilar decorado com bagas e folhas.

Desde que entrara no salão, Ceinwyn não tirara os olhos de Lancelot e assim continuava, o rosto sempre iluminado por um sorriso. No entanto, parou e a sua súbita imobilidade fez com que um silêncio perplexo descesse lentamente sobre o aposento. A criança que espalhava as pétalas franziu o sobrolho e olhou em volta à espera de instruções. Ceinwyn não se mexeu.

Artur, sorrindo ainda, deve ter pensado que ela se deixara dominar pelo nervosismo, pois acenou-lhe encorajadoramente. O cabresto oscilava em suas mãos trêmulas. A harpista fez vibrar uma corda hesitante, depois afastou os dedos da harpa e à

medida que as suas notas eram abafadas pelo silêncio vi uma figura vestida de negro avançar no meio da multidão, do outro lado da coluna.

Era Nimue, cujo olho dourado refletia as chamas que brilhavam no salão estupefato.

O olhar de Ceinwyn deixou Lancelot para se fixar em Nimue. Em seguida, muito lentamente, ergueu um braço envolto numa manga branca. Nimue segurou na mão dela e olhou para a princesa com uma expressão zombeteira. Ceinwyn parou por uma fração de segundo, depois fez um aceno de consentimento quase imperceptível. De súbito, o som de vozes encheu o salão, quando Ceinwyn virou as costas ao estrado e, guiada por Nimue, desapareceu por entre a multidão.

As conversas morreram, pois ninguém conseguia encontrar uma explicação para o que estava acontecendo. Lancelot, que fora abandonado empé no estrado, limitava-se a olhar. A boca de Artur permanecera aberta enquanto Cuneglas, meio erguido no seu assento, olhava incrédulo enquanto a irmã abria caminho através da multidão que se afastava perante o rosto feroz, marcado e irônico de Nimue. Guinevere parecia estar disposta a matar.

Foi então que o olhar de Nimue se cruzou com o meu e ela sorriu fazendo com que eu sentisse o meu coração bater como o de um animal selvagem enjaulado. Nesse momento, Ceinwyn sorriu para mim e eu deixei de ter olhos para Nimue, apenas conseguia ver Ceinwyn, a doce Ceinwyn, que

transportava o cabresto de boi através da multidão de homens na direção do lugar que eu ocupava no salão. Os guerreiros abriram alas, mas eu parecia feito de pedra, incapaz de me mexer ou de falar à medida que Ceinwyn, com os olhos marejados de lágrimas, avançava para mim. Ela nada disse, limitava-se a segurar o cabresto estendendo-o na minha direção. Um murmúrio de espanto cresceu à nossa volta, mas eu ignorei as vozes. Em vez disso, caí de joelhos e aceitei o cabresto. Depois segurei as mãos de Ceinwyn e pressionei-as de encontro ao meu rosto que, tal como o dela, estava lavado em lágrimas.

O salão explodiu numa manifestação de fúria, protesto e estupefação, mas Issa permanecia atrás de mim erguendo o meu escudo. Nenhum homem trazia uma arma de lâmina afiada para dentro do palácio de um rei, mas Issa segurava o escudo com a sua estrela de cinco pontas como se estivesse pronto a abater qualquer um que ousasse desafiar aquele momento espantoso. No outro lado, Nimue rogava pragas a todo o salão num tom de voz sibilino, instigando qualquer dos presentes a desafiar a escolha da princesa.

Ceinwyn estava ajoelhada e o seu rosto estava próximo do meu.

- O senhor fez um juramento, - sussurrou ela, - que me protegeria.

- Sim, senhora.

- Liberto-o desse juramento, se é esse o seu desejo.

- Nunca - prometi eu.

Ela afastou-se ligeiramente.

- Não me casarei com nenhum homem, Derfel - preveniu-me suavemente, os olhos fixos nos meus. – Eu lhe darei tudo, exceto o casamento.

- Então me dá tudo que eu poderia desejar - disse eu, com um nó na garganta e os olhos cheio de lágrimas de felicidade. Sorri e devolvi-lhe o cabresto. - É seu.

Ela sorriu perante o meu gesto, depois deixou cair o cabresto sobre a palha e beijou-me suavemente numa das faces.

- Acho - murmurou-me ao ouvido, maliciosamente, - que esta festa correrá

melhor sem a nossa presença.

Nesse momento nos levantamos e, de mãos dadas, ignorando perguntas, protestos e até alguns vivas saímos para a noite enluarada. Atrás de nós cresceu a confusão e a fúria e à nossa frente estendia-se uma multidão de pessoas perplexas que atravessamos lado a lado.

- A casa por baixo de *Dolforwyn* - disse Ceinwyn - está à nossa espera.

- A casa que tem as macieiras? - perguntei, recordando o que me dissera sobre a pequena casa com que sonhava quando era criança.

- Essa mesmo - disse ela.

Para trás ficara a multidão aglomerada às portas do salão e caminhávamos agora na direção do portão de *Caer Sws*, iluminado por tochas. Issa juntara-se a mim depois de ter ido buscar as nossas espadas e lanças, e Nimue seguia ao lado de Ceinwyn. Três das servas de Ceinwyn corriam atrás de nós, assim como uma vintena dos meus homens.

- Tem certeza disto? - perguntei a Ceinwyn como se de alguma maneira ela pudesse inverter o curso dos últimos minutos e devolver o cabresto a Lancelot.

- Estou mais certa disto - disse Ceinwyn calmamente - do que de qualquer coisa que tenha feito até aqui - lançou-me um olhar divertido. - Alguma vez duvidou de mim, Derfel?

- Duvidei de mim mesmo - disse eu.

Ela apertou a minha mão.

- Não pertenço a homem nenhum - disse ela, - sou apenas senhora de mim mesma.

Depois riu deliciada, largou a minha mão e desatou a correr. As violetas soltavam-se dos seus cabelos à medida que ela corria através da erva, impelida por uma alegria genuína. Corri atrás dela, enquanto às nossas costas, desde a estupefata entrada do palácio, Artur chamava por nós pedindo-nos que regressássemos.

Mas nós continuamos a correr. Direitamente ao caos.

No dia seguinte peguei uma faca afiada e desbastei as extremidades dos dois pedaços de osso. Em seguida, com muito cuidado, fiz duas incisões estreitas e alongadas nos punhos de madeira da *Hywelbane*. Issa foi até *Caer Sws* e trouxe uma porção de grude, que passamos pelo fogo. Quando ficou claro que as duas incisões coincidiam exatamente com a configuração dos fragmentos de osso enchemos as incisões com o grude e encaixamos os dois fragmentos no punho da espada. Retiramos o excesso de grude e envolvemos os pedaços colados com faixas feitas de tendões, apertando-as bem para que os fragmentos de osso ficassem bem incrustados na madeira.

- Parece marfim - disse Issa com admiração quando o trabalho ficou concluído.

- Pedacos de osso de porco - desmenti, embora os dois pedacos de osso evocassem realmente o marfim e conferissem a *Hywelbane* uma aparênciã distinta. O

nome da espada derivava do seu primeiro dono, Hywel, o criado de Merlim que me iniciara no manuseio das armas.

- Mas os ossos têm magia? - perguntou Issa, ansiosamente.

= A magia de Merlim - respondi-lhe, sem adiantar mais explicações. Cavan veio me ver ao meio-dia. Pousou um dos joelhos sobre a relva e curvou a cabeça, mas não falou. Nem precisava fazê-lo, pois eu conhecia os motivos da sua vinda.

- Você está livre para partir, Cavan - disse-lhe. - Liberto-o do seu juramento.

Ele ergueu os olhos e fitou-me. A libertação de um juramento, porém, era algo muito difícil para que ele fosse capaz de dizer fosse o que fosse. Sorri-lhe, então.

- Você já não é um jovem, Cavan - disse eu, - e merece servir um senhor que lhe ofereça ouro e conforto, em vez de uma Estrada Sombria e de uma vida de incertezas.

- Tenho uma cisma, senhor - conseguiu, finalmente, falar. - Morrer na Irlanda.

- Para que possa estar com os seus?

- Sim, senhor. Mas não posso regressar como um homem pobre. Preciso de ouro.

- Queime o seu escudo, nesse caso - aconselhei-o.

Sorriu ao ouvir as minhas palavras e em seguida beijou o punho da *Hywelbane*.

- Sem ressentimentos, senhor? - perguntou ansioso.

- Nenhum - disse eu. - E se alguma vez precisar da minha ajuda, avisa-me.

Levantou-se e me abraçou. Voltaria para servir Artur e levaria com ele metade dos meus homens, já que comigo ficavam apenas vinte. Os outros, ou temiam Diwrnach ou estavam sequeiros de riquezas, e eu não podia culpá-los por isso. Tinham conquistado honrarias, anéis de guerreiros e caudas de lobo ao meu serviço, mas pouco ouro. Autorizei-os a manter as caudas de lobo nos elmos, já que as tinham ganhado no decurso dos terríveis combates de *Benoic*. Obriguei-os, porém, a apagar as estrelas recentemente pintadas nos seus escudos.

As estrelas estavam reservadas aos vinte homens que tinham escolhido ficar comigo, e estes eram os mais jovens, os mais fortes e os mais aventureiros de todos os meus lanceiros. Só os deuses sabem como precisavam sê-lo, pois ao fazer estalar o osso eu os tinha ligado indissolivelmente à Estrada Sombria.

Não sabia quando seríamos convocados por Merlin, por isso fiquei à espera na pequena casa para onde Ceinwyn nos levara naquela noite enluarada. A casa ficava situada a Norte e a Leste do *Dolforwyn*, num pequeno vale escarpado, onde as sombras apenas abandonavam o riacho quando o Sol ia já a meio do seu curso no céu matinal. As encostas íngremes do vale estavam forradas por carvalhos, mas em volta da casa via-se um conjunto de campos minúsculos, cuja disposição fazia lembrar uma manta de retalhos, onde alguém plantara uma vintena de macieiras. A casa não tinha nome, tal como o vale, de resto. Era apenas conhecido como *Cwm Isaf*, o Vale Baixo, e era agora a nossa casa.

Os meus homens construíram abrigos entre as árvores, na encosta sul do vale.

Não sabia como iria cuidar de vinte homens e das respectivas famílias, pois a pequena casa de *Cwm Isaf* mal tinha capacidade para alimentar um rato do campo, quanto mais um bando de guerreiros. Ceinwyn, no entanto, tinha ouro e, tal como ela me prometera, o irmão não nos deixaria morrer de fome. A casa, dissera ela, tinha pertencido a seu pai, sendo uma entre as milhares de propriedades arrendadas que tinham alimentado a riqueza de Gorfyddyd. O último arrendatário fora um primo do fabricante de velas de *Caer Sws*, que falecera antes da batalha do Vale do *Lugg*, e até aquele momento ninguém fora escolhido para substituí-lo. A

casa propriamente dita era muito modesta, consistindo num pequeno retângulo de pedra coberto por um telhado feito de uma espessa camada de palha de centeio e fetos, que carecia de uma reforma urgente. No interior havia três divisões. Uma delas, a principal, abrigara outrora os poucos animais da casa. Nós a varremos e limpamos para a transformar num espaço minimamente habitável. As outras duas divisões correspondiam aos quartos de dormir, um para Ceinwyn e outro para mim.

- Prometi a Merlim - dissera ela naquela primeira noite, tentando justificar a existência dos dois quartos de dormir.

Senti uma desagradável sensação de formigueiro espalhar-se pela minha pele.

- O que é que lhe prometeu? - perguntei.

Ela deve ter corado, mas o luar não conseguia penetrar nas profundezas de *Cwm Isaf* impedindo-me assim de distinguir o seu rosto. Apenas podia sentir a pressão dos dedos dela entrelaçados nos meus.

- Prometi-lhe - disse, lentamente - que me manteria virgem até encontrarmos o Caldeirão.

Nesse momento comecei a compreender quão sutil fora Merlim. Sutil, perverso e esperto. Precisava de um guerreiro

que o protegesse durante a viagem até *Lleyn* e precisava de uma virgem para encontrar o Caldeirão, por isso manipularamos.

- Não! - protestei. - Você não pode entrar em *Lleyn*!

- Só uma virgem pode descobrir o Caldeirão - sussurraram-nos Nimue na escuridão. - Preferia que levássemos uma criança, Derfel?

- Ceinwyn não pode ir para *Lleyn* - insisti.

- Silêncio. - Ceinwyn calara-me. - Eu prometi. Fiz um juramento.

- Sabe o que é *Lleyn*? - perguntei-lhe. - Sabe o que faz *Diwmach*?

- Sei - disse ela - que a viagem até lá é o preço que tenho de pagar para estar aqui contigo. E prometi a Merlim. Fiz um juramento.

Foi assim que dormi sozinho naquela noite. Na manhã seguinte, no entanto, depois de termos partilhado um modesto café da manhã na companhia dos nossos lanceiros e criados e antes de eu ter incrustado os fragmentos de osso no punho da *Hywelbane*, Ceinwyn acompanhou-me num passeio ao longo do ribeiro de *Cwm Isaf*.

Escutou os meus argumentos inflamados contra a sua intenção de percorrer a Estrada Sombria, mas rejeitou a todos alegando que se Merlim estava conosco, quem poderia triunfar sobre nós?

- Diwrnach - disse eu, num tom resolutivo.

- Mas você vai acompanhar Merlim, não é verdade? - perguntou-me.

- Sim.

- Nesse caso, não tente me impedir - insistiu. - Estarei com você, e você estará comigo.

E recusou-se dando ouvidos a outros argumentos. Não era mulher para se vergar à autoridade de um homem. A sua decisão estava tomada.

Depois, é claro, conversamos sobre os acontecimentos dos últimos dias e as nossas palavras jorraram desordenadas. Estávamos apaixonados, tão enfeitiçados um pelo outro como Artur por Guinevere e não cansávamos de querer conhecer os pensamentos e as histórias de ambos. Mostrei-lhe o osso de porco e ela riu quando lhe disse que esperara até ao último momento antes de parti-lo em dois.

- Na verdade, não sabia se ousaria virar costas a Lancelot - admitiu Ceinwyn.

Desconhecia tudo sobre o osso, claro. Pensei que tivesse sido Guinevere quem tinha me forçado a tomar uma decisão.

- Guinevere? - perguntei surpreso.

- Não consegui suportar o seu regozijo. Será que isso faz de mim uma pessoa horrível? Senti-me como se fosse o seu gatinho de estimação e não consegui suportá-lo.

Caminhou em silêncio durante algum tempo. Folhas caíam das árvores, a maioria das quais estavam ainda verdes. Nessa manhã, ao acordar na primeira madrugada que passei em *Cwm Isaf*, vi uma andorinha levantar vôo do telhado. Não voltou e calculei que até à Primavera não tomaríamos a ver mais nenhuma. Ceinwyn caminhava descalça ao longo da margem do ribeiro, a sua mão na minha.

- E tenho pensado naquela profecia do leito de caveiras - continuou. - Acho que significa que não devo me casar. Estive noiva por três vezes, Derfel, três vezes! E por três vezes perdi o meu prometido. Se isso não é uma mensagem dos deuses, o que é então?

- Ouço Nimue - disse eu. Ela riu.

- Gosto dela.

- Nunca poderia imaginar que vocês gostassem uma da outra - confessei.

- E porque não haveríamos de gostar? Gosto do seu caráter beligerante. Temos de agarrar a vida com as nossas próprias mãos, não submeter-nos a ela. Durante toda a minha vida, Derfel, fiz aquilo que as pessoas me diziam para fazer. Sempre fui muito bem comportada - disse, dando à expressão "bem comportada" uma inflexão irônica. - Sempre fui a garotinha obediente, a filha respeitadora. Era fácil, claro, pois o meu pai gostava de mim e ele gostava de poucas pessoas, mas deram-me tudo o que sempre quis e, em troca, tudo o que queriam de mim era que eu fosse bonita e obediente. E eu era muito obediente.

- Bonita, também.

Enterrou um cotovelo nas minhas costelas, num gesto de reprovação. Um bando de lavandiscas sarapintadas levantou vôo no meio da neblina que envolvia o ribeiro, que se estendia diante de nós.

- Fui sempre obediente - disse Ceinwyn, tristonha. - Sabia que teria de casar com aquele que escolhessem para meu marido, e isso não me preocupava porque é o que fazem as filhas dos reis. Lembro-me da felicidade que senti quando

conheci Artur. Achei que a vida afortunada que tivera até esse momento iria prolongar-se indefinidamente.

Tinha sido agraciada com um homem tão bom. Então, subitamente, ele esfumaçou-se.

- E nem sequer reparou em mim - disse eu.

Eu era o mais jovem dos lanceiros da guarda de Artur quando ele viera a *Caer Sws*, para celebrar o seu noivado com Ceinwyn. Foi nessa ocasião que ela me deu o pequeno pregador que ainda usava nessa época. Ela presenteara toda a escolta de Artur, mas nunca soube o fogo que ateara na minha alma, nesse dia.

- Tenho certeza que reparei em você - disse ela. - Quem poderia ignorar um rapaz grande, desajeitado e com cabelos louro-palha como você? - Riu e depois deixou que a ajudasse a saltar por cima de um carvalho derrubado. Usava o mesmo vestido de linho que vestira na noite anterior, embora a saia branco-pálido estivesse agora manchada de lama e musgo. - Em seguida fiquei noiva de Caelgyn de *Rheged*, e já não estava tão certa de ser uma pessoa afortunada. Era um bruto intratável, mas prometeu ao meu pai uma centena de lanceiros e uma quantia em ouro como dote e eu me convenci que seria feliz, ainda que tivesse de ir viver para *Rheged*. Mas Caelgyn morreu com uma febre.

Depois houve Gundleus - a recordação a fez franzir o sobrolho. - Nesse momento compreendi que não passava de um peão num jogo de guerra. O meu pai me amava, mas teria me entregado a Gundleus, se isso significasse mais armas para lutar contra Artur. Foi aí que compreendi pela primeira vez que nunca seria feliz a não ser que eu própria construísse a minha felicidade, e foi precisamente nessa época que você e Galaad vieram nos visitar. Lembra-se?

- Lembro. - Acompanhara Galaad na sua fracassada missão de paz e Gorfyddyd, como insulto, nos obrigara a jantar nos aposentos das mulheres. Ali, à luz das velas, ao som da música tocada por uma harpista, conversara com Ceinwyn e jurara protegê-la.

- Você se importava com a minha felicidade.

- Estava apaixonado. Era um cão latindo para uma estrela.

Ela sorriu.

- Depois veio Lancelot. O adorável Lancelot. O bonito Lancelot. Todos me diziam que eu era a mulher mais afortunada da Bretanha, mas quer saber qual era o meu pressentimento? Que para Lancelot eu seria apenas mais uma das suas possessões, e ele parece já ter tantas. No entanto, ainda não tinha certeza do que iria fazer. Então Merlim apareceu e conversou comigo. Deixou Nimue, que

falou, falou, falou. Eu, porém, já

sabia que não queria pertencer a homem nenhum. Toda a minha vida pertenci a homens.

Então, Nimue e eu fizemos um juramento a *Don* e eu jurei que se ela me concedesse as forças que precisava para conquistar a minha liberdade nunca me casaria. Eu o amarei - prometeu-me, erguendo os olhos para fitar o meu rosto, - mas nunca pertencerei a homem nenhum.

”Talvez não”, pensei, ”mas ela, tal como eu, era ainda um brinquedo nas mãos de Merlim.” Como se tinham afadigado, ele e Nimue. No entanto, nada adiantei sobre isso, nem sobre a Estrada Sombria.

- A partir de agora você será inimiga de Guinevere - adverti Ceinwyn.

- Sim - disse ela, - mas sempre fui, desde o momento em que ela decidiu roubar-me Artur. Nessa época, porém, eu não passava de uma criança e não sabia como havia de lutar contra ela. A noite passada respondi, embora daqui para o futuro pretenda apenas manter-me a distância. Sorriu. - E você deveria ter casado com Gwenhwyvach?

- Devia - confessei.

- Pobre Gwenthwyvach - disse Ceinwyn. - Ela foi sempre muito boa para mim enquanto elas viveram aqui, mas me lembro que sempre que a irmã entrava no quarto ela fugia. Era como se ela fosse um rato enorme e anafado e a irmã fosse o gato.

Artur veio até ao vale nessa tarde. O grude que segurava os fragmentos de osso secava no punho da *Hywelbane* quando os seus guerreiros surgiram entre as árvores que cobriam a encosta sul de *Cwm Isaf*, em frente à nossa casa. Os lanceiros não vinham para nos ameaçar, apenas tinham feito um desvio na longa marcha de regresso a casa, a aprazível *Dumnónia*. Não vimos sinais de Lancelot, nem de Guinevere, à medida que Artur atravessava sozinho o ribeiro. Não trazia nem a espada nem o escudo.

Nós o recebemos à porta de nossa casa. Ele cumprimentou Ceinwyn com uma vênia e depois sorriu-lhe.

- Querida senhora - disse simplesmente.

- Está zangado comigo, senhor? - perguntou-lhe ela, ansiosa.

Ele fez uma careta.

- A minha mulher acha que sim, mas não estou. Como posso estar zangado?

Apenas fez o mesmo que eu fiz outrora, e teve a gentileza de fazê-lo antes do juramento -

tornou a sorrir-lhe. - Talvez tenha causado um certo contratempo, mas eu mereci. Posso caminhar um pouco com Derfel?

Metemos pelo mesmo caminho que eu percorrera com Ceinwyn nessa manhã, e mal se apanhou fora do alcance dos seus lanceiros, Artur pôs um braço em volta dos meus ombros.

- Muito bem, Derfel - disse ele, suavemente.

- Lamento, se o que fiz o magoou, senhor.

- Não seja tolo. Fez aquilo que eu fiz em tempos e o invejo pela frescura com que levou a cabo os seus planos. Isso apenas muda as coisas, é tudo. É, como já disse, um contratempo.

- Não serei o paladino de Mordred - disse eu.

- Não. Mas alguém há de ser. Se dependesse de mim, meu amigo, levava a ambos para casa, nomeava-o paladino e dava-te tudo o que tenho para dar. Mas as coisas nem sempre podem ser como nós queremos.

- Quer dizer - disse eu, sem cerimônia, - que a princesa Guinevere nunca me perdoará.

- Não, - confirmou Artur tristemente. - Nem Lancelot. Que hei de fazer com Lancelot?

- Casei-o com Gwenhwyvach - sugeri, - e enterre-os na *Silúria*.

Ele riu.

- Se ao menos pudesse fazê-lo. Vou enviá-lo para a *Silúria*, isso é certo, mas duvido que a *Silúria* o prenda. As suas ambições ultrapassam os limites daquele pequeno reino, Derfel. Tinha esperanças que o fato de ter Ceinwyn e uma família pudessem prendê-lo lá, mas agora? - Encolheu os ombros. - Teria feito melhor se tivesse dado o reino a você. - Tirou o braço de cima dos meus ombros e olhou-me de frente. - Não vou libertá-lo dos seus juramentos, Lorde Derfel Cadarn - anunciou ele, em tom formal, - ainda é um dos meus homens e quando mandar chamá-lo virá me ver.

- Sim, senhor.

- Isso acontecerá na Primavera - acrescentou. - Jurei manter a paz com os Saxões durante três meses e cumprirei esse juramento; e quando esses três meses se esgotarem, o Inverno nos forçará a manter as nossas lanças empilhadas.

Mas na Primavera marcharemos e vou querer seus homens no meu escudo defensivo.

- Eles estarão lá, senhor - prometi.

Levantou as duas mãos e pousou-as nos meus ombros.

- Também jurou obediência a Merlin? perguntou-me, olhando-me fixamente.

- Sim, senhor - admiti.

- Você partirá então em busca de um Caldeirão que não existe?

- Partirei em busca do Caldeirão, sim.

Cerrou os olhos.

- Quanta estupidez! - Deixou cair as mãos e abriu os olhos. - Eu acredito nos deuses, Derfel, mas será que os deuses acreditam na Bretanha? Esta já não é a antiga Bretanha - disse ele com veemência. - É provável que em tempos tivéssemos sido um único povo de um só sangue e uma só carne, mas hoje? Os Romanos trouxeram homens de todos os cantos do mundo! Sarmáticos, Líbios, Gauleses, Númidas, Gregos! O sangue deles misturou-se com o nosso, da mesma forma que este fervilha de sangue romano e se mistura agora

com sangue saxão. Somos o que somos, Derfel, e não aquilo que fomos outrora. Hoje em dia existe uma centena de deuses e já não apenas os velhos deuses; não podemos inverter o curso dos anos, mesmo que o Caldeirão ou todos os Tesouros da Bretanha estejam em nosso poder.

- Merlim não é dessa opinião.

- E Merlim me obrigaria a lutar contra os cristãos apenas para que os deuses dele possam prevalecer? Não, não o farei, Derfel. - Falava com raiva. - Pode procurar o seu Caldeirão imaginário, mas não acredite que irei jogar o jogo de Merlim perseguindo os cristãos.

- Merlim - disse eu, na defensiva - deixará o destino dos deuses nas mãos dos deuses.

- E que outra coisa somos nós senão os instrumentos dos deuses? - perguntou Artur. - Não vou lutar contra outros bretões só porque eles adoram outro deus. Nem você, Derfel, enquanto o seu juramento se mantiver válido.

- Não, senhor.

Ele soltou um suspiro.

- Odeio todo este rancor em torno dos deuses. Mas Guinevere não se cansa de me dizer que sou cego em relação

aos deuses. Segundo ela é o meu único defeito -

sorriu. - Se está ligado a Merlim por um juramento, Derfel, então tem de acompanhá-lo.

Para onde te leva ele?

- Para *Ynys Mon*, senhor.

Fitou-me em silêncio durante alguns segundos e depois estremeceu.

- Vai para *Lleyn*? perguntou, incrédulo. - Ninguém sai vivo de *Lleyn*.

- Eu sairei - vangloriei-me.

- Faça isso, Derfel, faça isso. - Parecia melancólico. - Preciso que me ajude a derrotar os Saxões. Depois disso, talvez possa regressar a *Dumnónia*. Guinevere não é

mulher que guarde ressentimentos.

Tinha dúvidas quanto a isso, mas nada disse.

- Mandarei chamá-lo na Primavera, - prosseguiu Artur, - e rezo para que sobrevivas a *Lleyn*. - Enfiou um dos braços no meu e acompanhou-me de volta à casa. -

E se alguém perguntar alguma coisa, Derfel, acabei de repreendê-lo violentamente.

Amaldiçoei-o e cheguei mesmo a agredi-lo.

Desatei a rir.

- Perdôo-lhe a agressão, senhor.

- Considere-se repreendido - disse ele, - e considere-se também o segundo homem mais afortunado da Bretanha.

”O homem mais afortunado do Mundo”, pensei eu, já que tinha junto a mim o desejo da minha alma. Ou viria a ter, que os deuses nos livrassem do mal, quando Merlim tivesse o seu.

Fiquei de pé observando a partida dos lanceiros. O estandarte de Artur, representando um urso, espreitou brevemente por entre as árvores. Ele acenou, montou no seu cavalo e partiu.

E nós ficamos sozinhos.

Não estava, pois, em *Dumnónia* para assistir ao regresso de Artur. Teria gostado disso, pois ele regressava como herói a um país que desdenhara as suas chances de sobrevivência e conspirara para substituí-lo por criaturas menores.

A comida escasseava no Outono, já que a guerra inesperada tinha esgotado as novas colheitas. Não havia fome, no entanto, e os homens de Artur cobravam tributos justos. Podem parecer progressos de pouca monta, mas depois dos acontecimentos de anos recentes causaram grande agitação por todo o país. Só os ricos pagavam tributos ao Tesouro Real. Alguns faziam-no em ouro, mas a maioria contribuía com cereais, couro, linho, sal, lã e peixe seco que, em contrapartida, lhes haviam sido entregues pelos respectivos arrendatários. Nos últimos anos, os ricos pouco tinham pago ao rei enquanto os pobres tinham pago muito aos ricos. Deste modo, Artur ordenou aos seus lanceiros que inquirissem junto dos pobres qual o tributo que lhes tinha sido cobrado e que, com base nas suas respostas, procedessem à cobrança junto dos ricos. No final, um terço da colheita foi entregue a igrejas e magistrados, para que estes pudessem distribuir alimentos durante o Inverno. Esse ato só por si foi o suficiente para que *Dumnónia* percebesse que o país tinha um novo poder, e apesar de alguns sinais de descontentamento entre os ricos, nenhum deles se atreveu a oferecer qualquer oposição a Artur. Ele era o senhor da guerra do reino de Mordred, o vencedor do Vale do *Lugg*, o chacinador de Reis, e aqueles que antes lhe ofereciam resistência hoje temiam-no.

Mordred foi entregue aos cuidados de Culhwuch, primo de Artur e um guerreiro rude e honesto que, provavelmente,

estava pouco interessado no destino de uma criança pequena e difícil. Culhwuch estava muito ocupado em conter a revolta desencadeada por Cadwy de *Isca* nas longínquas regiões ocidentais da *Dumnónia*, e segundo ouvi dizer liderou os seus homens numa campanha-relâmpago através das imensas charnecas, rumando depois para Sul para as paisagens agrestes da costa. Arrasou o coração dos domínios de Cadwy e em seguida tomou de assalto o príncipe rebelde na velha fortaleza romana de *Isca*. As muralhas estavam degradadas e os veteranos do Vale do *Lugg* galgaram as muralhas da cidade e perseguiram os rebeldes através das ruas. O príncipe Cadwy foi capturado num santuário romano e aí foi desmembrado. Artur ordenou que partes do seu corpo fossem exibidas pelas cidades de *Dumnónia* e a sua cabeça, ostentando as inequívocas tatuagens azuis no rosto, foi enviada ao rei Mark de *Kernow*, o instigador da revolta. Em resposta, o rei Mark enviou um tributo em lingotes de estanho, uma selha de peixe defumado, três carapaças de tartaruga polidas que tinham dado à

costa nesta região agreste e um protesto de inocência, negando qualquer cumplicidade na rebelião de Cadwy.

Durante a tomada da fortaleza de Cadwy, Culhwuch encontrara algumas cartas que enviara a Artur. As cartas tinham sido enviadas pela facção cristã de *Dumnónia* e

tinham sido escritas antes da campanha que culminara no Vale do *Lugg*. Nelas se explicitavam em detalhes os planos destinados a livrar *Dumnónia* da presença de Artur.

Os cristãos tinham antipatizado com Artur desde que ele revogara a lei do Rei Supremo Uther, que isentava a igreja do pagamento de impostos e empréstimos, e tinham-se convencido que o seu Deus iria conduzir Artur para uma grande derrota às mãos de Gorfyddyd. Fora a perspectiva dessa derrota quase certa que os encorajara a pôr os seus pensamentos por escrito, e eram esses mesmos escritos que estavam na posse de Artur.

As cartas revelavam uma comunidade cristã ansiosa, que queria a morte de Artur mas que temia igualmente as incursões dos lanceiros pagãos comandados por Gorfyddyd. Para se salvarem e às suas riquezas estavam dispostos a sacrificar Mordred, e as cartas incitavam Cadwy a marchar sobre *Durnovária* durante a ausência de Artur, matar Mordred e entregar o reino a Gorfyddyd. Os cristãos prometiam-lhe auxílio e esperavam que as lanças de Cadwy os protegessem quando Gorfyddyd reinasse.

Em vez disso foram punidos.

Melwas, o Rei dos Belgas, aliado dos cristãos que se opunham a Artur foi designado como o novo governante

dos domínios de Cadwy. Isto dificilmente podia ser considerado uma recompensa, já que obrigava Melwas a viajar para muito longe da sua gente até um lugar onde Artur poderia seguir os seus movimentos de perto. Nabur, o magistrado cristão que detivera a guarda de Mordred e que se servira dessa posição para formar a facção que se opunha a Artur, e que era também o autor das cartas sugerindo o assassinato de Mordred, foi crucificado no anfiteatro de *Durnovária*. Nos dias que correm, obviamente, é considerado um santo e um mártir, mas quanto a mim apenas recordo Nabur como um mentiroso e um corrupto. Dois padres, um outro magistrado e dois proprietários rurais foram também condenados à morte. O último conspirador era o bispo Sansum, embora este fosse astuto demais para deixar que o seu nome ficasse registrado por escrito. Foi essa astúcia, aliada à estranha amizade que mantinha com Morgana, a irmã aleijada e pagã de Artur, que salvou a vida de Sansum. Jurou lealdade eterna a Artur, colocou uma mão sobre um crucifixo e jurou que nunca conspirara para matar o rei e isso valeu-lhe uma nomeação como guardião do santuário do Espinheiro Sagrado, em *Ynys Wydryn*. Sansum podia ser preso e ameaçado com uma espada ao pescoço, mesmo assim ele conseguiria libertar-se.

Morgana, a sua amiga pagã, fora a sacerdotisa de confiança de Merlim até

Nimue, mais jovem do que ela, ter usurpado a sua posição. Merlim e Nimue, porém, estavam ausentes em lugares distantes, o que colocava Morgana na posição de soberana virtual das terras de Merlim, em Avalon. Morgana, o rosto destruído pelo fogo escondido sob a sua máscara dourada e o corpo deformado pelas chamas envolto numa túnica negra, assumiu os poderes de Merlim tendo sido ela quem terminou a reconstrução do castelo de Merlim, no Tor, e quem organizou a cobrança de tributos na região norte das terras de Artur. Morgana tornou-se um dos conselheiros de maior confiança de Artur; na verdade, após a morte do bispo Bedwin no Outono desse ano, na seqüência de uma febre, Artur chegou a sugerir, contrariando todos os precedentes, que Morgana fosse nomeada conselheira efetiva. Nunca até então uma mulher tinha feito parte de Conselho do Rei na Bretanha e Morgana poderia muito bem ter sido a primeira, mas Guinevere impediu que isso se concretizasse. Guinevere não permitiria que nenhuma mulher fosse nomeada conselheira se ela própria não pudesse sê-lo. Além do mais, Guinevere odiava tudo o que era feio e, como os deuses bem sabem, a pobre Morgana era grotesca, mesmo quando usava a máscara dourada. Morgana permaneceu, então, em *Ynys Wydryn*, enquanto Guinevere supervisionava a construção do novo palácio em *Lindinis*.

Era um palácio deslumbrante. A antiga *villa* romana que Gundleus incendiara foi reconstruída e ampliada de forma

que as suas alas formadas por claustros albergassem dois enormes pátios fechados, onde a água corria através de canais de mármore.

Lindinis, que ficava próximo da colina real de *Caer Cadarn*, seria a nova capital de *Dumnónia*, embora Guinevere tivesse tomado as providências necessárias para que Mordred, aleijado do pé esquerdo, não obtivesse autorização para se aproximar do local.

Só as pessoas formosas poderiam permanecer em *Lindinis*, e nos seus pátios servidos por arcadas. Guinevere reuniu estátuas provenientes de *villas* e santuários de toda a *Dumnónia*. Não havia um santuário cristão, mas Guinevere mandou erigir um enorme e sombrio salão dedicado à deusa Ísis, bem como um elegante conjunto de aposentos onde Lancelot podia ficar instalado quando visitava o palácio, vindo da *Silúria*, o seu novo reino.

Elaine, a mãe de Lancelot, vivia nesses aposentos e ela, que outrora transformara *Ynys Trebes* um lugar extremamente belo, ajudava agora Guinevere a fazer do palácio de *Lindinis* um santuário de beleza.

Artur, segundo sei, raramente se deslocava a *Lindinis*. Estava muito ocupado com os preparativos da grande guerra contra os Saxões, e pensando nela dera início à

refortificação das antigas cidadelas de terra do sul da *Dumnónia*. Até *Caer Cadarn*, perdida no coração do nosso país, viu as suas muralhas serem reforçadas ao mesmo tempo em que novas plataformas de combate em madeira eram colocadas nos contrafortes. Os trabalhos de maior vulto, contudo, tiveram lugar em *Caer Ambra*, a uma escassa meia-hora de caminho a leste das Pedras; esta deveria ser a sua nova base de combate contra os Sais. Os antigos tinham aí construído um forte, mas durante o Outono e o Inverno os escravos trabalharam arduamente para fortalecer as antigas paredes de terra e construir novas paliçadas e plataformas de combate no alto das muralhas. Outras fortificações foram reparadas a sul de *Caer Ambra*, com o objetivo de defender as terras mais baixas de *Dumnónia* das investidas dos saxões do sul liderados por Cerdic, que com certeza atacariam enquanto Artur assaltava Aelle, no Norte. Nunca desde o tempo dos Romanos, atrevo-me a dizer, se tinha visto cavar tanta terra britânica ou serrar tanta madeira, e os tributos honestos cobrados por Artur jamais seriam suficientes para pagar metade de todo esse esforço. Foi então que ele decidiu impor um imposto às prósperas e poderosas igrejas cristãs do sul da Bretanha, as mesmas que haviam apoiado as diligências de Nabur e de Sansum para derrubá-lo. O dinheiro destes impostos acabaria por ser devolvido, tendo protegido os cristãos das sinistras atenções dos saxões idólatras.

Os cristãos, porém, nunca perdoaram Artur, da mesma forma que não perceberam que impostos semelhantes foram cobrados de um conjunto de santuários pagãos que ainda possuíam algumas riquezas.

Nem todos os cristãos eram inimigos de Artur. Pelo menos um terço dos seus soldados era cristão, e estes homens eram tão leais como qualquer pagão. Muitos outros cristãos aprovavam o seu governo, mas a maioria dos dirigentes eclesiásticos deixaram que a sua cobiça ditasse as leis que regiam a sua lealdade e eram esses os seus verdadeiros opositores. Acreditavam que o seu Deus haveria de regressar à terra um dia e caminhar no meio de nós como qualquer mortal. No entanto, Ele só voltaria quando todos os pagãos tivessem sido convertidos à Sua fé. Os pregadores, cientes de que Artur era pagão, lançavam-lhe maldições, mas Artur ignorava as suas palavras durante os seus infundáveis périplos pelo sul da Bretanha. O dia chegaria em que ele e Sagramor estariam juntos na fronteira de Aelle e, no dia seguinte, estariam lutando contra um dos bandos de guerreiros de Cerdic que avançavam pelos vales a sul. Depois cavalgaria para norte, através da *Dumnónia* e direito a *Isca* depois de ter atravessado *Gwent*, onde negociaria com os chefes locais o número de soldados que poderiam ser recrutados a ocidente de *Gwent* e a leste da *Silúria*. Graças ao Vale do *Lugg*, Artur era agora muito mais do que o Senhor Supremo de *Dumnónia* e do que o tutor de

Mordred. Era o senhor da guerra da Bretanha, o líder indiscutível de todos os nossos exércitos, e não havia rei que se recusasse a atender aos seus chamados ou que, naqueles dias, quisesse fazê-lo.

No entanto, tudo isto eu perdi, pois me encontrava em *Caer Sws* na companhia de Ceinwyn, apaixonado. E esperava Merlim.

Merlim e Nimue chegaram a *Cwm Isaf* poucos dias antes do solstício de Inverno.

Nuvens negras acumulavam-se por cima das copas desfolhadas dos carvalhos nas serranias em volta e a geada matinal persistia já a tarde ia avançada. O ribeiro era um labirinto de placas de gelo e de água escorrendo gota a gota, as folhas mortas estavam quebradiças e o solo do vale era duro como pedra. Acendêramos uma fogueira no aposento central e a nossa casa estava suficientemente aquecida, ainda que estivesse saturada de fumaça que revolteava em torno do travejamento irregular antes de encontrar a pequena abertura na linha de junção do telhado. Outras fogueiras ardiam nos abrigos que os meus soldados tinham erigido em toda a extensão do vale; pequenas cabanas resistentes feitas de terra e pedras que suportavam telhados de madeira e fetos.

Tínhamos construído um abrigo para os animais na parte de trás da casa, onde um touro, duas vacas, três porcas, um javali, uma dúzia de carneiros e uma vintena de galinhas ficavam guardadas durante a noite, a salvo dos ataques dos lobos. Havia muitos lobos nos bosques em redor e os seus uivos ecoavam todos os dias à hora do crepúsculo; em certas noites era possível ouvir o arranhar das suas garras do outro lado da cabana dos animais. Os carneiros baliavam tristemente, as galinhas cacarejavam assaltadas pelo pânico, e Issa, ou quem quer que estivesse de guarda, gritava e atirava violentamente um tição na direção da orla do bosque para espantar os lobos. Uma manhã bem cedo, quando me dirigia até o ribeiro para buscar água, dei comigo frente a frente com um lobo velho e enorme. Tinha bebido água, mas no momento em que saí do meio dos arbustos, ele ergueu o focinho cinzento, fitou-me e depois esperou pela minha saudação antes de se afastar silenciosamente rio acima. Era, decidi eu, um bom presságio e durante aqueles dias em que aguardávamos a chegada de Merlim valorizávamos os presságios.

Também caçávamos lobos. Cuneglas nos dera três parcelhas de cães de lobo peludos, maiores e mais hirsutos do que os famosos galgos de *Powys* e iguais aos que Guinevere tinha em *Dumnónia*. O esporte mantinha ativos os meus soldados e até

Ceinwyn gostava daqueles dias longos e frios passados nos bosques frondosos. Usava calções de couro, botas altas, um justilho de pele e uma comprida faca de caça presa à

cintura. Entrançava os cabelos loiros e prendia-os na nuca, depois escalava rochedos, descia ravinas, saltava por cima de árvores mortas no encaço da sua parelha de galgos escoceses presos por longas cordas feitas de crinas de cavalo, que faziam as vezes de trelas. A maneira mais simples de caçar lobos era com arco e flecha, mas como poucos de nós possuíam talento para tal usávamos cães, lanças de guerra e fâcas. Quando Merlim finalmente regressou, a arrecadação de Cuneglas albergava já uma rima de peles de lobo. O rei expressara a sua vontade de que regressássemos a *Caer Sws*, mas Ceinwyn e eu nos sentíamos tão felizes quanto a antecipação da prova a que seríamos submetidos por Merlim nos permitia, por isso ficamos no nosso vale contando os dias.

E como fomos felizes em *Cwm Isaf*. Ceinwyn sentia um prazer ridículo na execução de todas as tarefas que até então tinham estado a cargo dos seus servos.

Estranhamente, porém, nunca conseguiu torcer o pescoço de um frango e eu jamais fui capaz de conter o riso sempre que a via matar uma galinha. Não tinha precisava fazê-lo, já que qualquer um dos servos poderia ter morto a ave e os

meus soldados estavam dispostos a fazer tudo por Ceinwyn, mas ela insistia em dividir as tarefas, ainda que quando se tratava de matar galinhas, patos e gansos não conseguisse fazê-lo como devia ser. O único método que foi capaz de inventar foi deitar a pobre criatura no chão, colocar um dos seus pequenos pés sobre o pescoço da ave e, em seguida, fechando os olhos com força, aplicar um golpe rápido e decisivo na cabeça.

Tinha mais sucesso com a roca. Todas as mulheres da Bretanha, à exceção das muito abastadas, nunca se separavam da roca e do fuso, já que fiar era uma daquelas tarefas infundáveis que provavelmente durarão até o Sol concluir a sua última volta em torno da Terra. Mal os tosões de um determinado ano acabavam de ser transformados em fio, já os tosões do ano seguinte enchiam as arrecadações, e as mulheres juntavam grandes quantidades de lã que lavavam e desembaraçavam antes de retomarem a fiação.

Fiavam enquanto caminhavam, fiavam enquanto conversavam, fiavam sempre que nenhuma outra tarefa as obrigava a usar as mãos. Era um trabalho monótono, estúpido, mas que exigia perícia. No início, Ceinwyn apenas conseguia produzir pequenos e patéticos farrapos de lã, mas foi se aperfeiçoando com o tempo, embora nunca chegasse a ser tão rápida como as mulheres que fiavam lã desde o primeiro dia em que as suas mãos tinham atingido o tamanho

suficiente para segurar a roca. Sentava-se, à noite, e contava-me como lhe tinha corrido o dia enquanto virava o esteio com a mão esquerda e, com a direita, afastava o fuso pesado que pendia da roca para assim alongar e torcer o fio que entretanto surgia. Quando o fuso tocava o chão, ela enrolava o fio em volta dele, prendia o rolo de fio com uma mola feita de osso na parte superior do fuso e recomeçava a fiar. A lã que ela fiou naquele Inverno era grumosa ou frágil, mas, lealmente, usei uma das camisas feitas por ela com esse fio até a mesma se desfazer.

Cuneglas visitava-nos com freqüência, embora a esposa, Helled, nunca o acompanhasse. A rainha Helled era muito convencional e reprovava profundamente a atitude de Ceinwyn.

- Ela acha que isso prejudica a família - disse-nos Cuneglas, alegremente.

Tal como Artur e Galaad, ele se tornou um dos meus amigos mais queridos.

Julgo que ele se sentia só em *Caer Sws*, onde além de Iorweth e de alguns dos druidas mais jovens tinha poucos homens com quem conversar sobre outros assuntos que não fossem a caça e a guerra. Acho que acabei por substituir os irmãos que ele havia perdido.

O mais velho, que deveria ter se tornado rei, morrerá em consequência de uma queda de cavalo, o outro fora atingido por uma febre mortal e o mais novo tombara num combate contra os Saxões. Cuneglas, tal como eu, discordava por completo da ida de Ceinwyn à

Estrada Sombria, mas me disse que só o gume de uma espada a deteria.

- Todos a vêem como uma pessoa muito doce e gentil - disse-me, - mas tem uma vontade férrea. Obstinada.

- Não consegue matar um frango.

- Nem consigo imaginá-la tentando fazer isso! - riu ele. - Mas está feliz, Derfel, e estou grato a você por isso.

Eram tempos felizes, um dos períodos mais felizes entre os mais felizes, embora sempre assombrado pela certeza da vinda de Merlim, que chegaria para exigir o cumprimento dos nossos juramentos.

Chegou numa tarde gelada. Eu estava lá fora partindo com um machado de guerra saxão uma série de toros acabados de cortar, e Ceinwyn estava dentro de casa, tentando serenar uma discussão que se desencadeara entre as suas servas e a impetuosa Scarach, quando os sons emitidos por um corno ressoaram por todo o vale.

Era um sinal dos meus homens, avisando-nos que um estranho se aproximava de *Cwm Isafe* e mal tivera tempo de baixar o machado quando pude vislumbrar a figura alta de Merlim entre as árvores. Nimue acompanhava-o. Ficara conosco uma semana depois da noite do noivado de Lancelot e depois, sem uma palavra, esgueirara-se durante a noite para regressar agora, vestida de negro, ao lado do seu amo, que usava a sua longa túnica branca.

Ceinwyn saiu da casa. Tinha o rosto enfarruscado e as mãos manchadas com o sangue de uma lebre que estivera limpando.

- Pensei que ele viria com um bando de guerreiros - disse ela, fixando os olhos azuis em Merlim.

Fora isso que Nimue nos dissera antes de partir; que Merlim estava reunindo o exército que o protegeria ao longo da Estrada Sombria.

- Talvez os tenha deixado junto ao rio - sugeri eu.

Afastou uma madeixa de cabelo da cara, acrescentando uma mancha de sangue à fuligem que lhe cobria o rosto.

- Não está com frio? - perguntou ela, pois eu despira-me da cintura para cima enquanto cortava a lenha.

- Ainda não - respondi, mas vesti uma camisa de lã à medida que Merlim saltava o ribeiro com as suas longas pernas. Os meus soldados, antecipando as novidades, deixavam os seus abrigos para segui-lo, mas permaneceram do lado de fora da casa quando ele baixou o seu corpo alto para transpor o nosso lintel baixo.

Não esboçou qualquer gesto de saudação, limitando-se a passar por nós e a

entrar em nossa casa. Nimue seguiu-o e quando Ceinwyn e eu entramos já estavam agachados junto ao fogo. Merlim aproximou as mãos esquálidas do braseiro e, em seguida, pareceu soltar um longo suspiro. Não falou e nenhum de nós queria questioná-lo. Eu, tal como ele, fui sentar-me à beira das chamas enquanto Ceinwyn colocava metade da lebre dentro de uma taça e limpava as mãos ensangüentadas. Fez sinal às servas e a Scarach para que deixassem a casa e depois se sentou ao meu lado.

Merlim estremeceu e depois pareceu relaxar. As suas longas costas curvaram-se quando ele arqueou os ombros e se chegou para frente com os olhos fechados.

Permaneceu naquela posição durante muito tempo. O seu rosto castanho exibia as marcas deixadas pelas rugas pronunciadas e a barba estava tingida de um branco

surpreendente. Como todos os druidas rapara a parte anterior do crânio, mas naquele momento a sua tonsura estava encoberta por uma fina camada de cabelos brancos curtos, a prova de que andava em viagem havia muito tempo sem ter acesso a uma navalha de barba e a um espelho de bronze. Tinha um ar tão envelhecido naquele dia e curvado como estava, à beira da lareira, parecia até frágil.

Nimue estava sentada em frente dele, sem dizer palavra. Levantou-se uma vez para pegar a *Hywelbane*, que estava pendurada num gancho suspenso da trave principal do teto, e a vi sorrir quando reconheceu os dois fragmentos de osso incrustados no punho da espada. Desembainhou a lâmina, aproximando-a em seguida da zona da lareira onde havia mais fumaça. Quando o metal ficou coberto de fuligem rabiscou com cuidado uma inscrição com um pedaço de palha. As letras eram diferentes destas com que eu agora escrevo, e que são usadas tanto por nós como pelos Saxões; eram caracteres mágicos e antigos, simples traços cortados por barras que só os druidas e os feiticeiros utilizavam.

Apoiou a bainha da espada contra a parede e tornou a pendurar a espada no gancho respectivo, mas não adiantou qualquer explicação sobre o significado do que tinha escrito.

Merlim ignorou-a.

Abriu os olhos subitamente e a debilidade que aparentara foi substituída por uma terrível ferocidade.

- Lanço uma maldição - disse, lentamente - sobre as criaturas da *Silúria*. -

Estalou os dedos na direção do fogo e uma língua de chamas mais vivas fez estalar a madeira. - Que as suas colheitas mirrem, o seu gado se torne estéril, os filhos aleijados, as lâminas das suas espadas se partam e os seus inimigos saiam vitoriosos.

Para ele tratava-se de uma maldição suave, mas a sua voz deixava transparecer uma malevolência sibilante.

- E quanto a *Gwent* - continuou, - ordeno que sobre ela se abata a peste, que caiam geadas no Verão e que os ventres mirrem até se tornarem ocos - cuspiu para as chamas. - Em *Elmet*, as lágrimas formarão lagos, as pragas encherão as sepulturas e os ratos tomarão conta dos lares - tornou a cuspir. Quantos homens levará, Derfel?

- Todos os que tenho, senhor - hesitei em admitir quão reduzido era o seu número, mas por fim respondi: - vinte escudos.

- E os teus homens que ainda estão com Galaad? - Lançou-me um rápido olhar de relance, os olhos escondidos debaixo

das farfalhudas sobranceiras brancas. -

Quantos são?

- Não tive notícias deles, senhor.

Esboçou um sorriso de escárnio.

- Formaram uma guarda palaciana para Lancelot. Ele insistiu nisso. Transformou o irmão em porteiro.

Galaad era meio-irmão de Lancelot e o mais diferente dele que se possa imaginar.

- Ainda bem - olhou para Ceinwyn - que não casou com Lancelot, senhora.

Ela sorriu.

- Também penso assim, senhor.

- Ele acha a *Silúria* um tédio. Não posso censurá-lo por isso, mas irá procurar os confortos de *Dumnónia* e será uma serpente no seio de Artur- sorriu. – A senhora, deveria ter sido o seu brinquedo.

- Prefiro estar aqui - disse Ceinwyn, indicando com um gesto as nossas toscas paredes de pedra e o travejamento do teto manchado pela fumaça.

- Mas ele tentará atingi-los - preveniu-a Merlim. - O seu orgulho voa mais alto do que a águia de *Lleullaw*, senhora, e Guinevere amaldiçoou-a. Matou um cão no templo de Ísis e forrou uma cadela estropiada com a sua pele, dando-lhe depois o seu nome.

Ceinwyn empalideceu, fez o sinal para afastar o mal e cuspiu para o fogo.

Merlim encolheu os ombros.

- Eu contra-ataquei essa maldição, senhora - disse ele, esticando depois os longos braços e inclinando a cabeça para trás, de modo que as tranças adornadas por fitas quase tocaram o chão coberto de juncos. - Ísis é uma deusa estrangeira, e o seu poder é fraco aqui. - Tornou a puxar a cabeça para a frente e esfregou os olhos com as mãos compridas. - Voltei de mãos vazias. Não houve um só homem em *Elmet* que tivesse dado um passo à frente, ninguém que o tivesse feito em lugar nenhum. As suas lanças, dizem eles, estão guardadas para as barrigas saxãs. Não lhes ofereci ouro, nem prata, apenas um combate em nome dos deuses. Em troca, eles ofereceram-me as suas preces e deram ouvidos às mulheres, que lhes falaram de filhos, cantos de fogão e cabeças de gado e eles afastaram-se, furtivos e envergonhados. Oitenta homens! Era tudo o que eu queria. Diwmach é capaz de juntar duzentos, talvez mais, mas

oitenta seriam suficientes.

No entanto, nem oito se mostraram dispostos a me acompanhar. Os seus senhores prestam agora vassalagem a Artur. O Caldeirão, dizem eles, pode esperar até que *Lloegyr* seja de novo nossa. Querem as terras saxãs e o ouro saxão e eu nada mais lhes ofereci a não ser sangue e frio na Estrada Sombria.

Seguiu-se um silêncio. Um toro desmoronou na lareira e lançou uma constelação de faíscas na direção do teto escurecido.

- Não houve um só homem que tivesse colocado a sua lança à disposição? -

perguntei, pasmo com as notícias.

- Alguns - disse ele, com desdém, - mas ninguém em quem eu pudesse confiar.

Ninguém que fosse digno do Caldeirão - fez uma pausa, parecendo de novo cansado. -

Luto contra o engodo do ouro saxão e contra Morgana. Ela está contra mim.

- Morgana! - Não consegui esconder o meu espanto.

Morgana, a irmã mais velha de Artur, fora a companheira mais próxima de Merlim até Nimue ter usurpado o seu lugar, e embora Morgana odiasse Nimue nunca pensei que o seu ódio se estendesse também a Merlim.

- Morgana - disse ele, num tom inexpressivo. - Espalhou uma mentira por toda a Bretanha. Segundo ela, os deuses opõem-se à minha busca e eu estou condenado a sair derrotado; e a minha morte arrastará também a morte de todos os meus companheiros.

Sonhou com esta história e o povo simples acredita nos sonhos dela. Estou velho, diz ela, e fraco e doido.

- Ela diz - interveio Nimue, suavemente, - que será morto por uma mulher, não por Diwrnach.

Merlim encolheu os ombros.

- Morgana está fazendo seu próprio jogo, que ainda não compreendo. - Remexeu dentro de um dos bolsos da túnica e tirou uma mão-cheia de erva seca atada num nó.

Todos os caules pareciam iguais aos meus olhos, mas ele estudou-os e escolheu um que estendeu na direção de Ceinwyn.

- Liberto-a do seu juramento, senhora.

Ceinwyn olhou-me de soslaio e depois tornou a fixar a erva.

- Ainda vai tomar a Estrada Sombria, senhor? - perguntou ela a Merlim.

- Sim.

- Mas como vai encontrar o Caldeirão sem mim?

Encolheu os ombros, mas não respondeu.

- E como vai encontrá-lo com ela? - perguntei eu, pois ainda não tinha percebido a razão por que deveria ser uma virgem a encontrar o Caldeirão, ou por que motivo essa virgem tinha de ser Ceinwyn.

Merlim tornou a encolher os ombros.

- O Caldeirão sempre foi guardado por uma virgem. Mesmo neste momento, se a informação dos meus sonhos está correta, e só outra virgem poderá revelar o local onde ele se encontra escondido. Sonharia com ele - disse para Ceinwyn, - se estiver disposta a vir comigo.

- Irei, senhor - disse Ceinwyn, - tal como prometi.

Merlim tornou a guardar a erva dentro do bolso antes de passar novamente as suas longas mãos pelo rosto.

- Partimos dentro de dois dias - anunciou, sem rodeios. - Têm de cozer pão, embalar carne e peixe secos, afiar as suas armas e certificarem-se de que têm peles suficientes para enfrentar o frio.

Olhou para Nimue.

- Dormiremos em *Caer Sws*. Venha.

- Podem ficar aqui - sugeri.

- Tenho de falar com lorweth, - pôs-se de pé e a sua cabeça ficou ao nível das vigas do teto. - Liberto-os dos seus juramentos - disse num tom muito formal, - mas rezo para que mesmo assim me acompanhem. Será, no entanto, uma provação mais dura do que imaginam, e mais dura ainda do que fazem prever os seus mais terríveis pesadelos, pois eu ofereci o sacrifício da minha própria vida em troca do Caldeirão.

Baixou os olhos para nós e o seu rosto espelhava uma tristeza imensa.

- No dia em que pisarmos a Estrada Sombria, começarei a morrer, pois esse é o meu juramento, e não posso de modo nenhum garantir que este juramento será coroado de êxito. Se esta busca fracassar, morrerei e vocês ficarão sozinhos em *Lleyn*.

- Teremos Nimue - disse Ceinwyn.

- E ela será tudo o que terão - disse Merlim, com uma expressão carregada, virando-se em seguida para a porta. Nimue seguiu-o.

Ficamos sentados em silêncio. Acrescentei mais um toro ao fogo. Estava verde, pois toda a nossa lenha era composta de madeira ainda não amadurecida e cortada recentemente, razão pela qual ardia tão mal. Vi a fumaça engrossar e rodopiar na direção do travejamento do teto e depois segurei na mão de Ceinwyn.

- Você quer morrer em *Lleyn*?

- Não - respondeu ela, - mas quero ver o Caldeirão.

Olhei fixamente para o fogo.

- Ele o encherá com sangue - disse, baixinho.

Os dedos de Ceinwyn acariciaram os meus.

- Quando era criança, ouvi todas as histórias sobre a Bretanha, como os deuses viviam entre nós e todos se sentiam felizes. Não havia fome nesses tempos, nem pestes, só nós, os deuses e paz. Quero essa Bretanha de volta, Derfel.

- Artur diz que nunca poderemos tê-la de volta. Somos aquilo que somos e não o que outrora fomos.

- E em qual dos dois você acredita, - perguntou ela, - em Artur ou em Merlim?

Meditei durante muito tempo.

- Em Merlim - admiti, finalmente, talvez porque quisesse acreditar na sua Bretanha, onde todos os nossos sofrimentos desapareceriam por artes mágicas. Gostava igualmente da idéia que Artur fazia da Bretanha, mas esta implicava guerra, sacrifício e a fé em que todos os homens se portariam bem se fossem bem tratados. O sonho de Merlim exigia menos e prometia mais.

- Nesse caso acompanharemos Merlim - disse Ceinwyn. Hesitou, fitando-me. -

Está preocupado com a profecia de Morgana?

Abanei a cabeça.

- Ela é poderosa - disse eu, - mas não tanto como ele. Nem como Nimue.

Nimue e Merlim tinham sido ambos atingidos pelas Três Feridas da Sabedoria, enquanto Morgana sofrera apenas a

ferida do corpo e nunca a ferida do espírito ou a ferida do orgulho. No entanto, a profecia de Morgana era uma história arguta, pois em certo sentido Merlim estava desafiando os deuses. Queria domar os seus caprichos e, em troca, ofereceria a devoção de um país inteiro. Mas por que razão haveriam os deuses de querer ser subjogados? Talvez tivessem escolhido os poderes menores de Morgana como instrumento contra as interferências de Merlim, pois que outra coisa poderia explicar a hostilidade de Morgana? Ou talvez Morgana, tal como Artur, acreditasse que a busca de Merlim era um disparate, a procura desesperada de um velho por uma Bretanha que desaparecera com a chegada das Legiões. Para Artur, a luta era apenas uma: expulsar os reis saxões da Bretanha. E Artur teria dado cobertura aos rumores postos a circular pela irmã se isso significasse que nenhuma lança bretã seria desperdiçada contra os escudos tingidos de sangue de Diwrnach. Talvez Artur estivesse servindo-se da irmã para se certificar de que nenhuma das vidas preciosas de *Dumnónia* seria dissipada em *Lleyn*.

À exceção da minha vida, da dos meus homens e da minha adorada Ceinwyn. Pois nós estávamos presos por um juramento.

No entanto, Merlim desobrigara-nos e eu fiz uma última tentativa para persuadir Ceinwyn a permanecer em *Powys*. Contei-lhe que Artur acreditava que o Caldeirão já não

existia, que devia ter sido roubado pelos Romanos e transportado para a grande arca de tesouros que era Roma, para ser derretido e transformado em pentes para o cabelo, pregadores, moedas ou alfinetes. Disse-lhe tudo isto e quando me calei ela sorriu e voltou a perguntar em qual dos dois eu acreditava: Merlim ou Artur.

- Merlim - repeti.

- Eu também - disse Ceinwyn. - E partirei.

Assamos pão, embalamos comida e afiamos as nossas armas. E na noite seguinte, na véspera da nossa partida e do início da busca de Merlim, caíram as primeiras neves.

Cuneglas deu-nos dois pôneis, que carregamos com a comida e as peles. Depois pusemos a tiracolo os escudos decorados com uma estrela de cinco pontas e tomamos a estrada que seguia para Norte. Iorweth abençoou-nos e os lanceiros de Cuneglas acompanharam-nos durante os primeiros quilômetros. Todavia, logo que passamos os vastos e gelados baldios do Paul de Dugh, do outro lado das colinas a norte de *Caer Sws*, os soldados afastaram-se e deixaram-nos sozinhos. Dera a minha promessa a Cuneglas que protegeria a vida da irmã com a minha própria vida. Depois de me abraçar, ele me sussurrou ao ouvido:

- Mate-a, Derfel - disse, - mas não deixe que Diwrnach a leve.

Tinha os olhos marejados de lágrimas e, ao vê-las, quase mudei de idéia.

- Se lhe ordenardes que não vá, meu Rei e senhor - disse eu,
- talvez ela obedeça.

- Nunca - disse ele, - mas ela sente-se mais feliz neste momento do que alguma vez até hoje. Além disso, lorweth me diz que vocês vão regressar. Vá, meu amigo.

Recuou, deixando como prenda de despedida um saco com lingotes de ouro, que acomodamos num dos pôneis.

A estrada coberta de neve seguia para Norte, terminando em *Gwynned*. Nunca estivera naquele reino antes e achei que era um lugar rude e inóspito. Os romanos tinham chegado até ali, mas apenas no intuito de extrair chumbo e ouro. Tinham deixado marcas escassas na região e não a tinham dotado de qualquer legislação. Os seus habitantes viviam em cabanas escuras e atarracadas, que se amontoavam, desordenadas, no interior de muralhas circulares em pedra, no alto das quais se viam cães que rosnavam na nossa direção e onde tinham sido colocados crânios de lobos e de ursos para amedrontar os espíritos. *Dólmens* coroavam os cumes das colinas e de tantos em tantos quilômetros deparávamos com um mastro enterrado à beira da estrada, de onde pendiam ossos humanos e panos cortados em

farrapos. As árvores eram raras, os ribeiros estavam gelados e a neve bloqueava alguns dos desfiladeiros. Pernoitamos nas casas amontoadas, onde pagamos para nos aquecer com lascas de ouro raspadas dos lingotes oferecidos por Cuneglas.

Estávamos vestidos com peles. Ceinwyn e eu, à semelhança do que acontecia com os meus homens, estávamos envoltos em peles de lobo e de veado, mas Merlim usava uma roupa feita com o pêlo de um enorme urso negro. Nimue protegia-se com peles de lontra, muito mais leves do que as nossas. Ainda assim, ela parecia insensível ao frio, ao contrário de nós. Nimue era a única que não levava armas. Merlim tinha o seu bastão preto, uma arma terrível durante uma batalha, enquanto os meus homens estavam armados de lanças e espadas; até Ceinwyn transportava uma lança leve e atara à cintura a faca de caça. Não usava adornos de ouro e as pessoas que nos davam abrigo não faziam a menor idéia da sua condição. Reparavam no seu cabelo brilhante e concluíam que, tal como Nimue, era uma das adeptas de Merlim. Gostavam de Merlim, pois todos tinham ouvido falar dele e traziam os filhos aleijados até dele, para que ele os tocasse.

Demoramos seis dias para chegar a *Caer Gei*, onde Cadwallon, Rei de *Gwynned*, passava o Inverno. Tratava-se de uma fortaleza erigida no topo de uma colina. Abaixo do

rebordo saliente da construção estendia-se um vale fundo coberto de árvores altas que cresciam ao longo das encostas escarpadas. No fundo do vale, uma paliçada feita de toros rodeava um castelo de madeira, algumas arrecadações e uma vintena de abrigos, todos eles tingidos de branco pela neve e com longos pingentes de gelo suspensos nos beirais, o que emprestava ao quadro uma aparência fantasmagórica. Cadwallon revelou-se um velho azedo; o seu castelo tinha apenas um terço do tamanho do castelo de Cuneglas e a turba de guerreiros tentou fazer-nos crer que o chão de terra batida estava apinhado de camas. Entre resmungos conseguiram arranjar espaço para nós e colocar um biombo num dos cantos para Nimue e Ceinwyn. Nessa noite, Cadwallon brindou-nos com um banquete. Uma refeição pobre à base de carneiro salgado e cenouras estufadas, mas era o melhor que as suas arrecadações tinham para nos oferecer. Generosamente prontificou-se a livrar-nos do fardo que Ceinwyn representava para nós fazendo dela a sua oitava esposa, mas não se mostrou nem ofendido nem decepcionado quando ela recusou. As suas sete esposas, ainda vivas, eram mulheres morenas e carrancudas que partilhavam uma cabana redonda, onde se envolviam em alterações ruidosas e perseguiam os filhos umas das outras.

Caer Gei era um lugar deplorável, embora real, e custava a acreditar que Cunedda, o pai de Cadwallon, fora o Rei

Supremo que antecederia Uther de *Dumnónia*.

As lanças de *Gwynned* viviam tempos de vacas magras desde aqueles anos gloriosos.

Era difícil acreditar, também, que Artur tinha sido criado naquele lugar, à sombra daqueles cumes que naquele momento refulgiam sob o efeito do gelo e da neve. Fui ver a casa que tinha oferecido abrigo a sua mãe depois de Uther a ter repudiado e descobri que se tratava de uma construção com paredes de terra, sensivelmente do mesmo tamanho da nossa casa de *Cwm Isaf*. Ficava no meio de abetos, cujos ramos vergavam sob o peso da neve e estava virada para Norte, na direção da Estrada Sombria. A casa servia agora de morada a três soldados, suas famílias e respectivas cabeças de gado. A mãe de Artur era meia-irmã do rei Cadwallon, que era assim tio de Artur, embora Artur fosse filho ilegítimo e dificilmente pudesse esperar que essa relação gerasse muitas lanças destinadas à

campanha da Primavera contra os Saxões, liderada por Artur. Na verdade, Cadwallon enviara homens para combater Artur no Vale do *Lugg*, embora o envio desses soldados fosse mais uma medida de precaução no sentido de conservar a amizade de *Powys* e não tanto do ódio que o rei de *Gwynedd* pudesse alimentar contra *Dumnónia*. Na maioria das vezes, as lanças de Cadwallon estavam apontadas para Norte, na

direção de *Lleyn*.

O rei mandou chamar Byrthig, o Príncipe Herdeiro, para que este se juntasse ao banquete e nos falasse sobre *Lleyn*. O príncipe Byrthig era um homem baixo e atarracado, marcado por uma cicatriz que ia desde a têmpora esquerda até à barba espessa, passando pelo nariz quebrado. Tinha apenas três dentes, o que tornava os seus esforços para mastigar demorados e confusos. Servia-se dos dedos para roçar a carne contra o único dente da frente e deste modo desfazer a comida em lascas que empurrava com goles de hidromel. Toda esta operação laboriosa sujara a sua eriçada barba negra com o suco da carne e lascas meio mastigadas. Cadwallon, no seu jeito sombrio, ofereceu-o como marido a Ceinwyn e de novo pareceu ter ficado insensível perante a recusa gentil dela.

Diwrnach, contou o príncipe Byrthig, instalara a sua morada em *Boduan*, uma fortaleza situada no extremo ocidental da península de *Lleyn*. O rei era um dos Senhores Irlandeses do Outro Lado do Mar, mas o seu grupo de guerreiros, ao contrário do de Oengus de *Demétia*, não era composto por homens oriundos de uma única tribo irlandesa. Era, sim, um conjunto de fugitivos saídos de todas as tribos.

- Ele acolhe todos aqueles que atravessam as águas, e quanto mais sanguinários forem, melhor - disse-nos Byrthig.

- Os Irlandeses servem-se dele para se livrarem dos seus fora-da-lei e nos últimos tempos o seu número tem aumentado.

- Cristãos - resmungou Cadwallon, numa breve explicação, e depois deu uma cuspidela.

- *Lleyn* é cristã? - perguntei eu, surpreso.

- Não, - disparou Cadwallon, como se eu já devesse saber a resposta à minha pergunta. - Mas a Irlanda está vergando-se ao Deus cristão. Vergando-se em rebanho, e aqueles que não conseguem suportar esse Deus fogem para *Lleyn*. - Tirou a lasca de um osso da boca e inspecionou-a com uma expressão sisuda. - Em breve teremos de combatê-los.

- As tropas de Diwrnach estão crescendo? - perguntou Merlin.

- É o que nos dizem, embora ouçamos pouca coisa - replicou Cadwallon.

Olhou para o teto no momento em que o calor que enchia o salão derretia uma porção da neve que cobria o telhado inclinado. Ouviu-se um ruído áspero e prolongado seguido de um estalido suave quando a massa de gelo deslizou pela cobertura de colmo.

- Diwrnach - explicou Byrthig e a sua voz soava sibilina devido aos dentes deteriorados - quer apenas que o deixem em paz. Se não o incomodarmos, só

ocasionalmente ele fará o mesmo conosco. Os seus homens vêm para fazer escravos, mas já há poucas pessoas no Norte, e os homens dele não viajam para muito longe. No entanto, se o seu bando de guerreiros for superior às colheitas de *Lleyn* ele partirá em busca de novas terras, fiquem elas onde ficarem.

- *Ynys Mon* é famosa pelas suas colheitas - disse Merlim. - *Ynys Mon* era a grande ilha que ficava ao largo da costa norte de *Lleyn*.

- *Ynys Mon* produz o suficiente para alimentar um milhar de bocas - concordou Cadwallon, - mas só se houver pessoas em número suficiente para semear e ceifar, e as vidas dos seus habitantes não são poupadas. Ninguém escapa. Todos os bretões de bom-senso deixaram *Lleyn* há muitos anos e os que ficaram estão subjugados pelo terror.

O mesmo fariam vocês, se Diwrnach os fizesse uma visita à procura do que lhe interessa.

- Que é? - perguntei.

Cadwallon olhou-me, fez uma pausa e depois encolheu os

ombros.

- Escravos - disse.

- E vocês - inquiriu Merlim, num tom de voz insinuante - pagam-lhe o tributo exigido?

- É um pequeno preço a pagar, a bem da paz.

Cadwallon rejeitou a acusação.

- Quantos? - quis saber Merlim.

- Quarenta por ano - admitiu finalmente Cadwallon. - A maior parte são crianças órfãs e, por vezes, alguns prisioneiros. As garotas, no entanto, são o que o deixam mais satisfeito. - Lançou um olhar pensativo a Ceinwyn. - Ele tem uma queda por garotas.

- Muitos homens têm, meu Rei - respondeu Ceinwyn, secamente.

- Não como Diwmach - advertiu-a Cadwallon. - Os feiticeiros dele disseram-lhe que um escudo forrado com a pele curtida de uma virgem seria invencível numa batalha. -

Encolheu os ombros. - Quanto a mim, não posso dizer que alguma vez o tenha experimentado.

- Envia-lhe crianças, então? - disse Ceinwyn, em tom acusatório.

- Conhece outro tipo de virgens? - respondeu Cadwallon.

- Nós pensamos que ele foi tocado pelos deuses - disse Byrthig, como se isso explicasse o apetite de Diwrnach por escravas virgens, - pois parece louco. Um dos seus olhos é vermelho - interrompeu-se para triturar um pedaço de carneiro cinzento com o dente da frente. - Ele forra os escudos com pele - continuou, depois de ter reduzido a carne a uma película fina, - e depois os pinta com sangue. Por isso é que os seus homens chamam a si mesmos Escudos Sanguinários.

Cadwallon fez o sinal para afastar os espíritos maléficos.

- E alguns homens dizem que ele come a carne das meninas - prosseguiu Byrthig, - mas não sabemos se isso é verdade. Quem sabe o que os loucos são capazes?

- Os loucos são íntimos dos deuses - rugiu Cadwallon. Era óbvio que se sentia aterrorizado pelo seu vizinho do Norte, "e não era para menos", pensei eu.

- Certos loucos são íntimos dos deuses - disse Merlim, - mas não todos.

- Diwrnach é - preveniu-o Cadwallon. - Ele faz o que quer, a quem quer, como quer e os deuses o protegem enquanto o faz.

Uma vez mais fez o gesto para afastar o mal, e de súbito desejei estar de volta à

longínqua *Dumnónia*, onde havia tribunais, palácios e longas estradas romanas.

- Duzentas lanças - disse Merlim - seriam suficientes para expulsar Diwrnach de *Lleyn*. Poderiam empurrá-lo para o mar.

- Tentamos uma vez - disse Cadwallon, - e cinqüenta dos nossos homens morreram afogados na maré no espaço de uma semana, enquanto outros cinqüenta tiritavam, inundados pelos seus próprios excrementos. Nem uma só vez os seus guerreiros deixaram de nos cercar montados nos seus pôneis, uivando e manuseando as suas longas lanças que jorravam da noite. Quando chegamos a *Boduan* tudo o que havia era um muro enorme onde estavam penduradas coisas moribundas que se esvaíam em sangue, gritavam e se contorciam nos ganchos que as prendiam. Nenhum dos meus homens se atreveu a trepar por aquele horror acima. Nem eu. E se o tivesse feito, de que me serviria isso? Ele teria fugido para *Ynys Mon* e eu teria precisado de dias e semanas até conseguir arranjar barcos para segui-lo por

água. Não disponho nem de tempo, nem de soldados, nem de ouro suficiente para empurrar Diwrnach para o mar, por isso entrego-lhe as crianças.

Gritou para um escravo, para que este lhe trouxesse mais carne e em seguida lançou um olhar irritado a Ceinwyn.

- Entregue-a a ele - disse ele a Merlim - e então ele talvez lhe dê o Caldeirão.

- Não lhe darei nada em troca do Caldeirão - respondeu Merlim. - Além do mais, ele nem sabe que o Caldeirão existe.

- Agora já sabe - acrescentou Byrthig. - Toda a Bretanha conhece a razão que os leva a viajar para Norte. E por acaso acha que os feiticeiros dele não querem encontrar o Caldeirão?

Merlim sorriu.

- Envie seus lanceiros comigo, meu Rei, e juntos nos apoderaremos do Caldeirão e de *Lleyn*.

Cadwallon bufou ao ouvir a proposta.

- Diwrnach, Merlim, ensina a um homem como deve ser bom vizinho. Permitirei que atravesse o meu território, pois temo as pragas que possa rogar se o não fizer. Mas nem um dos

meus homens o acompanhará, e quando os teus ossos forem enterrados nas areias de *Lleyn* direi a Diwrnach que nada tive que ver com o fato de ter violado a minha propriedade.

- Irá revelar-lhe a estrada que vamos tomar? - perguntou Merlim, já que nesse momento tínhamos de escolher entre duas estradas. Uma contornava a costa e era a estrada para norte habitualmente usada no Inverno, e a outra era a Estrada Sombria que muitos homens reconheciam ser intransitável durante o Inverno. Merlim esperava que viajando pela Estrada Sombria poderia surpreender Diwrnach e sair de *Ynys Mon* antes mesmo que ele tivesse dado pela nossa presença.

Cadwallon sorriu pela única vez naquela noite.

- Ele já sabe - disse o rei, olhando depois para Ceinwyn, a figura mais resplandecente entre todas as que se encontravam no salão escurecido pelo fumaça. - E

sem dúvida que aguarda ansiosamente a sua chegada.

Será que Diwrnach sabia que estávamos pensando em percorrer a Estrada Sombria? Ou estaria Cadwallon fazendo conjecturas? Fosse como fosse cuspi, para que todos ficássemos protegidos do mal. O Solstício chegaria em breve, a longa noite do ano em que a vida está em declínio, a esperança vacila e os demônios dominam os ares. E

seria nessa altura que atravessaríamos a Estrada Sombria.

Cadwallon tomava-nos por loucos, Diwrnach aguardava-nos e nós nos cobrimos com as nossas peles e adormecemos.

Na manhã seguinte, o Sol brilhava, transformando os cumes circundantes em espigões de um branco ofuscante que feria os olhos. O céu estava quase límpido e um vento forte arrancava a neve do solo formando nuvens de partículas reluzentes que deslizavam com suavidade ao longo da terra alva, Carregamos os pôneis, aceitamos a pele de carneiro com que Cadwallon nos presenteou de má vontade e iniciamos a nossa marcha na direção da Estrada Sombria, que começava precisamente a norte de *Caer Gei*.

Era uma estrada despovoada, onde não havia uma única casa, uma só alma que nos oferecesse abrigo. Nada, a não ser uma trilha acidentada que furava a barreira formada pelas montanhas agrestes e protegia o coração do território de Cadwallon dos Escudos Sanguinários de Diwrnach. Dois postes assinalavam o início da estrada, ambos encimados por crânios humanos embrulhados em farrapos e de onde pendiam longos pingentes de gelo que retiniam embalados pelo vento. Os crânios estavam virados para norte, na direção de Diwrnach, quais dois talismãs destinados a manter a influência maléfica deste e do outro lado das montanhas. Vi Merlim tocar um amuleto de ferro que trazia

pendurado ao pescoço no momento em que passávamos entre os dois crânios e recordei a terrível promessa segundo a qual começaria a morrer no instante em que pisasse a Estrada Sombria. No momento em que as nossas botas calcaram a imaculada camada de neve que cobria a estrada, eu soube que aquele juramento de morte começara a funcionar. Fitei-o, mas não vi sinais de angústia ao longo de todo aquele dia à

medida que escalávamos as colinas, deslizando na neve e caminhando penosamente, envoltos na nuvem de neblina formada pela nossa própria respiração. Nessa noite pernoitamos na cabana abandonada de um pastor que, ditosamente, ainda conservava um telhado grosseiro feito de tábuas velhas e palha podre com a qual ateamos uma fogueira que tremeluzia debilmente na escuridão nívea.

Na manhã seguinte, ainda não tínhamos percorrido uns duzentos e cinqüenta metros quando um corno soou nas nossas costas. Paramos, viramo-nos e fazendo uma pala com as mãos para proteger os olhos vimos uma fila de homens formando uma linha escura no alto de uma colina ao longo da qual tínhamos deslizado na tarde do dia anterior. Eram quinze, todos armados com escudos, espadas e lanças, e quando viram que tinham atraído as nossas atenções iniciaram a descida da traiçoeira colina coberta de neve, ora correndo ora escorregando ao longo da encosta. À medida

que avançavam produziam grandes nuvens turvas que o vento empurrava para oeste.

Sem esperarem pelas minhas ordens, os meus homens formaram uma linha, desapertaram os escudos e baixaram as lanças para constituir um escudo defensivo que atravessava a estrada. Eu atribuíra as responsabilidades de Cavan a Issa e ele gritou-lhes que se mantivessem firmes. No entanto, mal ele acabara de falar quando eu reconheci a curiosa insígnia pintada num dos escudos agora cada vez mais próximos. Era uma cruz, e eu só conhecia um único homem que usasse aquele símbolo cristão.

Galaad.

- Companheiros! - gritei para Issa e depois desatei a correr. Naquele momento conseguia ver claramente os homens que se aproximavam. Todos eles faziam parte do grupo de soldados que eu deixara na *Silúria*, forçados a servir na guarda palaciana de Lancelot. Os seus escudos ainda ostentavam a máscara de urso que era a insígnia de Artur, embora fossem comandados pela cruz de Galaad. Tal como eu, Galaad acenava e gritava, pelo que nenhum de nós ouviu uma só palavra do que o outro disse até termos caído nos braços um do outro.

- Meu príncipe - saudei-o e tornei a abraçá-lo, pois ele foi de

fato o melhor de todos os amigos que alguma vez tive.

Tinha cabelos loiros e um rosto tão largo e vigoroso quanto o de Lancelot, seu meio-irmão, era estreito e delicado. Tal como Artur, a sua figura inspirava confiança e se todos os cristãos tivessem sido como Galaad, creio que teria abraçado o culto da cruz naqueles dias longínquos.

- Passamos a noite do outro lado da montanha - indicou com um gesto a estrada atrás de nós - e metade dos homens ficaram enregelados! Vocês, no entanto, devem ter descansado ali, não? - Apontou para a coluna de fumaça que ainda se desprendia da nossa fogueira.

- Quentes e secos - disse eu, e depois de os recém-chegados terem saudado os seus velhos camaradas, eu próprio os abracei e disse a Ceinwyn como se chamavam.

Um por um ajoelharam e juraram-lhe lealdade. Todos sabiam que ela escapara da sua festa de noivado para se juntar a mim, e amavam-na por isso, erguendo agora as lâminas descobertas das espadas para que as mesmas pudessem ser agraciadas com o seu toque real. - E que aconteceu aos outros homens? - perguntei a Galaad.

- Foram se juntar a Artur. - Fez uma careta. - Nenhum dos cristãos veio comigo, infelizmente. Exceto eu.

- Acha que um Caldeirão pagão compensa tudo isto? - perguntei eu, indicando com um gesto a estrada gelada que se estendia à nossa frente.

- Diwrnach nos espera no fim da estrada, meu amigo - disse Galaad, - e segundo ouço dizer, a sua crueldade iguala tudo o que alguma vez possa ter saído de dentro do covil do diabo. A missão de um cristão é combater o mal e por isso aqui estou.

Saudou Merlim e Nimue e, em seguida, enquanto príncipe com a mesma condição social de Ceinwyn, abraçou-a.

- Você é uma mulher afortunada - ouvi-o sussurrar. Ela sorriu e beijou-lhe a face.

- E agora mais ainda, meu príncipe, pois está aqui conosco.

- Isso é verdade, claro - Galaad deu um passo atrás e o seu olhar pousou em cada um de nós, alternadamente. - Toda a Bretanha fala de vocês.

- Porque toda a Bretanha está cheia de línguas ociosas - interveio Merlim, num surpreendente acesso de mau gênio, - e temos uma viagem pela frente quando os dois tiverem dado por terminada a tagarelice.

O seu rosto estava tenso e o seu humor irritadiço. Atribuí-o

à idade e ao caminho árduo que percorríamos em tempo frio e fiz por não pensar no seu juramento de morte.

A travessia das montanhas demorou outros dois dias. A Estrada Sombria não era longa, mas era acidentada, seguindo por colinas íngremes e furando vales profundos onde o mais ínfimo dos sons ressoava cavernoso e frio nas paredes geladas.

Encontramos um povoado abandonado onde passamos a nossa segunda noite na estrada. Era um conjunto de cabanas de pedra redondas, amontoadas no interior de uma muralha com a altura de um homem, sobre a qual colocamos três homens de guarda às encostas que reluziam sob a claridade brilhante da lua. Não tínhamos com que atear uma fogueira, por isso nos sentamos muito juntos entoando melodias, contando histórias e tentando não pensar nos Escudos Sanguinários. Naquela noite, Galaad contou-nos novidades da *Silúria*. O irmão, disse ele, recusara-se a ocupar a antiga capital de Gundleus em *Nidum*, pois era muito distante de *Dumnónia* e não tinha outros confortos além de um aquartelamento romano em ruínas. Assim, mudara a sede do governo da *Silúria* para *Isca*, a enorme fortaleza romana que se erguia nas margens do *Usk*, no extremo mais remoto do território da *Silúria* e muito próximo de *Gwent*. Era o mais perto que Lancelot conseguia chegar de *Dumnónia*, sem sair da *Silúria*.

- Ele gosta de pavimentos de mosaico e paredes de mármore
- disse Galaad, - e em Isca eles existem em quantidade suficiente para mantê-lo satisfeito. Juntou todos os druidas da *Silúria* à sua volta.

- Não há druidas na *Silúria* - rugiu Merlim. - Nenhum que seja bom, em todo o caso.

- Aqueles que se auto-intitulam druidas, então - disse Galaad, pacientemente. -

Há dois que ele estima particularmente e paga-lhes para que lancem maldições.

- Sobre mim? - perguntei, tocando o ferro que cobria o punho da *Hywelbane*.

- Entre outros - disse Galaad, olhando de soslaio para Ceinwyn e fazendo o sinal da cruz. - Com o tempo ele acabará por esquecer - disse, tentando tranquilizar-nos.

- Esquecerá quando estiver morto - disse Merlim, - e mesmo assim continuará a guardar ressentimento quando atravessar a ponte das espadas. - Estremeceu, não por temer a inimizade de Lancelot, mas porque estava com frio. - Quem são esses supostos druidas que ele tanto estima?

- Os netos de Tanaburs - disse Galaad, e eu senti uma mão

gelada apertar-se em redor do meu coração. Eu matara Tanaburs, e embora tivesse o direito de roubar a sua alma, sabia que aquele que ousava matar um druida não deixava de ser um louco corajoso. A maldição lançada por um Tanaburs moribundo ainda me perseguia.

No dia seguinte avançamos devagar, acertando o passo pelo de Merlim. Ele insistia em dizer que se sentia bem e recusava a minha ajuda, mas cambaleava com frequência, o rosto tornara-se amarelado e macilento e respirava com dificuldade.

Julgávamos que ao anoitecer já teríamos ultrapassado o último desfiladeiro, mas à hora em que a claridade diurna entrava em declínio ainda escalávamos a subida que nos conduziria até à passagem. Durante toda a tarde, a Estrada Sombria serpenteava colina acima, embora na realidade a designação de estrada soasse ridícula, pois nada mais era do que um medonho caminho pedregoso aqui e ali interrompido por um ribeiro gelado, frequentemente pontuado por pequenas quedas de água de cujos rebordos pendiam pingentes de gelo. Os pôneis não paravam de escorregar e, por vezes, recusavam-se pura e simplesmente a mover-se; tínhamos a impressão de passar mais tempo amparando-os do que conduzindo-os, mas no momento em que as últimas luzes frias morriam a ocidente chegamos ao desfiladeiro, que era tal e qual como eu o entrevira no sonho arrepiante que

tivera no cume do *Dolfworwyn*. Era tão ermo quanto gelado, embora não houvesse nenhum vampiro negro barrando a Estrada Sombria, que agora se precipitava a pique para a estreita planície costeira de *Lley* seguindo depois para norte, em direção à costa.

E para além da costa ficava *Ynys Mon*.

Eu nunca vira a ilha abençoada. Ouvira falar nela durante toda a minha vida, conhecia o seu poder e lamentava a destruição infligida pelos Romanos no Ano Negro, mas nunca a tinha visto a não ser em sonhos. Naquele momento, no crepúsculo de Inverno, não apresentava qualquer semelhança com a sua imagem idealizada. Não estava banhada pelo Sol, mas sim obscurecida pelas nuvens, o que fazia com que a grande ilha parecesse sombria e ameaçadora, um prenúncio agravado pelo cintilar sinistro dos lagos negros que trespassavam as suas colinas pouco elevadas. A ilha quase não tinha neve, mas as suas cristas rochosas surgiam esbranquiçadas, fruto da erosão provocada pela ferocidade do mar cinzento. Caí de joelhos perante a visão da ilha, todos nós o fizemos à exceção de Galaad; mas até ele acabou por apoiar um dos joelhos no solo em sinal de respeito. Enquanto cristão sonhava por vezes com uma viagem a Roma ou à longínqua Jerusalém, se é que esta existia realmente, mas *Ynys Mon* era a nossa Roma e a nossa Jerusalém, e naquele momento o seu solo sagrado

desdobrava-se perante os nossos olhos.

Além disso, estávamos em *Lleyn*. Tínhamos atravessado a fronteira não demarcada e, abaixo de nós estendiam-se os esparsos povoados da planície costeira, as terras arrendadas de Diwmach. Os campos estavam ligeiramente cobertos de neve, colunas de fumaça escapavam das cabanas, mas nenhum movimento humano parecia visível naquele espaço escuro e todos nós, creio eu, perguntávamos a nós próprios como iríamos atravessar o espaço que separava o continente da ilha.

- Existem barqueiros nos estreitos - disse Merlim, lendo os nossos pensamentos.

Ele era o único que já estivera em *Ynys Mon*, mas isso acontecera muitos anos antes, muito antes de ele saber que o Caldeirão ainda existia. Deslocara-se até lá no tempo em que Leodegan, o pai de Guinevere, governava o país antes da chegada dos navios grosseiros de Diwmach, vindos da Irlanda com o fito de arrasar Leodegan e expulsar do país as suas filhas órfãs de mãe.

- De manhã - disse Merlim, - caminharemos até à costa e pagaremos aos nossos barqueiros. Quando Diwmach souber que pisamos os seus domínios, já teremos partido.

- Ele nos seguirá até *Ynys Mon* - disse Galaad, nervoso.

- Nessa ocasião também já teremos partido - disse Merlim. Espirrou. Parecia transido de frio. O nariz pingava, as faces estavam pálidas e de tempos a tempos tremia incontrolavelmente. Apesar disso conseguiu descobrir umas ervas poeirentas que guardava dentro de uma pequena bolsa de couro e engoliu-as juntamente com uma mão-cheia de neve derretida, insistindo em dizer que se sentia bem.

Na manhã seguinte, o seu aspecto era ainda pior. Tínhamos pernoitado numa fenda entre as rochas, onde não ousáramos acender uma fogueira, apesar do feitiço dissimulador que Nimue conseguira fazer com a ajuda de um crânio de doninha que encontráramos num ponto mais elevado da estrada. As nossas sentinelas tinham ficado de guarda na planície costeira, onde três pequenos clarões de luz traíam a presença de vida, enquanto nós permanecíamos muito juntos, entre os rochedos, tremendo e maldizendo o frio e imaginando se a aurora chegaria a romper. Ela chegou, enfim, espalhando uma claridade penetrante e desagradável que fazia com que a ilha distante parecesse mais escura e ameaçadora do que nunca. Todavia, o feitiço de Nimue pareceu surtir efeito, pois nenhum lanceiro guardava o fim da Estrada Sombria.

Merlim tremia e estava muito fraco para poder andar. Por isso, quatro dos meus soldados transportavam-no numa padiola feita de capas e lanças, enquanto deslizávamos sem

ser notados até às primeiras árvores de *Lleyrn*, vergadas pelo vento. A estrada fazia um rombo naquele ponto e os sulcos que rasgavam a sua superfície estavam gelados nos lugares onde ela serpenteava por entre carvalhos arqueados, azevinho franzino e pequenos campos votados ao abandono. Merlim gemia e estremecia, e Issa perguntou se não seria melhor voltar para trás.

- Voltar a atravessar as montanhas - disse Nimue - seria com certeza a morte dele. Seguimos em frente.

Chegamos a uma bifurcação e aí encontramos o primeiro indício de Diwrnach.

Era um esqueleto, atado com cordas feitas de crina de cavalo e pendurado num poste, cujas ossadas ressequidas chocalhavam agitadas pelo vento agreste que soprava de Oeste. Por baixo dos ossos viam-se três corvos fixos ao poste com pregos, e Nimue cheirou os corpos rígidos tentando decidir que tipo de magia fora impregnada nas suas mortes.

- Mija! Mija! - Merlim conseguiu dizer, deitado na sua liteira.
- Depressa, garota!

Mija! - Tossiu horrivelmente e depois virou a cabeça para cuspir a expectoração para a vala.

- Não vou morrer! - disse para si mesmo. - Não vou morrer!

Tornou a deitar-se quando Nimue se agachava junto ao poste.

- Ele sabe que estamos aqui - advertiu-me Merlim.

- Ele está aqui? - perguntei, baixando-me até junto dele.

- Alguém está. Tenha cuidado, Derfel. - Fechou os olhos e suspirou. - Estou tão velho, terrivelmente velho. Existe uma maldição aqui, sobre nós. - Abanou a cabeça. -

Leve-me para a ilha. Chegue à ilha, é tudo o que peço. O Caldeirão curará tudo.

Nimue terminou, depois esperou para ver a direção que tomavam os vapores da sua urina, que o vento empurrou para a direita da bifurcação. E foi esse presságio que decidi o nosso caminho. Antes de partirmos, Nimue dirigiu-se até um dos pôneis e procurou um saco de couro de onde tirou um punhado de pontas de seta em sílex e pedras-d'água que distribuiu pelos soldados.

- Proteção - explicou enquanto depunha uma amotite na padiola de Merlim. - Em frente.

Caminhamos toda a manhã, retardando a marcha para

transportar Merlin. Não vimos ninguém e essa ausência de vida fez nascer um medo terrível entre os meus homens, pois parecia que tínhamos penetrado numa terra de mortos. As sebes estavam cobertas de sorvas e bagas de azevinho, os ramos das árvores serviam de pouso a tordos e piscos, mas não havia nem gado, nem carneiros, nem homens. Vimos uma povoação de onde se desprendia uma coluna de fumaça que se elevava nos ares, impelida pelo vento, mas estava muito distante de nós e ninguém parecia estar nos observando desde a muralha circular.

No entanto, havia homens naquela terra desolada. Comprovamos quando paramos para descansar num pequeno vale, onde um ribeiro corria, indolente, entre as suas margens geladas, abrigado por um bosque de pequenos carvalhos escuros e vergados pelo vento. Cada um dos intrincados ramos estava delicadamente ornamentado por uma camada de geada branca. Descansamos sob eles até Gwilym, um dos soldados que guardava a nossa retaguarda, me chamar.

Fui até à orla de carvalhos e vi que uma fogueira tinha sido ateadada embaixo, na encosta montanhosa. Não havia vestígios de chamas, apenas um véu espesso de fumaça cinzenta que se agitava furiosamente antes de ser varrido pelo vento oeste. Gwilym apontou na direção do fogo com a lâmina da espada e depois cuspiu para afastar o mal que dela

poderia advir.

Galaad veio ao meu encontro.

- Um sinal? - perguntou.

- Provavelmente.

- Então eles sabem que estamos aqui?

Benzeu-se.

- Sabem. - Nimue juntou-se a nós. Carregava o pesado bastão negro de Merlin e era a única que parecia transbordar de energia naquele lugar frio e morto. Merlin estava doente, nós estávamos paralisados pelo medo, mas quanto mais penetrávamos nas terras sombrias de Diwmach, mais feroz Nimue se tornava. Estava se aproximando do Caldeirão, e a atração que este exercia inflamava-lhe os ossos. - Estamos sendo observados.

- Pode nos esconder? - perguntei, desejoso de um dos seus feitiços de dissimulação.

Abanou a cabeça.

- Estamos no país deles, Derfel, onde os deuses deles são poderosos. - Esboçou um sorriso escarminho quando Galaad fez o sinal da cruz pela segunda vez. - O seu Deus

crucificado não derrotará *Crom Dubh*.

- Ele está aqui? - perguntei, receoso.

- Ou alguém como ele - disse ela.

Crom Dubh era o Deus Negro, um horror estropiado e malévolo que provocava pesadelos aterradores. Os outros deuses, dizia-se, evitavam *Crom Dubh*, o que indicava que estávamos sós, à mercê do seu poder.

- Nesse caso estamos condenados - disse Gwilym, num tom categórico.

- Louco! - respondeu Nimue. - Só estaremos condenados se não conseguirmos encontrar o Caldeirão. Então, sim, estaremos todos irremediavelmente perdidos. Vai ficar olhando para aquela fumaça o dia inteiro?

Nos afastamos. Merlim já não conseguia falar e os seus dentes tiritavam, ainda que amontoássemos peles sobre ele.

- Ele está morrendo - disse Nimue, calmamente.

- Nesse caso deveríamos procurar um abrigo - disse eu, - e acender uma fogueira.

- Para que todos possamos estar quentes quando formos massacrados pelos soldados de Diwrnach? - escarneceu ela.

- Ele está morrendo, Derfel porque está perto do seu sonho e porque fez um acordo com os deuses.

- A vida dele em troca do Caldeirão? - perguntou Ceinwyn, aproximando-se do lado oposto.

- Não exatamente - admitiu Nimue. - Mas enquanto vocês dois arranjavam a sua casinha - fez esta observação num tom sarcástico, - nós fomos até *Cadair Idris*. Fizemos um sacrifício, o sacrifício antigo, e Merlim ofereceu a sua vida como garantia, não ao Caldeirão, mas à busca. Se encontrarmos o Caldeirão, ele viverá, mas se fracassarmos morrerá e a alma-sombra do sacrifício poderá reclamar a alma de Merlim para toda a eternidade.

Eu sabia o que era o sacrifício antigo, embora nunca tivesse ouvido dizer que continuava sendo praticado no nosso tempo.

- Quem foi o sacrificado? - perguntei.

- Ninguém que conheça. Ninguém que nós conhecêssemos. Um homem, apenas. - Nimue falou com desdém. - Mas a sua alma-sombra está aqui, nos observando, e quer que fracássemos. Quer a vida de Merlim.

- E se Merlim morrer? - perguntei.

- Não morrerá, louco! Não, se encontrarmos o Caldeirão.

- Se eu o encontrar - disse Ceinwyn, nervosa.

- Encontrará - respondeu Nimue, confiante.

- Como?

- Você sonhará - disse Nimue, - e o sonho nos conduzirá até o Caldeirão.

E Diwrnach, compreendi quando chegamos aos estreitos que separavam o continente da ilha, queria que o encontrássemos. A fogueira fora o sinal de que estávamos sendo vigiados pelos seus homens, mas estes não tinham nem se mostrado nem tentado impedir a nossa viagem, o que sugeria que Diwrnach sabia da nossa busca e queria que ela fosse bem sucedida para que ele próprio pudesse apoderar-se do Caldeirão. Não havia outra explicação para o fato de não estar levantando obstáculos à

nossa viagem até *Ynys Mon*.

Os estreitos não eram largos, mas a água cinzenta rodopiava, sugava e formava espuma à medida que varria impetuosamente o canal. O mar corria veloz por entre aquelas passagens estreitas, formando perigosos redemoinhos ou quebrando-se em vagas de espuma branca

contra rochedos escondidos. O mar, porém, não era tão assustador como a costa distante, que se erguia perante os nossos olhos absolutamente vazia, escura e desabrigada, quase como se esperasse a oportunidade certa para sugar as nossas almas. Estremeci ao observar a colina coberta de erva, perdida na distância, sem poder deixar de pensar naquele longínquo Dia Negro em que os Romanos chegaram a esta mesma costa rochosa e em que a distante margem oposta se enchera de druidas, que lançavam as suas temíveis maldições na direção dos soldados estrangeiros. As maldições tinham falhado, os Romanos tinham feito a travessia até à outra margem e *Ynys Mon* perecera. Agora ali estávamos nós, no mesmo local, num último e desesperado esforço para fazer recuar os anos e rebobinar séculos de tristezas e sofrimentos, para que a Bretanha voltasse a ser o estado abençoado que era antes da chegada dos Romanos.

Nessa altura seria a Bretanha de Merlin, a Bretanha dos deuses, a Bretanha liberta dos Saxões, a Bretanha repleta de ouro, salões rejubilantes e milagres.

Caminhamos para Leste, na direção da zona menos larga dos estreitos e aí, depois de contornar um rochedo e por baixo de uma fortaleza deserta, encontramos dois barcos que tinham sido içados até ficar sobre os seixos de uma enseada minúscula. Uma dúzia de homens aguardava junto aos barcos, quase como se estivessem à nossa espera.

- São os barqueiros? - perguntou-me Ceinwyn.

- Os barqueiros de Diwrnach - respondi eu e levei a mão à cobertura de ferro do punho da *Hywelbane*. - Querem que atravessemos - disse eu, e senti medo pois o rei estava facilitando demasiado a nossa missão.

Os marinheiros não se sentiam de modo nenhum atemorizados pela nossa presença. Eram criaturas atarracadas, de aspecto endurecido, com escamas de peixe espetadas na barba e vestidos com grossas vestimentas de lã. Não tinham quaisquer armas além das facas de amanhar o peixe e os arpões. Galaad perguntou-lhes se tinham visto alguns dos lanceiros de Diwrnach, mas eles limitaram-se a um encolher de ombros, como se a língua que ele falava não tivesse qualquer significado para eles. Nimue dirigiu-se a eles em irlandês, a sua língua de origem, e eles responderam-lhe com um mínimo de educação. Alegaram que não tinham visto nenhum dos Escudos Sanguinários, mas disseram-lhe que tínhamos de esperar até que a maré atingisse o nível desejado para que pudéssemos fazer a travessia. Só então, ao que parecia, os estreitos seriam seguros.

Fizemos uma cama para Merlim num dos barcos, depois Issa e eu escalamos a fortaleza deserta e espreitamos para o seu interior. Uma segunda coluna de fumaça elevava-se para o céu, desde o vale dos carvalhos retorcidos. Fora isso,

porém, nada mudara e não havia inimigos à vista. Eles estavam lá, no entanto. Não era necessário ver os seus escudos toscamente pintados de sangue para saber que estavam por perto. Issa tocou a lâmina da espada.

- Creio, senhor - disse ele, - que *Ynys Mon* seria um bom lugar para morrer.

Sorri.

- Seria um lugar ainda melhor para viver, Issa.

- Mas as nossas almas estarão com certeza a salvo, se morrermos em solo sagrado? - perguntou ele, ansiosamente.

- Estarão a salvo, e você e eu atravessaremos juntos a ponte das espadas.

E Ceinwyn, jurei a mim mesmo, estaria um passo ou dois à nossa frente, pois eu próprio a mataria antes que um dos homens de Diwrnach pudesse tocá-la. Saquei a *Hywelbane*, cuja lâmina estava ainda manchada pela fuligem sobre a qual Nimue escrevera o seu feitiço, e encostei a ponta ao rosto de Issa.

- Jure - ordenei-lhe.

Apoiou-se sobre um dos joelhos.

- Diga, senhor.

- Se eu morrer, Issa, e Ceinwyn ainda viver, deve matá-la com um golpe de espada antes que os homens de Diwrnach possam capturá-la.

Ele beijou a ponta da espada.

- Juro, senhor.

À hora da maré alta, o redemoinho de correntes desapareceram e o mar ficou calmo à exceção das ondas batidas pelo vento, que faziam flutuar os dois barcos elevando-os acima dos seixos da praia. Colocamos os pôneis a bordo e em seguida ocupamos os nossos lugares. Os barcos eram compridos e estreitos e, mal tínhamos nos instalado entre as pegajosas redes de pesca, os barqueiros fizeram-nos sinal para que tirássemos a água que se infiltrara através das tábuas revestidas de alcatrão. Usamos os nossos elmos para vazar o mar gelado e mandá-lo de volta ao seu devido lugar, e eu rezei a *Manawydan*, o deus do mar, para que ele nos poupasse enquanto os barqueiros enfiavam os remos compridos entre os toletes. Merlim tremia. Nunca até aí vira o seu rosto tão pálido, ainda que tingido por um amarelo repugnante e salpicado da espuma que escorria dos cantos dos lábios. Não estava consciente e murmurava coisas estranhas no meio do seu delírio.

Os barqueiros entoavam um estranho cântico à medida que remavam, mas ficaram em silêncio quando chegaram à zona central dos estreitos. Pararam, e um homem em cada um dos barcos gesticulou na direção do continente, que ficara para trás.

Viramo-nos. De início, só consegui distinguir a faixa escura da costa, sob a sombra alva como a neve e negra como ardósia das montanhas. Depois vi uma forma negra e andrajosa movendo-se logo depois da praia de seixos. Era um estandarte, simples faixas de trapos flutuantes amarradas a um mastro. Instantes depois, porém, uma fila de guerreiros perfilou-se acima da margem do estreito. Riam na nossa direção, e as suas gargalhadas sonoras furavam o vento gelado e sobrepunham-se ao rumor das ondas. Todos eles montavam pôneis felpudos e todos estavam vestidos com o que pareciam ser tiras de um pano preto andrajoso que, agitadas pela brisa, flutuavam como flâmulas. Estavam armados com escudos e empunhavam as lanças de guerra extremamente compridas que os Irlandeses tanto gostavam. Nem os escudos nem as lanças me assustaram, mas algo na sua aparência selvagem, esfarrapada e nas cabeleiras longas fez com que o meu corpo fosse subitamente percorrido por um calafrio.

Ou, então, talvez este calafrio tivesse sido provocado pela saraiva que começara a trespassar o vento oeste, agitando a

superfície cinzenta do mar.

Os andrajosos cavaleiros negros observavam-nos enquanto os nossos barcos atracavam em *Ynys Mon*. Os barqueiros nos ajudaram a içar Merlim e os pôneis e a depô-los na margem, em segurança, e depois tornaram a fazer-se ao mar.

- Não deveríamos ter deixado ficar os barcos aqui? - perguntou-me Galaad.

- Como? - perguntei. - Teríamos de dividir os homens e colocar alguns guardando os barcos e destacar outros para acompanhar Ceinwyn e Nimue.

- Então, como é que sairemos da ilha? - perguntou Galaad.

- Com o Caldeirão, - adotei a confiança de Nimue, tudo é possível. Não tinha outra resposta para lhe dar e não me atrevia a contar-lhe a verdade. A verdade é que me sentia condenado. Era como se, até naquele momento, todas as maldições dos druidas antigos nos deixassem a alma gelada.

Deixamos a praia e rumamos para Norte. As gaivotas gritavam na nossa direção, revolteando à nossa volta no meio da saraiva, que caía misturada com chuva à medida que escalávamos as rochas em direção a uma charneca batida pelo vento, pontuada aqui e ali por um ou outro afloramento rochoso. Nos velhos tempos, antes dos Romanos terem

destruído *Ynys Mon*, aquelas terras tinham sido densamente povoadas por carvalhos sagrados, à sombra dos quais eram executados os grandes mistérios da Bretanha. As novas saídas desses rituais governavam as estações na Bretanha, Irlanda e até na Gália, pois fora aí que os deuses tinham descido à terra e fora aí que se estabelecera o mais forte dos laços que unira os homens aos deuses, antes que o mesmo fosse quebrado pelas espadas curtas dos Romanos. Estávamos em solo sagrado, e penoso também, já

que depois de uma escassa hora de marcha chegamos a um vasto paul que parecia barrar o caminho que nos conduziria ao interior da ilha. Percorremos a linha fronteira do paul, procurando um caminho, mas não havia nenhum. Deste modo, quando a luminosidade começou a definhir, usamos as hastes das lanças para descortinar a passagem mais firme por entre as ervas altas e pontiagudas e as devoradoras e traiçoeiras manchas pantanosas. Tínhamos as pernas encharcadas de lama gelada e a saraiva conseguia infiltrar-se na nossa pele. Um dos pôneis ficou preso e o outro entrou em pânico, nos forçando a descarregar os dois animais para distribuir os fardos que eles transportavam entre nós, e depois os abandonamos.

Continuamos a caminhar com esforço. De quando em vez nos sentávamos sobre os nossos escudos circulares que faziam as vezes de pequenos barcos delgados onde

apoiávamos o nosso peso até que, inevitavelmente, a água salobra ultrapassava o rebordo e forçava-nos a ficar novamente de pé. A saraiva tornou-se mais intensa e mais densa, fustigada por um vento cada vez mais forte que achatava a erva pantanosa e impelia o frio a penetrar bem fundo, até aos ossos. Merlim gritava palavras estranhas e sacudia a cabeça de um lado para o outro, enquanto alguns dos meus homens começavam a soçobrar, exauridos pelo frio e pela malevolência dos deuses, fossem eles quem fossem, que governavam aquela terra arruinada.

Nimue foi a primeira a alcançar o extremo mais longínquo do paul. Saltava de tufo em tufo, indicando-nos o trilho a seguir até que, finalmente, pisou terreno firme sobre o qual se pôs a saltar provando que em breve estaríamos em segurança. Então, ficou petrificada durante alguns segundos, até se decidir a apontar o bastão de Merlim na direção de onde viéramos.

Viramo-nos para descobrir que éramos seguidos pelos cavaleiros negros, que nesse momento eram mais numerosos. Uma horda de Escudos Sanguinários andrajosos observavam-nos desde o lado mais afastado do paul. Três estandartes esfarrapados tinham sido içados diante deles, um dos quais em jeito de saudação irônica, antes dos cavaleiros virarem os seus pôneis para leste.

- Nunca deveria ter te trazido até aqui - disse eu a Ceinwyn.

- Você não me trouxe, Derfel - disse ela. - Eu vim de livre e espontânea vontade.

- Tocou o meu rosto com um dedo enluvado. - E haveremos de partir da mesma maneira, meu amor.

Escalamos o paul e, do outro lado da pequena elevação, nos deparamos com uma paisagem formada por pequenos campos cultivados encaixados entre charnecas grosseiras e inesperados afloramentos rochosos. Precisávamos de um refúgio para a noite e o encontramos em um povoado constituído por oito cabanas de pedra circundadas por uma muralha da altura de uma lança. O local estava deserto, embora se notassem indícios evidentes da presença de pessoas, pois os pequenos abrigos de pedra estavam limpos e as cinzas das lareiras ainda estavam quentes. Retiramos o telhado de turfa que cobria um dos abrigos e partimos as vigas do teto em pedaços, que usamos para acender uma fogueira para Merlim, que nesse momento tremia e delirava. Colocamos um soldado de guarda, despimos as nossas peles e tentamos secar as botas encharcadas e as perneiras úmidas.

Então, no instante em que a última réstea de luz morria no céu cinzento, subi à

muralha e perscrutei a paisagem circundante. Não vi nada.

Quatro dos elementos do grupo ficaram de guarda durante a primeira parte da noite e, em seguida, Galaad e outros três soldados encarregaram-se de vigiar o que restava daquela escuridão varrida pela chuva. Nenhum de nós ouviu qualquer outro ruído além do vento e do crepitar do fogo no interior do abrigo. Não ouvimos nada, não vimos nada. Todavia, às primeiras luzes pálidas da manhã, uma cabeça de carneiro recentemente cortada e ensangüentada decorava uma das zonas da muralha.

Com um gesto zangado, Nimue arrancou a cabeça de carneiro da cumeeira da muralha, gritando um desafio aos céus. Tirou uma bolsa de pó cinzento e espalhou-o sobre o sangue fresco, em seguida deu uma pancada seca e breve na muralha com o bastão de Merlin e nos disse que a malevolência tinha sido contrariada. Acreditamos nela porque queríamos acreditar nela, da mesma forma que queríamos acreditar que Merlin não estava morrendo. Ele, no entanto, exibia uma palidez mortal, a sua respiração era fraca e não produzia qualquer som. Tentamos alimentá-lo com o que sobrava do nosso pão, mas ele cuspiu as migalhas, atabalhoadamente.

- Temos de encontrar o Caldeirão hoje - Nimue disse calmamente, - antes que ele morra.

Juntamos as nossas coisas, pusemos os escudos ao ombro, pegamos as lanças e a seguimos para Norte.

Nimue conduzia o grupo. Merlim contara-lhe tudo o que sabia sobre a ilha sagrada e esse conhecimento guiou-nos para Norte durante toda a manhã. Os Escudos Sanguinários apareceram pouco depois de termos deixado o abrigo e, agora que nos aproximávamos da nossa meta, tornavam-se mais ousados, havendo sempre cerca de uma vintena de homens sempre visíveis e, por vezes, o triplo desse número. Formavam um círculo amplo à nossa volta, mas tomavam as precauções necessárias para se manterem fora do alcance das nossas lanças. A saraiva parara com o amanhecer, deixando ficar apenas um vento frio e úmido que fazia vergar as ervas que cobriam a charneca e agitava os farrapos escuros das capas dos cavaleiros negros.

Pouco passava do meio-dia quando chegamos ao local que Nimue designava por *Lleyn Cerrig Bach*. O nome significava "lago das pequenas pedras" e era um lençol de água escura, pouco profundo e rodeado de paus. Ali, disse Nimue, os antigos Bretões tinham realizado as suas cerimônias mais sagradas e seria também ali, acrescentou, que teria início a nossa busca. Aquele, porém, parecia um lugar inóspito para procurar o maior Tesouro da Bretanha. Para oeste havia um pequeno braço de mar pouco fundo, além do qual ficava situada uma outra ilha; para sul e para

norte viam-se apenas terras de cultivo e rochedos e a leste erguia-se uma pequena colina escarpada coroada por um grupo de rochas cinzentas semelhantes a um conjunto de afloramentos rochosos por que passáramos nessa manhã. Merlim parecia morto. Tive de ajoelhar-me ao seu lado e encostar o meu ouvido ao seu rosto para poder ouvir o arranhar quase inaudível de cada uma das suas penosas exalações. Pus a minha mão sobre a testa dele e senti-a fria.

Beijei-lhe a face.

- Viva, senhor - sussurrei-lhe, viva.

Nimue disse a um dos meus homens que enterrasse uma lança no solo. Ele pressionou a ponta da lança na terra rija, depois Nimue pegou meia dúzia de capas, pendurou-as no topo da lança, e prendendo as bainhas das capas com pedras formou uma espécie de tenda. Os cavaleiros negros formaram um círculo à nossa volta, permanecendo, no entanto a uma distância suficiente para não interferirem com a nossa atividade, nem nós com a deles.

Nimue remexeu debaixo das suas peles de lontra e tirou a taça prateada pela qual eu bebera no alto do *Dolforwyn* e uma pequena garrafa de barro vedada com cera.

Agachou-se debaixo da tenda e fez sinal a Ceinwyn para que a seguisse.

Enquanto esperava contemplei as pregas escuras que o vento desenhava na superfície do lago. Foi então que Ceinwyn soltou um grito inesperado. Tornou a soltar um grito terrível e eu precipitei-me para a tenda, mas fui detido pela lança de Issa. Galaad, que como cristão que era, não era possível acreditar em nada do que se estava acontecendo, colocou-se ao lado de Issa e encolheu os ombros.

- Agora que chegamos até aqui - disse ele, - devemos ir até o fim.

Ceinwyn gritou de novo, e desta vez Merlim ecoou o grito dela soltando um gemido fraco e patético. Ajoelhei a seu lado e tentei não pensar nos horrores que Ceinwyn estaria sonhando no interior da tenda negra.

- Senhor - chamou Issa.

Virei-me para ver que ele estava olhando para sul, para o lugar onde um grupo de guerreiros acabava de se juntar ao círculo formado pelos Escudos Sanguinários. A maioria dos recém-chegados vinha montada em pôneis, embora um dos homens montasse um esquelético cavalo negro. O homem, eu sabia, tinha de ser Diwrnach. O seu estandarte esvoaçava atrás dele: um mastro, no alto do qual estava encaixada uma cruz onde estavam pendurados dois crânios e um conjunto de fitas negras. O rei estava envolto numa capa preta e sobre

o dorso do seu cavalo preto fora colocada um manto negro. Empunhava uma enorme lança negra que endireitou no ar antes de começar a avançar num trote lento. Estava sozinho, e quando ficou a cinquenta passos de distância de nós desaperrou o escudo redondo e, com aparato, virou-o mostrando que não vinha à

procura de confronto.

Caminhei ao encontro dele. Nas minhas costas, Ceinwyn arfava e gemia no interior da tenda em torno das quais se perfilavam os meus homens formando um anel protetor.

O rei vestia uma armadura de couro negro por baixo da capa e não usava elmo.

O seu escudo parecia lascado pela ferrugem e eu supus que as lascas fossem as camadas de sangue seco, da mesma forma que a cobertura de pele só poderia ser a pele esfolada de uma jovem escrava. Deixou o escudo sinistro suspenso ao lado da bainha da longa espada negra enquanto refreava o cavalo e apoiava a extremidade da enorme lança no chão.

- Sou Diwrnach - disse ele.

Inclinei a cabeça perante ele.

- Sou Derfel, meu rei.

Ele sorriu.

- Bem-vindo a *Ynys Mon*, Lorde Derfel Cadarn - disse ele, e não restavam dúvidas de que queria surpreender-me revelando que conhecia o meu nome completo e o meu título, embora o que mais me tivesse espantado tivesse sido o fato de ele ser um homem atraente. Estava à espera de encontrar um vampiro de nariz adunco, uma personagem saída de um pesadelo. Diwrnach, porém, estava no início da maturidade, tinha uma testa larga, uma boca grande e uma barba negra bem aparada, que acentuava uma linha do maxilar pronunciada. A sua aparência nada tinha de demente, embora ele tivesse de fato um olho vermelho, o que era suficiente para torná-lo uma figura assustadora. Encostou a lança ao flanco do cavalo e tirou um bolo de farinha de aveia de dentro de uma bolsa. – Você parece estar com fome, Lorde Derfel.

- O Inverno é uma época de fome, meu rei.

- Mas com certeza que não vai recusar a minha oferenda? - Partiu o bolo de aveia em dois e atirou-me uma das metades.
- Coma.

Aceitei o bolo e, em seguida, hesitei.

- Jurei que não comeria, senhor, até ter cumprido a minha missão.

- A sua missão! - provocou-me. Depois, em movimentos lentos, enfiou a metade dele na boca. - Não estava envenenada, Lorde Derfel - disse, quando acabou de comê-la.

- E porque haveria de estar, meu rei?

- Porque eu sou Diwrnach e tenho muitas formas de matar os meus inimigos. -

Tornou a sorrir. - Fale-me sobre a sua missão, Lorde Derfel.

- Vim para rezar, meu rei.

- Oh! - exclamou ele, proferindo a interjeição como se pretendesse sugerir que eu tinha clarificado todo aquele mistério por completo. - E as orações proferidas em *Dumnónia* são assim tão-pouco eficazes?

- Estamos em território sagrado, senhor - disse eu.

- Estamos também no meu território, Lorde Derfel Cadarn - respondeu ele, - e segundo creio, todos os estranhos deveriam procurar obter a minha autorização antes de defecar nas minhas terras ou mijar nas minhas paredes.

- Se o ofendemos, senhor - disse eu, - pedimos perdão.

- É muito tarde para isso - respondeu ele, suavemente. - Está

aqui agora, Lorde Derfel, e eu consigo sentir o cheiro dos seus excrementos. Tarde demais. Que vou então fazer com você? - Falava num tom de voz baixo, quase gentil, sugerindo que ali estava um homem que facilmente veria a razão. - Que vou então fazer com vocês? - perguntou de novo, e eu nada disse.

O círculo de cavaleiros negros permanecia imóvel, o céu apresentava-se carregado de nuvens e os gemidos de Ceinwyn tinham-se transformado em queixumes breves. O rei ergueu o escudo, não num gesto de ameaça, mas sim porque o seu peso assentava desconfortavelmente na sua anca e eu vi, horrorizado, que a pele de um braço e uma mão humanas pendia do rebordo inferior. O vento agitava os dedos gordos da mão. Diwrnach viu o meu horror e sorriu.

- Era minha sobrinha - disse e depois olhou para além de mim e outro sorriso lento iluminou o seu rosto. - A raposa saiu da toca, Lorde Derfel.

Virei-me e vi que Ceinwyn tinha saído de debaixo da tenda. Despira as peles de lobo e usava o vestido branco que exibira na sua festa de noivado, a bainha ainda manchada pela lama em que ela mergulhara o tecido de linho no momento da fuga de *Caer Sws*. Estava descalça, tinham-lhe soltado os cabelos dourados e aos meus olhos parecia estar imersa num transe.

- A princesa Ceinwyn, julgo - disse Diwmach.

- Exatamente, senhor.

- É ainda uma donzela, segundo julgo saber? - perguntou o rei. Não, respondi.

Diwmach inclinou-se para frente para abanar as orelhas do cavalo afetuosamente.

- Teria sido delicado da parte dela ter vindo cumprimentar-me quando entrou no meu país, não acha?

- Ela também tem as suas orações para fazer, senhor.

- Nesse caso esperemos que elas produzam resultados. Entregue-a, Lorde Derfel, ou caso contrário sofrerá a mais lenta das mortes. Tenho homens que conseguem arrancar a pele a um animal centímetro a centímetro até ele não ser mais do que uma amálgama de carne viva e sangue, conseguindo, no entanto manter-se de pé. Andar, até!

- A fagou o pescoço do cavalo com uma mão enluvada de negro e depois voltou a sorrir-me. - Já sufoquei homens no seu próprio estrume, Lorde Derfel, esmaguei-os debaixo de pedras, queimei-os, enterrei-os vivos, deitei-os com víboras, afoguei-os, matei-os de fome, cheguei até a matá-los de susto. Tantas formas interessantes; mas entregue-me a

princesa Ceinwyn, Lorde Derfel, e eu prometo uma morte tão calma como a queda de uma estrela brilhante.

Ceinwyn começara a caminhar na minha direção e os meus homens tinham agarrado subitamente a padiola de Merlim, as suas capas, armas e fardos, para se juntarem a ela. Ergui os olhos para Diwmach.

- Um dia, senhor - disse eu, - atirarei a sua cabeça para dentro de um fosso e a soterrarei de excrementos de escravos.

Afastei-me dele.

Ele riu.

- Sangue, Lorde Derfel! - gritou atrás de mim. - Sangue!! É disso que os deuses se alimentam, e o seu dará um néctar excelente! Obrigarei sua mulher a bebê-lo na minha cama! - E, dito isso, picou os flancos do cavalo com as esporas e virou-o na direção dos seus homens.

- São setenta e quatro - disse-me Galaad, quando cheguei junto dele. - Setenta e quatro homens e outras tantas lanças. Nós somos trinta e seis lanças, um homem moribundo e duas mulheres.

- Eles não vão atacar já - tranquilizei-o. - Esperarão até que

tenhamos descoberto o Caldeirão.

Ceinwyn devia estar gelada sob o vestido fino e sem botas, mas em vez disso transpirava como se estivéssemos num dia de Verão, enquanto cambaleava sobre as ervas. Tinha dificuldade em manter-se de pé, e ainda mais em caminhar, e contorcia-se da mesma forma que eu me contorcera no cume do *Dolforwyn*, depois de ter ingerido o líquido que estava dentro da taça prateada.

Nimue, porém, estava ao seu lado, falando-lhe e reconfortando-a, embora também lutasse para desviá-la da direção que ela queria tomar. Os cavaleiros negros de Diwrnach seguiam-nos de perto, um anel móvel de Escudos Sanguinários que avançava através da ilha, formando um círculo que tinha como centro o nosso reduzido grupo.

Apesar do seu estado delirante, Ceinwyn quase corria agora. Parecia estar no limiar da consciência e balbuciava palavras que eu não conseguia entender. O seu olhar parecia vazio. Nimue não parava de arrastá-la para um lado, obrigando-a a seguir um caminho de ovelhas que serpenteava para o norte, perto de um pequeno monte coroadado por pedras cinzentas. No entanto, quanto mais nos aproximávamos desses rochedos altos e cobertos de líquens maior era a resistência que Ceinwyn oferecia, até que Nimue se viu obrigada a recorrer a todas as suas forças para mantê-la dentro dos

limites do caminho estreito. A fila da frente do círculo formado pelos cavaleiros negros já tinha passado o pequeno e íngreme monte de terra, e este, tal como nós, estava agora no interior do círculo. Ceinwyn choramingava e protestava e depois começou a bater nas mãos de Nimue, que continuava a segurá-la firmemente e a arrastá-la, enquanto os homens de Diwrnach seguiam os nossos movimentos.

Nimue esperou até que o trilho se aproximasse o máximo possível do cume dos rochedos escarpados e, então, deixou que Ceinwyn corresse livremente.

- Para as rochas! - gritou ela. - Todos! Para as rochas! Corram!

Corremos. Percebi então a atitude de Nimue. Diwrnach não se atreveria a tocar-nos antes de saber para onde íamos, e se tivesse visto Ceinwyn dirigir-se para o pequeno monte de rochas teria certamente enviado uma dúzia de soldados para guardá-lo e, em seguida, o resto dos seus homens para nos capturar. Agora, porém, graças à manobra inteligente de Nimue, podíamos contar com a proteção oferecida pela amálgama de enormes pedregulhos, os mesmos que caso Ceinwyn estivesse certa tinham protegido o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn* durante mais de quatro séculos e meio de escuridão.

- Corram! - gritava Nimue, e à nossa volta os pôneis eram instigados a avançar à

medida que o círculo dos cavaleiros negros se ia fechando à nossa volta para nos barrar a saída.

- Corram! - tornou a gritar Nimue.

Eu ajudava a carregar Merlim, Ceinwyn escalava as rochas com esforço e Galaad gritava aos homens incitando-os a descobrir posições no meio das rochas onde pudessem esconder-se e manejar as lanças. Issa ficou junto de mim, a lança pronta a rasgar qualquer cavaleiro negro que chegasse perto de nós. Gwilym e outros três arrancaram Merlim das nossas mãos e levaram-no até à base dos rochedos no instante em que os dois Escudos Sanguinários que lideravam o grupo nos alcançavam. Gritaram um desafio picando as montarias com as esporas para incitá-las a subir a colina, mas eu afastei a comprida lança do primeiro soldado com o meu escudo e depois fiz girar a minha espada de forma que a lâmina de aço batesse como um taco sobre o crânio do pônei. O

animal relinchou e caiu de lado, e enquanto Issa enterrava a sua lança no abdômen do cavaleiro eu golpeava o segundo soldado com a minha lança. O cabo da lança dele bateu sonoramente na minha e depois ele me ultrapassou, mas eu

consegui agarrar um punhado das suas longas faixas andrajosas e pude assim puxá-lo para trás e obrigá-lo a desmontar do pequeno animal. Ele me atingiu quando caiu. Pus uma bota sobre a garganta dele, ergui a lança e cravei-a com força no coração. Por baixo da sua túnica andrajosa havia uma couraça de couro, mas a lança trespassou ambas e logo a sua barba negra se tingiu de uma espuma ensangüentada.

- Para trás! - bradou Galaad, e Issa e eu atiramos os nossos escudos e lanças para os homens que já se encontravam em segurança no topo dos altos rochedos, depois disso começamos a escalá-los. Uma lança de cabo preto bateu sonoramente nas rochas ao meu lado, em seguida uma mão forte me alcançou, me agarrou pelo pulso e me levantou no ar. Merlim tinha sido içado até aos rochedos da mesma maneira, sendo em seguida largado sem cerimônias na zona central do alto do rochedo, onde, qual taça coroada por um anel feito de imensos pedregulhos, havia uma funda concavidade de pedra. Ceinwyn estava lá dentro, esgaravatando as pedrinhas que enchiam a taça como um cão enlouquecido. Tinha vomitado e as suas mãos moviam-se, absortas, entre a amálgama de vômito e pedras frias e pequenas.

O pequeno monte era excelente como local de defesa. Os inimigos apenas podiam escalar as rochas com a ajuda das

mãos e dos pés, enquanto nós poderíamos nos abrigar nas gretas do cume e enfrentá-los à medida que fossem surgindo. Alguns deles tentaram chegar até nós, gritando quando as lâminas lhes retalhavam os rostos. As lanças choveram sobre as nossas cabeças, mas nós conservamos os escudos erguidos e as armas batiam com ruído, mas sem perigo. Coloquei seis homens na concavidade central e eles usaram os respectivos escudos para proteger Merlim, Nimue e Ceinwyn enquanto os lanceiros restantes guardavam a orla exterior do cume rochoso. Tendo abandonado os pôneis, os Escudos Sanguinários fizeram nova investida e durante alguns instantes não tivemos descanso, apunhalando e golpeando. Um dos meus homens ficou ferido num braço durante essa breve escaramuça, mas foi a única baixa. Os cavaleiros negros, pelo contrário, levaram quatro mortos e seis feridos de volta ao sopé do monte.

- É o que acontece - disse eu aos meus homens - aos escudos feitos com a pele de donzelas.

Esperamos pela investida seguinte, mas nada aconteceu. Em vez disso, Diwrnach subiu a colina a cavalo, sozinho.

- Lorde Derfel? - chamou, na sua voz falsamente agradável e, quando espreitei entre duas rochas, propôs-me com um sorriso plácido: - O meu preço subiu. Agora, em troca de uma morte fulminante para você, exijo a princesa Ceinwyn e

o Caldeirão. Foi o Caldeirão que vieram buscar, não foi?

- É o Caldeirão de toda a Bretanha, senhor - disse eu.

- Ah, e acha que eu seria um guardião indigno? - Meneou a cabeça tristemente. -

Lorde Derfel, com que facilidade insulta um homem. Como é que seria? A minha cabeça num fosso atolada em excrementos de escravos? Que imaginação miserável, a sua. A minha, temo, parece excessiva por vezes, inclusive aos meus próprios olhos.

Fez uma pausa e ergueu os olhos para o céu, como se pretendesse avaliar o tempo que lhe restava em termos de luz do dia.

- Tenho poucos guerreiros, Lorde Derfel - prosseguiu na sua voz controlada, - e não quero que as suas lanças me façam perder mais nenhum. Mas mais cedo ou mais tarde terá de sair do meio das rochas e eu estarei à sua espera, e enquanto estiver à

espera deixarei que a minha imaginação se eleve a novos cumes. Apresente os meus cumprimentos à princesa Ceinwyn e diga-lhe que aguardo com ansiedade o momento em que possamos nos conhecer melhor.

Ergueu a lança numa saudação trocista e em seguida fez o caminho de volta até

o círculo de cavaleiros negros, que nesse momento cercavam por completo o monte.

Deixei-me cair na taça encaixada no centro do monte e percebi que fosse o que fosse que encontrássemos seria tarde demais para Merlim. A morte estava estampada no seu rosto. O maxilar estava caído e os olhos tão vazios como o espaço entre os mundos.

Os dentes tiritaram uma vez em sinal de que ainda vivia, mas essa vida era agora um tênue fio que estava partindo-se rapidamente. Nimue pegara a faca de Ceinwyn e começara a escarafunchar e a desfazer as pedras pequenas que enchiam a concavidade onde nos encontrávamos, enquanto Ceinwyn, uma expressão exausta no rosto, sucumbira junto a um rochedo, tremendo e observando as escavações de Nimue. Fosse qual fosse o transe que tinha se apoderado de Ceinwyn, neste momento já passara e eu ajudei-a a limpar a sujeira das mãos, encontrei o seu casaco de pele de lobo e a cobri.

Ela puxou as luvas.

- Tive um sonho - sussurrou-me, - e vi o fim.

- O nosso fim - perguntei, alarmado.

Ela abanou a cabeça.

- O fim de *Ynys Mon*. Havia linhas de soldados, Derfel, vestidos com saias e couraças romanas e elmos de bronze. Grandes linhas de soldados, com os braços que manejavam as espadas tingidos de sangue até aos ombros, porque matavam, matavam e continuavam a matar. Atravessavam as florestas formando uma enorme linha e matando, apenas. As armas subiam e desciam, todas as mulheres e crianças fugiam, só que não havia lugar para fugir e os soldados cercavam-nos cada vez mais, massacrando-os.

Crianças, Derfel!

- E os druidas?

- Todos mortos. Todos, exceto três, e trouxeram o Caldeirão para cá. Já tinham aberto um poço para colocá-lo, entende, antes dos Romanos terem atravessado as águas, e enterraram-no aqui cobrindo-o depois com pedras tiradas do lago e depois cobriram as pedras com cinzas e atearam um fogo com as suas próprias mãos para que os Romanos pensassem que nada poderia estar enterrado aqui. E depois de tudo isto estar feito caminharam cantando na direção dos bosques para morrer.

Nimue assobiou em sinal de alarme e quando me virei vi que ela tinha descoberto um pequeno esqueleto. Remexeu entre as saias de lontra e tirou um saco de couro que abriu para deixar sair duas plantas secas. As folhas eram pontiagudas e tinham pequenas flores de um dourado esbatido. Sabia que ela estava aplacando os ossos mortos oferecendo-lhes asfódelo.

- Foi uma criança que eles enterraram. - Ceinwyn justificou o tamanho reduzido das ossadas, - a guardiã do Caldeirão e filha de um dos três druidas. Tinha cabelos curtos e uma bracelete de pele de raposa no pulso. Enterraram-na viva para que pudesse guardar o Caldeirão até nós o encontrarmos

Uma vez aplacada a alma morta da guardiã do Caldeirão com o asfódelo, Nimue arrastou os ossos da garota afastando-os das pedras pequenas e em seguida concentrou-se no buraco cada vez mais fundo com a sua faca, ao mesmo tempo que pedia a minha ajuda num tom de voz brusco.

- Escave com a sua espada, Derfel! - ordenou, e obedientemente comecei a golpear o poço com o punho da *Hywelbane*.

E encontrei o Caldeirão.

Inicialmente tudo não passou de um lampejo de ouro sujo,

depois um movimento rápido da mão de Nimue revelou um pesado rebordo dourado. O Caldeirão era muito maior do que o buraco que tínhamos escavado, por isso ordenei a Issa e a outro homem que me ajudassem a torná-lo maior.

Removemos as pedras com a ajuda dos nossos elmos, trabalhando com uma pressa desesperada, pois a alma de Merlim soltava já o seu último sopro de vida. Nimue estava ofegante e carpia enquanto atacava as pedras muito juntas que tinham sido trazidas até este cume desde o lago sagrado de *Llyn Cerrig Bach*.

- Ele está morto! - gritou Ceinwyn.

Estava ajoelhada ao lado de Merlim.

- Não está morto! - Nimue cuspiu por entre os dentes cerrados, em seguida agarrou o rebordo dourado com as duas mãos e desatou a abanar o Caldeirão com todas as forças que tinha. Juntei-me a ela e pareceu-me impossível que conseguíssemos mover o enorme cálice devido ao peso das pedras que continuavam a exercer pressão no seu interior fundo. Sem que soubéssemos como, porém, com a ajuda de Deus, deslocamos aquele enorme objeto de ouro e prata e o sacamos para fora do poço escuro onde estava enterrado.

E foi assim que expusemos o Caldeirão perdido de *Clyddno*

Eiddyn à luz do dia.

Era uma taça enorme, tão larga como as mãos de um homem estendidas e tão funda como a lâmina de uma faca de caça. Era feito de prata maciça, assentava sobre três curtos pés dourados e estava decorada com suntuosos arabescos em ouro. Três aros dourados estavam fixos no rebordo para que pudesse ser pendurado sobre o fogo. Era o maior Tesouro da Bretanha e nós o arrancamos do túmulo onde jazia; podia ver como o ouro que o decorava fora trabalhado para retratar figuras de guerreiros, deuses e veados.

Todavia, não tínhamos tempo para admirar o Caldeirão, pois frenética, Nimue espalhou as últimas pedras que estavam dentro dele e tornou a colocá-lo no buraco antes de rasgar as peles negras que cobriam o corpo de Merlim.

- Ajude-me! - gritou e, juntos, fizemos rolar o velho para dentro do poço e o enfiámos nas entranhas da grande taça de prata. Nimue aconchegou as pernas dele e cobriu-o com uma capa. Foi só nesse momento que ela se recostou nos pedregulhos.

Estava um frio de rachar, mas o rosto dela brilhava de suor.

- Está morto - disse Ceinwyn numa voz sumida e assustada.

- Não - insistiu Nimue, cansada, - não está, não.

- Estava frio! - protestou Ceinwyn. - Estava frio e não conseguia ouvir a sua respiração. - Colou-se a mim e começou a chorar baixinho. - Está morto.

- está vivo - disse Nimue rispidamente.

Tinha recomeçado a chover. Era uma chuva miudinha e batida pelo vento, que polia as pedras e cobria de gotas as lâminas ensangüentadas das nossas espadas.

Merlim jazia, tapado e inerte na cavidade do Caldeirão, os meus homens vigiavam o inimigo no topo das pedras cinzentas, os cavaleiros negros cercavam-nos e eu perguntava a mim mesmo que tipo de loucura nos trouxera até aquele lugar miserável, no extremo mais frio da Bretanha.

- Que faremos agora? - perguntou Galaad.

- Esperamos - respondeu Nimue, - esperamos, apenas.

Nunca esquecerei o frio que fazia naquela noite. A geada formara cristais sobre as rochas e tocar uma lâmina de aço significava deixar uma lasca de pele colada ao metal. Estava um frio medonho. De madrugada, a chuva passou a neve, depois parou e depois do nevão o vento passou a soprar mais baixo e as nuvens foram arrastadas para leste deixando a descoberto uma enorme lua cheia, elevando-se no céu. Era uma lua cheia de portento; uma bola prateada inchada

toldada pelos reflexos de nuvens distantes suspensas sobre um oceano repleto de ondas negras e prateadas. As estrelas nunca me tinham parecido tão brilhantes. Os contornos enormes do carro de *Bei* refulgiam sobre as nossas cabeças, em eterna perseguição da constelação a que chamávamos a truta. Os deuses viviam entre as estrelas e eu enviei uma prece que se elevou no ar gelado, na esperança de que chegasse até esses fogos brilhantes.

Alguns de nós cochilavam, mas era o sono leve próprio de homens exaustos, enregelados e assustados. Os nossos inimigos, cercando o monte com as suas lanças tinham acendido fogueiras. Alguns pôneis transportavam combustível para uso dos Escudos Sanguinários e as chamas erguiam-se altas no escuro da noite, espalhando faíscas na direção do céu claro.

Tudo estava imóvel na cavidade do Caldeirão, onde o corpo coberto de Merlim estava protegido da luz da lua pelo vulto dos rochedos elevados de onde observávamos, por turnos, as silhuetas dos cavaleiros que se recortavam contra as fogueiras. De quando em vez, uma lança comprida zunia na escuridão da noite e a sua cabeça cintilava ao luar antes da arma bater sonoramente nas pedras.

- E agora, que vai fazer com o Caldeirão? - perguntei a Nimue.

- Até o Samain, nada - disse ela, inexpressiva. Estava deitada, enrugada, próximo do monte de fardos abandonados que tinham sido atirados para a concavidade no topo da elevação, assentando os pés sobre o entulho que com gestos desesperados tínhamos retirado de dentro do poço. - Tudo tem de estar certo, Derfel. Tem de haver lua cheia, o tempo tem de ser o correto e todos os treze Tesouros têm de estar reunidos.

- Fale-me dos Tesouros - pediu Galaad, falando do canto mais afastado da concavidade.

Nimue cuspiu.

- Para que possa fazer troça de nós, cristão? - desafiou-o.

Galaad sorriu.

- Há milhares de pessoas, Nimue, que fazem troça de vocês. Dizem que os deuses estão mortos e que deveríamos transferir a nossa fé para os homens. Devíamos seguir Artur, dizem, e acreditam que a sua busca de caldeirões, capas, facas e cornos não passam de uma série de disparates que morreram juntamente com *Ynys Mon*.

Quantos reis da Bretanha enviariam os seus homens para os acompanhar numa busca como esta? - Mexeu-se, tentando encontrar algum conforto na noite fria. - Nenhum, Nimue,

porque fazem troça de vocês. É muito tarde, dizem eles. Os Romanos mudaram tudo e todos os homens sensatos alegam que seu Caldeirão está tão morto como *Ynys Trebes*. Os cristãos dizem que você faz o trabalho do Diabo, mas este cristão, cara Nimue, trouxe a sua espada até este lugar e por esse fato, cara dama, deve-me pelo menos um gesto de boa educação.

Nimue não estava habituada a ser repreendida, exceto por Merlim talvez, e ficou rígida ao ouvir a censura moderada de Galaad. Por fim cedeu. Puxou a pele de urso de Merlim para cima dos ombros e curvou-se para frente.

- Os Tesouros - disse ela - foram deixados pelos deuses. Foi há muito tempo, quando a Bretanha estava completamente sozinha no mundo. Não havia outros países; apenas a Bretanha e um vasto mar coberto por uma espessa neblina. Nesse tempo havia doze tribos na Bretanha e doze reis e doze salões de consagração e apenas doze deuses. Estes deuses caminhavam pela terra tal como nós, e *Bei*, um deles, chegou a casar com uma humana; e esta Senhora, - fez um gesto na direção de Ceinwyn, que a escutava com uma atenção tão ávida como qualquer um dos soldados - descende desse casamento.

Calou-se quando um grito soou no círculo de fogueiras. Esse grito, porém, não pressagiava qualquer ameaça e o

silêncio tornou a cair sobre a noite enquanto Nimue prosseguia o seu relato.

- Outros deuses, no entanto, que sentiam inveja dos doze que governavam a Bretanha desceram das estrelas e tentaram roubar a Bretanha dos doze deuses, e as doze tribos sofreram durante as batalhas. Uma lança arremessada por um deus podia matar uma centena de pessoas e nenhum escudo terreno era capaz de deter a espada de um deus; por isso, os doze deuses, em virtude do amor que sentiam pela Bretanha, deram às doze tribos doze Tesouros. Cada Tesouro devia ser guardado num castelo real e a presença do Tesouro impediria que as lanças dos deuses atingissem o castelo ou qualquer um dos seus habitantes. Não eram coisas grandiosas. Se os doze deuses tivessem oferecido coisas esplêndidas, os outros deuses as teriam visto, adivinhado a sua finalidade e as teriam roubado para sua própria proteção. Por isso, as doze oferendas eram apenas objetos comuns: uma espada, um cesto, um corno, um carro, um cabresto, uma faca, uma pedra de amolar, um casaco com mangas, uma capa, um prato, um escudo e um anel de guerreiro. Doze objetos comuns, e tudo o que os deuses nos pediram foi que preservássemos os doze Tesouros, que os guardássemos em local seguro e que os venerássemos. Em troca, além de ter a proteção dos Tesouros, cada tribo podia usar o seu presente para convocar o seu deus. Tinham direito a uma convocação por ano, e apenas uma, mas essa

convocação conferia às tribos algum poder na terrível guerra dos deuses.

Interrompeu o relato e aconchegou ainda mais as peles em torno dos ombros magros.

- As tribos possuíam então os seus Tesouros, mas graças ao grande amor que *Bei* sentia por essa mulher terrena presenteou-a com um décimo terceiro Tesouro.

Ofereceu-lhe o Caldeirão e disse-lhe que sempre que começasse a envelhecer apenas tinha de encher o Caldeirão com água e mergulhar lá dentro para recuperar a juventude.

Desse modo poderia caminhar ao lado de *Bei* para sempre, no auge da sua beleza. E o Caldeirão, como pode ver, é esplêndido; é todo feito de ouro e prata, mais belo do que qualquer coisa que um homem é capaz de fazer. As outras tribos o viram e sentiram ciúmes e foi assim que deflagraram as guerras da Bretanha. Os deuses guerrearam no ar e as doze tribos digladiaram-se na terra, e um por um os Tesouros foram capturados ou então foram trocados por guerreiros até que, movidos pela ira, os deuses retiraram a sua proteção. O Caldeirão foi roubado, da amada de *Bei* envelheceu e morreu e *Bei* rogou-nos uma maldição. Essa maldição foi a existência de outros países e outros povos, embora *Bei* tivesse prometido que se por altura de um Samain, voltássemos a

reunir os doze Tesouros das doze tribos, realizássemos os ritos adequados e enchêssemos o décimo terceiro Tesouro com a água que nenhum homem bebe, mas sem a qual nenhum homem consegue sobreviver, os doze deuses viriam de novo em nosso auxílio. - Deteve-se, encolheu os ombros e olhou para Galaad. - Aí está, cristão, as razões por que a sua espada veio até aqui.

Seguiu-se um longo silêncio. O luar desceu sobre as rochas deslizando vagarosamente no sentido do poço onde Merlim jazia, coberto por uma fina capa.

- E os doze Tesouros estão todos em seu poder? - perguntou Ceinwyn.

- A maior parte - respondeu Nimue evasivamente. - Mas mesmo sem os doze, o poder do Caldeirão é imenso. Enorme. O seu poder é maior do que o de todos os Tesouros juntos. - Lançou um olhar agressivo para o outro lado da cavidade, onde estava Galaad. - E o que fará, cristão, quando vir esse poder?

Galaad sorriu.

- Vou recordar-lhe que empunhei a minha espada na sua procura - respondeu num tom de voz suave.

- Todos nós o fizemos. Somos os guerreiros do Caldeirão -

disse Issa em voz baixa, exibindo um talento poético que eu desconhecia nele, perante o sorriso dos outros soldados. As suas barbas estavam cobertas de neve, as mãos envolvidas em faixas de tecido e peles e o seu olhar parecia vazio. No entanto tinham encontrado o Caldeirão e o orgulho que sentiam por tal façanha cumulava-os, ainda que, às primeiras horas da manhã, tivessem de enfrentar os Escudos Sanguinários e começassem a perceber que todos nós estávamos condenados.

Ceinwyn encostou-se em mim, partilhando a pele de lobo que me cobria.

Esperou até Nimue ter adormecido e depois encostou o seu rosto ao meu.

- Merlim está morto, Derfel - disse em voz baixa e triste.

- Eu sei - respondi, pois do poço onde estava o Caldeirão não vinha nem movimento nem som.

- Senti o rosto e as mãos dele - sussurrou ela, - e estavam ambas frias como gelo. Aproximei a lâmina da minha faca da boca dele e nada aconteceu. Ele está morto.

Eu não disse nada. Amava Merlim porque ele fora como um pai para mim e não conseguia realmente acreditar que tivesse morrido naquele momento de triunfo, mas tão pouco podia

reunir esperanças de chegar a ver de novo a vida da sua alma.

- Devíamos enterrá-lo aqui - disse Ceinwyn suavemente, - dentro do seu Caldeirão.

Mais uma vez não respondi. A mão dela encontrou a minha.

- O que vamos fazer? - perguntou ela. "Morrer", pensei, mas continuei calado.

- Não deixará que me levem, não é? - murmurou ela.

- Nunca, - disse eu.

- O dia em que o conheci, Lorde Derfel Cadarn - disse ela, - foi o melhor dia da minha vida.

E as suas palavras fizeram com que os meus olhos se enchessem de lágrimas.

Se eram lágrimas de alegria ou um lamento por tudo aquilo que iria perder na fria madrugada que se aproximava, não sei dizer.

Caí num sono pouco profundo e sonhei que estava preso num lodaçal, cercado por cavaleiros negros capazes de atravessar magicamente a terra ensopada. Depois descobri que não conseguia erguer o braço onde segurava o escudo

e vi a espada abater-se sobre o meu ombro direito; acordei sobressaltado esticando o braço na direção da minha lança para ver que fora Gwilym quem inadvertidamente tocara no meu ombro quando se preparava para escalar a rocha e iniciar o seu turno de guarda.

- Perdão, senhor - sussurrou ele.

Ceinwyn dormia na curva do meu braço e Nimue estava aninhada no outro lado.

Galaad, cuja barba loura estava manchada de neve, ressonava baixinho e o resto dos meus soldados cochilavam ou permaneciam deitados numa apatia gelada. A lua estava agora quase por cima de mim, a sua claridade inclinando-se para pôr a descoberto as estrelas pintadas nos escudos amontoados dos meus homens e na parede rochosa do poço que tínhamos escavado no cume côncavo. A neblina que encobrira a face inchada da lua quando esta estava suspensa sobre o mar tinha desaparecido e nesse momento ela era um disco puro, duro, claro e frio, de contornos tão definidos como uma moeda acabada de cunhar. Lembrei-me vagamente da minha mãe dizendo-me o nome do homem da lua, mas não conseguia fixar a memória. A minha mãe era saxã e eu estava na barriga dela no momento em que fora capturada numa incursão dumnoniana. Tinham me dito que ela ainda estava viva e que estava na *Silúria*, mas nunca

mais a vira desde o dia em que o druida Tanaburs me arrancara dos braços dela e tentara me matar no poço da morte. Merlin me criara e eu tinha me tornado bretão, um amigo de Artur e o homem que tinha levado a estrela de Powys do castelo do irmão dela. ”Que fio de vida tão estranho”, pensei, ”e como era triste que tivesse de ser cortado tão cedo aqui, na ilha sagrada da Bretanha.”

- Suponho - disse Merlin - que não há por aqui nenhum pedaço de queijo?

Fitei-o, pensando que devia estar sonhando.

- Daquele tipo esbranquiçado, Derfel - disse ele, ansioso, - que se esfarela. Não aquela massa rija, amarelo-escuro. Não suporto aquele queijo rijo amarelo-escuro.

Estava de pé dentro da concavidade e olhava-me com uma expressão atenta e séria, com a capa que tinha coberto o seu corpo pendurada nos ombros, como se fosse um xale.

- Senhor? - disse eu, numa voz fraca.

- Queijo, Derfel. Não ouviu o que eu disse? Quero comer queijo. Tínhamos um pedaço. Estava embrulhado em linho. E onde está o meu bastão? Um homem deita-se para dormir um pouco e logo lhe roubam o bastão. Será que já não há gente honesta?

Vivemos num mundo terrível. Não há queijo, não há honestidade, não há bastão.

- Senhor!

- Pare de me chamar, Derfel. Não estou surdo, apenas tenho fome.

- Oh, Senhor!

- Agora chora! Odeio lágrimas. Tudo o que peço é um pedaço de queijo e você

começa a choramingar como uma criança. Ah, eis o meu bastão. Ótimo.

Apanhou o bastão, que estava ao lado de Nimue, e serviu-se dele para sair da cavidade. Os outros soldados estavam agora acordados e olhavam-no boquiabertos.

Depois, Nimue mexeu-se e eu ouvi a respiração ofegante de Ceinwyn.

- Suponho, Derfel - disse Merlim enquanto caminhava entre os fardos empilhados procurando o seu pedaço de queijo, - que nos colocou numa posição difícil? Estamos cercados, não é verdade?

- Sim, senhor.

- E somos inferiores em número?

- Sim, senhor.

- Ora, ora, Derfel. E você se considera um líder de guerreiros? Queijo! Aqui está

ele. Eu sabia que havia algum. Excelente.

Apontei um dedo trêmulo na direção da cavidade.

- O Caldeirão, senhor. - Queria saber se o Caldeirão tinha operado um milagre, mas estava muito confuso pela estupefação e o alívio para que pudesse ser coerente.

- E que belo Caldeirão este, Derfel. Espaçoso, fundo, dotado de todas as qualidades que se exige a um Caldeirão. - Deu uma dentada no queijo. - Estou esfomeado! - Deu nova dentada, em seguida recostou-se nos rochedos e sorriu para todos nós. - Inferiores em número e cercados! Bem, Bem!! Que virá a seguir? - Enfiou o resto do pedaço de queijo na boca e sacudiu as migalhas das mãos. Dedicou um sorriso especial a Ceinwyn e depois estendeu um dos seus longos braços na direção de Nimue. -

Está tudo bem?

- Tudo bem - disse ela calmamente enquanto se aninhava

entre os braços dele.

Era a única que não parecia surpresa com o aparecimento dele ou como seu evidente estado de boa saúde.

- A não ser que estamos cercados e somos inferiores em número! - disse ele em tom zombeteiro. - O que vamos fazer? Normalmente, o melhor que há a fazer numa situação de emergência é sacrificar alguém. - Lançou um olhar expectante pelo círculo de homens atônitos. O seu rosto tinha recuperado as cores e toda a sua energia perversa regressara. - Derfel, talvez?

- Senhor! - protestou Ceinwyn.

- Senhora! Vocês não! Não, não, não, não, não. Já fez o suficiente.

- Sacrifício, não, senhor - implorou Ceinwyn.

Merlim sorriu. Nimue parecia ter adormecido nos braços dele, mas nenhum de nós que ali estávamos poderia voltar a adormecer. Uma lança ressoou nas rochas mais baixas e o som fez com que Merlim me estendesse o seu bastão.

- Suba até o alto, Derfel e aponte para Oeste com o meu bastão. Para Oeste, não se esqueça, não para Leste. Tente fazer uma coisa certa pelo menos uma vez, está bem?

É claro que quando se quer que uma tarefa seja executada corretamente devemos sempre fazê-la nós mesmos, mas eu não quero acordar Nimue. Vá.

Empunhei o bastão e subi as rochas até chegar o ponto mais elevado do monte e aí, seguindo as instruções de Merlim, apontei-o na direção do oceano distante.

- Não o abane! - gritou Merlim. - Aponte-o! Sinta o seu poder! Não é um agulhão para espicaçar bois, rapaz, é o bastão de um druida!

Mantive o bastão apontado para Oeste. Os cavaleiros negros de Diwrnach devem ter pressentido a presença da magia, pois os seus feiticeiros começaram a uivar subitamente ao mesmo tempo que um grupo de lanceiros corria apressadamente colina acima, pronto a arremessar as suas armas contra mim.

- Agora - gritou Merlim à medida que as lanças caíam aos meus pés, - dê-lhe poder, Derfel, dê-lhe poder!

Concentrei-me no bastão, mas a verdade é que não senti nada, embora Merlim parecesse satisfeito com o meu esforço.

- Agora baixe-o - disse, - e descanse um pouco. Temos uma caminhada razoável pela frente, de manhã. Temos mais

queijo? Eu seria capaz de comer um saco cheio!

Ficamos deitados no frio. Merlim recusava-se a falar sobre o Caldeirão, ou sobre a sua doença, mas eu sentia a mudança de estado de espírito que se verificara em todos nós. Nos sentíamos subitamente esperançosos, íamos viver, e Ceinwyn foi a primeira a entrever o caminho da nossa salvação. Beliscou-me e depois apontou para a Lua. Nesse momento vi que aquilo que fora uma forma de contornos precisos e nítidos aparecia agora toldada por um véu de neblina cintilante. Os pontos minúsculos cintilavam com tal intensidade em redor da lua cheia e prateada que este colar nebuloso fazia lembrar um anel de gemas pulverizadas.

Merlim não prestava qualquer atenção à Lua e continuava a falar sobre queijos.

- Havia uma mulher em *Dun Seilo* que fazia um queijo mole fabuloso - disse-nos.

- Embrulhava-o em folhas de urtiga se bem me lembro, depois fazia questão que ele passasse seis meses em repouso numa selha de madeira que tinha estado em infusão em urina de carneiro. Urina de Carneiro! Há pessoas que possuem as superstições mais absurdas, mas seja como for ela fazia um queijo muito bom. - Soltou um riso abafado. -

Obrigava o pobre do marido a recolher a urina. E como é que

ele o fazia? Nunca gostei de perguntar. Agarrando-o pelos cornos e fazendo-lhe cócegas, perguntarão vocês? Ou talvez usasse a sua própria urina sem nunca lhe dizer nada. Era o que eu teria feito. Está

ficando mais quente, não acham?

A neblina gelada e brilhante que rodeava a Lua dissipara-se, mas esse fato não tornara os contornos da Lua mais apagados. Pelo contrário eram agora toldados por uma neblina mais translúcida, empurrada com suavidade por um vento ligeiro que soprava de Oeste e que era, de fato, mais quente. As estrelas cintilantes apareciam turvas, o gelo de cristal que cobria as rochas dissolvia-se num esplendor úmido e todos nós tínhamos parado de tremer. Podíamos de novo tocar as pontas das nossas lanças e estava levantando-se um nevoeiro.

- Os dumnonianos, é claro, teimam em dizer que o seu queijo é o melhor de toda a Bretanha - dizia Merlim num tom convicto, como se nenhum de nós tivesse outra coisa melhor para fazer a não ser escutar uma palestra sobre queijos, - e reconheço que ele pode ser bom, mas na maioria das vezes é rijo. Lembro-me que em certa ocasião Uther quebrou um dente ao morder um pedaço de queijo proveniente de uma fazenda perto de *Lindinis*. Em duas metades perfeitas! Pobre homem, as dores não o largaram

durante semanas. Nunca consegui suportar a idéia de arrancar um dente. Eu dizia-lhe insistentemente que usaria um pouco de magia, mas, coisa estranha, a magia nunca funciona quando se trata de dentes. Olhos, sim, intestinos, sempre, e por vezes miolos até, embora nos dias que correm existam muito poucos na Bretanha. Mas dentes!?

Nunca. Tenho de estudar esta questão quando tiver algum tempo livre. E eu até gosto de arrancar dentes, imaginem só.

- Sorriu de uma forma extravagante, expondo a sua dentadura de uma perfeição rara. Artur fora bafejado com a mesma bênção, mas os restantes de nós conhecíamos os tormentos das dores de dentes.

Levantei os olhos para ver que o topo das rochas mais altas estava quase escondido pelo nevoeiro que se adensava a cada minuto que passava. Era um nevoeiro criado por um druida, denso e branco sob a Lua e envolvendo *Ynys Mon* no seu espesso manto de vapor.

- Na *Silúria* - disse Merlim - servem-nos uma taça com uma mistura sem cor e chamam-lhe queijo. É tão repelente que nem os ratos a comem. Mas que mais poderia se esperar da *Silúria*? Há alguma coisa que me queira dizer? Parece excitado.

- Nevoeiro, senhor - disse eu.

- Que homem perspicaz - disse ele, com admiração. - Nesse caso, talvez possa tirar o Caldeirão de dentro do buraco? É hora de partir, Derfel, hora de partir.

E assim aconteceu.

SEGUNDA PARTE

A Guerra Interrompida

- Não! - protestou Igraine, ao olhar para o mais recente dos manuscritos.

Perguntei educadamente.

- Não pode interromper a história nesta fase dos acontecimentos! - disse ela. - O

que aconteceu?

- Saímos dali, claro.

- Oh, Derfel! - Atirou o pergaminho ao chão. - Conheço moços de cozinha que sabem contar uma história melhor que você! Diga-me como tudo aconteceu, insisto!

Assim fiz.

Era quase madrugada, e o nevoeiro era de tal modo denso que quando conseguimos descer do alto dos rochedos para o campo de erva que forrava o cume do outeiro corríamos o risco de nos perdermos de vista uns aos outros com um simples passo em falso. Merlim pediu que formássemos uma corrente, que cada um de nós segurasse a capa do companheiro que seguia à sua frente. Deste modo, com o Caldeirão preso às minhas costas, deslizamos lenta e silenciosamente pela encosta abaixo. Com o bastão apontado para frente, Merlim nos conduziu sem percalços através do acampamento dos Escudos Sanguinários, sem que fôssemos vistos. Ouvia os gritos de Diwnach, ordenando aos seus homens que se dispersassem. Os cavaleiros negros, no entanto, sabiam que aquele era um nevoeiro de bruxo e preferiam manter-se perto das fogueiras. Aqueles primeiros passos, porém, foram os mais perigosos da nossa viagem.

- Mas as histórias, - insistiu a minha rainha, - contam que todos vocês desapareceram. Os homens de Diwnach afiançaram que vocês deixaram a ilha voando.

É uma história famosa! A minha mãe a contou. Não pode vir agora dizer que muito simplesmente saíram dali.

- Mas foi o que fizemos - disse eu.

- Derfel! - admoestou-me.

- Nenhum de nós desapareceu - respondi eu, com paciência,
- nem voou, apesar do que sua mãe possa ter contado.

- Que aconteceu, então? - perguntou ela, ainda desiludida
com a versão pedestre da história.

- Caminhamos durante horas, seguindo Nimue, que possuía um estranho talento para se orientar no meio da escuridão ou do nevoeiro. Fora ela quem guiara os meus guerreiros na noite que antecederia a batalha do Vale do *Lugg*, e naquele momento, furando o denso nevoeiro de Inverno que descera sobre *Ynys Mon*, era novamente ela quem abria o caminho que nos levaria até um dos grandes cabeços fôrrados de erva, criados pelo Povo Antigo. Merlin conhecia o lugar para onde nos dirigíamos tinha dormido lá alguns anos antes, segundo dizia e ordenou a três dos meus homens que afastassem as pedras que bloqueavam a entrada, situada entre dois taludes curvos feitos de terra coberta de erva, que sobressaíam como se fossem cornos. Só então, um por um, apoiados nas nossas mãos e joelhos, rastejamos até ao centro sombrio do pequeno outeiro.

O outeiro era uma sepultura feita de enormes pedregulhos empilhados, dispostos de forma a abrir um corredor central do qual saíam seis câmaras menores. Uma vez concluída a

obra, o Povo Antigo tapara o corredor e as câmaras com lajes de pedra cobrindo-as depois com terra. Eles não queimavam os seus mortos como nós fazíamos, nem os abandonavam debaixo da terra fria como os cristãos. Colocavam-nos em câmaras de pedra, onde ainda jaziam, acompanhados dos seus tesouros: cálices em forma de corno, chifres de veado, cabeças de lança em pedra, facas em sílex, um prato de bronze e um colar feito de preciosas pedras de âmbar-negro, enfiadas num fio de tendão apodrecido. Merlim não se cansava de nos dizer que não devíamos perturbar os mortos, pois éramos seus convidados; por isso nos aconchegamos no corredor central e deixamos as câmaras com os ossos entregues à sua solidão. Entoamos cânticos e contamos histórias. Merlim contou-nos que o Povo Antigo tinha sido o guardião da Bretanha antes da chegada dos Britânicos e, segundo ele, vivia ainda em determinados lugares. Ele estivera nesses vales fundos e perdidos em terras inóspitas e aprendera uma parte da sua magia. Contou-nos que pegavam o primeiro cordeiro do ano, atavam-no com vimes e enterravam-no num local de pastagem para garantir que os outros cordeiros nascessem fortes e saudáveis.

- Nós ainda fazemos isso - disse Issa.

- Porque os seus antepassados aprenderam com o Povo Antigo - disse Merlim.

- Em *Benoic* - afirmou Galaad - costumávamos tirar a pele do primeiro cordeiro e pregá-la em uma árvore.

- Também funciona. A voz de Merlim ecoou no corredor gelado e escuro.

- Pobres cordeiros - disse Ceinwyn, e todos riram. O nevoeiro levantou, mas resguardados como estávamos nas profundezas do pequeno outeiro mal percebíamos a sucessão dos dias e das noites, exceto nas ocasiões em que desbloqueávamos a entrada para que alguns de nós pudessem sair. Éramos obrigados a fazê-lo a intervalos regulares, para não ficarmos atolados nos nossos próprios excrementos; se por acaso fosse dia, nos escondíamos no meio das saliências de terra do pequeno outeiro e víamos os cavaleiros negros passar em revista campos, cavernas, charnecas, rochedos, cabanas e pequenos bosques de árvores vergadas pelo vento. As suas buscas duraram cinco longos dias, e durante todo esse intervalo de tempo, nos alimentamos com as últimas migalhas da comida que tínhamos trazido e matamos a sede com a água que se infiltrava através das paredes do outeiro. Por fim, Diwrnach decidiu que a nossa magia era superior à sua e desistiu da perseguição. Esperamos mais dois dias, para nos certificarmos de que ele não estava tentando nos atrair para fora do nosso esconderijo, e então saímos, por fim.

Acrescentamos ouro aos tesouros dos mortos como pagamento de aluguel, bloqueamos a entrada e rumamos para Leste alumiados pelo Sol de Inverno. Uma vez chegados à costa usamos as nossas espadas para requisitar dois barcos de pesca e fizemo-nos ao mar deixando para trás a ilha sagrada. Viramos para Leste, e enquanto for vivo jamais esquecerei o refulgir dos ornamentos dourados do Caldeirão e da sua cavidade bojuda e prateada, à medida que as velas esfarrapadas nos conduziam para um porto seguro.

Compusemos uma canção enquanto velejávamos, A Canção do Caldeirão, que ainda hoje é cantada em certas ocasiões, ainda que seja um tributo bem modesto quando comparada com as canções dos bardos. Aportamos em *Cornóvia* e daí seguimos para Sul, atravessando *Elmet* e alcançando o território amigo de *Powys*.

- E é por isto, senhora - concluí, - que todos os relatos dizem que Merlim desapareceu.

Igraine franziu as sobrancelhas.

- E os cavaleiros negros não revistaram o outeiro?

- Duas vezes, mas ignoravam que a entrada podia ser desimpedida, ou então sentiram medo dos espíritos dos mortos que jaziam no seu interior. E Merlim tinha obviamente criado um encantamento que nos ocultava ainda mais.

- Quem dera que tivessem voado - resmungou. - Daria uma história muito melhor.

- Suspirou por um sonho perdido. - Mas a história do Caldeirão não termina aqui, não é?

- Desgraçadamente, não.

- Então...

- Então vou contá-la em seu devido tempo - interrompi-a.

Mostrou-se aborrecida. Vestia a capa de lã cinzenta ornada por um rebordo de pele de lontra, que a fazia parecer muito bonita. Ainda não engravidou, o que me leva a pensar que, ou não está predestinada a ter filhos ou então o marido, o rei Brochvael, passa tempo demais na companhia de Nwylle, sua amante.

O dia está frio, rajadas de vento fustigam a minha janela e agitam as pequenas chamas da lareira, que é suficientemente ampla para abrigar um fogo dez vezes maior do que aquele que o bispo Sansum me autoriza a acender. Consigo ouvir o santo ralhando com o irmão Arun, o cozinheiro do nosso mosteiro. A papa de aveia desta manhã estava muito quente e queimou a língua de S. Tudwal. Tudwal é uma criança que vive no nosso mosteiro, o companheiro próximo do bispo no seio de nosso Senhor Jesus Cristo. No ano transato, o bispo

elevou Tudwall à categoria de santo. O demônio espalha muitas ciladas na via que conduz à fé verdadeira.

- Então foi você e Ceinwyn - acusou Igraine.

- Nós o quê? - perguntei.

- Tornou-se amante dela - disse Igraine.

- Para toda a vida, senhora - confessei.

- E nunca casaram?

- Nunca. Não esqueça que ela tinha feito um juramento.

- Mas ela tão pouco, e partiu em duas metades ao dar à luz - disse Igraine.

- A terceira criança quase lhe roubou a vida - disse eu - mas em relação aos outros tudo correu mais facilmente.

Igraine agachara-se junto ao fogo, aproximando as mãos pálidas das chamas patéticas.

- Você é um homem afortunado, Derfel.

- Sou?

- Por ter conhecido um amor assim.

A sua expressão era melancólica. A rainha tem a mesma idade que tinha Ceinwyn quando a vi pela primeira vez e, tal como Ceinwyn, Igraine é bela e merecedora de um amor digno dos versos de um bardo.

- Tive sorte - admiti.

Do lado de fora da minha janela, o irmão Maelgwyn está em vias de fazer desaparecer uma pilha de toros, rachando os cepos com um malho e um martelo e cantarolando à medida que vai trabalhando. A sua canção conta a história de amor de Rhydderch e Morag, o que significa que será repreendido, mal S. Sansum tenha acabado de humilhar Arun. Somos irmãos em Cristo, diz o santo, unidos no amor.

- E Cuneglas não ficou zangado com a irmã pelo fato de ela ter fugido com você?

- perguntou Igraine. - Nem um pouquinho?

- Nem por sombras - disse eu. - Ele queria que voltássemos para *Caer Sws*, mas ambos gostávamos de viver em *Cwm Isaf*. Além disso, Ceinwyn nunca gostou verdadeiramente da cunhada. Helled era uma resmungona e tinha duas tias muito azedas. Nenhuma delas via Ceinwyn com bons olhos e foram elas quem puseram a circular toda a espécie de mexericos, embora nós nunca tivéssemos causado escândalo. -

Fiz uma pausa, recordando aqueles tempos passados. - A maioria das pessoas eram na verdade muito gentis. Em *Powys* havia ainda um certo ressentimento por causa do Vale do *Lugg*. Muitas pessoas tinham perdido pais, irmãos e maridos, e a desobediência de Ceinwyn constituía para eles uma espécie de recompensa. Agradara-lhes ter visto o embaço de Artur e de Lancelot; por isso, além de Helled e das suas tias pavorosas, ninguém era indelicado conosco.

- E Lancelot não lutou por ela? - perguntou Igraine, surpreendida.

- Oxalá o tivesse feito - disse eu, secamente. - Teria gostado disso.

- E Ceinwyn limitou-se a tomar uma decisão própria? - perguntou Igraine, estupefata perante a idéia de uma mulher sequer ousar fazer tal coisa. Levantou-se e caminhou até à janela, onde se demorou durante alguns momentos escutando a canção de Maelgwyn. - Pobre Gwenhwyvach. Fala dela como se ela fosse muito feia, gorducha e desinteressante.

- Ela era tudo isso, infelizmente.

- Nem todas as pessoas podem ser bonitas - disse ela, com a segurança de alguém que o era.

- É verdade, concordei, mas a senhora não quer uma história sobre coisas vulgares. Quer a Bretanha de Artur, lívida de paixão, e eu não era capaz de sentir qualquer sombra de paixão por Gwenhwyvach. Não se pode comandar o amor, senhora, só a beleza ou a luxúria conseguem isso. Quer que o mundo seja justo? Imagine, então, um mundo sem reis, nem rainhas, nem senhores, nem paixão nem magia. Gostaria de viver num mundo tão monótono?

- Isso nada tem que ver com beleza - protestou Igraine.

- Tem tudo que ver com beleza. O que é a nossa condição, senão o fruto do acaso do nosso nascimento? E o que é a nossa beleza senão outra obra do acaso? Se os deuses... - parei e corrigi, - se Deus quisesse que fôssemos iguais, teria feito a todos nós iguais, e se fôssemos todos iguais que destino teria a sua novela de cavalaria.

Abandonou a discussão.

- Você acredita na magia, irmão Derfel? desafiou-me.

Refleti sobre a pergunta dela.

- Sim - respondi. - Mesmo enquanto cristãos podemos acreditar nela. O que são os milagres senão magia?

- E Merlim era de fato capaz de fazer levantar o nevoeiro?

Franzi o sobrolho.

- Tudo o que Merlim fazia, senhora, tinha outra explicação. Os nevoeiros nascem no mar, de fato, e todos os dias encontramos coisas perdidas.

- E os mortos ressuscitam?

- Lázaro - ressuscitou disse eu - e o mesmo aconteceu com o nosso Salvador. -

Benzi-me.

Respeitosamente, Igraine fez o sinal da cruz.

- E Merlim, ele ressuscitou dos mortos? - perguntou ela.

- Não sei se ele chegou a estar morto - respondi, cauteloso.

- Mas Ceinwyn estava certa disso?

- Até o dia em que morreu, senhora.

Igraine torceu o cinto entrançado do vestido, que segurava entre os dedos.

- Mas não era essa a magia do Caldeirão? O poder de restituir a vida?

- É o que dizem.

- E não há dúvida que a descoberta do Caldeirão, por Ceinwyn, foi mágica disse Igraine.

- Talvez - disse eu, - mas talvez fosse apenas uma questão de senso comum.

Merlim passara meses tentando descobrir todos os elementos dispersos sobre *Ynys Mon*.

Sabia onde os druidas tinham construído o seu santuário, que ficava próximo de *Llyn Cerrig Bach*, e Ceinwyn apenas nos conduziu ao local mais próximo onde o Caldeirão poderia estar escondido em segurança. No entanto, ela teve de fato um sonho.

- Tal como você, - disse Igraine, - no *Dolforwyn*. O que foi que Merlim te deu para beber?

- O mesmo que Nimue deu a Ceinwyn em *Llyn Cerrig Bach* - disse, -

provavelmente uma infusão à base do capucho vermelho.

- O cogumelo! - A voz de Igraine soou aterrada.

Fiz um aceno de cabeça.

- Por isso me contorcia e não conseguia ficar de pé.

- Mas podia ter morrido! - protestou ela.

Abanei a cabeça, negativamente.

- Poucos morrem por causa dos capuchos vermelhos, e além disso, Nimue era habilidosa nesse tipo de coisas.

Decidi não lhe dizer que a melhor forma de tornar o capucho vermelho inofensivo era que o próprio feiticeiro comesse o cogumelo e depois desse para beber ao sonhador uma taça cheia com a sua própria urina.

- Ou talvez tenha usado ódio de centeio - disse eu - mas acho que foi capucho vermelho.

Igraine adotou uma expressão carrancuda quando S. Sansum ordenou ao irmão Maelgwyn que interrompesse a sua canção pagã. O santo anda mais irascível do que habitualmente, por estes dias. Sente dores intensas quando tem de urinar, talvez devido a um cálculo. Nós rezamos por ele.

- E o que é que aconteceu depois? - perguntou Igraine, ignorando o palavreado oco de Sansum.

- Fomos para casa - disse eu. - Regressamos a *Powys*.

- E para junto de Artur? - perguntou ela, ansiosa.

- Para junto de Artur também - disse eu, - pois esta é a sua história, a história do nosso querido senhor da guerra, o gerador das nossas leis, o nosso Artur.

Aquela Primavera em *Cwm Isaf* foi verdadeiramente gloriosa. Ou talvez quando se está apaixonado tudo nos aparece com plenitude e esplendor redobrados. Seja como for, naquela época tinha a sensação que o mundo nunca estivera tão repleto de primaveras e mercuriais, de campainhas e violetas, de lírios e extensos campos de trevos.

Borboletas azuis assediavam o prado, de onde tiramos fardos emaranhados da relva que florescera sob a floração rosa das macieiras. Os papa-formigas cantavam pousados nas flores das árvores, alguns maçaricos perambulavam junto ao ribeiro e uma lavandisca construía o seu ninho debaixo do telhado de colmo de *Cwm Isaf*. Tínhamos cinco vitelos de olhos ternos, todos eles saudáveis e insaciáveis, e Ceinwyn estava grávida.

Eu tinha feito dois anéis de namorados para ambos, depois do regresso a *Ynys Mon*. Os anéis tinham uma incisão em forma de cruz, mas não a cruz dos cristãos e era frequente as moças usarem-nos quando deixavam de ser donzelas e passavam a ser mulheres. A maioria das garotas aceitava um

ramo de palha entrançada oferecido pelo homem amado e usava-o como um emblema, enquanto as mulheres dos lanceiros usavam um anel de guerreiro com uma cruz desenhada. As mulheres de condição elevada, no entanto, raramente usavam anéis, que menos prezavam como símbolos vulgares. Certos homens usavam também anéis como estes, e Valerin, o chefe de *Powys*, usava um anel de compromisso com uma cruz gravada quando morrera no Vale do *Lugg*.

Valerin tinha sido o prometido de Guinevere antes de ela ter conhecido Artur.

Os nossos eram anéis de guerreiro feitos a partir da cabeça de um machado saxão. Antes de me ter separado de Merlim, que continuou viagem para Sul na direção de *Ynys Wydryn*, tirei secretamente um dos motivos decorativos do Caldeirão. Era uma lança dourada em miniatura, presa entre as mãos de um guerreiro, e saiu com facilidade.

Escondi o ouro dentro de uma bolsa e, uma vez regressado a *Cwm Isaf*, peguei o fragmento de ouro e os dois anéis de guerreiro e levei-os a um artesão de metais que, na minha presença, derreteu e moldou o ouro em duas cruzes que incrustou no ferro. Deixei-me ficar ao seu lado para que ele não substituísse o ouro. Em seguida dei um dos anéis a Ceinwyn e passei a usar o outro. Ceinwyn riu quando viu o

anel.

- Um ramo de palha entrançada teria sido o suficiente, Derfel
- disse ela.

- Ouro retirado do Caldeirão será melhor - respondi.

Nunca tirávamos os anéis, para grande desgosto da rainha Helled.

Artur veio visitar-nos durante aquela deliciosa Primavera.
Encontrou-me nú até à

cintura arrancando a relva, uma tarefa tão infundável como era a de fiar lã. Saudou-me desde as margens do ribeiro e depois subiu a pequena encosta para me cumprimentar.

Vestia uma túnica em linho cinzento e perneiras escuras e não trazia espada.

- Gosto de ver um homem trabalhar - disse, em jeito de provocação.

- É mais difícil arrancar relva do que combater - resmunguei, fazendo pressão com as mãos na zona dos rins. - Veio para nos ajudar?

- Vim visitar Cuneglas - disse ele, sentando-se sobre um bloco de pedra arredondado, próximo de uma das macieiras

que salpicavam o prado.

- Guerra? - perguntei, como se Artur pudesse ter outros assuntos a tratar em *Powys* além deste.

Meneou a cabeça.

- É tempo de reunir lanças, Derfel. Sobretudo - sorriu - as dos Guerreiros do Caldeirão.

Depois insistiu em ouvir toda a história, embora já lha devessem ter contado uma dúzia de vezes, e no final teve a gentileza de pedir desculpa por ter duvidado da existência do Caldeirão. Tenho certeza que Artur continuava a pensar que tudo não passava de um disparate, de um disparate perigoso até, pois o sucesso da nossa busca espalhara a ira entre os cristãos de *Dumnónia* que, tal como dissera Galaad, acreditavam que tudo era obra do demônio. Merlin trouxera o precioso Caldeirão de volta a *Ynys Wydryn*, onde seria guardado numa torre especialmente destinada a esse efeito. No momento certo, dizia Merlin, invocaríamos os seus imensos poderes, mas naquela época, só pelo fato de estar em *Dumnónia* e apesar da hostilidade dos cristãos, o Caldeirão instilava um novo sentimento de confiança por todo o país.

- Embora deva confessar - disse Artur - que ganho mais confiança vendo os soldados todos reunidos. Cuneglas me

disse que partirá na próxima semana, os silurianos de Lancelot estão se reunindo em Isca e os homens de Tewdric estão prontos para partir.

E vamos ter um ano seco, Derfel, um bom ano para combater.

Concordei. Os freixos tinham-se coberto de verdura antes dos carvalhos, o que significava que tínhamos pela frente um Verão quente, e os Verões quentes implicavam solo firme para os escudos defensivos.

- Onde quer os meus homens? - perguntei.

- Comigo, é claro - respondeu ele, fazendo depois uma pausa antes de me brindar com um sorriso malicioso. - Achei que iria me felicitar, Derfel.

- Ao senhor? - perguntei, fingindo ignorância para que fosse ele próprio a contar a novidade.

O sorriso dele se alargou.

- Guinevere deu à luz há um mês atrás. Um rapaz, um belo rapaz!

- Senhor! - exclamei, fingindo ter ficado surpreso com a notícia que ele me dava, embora na semana anterior nos tivessem chegado relatos do nascimento.

- É saudável e comilão! Um bom presságio. - Estava visivelmente encantado, mas as coisas simples da vida faziam-no sempre sentir desmesuradamente satisfeito.

Ansiava por ter uma família unida instalada numa casa de paredes sólidas, rodeada por campos de cereais devidamente cuidados. – Nós o chamamos Gwydre - disse ele, e repetiu o nome com afeto, - Gwydre.

- É um bom nome, senhor - disse eu, e lhe comuniquei que Ceinwyn estava grávida. Imediatamente, Artur decretou que a criança que ela esperava tinha de ser uma filha e que, evidentemente, desposaria o seu Gwydre quando esse momento chegasse.

Pôs um braço em volta dos meus ombros e me acompanhou até à casa, onde encontramos Ceinwyn que estava ocupada desnatando leite. Artur abraçou-a ternamente e, em seguida, insistiu com ela para que deixasse aquela tarefa ao cuidado das suas servas e saísse para conversar um pouco.

Nos sentamos num dos bancos feitos por Issa, à sombra da macieira plantada ao lado da porta da casa. Ceinwyn perguntou-lhe por Guinevere.

- O parto foi fácil?

- Foi, sim. - Tocou um amuleto de ferro que trazia pendurado

ao pescoço. - Muito fácil, na verdade, e ela está bem. - Fez uma careta. - Está um pouco preocupada com a hipótese de parecer mais velha depois da gravidez, mas isso é um disparate. A minha mãe nunca teve um ar envelhecido. E ter um filho fará bem a Guinevere.

Sorriu perante a idéia que Guinevere amaria um filho tanto como ele próprio.

Gwydre, é claro, não era o primeiro filho dele. Ailleann, a sua amante irlandesa, havia-lhe dado dois gêmeos, Amhar e Loholt, que tinham então idade suficiente para ocupar as posições que lhes estavam destinadas no escudo defensivo. Artur, no entanto, não ansiava pela companhia dos filhos.

- Não sentem afeto por mim - admitiu quando lhe perguntei pelos gêmeos, - mas gostam do nosso velho amigo Lancelot. - Lançou-nos um olhar tristemente apologético ao mencionar aquele nome. - E vão combater ao lado dos homens dele.

- Combater? - perguntou Ceinwyn, desconfiada.

Artur brindou-a com um sorriso gentil.

- Venho roubar-lhe Derfel, senhora.

- Traga-o de volta.

Foi a sua única resposta.

- Carregado de tesouros suficientes para fundar um reino - prometeu Artur; logo em seguida, porém, virou-se e olhou para as paredes baixas de *Cwm Isafe* para o monte saliente de colmo que nos mantinha aquecidos e ainda para a pilha de estrume fumegante que jazia além da extremidade da empena. Não era tão grande como a maioria das casas de *Dumnónia*, mas ainda assim era o gênero de casa pequena que qualquer próspero homem livre de *Powys* poderia possuir, e nós estávamos satisfeitos com ela. Pensei que Artur se preparava para tecer qualquer comentário comparativo entre a minha presente condição humilde e a minha fortuna futura, e estava pronto a defender *Cwm Isaf* de tal comparação. Em vez disso, porém, o seu rosto ostentava uma expressão pesarosa. – Eu o invejo realmente por tudo isto, Derfel.

- É sua, quando quiser, senhor - disse eu, captando a ansiedade na sua voz.

- Estou condenado a viver entre colunas de mármore e frontões imponentes – riu

- Parto amanhã. Cuneglas me seguirá dentro de dez dias. Você vai com ele? Ou antes, se puder. E traga o máximo de comida que conseguir transportar.

- Para onde? - perguntei.

- *Corinium* - replicou ele, depois pôs-se de pé e contemplou a casa uma vez mais antes de tomar a sorrir. - Uma última palavra, - pediu.

- Tenho de me certificar de que Scarach não está queimando o leite - disse Ceinwyn, compreendendo as implicações contidas nas palavras dele - Desejo que saia vitorioso, senhor - disse para Artur e levantou-se para um abraço de despedida.

Artur e eu subimos uma encosta pouco pronunciada, de onde admiramos as vedações recém-entrançadas, as macieiras aparadas e o pequeno lago com peixes no dique que tínhamos construído no ribeiro.

- Não crie muitas raízes nesta terra, Derfel - disse-me ele. - Eu o quero de volta a *Dumnónia*.

- Nada me daria mais prazer, senhor - disse, ciente de que não era Artur quem me mantinha afastado da minha pátria, mas sim a sua esposa e Lancelot, seu aliado.

Artur sorriu, mas não adiantou mais nada sobre o meu regresso.

- Ceinwyn - disse, em vez disso - parece ser muito feliz.

- E é. Ambos somos.

Hesitou durante alguns segundos.

- Talvez venha a descobrir - disse ele com a autoridade de um pai recente - que a gravidez lhe causará uma certa instabilidade.

- Até agora, não, senhor - disse eu - embora ainda estejamos nas primeiras semanas.

- Você é um homem de sorte por tê-la - disse ele em voz baixa, e agora que o recorde acho que essa foi a primeira vez que o ouvi proferir a mínima crítica a Guinevere.

- O parto é um momento de tensão - acrescentou como explicação apressada, - e estes preparativos para a guerra não ajudam nada. Infelizmente, não posso estar em casa tanto tempo quanto desejaria. - Deteve-se junto a um carvalho antigo que fora atingido por um relâmpago e cujo tronco enegrecido pelo fogo estava agora rachado em dois, sem que isso impedisse a velha árvore de lutar para fazer nascer novos rebentos. - Tenho um favor a pedir-lhe.

- Tudo o que quiser, senhor.

- Não se precipite, Derfel, ainda não sabe de que favor se trata. - Fez uma pausa e, perante o embaraço dele, pressenti

que era um pedido difícil. Por momentos não conseguiu formular nenhum pedido, limitando-se a contemplar os bosques que se estendiam ao sul da casa, murmurando algo sobre veados e campainhas.

- Campainhas? - perguntei, julgando ter entendido mal as suas palavras.

- Perguntava apenas por que razão é que os veados nunca comem campainhas?

- disse, evasivo. - Comem todo o resto.

- Não sei, senhor.

Hesitou durante uma fração de segundo e depois olhou-me diretamente nos olhos.

- Pedi uma reunião de Mitras, em *Corinium* - admitiu, por fim.

Compreendi o que se seguiria e endureci o meu coração para receber a notícia.

A guerra proporcionara-me muitas recompensas, mas nenhuma tão preciosa como a irmandade de Mitras. Este fora o deus romano da guerra e permanecera na Bretanha depois da partida dos Romanos; os únicos homens que tinham acesso aos seus mistérios eram eleitos pelos seus iniciados.

Estes iniciados vinham de todos os reinos e lutavam entre si com a mesma freqüência com que lutavam lado a lado, mas quando se reuniam no Castelo de Mitra faziam-no em paz e apenas elegiam para seu companheiro o mais corajoso entre todos os homens de coragem. Ser um iniciado de Mitras significava receber o louvor dos melhores guerreiros da Bretanha e esta era uma honra que eu não atribuía levianamente a homem nenhum. As mulheres, obviamente, não estavam autorizadas a adorar Mitras. Na verdade, se alguma mulher chegasse a ver os mistérios seria morta.

- Convoquei a reunião - disse Artur - porque quero que admitamos Lancelot nos mistérios.

Eu sabia que era essa a razão. Guinevere fizera o mesmo pedido no ano anterior e nos meses que lhe seguiram tive esperanças que a idéia se desvanecesse. Agora, porém, em vésperas de guerra, renascia.

Dei uma resposta política.

- Não seria melhor, senhor - perguntei, - que o rei Lancelot esperasse até os Saxões terem sido derrotados? Então, certamente já o teremos visto combater.

- Nenhum de nós tinha ainda visto Lancelot lutar num escudo defensivo e, para ser franco, seria para mim uma grande surpresa vê-lo combater durante o Verão que se

aproximava, mas esperava que a minha sugestão retardasse esse terrível momento de escolha por mais alguns meses.

Artur descreveu um gesto vago como se a minha sugestão fosse de certo modo irrelevante.

- Existem pressões - disse vagamente, - para que ele seja eleito já.

- Que pressões? - perguntei.

- A mãe dele não está bem.

Desatei a rir.

- Essa dificilmente será uma razão de peso para eleger um homem para Mitras, senhor.

Artur franziu as sobrancelhas, numa expressão mal-humorada, ciente da fragilidade dos seus argumentos.

- Ele é um rei, Derfel e comanda um exército real nas nossas guerras. Não gosta da *Silúria* e não posso culpá-lo por isso. Anseia pelos poetas, harpistas e salões de *Ynys Trebes*, mas perdeu este reino porque eu não consegui cumprir o meu juramento e não conduzi o meu exército em socorro de seu pai. Devemos-lhe isso, Derfel.

- Eu não, senhor.

- Devemos-lhe isso - insistiu Artur.

- Mesmo assim, ele devia esperar por Mitras - disse eu, com firmeza. - Se propuser o seu nome neste momento, Senhor, receio bem que ele seja rejeitado.

Ele temera que eu fosse dizer isso, mas mesmo assim não abdicou dos seus argumentos.

- Você é meu amigo - disse ele e com um gesto silenciou qualquer comentário que eu pudesse fazer, - e me daria grande prazer, Derfel, se o meu amigo fosse tão honrado em *Dumnónia* como é em *Powys*. - Tinha estado olhando fixamente para o tronco do carvalho destruído pelo relâmpago, mas nesse momento virou o rosto para mim. – Eu o quero em *Lindinis*, meu amigo, e se você, mais do que todos os outros, apoiar o nome de Lancelot no templo de Mitras, a sua eleição estará assegurada.

As palavras de Artur continham mais implicações do que à partida se poderia julgar. De uma forma sutil, ele estava confirmando que era Guinevere quem reclamava a candidatura de Lancelot, e que aquilo que aos olhos de Guinevere constituíam ofensas da minha parte seriam perdoadas caso eu lhe concedesse este desejo. Elegendo Lancelot para o círculo de Mitras, estava ele dizendo-me, poderia levar Ceinwyn para *Dumnónia* e aceitar a honra de

ser o paladino de Mordred, juntamente com todas as riquezas, terras e privilégios sociais que acompanhavam uma posição tão elevada.

Observei um grupo de lanceiros que desciam a elevada colina a norte. Um deles trazia nos braços um cordeiro, e concluí que devia tratar-se de uma cria órfã que necessitaria ser alimentada à mão por Ceinwyn. Era uma tarefa cansativa, pois o cordeiro tinha de ser alimentado com uma teta de pano embebida em leite; além disso, era freqüente as pobres criaturas morrerem, embora Ceinwyn insistisse em tentar salvar as suas vidas. Ela proibira terminantemente que os seus cordeiros fossem sepultados com vimes ou que a sua pelagem fosse pregada a uma árvore, e aparentemente o rebanho não tinha sido afetado por esta decisão.

Suspirei.

- Nesse caso - disse, - irei propor Lancelot, em *Corinium*.

- Não, eu não. Bors fará isso. Já o viu combater.

- Então, só nos resta esperar, senhor, que Bors tenha o dom da palavra.

Artur sorriu.

- Não pode me dar uma resposta agora?

- Nenhuma que quisésse ouvir, senhor.

Encolheu os ombros, segurou-me pelo braço e fizemos o caminho de volta.

- Odeio estas associações secretas - disse ele, brandamente, e eu acreditei pois nunca até então encontrara Artur numa reunião de Mitras ainda que soubesse que ele havia sido iniciado muitos anos antes. - Os cultos como os de Mitras existem supostamente para unir os homens, mas servem apenas para separá-los. Despertam inveja. No entanto, às vezes é necessário combater um mal com outro, e estou pensando em formar uma nova associação de guerreiros. Todos os homens que lutarem contra os Saxões farão parte dela, todos, e eu farei deles a formação mais respeitada de toda a Bretanha.

- E a mais numerosa também - disse eu.

- Os soldados contratados não entram - acrescentou, restringindo o ilustre grupo aos homens que empunhavam as suas lanças por juramento e não por obrigação. - Os homens preferirão pertencer à minha associação do que a qualquer mistério sagrado.

- E que nome lhe dará? - perguntei.

- Não sei. Guerreiros da Bretanha? Os Companheiros? As

Lanças de *Cadarn*? -

Falava num tom ligeiro, mas eu via que estava decidido.

- E acha que se Lancelot fizer parte desses Guerreiros da Bretanha - disse eu, apoderando-me de uma das designações que ele sugerira, - não se importará com o fato de lhe ser vedada a adesão à Mitras?

- Isso poderá ajudar - admitiu, - mas não é essa a razão principal que me leva a fazê-lo. Vou impor uma obrigação a esses guerreiros. Para que possam ser admitidos terão de fazer um juramento de sangue que nunca mais voltarão a combater uns contra os outros. - Esboçou um sorriso rápido.

- Se os reis da Bretanha armam questiúnculas, então farei com que os seus guerreiros não tenham chance de combater entre si.

- Isso é praticamente impossível - disse eu, mordaz. - Um juramento real inviabiliza todos os outros, até o seu juramento de sangue.

- Nesse caso criarei entraves - insistiu - porque terei paz, Derfel, terei paz. E

você, meu amigo, irá partilhá-la comigo em *Dumnónia*.

- Assim espero, senhor.

Abraçou-me.

- Nos vemos em *Corinium* - disse ele. Ergueu uma das mãos num gesto de saudação aos meus lanceiros e depois tornou a fitar-me. - Pense em Lancelot, Derfel. E

pondera sobre a seguinte verdade: por vezes temos de ceder um pouco no nosso orgulho em troca de uma grande paz.

E com estas palavras afastou-se, enquanto eu me predisponha a avisar os meus homens de que o tempo da lavoura chegara ao fim. Tínhamos lanças e espadas para afiar e escudos para pintar, envernizar e forrar. Estávamos de novo em guerra.

Partimos dois dias antes de Cuneglas, que aguardava a chegada dos chefes dos territórios ocidentais, acompanhados dos seus guerreiros endurecidos pelos jejuns passados nas montanhas de *Powys*. Pediu-me que transmitisse a Artur a promessa de que os homens de *Powys* estariam em *Corinium* dentro de uma semana, depois abraçou-me e jurou-me pela sua vida que Ceinwyn ficaria a salvo. Ela ia se mudar para *Caer Sws*, onde uma pequena guarnição ficaria encarregada de proteger a família de Cuneglas durante o tempo que durasse a guerra. Ceinwyn mostrara alguma relutância em deixar *Cwm Isaf* para mudar-se para os aposentos das mulheres onde Helled e as suas

tias mandavam, mas eu recordei-lhe a história de Merlim sobre um cão que fora morto e cuja pele fora utilizada para cobrir uma cadela aleijada no templo de Ísis mandado construir por Guinevere. Por isso implorei a Ceinwyn que se refugiasse e ela finalmente concordou.

Acrescentei seis dos meus homens à guarda palaciana de Cuneglas, e os restantes, todos eles Guerreiros do Caldeirão, marcharam para o Sul. Todos usávamos a estrela de cinco pontas pintada nos nossos escudos, transportávamos duas lanças cada um, as nossas espadas e fardos enormes com pão bem cozido, carne conservada em sal, queijo curado e peixe seco presos às nossas costas. Era bom marchar de novo, ainda que o nosso itinerário nos obrigasse a atravessar o Vale do *Lugg*, onde os mortos tinham sido desenterrados por javalis fazendo com que os campos do vale parecessem um cemitério de ossos. Tive medo que ao verem os ossos os homens de Cuneglas se recordassem da sua derrota, por isso fiz questão de perder meio dia para tornar a sepultar os cadáveres, a quem tinham amputado um pé antes de os terem enterrado pela primeira vez. Nem todos os mortos puderam ser queimados, como teríamos gostado, enterramos a maior parte deles não sem que antes tivéssemos amputado um dos pés para impedir que a alma caminhasse. Tornamos então a enterrar os mortos com um só pé, mas mesmo depois daquele meio dia de trabalho o local ainda fazia lembrar um açougue. Fiz uma pausa no

trabalho para visitar o santuário romano onde a minha espada matara o druida Tanaburs e onde Nimue aniquilara a alma de Gundleus e, aí, no solo manchado pelo seu sangue, estendi-me entre as pilhas de crânios forrados por teias de aranha e pedi para regressar ileso para junto de Ceinwyn.

Passamos a noite seguinte em *Magnis*, uma cidade que nada tinha que ver com caldeirões enredados em neblinas e outras histórias de embalar sobre os Tesouros da Bretanha. Estávamos em *Gwent*, em território cristão, e tudo ali era lúgubre. Os ferreiros forjavam pontas de lanças, os curtidores de peles fabricavam coberturas de escudos, bainhas, cintos e botas, enquanto as mulheres coziam os pães duros e delgados que podiam durar semanas. Os homens do rei Tewdric vestiam os seus uniformes romanos: couraças de bronze, saias de pele e longos mantos. Uma centena deles já tinha iniciado a marcha para *Corinium* e outros duzentos os seguiriam, ainda que não sob o comando do seu rei, pois Tewdric estava doente. O seu filho, Meurig, o Príncipe Herdeiro de *Gwent*, seria o seu líder em título embora o verdadeiro comando fosse realmente exercido por Agrícola. Nessa época, Agrícola já era um homem velho, mas tinha as costas retas e o seu braço carregado de cicatrizes ainda conseguia manejar uma espada. Era tido por ser mais romano do que os próprios Romanos, e eu sempre sentira certo receio da expressão severa do seu rosto. Naquele dia de Primavera, porém, à entrada de *Magnis* ele saudou-me

como igual. A cabeça coroada por cabelos grisalhos cortados curtos baixou-se para passar por baixo do lintel da sua tenda e depois, no seu uniforme romano, avançou na minha direção e, para meu espanto, cumprimentou-me com um abraço.

Inspecionou os meus trinta e quatro guerreiros. Ao lado dos seus homens bem barbeados, os meus pareciam desgrehados e desleixados. Ele, no entanto, mostrou-se satisfeito com as armas e, mais ainda com a quantidade de comida que transportávamos conosco.

- Passei anos - rugiu ele - para ensinar que é inútil enviar um lanceiro para a guerra sem um bom farnel, mas que faz Lancelot da *Silúria*? Envia-me uma centena de lanceiros sem uma migalha de comida. - Convidou-me para a sua tenda, onde me serviu um vinho azedo e deslavado. - Devo-lhe um pedido de desculpas, Lorde Derfel.

- Tenho dúvidas quanto a isso, senhor - disse eu. Sentia-me embaraçado por partilhar daquela maneira a intimidade de um famoso guerreiro com idade suficiente para ser meu avô.

Ele afastou a minha modéstia com um gesto.

- Devíamos ter estado no Vale do *Lugg*.

- Parecia um combate sem futuro, senhor - disse eu - e

estávamos desesperados. Vocês não.

- Mas ganharam, não é verdade? - resmungou. Virou-se no momento em que uma rajada de vento tentava deslocar uma apara de madeira sobre a sua mesa, que estava coberta por dezenas de aparas semelhantes, cada uma delas prendia listas de homens e rações. Equilibrou o pedaço de madeira com um tinteiro feito de chifre e depois tornou a fitar-me - Segundo ouço dizer deveremos nos encontrar com o touro.

- Em *Corinium* - confirmei. Agrícola, ao contrário de Tewdric, seu amo, era pagão, embora não tivesse tempo para deuses da Bretanha, só para Mitras.

- Para eleger Lancelot - disse Agrícola, irritado. Ouviu a voz de um homem que gritava ordens aos seus soldados, mas não escutando nada que o obrigasse a abandonar a tenda fitou-me. - Que sabe acerca de Lancelot?

- O bastante - disse eu - para me opor à sua entrada.

- Você insultaria Artur? Parecia surpreso.

- Ou insulto Artur - disse eu com amargura, - ou Mitras. - Fiz o sinal para afastar o mal. - E Mitras é um deus.

- Artur falou comigo no caminho de volta a *Powys* - disse Agrícola - e disse-me que a eleição de Lancelot fortaleceria a

união da Bretanha - interrompeu-se, com uma expressão taciturna. - Deu a entender que eu lhe devia um voto, para compensar a nossa ausência no Vale do *Lugg*

Aparentemente, Artur andava comprando votos a todo o custo.

- Vote nele então, senhor - disse eu - pois a sua exclusão depende de apenas um voto, e o meu será suficiente.

- Não minto a Mitras - reagiu Agrícola, - tal como não gosto do rei Lancelot. Ele esteve aqui há dois meses atrás, para comprar espelhos.

- Espelhos! - Não pude deixar de rir. Lancelot sempre colacionara espelhos, e no alto e arejado palácio de seu pai, em *Ynys Trebes*, chegara a forrar as paredes de um quarto com espelhos romanos. Devem ter derretido durante o incêndio, quando hordas de Francos escalaram os muros do palácio. Ao que parecia, Lancelot estava reconstituindo a sua antiga coleção.

- Tewdric vendeu-lhe um belo espelho de ouro argênteo - disse-me Agrícola. -

Tão grande como um escudo, e igualmente extraordinário. Era, tão límpido que era como olhar para um lago negro num dia bonito. E pagou bom dinheiro por ele.

”Devia ter pago, de fato”, pensei, pois os espelhos de ouro argênteo, uma amálgama de ouro e prata, eram de fato muito raros.

- Espelhos - comentou Agrícola, em tom sarcástico. - Devia estar cuidando dos seus interesses na *Silúria* e não comprando espelhos.

Agarrou a espada e o elmo quando um corno soou na cidade. O som ecoou por duas vezes, um sinal que Agrícola reconheceu.

- O Príncipe Herdeiro - rugiu, e encaminhou-me para a claridade para ver Meurig que passava naquele momento pelas muralhas romanas de *Magnis*. - Estou acampado aqui - disse Agrícola enquanto via a sua guarda de honra formar duas fileiras, - para ficar fora do alcance dos padres deles.

O príncipe Meurig chegou acompanhado por dois padres cristãos que corriam para acompanhar a passada imposta pelos cavalos do Príncipe Herdeiro. O príncipe era um jovem e eu o vira pela primeira vez quando era criança não havia ainda muito tempo.

Ele, porém, disfarçava a sua juventude com uma atitude impertinente e irritável. Era baixo, pálido e magro, com uma barba fina e castanha. Era conhecido por ser uma criatura chicaneira com um gosto especial pelos subterfúgios

próprios dos tribunais e as quezílias da igreja. A sua erudição era reconhecida; nenhum de nós punha em causa o seu talento para refutar a heresia pelagiana que tanto incomodava a igreja cristã da Bretanha, conhecia de cor os dezoito capítulos da lei tribal britânica e era capaz de nomear as genealogias de dez reinos britânicos das últimas vinte gerações, bem como a linhagem de todos os seus clãs e tribos e isso, segundo diziam os seus admiradores, era apenas uma ínfima parte dos seus conhecimentos. Aos olhos dos seus admiradores surgia como um modelo juvenil de erudição e como um exemplo do maior retórico da Bretanha; na minha opinião, porém, o príncipe parecia ter herdado toda a inteligência de seu pai e nenhuma da sua sensatez. Fora Meurig, mais do que qualquer outro homem, quem persuadira *Gwent* a abandonar Artur antes do Vale do *Lugg* e só por essa razão não sentia nenhum tipo de afeto por ele. Obedientemente, porém, ajoelhei-me enquanto ele desmontava.

- Derfel - disse ele, na sua voz estranhamente aguda. -
Lembro-me de você.

Não fez sinal para que me levantasse, limitando-se a passar por mim a caminho da tenda.

Agrícola fez-me sinal para que entrasse, poupando-me assim à companhia dos quatro padres ofegantes cuja única missão

era manterem-se próximos do seu príncipe que, vestido com uma toga e com uma pesada cruz de madeira enfiada numa corrente de prata pendurada ao pescoço, parecia irritado com a minha presença. Lançou-me um olhar mal-humorado e continuou a lamentar-se a Agrícola, mas como falavam em latim eu não fazia idéia do tema da conversa. Meurig sustentava a sua argumentação numa folha de pergaminho que agitava diante de Agrícola que, por sua vez, suportava o discurso, pacientemente.

Por fim, Meurig desistiu da discussão, enrolou o pergaminho e enfiou-o na toga.

Virou-se para mim.

- Não espera certamente - disse, de novo em britânico, - que nós alimentemos seus homens?

- Transportamos a nossa própria comida, meu príncipe - disse eu, após o que perguntei pela saúde de seu pai.

- O rei sofre de uma fistula na virilha - explicou Meurig, na sua voz aguda. - Já

aplicamos cataplasmas e os médicos sangram-no com regularidade, mas infelizmente, não foi da vontade de Deus mitigar o seu sofrimento.

- Mande chamar Merlim, senhor - sugeriu.

Meurig pestanejou. Era extremamente míope, e eram talvez os seus olhos debilitados que emprestavam ao seu rosto uma expressão de permanente irascibilidade.

Soltou uma curta gargalhada trocista.

- Você, é claro, perdoa-me o reparo - disse em tom falso, - é famoso por ser um dos tolos que correram o risco de enfrentar Diwrnach só para trazer uma tigela de volta à

Dumnónia. Uma tigela de cozinha, não foi?

- Um caldeirão, meu príncipe.

Os lábios finos de Meurig abriram-se num sorriso rápido.

- Não pensa, Lorde Derfel, que os nossos ferreiros poderiam ter concebido uma dúzia de caldeirões no mesmo período de tempo?

- Da próxima vez saberei onde ir buscar os meus tachos de cozinha, meu príncipe - disse eu.

Meurig ficou rígido perante o insulto, mas Agrícola sorriu.

- Entendeu alguma coisa disto tudo? - perguntou-me Agrícola depois de Meurig ter saído.

- Não sei latim, senhor.

- Queixava-se do fato de um dos seus chefes não ter pago os tributos devidos. O

pobre homem nos deve trinta salmões defumados e vinte carregamentos de madeira cortada; não recebemos o salmão e ele apenas nos entregou cinco carregamentos de madeira. No entanto, Meurig não entende que as pobres gentes de *Cyllig* foram vítimas da peste no último Inverno, o rio *Wye* foi esvaziado por pescadores furtivos e ainda assim *Cyllig* traz consigo duas dúzias de lanceiros. - Agrícola cuspiu, descontente. - Dez vezes por dia! O príncipe vem até aqui dez vezes por dia apresentar um problema que qualquer funcionário do tesouro com dois dedos de testa poderia resolver em menos de nada.

Quem dera que o pai se recompusesse e voltasse a ocupar o trono.

- Qual é a gravidade do estado de saúde de Tewdric?

Agrícola encolheu os ombros.

- Está cansado, não doente. Quer abdicar do trono. Diz que vai cortar o cabelo e tornar-se padre. - Tornou a cuspir no chão da tenda. - Mas eu controlo o nosso Príncipe Herdeiro. Vou me assegurar de que as suas damas entrem na guerra.

- Damas? - perguntei, sentindo a minha curiosidade desperta pela inflexão irônica que Agrícola dera à palavra.

- Ele pode ser cego como uma toupeira, Lorde Derfel, mas ainda consegue distinguir uma garota tão bem quanto um falcão vê uma víbora. Ele gosta das suas damas, Meurig, e gosta delas em grande número. E porque não? É próprio dos príncipes, não é? - Desapertou o cinto da espada e pendurou-o num prego que estava fixo num dos postes da tenda. – Você marcha amanhã?

- Sim, senhor.

- Jante comigo esta noite - disse ele. Depois me acompanhou até ao exterior e observou o céu com os olhos semicerrados.

- Vamos ter um Verão seco, Lorde Derfel.

Um verão para matar saxões.

- Um verão para criar grandes canções - disse eu, entusiasticamente.

- Penso muitas vezes que o problema dos bretões como nós, - disse Agrícola, melancolicamente - é o fato de passarmos muito tempo cantando e tempo insuficiente matando saxões.

- Não este ano, não este ano. - Pois aquele era o ano de Artur, o ano do massacre do Sais. - O ano da vitória total -

suplicava eu.

Depois de termos deixado *Magnis* marchamos ao longo das estradas romanas que uniam o coração da Bretanha. Fizemos um bom tempo, chegando a *Corinium* em apenas dois dias, satisfeitos por estar de volta a *Dumnónia*. A estrela de cinco pontas pintada no meu escudo podia ser uma insígnia estranha, mas no momento em que ouviam o meu nome os camponeses ajoelhavam-se para receber a minha bênção, pois eu era Derfel Cadarn, o vencedor do Vale do *Lugg*, um Guerreiro do Caldeirão e aparentemente muito famoso na minha pátria. Pelo menos entre os pagãos. Nas cidades e aldeias de maiores dimensões, onde os cristãos existiam em maior número havia mais chances de sermos recebidos por pregações. Diziam-nos que marchávamos para cumprir a vontade de Deus, combatendo os Saxões, e que se morrêssemos durante a batalha as nossas almas iriam para o inferno, caso ainda adorássemos os antigos deuses.

Temia mais os Saxões do que o inferno cristão. Os Sais eram um inimigo terrível; pobres, desesperados e numerosos. Uma vez chegados a *Corinium* ouvimos relatos agourentos sobre novos navios que fundeavam quase diariamente na costa leste da Bretanha, carregados de guerreiros selvagens e famílias esfomeadas. Os invasores queriam as nossas terras e para conquistá-las eram capazes de reunir centenas de lanças, espadas e machados de dois gumes. No entanto, nos

sentíamos confiantes.

Insensatos como éramos marchávamos quase alegremente para aquela guerra. Suponho que depois dos horrores do Vale do *Lugg* acreditávamos que éramos invencíveis. Éramos jovens, fortes, amados pelos deuses e tínhamos Artur.

Encontrei-me com Galaad em *Corinium*. Desde o dia em que nos separáramos em *Powys*, ajudara Merlim a transportar o Caldeirão para *Ynys Wydryn* e depois passara a Primavera em *Caer Ambra*. Partindo da sua fortaleza reconstruída, tomara parte num ataque súbito a *Lloegyr* juntamente com as tropas de Sagramor. Os Saxões, advertira ele, estavam preparados para a nossa chegada e tinham ateado fogueiras em todas as colinas para assinalar a nossa vinda. Galaad deslocara-se a *Corinium* para participar no grande Conselho de Guerra convocado por Artur, fazendo-se acompanhar de Cavan e dos homens que tinham se recusado a marchar para norte, em direção a *Lleyn*. Cavan ajoelhou e suplicou-me que o autorizasse a ele e aos seus homens a renovar os antigos juramentos de vassalagem para comigo.

- Não fizemos mais nenhum juramento - garantiu-me, - exceto a Artur, e ele diz que devemos servi-lo se o quiser.

- Julgava que a esta altura já tinha enriquecido - disse eu a

Cavan - e regressado a sua pátria, na Irlanda.

Sorriu.

- Ainda tenho o escudo, senhor.

Aceitei-o novamente ao meu serviço. Ele beijou a lâmina da *Hywelbane* e em seguida perguntou se ele e os seus homens podiam pintar a estrela branca nos respectivos escudos.

- Podem fazê-lo - disse eu - mas com quatro pontas, apenas.

- Quatro, senhor? - Cavan olhou para o meu escudo. - O seu tem cinco.

- A quinta ponta - disse eu a Cavan - é para os Guerreiros do Caldeirão.

Pareceu ficar insatisfeito, mas concordou. Artur tão pouco teria aprovado, pois teria percebido e com razão que esta quinta ponta era uma marca de divisão que implicava a superioridade de um grupo em relação a outro. Os guerreiros, porém, gostavam destas distinções e os homens que tinham ousado aventurar-se pela Estrada Sombria mereciam-no.

Avancei para saudar os homens que acompanhavam Cavan e encontrei-os acampados nas margens do rio *Churn*, que

corria para leste de *Corinium*. Uma centena de homens, pelo menos, estava instalada junto ao pequeno rio, já que dentro das muralhas da cidade não havia espaço suficiente para acolher todos os guerreiros que se tinham reunido em torno das muralhas romanas. O exército propriamente dito juntara-se perto de *Caer Ambra*, mas cada um dos comandantes que vinha participar no Conselho de Guerra trouxera consigo alguns servidores que, só por si, eram suficientes para transmitir a sensação de que nos prados alagadiços do *Churn* se reunira um pequeno exército. Os escudos empilhados eram a prova do sucesso da estratégia de Artur, pois com um único olhar eu podia ver o touro negro de *Gwent*, o dragão vermelho de *Dumnónia*, a raposa da *Silúria*, o urso de Artur e os escudos de homens como eu, que tinham a honra de ter a sua própria insígnia: estrelas, falcões, águias, javalis, a temível caveira de Sagramor e a solitária cruz cristã de Galaad.

Culhwuch, primo de Artur, que estava acampado com os seus lanceiros, apressou-se a vir ao meu encontro para saudar-me. Era bom voltar a vê-lo. Combatera a seu lado em *Benoic* e aprendera a amá-lo como um irmão. Era vulgar, engraçado, jovial, fanático, ignorante e grosseiro; não havia melhor companheiro de luta.

- Dizem que você pos um pão no forno da princesa - disse ele depois de ter me abraçado. - Saiu-me um sortudo. Pediu a

Merlim que te fizesse um feitiço?

- Um milhar deles.

Ele riu.

- Não tenho razões de queixa. Tenho três mulheres agora, todas elas prontas para arrancarem os olhos umas às outras e todas grávidas. - Sorriu e coçou a virilha. -

Piolhos, não consigo me livrar deles. Mas pelo menos infestaram aquela peste que é

Mordred.

- O nosso rei e senhor? - provoquei-o.

- Patife - disse, vingativo. - Digo-lhe, Derfel, estou farto de lhe bater, mas ainda assim não há meio de aprender.

Bajulador traiçoeiro - cuspiu. - Então, amanhã vai votar contra Lancelot?

- Como você sabe?

Não conversara com ninguém, com exceção de Agrícola, sobre o meu firme propósito, mas as novidades tinham arranjado forma de preceder a minha chegada a *Corinium*; ou então, a minha antipatia pelo rei da *Silúria* era por conhecida demais para que as pessoas acreditassem que a

minha atitude podia ser outra.

- Todos sabem - disse Culhwuch, - e todos o apóiam. -
Olhou por cima do meu ombro e cuspiu subitamente. -
Corvos - resmungou.

Virei-me e vi uma procissão de padres cristãos caminhando ao longo da margem mais afastada do *Churn*. Eram cerca de uma dúzia, todos trajados de negro, rostos barbudos, entoando um dos hinos fúnebres da sua religião. Uma vintena de lanceiros seguia os padres, e, para minha surpresa, os seus escudos ostentavam ou a raposa da *Silúria* ou a águia-marinha de Lancelot.

- Pensava que os ritos só se celebrariam daqui a dois dias - disse eu a Galaad, que ficara junto de mim.

- E são - respondeu ele. Os ritos eram o preâmbulo da guerra e exigiriam que a bênção dos deuses descesse sobre os nossos homens, bênção essa que seria procurada quer junto do Deus cristão quer junto das divindades pagãs. - Parece mais um batismo.

- O que é um batismo, em nome de *Bei*? - perguntou Culhwuch.

Galaad suspirou.

- É um sinal exterior, meu caro Culhwuch, de que os pecados de um homem foram lavados por obra da graça de Deus.

A explicação fez com que Culhwuch explodisse em gargalhadas, o que provocou um olhar reprovador de um dos padres, que prendera o hábito no cinto e chapinhava agora no rio pouco fundo. Usava uma vara para descobrir uma zona suficientemente profunda onde pudesse executar o rito batismal, e a sua procura atabalhoada atraiu uma multidão de lanceiros entediados até à margem coberta de juncos, oposta àquela onde se encontravam os cristãos.

Durante algum tempo, pouco aconteceu. Os lanceiros da *Silúria* formavam uma guarda envergonhada enquanto os padres entoavam a sua canção e o indivíduo solitário tateava o fundo do rio com a extremidade da sua comprida vara, encimada por uma cruz prateada.

- Não vai apanhar uma truta com isso nunca - gritou Culhwuch, - experimente com um arpão! - Os lanceiros riram e os padres lançavam olhares carrancudos enquanto cantavam numa toada desoladora. Algumas mulheres da cidade tinham vindo até ao rio e tinham se juntado aos cânticos. - É uma religião de mulheres - cuspiu Culhwuch.

- É a minha religião, caro Culhwuch - murmurou Galaad. Ele e Culhwuch tinham discutido o assunto durante a longa

guerra em *Benoiic*, e a discussão entre ambos, tal como a amizade que os unia, não tinha fim.

O padre encontrou um local suficientemente fundo, tão fundo que a água lhe chegava à cintura. Aí tentou fixar a vara no leito do rio, mas a força da corrente continuava a pressionar a cruz ainda mais para o fundo, e cada fracasso desencadeava um coro de gargalhadas e frases trocistas da parte dos soldados que assistiam a tudo na margem. Alguns dos espectadores eram eles próprios cristãos, mas não esboçaram qualquer tentativa para encerrar a zombaria.

O padre conseguiu finalmente fixar a cruz, ainda que de forma precária, e saiu do rio. Os soldados explodiram em assobios e apupos quando viram as suas pernas delgadas e pálidas, e ele baixou apressadamente as dobras encharcadas do hábito para escondê-las.

Foi então que surgiu uma segunda procissão, e o seu aparecimento fez com que um silêncio descesse sobre a margem do rio onde nos encontrávamos. Era um silêncio respeitoso, pois uma dúzia de lanceiros escoltava uma carroça puxada por bois, decorada com linhos brancos, onde viajavam duas mulheres e um padre. Uma das mulheres era Guinevere e a outra era a rainha Elaine, a mãe de Lancelot. No entanto, o mais surpreendente era a identidade do padre. Tratava-se do bispo Sansum. Trazia as insígnias de bispo,

uma capa de asperges numa cor garrida e xales bordados; em torno do pescoço usava uma pesada cruz de ouro verdadeiro. A tonsura rapada, na parte da frente da cabeça estava queimada pelo sol e, mais acima, o cabelo preto estava espetado, fazendo lembrar orelhas de rato.

Lughtigern, era como Nimue o chamava, Lorde Rato .

- Achava que Guinevere não o suportava - disse eu, pois Guinevere e Sansum sempre tinham sido inimigos figadais. No entanto, ali estava Lorde Rato , aproximando-se do rio na carroça de Guinevere. - E não é verdade que caiu em desgraça?

- A merda por vezes flutua rugiu - Culhwuch.

- E Guinevere nem sequer é cristã - protestei.

- E olhe para o outro exemplo de merda que está com ela - disse Culhwuch e apontou para um grupo de seis cavaleiros que seguiam atrás da pesada carroça. Lancelot comandava-os, montado num cavalo negro e usando apenas um simples par de calças de pano e uma camisa branca. Os gêmeos Amhar e Loholt, filhos de Artur, ladeavam-no, vestidos com o uniforme de guerra: elmos emplumados, cotas de malha e botas altas.

Atrás deles vinham outros três cavaleiros, um vestido com uma armadura e os outros envoltos nas longas túnicas

brancas próprias dos druidas.

- Druidas? - disse eu. - Num batismo?

Galaad encolheu os ombros, incapaz, tal como eu, de encontrar explicação para a cena. Os dois druidas eram jovens musculosos com atraentes rostos morenos, espessas barbas negras e longos cabelos negros que saíam das suas tonsuras estreitas.

Empunhavam bastões negros encimadas por visco-branco e ainda uma outra peça, nada habitual nos druidas: espadas. O guerreiro que os acompanhava não era um homem, mas sim uma mulher, uma mulher alta, de costas retas e cabelos ruivos, cujas tranças extravagantemente compridas caíam em cascata sob o elmo prateado até roçarem o dorso do seu cavalo.

- Ade, é como lhe chamam - disse-me Culhwuch.

- Quem é? - perguntei.

- Quem acha que é? A criada? Mantém a cama dele - quente riu Culhwuch. - Não te faz lembrar ninguém?

Lembrava-me Ladwys, a amante de Gundleus. Seria o destino de todos os reis da *Silúria*, perguntei a mim mesmo, ter uma amante que montasse a cavalo e manejasse uma

espada como um homem? Ade trazia uma espada presa à anca, uma lança na mão e o escudo com a águia-marinha enfiado no braço.

- A amante de Gundleus - disse eu a Culhwuch.

- Ruiva daquela maneira? - reagiu Culhwuch com desdém.

- Guinevere - disse eu, e havia de fato uma estranha semelhança entre Ade e a altiva Guinevere, sentada na carroça, ao lado da rainha Elaine.

A rainha era pálida, mas à parte isso eu não via vestígios da doença que segundo se dizia estava matando-a. Guinevere parecia tão atraente como sempre e não deixava entrever qualquer sinal do sofrimento causado pelo parto. Não trouxera o filho com ela, mas eu tão pouco esperava que o fizesse. Gwydre estava sem dúvida em *Lindinis*, em segurança, nos braços de uma ama e suficientemente longe para que o seu choro não perturbasse o sono de Guinevere.

Os filhos de Artur desmontaram, atrás de Lancelot. Eram ainda muito jovens, de fato tinham apenas a idade suficiente para carregar uma lança e partir para a guerra. Vira-os muitas vezes e não gostava deles, pois não possuíam nenhum do sentido pragmático de Artur. Tinham sido mimados desde a infância e o resultado fora um par de jovens impetuosos, egoístas e ambiciosos que alimentavam um ressentimento

em relação ao pai, desprezavam a mãe, Aillean, e desforravam-se da sua condição de bastardos em pessoas que não ousavam opor-se à descendência de Artur. Eram desprezíveis. Os dois druidas desmontaram e ficaram de pé, ao lado da carroça.

Foi Culhwuch quem primeiro entendeu o que Lancelot estava fazendo.

- Se ele for batizado - resmungou na minha direção, - não poderá juntar-se a Mitras, não é?

- Isso não aconteceu com Bedwin - assinalei - e Bedwin era bispo.

- O querido Bedwin - explicou-me Culhwuch - jogava nos dois lados do tabuleiro.

Quando morreu encontramos uma imagem de *Bei* em sua casa, e a mulher nos disse que ele tinha estado oferecendo-lhe sacrifícios. Não, verá se não tenho razão. Esta é a forma que Lancelot encontrou para evitar ser rejeitado por Mitras.

- Talvez tenha sido tocado por Deus - protestou Galaad.

- Então, a esta hora, o seu Deus já deve ter as mãos sujas - reagiu Culhwuch, -

de tanto suplicar o seu perdão ao ver que ele é seu irmão.

- Meio-irmão - disse Galaad, não querendo ser associado a Lancelot. A carroça parara muito perto da margem do rio. Sansum desceu do seu leito com esforço, sem se preocupar em arregaçar as suas esplêndidas vestes, afastou os juncos e entrou no rio.

Lancelot desmontou e ficou aguardando na margem que o bispo alcançasse a cruz e a agarrasse. Sansum é um homem baixo e a água chegava-lhe até à pesada cruz que estava ao nível do seu peito estreito. Olhou para nós, para a sua congregação involuntária e elevou a sua poderosa voz.

- Esta semana - gritou – vocês enfrentarão o inimigo com as suas lanças e Deus os abençoará. Deus os ajudará! E hoje, aqui neste rio, vão testemunhar um sinal do poder do nosso Deus.

Os cristãos espalhados pelo prado benzeram-se enquanto alguns pagãos, como Culhwuch e eu próprio, cuspiamos para afastar os demônios.

- Vejam o rei Lancelot! - clamou Sansum, gesticulando na direção de Lancelot como se nenhum de nós o tivesse reconhecido. - Ele é o herói de *Benoic*, o Rei da *Silúria* e o Senhor das Águias!

- O Senhor de quê? - perguntou Culhwuch.

- E esta semana - Sansum prosseguiu, - esta mesma semana deveria ter sido acolhido no pernicioso círculo de Mitras, o falso deus do sangue e da ira.

- Não é verdade - rugiu Culhwuch por entre outros murmúrios de protesto que cresceram no seio de um grupo de mitraístas presentes.

- Mas ontem - a voz de Sansum calou os protestos - este nobre rei foi visitado por uma visão. Uma visão! Não um pesadelo provocado por uma beberagem qualquer ou gerado por um feiticeiro ébrio, mas sim um sonho belo e puro enviado pelo céu num par de asas douradas. Uma visão santa!

- Ade levantou as saias - resmungou Culhwuch.

- A santa e abençoada mãe de Deus apareceu ao rei Lancelot - gritou Sansum. -

Era a Virgem Maria em pessoa, a senhora das dores, de cujas entranhas imaculadas e perfeitas nasceu o Deus-Menino, o Salvador de toda a Humanidade. E ontem, numa explosão de luz, numa nuvem de estrelas douradas, ela desceu até ao rei Lancelot e com a sua mão encantadora tocou *Tanlladwyr!*

Tornou a fazer um gesto para trás das costas e, solenemente, Ade desembainhou a espada de Lancelot que se chamava *Tanlladwyr*, ou seja, "Assassina Cintilante" e ergueu-a. O sol refletiu-se no aço, cegando-me por alguns instantes.

- Com esta espada - gritou Sansum, - a nossa abençoada Senhora prometeu ao rei que daria a vitória à Bretanha. Esta espada, disse Nossa Senhora, foi tocada pela mão trespassada de pregos do seu Filho e abençoada pela carícia de Sua mãe. De hoje em diante, decretou Nossa Senhora, esta espada será conhecida como a espada-de-Cristo, pois foi santificada.

Lancelot, honra lhe seja feita, parecia estranhamente embaraçado com este sermão. Toda a cerimônia, aliás, deve tê-lo deixado embaraçado, pois era um homem com um orgulho imenso, mas com uma dignidade frágil. Mesmo assim deve ter pensado que seria preferível ser mergulhado num rio sendo publicamente humilhado, a perder a eleição para o círculo de Mitras. A certeza desta rejeição deve tê-lo incitado a este repúdio público de todos os deuses pagãos. Guinevere, mantinha teimosamente o olhar desviado do rio, fitando em vez disso os estandartes de guerra que tinham sido içados sobre as muralhas de madeira e de terra de *Corinium*. Era pagã, uma adoradora de Ísis; de fato, o ódio que dedicava ao cristianismo era sobejamente conhecido, embora este sentimento tivesse sido claramente suplantado

pela necessidade de apoiar esta cerimônia pública que poupava Lancelot à humilhação de Mitras. Os dois druidas conversavam com ela em voz baixa, fazendo-a rir por vezes.

Sansum virou-se e encarou Lancelot.

- Meu rei - chamou em voz suficientemente alta para que todos os que se encontravam na margem pudessem ouvi-lo, - venha agora! Venha e entre nas águas da vida, venha como uma criancinha e receba o batismo pela igreja abençoada do único Deus verdadeiro.

Guinevere virou-se lentamente para ver Lancelot entrar no rio. Galaad benzeu-se. Os padres cristãos, na margem mais distante, tinham aberto os braços numa atitude de oração, enquanto as mulheres da cidade tinham caído de joelhos contemplando estaticamente o homem alto e bonito que avançava lentamente na direção do bispo Sansum. O Sol projetava reflexos cintilantes sobre a água e extraía cintilações douradas da cruz de Sansum. Lancelot manteve os olhos baixos, como se não quisesse ver o rosto daqueles que testemunhavam o rito humilhante.

Sansum pôs a mão na coroa que adornava a cabeça de Lancelot.

- Abraça - gritou para que todos pudessem ouvi-lo - a verdadeira fé, a única fé, a fé de Cristo que morreu pelos

nossos pecados?

Lancelot deve ter dito "Sim", ainda que nenhum de nós tivesse conseguido ouvir a resposta.

- E - clamou Sansum ainda mais alto - com isso renuncia a todos os outros deuses e a todas as outras crenças e a todos os outros espíritos malignos, demônios, ídolos e criaturas demoníacas, que iludem este mundo com os seus atos hediondos?

Lancelot meneou a cabeça e murmurou o seu consentimento.

- E - Sansum continuou com prazer evidente - denuncia e troça das práticas de Mitras, declarando-as, como na verdade são, o excremento de Satanás e o horror de nosso Senhor Jesus Cristo?

- Sim. - Esta resposta de Lancelot soou claramente aos nossos ouvidos.

- Então, em nome do Pai - bradou Sansum, - do Filho e do Espírito Santo, pronuncio-te cristão. - E ao dizer isto deu um grande impulso que fez desaparecer o cabelo oleado de Lancelot e empurrou o rei para o fundo das águas frias do *Churn*.

Sansum manteve Lancelot nessa posição durante tanto

tempo que eu cheguei a pensar que o patife teria se afogado. Mas Sansum levantou-o por fim. E Sansum terminou enquanto Lancelot arfava e cuspiam água, - eu o proclamo abençoado, o chamo de cristão e o recebo no santo exército sagrado dos guerreiros de Cristo.

Guinevere, sem saber bem como reagir, aplaudiu educadamente. As mulheres e os padres irromperam num novo cântico que, para música cristã, evocava surpreendentemente as melodias dos duendes.

- Que diabo - perguntou Culhwuch a Galaad - é o Espírito Santo?

Galaad, porém, não esperou para responder. Num assomo de felicidade, provocado pelo batismo do irmão mergulhou no rio e atravessou-o, emergindo das águas ao mesmo tempo que o seu ruborizado meio-irmão. Lancelot não esperava vê-lo e durante alguns segundos ficou tenso, lembrando-se sem dúvida da amizade que Galaad sentia por mim; logo depois, porém, recordou-se do dever do amor cristão que acabava de lhe ser imposto e aceitou o abraço entusiástico de Galaad.

- Também vamos beijar o patife? - Culhwuch perguntou-me com um sorriso irônico.

- Deixe estar - disse eu. Lancelot não me vira e eu não sentia qualquer necessidade de ser visto. Nesse preciso momento,

contudo, Sansum, que saíra do rio e tentava escorrer a água que ensopava as suas vestes, me viu. Lorde Rato era incapaz de resistir à tentação de provocar um inimigo e naquela ocasião não fugiu à regra.

- Lorde Derfel! - chamou o bispo.

Ignorei-o. Ao ouvir o meu nome, Guinevere ergueu bruscamente os olhos. Tinha estado a conversar com Lancelot e com o meio-irmão deste, mas nesse momento deu uma ordem ao condutor da carroça, que picou os flancos dos animais com o aguilhão para fazer avançar o carro. Apressado, Lancelot trepou para o veículo em movimento, abandonando os seus seguidores nas margens do rio. Ade seguiu-o, segurando o cavalo dele pelas rédeas.

- Lorde Derfel! - tornou a chamar Sansum.

Relutante, virei-me para enfrentá-lo.

- Bispo? - respondi.

- Poderei persuadi-lo a imitar o rei Lancelot, entrando como ele no rio sagrado?

- Tomei banho na última lua cheia, bispo - gritei em resposta, provocando algumas gargalhadas no grupo de guerreiros que estava na mesma margem onde nós estávamos.

Sansum fez o sinal da cruz.

- Devia ser banhado no sangue sagrado do Cordeiro de Deus - clamou ele, - para assim lavar a mácula de Mitras! É uma coisa maligna, Derfel, um pecador, um idólatra, uma criatura do demônio, um descendente de Saxões, um companheiro de meretrizes!

Este último insulto despertou a minha fúria. Os outros insultos não passavam de palavras; mas Sansum, embora fosse esperto, nunca era um homem prudente em confrontos públicos e não conseguiu resistir ao insulto final dirigido a Ceinwyn. A sua provocação impeliu-me a passar ao ataque ao som dos vivas dos guerreiros da margem leste do *Churn*, vivas que cresceram quando Sansum, em pânico, se virou e fugiu. Levava um bom avanço em relação a mim e era um homem ágil e rápido, mas as dobras encharcadas das suas pesadas vestes enrodilharam-se debaixo dos seus pés permitindo que eu o alcançasse a poucos passos de distância da margem mais afastada do rio. Com a minha espada o fiz perder o equilíbrio e obriguei-o a estatelar-se no meio das margaridas e das primaveras.

Foi então que saquei a *Hywelbane* e encostei a lâmina ao pescoço dele.

- Não ouvi muito bem, bispo - disse eu - o último nome que

me chamou.

Ele nada disse, olhou apenas na direção dos quatro companheiros de Lancelot que se aproximavam naquele momento. Amhar e Loholt tinham desembainhado as espadas, ao contrário dos dois druidas que se limitavam a fitar-me com os seus rostos impenetráveis. A essa altura, Culhwuch já tinha atravessado o rio e estava a meu lado, tal como Galaad, enquanto os apreensivos lanceiros de Lancelot nos observavam à distância.

- Que palavra usou, bispo? - perguntei, acariciando-lhe o pescoço com a lâmina da *Hywelbane*.

- A meretriz da Babilônia! - disse precipitadamente. - Todos os pagãos a adoram.

A mulher escarlate, Lorde Derfel, a besta! O anti-Cristo!

Sorri.

- E eu pensando que estava insultando a princesa Cenwyn.

- Não, senhor, não! Não! - Entrelaçou os dedos. - Nunca!

- Jura? - perguntei.

- Juro, senhor! Pelo Espírito Santo, juro.

- Não sei quem é o Espírito Santo, bispo - disse eu, golpeando ao de leve a maçã

de Adão dele com o punho da *Hywelbane*. - Jure pela minha espada, beija-a e acreditarei em você.

Nesse momento odiou-me. Antipatizara comigo antes, mas agora odiava-me. No entanto, aproximou os lábios da lâmina da *Hywelbane* e beijou o aço.

- Não tinha qualquer intenção de insultar a princesa - disse ele - juro.

Deixei a *Hywelbane* tocar os lábios dele por uma fração de segundo, depois retirei a espada e deixei que se levantasse.

- Pensava, bispo - disse eu - que tinha um Espinheiro Sagrado para guardar, em *Ynys Wydryn*.

Escovou a erva que se tinha colado às vestes úmidas.

- Deus me chama para realizar coisas mais elevadas - disse.

- Fale-me delas.

Olhou-me, o ódio estampado nos olhos, mas o medo que sentia sobrepôs-se à

repugnância.

- Deus me chamou para que ficasse ao lado do rei Lancelot, Lorde Derfel - disse ele - e a Sua graça tem servido para suavizar o coração da princesa Guinevere. Tenho esperanças que ela possa, um dia, ver a Sua luz eterna.

Desatei a rir ao ouvir isto.

- Ela tem a luz de Ísis, bispo, e você sabe disso. Além disso, ela o odeia, criatura malvada, como pode então tê-la convencido a mudar de idéias?

- Convencido, senhor? - perguntou ele, de modo pouco franco. - Que tenho eu para convencer uma princesa? Não tenho nada, sou um pobre ao serviço de Deus, sou apenas um humilde sacerdote.

- Você é um bajulador, Sansum - disse eu, embainhando a *Hywelbane*. - Não passa da lama que piso com as minhas botas. - Cuspi para afastar o mal que provinha dele. Nas suas palavras adivinhei que fora ele quem tivera a idéia de propor o batismo a Lancelot, e que essa idéia servira para poupar embaraços ao rei da *Silúria* em relação a Mitras. No entanto, não acreditava que esta sugestão tivesse tido o condão de reconciliar Guinevere com Sansum e a sua religião. Deve ter-lhe dado qualquer coisa, ou então prometeu-lhe algo, embora eu soubesse que ele nunca

confessaria. Tornou a cuspir, e Sansum, interpretando o cuspo como sinal da sua libertação, fugiu na direção da cidade.

- Bela exibição - disse um dos druidas, em tom cáustico.

- E Lorde Derfel Cadarn - disse o outro - não é lá muito famoso pela beleza. -

Meneou a cabeça quando olhei para ele. - Dinas - disse ele, apresentando-se.

- E eu sou Lavaine - disse o companheiro. Eram ambos altos e jovens, ambos tinham a constituição física de um guerreiro e rostos duros e confiantes. As suas vestes eram de um branco cintilante e os longos cabelos negros estavam cuidadosamente penteados, trindo um caráter difícil de contentar que a sua atitude calma tornava de certo modo arrepiante. Era a mesma calma de homens como Sagramor. Artur não era assim.

Era muito inquieto. Sagramor, no entanto, tal como outros grandes guerreiros, possuía uma calma arrepiante numa situação de batalha. Num combate, nunca temo os homens barulhentos, mas acautelo-me quando um inimigo é calmo, pois estes são os indivíduos mais perigosos; e estes dois druidas possuíam essa mesma confiança tranqüila. Eram também muito parecidos e tomei-os por irmãos.

- Somos gêmeos - disse Dinas, talvez lendo os meus pensamentos.

- Como Amhar e Loholt - acrescentou Lavaine, gesticulando na direção dos filhos de Artur, cujas espadas continuavam desembainhadas. - Mas é possível distinguir um do outro. Tenho uma cicatriz aqui - disse Lavaine, tocando a face direita no lugar onde uma cicatriz branca desaparecia sob a barba hirsuta.

- Que ganhou no Vale do *Lugg* - disse Dinas. Tal como a do irmão, a sua voz era extraordinariamente grave, uma voz áspera e desagradável que não condizia com a sua juventude.

- Vi Tanaburs no Vale do *Lugg* - disse - e lembro-me de lorweth, mas não me recordo de ter visto mais nenhum druida no exército de Gorfyddy.

Dinas sorriu.

- No Vale do *Lugg* combatemos como guerreiros.

- E matamos a nossa quota parte de dumnonianos - acrescentou Lavaine.

- E apenas cortamos o cabelo depois da batalha - explicou Dinas. Tinha um olhar impassível e perturbador. - E agora,

servimos o rei Lancelot.

- Os juramentos dele são os nossos juramentos - disse Lavaine. As suas palavras continham uma ameaça, mas era uma ameaça sutil, não desafiadora.

- Como é que druidas podem servir um cristão? - provoquei-os.

- Unindo uma magia mais antiga à sua magia, claro - respondeu Lavaine.

- E nós fazemos de fato magia, Lorde Derfel - disse Dinas, e dito isso ergueu a mão vazia, fechou-a, virou-a, esticou os dedos e na palma da sua mão dele apareceu um ovo de tordo. Atirou fora o ovo, num gesto despreocupado. - Servimos o rei Lancelot por opção própria e os amigos dele são nossos amigos.

- E os seus inimigos nossos inimigos. - Lavaine concluiu por ele.

- E você - Loholt, o filho de Artur, não resistiu a aderir à provocação - é um inimigo do nosso rei.

Fitei os gêmeos mais jovens; rapazes imberbes, desajeitados que sofriam de um excesso de orgulho e de uma escassez de sabedoria. Ambos tinham herdado o rosto comprido e

ossudo do pai. Mas os seus eram perpassados pela petulância e pelo ressentimento.

- De que modo é que sou inimigo do seu rei, Loholt? - perguntei-lhe. Ficou sem saber o que dizer e nenhum dos outros presentes respondeu em seu lugar. Dinas e Lavaine eram sensatos demais para iniciar uma luta naquele momento, mesmo com todos os lanceiros de Lancelot por perto, pois Culhwuch e Galaad estavam comigo e um número considerável dos meus aliados aguardava a escassos metros de distância, do outro lado do *Churn*. Loholt enrubesceu, mas não disse nada.

Afastei a espada dele com a *Hywelbane* e depois me aproximei dele.

- Permita-me que te dê um conselho, Loholt - disse em voz baixa: - escolha os seus inimigos de forma mais sensata do que escolhe os seus amigos. Nada tenho contra você, nem é meu desejo vir a ter, mas se for essa a sua vontade juro que o meu amor pelo seu pai e a amizade que me liga à tua mãe não me impedirão de enterrar a *Hywelbane* nas suas entranhas e de soterrar a sua alma num monte de estrume. -

Guardei a minha espada. - Agora vão.

Pestanejou, mas não estava com disposição de lutar. Foi buscar o cavalo e Amhar acompanhou-o. Dinas e Lavaine

riram, e Dinas chegou até a fazer-me uma vênha.

- Uma vitória! - aplaudiu.

- Fomos derrotados - disse Lavaine, - mas que outra coisa poderíamos esperar de um Guerreiro do Caldeirão? - pronunciou o título de modo zombeteiro.

- E de um assassino de druidas - acrescentou Dinas, sem qualquer vestígio de troça.

- O nosso avô, Tanaburs - disse Lavaine, e eu recordei a advertência que Galaad me fizera na Estrada Sombria acerca da inimizade destes dois druidas.

- É considerado insensato - disse Lavaine na sua voz desagradável - matar um druida.

- Sobretudo tratando-se do nosso avô - disse Dinas - que era como um pai para nós.

- Uma vez que o nosso verdadeiro pai morreu - disse Lavaine. - Quando éramos jovens. De uma doença revoltante.

- Ele também era um druida - disse Dinas e nos ensinou alguns feitiços. -

Sabemos destruir colheitas.

- Podemos fazer gemer mulheres - acrescentou Lavaine.

- Podemos azedar o leite.

- Enquanto ainda está no seio - disse Lavaine, após o que se virou abruptamente e, com uma agilidade impressionante, saltou para a sela.

O irmão montou o seu cavalo e pegou as rédeas.

- Mas podemos fazer muito mais para além de azedar leite - disse Dinas, fitando-me sinistramente do alto da sua montaria. Depois, tal como fizera antes, estendeu a mão vazia, fechou-a, virou-a e tornou a abri-la para deixar ver, na palma da mão, uma estrela de cinco pontas feita de pergaminho. Sorriu, rasgou o pergaminho e espalhou os fragmentos sobre a erva.

- Podemos fazer com que as estrelas percam o brilho - disse como despedida e depois fez mover o cavalo com um toque de calcanhares.

Afastaram-se a galope. Cuspi. Culhwuch recuperou a minha lança que estava caída no chão e devolveu-a.

- Quem diabo são eles? - perguntou.

- Os netos de Tanaburs. - Cuspi uma segunda vez para

afastar o mal. - As crias de um druida mau.

- E podem fazer desaparecer as estrelas? - A sua voz soava duvidosa.

- Uma estrela. - Olhei para os dois cavaleiros. Ceinwyn, sabia-o bem, estava em segurança no castelo do irmão; mas sabia também que teria de matar os gêmeos silurianos se essa fosse a forma de garantir a segurança dela. A maldição de Tanaburs perseguia-me e chamava-se Dinas e Lavaine. Cuspi pela terceira vez e depois toquei o punho da *Hywelbane* para dar sorte.

- *Devíamos ter morto o seu irmão em Benoic*, - Culhwuch rugiu para Galaad.

- Deus me perdoe - disse Galaad, - mas você tem razão.

Dois dias mais tarde, Cuneglas chegou e nessa noite houve um Conselho de Guerra. Depois do conselho, à luz de uma lua em quarto-minguante e iluminados por tochas, colocamos as nossas lanças a serviço da guerra contra os Saxões. Nós, guerreiros de Mitras banhamos as nossas espadas em sangue de touro, mas não fizemos nenhuma reunião para eleger novos iniciados. Não era preciso, com o seu batismo, Lancelot furtara-se à humilhação da rejeição, embora ninguém conseguisse me explicar o mistério de ter um cristão que era servido por druidas.

Merlim chegou nesse dia também e foi ele quem presidiu aos ritos pagãos.

Iorweth de *Powys* o ajudou, mas não houve sinal de Dinas ou de Lavaine. Cantamos a Canção de Batalha de *Beli Mawr*, lavamos as nossas espadas em sangue, nos comprometemos a matar todo e qualquer saxão e, no dia seguinte, seguimos caminho.

Havia dois chefes saxões importantes, em *Lloeyr*. Tal como nós, os Saxões tinham chefes e reis menores e estavam organizados em tribos, algumas das quais nem sequer respondiam pelo nome de saxões preferindo ser conhecidas por Anglos ou Jutos.

Para nós, porém, eram todos saxões e nós sabíamos que apenas possuíam dois reis importantes: Aelle e Cerdic, que se odiavam um ao outro.

Naquela época, Aelle era obviamente o mais célebre. Designava-se a si mesmo por *Bretwalda*, que na língua saxônica significava o "Senhor da Bretanha", e os seus domínios estendiam-se desde a faixa a sul do Tamisa até à fronteira da longínqua *Elmet*.

O seu rival era Cerdic, cujo território ocupava a costa sul da Bretanha fazendo apenas fronteira com as terras de Aelle e a *Dumnónia*. Aelle era o mais velho dos dois reis, mais rico em

terras e mais forte em termos de guerreiros, o que o tornava o nosso principal inimigo; a derrota de Aelle, acreditávamos nós, precipitaria a queda inevitável de Cerdic.

O príncipe Meurig de *Gwent*, vestido com a sua toga e uma ridícula coroa de bronze sobre o seu cabelo fino castanho-claro, propusera uma estratégia diferente no Conselho de Guerra. Com a modéstia exagerada e humildade fingida que lhe eram habituais sugerira que fizéssemos uma aliança com Cerdic.

- Vamos deixá-lo lutar por nós! - dissera Meurig. Vamos deixá-lo atacar Aelle pelo sul, enquanto nós invadimos a oeste. Bem sei que não sou um estrategista - fez uma pausa para esboçar um sorriso afetado, convidando um de nós a contradizê-lo, mas todos mordemos as nossas línguas e ficamos calados, - mas até o espírito menos iluminado não terá dificuldade em perceber com toda a clareza que é melhor lutar contra um inimigo do que contra dois.

- Mas nós temos dois inimigos - disse Artur sem rodeios.

- É certo que temos, não tenho nenhuma dúvida a esse respeito, Lorde Artur. No entanto, o meu ponto de vista, se é que pode me compreender, é fazer de um desses inimigos nosso amigo. - Entrelaçou os dedos e piscou os olhos fixos em Artur. - Um aliado acrescentou Meurig, para o caso de

Artur não ter ainda percebido o significado das suas palavras.

- Cerdic, - falou Sagramor no seu britânico atroz - não tem honra. Quebrará um juramento com a mesma facilidade com que uma pega destrói um ovo de pardal. Não farei qualquer paz com ele.

- Não esta compreendendo - protestou Meurig.

- Não farei a paz com ele - Sagramor interrompeu o príncipe, proferindo estas palavras tão pausadamente como se falasse com uma criança.

Meurig enrubesceu e calou-se. O Príncipe Herdeiro de *Gwent* tinha um medo terrível do alto guerreiro nómada, o que não era de espantar, pois a reputação de Sagramor era tão temível quanto o seu aspecto. O Senhor das Pedras era um homem alto, muito magro e rápido como um corisco. Os cabelos e o rosto eram negros como pez; o seu rosto comprido, marcado por uma vida de lutas e combates, exibia uma perpétua expressão carrancuda que escondia um carácter divertido e até generoso. Apesar do domínio imperfeito da nossa língua, Sagramor era capaz de prender a atenção de um acampamento inteiro durante horas, com as suas histórias sobre terras longínquas. A maior parte dos homens, no entanto, apenas o conheciam como o mais feroz

de todos os guerreiros de Artur, o implacável Sagramor, temível durante as batalhas e melancólico em tempo de paz, que os Saxões viam como um demônio negro enviado pelo mundo subterrâneo. Conhecia-o bem e gostava dele; na verdade fora Sagramor quem me iniciara no culto de Mitras e fora ele, também, quem lutara ao meu lado durante o longo dia da batalha do Vale do *Lugg*.

- Agora arranjou uma garota saxã - murmurara Culhwuch ao meu ouvido durante o Conselho. - Alta como uma árvore e cabelo como feno. Não admira que esteja tão magro.

- As suas três mulheres conservam-te bem forte - disse eu, beliscando-lhe as costelas substanciais.

- Escolho-as conforme o jeito que têm para cozinhar, Derfel, e não pelo aspecto que têm.

- Quer contribuir com a nossa discussão, Lorde Culhwuch? - perguntou Artur.

- Não, primo! - respondeu Culhwuch, com jovialidade.

- Nesse caso podemos prosseguir - tornou Artur.

Perguntou a Sagramor quais eram as chances dos homens de Cerdic virem a combater ao lado de Aelle, e o núpida, que durante todo o Inverno guardara a fronteira saxã, encolheu

os ombros e respondeu que tratando-se de Cerdic tudo era possível.

Ouvira dizer que os dois saxões tinham se encontrado e trocado oferendas, mas não havia notícias de que tivessem celebrado uma aliança. Para Sagramor, o mais provável era que Cerdic ficaria satisfeito se visse a posição de Aelle enfraquecida e que enquanto o exército de *Dumnónia* estivesse ocupado nesta tarefa ele atacaria ao longo da costa, num esforço para conquistar *Durnovária*.

- Se assinássemos uma paz com ele... - Meurig fez nova tentativa.

- Não assinaremos - disse secamente o rei Cuneglas, e Meurig, ultrapassado pelo único rei presente no Conselho, calou-se novamente.

- Um último detalhe, apenas - advertiu Sagramor. - Os Sais têm cães, agora.

Cães enormes. - Abriu as mãos para indicar as dimensões enormes dos cães de guerra saxões. Todos nós já tínhamos ouvido falar nestes animais e os temíamos. Dizia-se que os Saxões soltavam os cães escassos segundos antes do embate entre os escudos defensivos, e que esses ferozes animais eram capazes de abrir buracos enormes para dentro dos quais choviam lanceiros inimigos.

- Eu me encarregarei dos cães - disse Merlim.

Foi o único contributo dele no Conselho, mas a afirmação feita num tom calmo e confiante tranqüilizou as preocupações de alguns homens. A presença inesperada de Merlim junto do exército era contributo suficiente, pois a posse do Caldeirão tornava-o, inclusive aos olhos de muitos cristãos, uma figura investida de um poder mais temível do que nunca. Não que muitos compreendessem a finalidade do Caldeirão, mas o fato do druida ter manifestado o desejo de acompanhar o exército deixava-os satisfeitos. Com Artur no comando e Merlim ao nosso lado, como poderíamos sair derrotados?

Artur apresentou o seu plano.

- O rei Lancelot, - disse ele, - auxiliado pelos lanceiros da *Silúria* e por um destacamento de soldados de *Dumnónia* guardaria a fronteira sul protegendo-a de um ataque de Cerdic. Nós nos reuniríamos em *Caer Ambra* e marcharíamos para Leste através do vale do Tamisa. Lancelot expressou com alarde a relutância que sentia em ver-se assim separado do exército principal, que teria de combater Aelle. Culhwuch, ao ouvir estas ordens, abanou a cabeça de espanto.

- Ele está escapando da batalha mais uma vez, Derfel! - sussurrou-me.

- Não, se Cerdic atacar - disse eu.

Culhwuch lançou um olhar a Lancelot, ladeado pelos gêmeos Dinas e Lavaine.

- E vai permanecer perto da sua benfeitora, não é? - disse Culhwuch. - Não convém que se afaste muito de Guinevere, senão terá de andar pelos seus próprios pés.

Nada daquilo me interessava. Sentia-me apenas aliviado pelo fato de Lancelot e os seus homens não integrarem o exército principal. Já era suficiente ter de enfrentar os Saxões, não precisaria me preocupar com os netos de Tanaburs ou de temer que um punhal siluriano fosse enterrado nas minhas costas.

Iniciamos então a marcha. Formávamos um exército andrajoso, contingentes oriundos de três reinos britânicos enquanto alguns dos nossos aliados mais distantes não chegavam. Tinham-nos prometido reforços de *Elmet*, de *Kernow* até, mas eles viriam atrás de nós ao longo da estrada romana que se prolongava para Sudeste, desde *Corinium*, e depois para Leste, na direção de Londres.

Londres. Os Romanos tinham-na designado por *Londinium*, e antes disso chamara-se simplesmente *Londo*, que segundo me dissera Merlim em certa ocasião significava "lugar selvagem". Agora era a nossa meta, a única grande cidade

que fora outrora a maior cidade da Bretanha romana e que agora definhava, perdida entre as terras roubadas de Aelle. Em tempos, Sagramor comandara uma famosa incursão à velha cidade e dera com os seus habitantes britânicos amedrontados pelos novos senhores.

Agora, porém, tínhamos esperança de reconquistar a cidade. Esta esperança cresceu como fogo no seio do exército, embora Artur a negasse com veemência. A nossa missão, dizia ele, era forçar os Saxões a combater e não nos deixar seduzir pelas ruínas de uma cidade morta, embora aqui Artur contasse com a oposição de Merlim.

- Não venho com você para ver um punhado de saxões mortos - disse-me ele, com desdém. - Que utilidade posso eu ter quando se trata de matar saxões?

- Toda a utilidade, senhor - respondi eu. - A sua magia assusta o inimigo.

- Não seja absurdo, Derfel. Qualquer idiota é capaz de saltitar na frente de um exército, fazendo caretas e lançando pragas. Assustar saxões não é um trabalho que requeira grande engenho. Até os druidas ridículos de Lancelot podiam fazê-lo! E não é

por serem druidas genuínos.

- Não são?

- Claro que não! Para ser um verdadeiro druida é preciso estudar. É preciso submeter-se a exames. Temos de convencer outros druidas de que conhecemos o nosso ofício, e nunca ouvi dizer que Dinas e Lavaine tivessem sido submetidos a qualquer avaliação por algum druida. A não ser que Tanaburs o tenha feito. E que tipo de druida era ele? Não era muito bom, falando francamente, caso contrário nunca teria permitido que você sobrevivesse. Acho a incompetência algo deplorável, de fato.

- Eles conseguem fazer magia, senhor - disse eu.

- Fazer magia! - Assobiou ao ouvir isto. - Um daqueles desgraçados faz aparecer um ovo de tordo e você pensa logo que se trata de magia? Os tordos passam o tempo fazendo isso. Agora, se ele tivesse produzido um ovo de ovelha, aí sim eu lhe prestaria atenção.

- Ele também fez aparecer uma estrela, senhor.

- Derfel! Que homem absurdamente crédulo você me saiu! - exclamou ele. - Uma estrela feita com papel e tesoura? Não se preocupe, ouvi falar nessa estrela e a sua preciosa Ceinwyn não corre qualquer perigo. Nimue e eu nos certificamos disso queimando três crânios. Não precisa saber detalhes, mas pode ficar tranquilo porque se aquele par de fraudes se

aproximarem de Ceinwyn serão transformados em cobras.

Nessa altura poderão pôr ovos para sempre.

Fiquei-lhe grato por isto e depois perguntei-lhe apenas por que razão acompanhava o exército se não era para nos ajudar a combater Aelle.

- Por causa do pergaminho, é claro - disse ele e apalpou um dos bolsos da imunda túnica negra para me provar que o pergaminho estava em segurança.

- O pergaminho de Caleddin? - perguntei.

- E há outro? - contrapôs ele.

O pergaminho de Caleddin era o tesouro que Merlim trouxera de *Ynys Trebes*, e aos olhos dele, era tão valioso quanto todos os Tesouros da Bretanha, o que não era de surpreender, pois o segredo destes tesouros encontrava-se descrito no documento antigo.

Os druidas estavam proibidos de escrever fosse o que fosse, pois acreditavam que o ato de registrar um feitiço significava destruir o poder de fazer funcionar a magia daquele que escrevia. Assim, todo o seu saber, ritos e conhecimentos eram passados apenas por via oral. Contudo, os Romanos, antes de terem atacado *Ynys Mon*, temiam de tal modo a

religião britânica que subornaram um druida chamado Caleddin, persuadindo-o a ditar tudo o que sabia a um escriba romano. Foi assim que o pérfido pergaminho de Caleddin acabou por preservar a sabedoria antiga da Bretanha. Merlim contou-me em certa ocasião que a maior parte dela tinha caído no esquecimento com o passar dos séculos, já

que os Romanos tinham perseguido os druidas de forma cruel, e muita da antiga sabedoria acabara por se diluir na poeira do tempo. Agora, porém, que o pergaminho estava nas suas mãos, ele reabilitaria o poder perdido.

- E o pergaminho - me atrevi a dizer - menciona Londres?

- Vejam só, como você é curioso - zombou Merlim; mas em seguida, talvez pelo fato do dia estar bonito e ele estar bem-humorado, cedeu. - O último Tesouro da Bretanha está em Londres. Ou estava - apressou-se a acrescentar. - Está enterrado lá. Pensei em dar-lhe uma pá e deixar que cavasse a coisa para fora, mas você provavelmente iria estragar tudo. Lembre-se só do que fez em *Ynys Mon*! Inferiores em número e cercados, francamente. Imperdoável. Por isso decidi fazê-lo eu mesmo. Primeiro tenho de descobrir onde está enterrado, claro, e isso pode revelar-se difícil.

- E por isso, senhor - perguntei, - trouxe os cães?

Merlim e Nimue tinham, de fato, reunido um grupo tihoso de rafeiros de dentes afiados, que agora acompanhavam o exército.

Merlim suspirou.

- Derfel - disse ele - permita-me que te dê um conselho. Ninguém compra um cão para que seja ele próprio a ladrar. Eu sei qual é a finalidade dos cães, Nimue sabe, você

não. É essa a vontade dos deuses. Mais alguma pergunta? Ou será que agora posso gozar este passeio matinal? - Esticou o passo, pontuando cada uma das suas enfáticas passadas com uma pancada do comprido bastão preto.

Mal passamos *Calleva* fomos recebidos por grandes fogueiras. Estas eram os sinais feitos pelo inimigo para avisar que estávamos dentro do seu campo de visão, e sempre que um saxão avistava uma coluna de fumaça como aquela cumpria as ordens recebidas que o obrigava a arrasar as terras. Os celeiros eram esvaziados, as casas incendiadas e o gado afugentado. Aelle, porém, não deixava de recuar, mantendo sempre um dia de avanço em relação a nós e atraindo-nos cada vez mais para as zonas devastadas. Sempre que a estrada atravessava uma zona de floresta nos deparávamos com árvores caídas barrando o caminho e, por vezes, enquanto os nossos homens lutavam para afastar os

troncos e desimpedir o caminho, uma seta ou uma lança furavam a folhagem para ceifar uma vida, ou então um dos enormes cães de guerra saxões aparecia, saltando e salivando. Estes, porém, eram os únicos ataques de Aelle e nem por uma vez vislumbramos o seu escudo defensivo. Recuávamos para em seguida tornar a marchar em frente, e todos os dias as lanças ou os cães inimigos nos roubavam uma vida ou duas.

A doença causou mais estragos entre nós. Sucedera o mesmo antes da batalha do Vale do *Lugg* e descobríamos que sempre que um exército numeroso se reunia, os deuses decidiam atormentá-lo com doenças. Os doentes nos obrigavam a diminuir terrivelmente o ritmo de marcha, pois se não pudessem avançar pelos seus próprios meios tinham de ser colocados em local seguro, guardados por soldados que os protegiam dos bandos de guerreiros saxões que perambulavam em todos os flancos.

Durante o dia, o inimigo surgia diante dos nossos olhos em forma de figuras andrajosas e distantes e todas as noites as suas fogueiras tremeluziam no horizonte. Todavia, não eram os doentes quem provocava os maiores atrasos, mas sim a inevitável morosidade com que um número de homens tão elevado avançava. Não conseguia perceber por que razão é que num dia sem sobressaltos trinta soldados podiam percorrer facilmente uma distância de vinte milhas, quando

um exército vinte vezes mais numeroso percorreria na melhor das hipóteses oito ou nove, mesmo que se esforçasse muito para isso. Os nossos pontos de referência eram as pedras romanas colocadas nas beiras dos caminhos e que assinalavam o número de milhas que nos separavam de Londres. Passado algum tempo recusava-me a olhar para elas com medo da mensagem deprimente que transmitiam.

As carroças puxadas por bois também nos obrigavam a progredir mais devagar.

Possuíamos quarenta carros, nos quais transportávamos a comida e as armas sobressalentes. Estes carros deslocavam-se a passo de caracol na retaguarda do exército. O príncipe Meurig comandava esta retaguarda e revolteava enervado em volta dos carros, contando-os obsessivamente e queixando-se sem cessar que os soldados que seguiam à frente marchavam muito depressa.

Os famosos cavaleiros de Artur conduziam o exército. Eram cinqüenta agora, todos montados em cavalos enormes e felpudos, criados no coração de *Dumnónia*. À

frente seguiam outros cavaleiros, que não usavam a armadura característica do grupo de Artur e eram os nossos batedores. Por vezes, estes homens desapareciam, embora acabássemos sempre por encontrar as suas cabeças

decepidas à nossa espera, à

medida que avançávamos estrada fora.

O corpo principal do exército era composto por quinhentos lanceiros. Artur decidira não levar voluntários com ele, pois sendo trabalhadores rurais nunca tinham armas apropriadas; assim sendo éramos todos guerreiros ajuramentados, todos possuíamos lanças e escudos e alguns de nós tinham também espadas. Nem todos tinham posses para ter uma espada, mas Artur ordenara que em todos os lares de *Dumnónia* onde houvesse uma espada que já não estivesse ajuramentada ao serviço do exército, esta deveria ser entregue. As oitenta espadas assim reunidas tinham sido distribuídas entre os soldados do seu exército. Alguns poucos homens transportavam machados de guerra saxões que tinham capturado, embora outros, como eu próprio, não gostássemos da inépcia da arma.

E quem pagaria tudo isto? Como pagar as espadas e as novas lanças e os novos escudos e carros e bois e farinha e botas e estandartes e freios e tachos e elmos e capas e fâças e ferraduras e carne salgada? Artur riu quando lhe fiz a pergunta.

- Você tem de agradecer aos cristãos, Derfel.

- Eles renderam ainda mais? Julguei que essa fonte estava

seca.

- Agora está - disse ele, num tom severo, - mas é espantoso ver o quanto saiu dos seus santuários quando prometemos sacrificar os seus guardiões, e mais espantosa ainda é a quantia que combinamos pagar-lhes.

- Devolvemos o dinheiro ao bispo Sansum? - perguntei. O mosteiro dele, em *Ynys Wydryn*, fornecera a fortuna que comprara a paz de Aelle durante a campanha de Outono que culminara no Vale do *Lugg*.

Artur abanou a cabeça.

- E ele não me deixa esquecer o assunto.

- O bispo - disse eu com cautela - parece ter feito novos amigos.

Artur riu perante a minha demonstração de tato.

- É o capelão de Lancelot. Ao que parece é impossível reprimir o nosso querido bispo. Acaba sempre por voltar a subir à superfície, tal como uma maçã dentro de uma tina com água.

- E fez as pazes com a sua esposa - observei.

- Gosto que as pessoas resolvam as suas diferenças - disse

ele, em voz baixa. -

Mas é verdade que nos dias que correm o bispo Sansum conta com estranhos aliados.

Guinevere tolera-o, Lancelot promove-o e Morgana defende-o. E esta? Morgana!

Sentia afeto pela irmã e custava-lhe vê-la tão afastada de Merlim. Governava *Ynys Wydryn* com uma competência feroz, como se assim pretendesse provar a Merlim que era melhor companheira para ele do que Nimue; mas há muito que Morgana perdera a batalha para ser a suprema sacerdotisa de Merlim. Era apreciada por Merlim, segundo dizia Artur, mas queria ser amada, e quem, perguntou-me Artur tristemente, seria capaz de amar uma mulher tão marcada, engelhada e desfigurada pelo fogo?

- Merlim nunca foi amante dela - disse-me Artur, - embora ela fingisse que assim era e ele nunca ter dado importância à farsa, pois quanto pior é a idéia que as pessoas fazem dele mais feliz ele se sente. A verdade, porém, é que ele não suporta olhar para Morgana sem a máscara. Ela sente-se só, Derfel.

Não era por isso de surpreender que Artur estivesse contente com a amizade nascida entre a irmã estropiada e o bispo Sansum, embora eu não conseguisse perceber como é

que o mais feroz dos adversários do cristianismo em *Dumnónia* podia ser tão amigo de Morgana, uma sacerdotisa pagã famosa pelos seus poderes. "O *Lorde Rato*", pensei, "era como uma aranha tecendo uma estranha teia." Com a última teia tentara apanhar Artur e falhara e perguntava a mim próprio quem seria o seu alvo desta vez?

Nunca tornamos a receber notícias de *Dumnónia* depois do último grupo de aliados se ter juntado a nós. Estávamos isolados, cercados por saxões, ainda que as últimas novas da pátria tivessem sido tranqüilizadoras. Cerdic não atacara as tropas de Lancelot, nem avançara para leste para apoiar Aelle; era o que se dizia, pelo menos. As últimas tropas aliadas a juntarem-se a nós foram um grupo de guerreiros de *Kernow*, liderados por um velho amigo que veio me encontrar, galopando ao longo da coluna.

Quando se aproximou, desmontou de imediato e caiu aos meus pés. Era Tristão, Príncipe Herdeiro de *Kernow* que, levantando-se, sacudiu a poeira da capa e me abraçou.

- Pode ficar descansado, Derfel - disse ele - chegaram os guerreiros de *Kernow*.

Tudo correrá bem.

Eu ri.

- Você tem bom aspecto, meu príncipe. - E era verdade.

- Estou longe de meu pai - explicou. - Ele me deixou sair da gaiola.

Provavelmente tem esperanças que um machado saxão me rache a cabeça. - Fez uma careta grotesca, imitando a expressão de um homem moribundo e eu cuspi para afastar influências malignas.

Tristão era um homem bonito, bem constituído e de cabelos negros, barba bifurcada e longos bigodes. Tinha uma pele pálida e um rosto frequentemente perpassado pela tristeza, embora naquele dia irradiasse alegria.

Desobedecera a seu pai ao trazer um pequeno grupo de soldados para combater no Vale do *Lugg*. Segundo tínhamos ouvido dizer, esse ato custara-lhe o confinamento numa remota fortaleza na costa norte de *Kernow*, durante um Inverno inteiro. O rei Mark tornara-se, entretanto menos severo e autorizara o filho a participar nesta campanha.

- Agora somos da mesma família - explicou Tristão.

- Família?

- O meu querido pai - disse ele, ironicamente, - está novamente noivo. De lalle de *Broceliande*.

Broceliande era o último reino britânico de *Armórica* e era governado por Budic Camran, que por sua vez era casado com Anna, irmã de Artur, o que significava que lalle era sobrinha de Artur.

- E como é - perguntei, - esta é a sua sexta madrasta?

- A sétima - corrigiu Tristão, - e tem apenas quinze verões de idade, enquanto meu pai deve ter pelo menos cinquenta. Eu já tenho trinta! - acrescentou, melancólico.

- E ainda solteiro?

- Ainda. Mas meu pai encarrega-se de casar por nós dois. Pobre lalle. Dá-lhe quatro anos, Derfel, e verá se não estará morta como todas as outras. Mas ele está feliz por agora. Está desgastando-a, tal como faz com todas. - Colocou um braço em volta dos meus ombros. - E segundo ouço dizer você está casado, não é?

- Casado, não, mas bem preso.

- À lendária Ceinwyn! - Riu. - Muito bem, meu amigo, muito bem. Um dia também eu hei de encontrar a minha Ceinwyn.

- Oxalá a encontre em breve, meu príncipe.

- Terá de ser! Estou ficando velho! Antiquado! Ainda há

dias descobri um fio de cabelo branco, aqui na minha barba.

- Puxou o queixo. - Consegue vê-lo? - perguntou, ansioso.

- Vê-lo? - trocei dele. – Você parece um texugo.

Haveria talvez três ou quatro fios de cabelo grisalho espreitando entre os pêlos escuros, mas era tudo.

Tristão riu e em seguida olhou de relance para um escravo que caminhava ao longo da beira da estrada com uma dúzia de cães presos por uma trela.

- Rações de emergência? - perguntou-me.

- Magia de Merlin, e ele não me diz o que vai fazer com eles.

Os cães do druida eram um incômodo; necessitavam de comida que não podíamos dispensar, mantinham-nos acordados durante a noite com os seus latidos e lutavam como demônios com os outros cães que acompanhavam os nossos homens.

Um dia depois de Tristão se ter juntado a nós chegamos a *Pontes*, onde a estrada atravessa o *Tamisa* através de uma primorosa ponte de pedra construída pelos romanos.

Esperávamos encontrar a ponte destruída, mas os nossos batedores informaram-nos que estava intacta e, para nosso espanto, ainda estava inteira quando os nossos lanceiros

chegaram lá.

Aquele foi o dia mais quente desde que iniciáramos a marcha. Artur proibiu-nos de atravessar a ponte até que os carros tivessem se juntado ao corpo principal do exército. Enquanto isso, os nossos homens dispersaram pela margem do rio, à espera. A ponte tinha onze arcos, dois em cada margem, onde a estrada se elevava descrevendo uma curvatura formada por sete arcos suspensos sobre o leito do rio. Três troncos e outros detritos flutuantes tinham-se acumulado no lado da ponte contrário à corrente, fazendo com que a oeste o rio fosse mais largo e fundo do que a leste; além disso, a represa improvisada obrigava a água a correr veloz e a fazer espuma entre os montículos rochosos. Havia uma povoação romana na margem mais recuada. Era um conjunto de construções de pedra rodeados pelo que restava de um talude, enquanto do nosso lado da ponte uma enorme torre guardava a estrada que passava por baixo do arco em ruínas, onde ainda se podia ver uma inscrição romana. Artur traduziu-a para mim, dizendo-me que fora o Imperador Adriano quem ordenara a construção da ponte.

- *Imperator* - disse eu, espreitando para a placa de pedra. - Isso quer dizer Imperador?

- Exatamente.

- E um imperador está acima de um rei? - perguntei.

- Um imperador é um senhor de reis - disse Artur. - A ponte tornara-o melancólico. Perambulou junto dos arcos rústicos, depois caminhou até à torre e colocou uma das mãos sobre as suas pedras enquanto olhava a inscrição. - Imagine que você e eu queríamos construir uma ponte como esta - disse ele. - Como fariamos isso?

Encolhi os ombros.

- Nós a fariamos de madeira, senhor. Com bons toros de ulmeiro e o resto de carvalho.

Ele fez uma careta.

- E será que ela ainda estaria de pé no tempo dos nossos trinetos?

- Eles poderão construir as suas próprias pontes - sugeri.

Ele acariciou a torre.

- Não temos ninguém que saiba trabalhar a pedra desta maneira. Ninguém que saiba enterrar um cais de pedra no leito de um rio. Nem sequer ninguém que se lembre como é que se faz isso. Somos como homens que possuem um tesouro escondido, Derfel, que dia após dia vem diminuindo

sem que nós saibamos nem como impedir que isso aconteça nem como aumentar o nosso espólio.

Olhou para trás e viu o primeiro dos carros de Meurig aparecer no horizonte. Os nossos batedores tinham revistado muito bem os bosques que cresciam nos dois lados da estrada e tinham comunicado que não tinham visto nem cheirado nenhum saxão. Artur, porém, alimentava ainda algumas suspeitas.

- Se eu estivesse no lugar deles deixaria passar o nosso exército e depois atacaria os carros - disse ele.

Por isso decidira colocar uma guarda avançada do outro lado da ponte, conduzir os carros até ao que restava da decrépita muralha da povoação e só então mandar vir o grosso do exército.

Os meus homens compunham a guarda avançada. A terra do outro lado do rio era coberta por uma vegetação menos densa e embora algumas das árvores que restavam estivessem suficientemente próximas umas das outras para esconder um pequeno exército, ninguém apareceu para nos desafiar. O único sinal da presença dos saxões foi uma cabeça de cavalo decepada que nos aguardava na zona central da ponte.

Nem um dos meus homens se atreveu a passar por ela sem

que antes Nimue avançasse para afastar o espírito maligno que a habitava. Ela limitou-se a cuspir para cima da cabeça. A magia saxã, dizia ela, era fraca, e uma vez dissipado o mal que a habitava, Issa e eu a atiramos para longe.

Os meus homens guardavam a muralha de terra enquanto os carros e respectivas escoltas atravessavam o rio. Galaad viera comigo e, juntos, demos uma volta pelos edificios reunidos dentro da muralha. Por algum motivo, os Saxões tinham aversão pelas povoações romanas, preferindo as suas casas de madeira e telhado de colmo. No entanto, alguém habitara ali até há pouco tempo, pois as lareiras estavam cheias de cinzas e alguns dos pavimentos tinham sido varridos.

- Podiam ter sido os nossos - disse Galaad, já que havia muitos bretões que viviam entre os saxões, muitos na condição de escravos, mas alguns como homens livres que tinham aceitado um domínio estrangeiro.

Os edificios pareciam ter sido casernas militares, embora houvesse ainda duas casas e aquilo que eu julguei ser um enorme celeiro, mas que, quando escancaramos a sua porta destruída, se revelou um curral de animais onde o gado era guardado durante a noite, a salvo do ataque dos lobos. O chão era um lodaçal feito de palha e excrementos de tal modo malcheiroso que eu teria abandonado o edificio naquele

preciso momento, se Galaad não tivesse entrevisto qualquer coisa escondida nas sombras, no canto mais afastado da divisão. Segui-o, então, ao longo do chão úmido e viscoso.

O canto mais recuado do edifício não era uma parede direita de empena, era sim interrompido por um nicho curvo. Ao alto, no estuque manchado que cobria o nicho, quase dissimulado pela poeira e a sujeira velha de anos via-se um símbolo pintado que fazia lembrar um grande X no qual estava sobreposto um P. Galaad fitou o símbolo e fez o sinal da cruz.

- Foi uma igreja, Derfel - disse, maravilhado.

- Fede - disse eu.

Olhou com reverência para o símbolo.

- Cristãos estiveram aqui.

- Agora já não estão. - Estremeci ao inspirar o fedor avassalador e afugentei, inutilmente as moscas que zuniam em torno da minha cabeça.

Galaad não se importava com o cheiro. Enterrou a ponta da lança na massa compacta de excremento de vaca e palha podre e logrou, finalmente, pô-la descoberto uma pequena mancha de chão. O que encontramos apenas o levou a redobrar os seus esforços até conseguir revelar a parte superior de um homem representado em pequenos azulejos. O homem estava vestido como um bispo, tinha uma auréola em torno da cabeça e num dos braços erguidos segurava um pequeno animal com um corpo esquelético e uma grande cabeça peluda.

- São Marcos e o seu leão - disse Galaad.

- Achava que os leões eram animais gigantescos - disse eu, desapontado. -

Sagramor diz que são maiores do que cavalos e mais ferozes do que ursos. - Dei uma olhadela ao animal sujo de excrementos. - Aquilo não passa de um gatinho.

- É um leão simbólico - censurou ele. Tentou limpar um pouco mais o chão, mas a porcaria era muito antiga, espessa e glutinoso. - Um dia construirei uma grande igreja como esta. Uma igreja enorme. Um lugar onde um povo inteiro possa reunir-se na presença do seu Deus.

- E quando morrer - puxei-o para trás, na direção da porta, - um patife qualquer enfiará lá dentro umas cabeças de gado

para ali passarem o Inverno e ficará muito grato.

Insistiu em ficar mais um minuto e, enquanto eu lhe segurava o escudo e a lança, abriu os braços e ofereceu uma nova oração num lugar antigo.

- É um sinal de Deus - disse, excitado, seguindo-me finalmente de volta à luz do Sol. - Reabilitaremos o Cristianismo em *Lloegyr*, Derfel. É um sinal de vitória!

Pode ter sido um sinal de vitória para Galaad, mas por pouco que aquela velha igreja não era a causa da nossa derrota. No dia seguinte, quando seguimos para leste na direção de Londres, que agora estava tentadoramente próxima, o príncipe Meurig deixou-se ficar em Pontes. Mandou seguir os carros com a maior parte das respectivas escoltas, mas manteve cinquenta homens com ele para limpar a imundície que se acumulara na igreja. Meurig, tal como Galaad, ficou muito comovido com a existência daquela antiga igreja e decidiu tornar a dedicar o santuário ao seu Deus, ordenou aos seus lanceiros que depusessem as respectivas armas de guerra e desimpedissem o edifício dos excrementos e da palha em que estava atolado para que os padres que o acompanhavam pudessem rezar as orações necessárias à restauração do caráter sagrado do edifício.

E enquanto a nossa retaguarda transportava excrementos,

os saxões, que tinham vindo seguindo-nos, atravessaram a ponte.

Meurig escapou. Tinha um cavalo, mas a maioria dos carregadores de excrementos pereceu, bem como dois dos padres. Em seguida, os saxões invadiram a estrada e capturaram os carros. O resto da retaguarda lutou, mas estavam em desvantagem numérica e os saxões cercaram-nos pelos flancos, dominaram-nos e desataram a dizimar os bois pesados até que, um por um, os carros pararam a sua marcha e caíram nas mãos do inimigo.

A essa altura já tínhamos percebido a agitação. O exército imobilizou-se quando os cavaleiros de Artur partiram a galope na direção dos sons da chacina. Nenhum destes cavaleiros estava devidamente equipado para uma batalha, pois o tempo estava muito quente para que um homem usasse a armadura durante um dia inteiro; o seu aparecimento súbito foi suficiente para lançar o pânico entre os saxões, mas os danos já

estavam feitos. Dezoito dos quarenta carros tinham sido imobilizados e, sem os bois, teriam de ser abandonados. A maior parte desses dezoito fora saqueada e barris cheios com a nossa preciosa farinha tinham sido espalhados pela estrada fora. Salvamos o máximo de farinha que pudemos e a guardamos em capas, embora com ela não pudéssemos cozer

senão um pão miserável, recheado de poeira e galhos. Antes da incursão inimiga tínhamos começado a racionar a comida, tendo chegado à conclusão que a comida duraria mais duas semanas. Agora, porém, já que a maior parte da comida era transportada nos veículos da retaguarda corríamos o risco de ter de suspender a marcha dentro de uma escassa semana e mesmo assim as reservas de comida seriam quase insuficientes para garantir um regresso seguro a *Calleva* ou *Caer Ambra*.

- Há peixe no rio - lembrou Meurig.

- Peixe outra vez não, meus deuses - resmungou Culhwuch, recordando as privações dos últimos dias passados em *Ynys Trebes*.

- Não há peixe em quantidade suficiente para alimentar um exército. - Artur respondeu em tom zangado. Ele teria gostado de ter gritado com Meurig, de ter desmascarado a sua estupidez, mas Meurig era um príncipe e o sentido que Artur tinha das conveniências nunca lhe teria permitido humilhar um príncipe. Se tivesse sido eu ou Culhwuch que tivéssemos dividido a retaguarda e exposto os carros, Artur teria perdido a calma, mas a posição social de Meurig o protegia.

Estávamos num Conselho de Guerra, a norte da estrada que

atravessava uma planície desinteressante, coberta de erva, juncada por maciços de árvores e taludes dispersos de giesta e espinheiros. Todos os comandantes estavam presentes e dúzias de homens de condição menor tinham-se reunido para escutar as nossas deliberações.

Meurig, é claro, negava qualquer responsabilidade.

Se lhe tivessem dado mais homens, alegava, aquela situação desastrosa nunca teria acontecido.

- Além do mais, e vão me perdoar pelo que vou dizer, embora se trate de um ponto tão óbvio que quase dispensa explicações, um exército que ignore Deus não pode ter esperanças de ser bem sucedido.

- Então, porque é que Deus nos ignorou? - perguntou Sagramor.

Artur silenciou o nómida.

- O que está feito não tem remédio - disse ele. - Temos de pensar no que acontecerá em seguida.

No entanto, o que aconteceria em seguida dependia mais de Aelle do que de nós. Tinha obtido a primeira vitória, embora fosse provável que desconhecesse a verdadeira extensão do seu triunfo. Estávamos bem dentro do seu território e

corríamos o risco de morrer de fome a não ser que conseguíssemos montar uma cilada ao seu exército, destruí-lo e assim alcançar um território que não tivesse sido saqueado. Os nossos batedores tinham trazido veado e uma vez por outra encontravam vacas ou ovelhas. Estes acepipes, no entanto, eram raros e insuficientes para compensar a farinha e a carne seca que tínhamos perdido.

- Não há dúvidas de que ele terá de defender Londres, não? - disse Cuneglas.

Sagramor abanou a cabeça.

- Londres é habitada por bretões - disse ele. - Os saxões não gostam da cidade.

Ele nos deixará ficar com Londres.

- Haverá comida em Londres - disse Cuneglas.

- Mas quanto tempo durará, meu Rei? - perguntou Artur. - E se a levarmos conosco, que faremos? Perambularemos eternamente, à espera de um ataque de Aelle? -

Tinha os olhos fixos no chão e o rosto comprido espelhava concentração. As táticas de Aelle eram claras: os saxões nos deixariam marchar, marchar e os seus homens estariam sempre um passo à nossa frente, prontos a eliminar todos os

vestígios de comida que houvesse no nosso caminho e quando estivéssemos fracos e desmoralizados, seríamos cercados por hordas de saxões. - O que temos de fazer, é atraí-los até nós.

Meurig piscou os olhos rapidamente.

- Como? - inquiriu, num tom que sugeria que Artur estava sendo ridículo.

Os druidas que nos acompanhavam, Merlim, Iorweth e outros dois oriundos de *Powys*, estavam sentados num dos cantos do Conselho. Merlim, que conseguira descobrir um assento num oportuno formigueiro, exigiu a atenção dos presentes erguendo o seu bastão.

- Que fazemos - perguntou calmamente - quando queremos obter algo valioso?

- Nós o tomamos - rugiu Agravain, que comandava os possantes cavaleiros de Artur, deixando este último livre para comandar a totalidade do exército.

- Quando queremos que os deuses nos concedam algo valioso? - Merlim corrigiu a sua pergunta, - que fazemos?

Agravain encolheu os ombros e nenhum de nós foi capaz de fornecer uma resposta.

Merlim pôs-se de pé para dominar o Conselho do alto da sua elevada estatura.

- Se queremos obter alguma coisa - disse ele com toda a simplicidade como se fosse nosso professor e nós os seus alunos, - temos de dar algo em troca. Temos de fazer uma oferta, um sacrifício. Aquilo que eu mais queria neste mundo era recuperar o Caldeirão, por isso ofereci a minha vida à sua procura e o meu desejo foi concedido. Mas se eu não tivesse oferecido a minha alma por ele, esta oferenda nunca me teria sido atribuída. Temos de sacrificar alguma coisa.

Meurig sentiu-se insultado na sua fé cristã e não conseguiu resistir à tentação de dirigir um comentário sarcástico ao druida.

- A sua vida, talvez, Lorde Merlim? Funcionou da última vez.
- Soltou uma gargalhada e procurou os padres sobreviventes para que estes rissem com ele.

As gargalhadas morreram quando Merlim apontou o seu bastão negro à figura do príncipe. Manteve o bastão imóvel, a sua extremidade a escassos centímetros do rosto de Meurig, e assim continuou muito depois do riso ter esmorecido. Merlim continuou a segurar o bastão na mesma posição, prolongando o silêncio até aos limites do intolerável.

Agrícola, sentindo que devia apoiar o seu príncipe, pigarreou, mas um movimento do bastão negro calou qualquer protesto que ele estivesse pensando em fazer. Meurig retorcia-se, constrangido, mas parecia ter perdido a voz. Corou, piscou os olhos e contorceu-se embaraçado. Artur franziu as sobrancelhas numa expressão carrancuda, mas nada disse. Nimue sorria antecipando o destino do príncipe, enquanto todos nós observávamos em silêncio, alguns trêmulos de medo. No entanto, Merlin não se moveu até Meurig, finalmente, não conseguir suportar por mais tempo a tensão.

- Foi apenas uma brincadeira - quase gritou, desesperado. - Não era minha intenção ofende-lo.

- Disse alguma coisa, meu príncipe? - inquiriu Merlin num tom ansioso, fingindo que as palavras carregadas de pânico que Meurig acabara de proferir o tinham arrancado aos seus devaneios. Baixou o bastão. - Devia estar sonhando acordado. Onde ia eu? Oh, sim, um sacrifício. Que temos nós de mais precioso, Artur?

- Artur refletiu durante alguns segundos.

- Temos ouro - disse ele - prata, a minha armadura.

- Ninharias - respondeu Merlin sem contemplações. Instalou-se um silêncio durante algum tempo, até que os

homens que não faziam parte do Conselho apresentaram as suas sugestões. Alguns tiraram as correntes que traziam ao pescoço e agitaram-nas no ar. Outros sugeriram que prescindíssemos das nossas espadas, e alguém chegou até a proferir o nome da espada de Artur: Excalibur. Os cristãos não apresentaram qualquer sugestão, porque se tratava de um procedimento pagão e eles nada mais ofereceriam além das suas orações. Um homem de *Powys*, contudo, sugeriu que sacrificássemos um cristão, idéia que logo desencadeou sonoros aplausos. Meurig voltou a corar.

- Às vezes penso - disse Merlim quando o rol de sugestões se esgotou, - que estou condenado a viver no meio de idiotas. Terá o mundo inteiro enlouquecido, à

exceção de mim próprio? Será que nenhum de vocês, pobres idiotas de vistas curtas, consegue ver qual é o bem mais precioso que possuímos? Nem um?

- Comida - disse eu.

- Ah! - exclamou Merlim, encantado. - Muito bem, meu pobre idiota de vistas curtas! Comida, estúpidos. - Cuspiu um insulto dirigido ao Conselho. - Os planos de Aelle assentam na convicção de que não temos comida, temos de provar o contrário. Temos de desperdiçar comida tal como os cristãos desperdiçam orações, temos de espalhá-la aos quatro

ventos, temos de esbanjá-la, jogá-la fora, temos - fez uma pausa para enfatizar ainda mais a palavra que se seguiria - de sacrificá-la.

Esperou que alguém o contrariasse, mas ninguém falou.

- Descubra um lugar perto daqui, - Merlim ordenou a Artur, - onde deseje bater-te com Aelle. Não demonstre muito empenho, pois não quer que ele se recuse a combater.

Está tentando-o, não se esqueça, e tem de convencê-lo que é capaz de te derrotar. De quanto tempo precisará ele para preparar os seus exércitos para combater?

- Três dias - respondeu Artur. Suspeitava que os homens de Aelle estavam dispersos ao longo do círculo de soldados que nos escoltavam, e o saxão necessitaria de pelo menos dois dias para apertar esse círculo e reduzi-lo a um exército compacto e outro dia inteiro para organizar a formação de ataque.

- Vou precisar de dois dias - disse Merlim, - para cozer pão duro em quantidade suficiente para nos mantermos vivos durante cinco dias. Não será uma ração generosa, Artur, pois o nosso sacrifício tem de ser genuíno. Procure então seu campo de batalha e aguarde. Deixe o resto ao meu cuidado. Mas quero que Derfel e uma dúzia dos seus homens desempenhem uma árdua tarefa. E haverá alguém

entre os presentes - elevou a voz para que todos os homens reunidos em torno do Conselho pudessem ouvi-lo - que tenha jeito para esculpir madeira?

Escolheu seis homens. Dois eram naturais de *Powys*, e um deles usava um escudo como o falcão de *Kernow* pintado; os outros vinham de *Dumnónia*. Receberam machados e facas, mas as ferramentas para esculpir só lhes seriam entregues quando Artur tivesse encontrado o seu campo de batalha.

Encontrou-o numa charneca ampla que se elevava para formar um cume de contornos suaves encimado por uma pequena mata de teixos e lódãos-brancos. A encosta não era nada escarpada, mas mesmo assim poderíamos contar com a proteção de um terreno elevado. Foi aí que Artur enterrou os seus estandartes, em torno dos quais cresceu um acampamento de abrigos cobertos de colmo feitos com ramos das árvores que povoavam a mata. Os nossos lanceiros formariam um círculo em volta dos estandartes e aí, esperávamos nós, enfrentariam Aelle. O pão que iria manter-nos vivos enquanto esperávamos pelos saxões foi cozido em fornos de turfa.

Merlim escolheu para si um local a norte da charneca. Havia um prado, uma paisagem de amieiros e ervas daninhas à beira de um regato que serpenteava para Sul, na direção do longínquo Tamisa. Os meus homens receberam ordens para

abater três carvalhos, descascar os galhos e a própria casca das árvores e, finalmente, cavar três valas onde os carvalhos seriam enterrados como se fossem colunas. Antes disso, porém, os seis entalhadores transformaram os troncos de carvalho em três ídolos macabros.

lorweth ajudou Nimue e Merlim, e os três deliciaram-se com a tarefa, já que ela lhes permitia imaginar e conceber as coisas mais sinistras e assustadoras que pouco se pareciam com qualquer dos deuses que eu jamais conhecera. Merlim, no entanto, não se importava. Os ídolos, dizia ele, não são para nós, mas sim para os Saxões. E foi assim que ele e os seus entalhadores conceberam três figuras horrorosas com rostos de animais, seios de mulher e órgãos genitais masculinos. Quando as colunas ficaram prontas, os meus homens interromperam as suas tarefas e enterraram as três figuras nas respectivas valas enquanto Merlim e os entalhadores calcavam a base com terra até as colunas ficarem finalmente na posição vertical.

- O pai Merlim - saltou em frente dos ídolos, - o filho e o espírito santo! - anunciou entre gargalhadas.

Entretanto, os meus homens tinham empilhado enormes quantidades de lenha em frente às valas, e foi sobre a lenha assim amontoada que atiramos o que restava dos nossos mantimentos. Matamos os últimos bois e içamos os seus

corpos pesados para cima do monte de lenha de forma que o seu sangue ainda quente escorresse através das camadas de madeira. Para cima dos bois atiramos ainda tudo aquilo que eles tinham transportado: carne e peixe secos, queijo, maçãs, cereais e feijões. No topo destes preciosos gêneros colocamos as carcaças de dois veados recém-caçados e um carneiro acabado de esfolar. A cabeça do carneiro, com os seus cornos idênticos, foi decepada e presa ao pilar central.

Os saxões observavam-nos enquanto trabalhávamos. Estavam acampados na margem mais distante do regato e, no primeiro dia, as suas lanças tinham trespassado a superfície da água por uma ou duas vezes. No entanto, depois dessas primeiras tentativas inúteis para interferir com a nossa rotina tinham-se contentado em observar para tentar entender exatamente que atividade estranha era aquela a que nos entregávamos. Eu pressentia que o seu número não parava de aumentar. No primeiro dia, não tínhamos vislumbrado mais do que uma dúzia de homens escondidos entre as árvores distantes, mas no final da tarde do segundo dia via-se pelo menos uma vintena de fogueiras ardendo por trás da vegetação.

- Agora - disse Merlim nessa noite, - damos algo que podem observar.

Trouxemos fogo dentro de tachos de cozinha desde o monte

pouco elevado da charneca até à enorme coluna de lenha e o atiramos para o meio do emaranhado de ramos. A madeira estava verde, mas nós tínhamos amontoado braçados de ervas secas e galhos quebrados no meio e ao anoitecer o fogo lavrava ferozmente. As chamas iluminavam os nossos ídolos grosseiros com um brilho lúgubre, a fumaça agitava-se numa coluna imensa que deslizava na direção de Londres e o cheiro de carne queimada flutuava perversamente até ao nosso acampamento esfomeado. O fogo estalava e desabava, atirando para o ar um mar de fagulhas, e no topo abrasador os animais mortos contraíam-se e contorciam-se à medida que as chamas lhes encolhiam os tendões e faziam explodir os seus crânios. A gordura derretida estalava no meio do braseiro e depois se inflamava bruscamente, branca e brilhante, projetando sombras negras sobre os três ídolos hediondos. A fogueira ardeu toda a noite, queimando as nossas últimas esperanças de abandonar *Lloegyr* sem uma vitória, e de madrugada vimos os saxões aproximarem-se para investigar os restos fumegantes da grande fogueira.

E ficamos à espera. Não éramos totalmente passivos. Os nossos cavaleiros cavalgaram para Oeste para fazer o reconhecimento da estrada para Londres e regressaram com notícias sobre bandos de saxões em marcha. Outros cortaram madeira e a usaram para começar a construir um castelo perto da pequena mata que ficava no topo da pequena elevação da charneca. Não tínhamos necessidade

de um castelo desses, mas Artur queria dar a impressão que estávamos estabelecendo uma base em pleno território de *Lloegyr*, a partir da qual faríamos as nossas incursões até aos territórios de Aelle. Essa crença, se Aelle se deixasse convencer, não deixaria de incitá-lo à batalha.

Iniciamos a construção de uma muralha de terra, mas desprovidos das ferramentas adequadas, o resultado foi terrivelmente modesto, embora deva ter contribuído para tornar o estratagema mais real.

Estávamos muito ocupados, mas isso não impediu que se verificasse uma cisão rancorosa no seio do exército. Alguns, como Meurig, estavam convencidos de que tínhamos adotado a estratégia errada desde o início. Teríamos feito melhor, dizia então Meurig, se tivéssemos enviado três ou quatro exércitos menores para conquistar as fortalezas fronteiriças dos saxões. Devíamos ter assediado e provocado, mas em vez disso estávamos cada vez mais esfomeados e presos em *Lloegyr* numa armadilha que nós próprios armáramos.

- Ele talvez tenha razão - confessou-me Artur na manhã do terceiro dia.

- Não, senhor - insisti eu, e para provar o que queria dizer fiz um gesto para norte, na direção da enorme mancha de

fumaça que indicava o local, para lá do ribeiro, onde uma horda crescente de saxões se reunia.

Artur abanou a cabeça.

- O exército de Aelle está ali, quanto a isso não restam dúvidas, mas isso não significa que ele vá atacar. Vão nos observar, e se ele tiver um pingo de bom senso, nos deixará ficar aqui apodrecendo.

- Podíamos atacá-lo - sugeri.

Tornou a abanar a cabeça.

- Conduzir um exército entre o arvoredo e obrigá-lo a atravessar um curso de água é a melhor receita para um desastre. Esse será o nosso último recurso, Derfel. Reze para que ele venha hoje.

Mas tal não aconteceu, e estávamos no fim do quinto dia depois dos saxões terem destruído os nossos mantimentos. No dia seguinte comeríamos migalhas e no espaço de dois dias estaríamos famintos. Passados três dias seríamos obrigados a enfrentar o terrível olhar da derrota. Artur não traía qualquer sinal de preocupação, fosse qual fosse a perdição vaticinada pelos resmungões do exército. Foi num desses fins de tarde, quando o Sol desaparecia no horizonte sobre a distante *Dumnónia*, que Artur fez sinal para que

subisse e me juntasse a ele no alto da parede cada vez mais alta do castelo grosseiro que estávamos construindo. Subi pelos toros de madeira e icei-me até o alto da parede.

- Olhe - disse ele, apontando para leste. Lá longe, eu conseguia distinguir outra mancha de fumaça cinzenta e por baixo dela, com os seus edifícios iluminados pela claridade oblíqua do Sol, via-se uma cidade enorme, maior do que todas as que eu já vira até então. Maior do que *Glevum* ou *Corinium*, maior até do que *Aquae Sulis*. - Londres -

disse Artur numa voz maravilhada. - Alguma vez pensou em vê-la?

- Sim, senhor.

Ele sorriu.

- O meu sempre confiante Derfel Cadarn.

Ele estava empoleirado no topo da parede, apoiado numa coluna inacabada e olhava fixamente para a cidade. Atrás de nós, no retângulo formado pelas tábuas do salão, estavam guardados os cavalos do nosso exército.

Os pobres animais estavam esfomeados, pois havia pouca erva naquelas terras ressequidas e nós não tínhamos trazido forragem para lhes dar.

- É estranho - disse Artur, sem desviar o olhar de Londres, - pensar que a esta altura Lancelot e Cerdic poderão ter se defrontado e nós não temos forma de saber.

- Reze para que Lancelot saia vencedor - disse eu.

- É o que faço, Derfel, é o que faço. - Bateu com os calcanhares na parede meio construída. - Que sorte tem Aelle - disse ele, de súbito. - Pode fazer tombar os melhores guerreiros da Bretanha aqui mesmo. No final deste ano, os homens dele poderão perfeitamente ter tomado os nossos castelos. Poderão chegar ao mar de Severn em ritmo de passeio. Tudo desaparecido. A Bretanha inteira! Desaparecida. - A idéia parecia diverti-lo. - Depois - virou-se e olhou para baixo, para onde estavam os cavalos. -

Podemos sempre comê-los. A sua carne nos manterá vivos durante uma ou duas semanas.

- Senhor! - protestei, querendo contrariar o pessimismo dele.

- Não se preocupe, Derfel. - Enviei uma mensagem ao nosso velho amigo Aelle.

- Uma mensagem?

- A mulher de Sagramor. Malla é como se chama. Que nome esquisitos têm os Saxões. Conhece-a?

- Já a vi, senhor.

Mala era uma garota alta com pernas musculosas e ombros tão largos quanto uma barrica. Sagamor a fizera prisioneira em uma das suas incursões do ano anterior e ela parecia ter aceitado o destino que lhe estava reservado com uma passividade que se refletia no seu rosto inexpressivo quase apático, emoldurado por uma massa de cabelos louros. Além do cabelo, Malla não possuía outros atrativos, mas fosse como fosse não deixava de ser estranhamente sedutora. Era uma criatura grande, forte, lenta e robusta dotada de uma graciosidade tranqüila e um comportamento tão taciturno quanto a do seu amante núpida.

- Vai fingir que escapou do nosso cativeiro - explicou Artur, e neste exato momento deve estar contando a Aelle que estamos planejando ficar aqui até o próximo Inverno. Está dizendo que Lancelot vem juntar-se a nós com mais trezentas lanças e que necessitamos que ele venha, porque muitos dos nossos homens estão debilitados pela doença, apesar de dispormos de excelentes reservas de comida, - sorriu. - Está servindo-lhe uma série infundável de disparates, ou pelo menos assim espero.

- Ou talvez esteja dizendo a verdade - sugeri, melancólico.

- Talvez. - Não parecia preocupado. Fitou uma fila de

homens que carregavam água de uma nascente que borbulhava no sopé da encosta sul. - Mas Sagramor confia nela, e eu há muito que aprendi a confiar em Sagramor.

Fiz um sinal para afastar os demônios.

- Eu não permitiria que a minha mulher fosse enviada ao campo do inimigo.

- Ela se ofereceu - disse Artur. - Diz que os saxões não lhe farão mal algum.

Parece que o pai dela é um dos seus chefes.

- Rezemos para que ela o ame menos do que ama Sagramor.

Artur encolheu os ombros. O risco já tinha sido corrido e discuti-lo não iria certamente diminuir os perigos nele implicados. Mudou de assunto.

- Eu o quero-te em *Dumnónia* quando tudo isto tiver terminado.

- Irei de bom grado, senhor, se prometer que Ceinwyn estará a salvo - respondi e, quando tentou afastar os meus receios com um aceno, insisti. - Ouvi histórias sobre um cão que teria sido morto e cuja pele ensangüentada teria sido colocada sobre uma cadela.

Artur virou-se, passou as pernas sobre a parede e deixou-se cair para dentro dos estábulos improvisados. Afastou um dos cavalos para o lado e me fez sinal para que o seguisse até onde ninguém poderia nos ver ou ouvir. Estava zangado.

- Repita o que ouviu dizer - ordenou.

- Que um cão tinha sido morto - disse depois de ter saltado para dentro do estábulo, - e que a sua pele ensangüentada servira para cobrir uma cadela aleijada.

- E quem fez isso? - exigiu saber.

- Alguém amigo de Lancelot - respondi, não querendo nomear a esposa dele.

Deu um soco na grosseira parede de madeira, assustando os cavalos que se encontravam mais perto de nós.

- A minha mulher - disse ele - é amiga do rei Lancelot.

Fiquei calado.

- Tal como eu - acrescentou em desafio, mas eu continuei em silêncio. - Ele é um homem orgulhoso, Derfel, e perdeu o reino de seu pai porque eu não cumpri o meu juramento. Estou em dívida para com ele.

As últimas palavras foram ditas friamente.

Correspondi à frieza da sua voz falando num tom igualmente distante.

- Disseram-me, que a cadela aleijada recebeu o nome de Ceinwyn.

- Basta! - Tornou a golpear a parede com a mão. - Histórias! Tudo isso não passam de histórias! Ninguém nega que não exista algum ressentimento em relação à

atitude que tanto você como Ceinwyn tomaram, não sou estúpido, mas não tolerarei um disparate destes de você! Guinevere atrai este tipo de rumores. As pessoas alimentam ressentimentos contra ela. Qualquer mulher que seja bonita, inteligente e que tenha opiniões firmes e não tenha medo de divulgá-las atrai o ressentimento por parte dos outros. Mas você está tentando me dizer que ela teria feito um feitiço obscuro contra Ceinwyn? Que ela massacraria um cão e o esfolaria? Acredita nisso?

- Gostaria de não acreditar - disse eu.

- Guinevere é minha mulher. - Falava em voz mais baixa, mas o tom não perdera a amargura. - Não tenho outras mulheres, não levo escravas para o meu leito, pertença a ela e ela me pertence, Derfel, e não tolerarei nenhuma crítica contra ela. Nenhuma! -

gritou a última palavra e eu perguntei a mim mesmo se ele estaria por acaso a recordar-se dos insultos obscenos que Gorfyddyd gritara no Vale do *Lugg*. Gorfyddyd afirmara que tinha dormido com Guinevere e acrescentara que uma infinidade de homens tinha igualmente dormido com ela. Lembrava-me do anel de compromisso de Valerin, com uma cruz e decorado com o símbolo de Guinevere, mas afastei essas recordações do espírito.

- Senhor - disse calmamente, - eu nunca mencionei o nome de sua esposa.

Ele me fitou e por breves segundos achei que fosse me agredir. Em seguida abanou a cabeça.

- Ela pode ser uma pessoa muito difícil, Derfel. Há momentos em que desejaria que ela não estivesse tão pronta a expressar o seu desdém, mas não consigo conceber a minha vida sem os conselhos dela - interrompeu-se e esboçou um sorriso triste. - Não consigo imaginar a minha vida sem ela. Ela não matou cão nenhum, Derfel, ela não matou cão nenhum. Confie em mim. A deusa que ela adora, Ísis, não exige sacrifícios, pelo menos no que se refere a criaturas vivas. Ouro, sim - sorriu, de novo bem-humorado.

- Ísis suga ouro.

- Acredito no senhor - disse eu - mas isso não garante a

segurança de Ceinwyn.

Dinas e Lavaine a ameaçaram.

Ele abanou a cabeça.

- Você está magoando Lancelot, Derfel. Não o censuro por isso, pois conheço os seus motivos. Mas você pode censurá-lo por estar ressentido? E Dinas e Lavaine servem Lancelot e é mais do que justo e correto que partilhem as mágoas do seu amo. Quando esta guerra tiver terminado, Derfel faremos uma reconciliação. Todos nós! Quando transformar o meu grupo de guerreiros em irmãos, faremos a paz uns com os outros.

Você, Lancelot e todos os outros. E até que isso se torne realidade, Derfel, prometo que protegerei Ceinwyn. Jurarei pela minha vida, se insistir. Pode impor o juramento que quiser, Derfel, pode exigir o preço que quiser: a minha vida, a do meu filho até, porque eu preciso de você. A *Dumnónia* precisa de você. Culhwuch é um bom homem, mas não é capaz de dominar Mordred.

- E eu serei? - perguntei.

- Mordred é obstinado? - Artur ignorou a minha pergunta, - mas que podemos nós esperar? É o neto de Uther, tem

sangue real nas veias e nós não queremos que ele seja uma criatura efeminada. Mas a verdade é que precisa de disciplina. De orientação.

Culhwuch acha que bater é suficiente, mas isso só serve para torná-lo mais teimoso.

Quero que você e Ceinwyn o eduquem.

Estremeci.

- Torna a perspectiva do regresso a casa ainda mais atraente, senhor. - Ele acolheu a ligeireza do meu comentário com uma expressão carrancuda.

- Nunca esqueça, Derfel, que juramos dar a Mordred o trono que é dele por direito. Foi por isso que regressei à Bretanha. É esse o meu primeiro dever na Bretanha e todos os que estão ligados a mim por juramento estão também a esta promessa.

Ninguém disse que iria ser fácil, mas será feito. Dentro de nove anos aclamaremos Mordred em *Caer Cadarn*. Nesse dia, Derfel, todos nós ficaremos livres do juramento e eu imploro a todos os deuses que me queiram ouvir para que nesse dia eu possa pendurar a Excalibur e nunca mais tomar a combater. Mas até que esse dia glorioso chegue, sejam quais forem as dificuldades que se apresentem, não

quebraremos o nosso juramento.

Compreende isto?

- Sim, senhor - respondi, humildemente.

- Ótimo - Artur afastou um cavalo para o lado. - Aelle virá amanhã - disse, confiante, à medida que nos afastávamos, - por isso durma bem.

O Sol desapareceu por trás de *Dumnónia*, afogando-se numa bola de fogo avermelhada. Ao norte, o nosso inimigo entoava os seus cânticos de guerra enquanto nós, reunidos em volta das fogueiras, cantávamos cantigas da pátria. As nossas sentinelas perscrutavam a escuridão, os cavalos relinchavam, os cães de Merlin uivavam e alguns de nós dormiam.

De madrugada descobrimos que os três pilares de Merlin tinham sido derrubados durante a noite. Um feiticeiro saxão, cujos cabelos terminavam em espigões e cujo corpo nú estava praticamente visível debaixo da pele de lobo feita em farrapos que caía sobre os seus ombros presa por uma fita em torno do pescoço, rodopiava executando uma dança no lugar onde tinham estado os pilares. A visão do feiticeiro convenceu Artur que Aelle planejava o seu assalto.

Deliberadamente, não demos mostras de estar preparados

para combater. As nossas sentinelas continuavam nos seus postos de guarda; outros lanceiros descansavam na encosta mais avançada como se estivessem à espera de mais um dia sem sobressaltos. Atrás deles, porém, imersos nas sombras dos abrigos e debaixo dos restos dos teixos e dos lódãos-brancos, do outro lado das paredes do castelo inacabado, o grosso dos nossos homens entregava-se aos preparativos para o confronto.

Ajustávamos as cordas dos escudos, afiávamos espadas e gumes já

desgastados, prendíamos as cabeças das lanças aos respectivos cabos. Tocávamos os nossos amuletos, abraçávamo-nos uns aos outros, comíamos o pouco pão que nos restava e rezávamos aos deuses em que acreditávamos, fossem eles quais fossem, para que nos ajudassem durante aquele dia. Merlin, Iorweth e Nimue perambulavam entre os abrigos tocando lâminas e distribuindo raminhos secos de verbena para nossa proteção.

Vesti o meu uniforme de batalha. Calcei botas pesadas que chegavam até os joelhos e tinham tiras de ferro incrustadas para proteger as minhas canelas dos golpes de lança que são desferidos por baixo do escudo. Pus uma túnica feita com a lã

grosseiramente fiada por Ceinwyn e sobre ela uma cota de couro na qual pregara o pequeno alfinete de ouro que pertencia a Ceinwyn e que usava como talismã há muitos anos. Sobre o couro enfiei uma cota de malha, um luxo que herdara de um chefe de *Powys* morto no Vale de *Lugg*. Era uma cota antiga de fabrico romano e fora concebida com um talento que nenhum homem de hoje possui, e muitas vezes perguntei a mim mesmo que outro lanceiro teria usado aquela mesma cota comprida até aos joelhos, feita de aros de ferro interligados. O guerreiro de *Powys* morrerá com ela, o crânio aberto pela *Hywelbane*, mas eu suspeitava que pelo menos outro dos donos da cota tinha sido morto com ela vestida, pois havia um grande rasgão no peito esquerdo. A malha danificada fora grosseiramente reparada com aros de ferro.

Nos dedos da mão esquerda enfiei os anéis de guerreiro, que numa batalha serviam de proteção. No entanto, não pus anéis na mão direita, pois os aros de ferro dificultavam o manuseamento das espadas ou das lanças. Prendi caneleiras de couro nos antebraços. O meu elmo era de ferro, um objeto simples em forma de tigela com um rebordo de tecido forrado de pele e uma tira grossa de pele de porco na parte de trás para proteção do pescoço. No início da Primavera pagara a um ferreiro de *Caer Sws* para que ele cravasse dois pedaços de osso nos lados. O elmo era encimado por uma protuberância de ferro de onde pendia uma cauda de lobo,

caçado nas florestas de *Benoic*. Prendi a *Hywelbane* à cintura, enfiei a mão esquerda através das presilhas de couro do escudo e pesei a minha lança de guerra. Era mais alta do que um homem, a sua haste era mais grossa do que o pulso de Ceinwyn e terminava por uma lâmina comprida, pesada em forma de folha. Estava extremamente afiada e as extremidades em aço tinham sido polidas de forma que a lâmina não pudesse ficar presa na barriga ou na armadura do inimigo. Não pus capa, pois estava muito quente para isso.

Cavan, vestido com a sua armadura, veio me ver e ajoelhou-se.

- Se eu lutar bem, senhor - perguntou, - posso pintar uma quinta ponta no meu escudo?

- Espero que os meus homens lutem bem - disse eu - porque hei de então recompensá-los por fazerem aquilo que se espera deles?

- E se lhe trouxer um troféu, senhor - sugeri. - O machado de um chefe? Ouro?

- Traga-me um chefe saxão, Cavan - disse eu - e poderá acrescentar cem pontas à sua estrela.

- Cinco serão suficientes, senhor - respondeu ele.

A manhã passou devagar. Aqueles de nós que tinham vestido armaduras de metal suavam abundantemente por causa do calor. Visto do lado oposto do ribeiro situado a norte, no lugar onde os saxões se encontravam reunidos ocultos pelo arvoredo, o nosso acampamento devia parecer adormecido, ou então povoado por homens doentes e imóveis. Essa ilusão, porém, não levava os saxões a avançar através do arvoredo. O Sol elevava-se cada vez mais no céu. Os nossos batedores, os cavaleiros que se deslocavam transportando apenas um feixe de flechas como únicas armas, deixaram o acampamento nas suas montarias. Não teriam lugar numa batalha travada entre dois escudos defensivos e por isso conduziram os respectivos cavalos nervosos para sul, na direção do Tamisa. Poderiam regressar rapidamente, embora tivessem ordens para, caso a batalha resultasse num desastre para nós, seguir para oeste e levar as notícias da nossa derrota até à distante *Dumnónia*. Os cavaleiros de Artur vestiram as pesadas armaduras de couro e ferro e, em seguida, servindo-se de tiras que enrolaram em volta das cernelhas dos cavalos, penduraram os desajeitados escudos de couro que protegiam o peito das respectivas montarias.

Artur, escondido juntamente com os seus cavaleiros no interior do castelo inacabado usava a sua famosa armadura de escamas, uma roupa romana feita de milhares de pequenas placas de metal costuradas a um colete de couro

de forma que ficassem todas sobrepostas umas às outras como se fossem escamas de peixe. No meio do ferro havia placas de prata por isso parecia reluzir sempre que ele se movia. Usava uma capa branca e a Excalibur, envolta na sua mágica bainha em forma de cruz que protegia o seu dono de influências malignas, pendia na sua anca esquerda.

Hygwydd, o seu servo, segurava a sua comprida lança, o elmo prateado com a sua pluma de penas de ganso e o escudo redondo forrado com uma cobertura de prata e cintilante como um espelho. Em tempo de paz, Artur gostava de trajar modestamente, mas na guerra era flamejante. Gostava de pensar que a sua reputação fora construída com base em um governo honesto, mas a armadura ofuscante e o escudo bem polido revelavam que ele sabia qual era a verdadeira origem da sua fama.

Em tempos, Culhwuch fizera parte dos cavaleiros de Artur. Naquele momento, porém, tal como eu, comandava um grupo de lanceiros e ao meio-dia procurou-me e deixou-se cair ao meu lado, à sombra do meu abrigo de turfa. Usava uma couraça em ferro, um colete de couro e protegera as canelas nuas com caneleiras de bronze romano.

- O maldito não vem - resmungou.

- Amanhã, talvez? perguntei.

Fungou, desgostoso, e depois lançou-me um olhar sério.

- Já sei o que vai dizer, Derfel, mas pergunto da mesma forma, ainda que gostaria que tivesse em consideração uma coisa antes de me responder. Quem foi que lutou ao seu lado em *Benoic*? Quem permaneceu ao seu lado, escudo ao lado de escudo, em *Ynys Trebes*? Quem partilhou a sua cerveja e até deixou que seduzisses aquela garota pescadora? Quem segurou a sua mão no Vale do *Lugg*? Fui eu. Lembre-se disso quando me responder. Que quantidade de comida tem escondida?

Sorri.

- Nenhuma.

- Você é um sacana de um saxão sem uma ponta de coragem
- disse ele, - é isso que você é.

Olhou para Galaad, que descansava ao lado dos meus homens.

- Tem comida, meu príncipe? - perguntou.

- Dei a última côdea que tinha a Tristão - respondeu Galaad.

- Um gesto cristão, suponho? - perguntou Culhwuch, com desdém.

- Gostaria de pensar que assim foi - disse Galaad.

- Não admira que eu seja pagão - disse Culhwuch. - Preciso de comida. Não posso matar saxões com a barriga vazia.

Lançou olhares carrancudos aos meus homens, mas nenhum lhe ofereceu fosse o que fosse, pois nada tinham para oferecer.

- Você vai então me livrar daquele patife que é Mordred? - perguntou-me depois de ter abandonado a esperança de encontrar um pedaço de comida.

- É essa a vontade de Artur.

- É essa a minha vontade - disse ele, energicamente. - Se tivesse comida neste momento, Derfel, dava toda ela até à última migalha, em troca desse favor. Pode ficar com aquele hipocritazinho. Que ele transforme a sua vida num inferno em vez da minha.

Mas te aviso, vai gastar o teu cinto na pele do maldito.

- Talvez não seja lá muito sensato da minha parte - disse eu, cauteloso, - desatar a sovar o meu futuro rei.

- Pode não ser sensato, mas não há dúvida que dá prazer. Bajulador desprezível.

-Torceu-se todo para olhar o que estava do outro lado do abrigo. - O que é que acontece com estes malditos saxões? Não querem combater?

A resposta às suas interrogações chegou quase a seguir. Subitamente, ouviu-se o som grave e lúgubre de um corno, seguido do rufar de um dos enormes tambores que os saxões transportavam para a guerra e todos acudimos a tempo de ver o exército de Aelle sair do arvoredado, na outra margem do ribeiro. O que momentos antes não era mais do que uma paisagem vazia composta por folhas e iluminada por um Sol primaveril acabava de ser invadida pelo inimigo, num abrir e fechar de olhos.

Eram centenas. Centenas de homens ataviados com peles e aplicações de ferro, transportando machados, cães, lanças e escudos. Os seus estandartes eram crânios de touro espetados em mastros e decorados com faixas de tecido, e atrás via-se uma horda de feiticeiros com cabelo espetado que avançavam e gritavam as suas maldições na nossa direção.

Merlim e os outros druidas desceram a encosta ao encontro dos feiticeiros. Não se mexeram, mas tal como faziam todos os druidas antes de uma batalha, apoiaram-se numa só perna e mantiveram o equilíbrio com a ajuda dos seus bastões enquanto elevavam as mãos no ar. Detiveram-se a cerca de

cem passos de distância dos feiticeiros que estavam mais próximos e retribuía as suas maldições enquanto o grupo de padres cristãos se mantinha no topo da encosta de mãos abertas, olhando para o céu como se assim implorassem a ajuda do seu Deus.

Entretanto, nós formamos uma linha. Agrícola estava à esquerda com os seus soldados vestidos com uniformes romanos, nós ocupávamos o centro, e os cavaleiros de Artur, que continuavam escondidos dentro do castelo grosseiro, se posicionariam na ala direita. Artur colocou o elmo, montou *Llamrei*, espalhou a capa branca sobre a garupa do cavalo e depois aceitou a pesada lança e o escudo reluzente que Hygwydd lhe estendia.

Sagramor, Cuneglas e Agrícola comandavam os peões. No primeiro momento, e só até os cavaleiros de Artur aparecerem, os meus homens ocuparam a extrema direita da linha e eu percebi que havia chances de que sermos dominados, já que a frente de batalha dos saxões era muito mais comprida do que a nossa. Eles eram mais numerosos do que nós. Os bardos dirão que havia milhares de vermes saxões naquela batalha, mas eu suspeito que Aelle não trouxesse com ele mais de seiscentos homens. O rei saxão, possuía obviamente mais lanceiros do que aqueles que se perfilavam diante de nós, embora ele, tal como nós, tivesse sido forçado a deixar fortes guarnições de soldados nas

suas fortalezas fronteiriças. No entanto, apesar dos seiscentos homens, não deixava de ser um exército enorme. E havia outros seguidores logo atrás do escudo defensivo; na sua maioria eram mulheres e crianças que não tomariam parte na batalha, mas que, sem dúvida, esperavam limpar os nossos cadáveres quando o combate tivesse terminado.

Os nossos druidas tornaram a subir a colina com grande esforço, apoiados num pé. O suor escorria pelas faces de Merlim e desaparecia nas tranças da sua longa barba.

- Não há magia nenhuma. Os feiticeiros deles não conhecem a verdadeira magia.

Não há perigo.

Passou por entre os nossos escudos e foi à procura de Nimue. Os saxões marcharam lentamente na nossa direção. Os feiticeiros deles cuspiam e gritavam, os homens ordenavam aos seus seguidores que mantivessem a linha direita enquanto outros nos insultavam aos gritos.

Os nossos cornos de guerra tinham começado a fazer soar o seu clamor desafiador e os homens começaram a cantar. No extremo do escudo defensivo onde nos encontrávamos cantava-se a grande Canção de Batalha de *Beli Mawr*, um grito de massacre triunfante capaz de incendiar as entranhas de um homem. Dois dos meus homens dançavam na frente

do escudo defensivo, caminhando e saltando sobre as espadas e lanças que tinham sido dispostas em cruz sobre a terra. Chamei-os e pedi-lhes que regressassem ao escudo, porque pensei que os saxões continuariam a sua marcha em frente até atingirem a pequena elevação e assim precipitar um ataque rápido e sangrento. Em vez disso, porém, pararam a cem passos de distância de nós e realinharam os seus escudos para formar uma parede contínua compostas por madeira reforçada a couro. Guardaram silêncio enquanto os feiticeiros deles urinavam na nossa direção. Os seus cães enormes ladravam e contorciam-se presos pelas trelas, os tambores de guerra continuavam a rufar e de vez em quando um corno soltava o seu lamento triste. Fora isso, porém, os saxões permaneceram silenciosos limitando a bater as pontas das suas lanças nos escudos ao mesmo ritmo do rufar dos tambores.

- Os primeiros saxões que vejo.

Tristão colocara-se ao meu lado e fixava o exército saxão com as suas grossas armaduras de pêlo, os machados de dois gumes, os seus cães e as suas lanças.

- Morrem como qualquer um - disse-lhe.

- Os machados não me agradam - confessou, tocando a borda de ferro do seu escudo para lhe dar sorte.

- São objetos toscos - tentei tranquilizá-lo. - Uma investida e já não servem para nada. Apare o golpe com o seu escudo na vertical e desfira um golpe baixo com a espada. Funciona sempre.

Ou quase sempre.

O tambor saxão calou-se subitamente, a linha inimiga abriu-se no centro e Aelle em pessoa surgiu. Estava de pé e fitou-nos durante alguns segundos, cuspiu e depois, num gesto ostensivo, deixou cair a lança e o escudo para mostrar que queria dialogar.

Caminhou na nossa direção, um homem enorme, alto e de cabelo escuro vestido com uma grossa pele de urso preta. Dois feiticeiros acompanhavam-no, juntamente com um homem magro e calvo que eu supus ser o seu intérprete.

Cuneglas, Meurig, Agrícola, Merlim e Sagramor avançaram ao seu encontro.

Artur decidira ficar junto dos seus cavaleiros e, já que Cuneglas era o único rei no nosso lado do campo de batalha, devia ser ele a falar em nosso nome. Convidou, no entanto, outros para que o acompanhassem e me fez sinal para que me juntasse ao grupo e fosse o seu intérprete. Foi assim que me encontrei com Aelle pela segunda vez. Era um homem alto, de peito amplo com um rosto inexpressivo, duro e olhos

escuros. Tinha uma barba negra e farta, as faces marcadas por cicatrizes, o nariz quebrado e na sua mão direita faltavam dois dedos. Vestira uma malha e calçara botas de couro e usava ainda um elmo de ferro onde tinham sido colocadas dois cornos de touro. Em torno do seu pescoço e dos pulsos via-se ouro britânico. As roupas feitas com pele de urso que cobriam a sua armadura deviam ser incomodas naquele dia abrasador, mas uma pele daquelas era tão impermeável a um golpe de espada quanto uma armadura de ferro. Fitou-me.

- Lembro-me de você, verme - disse ele. - Um vira-casaca saxão.

Inclinei a cabeça num movimento breve.

- Saudações, meu rei.

Cuspiu.

- Acha que só pelo fato de ser educado terá uma morte fácil?

- A minha morte nada tem a ver com o senhor, meu rei - disse eu. - Mas espero vir a falar da sua aos meus netos.

Ele riu e em seguida lançou um olhar trocista aos cinco chefes.

- Cinco! E eu sou um só! E onde está Artur? Esvaziando as

entranhas, aterrorizado?

Apresentei os nossos chefes a Aelle e depois Cuneglas passou a dirigir a conversa, que eu ia traduzindo. Começou, como era costume, por exigir a rendição imediata de Aelle. Seríamos misericordiosos, disse Cuneglas. Exigiríamos a vida de Aelle, a totalidade dos seus tesouros, armas, mulheres e escravos, mas os seus lanceiros seriam livres para partir ainda que sem as respectivas mãos direitas.

Aelle, como era costume, escarneceu das nossas exigências, expondo uma boca repleta de dentes podres e sem cor.

- Será que Artur pensa que por ficar escondido não sabemos que ele está aqui, juntamente com os seus cavalos? Diga-lhe, verme, que esta noite descansarei a minha cabeça sobre o seu cadáver. Diga-lhe que a mulher dele será minha meretriz e que depois de a ter esgotado a entregarei aos meus escravos. E diga àquele idiota de bigode -

fez um gesto na direção de Cuneglas, - que ao anoitecer este lugar ficará para sempre conhecido como a Sepultura dos Bretões. Diga-lhe, que vou arrancar as patilhas e farei delas um brinquedo para os gatos da minha filha. Diga-lhe que do seu crânio farei uma caneca e que a sua barriga servirá de alimento para os meus cães. E diga àquele demônio - inclinou a barba para indicar Sagramor, - que hoje a sua alma

demoníaca será

entregue aos terrores do Tor e que para sempre se contorcerá no círculo de serpentes. -

E quanto a ele olhou para Agrícola, - há muito que desejo a sua morte e a recordação da mesma será para mim uma forma de divertimento nas longas noites que se avizinham. E

diga àquela coisa límpida - cuspiu na direção de Meurig, - que lhe cortarei os órgãos genitais e farei dele meu servo. Diga-lhes tudo isto, verme.

- Ele recusa - disse a Cuneglas.

- Sem dúvida que disse mais do que isso?

Meurig que só estava presente devido à sua condição social, insistiu com pedantismo.

- Nada que queira saber - disse Sagramor com um tom cansado.

- Todo o conhecimento é relevante - protestou Meurig.

- Que eles estão dizendo, verme? - perguntou Aelle, ignorando o seu intérprete.

Estão deliberando sobre qual dos cinco terá o prazer de

matá-lo, meu rei - disse eu.

Aelle cuspiu.

- Diga a Merlim, - o rei saxão olhou de relance para o druida,
- que não proferi qualquer insulto contra ele.

- Ele já sabe disso, meu rei - disse eu - pois fala a sua língua.

Os Saxões temiam Merlim e nem mesmo naquele momento desejavam criar qualquer antagonismo com ele. Os dois feiticeiros saxões lançavam-lhe maldições, mas era essa a sua função e Merlim não se sentia insultado. Tão pouco parecia prestar atenção às conversações, limitando-se a fixar o olhar no horizonte distante, embora não tivesse esboçado qualquer sorriso na direção de Aelle depois do elogio deste.

Aelle fitou-me durante alguns instantes. Por fim perguntou-me:

- A que tribo você pertence?

- *Dumnónia*, meu rei.

- Antes disso, estúpido! De nascimento!

- À sua, senhor, à tribo de Aelle.

- O teu pai? - perguntou.

- Nunca o conheci, senhor. A minha mãe foi capturada por Uther quando eu ainda estava no ventre dela.

- E o nome dela?

Tive de pensar durante um ou dois segundos.

- Erce, meu rei - lembrei-me finalmente do nome dela.

Aelle sorriu ao ouvir o nome.

- Um bom nome saxão! Erce, deusa da terra e mãe de todos nós. Como está sua Erce?

- Não a vejo, Senhor, desde que era criança, mas ouvi dizer que ainda vive.

Fitou-me com uma expressão pensativa. Meurig pairava, impaciente, exigindo saber o que estava sendo dito, mas acalmou-se quando viu que todos o ignoravam.

- Não é bom - disse Aelle, que um homem ignore a sua mãe. Qual seu nome?

- Derfel, meu rei.

Cuspiu sobre a minha cota de malha.

- Então devia ter vergonha de si mesmo, Derfel, por ignorar

sua mãe dessa maneira. Não quer lutar ao nosso lado, hoje?
Ao lado do povo da tua mãe?

Sorri.

- Não, meu rei, mas faz com que me sinta honrado.

- Que a sua morte seja rápida, Derfel. Mas diga a esses miseráveis - indicou os nossos quatro chefes, - que vim para comer os seus corações.

Cuspiu pela última vez, virou-se e voltou para junto dos seus homens.

- E que disse ele, então? - perguntou Meurig.

- Falou comigo, meu príncipe - disse eu - sobre a minha mãe. E recordou-me os meus pecados.

Deus me ajude, mas naquele dia senti afeto por Aelle.

Ganhamos a batalha.

Igraine vai querer que eu adiante mais detalhes. Ela quer grandes ações heróicas, e a verdade é que as houve. Mas também houve gestos covardes e homens que sujaram os calções, tal era o terror que os assaltava, mas que mesmo assim não abandonaram o seu posto no seio do escudo defensivo. Houve homens que não mataram ninguém,

apenas defenderam desesperadamente; outros lançaram novos desafios aos poetas para que encontrassem as palavras certas que melhor descrevessem os seus feitos. Foi, em resumo, uma batalha. Amigos pereceram, nomeadamente Cavan, amigos ficaram feridos, Culhwuch estava entre eles, e outros amigos escaparam ilesos, como Galaad, Tristão e Artur. Eu fui atingido por um golpe de machado no ombro esquerdo e embora a minha cota de malha tivesse amparado a maior parte da força da lâmina, a ferida demorou semanas para sarar e ainda hoje tenho uma cicatriz avermelhada que fica dolorida com o frio.

O importante não foi a batalha, mas sim o que aconteceu depois. Em primeiro lugar, porém, dado que a minha querida rainha Igraine insistirá comigo para que eu escreva os atos heróicos praticados pelo avô do marido, o rei Cuneglas, contarei rápido, como tudo aconteceu.

Os saxões nos atacaram. Aelle precisou de mais de uma hora para persuadir os seus homens a atacar o nosso escudo defensivo e durante todo esse tempo os feiticeiros de cabelos espetados não pararam de nos gritar, os tambores não se calaram e odres de cerveja circularam sem cessar entre as fileiras saxãs. Muitos dos nossos homens bebiam hidromel, pois embora pudéssemos ter esgotado as nossas reservas de alimentos, não havia um exército britânico que ficasse sem hidromel. Pelo menos metade dos homens que

participaram naquela batalha estavam embriagados, mas assim acontecia em todas as batalhas pois não há muito mais coisas que instilem nos guerreiros a coragem de tentar a mais temível das manobras: tomar de assalto um escudo defensivo. Mantive-me sóbrio porque era assim que sempre procedia, mas a tentação de beber era forte. Alguns saxões tentaram provocar-nos e incitar-nos a desencadear uma investida precipitada aproximando-se da nossa linha e pavoneando-se sem escudos nem elmos, mas a única reação que obtiveram em resposta às suas provocações foi o arremesso de algumas lanças mal direcionadas. Algumas delas eram devolvidas, mas a maior parte limitava-se a atingir sem perigo os nossos escudos. Dois homens nus, enlouquecidos pela bebida ou pela magia nos atacaram, e Culhwuch abateu o primeiro e Tristão o segundo. Saudamos as duas vitórias. Os saxões, as línguas afiadas pela cerveja, gritaram-nos insultos.

O ataque de Aelle correu terrivelmente mal. Os saxões esperavam que os seus cães de guerra fossem capazes de furar a nossa linha, mas Merlim e Nimue tinham os seus próprios cães a postos. Os nossos, porém, não eram cães, mas cadelas, algumas das quais estavam no cio, o que foi suficiente para enlouquecer os animais dos saxões.

Em vez de nos atacarem, os possantes cães de guerra foram direito às cadelas e logo se instalou um reboliço de rugidos,

lutas, latidos e uivos. Em pouco tempo ficamos rodeados de cães que fornicavam, enquanto outros lutavam para afastar os mais afortunados. Nem um cão, porém, mordeu um único bretão, e os saxões, que estavam preparados para a sua investida fatal, ficaram aturdidos com o fracasso dos seus cães. Hesitaram. Então, Aelle, receando uma investida da nossa parte, mandou-os avançar e eles vieram ao nosso encontro. Mas vieram desordenados em vez de formarem uma linha disciplinada.

Os cães que fornicavam uivaram à medida que iam sendo pisados e depois os escudos chocaram produzindo aquele ruído terrível e monótono cujos ecos permanecem anos a fio nos ouvidos de quem os ouve. É o som da batalha, o som dos cornos de guerra, dos gritos dos homens e depois o choque surdo e estilhaçado de escudo contra escudo. Depois do choque, começaram os gritos à medida que as lâminas das lanças iam encontrando as aberturas entre os escudos e que os machados trespassavam os ares velozmente. Mas foram os saxões quem mais sofreu naquele dia. Os cães que se encontravam entre os dois escudos defensivos tinham quebrado o alinhamento de ambos e nos pontos onde isso aconteceu no escudo defensivo do inimigo, os nossos lanceiros descobriram brechas e penetraram no seu interior, enquanto as fileiras da retaguarda faziam funil junto dessas mesmas brechas formando cunhas compostas por escudos e armaduras que

penetravam cada vez mais fundo na massa de soldados saxões.

Cuneglas liderou um destes grupos e por pouco não alcançou Aelle. Não vi Cuneglas durante o combate, embora mais tarde os bardos tivessem cantado os seus feitos e ele, modestamente, me tivesse assegurado que não tinham exagerado muito.

Fiquei ferido muito cedo. O meu escudo desviou-se do golpe de machado e suportou a maior parte da sua força, mas ainda assim a lâmina conseguiu me atingir no ombro e adormecer o meu braço esquerdo; apesar disso, o ferimento não impediu a minha lança de trespassar a garganta do dono do machado. Depois, quando o número de homens era já muito elevado para a minha lança, desembainhei a *Hywelbane*, golpeei e enterrei a sua lâmina naquela massa de homens que oscilavam e empurravam sem descanso. Tornou-se um jogo do empurra, mas é isso que acontece em todas as batalhas até um dos lados ceder. Apenas um jogo do empurra suado, quente e sujo.

Este foi dificultado pelo fato da linha formada pelos saxões, que tinha a profundidade de cinco homens em todo o seu comprimento, rodear o nosso escudo defensivo. Para evitar que fôssemos completamente cercados tínhamos recuado ligeiramente nas extremidades para assim apresentar ao

inimigo dois escudos defensivos menores. Durante algum tempo, esses dois flancos saxões hesitaram, talvez na esperança de que os homens que ocupavam as posições centrais conseguissem furar o nosso escudo em primeiro lugar. Então, um chefe saxão aproximou-se da extremidade da linha onde eu me encontrava e incitou os seus homens a atacar. Avançou sozinho, afastou para o lado duas lanças com o seu escudo e lançou-se com violência para o centro da frente de combate do nosso flanco. Cavan morreu em consequência disso, trespassado por um golpe de espada do chefe saxão; a visão daquele homem corajoso furando sozinho o nosso flanco arrastou atrás dele os seus homens que se precipitaram para a frente numa corrida feroz e exultante.

Foi nesse momento que Artur irrompeu vindo do castelo inacabado. Não vi a sua carga, mas ouvi. Os bardos contam que os cascos dos seus cavalos fizeram tremer o mundo, e de fato o chão pareceu estremecer debaixo de nós, embora seja provável que se tratasse apenas do ruído produzido pelos poderosos animais, cujas patas tinham sido ferradas com placas de ferro, presas diretamente nos cascos. Os cavalos enormes alcançaram a extremidade exposta da frente de batalha saxã e esse impacto pôs realmente fim ao confronto. Aelle acreditara que os seus homens seriam capazes de nos quebrar com a ajuda dos cães e que as fileiras da sua retaguarda conseguiriam conter os nossos

cavaleiros com os seus escudos e as suas lanças, pois sabia perfeitamente que nenhum cavalo poderia penetrar com sucesso num escudo de lanceiros bem defendido, e eu não tinha dúvidas de que o tinham informado de que fora assim que os lanceiros de Gorfyddyd tinham conseguido manter Artur afastado no Vale do *Lugg*. Todavia, o flanco saxão exposto tornara-se desorganizado durante o ataque e Artur planejou com perfeição o momento da sua entrada em cena. Não esperou que os seus cavaleiros assumissem as suas posições, limitou-se a irromper das sombras, gritando aos seus homens que o seguissem e, conduziu *Llamrei* para a zona desguarnecida das fileiras saxãs.

Eu cuspi para um saxão barbudo e desdentado que nos amaldiçoava por cima do rebordo de dois escudos quando Artur atacou. A sua capa branca esvoaçou nas nossas costas, as suas plumas brancas elevaram-se acima das nossas cabeças e o seu escudo reluzente derrubou o estandarte do chefe saxão um crânio de touro pintado com sangue enquanto a sua lança era arremetida para a frente. Abandonou a lança na barriga de um saxão e desembainhou a Excalibur, brandindo-a para a direita e para a esquerda à medida que penetrava nas linhas inimigas. Agravain apareceu em seguida, dispersando saxões aterrorizados com o seu cavalo, e depois Lanval e os outros se precipitaram sobre o inimigo agitando as suas espadas e lanças.

Os homens de Aelle cederam como ovos atingidos por um golpe de martelo.

Fugiam e nada mais. Duvido que a batalha tenha durado mais do que dez minutos desde o seu início, com o lançamento dos cães, até ao final com o aparecimento dos cavalos, embora os nossos cavaleiros tivessem levado uma hora ou mais para terminar o seu massacre. Os cavaleiros mais ligeiros percorriam a charneca a grande velocidade, gritando à medida que golpeavam o inimigo em fuga com as suas lanças. Os cavalos de Artur, por sua vez, mais possantes, vagueavam no meio dos homens dispersos matando sem cessar seguidos pelos lanceiros, ansiosos pela menor oportunidade de saque.

Os saxões corriam como veados. Desfaziam-se das capas, das armaduras e das armas tal era o desejo de escapar. Aelle tentou controlá-los durante alguns instantes, depois viu que isso era uma tarefa vã e, atirando para o lado a pele de urso, desatou a correr juntamente com os seus homens. Conseguiu desaparecer entre o arvoredos escassos segundos antes de ser alcançado pelos nossos cavaleiros mais rápidos.

Eu fiquei no meio dos feridos e dos mortos. Alguns cães feridos uivavam de dor.

Culhwuch cambaleava devido à coxa ferida, mas sobreviveria, por isso ignorei-o e me agachei junto de Cavan. Nunca o tinha visto chorar antes, mas o sofrimento dele era terrível, pois a espada do chefe saxão enterrara-se precisamente na barriga. Segurei a mão dele, sequei as suas lágrimas e disse-lhe que ele matara o inimigo com o seu golpe de resposta. Se era verdade ou não, não sabia nem me importava, o meu único desejo era que Cavan acreditasse nas minhas palavras. Foi isso que me levou a prometer-lhe que ele atravessaria a ponte das espadas com uma quinta ponta pintada no seu escudo.

- Será o primeiro de nós a alcançar o Outro Mundo - disse-lhe, - e arranjará lugar para nós.

- Assim farei, senhor.

- E nós iremos nos juntar a você.

Rançou os dentes e arqueou as costas, tentando sufocar um grito, e eu coloquei a minha mão direita em redor do seu pescoço, mantendo a minha face encostada à dele.

Eu chorava.

- Quando chegar ao Outro Mundo - segredei-lhe ao ouvido, - diga-lhes que Derfel Cadarn te saúda como homem de coragem.

- O Caldeirão - disse ele. - Devia...

- Não, - interrompi-o, - não.

Então, com um gemido surdo, morreu.

Fiquei sentado ao lado do seu corpo, embalando-o para a frente e para trás por causa da dor que sentia no ombro e do sofrimento que me enchia a alma. As lágrimas deslizavam ao longo do meu rosto. Issa estava de pé, ao meu lado, sem saber o que dizer e por isso guardando silêncio.

- Ele sempre quis regressar à pátria para poder morrer - disse eu, - na Irlanda.

”E depois desta batalha”, pensei, ”poderia ter feito precisamente isso cheio de honrarias e tesouros.”

- Senhor - disse Issa.

Achei que ele estava tentando me consolar, mas eu não queria que me consolassem. A morte de um homem corajoso merece lágrimas e por isso ignorei Issa continuando a segurar o corpo de Cavan enquanto a sua alma iniciava a sua última viagem até à ponte das espadas, que fica para lá da Caverna de Cruachan.

- Senhor - tornou a dizer Issa, e algo no seu tom de voz me

fez levantar os olhos.

Vi que ele apontava para leste, onde ficava Londres, mas quando me virei naquela direção não consegui distinguir nada, pois as lágrimas turvavam-me a vista.

Limpei-as com um gesto zangado.

E foi então que vi que outro exército alcançara o campo de batalha. Mais um exército envolto em peles, perfilado debaixo de estandartes representando crânios e cornos de touro. Mais um exército armado com cães e machados. Mais uma horda de saxões.

Cerdic chegara.

Mais tarde percebi que todos os ardis por nós imaginados para induzir Aelle a nos atacar e toda a comida que tínhamos destruído para levar as suas tropas a nos atacar não tinham passado de esforços inúteis. *Bretwalda* devia ter conhecimento da chegada iminente de Cerdic, além de saber que este não vinha para nos atacar, mas sim para tomar de assalto o seu compatriota saxão. Na verdade, Cerdic pretendia aliar-se a nós e Aelle decidira que a melhor chance de sobreviver à reunião dos dois exércitos seria derrotar Artur em primeiro lugar e lidar com Cerdic, em seguida.

Aelle perdera esta aposta arriscada. Os cavaleiros de Artur

desarmaram-no e Cerdic chegou muito tarde para poder juntar-se ao combate, embora, durante breves momentos pelo menos, Cerdic tivesse se sentido tentado a atacar Artur. Uma investida rápida e fulminante teria nos destruído e uma semana de campanha teria certamente acabado com o exército debilitado de Aelle, elevando Cerdic à condição de governador único e absoluto do sul da Bretanha. Cerdic deve ter se sentido tentado, mas hesitou.

Dispunha de menos de trezentos homens, o número de soldados suficiente para dominar todos os bretões que ainda pudessem estar escondidos no pequeno monte da charneca.

Todavia, o corno prateado de Artur não parava de soar, convidando a cavalaria pesada de Artur a abandonar o seu esconderijo entre o arvoredado e a fazer uma demonstração de coragem no flanco norte do exército de Cerdic. Este nunca defrontara aqueles cavalos enormes e a sua aparição deu a Sagramor, Agrícola e Cuneglas o tempo necessário para formar um escudo defensivo no alto do pequeno monte da charneca. Era um escudo perigosamente pequeno, já que a maioria dos nossos homens estavam ainda atarefados perseguindo os guerreiros de Aelle ou pilhando o seu acampamento em busca de comida.

Aqueles que tinham permanecido no topo do pequeno

monte prepararam-se para o ataque, que prometia ser duro, pois o escudo defensivo que tínhamos formado depressa era muito menor do que a linha de ataque de Cerdic. Nessa altura, obviamente, ignorávamos ainda que se tratava do exército de Cerdic. De início pensamos que estes novos saxões eram reforços do próprio Aelle que chegavam ao local da batalha muito tarde; além de que o estandarte que ostentavam um crânio de lobo pintado de vermelho pendurado juntamente com a pele curtida de um homem não tinha qualquer significado para nós. O estandarte habitual de Cerdic era um par de rabos de cavalo presos a um fêmur, encaixado transversalmente num poste. Os seus feiticeiros, porém, tinham imaginado esta nova insígnia deixando-nos momentaneamente confusos. Mais alguns homens regressavam de forma dispersa, abandonando a perseguição ao contingente derrotado de Aelle, e apressavam-se a engrossar as nossas tropas quando Artur conduziu os seus cavaleiros de volta ao outeiro. Montado em *Llamrei* passou em revista as nossas fileiras e lembro-me que a sua capa branca estava manchada e raiada de sangue.

- Eles morrerão como todos os outros! - Encorajava-nos enquanto passava por nós empunhando uma Excalibur ensangüentada. - Morrerão como todos os outros.

Então, do mesmo modo que o exército de Aelle se abriu para deixar passar o seu chefe, também esta nova horda de

saxões se apartou e os seus chefes caminharam na nossa direção. Três deles vinham a pé, mas seis deslocavam-se a cavalo, refreando as montarias para acompanhar o ritmo dos três homens que vinham a pé. Um destes carregava o arrepiante estandarte representando um crânio de lobo; depois um dos cavaleiros ergueu um segundo estandarte e uma exclamação de espanto percorreu as nossas tropas. Esta exclamação fez com que Artur virasse o cavalo e fitasse, horrorizado, os homens que se aproximavam.

O novo estandarte representava uma águia-marinha com um peixe entre as garras. Era a bandeira de Lancelot e naquele instante eu próprio pude confirmar que Lancelot era um dos seis cavaleiros. Estava magnífico, na sua armadura de esmalte branco e o elmo decorado com duas asas de cisne, e tinha a seu lado os dois filhos de Artur: Amhar e Loholt. Atrás vinham Dinas e Lavaine, nas vestes características dos druidas, enquanto Ade, a amante ruiva de Lancelot, transportava o estandarte do rei da *Silúria*.

Sagramor aproximara-se de mim e fitava-me para se certificar que eu estava vendo o mesmo que ele. Em seguida cuspiu na direção da charneca.

- E Malla, está bem? - perguntei-lhe.

- São e salva - disse ele, satisfeito por eu ter feito a pergunta.

Voltou a olhar para trás, para Lancelot que se aproximava. -
Compreende alguma coisa do que está

acontecendo?

- Não.

Nenhum de nós compreendia.

Artur embainhou a Excalibur e virou-se para mim.

- Derfel! - chamou-me para que eu servisse de intérprete, acenando em seguida na direção dos outros chefes. Nesse mesmo instante, Lancelot demarcou-se da delegação que estava próxima e cavalgou pela suave encosta acima, direito a nós.

- Aliados! - ouvi Lancelot gritar. Fez um aceno para os saxões. - Aliados! - tornou a gritar à medida que o seu cavalo se aproximava de Artur.

Artur permaneceu calado. Limitou-se a imobilizar o seu cavalo enquanto Lancelot lutava para acalmar o seu enorme garanhão negro.

- Aliados - disse Lancelot pela terceira vez. - É Cerdic - acrescentou, excitado, gesticulando na direção do rei saxão que caminhava lentamente ao nosso encontro.

- Que você fez? - Artur perguntou calmamente.

- Trouxe-lhe aliados! - respondeu Lancelot alegremente e depois olhando para mim, acrescentou, altivo: - Cerdic tem o seu próprio intérprete.

- Derfel fica! - respondeu Artur, a voz tingida por uma ira súbita e assustadora.

Em seguida recordou-se que Lancelot era rei e suspirou: - Que fez, meu Rei e senhor?

Dinas, que avançara juntamente com os outros cavaleiros, foi insensato o suficiente para responder por Lancelot.

- Assinamos a paz, senhor! - disse na sua voz sinistra.

- Afastem-se! - ordenou Artur, chocando e surpreendendo o par de druidas com a sua ira. Até aí apenas conheciam o Artur calmo, paciente e conciliador, e jamais haviam suspeitado que ele pudesse ser capaz de uma fúria tão intensa. Não era nada quando comparada com a raiva que se apoderara dele no Vale do *Lugg* no momento em que Gorfyddydd chamara Guinevere de meretriz, mas não deixava de ser um sentimento aterrador. - Afastem-se! - gritou para os netos de Tanaburs. - Esta é uma reunião de lordes. E vocês também - apontou para os seus filhos - afastem-se!

Esperou que os seguidores de Lancelot se retirassem e tornou a fitar o rei da *Silúria*.

- Que você fez? - perguntou pela terceira vez, num tom de voz amargo.

A dignidade ofendida de Lancelot o fez assumir uma postura rígida.

- Fiz a paz - disse, num tom cortante. - Impedi que Cerdic o atacasse. Fiz o que estava ao meu alcance para ajudá-lo.

- O que fez - disse Artur numa voz zangada, mas falando tão baixo que nenhum dos homens que compunham o séquito de Cerdic conseguiu ouvi-lo, - foi combater na batalha de Cerdic. Acabamos de derrotar Aelle. Qual é o efeito que isto tem sobre Cerdic?

Torna-o duas vezes mais poderoso do que era antes. Aí está. Que os deuses nos ajudem!

Dizendo isto, atirou as suas rédeas a Lancelot um insulto sutil, fez girar o cavalo, compôs a capa ensangüentada e olhou com autoridade para os saxões.

Era a primeira vez que eu via Cerdic, e embora todos os bardos o descrevessem como um demônio fissípide com língua de serpente, na verdade era um homem baixo e frágil

com cabelo louro ralo que usava puxado para trás e preso num nó à altura da nuca.

Era extremamente pálido e tinha uma testa larga e um queixo estreito e barbeado. Os lábios eram finos, o nariz afilado e olhos claros como água baça. O rosto de Aelle era um espelho genuíno das suas emoções, mas mesmo num primeiro relance eu duvidava que o autocontrole de Cerdic permitisse que a expressão do seu rosto traísse os seus pensamentos. Usava uma couraça romana, calças de pano e uma capa de pele de raposa. Tinha um aspecto aprumado e meticuloso; aliás, se não tivesse reparado no ouro que trazia ao pescoço poderia tê-lo confundido com um escriba. Os seus olhos, porém, não eram olhos de um funcionário. Nada passava despercebido para aqueles olhos mortíferos e nada deixavam transparecer.

- Sou Cerdic - anunciou ele, numa voz suave.

Artur afastou-se para o lado para que Cuneglas pudesse apresentar-se, seguido por Meurig, que insistiu em tomar parte na conferência. Cerdic olhou para os dois homens e, considerando-os dignos de pouca importância, tornou a fitar Artur.

- Trago-lhe um presente - disse, estendendo a mão na direção do chefe que o acompanhava. Este produziu uma

faça com punho de ouro, que Cerdic apresentou a Artur.

- O presente - traduzi as palavras de Artur - deveria destinar-se a Cuneglas, nosso rei e senhor.

Cerdic colocou o punhal na palma da sua mão esquerda e fechou os dedos em torno dele. Os seus olhos nunca se desviaram dos de Artur e quando abriu a mão a lâmina estava suja de sangue.

- Este presente é para Artur - insistiu ele.

Artur aceitou-a. Estava inusitadamente nervoso, receando talvez que a arma ensangüentada pudesse ocultar algum tipo de magia ou que o fato de aceitar o presente o tornasse cúmplice das ambições de Cerdic.

- Diga ao rei, - pediu-me, - que não tenho nada para lhe oferecer.

Cerdic sorriu. Foi um sorriso glacial e eu pensei no que deveria sentir um cordeiro tresmalhado ao tropeçar num lobo.

- Diga a Lorde Artur que ele me ofereceu a paz - disse-me ele.

- E se eu escolher a guerra? - provocou Artur. - Aqui e agora! - Com um gesto abarcou o topo da colina onde se

tinham reunido mais lanceiros, fazendo com que passássemos a ser tão numerosos quanto os soldados de Cerdic.

- Diga-lhe, - ordenou-me Cerdic - que alguns destes homens não me pertencem -

apontou para os soldados do seu escudo defensivo que nos observavam - e diga-lhe ainda que o rei Lancelot me ofereceu a paz em nome de Artur.

Repeti estas palavras a Artur e vi um músculo latejar na sua face. Ele, porém, conteve a raiva que o assaltava.

- Dentro de dois dias - disse Artur, e não era uma sugestão, mas sim uma ordem, nos encontraremos em Londres. Aí discutiremos a paz entre nós.

Enfiou o punhal tingido de sangue no cinto e, quando acabei de traduzir as suas palavras, chamou-me. Não esperou pela reação de Cerdic, limitando-se a guiar-me ao longo da colina até não haver possibilidade de sermos escutados por ambas as delegações. Reparou no meu ombro pela primeira vez.

- É grave, o seu ferimento?

- Vai sarar - respondi.

Parou, fechou os olhos e inspirou profundamente.

- O desejo de Cerdic - disse-me quando abriu os olhos - é governar *Lloegyr*. Se permitirmos que isso aconteça ganharemos um terrível inimigo em vez de dois, mais fracos.

Deu alguns passos em silêncio, caminhando no meio dos mortos causados pelo ataque de Aelle.

- Antes desta guerra, - continuou num tom amargo - Aelle era poderoso e Cerdic era um incomodo, mas depois de destruir Aelle poderíamos ter nos virado para Cerdic.

Agora a situação inverte-se. Aelle está enfraquecido, mas Cerdic é poderoso.

- Nesse caso, lute contra ele agora - disse eu.

Fitou-me com os seus olhos castanhos cansados.

- Seja honesto, Derfel - disse em voz baixa, - não gabarola. Sairemos vitoriosos, se lutarmos?

Avaliei o exército de Cerdic. Os soldados tinham cerrado fileiras e estavam prontos para combater, enquanto os nossos homens estavam esgotados e famintos. Os homens de Cerdic, porém, nunca tinham defrontado os cavaleiros de Artur.

- Acho que ganharíamos, senhor - respondi honestamente.

- Também acho - concordou Artur, - mas será um combate renhido, Derfel, e no final teremos pelo menos uma centena de homens para levar para casa, enquanto os saxões reunirão todas as guarnições de *Lloegyr* para nos fazerem frente. Poderíamos derrotar Cerdic aqui, mas nunca chegaríamos em casa vivos. Estamos dentro demais de *Loegyr* - fez um trejeito ao imaginar a cena. - E se nos extenuamos lutando contra Cerdic acha que Aelle não estará à nossa espera para nos fazer cair numa emboscada durante o trajeto de volta? - Estremeceu, agitado por um súbito acesso de raiva. - Em que estaria Lancelot pensando? Não posso aceitar Cerdic como meu aliado! Ele conquistará metade da Bretanha, vai virar-se contra nós e ganharemos um inimigo saxão duas vezes mais terrível do que antes, - proferiu uma das suas raras imprecações e depois coçou a face ossuda com uma mão enluvada. - Bom, o caldo já está entornado - prosseguiu, amargamente, - mas ainda temos de bebê-lo. A única resposta possível é deixar Aelle com força suficiente para que ele continue a amedrontar Cerdic; por isso você vai escolher seis dos meus cavaleiros e vai procurá-lo. Encontre-o, Derfel, e entregue-lhe este objeto desprezível como presente. - Meteu à força o punhal de Cerdic na minha mão.

- Limpe-o primeiro e podes levar também a capa de pele de

urso. Agravain encontrou-a.

Entregue-a como segundo presente e diga-lhe que vá a Londres. Diga-lhe que responderei pela sua segurança e que esta é a sua única chance de conservar alguns territórios. Você tem dois dias, Derfel, por isso encontre-o.

Hesitei, não por discordar dele, mas porque não compreendia por que razão Aelle tinha de ir a Londres.

- Porque, - respondeu Artur cansado, - não poderei ficar em Londres sabendo que Aelle está à solta, em *Lloeyr*. Ele pode ter perdido o exército aqui, mas dispõe de guarnições em número suficiente para formar outro, e enquanto nos desembaraçamos de Cerdic ele poderá perfeitamente arrasar metade de *Dumnónia*. - Virou-se e lançou um olhar sinistro a Lancelot e a Cerdic. Achei que fosse amaldiçoá-los mais uma vez, mas limitou-se a soltar um suspiro fatigado. - Vou fazer a paz, Derfel. Os deuses sabem que esta não é a paz que eu desejaria, mas se é assim que tem de ser e vamos fazê-la como deve ser. Agora vá, meu amigo, vá.

Demorei o suficiente para me certificar que Issa se encarregaria de cremar o corpo de Cavan e de descobrir um lago em cujas águas atiraria a espada do falecido irlandês. Depois cavalguei para Norte, no encalço de um exército derrotado.

Enquanto isso, Artur, o seu sonho distorcido por um tolo insensato, marchava para Londres.

Há muito que sonhava com uma ida a Londres, mas nunca, nem nas minhas fantasias mais loucas, imaginei que tal fosse tornar-se realidade. Pensei que seria como *Glevum*, um pouco maior talvez, mas ainda assim um lugar onde um conjunto de altos edifícios se agrupariam em torno de um espaço central, com ruazinhas comprimidas na retaguarda e uma muralha de terra rodeando tudo. Mas em Londres havia seis espaços abertos como estes, decorados pelas colunas dos palácios, pelos claustros dos seus templos e palácios de tijolo. As casas vulgares, que em *Glevum* e em *Durnovária* eram baixas e cobertas por telhados de colmo, tinham aqui dois ou três andares de altura.

Muitas delas tinham desmoronado com o passar dos anos, mas um número significativo ainda conservava os seus telhados cobertos de telhas e as pessoas ainda subiam as suas íngremes escadas de madeira. A maioria dos nossos homens nunca tinha visto uma escadaria no interior de um edifício e no primeiro dia que passaram em Londres correram como crianças excitadas para admirar a vista dos andares mais altos. Por fim, um dos edifícios acabou por desmoronar e a partir daí Artur proibiu-os de voltar a subir escadas.

A fortaleza de Londres era maior do que a de *Caer Sws*, e era

apenas o bastião noroeste da muralha da cidade. No seu interior da fortaleza havia uma dúzia de casernas, cada uma delas maior do que um salão de banquetes e todas feitas de pequenos tijolos vermelhos. Ao lado da construção havia um anfiteatro, um templo e um dos dez balneários públicos da cidade. Algumas cidades tinham instalações como estas, é claro, mas ali tudo era mais alto e mais amplo. O anfiteatro de *Durnovária* era um espaço com chão de terra batida coberto de ervas, que eu considerava uma construção impressionante até ter visto a arena de Londres que poderia ter engolido cinco anfiteatros iguais aos de *Durnovária*. A muralha que rodeava a cidade era feita de pedra em vez de terra, e embora Aelle tivesse deixado os seus contrafortes chegarem à ruína, não deixava de ser uma barreira formidável, agora coroada pelos vitoriosos soldados de Cerdic. Este ocupara a cidade e a presença dos seus estandartes nas paredes indicava que ele tencionava manter esse domínio.

A margem do rio também possuía uma parede de pedra, inicialmente construída para conter o avanço dos piratas saxões. Algumas aberturas na muralha conduziam a alguns desembarcadouros, e uma delas em particular dava para um canal que se prolongava até o coração de um enorme jardim em torno do qual se erguia um palácio.

Havia ainda bustos e estátuas no palácio, bem como

intermináveis corredores forrados com mosaico e um imenso salão com colunas onde, imaginei eu, os nossos governantes romanos tinham outrora se reunido para deliberar. A água da chuva escorria agora pelas paredes pintadas, os mosaicos do chão estavam quebrados e o jardim era um emaranhado de ervas daninhas. A glória, porém, continuava presente, ainda que não passasse de uma sombra. A cidade inteira era uma sombra da sua antiga glória. Nenhum dos balneários da cidade estava em funcionamento. As piscinas estavam vazias e cobertas de rachaduras, as fornalhas frias e os mosaicos dos pavimentos tinham saltado e quebrado sob o peso da geada e das ervas daninhas. As ruas de pedras tinham se degradado e transformado em trilhas lamacentas. No entanto, apesar da decadência a cidade não perdera a sua imponência e magnificência. Tentei imaginar como seria Roma.

Galaad me disse que Londres era uma simples aldeia em comparação, e que o anfiteatro de Roma era suficientemente grande para albergar vinte arenas iguais às de Londres, mas eu não conseguia acreditar no que ele dizia. Mal podia acreditar em Londres, mesmo vendo-a com os meus próprios olhos. Parecia o resultado de um trabalho de gigantes.

Aelle nunca gostara da cidade e não queria viver lá, por isso os seus únicos habitantes eram um punhado de saxões e os bretões que tinham aceitado o domínio de Aelle. Alguns

desses bretões tinham prosperado. Na sua maioria eram mercadores que mantinham negócios com a *Gália* e viviam em casas enormes à beira-rio e cujos armazéns eram guardados por muralhas e lanceiros próprios. A maior parte da cidade, no entanto, estava deserta. Era um espaço moribundo, uma cidade entregue às ratazanas, uma cidade que outrora fora conhecida por Augusta. Chamaram-lhe Londres, a Magnífica e as águas do rio que a atravessava tinham sido outrora sulcadas por um enxame de mastros das galés. Agora era um lugar habitado por fantasmas.

Aelle acompanhou-me até Londres. Encontrara-o a meio dia de marcha, a norte da cidade. Tinha encontrado refúgio num forte romano, onde tentava reunir um exército.

De início desconfiou da minha mensagem. Gritou, acusando-nos de ter usado a feitiçaria para derrotá-lo, depois ameaçou matar a mim e à minha escolta, mas eu tive o bom-senso de esperar que a sua raiva esmorecesse e, passado algum tempo, ele ficou mais calmo.

Arremessara o punhal de Cerdic com um gesto zangado, mas ficara satisfeito por recuperar a sua grossa pele de urso. Não acho que eu tenha corrido perigo, pois sentia que ele gostava de mim; de fato, depois da sua ira ter desaparecido rodeou-me os ombros com um braço pesado e passeou comigo ao longo das muralhas.

- Qual é a vontade de Artur? - perguntara.

- Paz, meu Rei.

O peso do braço dele estava machucando meu ombro ferido, mas não me atrevi a protestar.

- Paz! - cuspira a palavra como se fosse um pedaço de carne podre, embora sem vestígios do desdém com que rejeitara a oferta de paz feita por Artur antes da batalha do Vale do *Lugg*. Nessa época, Aelle era mais poderoso e podia dar-se ao luxo de exigir um preço mais elevado. Agora estava mais humilde, e sabia disso.

- Nós, Saxões - disse ele - não fomos feitos para viver em paz. Alimentamos-nos das colheitas dos nossos inimigos, nos vestimos com a lã que eles fiam, gozamos com as suas mulheres. O que é que a paz tem para nos oferecer?

- Uma oportunidade de reabilitar seu poder, meu Rei; caso contrário Cedric se alimentará das suas colheitas e se vestirá com a sua lã.

Aelle sorriu.

- Ele gostaria de ter as nossas mulheres também. - Tirara o braço que me rodeava os ombros e o seu olhar perdia-se a norte, para além dos campos. - Terei de ceder alguns

territórios.

- Mas se optar pela guerra, Senhor - disse eu, - o preço será mais elevado. Terá

de enfrentar Artur e Cerdic e se arriscará a acabar sem terras, à exceção das ervas que crescerem sobre a sua sepultura.

Virou-se e lançou-me um olhar penetrante.

- Artur só quer a paz para que eu possa lutar contra Cerdic em vez dele.

- É claro, meu Rei - respondi.

Riu da minha franqueza.

- E se eu não for a Londres - disse - vai me caçar como um cão.

- Como um enorme javali, meu Rei, cujos dentes ainda estão afiados.

- Você fala tal e qual como combate, Derfel. Bem.

Ordenara aos seus feiticeiros que fizessem um cataplasma com musgo e teias de aranha, que aplicaram sobre o meu ombro ferido enquanto ele consultava o seu conselho.

A consulta não durou muito tempo, pois Aelle sabia que não dispunha de muitas alternativas. Assim, na manhã seguinte, marchei com ele ao longo da estrada romana que nos levaria de volta à cidade. Ele insistiu em levar uma escolta de sessenta lanceiros.

- Você pode confiar em Cerdic - disse ele - mas não há uma promessa que ele tenha feito que não tenha quebrado. Diga isso a Artur.

- Diga-lhe diretamente, meu Rei.

Aelle e Artur encontraram-se secretamente na noite anterior ao dia em que deveriam negociar com Cerdic, e nessa noite discutiram a sua paz. Aelle fez muitas concessões. Abdicou de grandes faixas de terra na fronteira oeste e concordou em devolver a Artur a totalidade do ouro que este lhe entregara durante o ano anterior, e ainda mais. Em troca, Artur prometeu-lhe quatro anos de paz e o seu apoio no dia seguinte, caso Cerdic não concordasse com os termos propostos. Selaram a paz com um abraço e, mais tarde, quando regressávamos ao acampamento que ficava fora da muralha ocidental da cidade, Artur abanou a cabeça tristemente.

- Nunca devíamos nos encontrar frente a frente com o inimigo, não quando sabemos que um dia teremos de

destruí-lo. É isso ou a submissão dos Saxões à nossa autoridade, e eles nunca aceitarão. Nunca.

- Talvez aceitem.

Abanou a cabeça.

- Os Saxões e os Bretões não se misturam, Derfel.

- Eu misturo-me, Senhor disse.

Ele riu.

- Mas se a sua mãe nunca tivesse sido capturada, Derfel, teria crescido como um saxão e hoje provavelmente faria parte do exército de Aelle. Seria um inimigo. Adoraria os deuses deles, sonharia os sonhos deles e desejaria conquistar as nossas terras. Eles precisam de muito espaço, estes saxões.

Mas pelo menos tínhamos conseguido encurralar Aelle e, no dia seguinte, no interior do enorme palácio à beira-rio, encontramos-nos com Cerdic. O Sol brilhava, fazendo cintilar as águas do canal onde outrora o Governador da Bretanha tinha ancorado a sua barça. As partículas de poeira reluzentes escondiam a escória, a lama e a sujeira que obstruía o canal, mas nada conseguia disfarçar o fedor que se libertava dos esgotos.

Cerdic começou por realizar um Conselho e enquanto decorriam as deliberações, nós, os bretões, nos reunimos numa sala situada por cima da parede ribeirinha com vista para o rio, cujo teto, pintado com seres curiosos, meio-mulheres meio-peixes, estava pintalgado de reflexos difusos de luz ondulante. Os nossos lanceiros guardavam todas as portas e janelas certificando-se de que não seríamos ouvidos.

Lancelot estava presente e fora autorizado a trazer Dinas e Lavaine. Os três homens ainda insistiam em afirmar que a paz que tinham acordado com Cerdic fora o resultado de uma decisão sensata, mas Meurig era o único que os apoiava enquanto o restante de nós nada fazíamos para disfarçar a nossa raiva perante a provocação deles.

Artur ouviu os nossos protestos durante algum tempo e depois interrompeu-nos dizendo que não resolveríamos nada continuando a discutir sobre o passado.

- O que está feito, está feito, mas preciso de uma garantia. - Olhou para Lancelot.

- Jure que não fez qualquer promessa a Cerdic.

- Ofereci-lhe a paz - teimou Lancelot - e sugeri-lhe que o ajudasse a combater Aelle. É tudo.

Merlim estava sentado perto da janela que dava para o rio. Adotara um dos gatos abandonados do palácio e acariciava o animal que se aninhara no seu colo.

- Quais eram as pretensões de Cerdic? - perguntou, numa voz suave.

- A derrota de Aelle.

- Só? - perguntou Merlim, sem se preocupar em disfarçar a sua descrença.

- Só - insistiu Lancelot - nada mais.

Todos nós o observávamos. Artur, Merlim, Cuneglas, Meurig, Agrícola, Sagramor, Galaad, Culhwuch e eu próprio. Nenhum de nós falou, o fitamos apenas.

- Ele não quis mais nada! - tornou a insistir Lancelot e aos meus olhos parecia uma criança contando mentiras.

- Verdadeiramente notável - Merlim disse, com placidez - da parte de um rei querer tão pouco. - Começou a provocar o gato acariciando as patas do animal com as tranças da barba.

- E você, que quer? - perguntou de novo, ainda em voz suave.

- A vitória de Artur - declarou Lancelot.

- Por pensar que Artur não conseguiria a vitória pelos seus próprios meios? -

sugeriu Merlim, continuando a brincar com o gato.

- Queria assegurá-la - disse Lancelot. - Estava tentando ajudar! - Olhou em volta, procurando aliados e não encontrando nenhum a não ser o jovem Meurig. - Se não quer paz com Cerdic - disse com petulância - porque é que não lutam contra ele agora?

- Porque, meu Rei, você usou meu nome para caucionar a trégua - disse Artur, pacientemente - e porque o nosso exército está muito distante de casa e os homens dele estão no nosso caminho. Se não tivesse feito a paz - explicou, sem abandonar o tom cortês, - metade do seu exército estaria na fronteira vigiando os seus homens e eu poderia marchar para sul sem problemas e atacar a outra metade. Assim sendo? -

encolheu os ombros. - Que exigências nos fará Cerdic, hoje?

- Terras, - Agrícola disse decidido. - É tudo o que os Saxões querem. Terras, terras e mais terras. Não se darão por satisfeitos enquanto não forem donos de todos os pedaços de terra que existem no mundo, e depois partirão em busca de outros mundos onde possam impor o jugo do seu arado.

- As terras que ele roubou de Aelle - disse Artur - devem

deixá-lo satisfeito. De nós não obterá nada.

- Nós devíamos tirar-lhe algumas. - Falei pela primeira vez. -
Aquelas terras que ele roubou no ano passado.

Era uma área de terrenos alagadiços na nossa fronteira sul, uma extensão fértil e rica que ia desde o alto da charneca até ao mar. Eram terras que tinham pertencido a Melwas, o Rei dos Belgas que Artur condenara ao desterro em *Isca*, terras que nos faziam imensa falta, pois a sua perda fizera com que Cerdic se aproximasse perigosamente das ricas propriedades dos arredores de *Durnovária* e colocara os seus navios a escassos minutos de distância de *Ynys Wit*, a imensa ilha a que os Romanos chamavam *Vectis*, situada ao largo da nossa costa. Havia já um ano que os saxões de Cerdic arrasavam *Ynys Wit* sem dó nem piedade, e os seus habitantes não se cansavam de pedir a Artur que enviasse mais lanceiros que protegessem as suas terras.

- Devíamos reconquistar aquelas terras - Sagramor apoiou-me. Ele dera graças a Mitras por lhe ter devolvido a sua garota saxã sã e salva depondo uma espada capturada ao inimigo no templo londrino dedicado à divindade.

- Duvido - interveio Meurig - que Cerdic tenha assinado a paz com a finalidade de ceder terras.

- Nós também não marchamos para a guerra para ceder terras

- perguntou Artur, em tom zangado.

- Achei, perdoe-me - insistiu Meurig, e uma espécie de suspiro surdo percorreu o salão enquanto ele insistia no mesmo raciocínio, - mas não acabou de dizer que não pode prosseguir com a guerra? Estando tão longe de casa, como estamos? E, no entanto, agora está disposto a arriscar as vidas de todos nós por uma língua de terra? Espero não estar sendo insensato - riu por entre dentes para indicar que tinha feito um gracejo, - mas não consigo compreender por que motivo colocamos em risco a única coisa que não podemos nos dar ao luxo de manter.

- Meu Príncipe - disse Artur, suavemente, - podemos ser fracos aqui, mas se mostrarmos a nossa fraqueza, então morreremos aqui. Não iremos encontrar Cerdic esta manhã prontos para ceder um rego que seja, iremos preparados para fazer exigências.

- E se ele recusar? - perguntou Meurig, indignado.

- Nesse momento teremos uma retirada difícil - admitiu Artur, com toda a calma.

Olhou através da janela que dava para o pátio. - Parece que nossos inimigos estão prontos para nos receber. Vamos encontrá-los?

Merlim afastou o gato do colo e levantou-se com a ajuda do seu bastão.

- Não levarão a mal se eu não acompanhá-los? - perguntou. - Sou velho demais para sobreviver a um dia de negociações. Todo aquele reboiço e raiva - sacudiu os pêlos de gato que tinham se acumulado nas suas roupas e virou-se lentamente para Dinas e Lavaine. - Desde quando - perguntou em tom desaprovador - que os druidas usam espadas ou servem reis cristãos?

- Desde que decidimos fazer as duas coisas - respondeu Dinas. Os gêmeos, que eram quase tão altos como Artur e muito mais corpulentos, desafiaram-no com os seus olhares impassíveis.

- Quem os fez druidas? - perguntou Merlim.

- O mesmo poder que o fez druida - disse Lavaine.

- E que poder é esse? - inquiriu Merlim, e quando os gêmeos não responderam sorriu-lhes com desprezo. - Pelo menos sabem como pôr ovos de tordo. Imagino que esse tipo de truque deva impressionar os cristãos. E também transformam o vinho deles em sangue e o pão em carne?

- Usamos a nossa magia - disse Dinas - e a deles também. Já não estamos na velha Bretanha, mas sim numa nova

Bretanha que tem novos deuses. Combinamos a magia deles com a antiga. Devia aprender conosco, Lorde Merlin!

Merlim cuspiu para mostrar a importância que atribuía àquele Conselho e depois, sem proferir palavra, abandonou o aposento. Dinas e Lavaine permaneceram impassíveis perante a hostilidade dele. A sua autoconfiança era extraordinária.

Seguimos Artur até ao grande salão decorado com colunas onde, tal como previra Merlim, nos enleamos em altercações, gesticulações, gritos e bajulações. De início, Aelle e Cerdic foram os principais protagonistas da algazarra que se instalou e Artur viu-se forçado ser mediador entre ambos por diversas vezes. No entanto, nem mesmo Artur pôde impedir que o património territorial de Cerdic aumentasse significativamente à custa de Aelle. Assumiria o controlo de Londres e arrecadava para si o vale do Tamisa e extensas faixas de terras férteis a norte daquele rio. O reino de Aelle perdeu um quarto da sua extensão, apesar de continuar a ter um reino, uma conquista que teria de agradecer a Artur. Não expressou qualquer reconhecimento, limitou-se a abandonar a sala uma vez concluídas as conversações e deixou Londres nesse mesmo dia, como um enorme javali ferido que se retira para o seu covil.

Aelle partiu no meio da tarde e Artur, usando-me como

intérprete, abordou a questão das terras belgas que Cerdic conquistara no ano anterior e continuou a reivindicar a devolução das mesmas, muito tempo depois de todos nós já termos desistido de tamanha empresa. Não fez ameaças, apenas repetiu a sua reivindicação indefinidamente até Culhwuch adormecer, Agrícola começar a bocejar e eu já estava cansado de ser o alvo do veneno que acompanhava as sucessivas rejeições de Cerdic. E, no entanto, Artur persistia. Sentia que Cerdic necessitava de tempo para consolidar os novos territórios que arrancara de Aelle, e ameaçava Cerdic que não lhe daria descanso até que as terras alagadiças fossem devolvidas. Cerdic contra-atacava ameaçando com uma guerra ali, em Londres, mas Artur acabou por revelar que buscaria o auxílio de Aelle caso houvesse confronto e Cerdic sabia que não poderia derrotar dois exércitos.

Era quase noite quando Cerdic finalmente cedeu. Não o fez totalmente, mas comunicou de má vontade que iria discutir o assunto com o seu conselho privado. Nesse momento acordamos Culhwuch e saímos do pátio; depois atravessamos um pequeno portão na parede ribeirinha para chegar a um cais de onde ficamos observando o Tamisa, que deslizava suave e escuro. A maioria permaneceu em silêncio, embora Meurig tivesse brindado Artur com uma preleção feita em voz irritada sobre o tempo que se desperdiçava com reivindicações impossíveis. Todavia, quando Artur se

recusou a contra-argumentar, o príncipe remeteu-se pouco a pouco ao silêncio. Sagramor sentou-se, apoiou-se na parede e friccionou repetidamente uma pedra de amolar ao longo do gume da espada. Lancelot e os druidas da *Silúria* mantinham-se afastados de nós; três homens altos e bonitos, mas emproados. Dinas fitava o arvoredo perdido na escuridão que se avistava do outro lado do rio enquanto o irmão me deitava longos olhares especulativos.

Esperamos uma hora até que, finalmente, Cerdic se dirigiu até à margem do rio.

- Diga a Artur o seguinte - disse-me sem qualquer preâmbulo, - que eu não confio em nenhum de vocês, não gosto de nenhum de vocês e tudo o que mais desejo é matar-los. Mas vou ceder-lhe as terras belgas mediante uma condição. Que Lancelot seja coroado rei desses territórios. Que não seja um rei subordinado por laços de vassalagem, mas sim um rei com todos os poderes inerentes à realeza independente.

Fixei os olhos azul-acinzentados do saxão. Estava tão atônito com a condição por ele imposta que nada disse, nem sequer fiz menção de ter compreendido as suas palavras. Tudo me parecia tão claro subitamente. Lancelot fizera o seu próprio acordo com o saxão, e Cerdic ocultara o pacto secreto celebrado entre ambos por trás de uma tarde de

desdenhosas negativas. Não tinha provas disto, mas sabia que tinha de ser verdade e quando o meu olhar se desviou de Cerdic pude ver que Lancelot me observava com uma expressão expectante. Não falava saxão, mas sabia exatamente o que Cerdic acabara de dizer.

- Diga-lhe! - ordenou Cerdic.

Traduzi. Agrícola e Sagramor cuspiram em sinal de desprezo e Culhwuch soltou uma gargalhada breve e irritada, enquanto Artur se limitou a olhar-me fixamente durante breves e pesados segundos antes de aquiescer com um aceno cansado.

- Concedido - disse.

- Vocês partirão de madrugada - disse Cerdic abruptamente.

- Partiremos dentro de dois dias - reagi sem me preocupar em consultar Artur.

- Concedido - respondeu Cerdic e afastou-se.

E assim celebramos a nossa paz com os Sais.

Não era a paz que Artur pretendia. Ele acreditara que poderíamos debilitar os Saxões a ponto de impedir que os seus navios continuassem a atingir as nossas costas vindos

do outro lado do mar Germânico, e que no espaço de um ou dois anos teríamos expulso definitivamente da Bretanha o que restasse dos invasores. Mas era paz.

- O destino é inexorável - disse-me Merlim no dia seguinte.

Encontrei-o no centro do anfiteatro romano, onde ficamos contemplando os assentos de pedra que se erguiam em círculo em torno da arena. Requisitara quatro dos meus lanceiros, que naquele momento estavam sentados na extremidade da arena observando-o, embora ignorassem tanto como eu a natureza dos deveres que os esperavam.

- Ainda procura o último Tesouro? - perguntei-lhe.

- Gosto mesmo deste lugar - disse ele, ignorando a minha pergunta e virando-se para lançar um novo e demorado olhar avaliador pela arena. - Gosto mesmo.

- Achei que odiava os Romanos.

- Eu? Odiar os Romanos? - perguntou, fingindo-se insultado.

- Você nem imagina o quanto eu rezo, Derfel, para que os meus ensinamentos não sejam transmitidos à posteridade através dessa peneira deformada que você chama de cérebro. Eu amo toda a Humanidade! - declarou, num tom grandiloquente. - E até os Romanos são perfeitamente aceitáveis se continuarem em Roma Já te contei que estive

em Roma uma vez, não contei? Transbordava de sacerdotes e catamitos. Sansum se sentiria em casa lá.

Não, Derfel, o erro dos Romanos foi terem vindo para a Bretanha e terem estragado tudo.

No entanto, nem tudo o que fizeram aqui foi mau.

- Deram-nos isto, de fato - disse eu, abarcando com um gesto as doze filas de assentos e a tribuna elevada de onde os senhores romanos contemplavam a arena.

- Oh, poupe-me da entediante preleção de Artur sobre estradas, tribunais, pontes e estruturas. - Cuspiu a última palavra. - Estrutura! O que são a estrutura da lei, estradas e fortalezas a não ser um arnês? Os Romanos amansaram-nos, Derfel. Transformaram-nos em pagadores de impostos e foram tão inteligentes que nós acabamos realmente por acreditar que eles estavam nos fazendo um favor! Em tempos caminhamos com os deuses, fomos um povo livre e depois enfiámos as nossas cabeças estúpidas na canga romana e nos tornamos pagadores de impostos.

- Então - perguntei, pacientemente, - que fizeram os Romanos de tão bom?

Esboçou um sorriso cruel.

- Outrora encheram esta arena com cristãos, Derfel, e depois ataçaram-lhes os cães. Em Roma, imagina só, faziam-no como deve ser; usavam leões. Com o tempo, porém, os leões acabaram derrotados.

- Vi uma pintura de um leão - disse eu, com orgulho.

- Oh, estou fascinado - disse Merlin, sem se preocupar em disfarçar um bocejo. -

Porque não me contas como foi? - Depois de me ter silenciado daquela maneira, sorriu. -

Em certa ocasião vi um leão verdadeiro. Era uma criatura surrada, sem brilho. Desconfio que estava seguindo a dieta errada. Talvez estivesse sendo alimentado com mitraístas em vez de cristãos? Isso aconteceu em Roma, é claro. Dei-lhe um pequeno empurrão com o meu bastão e ele se limitou a bocejar e a coçar uma pulga. Também vi um crocodilo, mas estava morto.

- O que é um crocodilo?

- Uma coisa parecida com Lancelot.

- Rei dos Belgas - acrescentei, num tom acre.

Merlim riu.

- Ele foi esperto, não foi? Odiava a *Silúria*, e quem pode culpá-lo por isso? Toda aquela gente andrajosa, enfiada naqueles vales sem graça. Não, realmente não era de todo o lugar ideal para Lancelot. Mas ele gostará das terras belgas. O Sol brilha, há

muitas propriedades romanas e, o melhor de tudo, não ficará longe da sua querida amiga Guinevere.

- E isso é importante?

- Não seja dissimulado, Derfel.

- Não sei o que isso significa.

- Significa, meu guerreiro ignorante, que Lancelot adota o comportamento que muito bem lhe apraz em relação a Artur. Ele toma o que quer e faz o que quer, e pode fazê-lo porque Artur possui aquela qualidade ridícula a que chamamos culpa. Nisso é

muito cristão. Você é capaz de entender uma religião que te faz sentir culpado? É uma idéia absurda, mas Artur daria um excelente cristão. Ele acredita que um juramento o obrigava a salvar *Benoic* e quando fracassou sentiu que tinha decepcionado Lancelot, e enquanto essa culpa incomodar Artur, Lancelot continuará a comportar-se como muito bem entender.

- Com Guinevere também? - perguntei, intrigado pela sua referência anterior à

amizade que ligava Lancelot a Guinevere, onde eu notara vestígios de rumores impudicos.

- Nunca explico o que não tenho meios de saber - disse Merlim, arrogante. - Mas desconfio que Guinevere se sente entediada na companhia de Artur, e porque não se sentiria? Ela é uma criatura inteligente e aprecia o convívio de outras pessoas inteligentes, e Artur, por maior que seja o amor que lhe tenhamos, não é um indivíduo elaborado. As coisas que ele deseja são pateticamente simples; lei, justiça, ordem, asseio. Ele realmente quer que todos sejam felizes, e isso é impossível. Guinevere não partilha de modo nenhum esta simplicidade. Você sim, é claro.

Ignorei o insulto.

- O que pretende Guinevere, então?

- Que Artur seja Rei de *Dumnónia*, é evidente, e que ela própria seja o verdadeiro governante da Bretanha dominando a ele. Até que isso aconteça, no entanto, Derfel, ela irá se divertir da melhor forma que puder. - Assumi uma expressão maldosa no momento em que uma idéia cruzou o seu espírito. - Se Lancelot se tornar Rei dos Belgas - disse ele, feliz - verá como Guinevere decidirá que não quer

instalar o palácio em *Lindinis*. Vai descobrir um outro local mais próximo de Venta. Verá se não tenho razão. - A idéia o fez rir. - Foram ambos tão espertos - acrescentou.

- Guinevere e Lancelot?

- Não seja tão obtuso, Derfel! Quem, com mil demônios, estava falando de Guinevere? Realmente, a sua tendência para burrice é indecente. Estava me referindo a Cerdic e a Lancelot, é claro. A isto chama-se um exemplo muito sutil de diplomacia. Artur encarrega-se dos combates, Aelle abdica da maior parte das suas terras, Lancelot arrecada para si um reino muito mais conveniente e Cerdic redobra o seu poder e passa a ter Lancelot como vizinho em vez de Artur. Muito bem feito. Como prosperam os pérfidos!

Gosto de ver estas coisas.

Sorriu e depois virou-se quando Nimue saiu de um dos túneis que vinham à

arena, passando por baixo dos assentos. Caminhou apressada sobre a turfa juncada de ervas daninhas, o rosto iluminado pela excitação. O olho dourado, que tanto assustara os Saxões, brilhava sob o Sol matinal.

- Derfel! - exclamou. - O que é que faz com o sangue de touro?

- Não o confunda - disse Merlim - esta manhã está mais estúpido do que o normal.

- Em Mitras - disse ela, excitada, - que fazem com o sangue?

- Nada - disse eu.

- Misturam-no com aveia e gordura - disse Merlim - e fazem pastéis.

- Diga-me! - insistiu Nimue.

- É segredo - disse eu, acanhado.

Merlim assobiou ao ouvir isto.

- Segredo? Segredo! ”Oh, grande Mitras” - explodiu numa voz que ressoou entre os assentos dispostos em fileiras - ”cuja espada é afiada nos cumes montanhosos e cuja lança foi forjada nas profundezas do oceano e cujo escudo esconde as estrelas mais cintilantes, escuta-nos.” Achas que devo continuar, meu rapaz? - perguntou. Recitara a invocação com que dávamos início aos nossos encontros e que supostamente fazia parte dos nossos rituais secretos. Afastou-se de mim, desdenhoso. - Eles têm um poço, querida Nimue coberto por uma grade de ferro, e a pobre besta jorra a sua vida para dentro dele após o que todos eles mergulham as lanças no sangue, embebedam-se e pensam

que fizeram algo de grande significado.

- Era o que eu pensava - disse Nimue e depois sorriu, - não existe nenhum poço.

- Oh, minha querida menina! - exclamou Merlim com admiração. - Querida menina! Ao trabalho.

Saiu apressado.

- Onde vai? - chamei-o de volta, mas ele limitou-se a acenar gesticulando na direção dos meus lanceiros indolentes. Segui-o e ele não fez qualquer tentativa para me deter. Atravessamos o túnel e saímos em uma das ruas estreitas ladeadas por edifícios altos, seguimos depois para oeste na direção da grande fortaleza que constituía o bastião noroeste das muralhas da cidade e, logo depois da fortaleza, apoiado na muralha citadina, encontramos um templo.

Entrei atrás de Merlim.

Era uma construção maravilhosa; comprida, estreita e alta com um teto alto e pintado suportado por duas fileiras com sete colunas cada uma. Era evidente que o local de culto era agora utilizado como arrecadação, conforme indicavam os fardos de lã e o monte alto de peles curtidas esquecidos numa das naves laterais. No entanto, devia haver ainda pessoas que usavam o edifício como local de culto, pois

num dos extremos via-se uma estátua de Mitras com o seu estranho chapéu mole e, em frente às colunas estriadas, erguiam-se outras estátuas de menores dimensões. Suponho que aqueles que vinham rezar seriam os descendentes dos povoadores romanos que tinham optado por permanecer na Bretanha depois da partida das legiões e, aparentemente, tinham abandonado a maioria das divindades dos seus antepassados, incluindo Mitras, a avaliar pelas pequenas oferendas em forma de flores, comida e velas derretidas que se amontoavam apenas em frente a três das imagens. Duas delas eram deuses romanos elegantemente esculpidos, mas o terceiro era britânico: tratava-se de um pequeno e delicado cepo fálico feito em pedra onde tinha sido esculpido um rosto brutal de olhos esbugalhados, a única estátua coberta de sangue seco. Em contrapartida, a única oferenda ao lado da estátua de Mitras era a espada saxã deixada por Sagramor em reconhecimento pelo regresso de Malla. O dia estava nublado, a única claridade que penetrava no templo infiltrava-se através de um pedaço de telhado quebrado, onde as telhas tinham desaparecido. O templo devia ser mantido na penumbra, pois Mitras nascera numa caverna e nós o adorávamos numa caverna escura.

Merlim bateu de leve com o seu bastão nas lajes que cobriam o pavimento, escolhendo por fim um local ao fundo da nave por baixo da estátua de Mitras.

- É aqui que você mergulham as suas lanças, Derfel? - perguntou-me.

Caminhei ao longo da nave lateral, onde as peles e os fardos de lã estavam empilhados.

- Aqui - disse eu, apontando para um poço pouco fundo, meio escondido por um dos montes.

- Não seja ridículo - reagiu Merlim. - Isso foi feito depois! Acha realmente que está escondendo os segredos da sua patética religião? - Tornou a bater levemente no chão perto da estátua e depois tentou o mesmo alguns metros mais à frente, concluindo que os dois locais produziam sonoridades distintas. Por isso repetiu o mesmo gesto uma terceira vez aos pés da estátua.

- Cavem aqui - ordenou aos meus lanceiros.

Estremeci perante aquele sacrilégio.

- Ela não devia estar aqui, Senhor - disse eu referindo-me a Nimue.

- Mais uma palavra vinda de você, Derfel, e o transformo em um ouriço-cacheiro esparvoado. Levantem as pedras! - ordenou aos meus homens. - Usem as lanças como alavancas, idiotas. Vamos lá! Ao trabalho!

Sentei-me ao lado do ídolo britânico, fechei os olhos e rezei a Mitras para que ele me perdoasse o sacrilégio. Em seguida rezei pela segurança de Ceinwyn e pedi que o bebê que ela carregava no ventre ainda estivesse vivo; ainda rezava pelo meu filho que estava por nascer quando a porta do templo se abriu e o som de botas pisando as pedras ecoou pelo templo. Abri os olhos, virei a cabeça e vi que Cerdic entrara ali.

Vinha acompanhado de vinte soldados, do seu intérprete e, o que era mais surpreendente, de Dinas e Lavaine.

- Coloquei-me de pé e toquei os ossos incrustados no punho da *Hywelbane* para me dar sorte, enquanto o rei saxão caminhava lentamente ao longo da nave.

- Esta é a minha cidade - anunciou Cerdic em voz suave, - e tudo o que está

entre as suas muralhas me pertence. - Fitou Merlim e Nimue durante alguns segundos e depois olhou para mim. - Digalhes que se expliquem.

- Diga ao idiota que vá embora e enfie a cabeça num balde disse Merlim. - Falava saxão fluentemente, mas convinha-lhe fingir o contrário.

- Aquele é o intérprete dele - preveni Merlim, apontando

para o homem que estava ao lado de Cerdic.

- Então pode ser ele a dizer ao seu senhor que vá enfiar a cabeça dentro de um balde.

O intérprete assim fez, e o rosto de Cerdic foi iluminado por um sorriso perigoso.

- Senhor - disse eu, tentando remediar os estragos causados por Merlim, - o meu Senhor Merlim pretende restaurar a velha condição do templo.

Cerdic meditou sobre a resposta enquanto inspecionava a tarefa em curso. Os quatro lanceiros tinham içado as lajes expondo uma amálgama de areia e gravilha e naquele momento removiam a pesada camada que cobria uma plataforma mais baixa feita de tábuas embebidas em pez. O rei olhou para dentro do poço e depois ordenou aos meus homens que continuassem o seu trabalho.

- Se encontrarem ouro, no entanto - disse-me ele - é meu. Comecei a traduzir as suas palavras a Merlim, mas Cerdic interrompeu-me com um aceno.

- Ele fala a nossa língua - disse ele, olhando para Merlim. - Foram eles que me disseram. - Inclinou a cabeça na direção de Dinas e de Lavaine.

Fitei os gêmeos sinistros e depois novamente para Cerdic.

- Estranhas companhias as suas, Senhor - observei.

- Não mais estranhas do que as suas - respondeu ele, olhando de relance para o olho dourado de Nimue. Esta sacou-o com um dedo e proporcionou-lhe o espetáculo horrível e integral de ver a sua órbita vazia e engelhada. Cerdic, porém, não pareceu ficar nada perturbado com a ameaça e, em vez disso, pediu-me que lhe contasse o que sabia sobre os diferentes deuses do templo. Dei-lhe a melhor resposta que sabia, mas era óbvio que ele não estava interessado nela. Interrompeu-me para tornar a olhar para Merlim

- Onde está seu Caldeirão, Merlim? - perguntou.

Merlim brindou os gêmeos silurianos com um olhar fulminante e depois cuspiu para o chão.

- Escondido - respondeu.

Cerdic não parecia surpreso com aquela resposta. Passou pelo poço cada vez mais fundo e pegou a espada saxã que Sagramor oferecera a Mitras. Trespassei os ares com a lâmina e pareceu ficar satisfeito com o seu equilíbrio.

- Este Caldeirão - perguntou a Merlim - possui poderes

imensos?

Merlim recusou-se a responder, por isso falei eu em seu lugar.

- É o que dizem, meu Rei.

- Poderes, - Cerdic fitou-me com os seus olhos mortiços - que livrarão a Bretanha dos Saxões?

- É por isso que rezamos, meu Rei - respondi.

Sorriu ao ouvir as minhas palavras e depois tornou a virar-se na direção de Merlim.

- Qual é seu preço pelo Caldeirão, velhote?

Merlim lançou-lhe um olhar irritado e cruel.

- O seu fígado, Cerdic.

Cerdic chegou mais perto de Merlim e olhou bem fundo nos olhos do feiticeiro.

Não detectei qualquer vestígio de medo em Cerdic, mas ele nunca fora vítima da magia do druida e, para ele, Merlim não passava de um velho sacerdote britânico com uma reputação empolada. Subitamente deu um passo em frente e apoderou-se de uma das tranças pretas da barba de Merlim.

- Posso oferecer muito ouro como preço, velho - disse ele.

- Já fiz o meu preço - respondeu Merlim. Tentou afastar-se de Cerdic, mas o rei apertou ainda mais a trança da barba do druida.

- Pago o equivalente ao seu peso em ouro propôs Cerdic.

- O seu fígado - contrapôs Merlim.

Cerdic ergueu a espada saxã e com um movimento rápido cortou a trança.

Afastou-se.

- Brinque com o seu Caldeirão, Merlim de Avalon - disse, atirando a espada para o lado, - mas um dia cozinharei seu fígado dentro dele e o darei a comer aos meus cães.

Pálida, Nimue olhava para o rei. Merlim estava muito chocado para se mexer, muito menos falar, e os seus quatro lanceiros limitavam-se a olhar boquiabertos.

- Vamos continuar, seus idiotas - rosnei-lhes. - Ao trabalho!

Sentia-me envergonhado. Nunca tinha visto Merlim ser humilhado e também nunca quisera ver. Nunca sequer pensara que fosse possível. Merlim esfregou a sua barba profanada.

- Um dia, meu Rei e Senhor - disse em voz baixa - terei a minha vingança.

Cerdic afastou a ameaça débil com um encolher de ombros e voltou para junto dos seus homens. Entregou a trança cortada a Dinas, que fez uma vênia em sinal de agradecimento. Cuspi, pois sabia que agora o par de silurianos eram capazes de causar grandes males. No que diz respeito a feitiços, poucas coisas são tão poderosas como um fio de cabelo abandonado ou uma unha lascada pertencentes a um inimigo. Era por isso que para evitar que objetos como esses caíssem em mãos malevolentes todos nós tratávamos de queimá-las. Até uma criança é capaz de fazer maldades com uma madeixa de cabelo.

- Quer que resgate a sua trança, Senhor? - perguntei a Merlim.

- Não seja absurdo, Derfel - disse ele, num tom fatigado, apontando para os vinte lanceiros de Cerdic. - Acha que conseguiria matá-los? - Abanou a cabeça e depois sorriu para Nimue. - Vê quão distantes estamos dos nossos deuses, aqui? - disse ele, tentando justificar a sua impotência.

- Cavem, - Nimue ordenou aos meus homens, embora naquele momento já

tivessem terminado essa fase do trabalho e estivessem tentando içar os primeiros barrotes de madeira. Cerdic, que muito simplesmente se deslocara até o templo porque Dinas e Lavaine lhe tinham dito que Merlim andava à procura do tesouro, ordenou então a três dos seus soldados pessoais que nos ajudassem. Os três saltaram para dentro do poço e enfiaram as lanças debaixo do rebordo da madeira e devagar, muito devagar foram-na forçando até os meus homens conseguirem agarrá-la e soltá-la.

O poço era o poço de sangue, o lugar onde a vida do touro moribundo se esvaía para a terra-mãe, mas a determinada altura fora habilidosamente disfarçado com tábuas de madeira, areia, gravilha e pedras.

- Foi feito - confidenciou-me Merlim longe dos ouvidos dos acompanhantes de Cerdic - quando os romanos partiram.

Tornou a esfregar a barba.

- Senhor - disse eu, acanhado, entristecido pela humilhação que ele sofrera.

- Não se preocupe, Derefel. - Tocou o meu ombro, tranquilizando-me. - Acha que devia chamar a mim o fogo dos deuses? Fazer com que a terra se abrisse e o engolisse?

Convocar uma serpente do mundo dos espíritos?

- Sim, Senhor - respondi, lastimoso.

Falou num tom de voz ainda mais baixo.

- Não podemos controlar a magia, Derfel, nós a usamos e aqui não há nenhuma que possa ser usada. É por isso que precisamos ter todos os Tesouros em nosso poder.

No *Samain*, Derfel, reunirei os Tesouros e mostrarei o Caldeirão. Atearemos fogueiras e depois faremos um feitiço que fará gritar o céu e gemer a terra. Prometo-lhe isso. Vivi toda a minha vida em função desse momento e será ele que trará a magia de volta à

Bretanha. - Apoiou-se na coluna e afagou o lugar onde a barba fora cortada. - Os nossos amigos da *Silúria* - disse ele, fitando os gêmeos de barba negra - pensam desafiar-me, mas um fio de cabelo caído da barba de um velho não vale nada quando comparado com o poder do Caldeirão. Um fio de cabelo não ferirá mais ninguém a não ser eu próprio, mas o Caldeirão, Derfel, o Caldeirão fará tremer toda a Bretanha e obrigará aqueles dois aspirantes a virem até mim, rastejando e implorando a minha misericórdia. Até lá, Derfel, até lá terá de suportar a visão da prosperidade dos nossos inimigos. Os deuses afastam-se cada vez mais. Enfraquecem e nós que os amamos enfraquecemos também com eles, mas isso não durará para sempre. Havemos de trazê-los de volta, e a magia

que é agora tão fraca na Bretanha se tornará tão cerrada como o nevoeiro de *Ynys Mon*. - Voltou a tocar-me no ombro ferido. - Prometo-lhe.

Cerdic nos observava. Não podia ouvir-nos, mas o seu rosto cuneiforme tinha uma expressão divertida.

- Ele vai ficar com tudo o que estiver dentro do poço, Senhor - murmurei.

- Rezo para que ele ignore o seu valor, - Merlim disse em voz baixa.

- Eles saberão, Senhor - disse eu, olhando para os dois druidas trajados de branco.

- São traidores e serpentes - respondeu Merlim suavemente, fitando Dinas e Lavaine que se tinham aproximado do poço, - mas mesmo que fiquem com aquilo que encontrarmos agora, eu ainda possuirei onze dos treze Tesouros, Derfel, e sei onde o décimo segundo poderá ser encontrado; e nenhum outro homem jamais reuniu tanto poder na Bretanha no espaço de mil anos. - Apoiou-se no bastão. - O rei irá sofrer, prometo.

A última tábuca de madeira foi retirada de dentro do poço e atirada para cima das lajes com uma pancada surda. Os lanceiros cobertos de suor recuaram no momento em que

Cerdic e os druidas da *Silúria* avançaram lentamente e olharam para dentro do poço.

Cerdic permaneceu na mesma posição durante muito tempo e depois desatou a rir. As suas gargalhadas ressoaram no teto alto e pintado e atraiu os seus homens até à beira do poço, e também eles explodiram em gargalhadas.

- Agrada-me ter um inimigo - disse Cerdic - que põe tanta fé na porcaria. -

Afastou os lanceiros para o lado e chamou-nos com um aceno. - Aproxime-se e venha ver o que descobriu, Merlim de Avalon.

Acompanhei Merlim até à beira do poço e vi um emaranhado de madeira velha, escura e destruída pela umidade. Parecia ser apenas um molho de lenha, fragmentos de madeira; alguns deles tinham sido corroídos pela umidade que tinha se infiltrado por um dos cantos do poço revestido por tijolos e os outros estavam tão velhos e quebradiços que teriam se inflamado e transformados em cinzas em menos de nada.

- O que é? - perguntei a Merlim.

- Parece - disse Merlim em saxão - que procuramos no lugar errado. Vamos -

tornou a falar britânico e tocou-me no ombro, - fiz perder tempo a todos nós.

- Mas não o nosso - lançou Dinas, de modo áspero.

- Estou vendo uma roda - disse Lavaine.

Merlim recuou lentamente, o rosto devastado. Tentara ludibriar Cerdic e os gêmeos silurianos e o logro falhara por completo.

- Duas rodas - disse Dinas.

- E um eixo - acrescentou Lavaine - partido em três pedaços.

Tornei a olhar para o emaranhado imundo e mais uma vez não vi outra coisa senão pedaços de madeira. Foi nesse momento que percebi que algumas das peças eram curvas e que juntando esses fragmentos curvos e prendendo-os aos muitos tirantes formariam de fato um par de rodas. No meio dos pedaços que constituíam as rodas viam-se painéis estreitos e uma haste comprida da grossura do meu pulso; esta era de tal modo comprida que fora partida em três pedaços para assim poder caber dentro do poço.

Via-se ainda um cubo de roda com uma ranhura no centro, onde caberia a lâmina de uma faca comprida. O monte de madeira eram as ruínas de um carro antigo semelhante ao

que outrora transportava para a batalha os guerreiros da Bretanha.

- O Carro de *Modron*, - Dinas falou com reverência.

- *Modron* - disse Lavaine - a mãe dos Deuses.

- Cujo carro - continuou Dinas - liga a Terra aos céus.

- E Merlim não o quer - disse Dinas, desdenhoso.

- Nesse caso ficamos nós com ele - anunciou Lavaine.

O intérprete de Cerdic esmerara-se para traduzir toda esta troca de palavras, mas era óbvio que Cerdic continuava indiferente ao desolado conjunto de madeira partida e apodrecida. Não obstante ordenou aos seus homens que recolhessem os pedaços e os colocassem numa capa de que Lavaine se apropriou. Nimue lançou-lhes uma maldição em surdina, mas Lavaine limitou-se a rir dela.

- Quer lutar conosco pelo carro? - perguntou, indicando com um gesto os lanceiros de Cerdic.

- Não podem esconder-se atrás de saxões para sempre - disse eu - e o dia virá

em que terão de lutar.

Dinas cuspiu para o poço inimigo.

- Somos druidas, Derfel, e não pode tirar as nossas vidas, não sem que antes tenha de condenar sua alma, e a alma de todos os seus entes amados, ao horror eterno.

- Eu posso matá-los.

Nimue cuspiu na direção deles.

Dinas fitou-a e em seguida estendeu um punho na sua direção. Nimue cuspiu para o punho para desviar a sua influência maligna, mas Dinas virou-o, abriu a palma da mão e mostrou-lhe um ovo de tordo. Atirou-o a ela.

- Aí tem algo para encher a órbita, mulher - disse com altivez, depois se virou para seguir o irmão e Cerdic para fora do templo.

- Lamento, Senhor - disse a Merlim quando ficamos sozinhos.

- Porquê, Derfel? Acha que poderia ter derrotado vinte lanceiros? - suspirou e acariciou a barba profanada. - Vê como os poderes dos novos deuses respondem? Mas enquanto o Caldeirão estiver em nossa posse o maior poder será nosso. Venham. -

Estendeu o braço para Nimue, não porque procurasse conforto, mas porque queria o apoio dela. Subitamente parecia velho e cansado enquanto caminhava devagar ao longo da nave.

- Que faremos, Senhor? - perguntou um dos lanceiros.

- Vamos nos preparar para partir - respondi.

Eu observava as costas curvadas de Merlin. ” *O fato de lhe terem cortado a barba*”, pensei, ” *era uma tragédia mais séria do que ele ousava admitir, e o meu único consolo era o Caldeirão de Clyddno Eiddyn ainda estar na sua posse. O seu poder ainda era grande, mas algo naquelas costas vergadas e naquele lento arrastar de pés era infinitamente triste.*”

- Vamos nos preparar para partir - tornei a dizer.

Partimos no dia seguinte. Ainda nos sentíamos esfomeados, mas íamos regressar para casa. E tínhamos paz, de certo modo. A norte da arruinada *Calleva*, em terras que outrora tinham pertencido a Aelle e que agora eram novamente nossas, esperava-nos o tributo acordado. Aelle mantivera a sua palavra e cumpria a promessa que nos fizera.

Não havia guardas, apenas um imenso amontoado de ouro, abandonado na estrada. Cálices, cruces, correntes, lingotes,

alfinetes e torques. Não tínhamos forma de pesar o ouro e tanto Cuneglas como Artur desconfiavam que o tributo acordado não fora pago na íntegra. Era suficiente, porém. Era um tesouro escondido.

Guardamos o ouro em capas, acomodamos os pesados fardos nos dorsos das nossas montarias e retomamos a marcha. Artur viajava conosco, parecendo cada vez mais animado à medida que nos aproximávamos de casa, ainda que subsistissem algumas mágoas.

- Lembra-se do juramento que fiz próximo daqui? - perguntou-me pouco depois de termos encontrado o ouro de Aelle.

- Lembro, Senhor.

O juramento fora feito no ano anterior, na noite que se seguira ao dia em que tínhamos entregue muito deste mesmo ouro a Aelle. Esse ouro fora o nosso suborno, destinado afastar Aelle da nossa fronteira e a empurrá-lo para *Ratae*, a fortaleza de *Powys*. Nessa noite, Artur jurara matar Aelle.

- Agora, em vez disso preservo-lhe a vida - comentou, pesadamente.

- Cuneglas recuperou *Ratae* - disse-lhe eu.

- Mas o juramento continua por cumprir, Derfel. Tantos juramentos quebrados. -

Espreitou um gavião que deslizava em frente de uma enorme massa de nuvens brancas. -

Sugeri a Cuneglas e a Meurig que dividissem a *Silúria* em duas partes, e Cuneglas sugeriu que você talvez gostasse de ser rei da parte que couber a ele. Gostaria?

Estava tão atônito que mal conseguia responder.

- Se for essa a sua vontade, Senhor - respondi, por fim.

- Bom, não é. Quero que seja o tutor de Mordred.

Avancei alguns passos, carregando comigo aquela decepção.

- A *Silúria* poderá não gostar de ser dividida - disse eu.

- A *Silúria* fará o que lhe mandarem - respondeu Artur com firmeza - e você e Ceinwyn viverão no palácio de Mordred, em *Dumnónia*.

- Se é essa a sua vontade, senhor. - De súbito senti relutância em abandonar os prazeres mais modestos de *Cwm Isaf*.

- Anime-se, Derfel! - disse Artur. - Não sou um rei, por que razão você haveria de ser?

- Não é a perda de um reino que eu lamento, senhor, mas a incorporação de um rei ao meu lar.

- Você saberá lidar com ele, Derfel; consegue sempre lidar com tudo.

No dia seguinte, o exército dividiu-se. Sagramor já abandonara as fileiras, conduzindo os seus lanceiros que iriam guardar a nova fronteira com o reino de Cerdic.

Agora, o restante de nós seguiam por estradas diferentes. Artur, Merlim, Tristão e Lancelot rumaram para Sul, enquanto Cuneglas e Meurig viraram para Oeste, na direção dos respectivos territórios. Abracei Artur e Tristão e depois ajoelhei para receber a bênção de Merlim, que este distribuiu benignamente. Recuperara alguma da sua antiga energia depois de termos deixado Londres, mas não conseguia ocultar o profundo abatimento que lhe causara a humilhação a que tinha sido submetido no templo. Podia possuir o Caldeirão, mas os seus inimigos possuíam um pedaço da sua barba e ele iria precisar de toda a sua magia para afastar os seus feitiços. Abraçou-me, eu beijei Nimue e depois fiquei vendo-os se afastarem durante algum tempo antes de me dispor a seguir para Oeste, atrás de Cuneglas. Dirigia-me

para *Powys* ao encontro da minha Ceinwyn e levava comigo uma parte do ouro de Aelle. Mesmo assim não conseguia sentir o sabor do triunfo.

Tínhamos derrotado Aelle e garantido a paz, mas Cerdic e Lancelot tinham sido os verdadeiros vencedores da campanha, não eu.

Nessa noite descansamos todos em *Corinium*, mas à meia-noite fui acordado por uma tempestade. A tempestade alastrava bem a sul, mas a violência do trovão distante era tal e os clarões dos relâmpagos eram tão fulgurantes que o seu reflexo refletia-se nas paredes do pátio onde eu dormia, acabando por despertar-me do meu sono. Ailleann, a antiga amante de Artur e mãe dos gêmeos oferecera-me guarida, e naquele momento eu a vi sair dos seus aposentos com uma expressão preocupada no rosto. Enrolei a minha capa em volta do corpo e acompanhei-a até às muralhas da cidade, onde se encontravam metade dos meus homens contemplando o turbilhão que agitava o horizonte. Cuneglas e Agrícola também estavam presentes, ao contrário de Meurig, que se recusara a aceitar os prodígios da natureza, fossem eles quais fossem.

Todos nós éramos mais sensatos. As tempestades são mensagens dos deuses e esta era uma erupção tumultuosa. Não chovia em *Corinium*, não havia vento que agitasse as

nossas capas, mas bem longe, para Sul, em algum lugar em *Dumnónia*, os deuses flagelavam a Terra. Os relâmpagos rasgavam o céu escuro e apunhalavam a terra como se fossem punhais. Os trovões ribombavam sem descanso, um após o outro, e sempre que se ouvia uma pancada retumbante o relâmpago cintilava, ofuscava e espalhava o seu fogo irregular no meio daquela noite de sobressalto.

Issa permaneceu junto a mim, o rosto franco iluminado pelos longínquos esguichos de fogo.

- Será que morreu alguém?

- Não sabemos, Issa.

- Estamos amaldiçoados, senhor? - perguntou.

- Não, - respondi com uma confiança que não sentia totalmente.

- Mas ouvi dizer que tinham cortado a barba de Merlim.

- Alguns fios de cabelo, nada mais. E depois, que tem isso?

- Se Merlim deixar de ter poderes, quem mais terá?

- Merlim tem poderes - tentei tranquilizá-lo.

E eu também. Pois em breve seria o paladino de Mordred e

habitaria numa grande propriedade. Moldaria a criança e Artur construiria o reino dessa mesma criança.

No entanto, a trovoada ainda me deixava apreensivo. E teria ficado mais, caso tivesse conhecido o seu significado. Pois nessa noite o desastre tornou-se realidade. Não tivemos notícias dele durante os três dias seguintes, mas por fim acabamos por ficar sabendo por que motivo o trovão falara e o relâmpago nos atingira.

Tinha atingido o *Tor*, o castelo de Merlim onde os ventos gemiam em torno da sua torre de sonho, vazia. E aí, na hora em que celebrávamos a nossa vitória, o relâmpago iluminara a torre de madeira e as suas chamas tinham causticado, galgado e crepitado pela noite fora e de manhã, quando as brasas eram borrifadas e extintas sob a chuva da tempestade moribunda, nenhum Tesouro restava em *Ynys Wydryn*. Não havia nenhum Caldeirão entre as cinzas, apenas um vazio no coração causticado de *Dumnónia*.

Os novos deuses, ao que parecia, estavam respondendo. Ou então, os gêmeos da *Silúria* tinham lançado um poderoso sortilégio sobre a barba cortada de Merlim, pois o Caldeirão tinha desaparecido e os Tesouros tinham sumido.

Quanto a mim segui para norte, ao encontro de Ceinwyn.

TERCEIRA PARTE

Camelot

- Todos os Tesouros queimaram? - perguntou-me Igraine.

- Tudo desapareceu - disse eu.

- Pobre Merlim - disse Igraine.

Ela ocupara o seu lugar habitual no peitoril da minha janela, apesar de estar bem protegida do frio desse dia por uma grossa capa de pêlo de castor. E bem precisa dela, porque hoje está um frio terrível. Esta manhã caíram flocos de neve e para Oeste o céu está carregado de nuvens escuras e pesadas como chumbo. Não posso ficar por muito tempo anunciara ela ao chegar e quando se instalara para passar os olhos pelos pergaminhos já prontos.

- Irá nevar. As sebes estão cheias de bagas e isso significa sempre um Inverno rigoroso.

- Os velhos dizem isso todos os anos - observou Igraine com mordacidade.

- Quando você for velha - disse eu - todos os Invernos serão rigorosos.

- Que idade tinha Merlim?

- Quando perdeu o Caldeirão? Muito perto dos oitenta anos. Mas viveu por mais algum tempo depois disso.

- Mas ele nunca reconstruiu a sua torre de sonho? - perguntou Igraine.

- Não.

Suspirou e puxou a magnífica capa para si.

- Eu iria gostar de uma torre de sonho. Gostaria muito de ter uma torre de sonho.

- Então mande construir uma - disse eu. - A senhora é uma Rainha. Dê ordens, faça barulho. É muito simples; não há nada como uma torre com quatro paredes, sem telhado e uma plataforma a meia altura. Uma vez construída, ninguém para além da senhora pode entrar lá, e o truque é dormir na plataforma e aguardar que os deuses lhe enviem mensagens. Merlim sempre disse que era um lugar horrivelmente frio para dormir no Inverno.

- E o Caldeirão - calculou Igraine - fora escondido na plataforma?

- Sim.

- Mas não foi queimado, não é, irmão Derfel? - insistiu ela.

- A história do Caldeirão prossegue, mas não será agora que vou contar.

Mostrou-me a língua. Hoje está assombrosamente bela. Talvez o frio tenha imprimido cor à sua face e brilho aos seus olhos escuros, ou possivelmente a pele de castor assentou-lhe bem, mas suspeito que ela esteja grávida. Conseguia sempre dizer quando Ceinwyn trazia um filho, e Igraine demonstra essa mesma alegria de viver. Mas Igraine nada disse, por isso nada lhe pergunto. Só Deus sabe como ela tanto rezou para ter um filho, e talvez o nosso Deus cristão escute, na verdade, as preces. Nada mais nos resta que nos dê esperança, pois os nossos próprios deuses estão mortos ou fugiram ou não querem saber de nós.

- Os bardos - disse Igraine, e percebi pela inflexão da sua voz que outra das minhas imprecisões como contador de histórias estava prestes a ser exposta, - dizem que a batalha próximo de Londres foi terrível. Dizem que Artur lutou durante todo o dia.

- Dez minutos - disse com desdém.

- E todos eles afirmam que Lancelot o salvou ao chegar no último instante com uma centena de lanceiros.

- Todos eles o afirmam - disse - porque foram os poetas de Lancelot quem escreveram as canções.

Ela abanou a cabeça tristemente.

- Derfel, se este for o único registro de Lancelot - disse ela, batendo no grande saco de couro onde levava os pergaminhos já prontos para *Caer* - então o que irão as pessoas pensar? Que os poetas mentem?

- Quem se importa com o que os poetas pensam? - perguntei irritado. - E os poetas mentem sempre. É para isso que são pagos. Mas me pediu a verdade, eu a digo, e depois a senhora se queixa.

- Os guerreiros de Lancelot - citou ela, - lanceiros tão corajosos, Causadores de viúvas e distribuidores de ouro. Carrascos dos Saxões, temidos pelos Sais...

- Pare, - interrompi-a, - por favor. Eu ouvi a canção uma semana depois de ter sido escrita!

- Mas se as canções mentiam - alegou ela, - por que razão Artur não protestou?

- Porque ele nunca se importou com as canções. Porque haveria de se importar?

Ele era um guerreiro e não um bardo, e desde que os seus homens cantassem antes da batalha, ele não se importava. E, além disso, ele próprio nunca soube cantar. Pensava que

tinha voz, mas Ceinwyn dizia sempre que ele parecia uma vaca com gases.

Igraine franziu as sobrancelhas.

- Continuo sem entender por que razão era tão mau que Lancelot fizesse a paz.

- Não é difícil de entender - disse. Levantei-me e atravessei a sala até à lareira, onde usei uma vara para tirar algumas brasas incandescentes da pequena fogueira.

Dispus no chão seis brasas em linha e depois dividi a fileira em dois e quatro. - As quatro brasas representam as forças de Aelle. As duas, as de Cerdic. Agora veja como nunca poderíamos ter vencido os Saxões, se as brasas estivessem todas juntas. Não teríamos conseguido derrotar seis, mas podíamos vencer quatro. Artur planejou vencer aquelas quatro e depois virar-se contra as outras duas, e assim podíamos ter expulso os Sais da Bretanha. Mas ao fazer a paz, Lancelot aumentou o poder de Cerdic. - Acrescentei outra brasa às duas para que as quatro estivessem agora diante de um grupo de três, depois agitei o pau para que se apagasse a chama que nele se ateara. - Tínhamos enfraquecido Aelle, mas também tínhamos nos enfraquecido, pois já não tínhamos os trezentos lanceiros de Lancelot. Eles estavam obrigados à paz. Isso aumentou ainda mais o poder

de Cerdic. - Puxei duas brasas de Aelle para o campo de Cerdic, dividindo a linha em cinco e duas. - Portanto, tudo o que fizemos foi enfraquecer Aelle e fortalecer Cerdic. E foi isso o que o pacto de paz de Lancelot conseguiu.

- Está dando aulas de aritmética à nossa Rainha e Senhora? - Sansum entrou timidamente na sala com uma expressão desconfiada estampada no rosto. - E eu que achava que estivesse fazendo um Evangelho - acrescentou ele com astúcia.

- Os cinco pães e dois peixes - disse Igraine rapidamente. - O irmão Derfel pensou que pudessem ser cinco peixes e dois pães, mas tenho a certeza de que estou certa, não estou, senhor bispo?

- A minha Rainha e Senhora tem toda a razão - disse Sansum. - E o irmão Derfel é um pobre cristão. Como pode um homem de tamanha ignorância escrever um Evangelho para os Saxões?

- Apenas com o seu admirável auxílio, senhor bispo - respondeu Igraine - e, claro, com o provimento de meu esposo. Ou deverei dizer ao rei que a ele se opõe nesta insignificante questão?

- Seria acusada da mais brutal falsidade se o fizesse - mentiu-lhe Sansum, de novo vencido pela estratégia da minha

inteligente rainha. - Vim para dizer, Senhora, que os seus lanceiros crêem que deve partir. O céu ameaça mais neve.

Ela apanhou o saco dos pergaminhos e lançou-me um sorriso.

- Voltarei a vê-lo depois da neve parar, irmão Derfel.

- Rezarei para que esse momento chegue, Senhora.

Voltou a sorrir, depois passou pelo santo, que fez uma pequena vênia quando ela passou pela porta, mas que depois dela ter desaparecido se endireitou e me olhou fixamente. Os tufos de cabelo por cima das orelhas que nos levam a chamar-lhe *Lorde Rato* estão agora brancos, mas a idade não enterneceu o santo. Ainda consegue eriçar-se com vitupérios, e a dor que ainda o atormenta quando urina serve apenas para piorar o seu mau gênio.

- Existe um lugar especial no inferno, irmão Derfel - sibilou-me ele, - para os contadores de mentiras.

- Rezarei por essas pobres almas, Senhor - disse eu. Depois virei-lhe as costas e mergulhei esta pena na tinta para continuar a minha história sobre Artur, o meu senhor da guerra, o meu pacificador e amigo.

Seguiram-se os anos gloriosos. Igraine, que escuta demais

os poetas, chama-lhes Camelot. Nós não. Foram os melhores anos do governo de Artur, os anos em que ele moldou um país aos seus desígnios e os anos em que *Dumnónia* mais se aproximou do seu ideal de uma nação em paz consigo própria e com os seus confinantes; mas é

apenas ao olhar para trás que esses anos parecem tão melhores do que foram, e isto porque os anos que se seguiram foram muito piores. Ao ouvirem as histórias contadas à

noite à lareira pensarão que tínhamos construído um país completamente novo na Bretanha, que lhe teríamos chamado Camelot e o teríamos povoado de heróis extraordinários, mas a verdade é que apenas governamos *Dumnónia* o melhor que conseguimos, nós a governamos com justiça e nunca lhe chamamos Camelot. Nunca ouvira esse nome até dois anos atrás. Camelot existe apenas nos sonhos dos poetas, enquanto na nossa *Dumnónia*, até mesmo nesses bons anos, as colheitas eram ainda insuficientes, as pragas ainda nos dizimavam e guerras ainda eram travadas.

Ceinwyn veio para *Dumnónia* e foi em *Lindinis* que nasceu o nosso primeiro filho.

Foi uma menina e chamamos-lhe Morwenna, o nome da mãe de Ceinwyn. Nasceu com cabelo escuro, mas pouco depois

ficou cor de ouro, pálido como o de sua mãe. Bela Morwenna.

Comprovou-se que Merlim tinha razão em relação a Guinevere, porque assim que Lancelot estabeleceu a sua nova administração em *Venta*, ela declarou-se cansada do palácio de *Lindinis*, novinho em folha. Era úmido demais, dissera ela, e estava muito exposto aos ventos úmidos que emergiam dos pântanos que rodeavam *Ynys Wydryn*, e era muito frio no Inverno, e de repente nada era melhor do que o antigo Palácio de Inverno de Uther, na *Durnovária*. Mas *Durnovária* ficava quase tão afastada de *Venta* como *Lindinis*, e deste modo Guinevere convenceu Artur de que precisavam arranjar uma casa para o dia ainda longínquo em que Mordred fosse rei e, por direito real, pedisse a devolução do Palácio de Inverno; por isso Artur deixou que Guinevere escolhesse. O

próprio Artur sonhava com um sólido castelo com uma paliçada, estrebaria e celeiros, mas Guinevere encontrou uma *villa* romana a sul do forte de *Vindocládia* que se encontrava, tal como Merlim pressagiara, na fronteira entre *Dumnónia* e o novo reino belga de Lancelot. A *villa* fora construída numa colina próxima a uma enseada e Guinevere chamou-lhe o seu Palácio do Mar. Chamou uma horda de construtores para renovar a *villa* e encheu-a com todas as estátuas que outrora haviam adornado *Lindinis*, exigindo até

o chão de mosaicos da entrada deste palácio. Durante algum tempo Artur receou que o Palácio do Mar estivesse perigosamente próximo dos domínios de Cerdic, mas Guinevere insistiu que a paz negociada em Londres perduraria e Artur, percebendo de como ela gostava do local, cedeu. Ele nunca se importava com o lugar onde morava, porque raramente estava lá. Gostava de andar de um lado para o outro, sempre em visita a algum lugar longínquo do reino de Mordred.

O próprio Mordred foi viver no saqueado palácio em *Lindinis*, e Ceinwyn e eu, por sermos os seus tutores, também vivíamos ali. Conosco estavam sessenta lanceiros, dez cavaleiros para levarem mensagens, dezesseis cozinheiras e vinte e oito escravos de casa. Tínhamos um intendente, um camareiro, um bardo, dois batedores de caça, um fabricante de hidromel, um falcoeiro, um médico, um porteiro, um alumiador e seis cozinheiros, e todos eles tinham escravos, e além desses escravos de casa havia um pequeno exército de outros escravos que trabalhavam a terra e aparavam os ramos das árvores e mantinham os fossos drenados. Desenvolveu-se uma pequena cidade em volta do palácio, habitada por oleiros, sapateiros e ferreiros; os comerciantes que haviam enriquecido com o nosso tributo.

Tudo parecia muito afastado de *Cwm Isaf*. Agora dormíamos numa câmara coberta de telhas com paredes em gesso polido

e portas com colunas. As nossas refeições eram tomadas num salão de banquetes onde podia sentar-se uma centena de pessoas, embora com bastante freqüência o deixássemos vazio e comêssemos num pequeno aposento que ficava em frente às cozinhas, pois nunca consegui tolerar que a comida fosse servida fria quando devia estar quente. Se chovesse podíamos ir para a arcada coberta do pátio exterior e assim continuar secos, e no Verão, quando o Sol quente incidia nas telhas, havia um tanque cheio de entradas de água no pátio interior onde podíamos banhar-nos. Claro que nada disto era nosso; este palácio e os seus vastos terrenos faziam parte das honras prestadas a um rei e todas elas pertenciam a Mordred, de seis anos de idade.

Ceinwyn estava habituada à ostentação, ainda que não a esta escala suntuosa, mas a constante presença de escravos e de criados nunca a embaraçou como acontecia comigo, e ela cumpria as suas obrigações com uma eficiente ausência de minudências excessivas, mantendo o palácio calmo e feliz. Era Ceinwyn quem dirigia os criados, inspecionava as cozinhas e verificava as contas, mas sei que ela sentia saudades de *Cwm Isafe*, uma vez ou outra, ainda se sentava com a sua roca e fiava lã enquanto conversávamos.

Falávamos de Mordred com bastante freqüência. Ambos tínhamos esperança que as histórias sobre as suas velhacarias fossem exageradas, mas não eram, porque se

havia criança perversa era Mordred. Portou-se mal desde o dia em que chegou de carroça de bois vindo do castelo de Culhwuch, perto de *Durnovária*, e foi largado no nosso pátio. Cheguei a odiá-lo, Deus me perdoe. Era apenas uma criança, e eu o odiava.

O rei sempre fora pequeno para a sua idade, mas, à parte o pé esquerdo defeituoso, tinha uma constituição atlética com vigorosos músculos e pouca gordura. O

rosto era muito redondo, embora desfigurado por um nariz estranhamente bulboso, que tornava feia a pobre criança. O seu cabelo castanho-escuro encaracolava-se com naturalidade e crescia em dois eminentes tufos que sobressaíam de ambos os lados de um risco feito no centro e que levava as outras crianças de *Lindinis* a chamarem-lhe palha-de-aço, embora nunca diretamente. Tinha olhos estranhamente idosos, pois até

mesmo aos seis anos eram circunspectos e desconfiados, e não se tornaram mais afáveis na idade viril quando o seu rosto endureceu. Era um rapaz esperto, apesar de obstinadamente se recusar a aprender as letras. O bardo da nossa casa, um jovem diligente chamado Pyrlig, era responsável por ensinar Mordred a ler, a contar, a cantar, a tocar harpa, a nomear os deuses e a aprender a genealogia dos seus descendentes reais, mas desde cedo Mordred

avaliou Pyrlig.

- Ele nada fará, Senhor! - queixou-se Pyrlig. - Dou-lhe pergaminho, ele o rasga, dou-lhe uma pena e ele a parte. Bato-lhe e ele me morde, veja! - Estendeu um pulso magro mordido das pulgas onde estavam, vermelhas e vincadas, as marcas dos dentes reais.

Coloquei Eachern, um pequeno e rude lanceiro irlandês, na sala de aula com ordens para manter o rei na linha e isso funcionou bastante bem. Uma palmada de Eachern convenceu a criança que se deparava com um igual, e deste modo se submeteu taciturno à disciplina, mas ainda assim nada aprendeu. Conseguia-se manter uma criança quieta, segundo parecia, mas não se conseguia fazê-la aprender. Mordred bem tentou assustar Eachern, dizendo que quando fosse rei se vingaria do guerreiro por causa das freqüentes surras, mas Eachern deu-lhe outra sova e garantiu que já teria voltado para a Irlanda quando Mordred chegasse a essa idade.

- Por isso se quiser vingança, meu Rei e Senhor - disse Eachern, dando ao rapaz outro violento murro, - traga o seu exército para a Irlanda e nós lhe daremos uma valente surra, de igual para igual.

Mordred não era apenas um rapaz travesso com isso

podíamos nós, mas terrivelmente cruel. Os seus atos eram concebidos para fazer mal, até mesmo para matar.

Certa vez, quando tinha dez anos, encontramos cinco víboras na adega escura onde guardávamos os tonéis de hidromel. Ninguém exceto Mordred as teria ali colocado, e sem dúvida que o fez na esperança de que um escravo ou um criado fosse picado. O frio da adega tornara as cobras sonolentas e as matamos com relativa facilidade, mas um mês mais tarde uma criada morreu, depois de ter comido cogumelos que posteriormente descobrimos serem uma variedade venenosa. Ninguém soube quem fizera a substituição, mas todos acreditavam ter sido Mordred. Era como se, dizia Ceinwyn, houvesse uma mente adulta calculista dentro do rapazinho. Acho que ela antipatizava com ele tanto quanto eu, mas tentava desesperadamente ser amável para o rapaz e detestava as sovas que todos nós lhe dávamos.

- Só fazem com que ele fique pior - admoestava-me ela.

- Receio mesmo que assim seja - admiti.

- Então porque continuam?

Encolhi os ombros.

- Porque se tentamos a delicadeza ele apenas tira vantagem

disso.

No início, quando Mordred veio pela primeira vez para *Lindinis*, prometi a mim próprio que nunca bateria no rapaz, mas aquela elevada pretensão extinguiu-se em poucos dias e no final do primeiro ano bastava-me ver a sua cara feia, carrancuda, de nariz bulboso e com cabeça de palha-de-aço para ter vontade de colocá-lo sobre os meus joelhos e o sovar até fazê-lo sangrar.

E afinal até Ceinwyn lhe bateu. Ela não quisera, mas um dia a ouvi gritar.

Mordred encontrara uma agulha e enterrava-a indolente no couro cabeludo de Morwenna.

Decidira simplesmente ver o que acontecia se cravasse a agulha num dos olhos do bebê

quando Ceinwyn correu para ver por que razão a sua filha gritava. Puxou Mordred para cima e deu-lhe tamanho sopapo que ele rodopiou até ao centro da sala. Depois disso, a nossa filha nunca mais foi deixada sozinha dormindo, estando sempre um criado ao seu lado, e Mordred acrescentou Ceinwyn à lista de nomes dos seus inimigos.

- Ele é simplesmente malévolo - explicou-me Merlim. - Lembra-se certamente da noite em que ele nasceu?

- Nitidamente - afirmei, pois ao contrário de Merlim, tinha lá estado.

- Eles deixaram que os cristãos guardassem a câmara onde nasceu, não foi? -

perguntou-me ele. – E só mandaram chamar Morgana quando tudo estava correndo mal.

Que precauções tomaram os cristãos?

Encolhi os ombros.

- Orações. Lembro-me de um crucifixo. - Claro que não estivera na câmara onde ele nasceu, porque nenhum homem alguma vez entrou numa câmara onde uma mulher estivesse dando à luz, mas observara tudo das muralhas de *Caer Cadarn*.

- Não admira que tudo tenha corrido mal - disse Merlim. - Orações! De que servem as orações contra um espírito maligno? Tem de ser a urina na soleira da porta, ferro na cama, artemísia na lareira. - Abanou a cabeça melancolicamente. - Um espírito entrou no corpo da criança antes de Morgana conseguir acudir-lhe e é essa a razão pela qual o seu pé é tão retorcido. Provavelmente o espírito agarrou-se com firmeza ao pé

quando pressentiu a chegada de Morgana.

- Então, como é que expulsamos o espírito? - perguntei.

- Com uma espada cravada no malévolos coração da criança - disse ele sorrindo e reclinando-se na cadeira.

- Por favor, Senhor insisti, como?

Merlim encolheu os ombros.

- O velho Balise contava que podia ser feito colocando a pessoa possuída numa cama entre duas virgens. Todos nus, claro. - Soltou um riso abafado. - Pobre Balise. Era um bom druida, mas a esmagadora maioria dos seus feitiços implicavam despir garotinhas. A idéia era que o espírito iria preferir estar no corpo de uma virgem, entende?

Por isso lhe eram oferecidas duas virgens, para que ele ficasse confuso e não soubesse qual havia de escolher, e o truque era fazê-las sair da cama no preciso instante em que o espírito saísse do corpo da pessoa louca e ainda estivesse tentando decidir qual a virgem que escolheria e justamente nesse momento tirava os três da cama e lançava um tição para a palha. Pretendia queimar o espírito e reduzi-lo a fumaça, entende? Mas para mim nunca fez muito sentido. Confesso que certa vez tentei a técnica. Tentei curar um pobre velho louco chamado Malldyn, e tudo o que consegui

foi um idiota que continuou doido varrido, duas escravas aterrorizadas e os três ligeiramente chamuscados. - Suspirou.

-

Mandamos Malldyn para a Ilha dos Mortos. O melhor lugar para ele. Você podia mandar Mordred para lá?

A Ilha dos Mortos é para onde mandamos os nossos loucos em pior estado.

Nimue estivera lá uma vez e fora eu quem a arrancara a esse horror.

- Artur nunca consentiria - disse eu.

- Acho que não. Vou tentar conseguir um encantamento para você, mas não posso dizer que tenha muita esperança. - Merlim vivia agora conosco. Era um homem velho que morria aos poucos, ou pelo menos era o que nos parecia, porque a energia havia-lhe sido sugada pelo fogo que consumira o *Tor*, e com essa energia tinham desaparecido os sonhos de reunir os Tesouros da Bretanha. Tudo o que restava agora era uma pele seca que envelhecia continuamente. Sentava-se durante horas ao Sol e no Inverno inclinava-se sobre a lareira. Mantinha a tonsura própria dos druidas, embora há muito não entrançasse a sua barba, deixando-a simplesmente crescer em desalinho e branca. Comia pouco, mas estava

sempre pronto para falar, embora nunca sobre Dinas e Lavaine, nem sobre o terrível momento em que Cerdic cortara a trança da sua barba.

Fora essa violação, concluí, juntamente com o golpe de relâmpago no *Tor* que sugara a vida de Merlim, apesar de ele ainda conservar uma pequena réstia de esperança. Estava convencido de que o Caldeirão não fora queimado, mas roubado, e logo no início da nossa estadia em *Lindinis* provou-o no jardim. Construiu uma torre falsa de lenha cortada, colocou um cálice de ouro no centro e uma mão-cheia de mecha na sua base, depois ordenou que trouxessem fogo da cozinha.

Até Mordred se portou bem nessa tarde. O fogo sempre fascinou o rei e os seus olhos estavam esbugalhados enquanto a torre modelo se consumia sob a luz do Sol. A pira de cepos desabou para o centro ainda as chamas crepitavam, e ao cair da tarde Merlim foi buscar um ancinho de jardineiro e examinou as cinzas com todo o cuidado.

Retirou o cálice de ouro, que já não parecia um cálice de tão disforme e torcido estava, mas que ainda era de ouro.

- Eu fui ao Tor na manhã seguinte ao incêndio, Derfel - disse-me ele - e procurei e voltei a procurar no meio das cinzas. Retirei à mão, toda a madeira chamuscada, peneirei as

cinzas, examinei o que restava com cuidado e não encontrei ouro algum. Nem uma gota. O Caldeirão foi levado e a torre incendiada. Desconfio que os Tesouros tenham sido roubados na mesma época, pois estavam todos guardados, exceto o carro e o outro.

- Que outro?

Por momentos pareceu que não ia responder, depois encolheu os ombros como nada disto tivesse já importância.

- A espada de Rhydderch. Conhece-a como *Caledfwlch*. Ele falava da espada de Artur, Excalibur.

- Deu-a mesmo sabendo que era um dos Tesouros? - perguntei abismado.

- Porque não? Ele jurou devolvê-la quando eu precisasse dela. Ele não sabe que é a espada de Rhydderch, Derfel, e você tem de me prometer que nada lhe dirá. Ele só

fará alguma estupidez, como derretê-la para provar que não tem medo dos deuses, se descobrir. Por vezes Artur pode ser muito teimoso, mas é o melhor governante que temos, por isso decidi conceder-lhe um secreto poderzinho extra, deixando-o usar a espada de Rhydderch. Claro que ele escarneceria se soubesse, mas um dia a espada se incendiará e nesse momento ele não escarnecerá.

Eu queria saber mais sobre a espada, mas ele nada mais me contaria.

- Agora não tem importância - disse ele - tudo terminou. Os Tesouros desapareceram. Presumo que Nimue olhará por eles, mas estou muito velho, muito velho mesmo.

Detestava ouvi-lo dizer aquilo. Depois de todo o esforço que tinha despendido na recolha dos Tesouros, parecia abandoná-los simplesmente. Até o Caldeirão, pelo qual havíamos passado pela provação da Estrada Sombria, parecia não ter importância alguma.

- Se os Tesouros ainda existirem, Senhor - insisti - podem ser encontrados.

Sorriu indulgente.

- Serão encontrados - disse ele com desdém. - Claro que serão encontrados.

- Então porque não vamos à procura deles?

Suspirou como se as minhas perguntas fossem uma maçada.

- Porque estão escondidos, Derfel, e o seu esconderijo estará envolto por feitiço.

Eu sei isso. Pressinto-o. Portanto temos de esperar até que

alguém tente usar o Caldeirão. Então saberemos, porque só sei usar o Caldeirão devidamente e se mais alguém invocar os seus poderes, estes lançarão o horror sobre a Bretanha. - Encolheu os ombros. - Esperamos pelo horror, Derfel, depois iremos ao seu âmago e aí

encontraremos o Caldeirão.

- Mas quem acha que o roubou? - insisti.

Abriu as mãos mostrando desconhecimento.

- Os homens de Lancelot? Possivelmente para oferecê-lo a Cerdic. Ou talvez àqueles dois gêmeos silurianos.

Subestimei-os bastante, não foi? Não que isso tenha agora importância. Só o tempo dirá quem o possui, Derfel, só o tempo o dirá. Aguarde que o horror surja, então nós o encontraremos. - Parecia satisfeito por esperar e enquanto esperava contou velhas histórias e ouviu outras novas, embora as vezes se arrastasse para dentro do seu quarto, que comunicava com o pátio exterior, e aí trabalhasse num feitiço qualquer, normalmente pela saúde de Morwenna. Ainda lia sinas, normalmente espalhando uma camada de cinzas frias sobre as lajes do pátio e deixando que uma vulgar cobra anelada serpenteasse através da poeira para que ele pudesse ler no seu rastro, mas eu reparei que as suas previsões eram sempre brandas e otimistas. Não sentia

prazer algum nessa tarefa. Ainda assim detinha alguns poderes, porque quando Morwenna apanhou uma febre, fez um amuleto com lã e cascas de fruto de faia, depois deu-lhe uma mistura feita de piolhos da madeira esmagados que levou a que a febre desaparecesse por completo. No entanto, quando Mordred adoecia inventava sempre feitiços que fizessem com que a doença se agravasse, embora o rei nunca tivesse enfraquecido a ponto de morrer.

- O demônio o protege - explicava Merlim, - e hoje em dia já estou muito fraco para enfrentar jovens demônios. -
Reclinou-se nas almofadas e atraiu um dos gatos para o seu colo. Sempre gostara de gatos e tínhamos muitos em *Lindinis*. Merlim era bastante feliz no palácio. Nós dois éramos amigos, ele gostava apaixonadamente de Ceinwyn e da nossa crescente família de filhas e era tratado por Gwlyddyn, Ralla e Caddwg, os seus mais antigos criados do *Tor*. Gwlyddyn e os filhos de Ralla haviam crescido com as nossas e todos se uniam contra Mordred. Na época em que o rei tinha doze anos, Ceinwyn já tinha dado à luz cinco vezes. As três meninas sobreviveram mas os dois rapazes morreram no intervalo de uma semana após o nascimento e Ceinwyn culpou o espírito maligno de Mordred pelas suas mortes.

- Ele não quer outros rapazes no palácio - disse ela com tristeza, - só meninas.

- Mordred partirá em breve - prometi-lhe, porque contava os dias que faltavam para o seu décimo quinto aniversário, idade em que seria aclamado rei.

Artur também contava os dias, embora com algum receio pois temia que Mordred destruísse tudo o que ele tinha alcançado. Naquela época, Artur vinha frequentemente a *Lindinis*. Ouvíamos o barulho de passos no pátio exterior, a porta abria-se de rompante e a sua voz ecoava pelos salões quase vazios do palácio.

- Morwenna! Seren! Dian! - Gritava ele, e as nossas três filhas de cabelos de ouro corriam ou caminhavam vacilantes para se unirem num enorme abraço e depois serem mimadas com presentes; mel num favo, pequenos pregadores ou a delicada concha em espiral de um caracol. Depois, adornado com panos artisticamente dispostos pelas minhas filhas, dirigia-se a um aposento qualquer onde estivéssemos e transmitia-nos as suas últimas notícias: uma ponte reconstruída, um tribunal aberto, encontrado um magistrado honesto, um salteador de caminhos executado; ou então uma qualquer outra história sobre um prodígio natural: uma cobra marinha vista ao largo da costa, um vitelo recém-nascido com cinco pernas ou, como certa vez, histórias de um malabarista que comia fogo. - Como está o rei? - perguntava ele quando estes prodígios já haviam sido contados inúmeras vezes.

- O rei cresce - respondia sempre Ceinwyn com malícia e Artur nada mais perguntava.

Ele nos dava notícias de Guinevere, que eram sempre boas, embora tanto eu como Ceinwyn suspeitássemos que o seu entusiasmo ocultasse uma estranha solidão.

Nunca estava sozinho, mas acho que ele jamais encontrou a alma gêmea que tanto desejava. Outrora Guinevere estivera tão apaixonadamente interessada nos assuntos de governo como Artur, mas gradualmente foi dirigindo as suas energias para a adoração de Ísis. Artur, que sempre se sentira desconfortável com o fervor religioso, fingia estar interessado nessa deusa, mas na verdade acho que ele pensava que Guinevere perdia tempo em busca de um poder que não existia, tal como nós outrora tínhamos desperdiçado o nosso tempo à procura do Caldeirão.

Guinevere deu-lhe um único filho. Ceinwyn dizia que ou eles dormiam separados ou então Guinevere usava uma magia feminina para evitar a concepção. Todas as aldeias tinham uma feiticeira que sabia que ervas faziam isso, tal como sabia que substâncias podiam fazer abortar uma criança ou curar uma doença. Eu sabia que Artur gostaria de ter mais filhos porque ele adorava crianças, e alguns dos seus períodos mais felizes eram quando trazia Gwydre para ficar no nosso palácio. Artur e o filho deliciavam-se com o bando travesso

de crianças desalinhas e com laços nos cabelos que descuidadamente corriam velozes por *Lindinis*, mas que evitavam sempre a presença carrancuda e congeminadora de Mordred. Gwydre brincava com as nossas três filhas e com os três rapazes de Ralla e com as duas dúzias de escravos ou criados, também crianças, que constituíam exércitos em miniatura para combates fictícios ou então adornavam com mantos de guerra emprestados os ramos de uma pequena pereira do jardim para transformá-la numa pretensa casa que imitasse as intensas emoções e os comportamentos do grande palácio. Mordred tinha os seus próprios companheiros, todos rapazes, todos filhos de escravos, que, sendo mais velhos, perambulavam mais esparçamente. Ouvíamos histórias sobre uma foice roubada de uma choupana, sobre um telhado de colmo ou uma meda de feno incendiados, sobre uma peneira rasgada ou uma cerca partida que fora acabada de colocar, e, em anos que se seguiram, sobre a garota de um pastor ou a filha de um lavrador que fora assaltada. Artur ouvia, estremecia, depois saía e ia falar com o rei, mas isso nunca fez diferença alguma.

Guinevere raramente vinha a *Lindinis* e apesar de as minhas obrigações me levarem a percorrer *Dumnónia* ao serviço de Artur, conduziam-me também ao Palácio de Inverno de *Durnovária* algumas vezes, e era aí que, com bastante freqüência, encontrava Guinevere. Ela era cordial para comigo, mas nesses tempos nós éramos todos cordiais, pois

Artur consagrara o seu grande grupo de guerreiros. A primeira vez que me falara da sua idéia fora em *Cwm Isaf*, mas agora, nos anos de paz que se seguiam à batalha próxima de Londres, ele transformava a sua corporação de lanceiros numa realidade.

Até mesmo hoje em dia, se for mencionada a Távola Redonda, alguns homens idosos se recordarão e rirão por entre dentes da antiga tentativa para refrear a rivalidade, a hostilidade e a ambição. Távola Redonda nunca foi, evidentemente, o seu nome correto, mas antes uma alcunha. O próprio Artur decidira chamar-lhe a Irmandade da Bretanha, que soava muito mais impressionante, mas nunca ninguém a designou dessa forma.

Seria recordada, se é que a recordam, como o juramento da Távola Redonda, e provavelmente esqueceram que devia trazer-nos a paz. Pobre Artur. Ele acreditava mesmo na irmandade, e se os abraços pudessem trazer a paz então um milhar de homens ainda hoje estaria vivo. Artur tentou na verdade mudar o mundo e o seu instrumento foi o amor.

A Irmandade da Bretanha devia ter sido consagrada no Palácio de Inverno em *Durnovária*, no Verão a seguir à morte de Leodegan, o pai de Guinevere, o rei exilado de *Henis Wyren*, que sucumbira a uma peste. Todavia, nesse mês de Julho, quando nos devíamos encontrar todos, a

peste surgiu de novo na *Durnovária*, e, no último momento, Artur transferiu a grande assembléia para o Palácio do Mar, que estava agora terminado e iluminava a sua colina por cima da enseada. *Lindinis* teria sido um local mais adequado aos ritos inaugurais, por ser um palácio muito maior, mas Guinevere deve ter decidido que queria exibir o seu novo lar. Não há dúvida que lhe agradava ter guerreiros bretões rudes, de cabelos longos e barbas hirsutas perambulando pelos seus corredores civilizados e pelas arcadas sombreadas. Esta beleza, parecia ela dizer-nos, é o que vocês têm de proteger, embora tivesse muito cuidado em se certificar de que poucos de nós de fato dormiam no interior da *villa* ampliada. Acampamos no exterior e, diga-se em abono da verdade, éramos mais felizes ali.

Ceinwyn foi comigo. Não estava bem, uma vez que as cerimônias decorreram pouco depois do nascimento do seu terceiro filho, um rapaz, e fora um parto difícil que terminara com o enfraquecimento desesperado de Ceinwyn e a morte da criança, mas Artur rogara-lhe que viesse. Ele queria que todos os Lordes da Bretanha estivessem presentes, e embora nenhum de *Gwynedd*, *Elmet* ou de outros reinos do Norte tivesse comparecido, muitos outros fizeram a longa viagem e quase todos os grandes homens de *Dumnónia* estavam presentes. Cuneglas de *Powys*, Meurig de *Gwent* estavam lá, o príncipe Tristão de *Kernow* atendeu ao pedido, tal como, evidentemente, Lancelot, e todos estes reis

trouxeram senhores, druidas, bispos e chefes de tribos e assim as tendas e abrigos formaram uma enorme faixa na colina do Palácio do Mar. Mordred, que ao tempo tinha nove anos de idade, foi conosco e, para descontentamento de Guinevere, foi instalado com os outros reis no interior do palácio. Merlim recusou-se comparecer. Disse que estava muito velho para tamanho disparate. Galaad foi nomeado Marechal da Irmandade, presidindo por isso com Artur e, à semelhança de Artur, acreditando com devoção em toda a idéia.

Nunca o confessei, menos ainda a Artur, mas achei tudo aquilo embaraçoso. A sua idéia era que todos jurássemos paz e amizade uns aos outros, e dessa forma sanássemos todas as nossas inimizades e nos uníssemos por juramentos que proibissem todos os membros da Irmandade da Bretanha de jamais erguerem uma lança uns contra os outros; mas até os deuses pareciam troçar desta elevada ambição, porque o dia da cerimônia despontou gelado e sombrio, embora nunca tivesse chegado a chover, circunstâncias que Artur, que estava ridiculamente otimista com tudo aquilo, declarou ser um sinal propiciador.

Para a cerimônia, que teve lugar no agradabilíssimo jardim do Palácio do Mar, disposto entre duas novas arcadas que se estendem por cima de taludes de relva em direção à enseada, não foram levadas espadas, lanças ou escudos.

Estandartes pendiam das arcadas onde dois coros cantavam música solene para conferir às cerimônias a dignidade devida. No extremo norte do jardim, próximo de uma grande porta em arco, que conduzia ao interior do palácio, fora posta uma mesa. Era uma mesa redonda, apesar de nada de significativo ter essa forma; era apenas a mesa mais cômoda de se transportar para o jardim. A mesa não era muito grande, talvez tão larga quanto o alcance dos braços abertos de um homem, mas estava, recordo-me, muito bonita. Era romana, claro, feita de uma pedra branca translúcida na qual havia sido cinzelado um cavalo notável com umas enormes asas abertas. Uma das asas tinha uma fenda afilada, mas a mesa era ainda um objeto impressionante e o cavalo alado uma maravilha. Sagramor disse jamais ter visto semelhante animal em todas as viagens que fizera, embora afirmasse existirem cavalos alados nos países misteriosos instalados algures para lá dos oceanos de areia. Sagramor casara com a sua vigorosa saxã, Malla, e era agora pai de dois rapazes.

As únicas espadas consentidas na cerimônia eram as que pertenciam aos reis e príncipes. A espada de Mordred estava pousada em cima da mesa e, entrecruzadas sobre ela, estavam as espadas de Lancelot, Meurig, Cuneglas, Galaad e Tristão. Um a um, todos demos um passo em frente, reis, príncipes, chefes de tribos e lordes, e colocamos as mãos no lugar onde as seis espadas se tocavam e prestamos o juramento de Artur, que nos comprometia relativamente à

amizade e à paz. Ceinwyn vestira roupas novas em Mordred que tinha então nove anos, depois espontou e penteou o seu cabelo na tentativa de impedir que os pêlos eriçados e encaracolados formassem uma saliência semelhante a escovas gêmeas que saíssem do seu crânio redondo. Ainda assim aparentava uma figura sem graça e coxeando do seu pé esquerdo defeituoso dispôs-se a resmungar o juramento. Admito que o momento em que coloquei a minha mão sobre as seis espadas foi bastante solene; como a maior parte dos homens que aí se encontravam, era meu desígnio cumprir o juramento, que se destinava, evidentemente, apenas aos homens, uma vez que Artur não considerara este um assunto de mulheres, embora muitas permanecessem de pé no terraço por cima da porta em arco para testemunhar a longa cerimônia. Também foi uma longa cerimônia. Inicialmente, Artur tivera a intenção de restringir os membros da sua Irmandade apenas aos guerreiros com juramento prestado que haviam pelejado contra os Saxões, mas agora alargava o seu âmbito de modo a incluir todos os homens notáveis que conseguisse atrair para o palácio. Quando os juramentos chegaram ao fim, fez o seu próprio juramento e depois deteve-se no terraço e disse-nos que o compromisso que solenemente havíamos acabado de declarar era tão sagrado como todos os que anteriormente havíamos feito, que havíamos prometido paz para a Bretanha e que se algum de nós quebrasse essa paz era então dever

solene de todos os membros da Irmandade punir o transgressor. Depois ordenou que nos abraçássemos, após o que, bem entendido, começamos a beber.

A solenidade do dia não terminou quando a bebida teve início. Artur estivera observando cuidadosamente os homens que evitavam os abraços de outros homens, e depois, grupo por grupo, as almas recalcitrantes foram mandadas chamar ao grande salão do palácio, onde Artur insistiu que deviam reconciliar-se. O próprio Artur deu o exemplo ao abraçar primeiro Sansum e depois Melwas, o rei belga destronado e que Artur exilara em *Isca*. Melwas aceitou com pouca vontade ao beijo de paz, mas um mês mais tarde morreu depois de ter comido ostras estragadas. O destino, como Merlim adorava dizer-nos, é inexorável.

As reconciliações mais íntimas atrasaram inevitavelmente o início do banquete, que iria ter lugar no grande salão onde Artur iria reunir os inimigos. Deste modo foi trazido mais hidromel para o jardim onde os guerreiros enfadados aguardavam e tentavam adivinhar quais de entre eles seriam os seguintes a serem chamados para selar a paz de Artur. Eu sabia que seria chamado, porque evitara cautelosamente Lancelot durante toda a cerimônia, e de fato Hygwydd, o laçao de Artur, encontrou-me e insistiu para que eu fosse para o grande salão onde, tal como eu temia, Lancelot e os seus cortesãos me aguardavam. Artur convencera Ceinwyn

a assistir e, para lhe proporcionar algum conforto acrescido, pedira ao irmão dela para estar presente. Permanecemos os três de pé num dos lados do salão, Lancelot e os seus homens no outro lado, enquanto Artur, Galaad e Guinevere assumiam a presidência do estrado onde a mesa principal estava pronta para o grande festim. Artur sorriu-nos, irradiando alegria.

- Tenho nesta sala alguns dos meus mais queridos amigos. O rei Cuneglas, o melhor aliado que qualquer homem pode ter em tempo de guerra ou de paz, o rei Lancelot, a quem estou ligado como a um irmão, Lorde Derfel Cadarn, o mais corajoso dos meus valentes homens, e a querida princesa Ceinwyn.

Ele sorriu.

Mantive-me de pé tão embaraçado como um espantalho num campo de ervilhas.

Ceinwyn estava graciosa, Cuneglas fixava o olhar no teto pintado do salão, Lancelot franzia o sobrolho, Amhar e Loholt tentaram parecer beligerantes, enquanto Dinas e Lavaine nada mostravam para além de satisfação nos seus rostos severos. Guinevere observou-nos cuidadosamente e o seu atraente rosto nada traiu, embora eu suspeitasse que ela sentisse tanto desdém como Dinas e Lavaine por esta

cerimônia inventiva, tão cara ao seu marido. Artur desejava fervorosamente a paz, e apenas ele e Galaad pareciam não estar incomodados com a situação.

Como nenhum de nós falasse Artur abriu os braços e desceu do palanque.

- Exijo que a inimizade que existe entre vocês seja agora revelada, revelada por uma vez e depois esquecida.

Voltou a aguardar. Arrastei os pés e Cuneglas deu um puxão nos seus longos bigodes.

- Por favor - disse Artur.

Ceinwyn encolheu um pouco os ombros.

- Lamento - disse ela - o dano que causei ao rei Lancelot.

Artur, encantado por o gelo se ter quebrado, sorriu para o rei belga.

- Meu Rei e Senhor? - Convidou Lancelot a responder. - Vai perdoá-la?

Lancelot, que nesse dia estava todo de branco vestido, lançou-lhe um olhar rápido, depois fez uma vênia.

- Significa isso perdão? - resmunguei.

Lancelot ruborizou, mas conseguiu aceder às expectativas de Artur.

- Não tenho qualquer mágoa com a princesa Ceinwyn - disse ele de forma hirta.

- Pronto! - Artur estava deliciado com as palavras reticentes e abriu de novo os braços convidando os dois a aproximarem-se. – Se abracem. Então eu terei paz!

Ambos deram um passo em frente, beijaram-se na face e recuaram. O gesto foi quase tão caloroso como a noite estrelada em que esperamos pelo Caldeirão nos rochedos junto a *Llyn Cerrig Bach*, mas agradou a Artur.

- Derfel, - ele olhou para mim, - não vai abraçar o rei?

Fiquei empedernido devido ao conflito.

- Eu o beijarei, Senhor - disse eu - quando os seus druidas retirarem as ameaças que fizeram contra a princesa Ceinwyn.

Reinou o silêncio. Guinevere suspirou e bateu com um pé nos mosaicos do estrado, os mesmos mosaicos que retirara de *Lindinis*. Estava, como sempre, soberba.

Trajava um vestido preto, talvez em reconhecimento pela solenidade do dia, ornamentado com dúzias de pequenas

luas de prata em quarto crescente. O seu cabelo ruivo fora domado em tranças que ela enrolara junto ao crânio e mantidas seguras por dois ganchos de ouro em forma de dragões. Em volta do pescoço trazia o bárbaro colar saxão em ouro que Artur lhe enviara após a batalha há muito travada contra os saxões de Aelle. Nessa época ela me dissera que não gostava do colar, mas ficava-lhe magnificamente. Ela pode ter desprezado os procedimentos deste dia, mas ainda assim fez o seu melhor para ajudar o marido.

- Que ameaças? - perguntou-me ela com frieza.

- Eles sabem - respondi, fitando os gêmeos.

- Não fizemos qualquer ameaça - protestou Lavaine terminantemente.

- Mas vocês podem fazer com que as estrelas desapareçam - acusei-os.

Dinas consentiu um sorriso indolente no seu rosto brutal e bonito.

- A pequena estrela de papel, Lorde Derfel? - perguntou com uma falsa surpresa.

- É esse o seu insulto?

- Foi a sua ameaça.

- Meu Senhor! - apelou Dinas para Artur. - Foi uma brincadeira de crianças. Nada significou.

Artur dirigiu o olhar de mim para os druidas.

- Joram? - perguntou.

- Pela vida de meu irmão - disse Dinas.

- E a barba de Merlim? - desafiei-os. - Ainda a têm?

Guinevere suspirou como que em sinal de enfado. Galaad franziu as sobrancelhas. Fora do palácio, as vozes dos guerreiros tornavam-se ruidosas e roucas devido ao hidromel. Lavaine olhou para Artur.

- É verdade, Senhor - disse ele com cortesia, - que nós possuíamos um fio da barba de Merlim, cortado depois de ele ter insultado o rei Cerdic. Mas pela minha vida, Senhor, nós o queimamos.

- Não lutamos com homens idosos - resmungou Dinas com maus modos, depois olhou de relance para Ceinwyn. - Nem com mulheres.

Artur sorriu satisfeito.

- Vamos, Derfel - disse ele - abrace. Terei paz entre os meus mais queridos amigos.

Ainda hesitei, mas Ceinwyn e o seu irmão impeliram-me para frente, e deste modo, pela segunda e última vez na minha vida, abracei Lancelot. Porém, agora, em vez de murmurar insultos como aconteceu no nosso primeiro abraço, não dissemos nada.

Apenas nos beijamos e com um passo nos separamos.

- Existirá paz entre vocês - insistiu Artur.

- Juro, Senhor - respondi rigidamente.

- Não tenho qualquer disputa - respondeu Lancelot tão friamente como eu.

Artur teria de se contentar com a nossa reconciliação grosseira e deixou escapar um longo suspiro de alívio como se a parte mais difícil do seu dia estivesse agora concluída; depois, abraçou-nos antes de insistir para que Guinevere, Galaad, Ceinwyn e Cuneglas se aproximassem e se beijassem.

A nossa provação terminara. As últimas vítimas de Artur eram a sua própria mulher e Mordred e a isso eu não queria assistir, por isso conduzi Ceinwyn para fora da sala. O irmão

dela, a pedido de Artur, permaneceu, e nós ficamos sozinhos.

- Perdoe-me aquilo - disse-lhe eu.

Ceinwyn encolheu os ombros.

- Foi uma provação inevitável.

- Continuo a não confiar no patife - disse eu por vingança.

Ela sorriu.

- Você, Derfel Cadarn, é um valente guerreiro e ele é Lancelot. Terá o lobo receio da lebre?

- Receia a serpente - disse eu melancólico. Não tinha vontade de enfrentar os meus amigos e lhes descrever a minha reconciliação com Lancelot, por isso conduzi Ceinwyn pelas graciosas salas do Palácio do Mar com as suas paredes com colunas, chãos decorados e pesados candeeiros de bronze que pendiam de longas correntes de ferro presas nos tetos pintados com cenas de caça. Ceinwyn achou o palácio magnífico, mas também frio.

- É mesmo típico dos Romanos - disse ela.

- É mesmo típico de Guinevere - devolvi o sarcasmo.

Encontramos um lance de escadas que descia para cozinhas afadigadas e depois para uma porta que abria sobre os jardins dos fundos onde frutos e ervas cresciam em canteiros bem arranjados.

- Não creio - disse eu quando saímos para o exterior - que esta Irmandade da Bretanha consiga alcançar alguma coisa.

- Alcançará disse Ceinwyn se um número razoável de vocês levar o juramento a sério.

- Talvez. - Detive-me de repente embaraçado, pois à minha frente, acabando de se endireitar depois de ter estado debruçada sobre um canteiro de salsa, estava Gwenhwyvach, a irmã mais nova de Guinevere.

Ceinwyn cumprimentou-a feliz. Esquecera-me que haviam sido amigas durante os longos anos em que Guinevere e Gwenhwyvach estiveram exiladas em *Powys*, e depois de se beijarem Ceinwyn trouxe Gwenhwyvach até mim. Pensei que ela pudesse estar ressentida por me ter negado a desposá-la, mas não pareceu carregar qualquer rancor.

- Tornei-me a jardineira de minha irmã - disse-me ela.

- Certamente que não, Senhora? - respondi.

- A nomeação não é oficial - disse ela secamente - nem os

meus elevados ofícios de chefe dos camareiros ou de chefe de caçadas, mas alguém tem de desempenhar a tarefa, e quando o nosso pai morreu obrigou Guinevere a prometer que olharia por mim.

- Lamentei o que aconteceu ao seu pai - disse Ceinwyn.

Gwenhwyvach encolheu os ombros.

- Apenas foi ficando cada vez mais magro até desaparecer. - A própria Gwenhwyvach não tinha emagrecido, na verdade ela agora estava obesa, uma mulher de cara redonda e vermelha que, no seu vestido manchado de terra e no avental branco emporcalhado, mais se assemelhava à mulher de um camponês do que a uma princesa. -

Eu vivo ali - disse ela, gesticulando em direção a um sólido edifício de madeira que se erguia a uma centena de passos do palácio. - Minha irmã consente que eu faça o meu trabalho todos os dias, mas à tardinha esperam que permaneça cautelosamente longe das vistas. Nada com mau aspecto, entendem, pode desfigurar o Palácio do Mar.

- Senhora! - protestei pela sua autodepreciação.

Gwenhwyvach acenou-me para que me calasse.

- Sou feliz - disse ela tristemente. - Dou grandes passeios

com os cães e falo com as abelhas.

- Venha para *Lindinis* - rogou-lhe Ceinwyn.

- Tal nunca seria consentido! - afirmou Gwenhwyvach pretensamente chocada.

- Porque não? - perguntou Ceinwyn. - Temos aposentos disponíveis. Por favor.

Gwenhwyvach sorriu dissimuladamente.

- Eu sei demais, Ceinwyn, é por isso. Sei quem vem e quem fica e o que fazem. -

Nenhum de nós desejou aprofundar aquelas insinuações, por isso nos mantivemos em silêncio, mas Gwenhwyvach tinha necessidade de falar. Devia sentir-se só e Ceinwyn era um rosto amigo e querido do passado. De repente, Gwenhwyvach atirou para o chão as ervas que acabara de cortar e apressou-se a levar-nos pelo interior do palácio. - Deixem-me mostrar-lhes.

- Tenho certeza que não necessitamos ver - disse Ceinwyn, receando o que quer que estivesse prestes a ser revelado.

- Você pode ver - disse Gwenhwyvach para Ceinwyn, - mas Derfel não pode. Ou não deveria. Os homens não devem

entrar no templo.

Levara-nos até uma porta que ficava ao fundo de alguns degraus em tijolo que, conforme vimos quando ela a puxou para abrir, dava para uma enorme adega por baixo do chão do palácio, suportada por enormes arcos em tijolo romano.

- Aqui guardam vinho - disse Gwenthwyvach, justificando os frascos e os odres dispostos em grades nas prateleiras.

Havia deixado a porta aberta para que alguns raios da luz do dia penetrassem o escuro e poeirento labirinto de arcos. -

Por aqui - disse ela, e desapareceu por entre alguns pilares à nossa direita.

Seguimos mais devagar, tateando com tanto mais cuidado quanto mais nos afastávamos da luz do dia que passava pela porta da adega. Ouvimos Gwenthwyvach levantar uma tranca, depois uma lufada de ar frio bafejou-nos assim que ela puxou uma enorme porta, abrindo-a.

- Este é um templo de Ísis? - perguntei-lhe.

- Ouviram falar dele? - Gwenthwyvach pareceu desiludida.

- Guinevere mostrou-me o seu templo em *Durnovária* - respondi - há uns anos atrás.

- Não lhe mostraria este - disse Gwenthwyvach, e então

afastou as grossas cortinas pretas penduradas no interior do templo, alguns metros depois das portas do templo para que Ceinwyn e eu pudéssemos arregalar os olhos para o relicário privado de Guinevere. Com receio da ira da irmã, Gwenhwyvach não me deixou passar além do pequeno *hall* de entrada que ficava entre a porta e as grossas cortinas, mas permitiu que Ceinwyn descesse dois degraus para o interior da comprida sala, cujo chão era em pedra preta polida, as paredes e o teto em abóbada pintados com pez, e onde se encontrava um estrado de pedra preta com um trono também de pedra preta, por trás do qual havia outra cortina preta. Diante do baixo estrado havia um poço com pouca profundidade que, sabia eu, era cheio de água durante as cerimônias de Ísis. Na verdade, o templo era quase igual ao que Guinevere me mostrara tantos anos antes, e muito parecido com o santuário abandonado que havíamos descoberto no palácio de *Lindinis*. A única diferença, além de esta adegas ser maior e mais baixa do que os dois templos anteriores, era que aqui a luz do dia podia penetrar, pois havia um enorme buraco no teto abobadado por cima do poço pouco profundo. - Ali em cima há uma parede - sussurrou Gwenhwyvach, apontando na direção do buraco, mais alta do que um homem. - Por isso é que o luar pode passar através de uma clarabóia até ao poço, mas ninguém consegue ver nada através dela cá

para baixo. Inteligente, não é?

A existência da clarabóia sugeria que a adega tinha de terminar por baixo da zona lateral do jardim do palácio e Gwenthwyvach confirmou-o.

- Costumava haver aqui uma entrada - disse ela, apontando para uma linha recortada no tijolo trabalhado coberto de pez que se prolongava até ao templo, - para que os mantimentos pudessem ser transportados diretamente para a cave, mas Guinevere alongou o arco, vêem? E ocultou-o com turfa.

Não parecia haver nada excessivamente sinistro no templo além da sua escuridão malevolente, pois não existia qualquer ídolo, fogueira sacrificial ou altar. E se alguma coisa havia, desiludia, pois a cave abobadada nada tinha da magnificência dos aposentos superiores. Tinha uma aparência enganadora, até um pouco suja. Os Romanos, pensei, teriam sabido arranjar e preparar este aposento para a deusa, mas o resultado dos esforços de Guinevere tinha sido simplesmente transformar uma adega de tijolo numa cave escura, apesar do trono baixo feito de um único bloco de pedra preta e que era, presumi, o mesmo trono que eu vira em *Durnovária*, ser bastante impressionante. Gwenthwyvach passou pelo trono e afastou para o lado a cortina preta para que Ceinwyn pudesse acompanhá-la. Permaneceram durante muito tempo por trás da cortina, mas quando deixamos as caves Ceinwyn disse-me que aí não havia muito para ver.

- Era apenas um quartinho preto - disse-me - com uma grande cama e muitos excrementos de rato

- Uma cama? - perguntei desconfiado.

- Uma cama de sonho - disse Ceinwyn com firmeza, - igual à que costumava estar no meio da torre de Merlin.

- Era tudo o que havia? - perguntei, ainda desconfiado.

Ceinwyn encolheu os ombros.

- Gwenthwyvach tentou sugerir que era usada para outros fins - disse ela de forma recriminadora, - mas não tinha provas, e finalmente admitiu que a irmã dormia nela para receber sonhos. - Sorriu com tristeza. - Acho que a pobre Gwenthwyvach não está no seu perfeito juízo. Ela pensa que um dia Lancelot voltará para ela.

- Ela acredita em quê? - perguntei estupefato.

- Está apaixonada por ele, pobre mulher - disse Ceinwyn. - Havíamos tentado convencer Gwenthwyvach a juntar-se a nós durante as cerimônias no jardim da frente, mas ela recusara. Confiara-nos que não seria bem-vinda e por isso teria de se retirar rapidamente, lançando espreitadelas rápidas para a esquerda e para a direita. - Pobre Gwenthwyvach - disse Ceinwyn, depois riu. - É tão típico de

Guinevere, não é?

- O quê?

- Adotar uma religião tão exótica! Por que razão não venera ela os deuses da Bretanha como todos nós? Mas não, ela tinha de encontrar algo estranho e difícil. -

Suspirou, depois colocou um braço em volta do meu. -
Temos mesmo de ficar para o banquete?

Sentia-se fraca, pois ainda não recuperara completamente do último parto.

- Artur compreenderá se não formos - disse eu.

- Mas Guinevere não, - suspirou ela, - por isso é melhor eu sobreviver.

Tínhamos contornado toda a longa ala oeste do palácio, e passado a alta paliçada de madeira da clarabóia do templo, e chegávamos agora ao extremo da comprida arcada. Detive-a antes de dobrarmos a esquina e coloquei as minhas mãos nos seus ombros.

- Ceinwyn de *Powys* - disse eu, olhando o seu rosto surpreendido e belo. - Eu a amo muito.

- Eu sei - disse ela com um sorriso, depois pôs-se em pontas

de pés para me beijar antes de me conduzir alguns passos mais à frente para que pudéssemos contemplar o comprimento do maravilhoso jardim do Palácio do Mar. - Eis - disse Ceinwyn divertida - a Irmandade da Bretanha de Artur.

O jardim titubeava de homens ébrios. Havia sido mantidos afastados do banquete tempo demais e agora ofereciam uns aos outros abraços pormenorizadamente preparados e promessas floreadas de amizade eterna. Alguns dos abraços tinham-se transformado em jogos de luta que se desenrolavam furiosamente por cima dos canteiros de Guinevere. Os coros há muito que haviam abandonado as suas tentativas para entoar música solene e algumas das mulheres dos coros bebiam agora com os guerreiros. Claro que nem todos os homens estavam ébrios, mas os convidados sóbrios haviam se retirado para o terraço para protegerem as mulheres, muitas das quais eram criadas de Guinevere e entre as quais se encontrava Lunete, o meu primeiro e antigo amor. Guinevere também estava no terraço, de onde olhava estarecida para a destruição do jardim, apesar da culpa ser inteiramente sua por ter servido hidromel com uma fermentação especialmente forte, e agora pelo menos cinquenta homens divertiam-se ruidosamente nos jardins; alguns haviam arrancado estacas de flores para fingir lutas de espadas e pelo menos um homem tinha o rosto ensangüentado, enquanto outro tentava tirar um dente

que abanava, e amaldiçoava com obscenidades o irmão da Bretanha que o agredira. Qualquer outro tinha vomitado por cima da mesa redonda.

Ajudei Ceinwyn a subir para a segurança da arcada enquanto por baixo de nós a Irmandade da Bretanha praguejava, lutava e se embebedava até à inconsciência.

E foi assim, embora Igraine nunca acredite em mim, que começou a Irmandade da Bretanha de Artur, à qual os ignorantes ainda chamam a Távola Redonda.

Gostaria de dizer que o novo espírito de paz gerado pelo juramento da Távola Redonda de Artur espalhou felicidade por todo o reino, mas as pessoas mais comuns desconheciam em muito que o juramento tivesse acontecido. A maior parte das pessoas não sabia nem se importava com o que os seus senhores faziam desde que os seus campos e famílias não fossem molestados. Artur, claro, teve o juramento em grande conta. Como Ceinwyn dizia, para um homem que clamava odiar juramentos, retirava um prazer invulgar em fazê-los.

Mas pelo menos o juramento foi mantido durante aqueles anos e a Bretanha prosperou ao longo daquele período de paz. Aelle e Cerdic pelejaram pelo domínio de *Lloegyr*, e o seu conflito azedo poupou o resto da Bretanha das suas

lanças saxãs. Os reis irlandeses do oeste da Bretanha não desistiram de testar as suas armas contra os escudos britânicos, mas esses conflitos eram em pequena escala e dispersos, e a maioria de nós usufruiu de um longo período de paz. O Conselho de Mordred, do qual eu agora fazia parte, podia envolver-se com leis, impostos e disputas de terras em vez de se preocupar com inimigos.

Artur dirigia o Conselho, embora nunca tivesse se apoderado da cadeira à

cabeceira da mesa, porque esse era o trono reservado ao rei e aguardava, vazio, que Mordred chegasse à idade de ocupá-lo. Merlim era oficialmente o conselheiro-chefe do rei, mas nunca viajava para *Durnovária* e pouco disse nas poucas ocasiões em que o Conselho se reuniu em *Lindinis*. Meia dúzia de conselheiros eram guerreiros, apesar da maior parte nunca ter comparecido. Agravain dizia que esses assuntos o aborreciam, enquanto Sagramor preferia manter a fronteira saxônica em paz. Os outros conselheiros eram dois bardos conhecedores das leis e genealogias da Bretanha, dois magistrados, um mercador e dois bispos cristãos. Um dos bispos era um homem grave e de certa idade, chamado Emrys, que sucedera a Bedwin como Bispo na *Durnovária*, e o outro era Sansum.

Sansum conspirara certa vez contra Artur e quando a

conspiração foi revelada poucos homens tiveram dúvidas de que ele deveria ser degolado. Mas Sansum de alguma forma conseguiu escapar e foi posto em liberdade. Nunca aprendeu a ler nem a escrever, mas era um homem esperto e a sua ambição não tinha fim. Veio de *Gwent*, onde o seu pai fora curtidor, e tornara-se um dos sacerdotes de Tewdric, mas conseguiu verdadeira notoriedade ao celebrar o casamento de Artur com Guinevere quando ambos fugiram como desertores de *Caer Sws*. Foi recompensado por esse serviço, sendo feito bispo de *Dumnónia* e capelão de Mordred, apesar de ter perdido esta última honra após ter conspirado com Nabur e Melwas. Depois disso devia apodrecer na obscuridade como guardião do santuário do Espinheiro Sagrado, mas Sansum não conseguia suportar a obscuridade. Havia salvo Lancelot da humilhação da rejeição de Mitras, e com isso merecera o prudente reconhecimento de Guinevere, mas nem a sua amizade com Lancelot nem a sua trégua com Guinevere teriam sido suficientes para fazê-lo ascender ao Conselho de *Dumnónia*.

Alcançou essa elevação por casamento, e a mulher que desposou era Morgana, a irmã mais velha de Artur Morgana, a sacerdotisa de Merlim, a profunda conhecedora dos mistérios, a Morgana pagã. Casamento com que Sansum se libertou de todos os vestígios da sua antiga desonra e ascendeu ao mais elevado cume do poder de *Dumnónia*. Foi admitido no Conselho, feito bispo de *Lindinis* e renomeado

como capelão de Mordred, embora venturosamente a sua antipatia pelo jovem rei o mantivesse afastado do palácio de *Lindinis*. Assumiu autoridade sobre todas as igrejas no norte de *Dumnónia*, à semelhança de Emrys que dominou todas as igrejas do Sul. Para Sansum este fora um casamento resplandecente e para todos nós um assombro.

O casamento teve lugar na igreja do Espinheiro Sagrado em *Ynys Wydryn*. Artur e Guinevere ficaram em *Lindinis*, e todos nós cavalgamos juntos para o santuário no grande dia. As cerimônias tiveram início com o batismo de Morgana nas águas da lagoa de *Issa*, cujas margens estavam decoradas com canaviais. Ela abandonara a sua antiga máscara de ouro com a imagem do deus cornudo, *Cernunnos*, e em seu lugar adotara uma nova máscara ornamentada com uma cruz cristã, para marcar o dia de júbilo, em que trocara o seu habitual vestido negro por um vestido branco. Artur chorara de alegria ao ver a irmã seguir com passo incerto para a lagoa onde Sansum, com evidente ternura, apoiava as suas costas à medida que a mergulhava devagar nas águas. Um coro entoou cânticos de aleluia. Aguardamos enquanto Morgana se secava e se mudava para um vestido branco novo, depois observamo-la coxear até ao altar onde o bispo Emrys os uniu como marido e mulher.

Acho que não ficaria mais espantado se o próprio Merlim abandonasse os antigos deuses para aceitar a cruz. Claro

que para Sansum este era um duplo triunfo, porque ao desposar a irmã de Artur não só era catapultado para o Conselho real do reino, como, ao convertê-la ao cristianismo, desferia um rude golpe contra os pagãos. Alguns homens irritados acusaram-no de oportunismo, mas com toda a justiça, penso que ele amava Morgana à sua própria maneira calculista e ela, indubitavelmente, adorava-o.

Eram duas pessoas espertas unidas por ressentimentos. Sansum sempre achou que devia ocupar uma posição superior à que ocupava, enquanto Morgana, que outrora fora bela, odiava o fogo que lhe deformara o corpo e lhe transformara o rosto em algo horrível.

Estava igualmente ressentida com Nimue, pois em tempos Morgana fora a sacerdotisa de maior confiança de Merlim e a jovem Nimue usurpara-lhe esse cargo. Assim, por vingança, Morgana tornara-se a mais ardente dos cristãos. Era tão estridente nas suas declarações solenes de Cristo como sempre fora ao serviço dos antigos deuses e depois do seu casamento todo o seu formidável entusiasmo foi dirigido para a campanha missionária de Sansum.

Merlim não assistiu ao casamento, mas dele retirou algum divertimento.

- Ela sente-se só - disse-me quando soube da notícia, - e

Lorde Rato pelo menos é uma companhia. Não acha que eles se querem um ao outro, não é? Bons deuses, Derfel, se a pobre Morgana se despiisse diante de Sansum ele vomitaria! Além disso, ele não sabe como galantear. Pelo menos as mulheres.

O casamento não enterneceu Morgana. Em Sansum encontrou um homem disposto a ser guiado pelos seus conselhos argutos e cujas ambições ela conseguia apoiar com toda a sua intensa energia, mas para o resto do mundo ela continuava sendo a mulher rabugenta e amarga por trás da sinistra máscara de ouro. Ela ainda vivia em *Ynys Wydryn*, embora em vez de viver no *Tor* de Merlim habitasse agora na casa do bispo, no santuário, de onde podia ver o *Tor* com as marcas das fogueiras, onde a sua inimiga Nimue vivia.

Depois da morte de Merlim, Nimue ficou convencida de que Morgana roubara os Tesouros da Bretanha. Tanto quanto me era dado observar, essa convicção era baseada exclusivamente no ódio de Nimue por Morgana, a quem Nimue considerava a maior traidora da Bretanha. A final, Morgana era a sacerdotisa pagã que abandonara os deuses para se tornar cristã, e Nimue, em que ocasião fosse que visse Morgana, cuspiam e rogava pragas que Morgana energicamente lhe devolvia; a ameaça pagã batalhando contra a lei cristã. Nunca seriam corteses uma com a outra, até que um dia, por provocação de Nimue, confrontei

Morgana com o Caldeirão perdido. Isto aconteceu um ano depois do casamento e, apesar de agora eu ser Lorde e um dos homens mais abastados de *Dumnónia*, ainda me sentia nervoso diante de Morgana. Na minha infância, ela fora uma figura de pavorosa autoridade e aparência aterradora que governara o *Tor* com modos bruscos, e mau gênio e um bastão sempre diligente à vista do qual todos nós éramos disciplinados. Nos dias que correm, tantos anos passados, acho-a apenas alarmante.

Encontrei-a numa das novas casas de Sansum em *Ynys Wydryn*. A maior era do tamanho de um salão de festas real e era a escola onde dúzias de sacerdotes eram preparados para se tornar missionários. Esses sacerdotes iniciavam as suas lições aos seis anos de idade, eram proclamados santos aos dezesseis anos e depois enviados para os caminhos da Bretanha para conquistar conversos. Encontrei frequentemente esses homens fervorosos durante as minhas viagens. Caminhavam aos pares, carregando apenas um pequeno saco e um bastão, embora por vezes estivessem acompanhados por grupos de mulheres que pareciam ter uma curiosa atração pelos missionários. Eram destemidos. Onde quer que os encontrasse, provocavam-me sempre e desafiavam-me a negar o seu Deus, e eu admitia sempre com cortesia a sua existência, depois insistia que os meus próprios deuses também viviam, e perante tal afirmação eles rogavam-me pragas e as suas mulheres gritavam lamúrias e

berravam insultos. Certa vez, quando dois desses fanáticos amedrontaram as minhas filhas, fiz uso da coronha de uma lança e admito que a usei com muita força, porque no final da discussão havia um crânio partido e um pulso esmigalhado, e nenhum deles me pertencia. Artur insistiu para que eu fosse julgado para demonstrar que nem mesmo os dumnonianos mais privilegiados estavam acima da lei, e deste modo compareci no tribunal de *Lindinis* onde um magistrado cristão me cobrou o pagamento do osso partido em metade do meu peso em prata.

- Devia ter sido chicoteado - claro que ao ser admitido na presença de Morgana, ela recordou o incidente e disparou contra mim o seu veredicto. - Chicoteado sem dó nem piedade. Em público!

- Acho que até a senhora consideraria isso difícil neste momento, senhora - disse eu calmamente.

- Deus me concederia a força necessária - resmungou ela rispidamente por trás da sua nova máscara de ouro com a cruz cristã. Sentou-se a uma mesa coberta de pergaminhos e aparas de madeira cobertas de tinta, pois não só dirigia a escola de Sansum, como fazia o registro dos tesouros de todas as igrejas e mosteiros do norte de *Dumnónia* talhando-os. No entanto, o empreendimento que ela mais se orgulhava era a sua comunidade de mulheres santas que

cantavam e oravam no seu próprio salão onde aos homens não era permitido entrar. Conseguia ouvir a suas vozes doces cantando enquanto Morgana me olhava de cima abaixo. Era evidente que não que gostava muito do que via. - Se veio por mais dinheiro - disse ela com brusquidão - não o receberá. Pelo menos até ter pago os empréstimos que estão por saldar.

- Não tenho conhecimento de quaisquer empréstimos em dívida - disse eu serenamente.

- Besteira. - Pegou uma das aparas de madeira e leu em voz alta uma lista fictícia de empréstimos que estavam por pagar.

Deixei-a terminar, depois devagar disse-lhe que o Conselho não queria pedir dinheiro emprestado à igreja.

- E se assim fosse - acrescentei - tenho certeza que seu esposo a teria comunicado.

- E eu tenho a certeza - disse ela - que vocês pagãos do Conselho maquinam conluios nas costas dos santos. - Depois fungou. - Como está meu irmão?

- Ocupado, Senhora.

- Certamente ocupado demais para vir ver-me.

- E a senhora está ocupada demais para visitá-lo - disse eu jocosamente.

- Eu? Ir a *Durnovária*? E encarar Guinevere, aquela bruxa? - Fez o sinal da cruz, depois mergulhou a mão numa tigela com água e fez de novo o sinal. - Preferia ir para o inferno e ver o próprio Satanás do que ver a bruxa de Ísis! - Estava prestes a cuspir para afastar o demônio, depois em vez disso lembrou-se de fazer outro sinal da cruz. - Sabe que ritos Ísis exige? - perguntou-me zangada.

- Não, Senhora - disse eu.

- Obscenidades, Derfel, obscenidades! Ísis é a grande prostituta! A rameira da Babilônia. É a doutrina do Diabo, Derfel. Deitam-se juntos, homem e mulher. -

Estremeceu diante desse horrível pensamento. - Pura imundície.

- - Os homens não são admitidos no seu templo, Senhora disse eu, defendendo Guinevere - tal como não o são no seu salão das mulheres.

- Não são admitidos! - disse Morgana numa gargalhada ruidosa. - Eles vêm à

noite, idiota, e veneram a sua deusa nua e nojenta. Homem e

mulher juntos, suando como porcos! Acha que não sei? Eu, que outrora fui tamanha pecadora? Acha que conhece as crenças pagãs melhor do que eu? Digo-lhe, Derfel, eles deitam-se juntos no seu próprio suor, mulher e homem nus. Ísis e Osíris, mulher e homem, e a mulher dá vida ao homem, e como você acha que isso é feito, seu idiota? É feito pelo nojento ato da fornicção, é o que é! - Mergulhou os dedos na bacia de água e fez de novo o sinal da cruz, deixando uma gota de água benta na testa da sua máscara. - Você é um ignorante, idiota crédulo - atirou-me ela à cara bruscamente. Não prossegui a discussão. Os defensores de crenças diferentes insultavam-se sempre uns aos outros deste modo.

Muitos pagãos acusavam os cristãos de comportamentos semelhantes nos seus chamados "festivais de amor", e muitas pessoas do campo acreditavam que os cristãos raptavam, matavam e comiam crianças. - Artur também é um tolo - resmungou Morgana -

por confiar em Guinevere. - Lançou-me um olhar pouco amistoso com o seu único olho.

Então o que quer de mim, Derfel, se não é dinheiro?

- Desejo saber, Senhora, o que aconteceu na noite em que o Caldeirão desapareceu.

Ela riu disso. Era um eco das suas antigas gargalhadas, o

som cruel da gargalhada ruidosa que sempre pressagiara infortúnios no *Tor*.

- Seu pobre louco miserável - disse ela - desperdiçando o meu tempo. - E com isto regressou à sua mesa de trabalho. Aguardei enquanto ela fazia marcas nas suas varas de medição ou nas margens de pergaminhos enrolados e fingia ignorar-me. - Ainda está aí, tolo? - perguntou-me algum tempo depois.

- Ainda estou aqui, Senhora - disse eu.

Rodou o seu banco.

- Porque quer saber? Foi aquela malvada megerazinha da colina que o enviou? -

Acenou na direção da janela que dava para o *Tor*.

- Merlim pediu-me, Senhora - menti-lhe. - Ele está curioso em relação ao passado, mas a sua memória vagueia.

- Vagueará em breve para o inferno - disse ela vingativa, depois refletiu sobre a minha pergunta antes de, por fim, encolher os ombros. - Vou contar-te o que aconteceu naquela noite - disse ela finalmente - e só direi uma vez, e uma vez contado nunca mais voltará a perguntar-me.

- Uma vez é suficiente, Senhora.

Levantou-se e coxeou até à janela de onde podia avistar o *Tor*, mais acima.

- O Senhor Deus Todo-Poderoso - disse ela - o único Deus verdadeiro, o Pai de todos nós, enviou fogo dos céus. Eu estava lá, por isso sei o que aconteceu. Ele enviou o raio de luz que atingiu a cobertura de colmo do salão e a incendiou. Gritei, pois tenho boas razões para temer o fogo. Conheço o fogo. Sou uma filha do fogo. O fogo arruinou a minha vida, mas este fogo era diferente. Este era o fogo purificador de Deus, o fogo que consumiu os meus pecados. O fogo espalhou-se da cobertura de colmo até à torre e queimou tudo. Olhei aquele fogo e teria morrido nele se o abençoado santo Sansum não tivesse vindo mostrar-me a salvação. - Ela fez o sinal da cruz, depois virou-se para mim. -

Isto, tolo - disse ela com brusquidão, - foi o que aconteceu.

Então Sansum estivera no *Tor* nessa noite? - Isso era interessante, mas não fiz qualquer observação a esse respeito. Em vez disso disse gentilmente:

- O fogo não queimou o Caldeirão, Senhora. Merlim veio no dia seguinte revolveu as cinzas e não encontrou nenhum ouro.

- Idiota! - Morgana cuspiu-me através da abertura da boca da sua máscara. -

Acha que o fogo de Deus queima como as suas chamas débeis? O Caldeirão era o recipiente do mal, a influência maligna mais perniciososa na terra de Deus. Era o penico do diabo e o Senhor Deus o consumiu, Derfel, consumiu-o reduzindo-o a nada! Eu vi com este olho! - Bateu na máscara um pouco abaixo do olho são. – Eu o vi arder, e era uma fornalha viva, fervente e sibilante com um brilho intenso e ofuscante no centro do fogo, era uma chama semelhante à chama mais ardente do inferno e eu ouvi os demônios soltarem gritos penetrantes de dor enquanto o Caldeirão se transformava em fumaça.

Deus queimou-o! Queimou-o e enviou-o de novo para o inferno onde pertencia! - Fez uma pausa e pressenti que o seu rosto arruinado e macerado pelas chamas se contorcia num sorriso por trás da máscara. - Desapareceu, Derfel - disse ela numa voz mais calma, - e agora você também pode ir.

Deixei-a, deixei o santuário e subi ao Tor onde fiz recuar a comporta semiquebrada que pendia insegura do cordame de uma dobradiça. As cinzas enegrecidas do salão e da torre eram dissimuladas pela terra, e à sua volta encontravam-se as doze cabanas sujas onde Nimue e a sua gente viviam.

Essas pessoas eram os indesejados do nosso mundo, os seus estropiados e pedintes, a sua gente sem-abrigo e criaturas semiloucas que sobreviviam com a comida que Ceinwyn e eu mandávamos todas as semanas de Lindinis. Nimue dizia que a sua gente falava com os deuses, mas tudo o que deles sempre ouvi foram conversas tolas de loucos ou tristes lamentos.

- Ela nega tudo - disse eu a Nimue.

- Claro que nega.

- Ela diz que o seu Deus o queimou reduzindo-o a nada.

- O Deus dela nem um ovo conseguiria cozinhar - afirmou Nimue vingativa.

Decaíra abominavelmente com o tempo, desde que o Caldeirão desaparecera e à medida que Merlim se abandonara à sua calma idade avançada. Hoje em dia Nimue estava nojenta, nojenta e magra e quase tão louca como quando a resgatei da Ilha dos Mortos. De vez em quando estremecia, ou então o seu rosto contorcia-se em tiques incontroláveis. Há muito vendera ou jogara fora o olho de ouro, e usava agora uma pala de couro sobre a cavidade vazia. Toda e qualquer intrigante beleza que ela outrora tivesse possuído estava agora escondida por baixo da sujeira e das feridas e perdida debaixo da massa de cabelo

preto sem brilho tão untada de porcaria que até as pessoas do campo que vinham vê-la para que lhes lesse a sorte ou fizesse alguma cura, recuavam muitas vezes diante do seu cheiro pestilento. Até eu, que lhe prestara juramento e que outrora a amara, quase não conseguia ficar junto dela.

- O Caldeirão ainda vive - disse-me Nimue nesse dia.

- Merlim diz o mesmo.

- E Merlim também vive, Derfel. - Colocou uma mão de unhas roídas no meu braço. - Ele está à espera, nada mais, está poupando forças.

”À espera da sua pira funerária”, pensei, mas não disse nada. Nimue virou-se pensativa para perscrutar todo o horizonte.

- Em algum lugar por aí, Derfel o Caldeirão está escondido. E alguém está

tentando descobrir como ele funciona. - Ela riu com suavidade. - E quando conseguirem, Derfel, verá a terra ficar vermelha com o sangue. - Virou o seu único olho para mim. -

Sangue! Nesse dia o mundo vomitará sangue, Derfel, e Merlim cavalgará de novo.

Possivelmente, pensei, mas o dia estava soalheiro e *Dumnónia* estava em paz.

Era a paz de Artur, concedida pela sua espada e mantida pelos seus tribunais e valorizada pelos seus caminhos e selada pela sua Irmandade. Tudo parecia tão distante do mundo do Caldeirão e dos Tesouros desaparecidos, mas Nimue ainda acreditava na sua magia e, por ela, eu não mostraria descrença, embora nesse dia resplandecente na *Dumnónia* de Artur, me tivesse parecido que a Bretanha forjava o seu caminho das trevas para a luz, do caos para a ordem e da selvajaria para a lei. Era esse o objetivo de Artur.

Era esse o seu *Camelot*.

Mas Nimue tinha razão. O Caldeirão não estava perdido e ela, tal como Merlim, aguardava apenas o seu horror.

A nossa maior tarefa nesses anos foi preparar Mordred para o trono. Ele já era o nosso rei, pois fora aclamado ainda bebê no cume de *Caer Cadarn*, mas Artur decidira repetir a aclamação quando Mordred chegasse à idade adulta. Acho que Artur tinha esperança que algum poder místico pudesse investir Mordred de responsabilidade e sensatez na segunda aclamação, pois nada mais parecia capaz de melhorar o rapaz. Nós tentamos, os deuses sabem que tentamos, mas Mordred continuou o mesmo adolescente insociável, rancoroso e

boçal. Artur antipatizava com ele, mas permanecia obstinadamente cego em relação aos maiores erros de Mordred, uma vez que se Artur considerasse alguma religião como verdadeiramente sagrada a sua crença iria para a divindade dos reis. Chegaria o tempo em que Artur seria obrigado a encarar a verdade em relação a Mordred, mas nesses anos, sempre que o assunto sobre a aptidão de Mordred era levantado no Conselho real, Artur dizia sempre a mesma coisa. Mordred, concordava ele, era uma criança sem encantos, mas todos conhecêramos rapazes semelhantes que se haviam transformado em homens dignos e a solenidade da aclamação e as responsabilidades da realeza moderariam certamente o rapaz.

- Eu próprio não era uma criança exemplar - gostava ele de dizer, mas acho que não me transformei numa pessoa ruim. Tenha esperança no rapaz. Além disso, -

acrescentava sempre com um sorriso - Mordred será orientado por um Conselho sensato e experiente.

- Ele nomeará o seu próprio Conselho - objetava sempre um de nós, mas Artur rejeitava a questão. Tudo, assegurava-nos ele com jovialidade, seria resolvido a contento.

Guinevere não tinha tais ilusões. Na verdade, nos anos que se seguiram ao juramento da Távola Redonda, o destino de

Mordred tornou-se uma obsessão para ela.

Não comparecia ao Conselho real, pois nenhuma mulher podia fazê-lo, mas suspeito que quando ela estava em *Durnovária* escutava por trás de uma passagem em arco tapada com uma cortina que dava para a câmara do Conselho. Muito do que dizíamos deve tê-la enfadado; passávamos horas discutindo se havíamos de colocar novas pedras num vau ou se devíamos gastar dinheiro numa ponte, ou se um magistrado estava aceitando subornos ou a quem deveríamos conceder a tutela de um herdeiro ou de uma herdeira órfãos. Semelhantes assuntos eram a moeda corrente das reuniões do Conselho e estou certo que ela os achava entediantes, mas quão avidamente teria ela escutado quando falávamos de Mordred.

Guinevere mal conhecia Mordred, mas odiava-o, porque ele era rei e Artur não, e um após outro ela tentou converter os conselheiros reais ao seu próprio ponto de vista.

Ela até era agradável comigo, pois suspeito que examinava a minha alma e sabia que secretamente eu concordava com ela. Após a primeira reunião do Conselho que se seguiu ao juramento da Távola Redonda agarrou-me pelo braço e acompanhou-me ao mosteiro de *Durnovária*, que estava envolto pelo fumaça das ervas que estavam sendo queimadas em braseiros para evitar o regresso da peste.

Talvez fosse a fumaça inebriante o que me entontecia, mas era mais provável que fosse a proximidade de Guinevere. Ela exalava um perfume intenso, a sua cabeleira ruiva e farta estava revolta, o seu corpo reto e delgado, e o seu rosto de ossos delicadamente esculpidos e cheio de personalidade. Disse-lhe que lamentava a morte de seu pai.

- Pobre pai - disse ela. - Tudo com que sempre sonhou foi regressar a *Henis Wyren*. - Fez uma pausa, e interroguei-me se ela havia reprovado Artur por não se esforçar mais para desalojar Diwrnach. Duvido que Guinevere alguma vez tenha querido rever a costa selvagem de *Henis Wyren*, mas o seu pai sempre quisera regressar às propriedades dos seus antepassados. - Nunca me falou da sua visita a *Henis Wyren*

- disse Guinevere repreensiva. - Soube que encontrou Diwrnach?

- E faço votos de não voltar a encontrá-lo, Senhora.

Ela encolheu os ombros.

- Por vezes, num rei, a reputação de selvajaria pode ser útil.

Interrogou-me sobre o estado de *Henis Wyren*, mas pressenti que ela não estava verdadeiramente interessada nas minhas respostas, mesmo quando me perguntou como

estava Ceinwyn.

- Bem, Senhora - respondi, - obrigado.

- Grávida de novo? - perguntou-me num divertimento moderado.

- Achamos que sim, Senhora.

- Quão ocupados vocês dois se mantêm, Derfel - disse ela numa gentil zombaria.

O seu incômodo em relação a Ceinwyn esmorecera com o passar dos anos, apesar de nunca terem se tornado amigas. Guinevere arrancou uma folha de um loureiro que crescia numa urna romana decorada com ninfas nuas e esfregou a folha entre os dedos. -

E como está o nosso Rei e Senhor? - perguntou ela irritada.

- Perturbador, Senhora.

- Ele está pronto para ser rei?

Isto era típico de Guinevere; uma pergunta direta, brutal e honesta.

- Nasceu para isso, Senhora - disse-lhe defensivamente, - e nós prestamos o juramento para que isso acontecesse.

Ela deixou escapar uma gargalhada ridícula. As suas sandálias com cordões em ouro bateram nas lajes e um colar de ouro com pérolas penduradas tiniu no seu pescoço.

- Há muitos anos atrás, Derfel - disse ela, - você e eu falamos sobre isto e você

me disse que, de todos os homens de *Dumnónia*, Artur era o mais apto para ser rei.

- Disse - admiti.

- E acha que Mordred é mais apto?

- Não, Senhora.

- Então? - Virou-se para me observar. Poucas mulheres conseguiam olhar-me diretamente nos olhos, mas Guinevere era capaz de fazê-lo. - Então? - perguntou-me de novo.

- Então eu prestei um juramento, Senhora, tal como seu esposo.

- Juramentos! - disse com rispidez, libertando-me o braço. - Artur prestou um juramento para matar Aelle, e porém Aelle vive. Prestou um juramento para reconquistar *Henis Wyren*, porém Diwrnach ainda a governa. Juramentos! Vocês, homens, escondem-

se por trás de juramentos como os criados por trás da estupidez, mas quando um juramento se torna inconveniente se esquecem dele sem demora. Acha que seu juramento com Uther não pode ser esquecido?

- O meu juramento é com o príncipe Artur - afirmei atento, como sempre fazia, para tratar Artur por príncipe diante de Guinevere. - Deseja que esqueça esse juramento?

- De você, Derfel, desejo que o faça chegar à razão - disse ela. - Ele o escuta.

- Ele a escuta, Senhora.

- Não em relação à questão de Mordred - disse ela. - Nos outros assuntos, é

possível, mas não em relação a este. - Estremeceu, talvez por se lembrar do abraço que fora forçada a dar em Mordred no Palácio do Mar, depois irritada amassou a folha de louro e atirou-a longe. Em poucos minutos, eu sabia, um criado a varreria em silêncio. O

palácio de Inverno de *Durnovária* estava sempre tão cuidado, enquanto o nosso palácio em *Lindinis* estava tão em desordem com crianças constantemente precisando ser arranjadas e a ala de Mordred como uma estrumeira. - Artur, - insistia agora Guinevere -

é o mais velho dos filhos de Uther que ainda vivem. Devia ser rei.

”E assim devia ser”, pensei, mas todos nós prestáramos juramentos para colocar Mordred no trono e haviam perecido homens no Vale do *Lugg* para defender esse juramento. Em tempos, os deuses me perdoem, apenas desejei que Mordred morresse e assim o nosso problema ficaria resolvido, mas apesar do seu pé defeituoso e dos maus presságios do seu nascimento, parecia abençoado com uma saúde de ferro. Olhei os olhos verdes de Guinevere.

- Recordo-me, Senhora - disse eu cautelosamente - como há anos atrás me levou por aquela porta - apontei para uma baixa passagem em arco que conduzia ao exterior do claustro - e me mostrou seu templo de Ísis.

- Assim fiz. E então? - Ela estava defensiva, talvez se arrependesse desse momento de intimidade. Nesse dia distante ela tentara me fazer seu aliado na mesma causa que a impelira a tomar o meu braço e a trazer-me para este claustro. Queria que Mordred fosse destruído para que Artur pudesse governar.

- Me mostrou o trono de Ísis - afirmei, com cuidado para não revelar que vira de novo aquela cadeira preta no Palácio do Mar - e havia me dito que Ísis era a deusa que determinava o

homem que devia sentar-se no trono do reino. Não é assim?

- É um dos seus poderes, sim - disse Guinevere descuidadamente.

- Então deve rezar à deusa, Senhora - disse eu.

- Acha que não faço isso, Derfel? – me perguntou. - Acha que não tenho fatigado os seus ouvidos com as minhas preces? Quero que Artur seja rei, e que Gwydre o seja depois dele, mas não podemos forçar um homem a subir ao trono. Artur tem de desejar antes que Ísis torne isso possível.

Esta me pareceu uma débil defesa. Se Ísis não conseguia modificar a idéia de Artur, como podíamos nós, simples mortais esperar mudá-la? Tentáramos muitas vezes, mas Artur se recusava a discutir o assunto, tal como Guinevere desistiu da nossa conversa no pátio quando percebeu que eu não podia ser convencido a juntar-me à sua campanha para substituir Mordred por Artur.

Eu queria Artur como Rei, mas apenas uma vez em todos esses anos contrariei as suas brandas certezas e lhe falei seriamente sobre os seus próprios direitos à realeza, e essa conversa não ocorreu senão cinco anos completados sobre o juramento da Távola Redonda. Foi durante o Verão anterior ao ano em que Mordred seria aclamado Rei, e por

essa altura os sussurros de hostilidade haviam se transformado num grito ensurdecedor.

Apenas os Cristãos apoiavam o direito de Mordred, e mesmo esses o faziam com relutância; mas era sabido que a sua mãe fora cristã e que a própria criança fora batizada e isso era suficiente para convencer os cristãos de que Mordred podia atender as suas ambições. Todos os demais habitantes de *Dumnónia* olhavam para Artur para que este os salvasse do rapaz, mas Artur ignorava-os serenamente. Nesse Verão, como já

aprendêramos a contar as rotações do Sol, sabíamos que tinham passado quatrocentos e noventa e cinco anos sobre o nascimento de Cristo e o tempo estava bonito e soalheiro.

Artur estava no auge dos seus poderes, o próprio Merlim demorava-se ao Sol no nosso jardim, com as minhas três filhinhas clamando por histórias; Ceinwyn estava feliz, Guinevere estendera-se ao sol no seu novo e belo Palácio do Mar com as suas arcadas e galerias e o seu escuro templo escondido, Lancelot parecia satisfeito no seu reino junto ao mar, os Saxões pelejavam entre si, e *Dumnónia* estava em paz. Foi também, tanto quanto me recordo, um Verão de grande tormento.

Pois foi o Verão de Tristão e Isolda.

Kernow é o reino bárbaro que, como uma lapa, se fixou no extremo oeste de *Dumnónia*. Os Romanos deslocaram-se até aí, mas poucos se instalaram nessas terras áridas e quando deixaram a Bretanha o povo de *Kernow* prosseguiu as suas vidas como se os invasores nunca tivessem existido.

Lavraram pequenos campos, pescaram em mares revoltos e abriram minas de precioso estanho. Viajar em *Kernow*, haviam-me dito, era ver como a Bretanha fora antes da vinda dos Romanos, apesar de eu nunca ter ido lá, nem mesmo Artur.

Pois tanto quanto me recordava, *Kernow* fora governado pelo rei Mark. Raras vezes nos importunou, embora de vez em quando normalmente quando *Dumnónia* estava enrolada com um inimigo maior para Leste ele decidisse que algumas das nossas terras a Oeste devessem pertencer-lhe e então seguia-se uma breve contenda fronteiriça e súbitas incursões selvagens na nossa costa por esquadilhas marítimas vindas de *Kernow*. Sempre vencemos essas guerras, como podia ser de outro modo? *Dumnónia* era grande e *Kernow* um reino pequeno, e quando as guerras terminavam Mark enviava um mensageiro dizendo que tudo não passara de um acidente. Durante algum tempo no início do reinado de Artur, quando Cadwy de *Isca* se rebelara contra *Dumnónia*, Mark capturara algumas porções da nossa região em frente da sua fronteira, mas Culhwuch terminou essa rebelião e quando Artur enviou a cabeça de

Cadwy a Mark como oferenda, os lanceiros de *Kernow* recuaram em silêncio para as suas antigas praças fortes.

Semelhantes querelas eram raras, pois as mais famosas campanhas do rei Mark eram conduzidas na sua cama. Ele era conhecido pelo número de esposas que tinha, mas enquanto outros homens como ele podiam manter várias mulheres ao mesmo tempo, Mark desposara-as umas a seguir às outras. Elas morriam com uma regularidade terrível, quase sempre, segundo parecia, apenas quatro anos após a cerimônia do casamento ter sido realizada por druidas de *Kernow*, e embora Mark sempre tivesse tido uma explicação para as mortes talvez uma febre, ou um acidente, ou um parto difícil a maioria de nós suspeitava que era o aborrecimento do rei que estava por trás das piras funerárias que queimavam os cadáveres das rainhas em *Caer Dore*, a praça forte do rei. A sétima esposa que falecera havia sido lalle, a sobrinha de Artur, e Mark enviara um mensageiro com uma triste história sobre cogumelos comestíveis, uma variedade de cogumelos venenosos e o insaciável apetite de lalle. Enviara ainda uma albarda cheia de lingotes de estanho e ossos de baleia para minimizar qualquer possibilidade de Artur se encolerizar.

As mortes das esposas nunca pareceram evitar que outras princesas se atrevessem a atravessar o mar para partilhar o leito de Mark. Talvez fosse melhor ser rainha em *Kernow*,

ainda que por pouco tempo, do que aguardar nos aposentos das mulheres por um pretendente que podia nunca chegar, e ademais, as explicações para as mortes sempre haviam sido plausíveis. Eram apenas acidentes.

Após a morte de lalle, durante muito tempo não houve novo casamento. Mark estava ficando velho e os homens pensaram que ele tinha abandonado o divertimento do casamento. Foi então que, nesse belo Verão do ano anterior à ascensão de Mordred ao poder de *Dumnónia*, o idoso rei Mark voltou na verdade a escolher uma esposa. Era ela a filha do nosso velho aliado, Oengus Mac Airem, o rei irlandês de *Demétia* que nos entregara a vitória no Vale do *Lugg*, e por isso Artur perdoara a Oengus uma miríade de violações de propriedade que ainda vexavam a região de Cuneglas. Os Escudos Negros, temíveis guerreiros de Oengus, faziam consecutivos ataques súbitos a *Powys*, bem como ao que fora *Silúria*, e ao longo de todos esses anos Cuneglas foi forçado a manter dispendiosos grupos de guerra na sua fronteira oeste. Oengus sempre negou qualquer responsabilidade por esses ataques súbitos, dizendo que os seus chefes eram ingovernáveis e prometendo que deceparia algumas cabeças, mas as cabeças continuaram intactas e em todas as épocas das colheitas os famintos Escudos Negros voltavam a *Powys*. Artur enviou alguns dos nossos jovens lanceiros para adquirirem a experiência da batalha nessas guerras de colheitas que nos

concederam a chance de treinar guerreiros que não pertenciam a esta raça e manter desabridos os instintos dos homens mais velhos. Cuneglas queria liquidar *Demétia* de uma vez por todas, mas Artur gostava de Oengus e argumentava que as suas depredações valiam a experiência que ele concedia aos nossos lanceiros. Deste modo os Escudos Negros sobreviveram.

O casamento do velho rei Mark com a sua jovem noiva de *Demétia* era uma aliança de dois pequenos reinos que não importunavam ninguém, e aliás, ninguém acreditava que Mark havia desposado a princesa por uma qualquer vantagem política.

Desposou-a apenas porque tinha um insaciável apetite por carne fresca de sangue real.

Estava então próximo dos sessenta anos, o seu filho Tristão tinha quase quarenta e Isolda, a nova rainha, tinha apenas quinze.

A atribulação teve início quando Culhwuch nos enviou uma mensagem dizendo que Tristão chegara a *Isca* com a noiva de seu pai, uma criança ainda. Depois de Melwas ter morrido por causa de uma indigestão de ostras, Culhwuch fora nomeado governador da província oeste de *Dumnónia* e a sua mensagem comunicava que Tristão e Isolda eram

fugitivos do rei Mark. O próprio Culhwuch estava mais divertido do que perturbado com a sua chegada porque ele, tal como eu, lutara ao lado de Tristão no Vale do *Lugg* e próximo de Londres e gostava do príncipe. ”Pelo menos esta noiva viverá”, escrevera o escriba de Culhwuch ao Conselho, ”e merece-o. Concedi-lhes um velho castelo e uma guarda de lanceiros.” A mensagem continuou descrevendo um ataque súbito de piratas irlandeses do outro lado do mar e terminou com o habitual pedido de Culhwuch de uma redução dos impostos e com um aviso, também muito comum, de que as colheitas eram parcas. Em poucas palavras, era um lugar comum enviar minudências para alertar as apreensões do Conselho, pois todos sabíamos que as colheitas eram abundantes e que Culhwuch se posicionava para a sua acostumada disputa por causa dos impostos.

Quanto a Tristão e a Isolda, a sua história era um mero divertimento e nenhum de nós viu aí qualquer perigo. Os escrivães de Artur arquivaram a mensagem e o Conselho prosseguiu para discutir o pedido de Sansum para que o Conselho construísse uma grande igreja onde seriam celebrados os quinhentos anos do nascimento de Cristo. Eu insurji-me contra a proposta, o bispo Sansum barafustou e berrou e disse encolerizado que a igreja era necessária para que o mundo não fosse destruído pelo Diabo, e esta animada contenda manteve o Conselho ocupado até à

refeição do meio-dia ser servida no pátio do palácio.

Essa reunião teve lugar em *Durnovária* e, como habitualmente, Guinevere viera do seu Palácio do Mar para estar na cidade quando o Conselho se reunisse e juntar-se a nós na refeição do meio-dia. Sentou-se ao lado de Artur e, como sempre, a sua proximidade deu-lhe uma felicidade entusiasta. Ele tinha tanto orgulho nela. O casamento devia ter-lhe causado dissabores, sobretudo quanto ao número de filhos, mas era evidente que ele ainda estava apaixonado por ela. Todo o olhar que ele lhe lançava era uma proclamação da sua incredulidade pelo fato de semelhante mulher o ter desposado, e nunca ocorreu a Artur que fosse ele a recompensa, que fosse ele o governante capaz e o homem bom. Adorava-a, e nesse dia, enquanto comíamos fruta, pão e queijo sob um Sol quente, foi fácil ver porquê. Ela conseguia ser espirituosa e mordaz, divertida e sensata, e a sua aparência ainda dominava as atenções. Os anos pareciam não tocar em Guinevere. A sua pele era tão alva como leite e os seus olhos não tinham sequer uma das rugas finas que mostravam os de Ceinwyn, parecia, de fato, que ela não envelhecera um único momento desde o dia distante em que Artur a vislumbrara pela primeira vez no castelo superlotado de Gorfyddyd. Penso que ainda assim, sempre que Artur regressava a casa de qualquer longa viagem pelo reino de Mordred, e ao seu serviço, sentia a mesma felicidade ao ver Guinevere, que sentira naquele mesmo

primeiro dia. E

Guinevere sabia como mantê-lo fascinado, permanecendo sempre um misterioso passo à

frente dele e deste modo mergulhando Artur cada vez mais fundo na sua paixão. Era, presumo, uma receita para o amor.

Mordred estava conosco nesse dia. Artur insistira para que o rei começasse a assistir ao Conselho antes de ser aclamado e deter plenos poderes, e encorajava sempre Mordred a tomar parte nas nossas discussões. Mas o único contributo de Mordred era sentar-se raspando a sujeira que tinha por baixo das unhas ou então bocejar quando os assuntos enfadonhos se arrastavam. Artur tinha esperança que, ao assistir ao Conselho, ele aprendesse a ser responsável, mas eu temi que com isso o rei apenas aprendesse a evitar os detalhes de governo. Nesse dia sentou-se, como devia, no centro da mesa das refeições e não mostrou qualquer interesse pela história do bispo Emrys sobre uma nascente que milagrosamente aparecera quando um sacerdote abençoara a encosta de uma colina.

- Essa nascente, bispo - interveio Guinevere- teria surgido nas colinas do norte de *Dunum*?

- Foi sim, Senhora! - disse Emrys, agradado por ter uma outra audiência além do irresponsável Mordred. - Ouviu falar do

milagre?

- Bem antes do seu sacerdote chegar lá - disse Guinevere. - Essa nascente surge e desaparece, bispo, dependendo das chuvas que caem. E este ano, deve recordar-se, as últimas chuvas de Inverno foram invulgarmente fortes. - Sorriu triunfante.

A sua oposição à igreja ainda continuava, mas agora era muda.

- Esta é uma nova nascente - insistiu Emrys. Os camponeses nos asseguraram que nunca tinha existido antes! - E virou-se para Mordred. - Deveria visitar a nascente, meu Rei e Senhor. É verdadeiramente um milagre.

Mordred bocejou e olhou fixamente e sem expressão para os pombos pousados no telhado distante. O seu casaco tinha nódoas de comida e a sua barba recente, encaracolada, estava cheia de migalhas.

- Já terminamos os assuntos? - perguntou de repente.

- Longe disso, meu Rei e Senhor - disse Emrys entusiasmado. - Temos ainda de chegar a uma decisão sobre a construção da igreja, e existem três nomes propostos como magistrados. Creio que os homens aqui estejam para serem interrogados? -

perguntou a Artur.

- Estão sim, bispo - confirmou Artur.

- Um dia inteiro de trabalho! - disse Emrys, satisfeito.

- Não para mim - disse Mordred. - Vou caçar.

- Mas, meu Rei e Senhor... - protestou Emrys com moderação.

- Caçar, - Mordred interrompeu o bispo. Afastou o seu canapé da mesa baixa e atravessou o pátio coxeando.

O silêncio desceu à volta da mesa. Todos sabíamos o que os outros pensavam, mas ninguém se manifestou em voz alta até eu tentar ser otimista.

- Ele zela pelo bom funcionamento das suas armas.

- Porque gosta de matar - afirmou Guinevere em tom gélido.

- Eu só queria que de vez em quando o rapaz falasse! - queixou-se Emrys. - Fica apenas ali sentado, taciturno! Limpando as unhas.

- Pelo menos não é o nariz - disse Guinevere com azedume, depois olhou para cima quando um estranho surgiu, escoltado, no interior do pátio. Hygwydd, o criado de Artur,

anunciou o forasteiro como sendo Cyllan, o paladino de *Kernow*, e de fato parecia o paladino de um rei, pois era um brutamontes com uma enorme cabeleira negra e uma barba encrespada que trazia na testa a tatuagem azul de um machado. Fez uma vênica a Guinevere, depois puxou uma comprida espada de aspecto bárbaro que colocou sobre as lajes com a lâmina apontada para Artur. Esse gesto significava que existiam problemas entre os nossos países.

- Sente-se, Lorde Cyllan. - Artur indicou com um aceno o canapé desocupado de Mordred. - Há queijo, algum vinho. O pão foi acabado de fazer.

Cyllan tirou com um puxão o seu elmo de ferro ornamentado com a máscara mal-humorada de um gato-montês.

- Senhor - disse ele numa voz ressoante, - trago uma queixa...

- Veio também com um estômago vazio, não tenho dúvidas - interrompeu-o Artur.

- Sente-se, homem! A sua escolta será alimentada na cozinha. E guarde a espada.

Cyllan rendeu-se à informalidade de Artur. Partiu um pão ao meio e cortou um grande naco de queijo.

- Tristão - explicou concisamente quando Artur lhe

perguntou a natureza da queixa. Cyllan falou com a boca quase cheia de comida, fazendo com que Guinevere estremecesse de horror. - O Herdeiro fugiu para estas terras, Senhor - o paladino de *Kernow* prosseguiu, - e trouxe com ele a rainha. - Alcançou o vinho e bebeu um chifre cheio. - O rei Mark os quer de volta.

Artur não se manifestou, tamborilando com os dedos no canto da mesa.

Cyllan engoliu mais pão e queijo, depois serviu-se de mais vinho.

- Já é suficientemente ruim - continuou depois de um prodigioso arrote - que o Herdeiro esteja - fez uma pausa, olhou de relance para Guinevere, depois emendou a sua frase - esteja com a sua madrasta.

Guinevere interrompeu para proferir a palavra que Cyllan não ousara pronunciar na sua presença. Ele acenou negativamente com a cabeça, corou e prosseguiu.

- Não está certo, Senhora. Copular com a sua própria madrasta. Mas ele também roubou metade do tesouro de seu pai. Quebrou dois juramentos, Senhor. O juramento ao seu pai real e o juramento à sua rainha, e agora soubemos que lhe foi concedido refúgio próximo de Isca.

- Ouvi dizer que o príncipe está em *Dumnónia* - disse Artur maliciosamente.

- E o meu rei quer que ele regresse. Ele quer a ambos de volta.

Tendo entregue a sua mensagem, Cyllan atacou de novo o queijo.

O Conselho voltou a se reunir, deixando Cyllan aguardando de pé ao Sol. Foi dito aos três candidatos a magistrados que aguardassem e a tormentosa questão da grande igreja de Sansum foi colocada de parte enquanto debatíamos a resposta de Artur ao rei Mark.

- Tristão - disse eu - sempre foi um amigo deste país. Quando ninguém lutava por nós, ele lutou. Trouxe homens para o Vale do *Lugg*. Esteve conosco em Londres. Merece o nosso auxílio.

- Ele quebrou juramentos prestados a um rei - disse Artur preocupado.

- Juramentos pagãos - abonou Sansum, como se isso diminuísse as ofensas de Tristão.

- Mas ele roubou dinheiro - salientou o bispo Emrys.

- Que espera em breve lhe venha a pertencer por direito próprio - respondi, tentando defender o meu velho companheiro de batalhas.

- E é justamente isso o que preocupa o rei Mark - disse Artur. - Coloque-se no seu lugar, Derfel, e diga-me o que mais receia?

- Uma carestia de princesas? – me atrevi.

Artur franziu as sobrancelhas diante da minha leviandade.

- Ele teme que Tristão comande lanceiros sobre *Kernow*. Receia a guerra civil.

Teme que o filho esteja cansado de esperar pela sua morte e tem razão em temê-lo.

Abanei a cabeça.

- Tristão nunca foi calculista, Senhor - disse eu. - Age por impulso. Está

loucamente apaixonado pela noiva de seu pai. Neste momento não pensa no trono.

- Por enquanto - disse Artur, - mas pensará.

- Se dermos refúgio a Tristão, o que fará o rei Mark? -

perguntou Sansum astutamente.

- Ataques súbitos - disse Artur. - Algumas fazendas queimadas, gado roubado.

Ou então enviará os seus lanceiros para levarem Tristão vivo. - Os seus barqueiros podiam fazê-lo. Sozinhos entre os reinos bretões os homens de *Kernow* eram marinheiros de confiança e os Saxões, nas suas últimas incursões, haviam aprendido a temer os compridos barcos dos lanceiros de Mark. - Significará problemas constantes e insignificantes - admitiu Artur. - Todos os meses uma dúzia de agricultores mortos bem como as suas mulheres. Teremos de manter cem lanceiros na fronteira até tudo estar resolvido.

- Dispendioso - comentou Sansum.

- Muito dispendioso - disse Artur sinistro.

- O dinheiro do rei Mark terá certamente de ser devolvido - insistiu Emrys.

- E provavelmente a Rainha - aventou Cythryn, um dos magistrados que tinham assento no Conselho. - Não consigo imaginar que o orgulho do rei Mark lhe permita deixar este insulto por vingar.

- O que acontece à garota se regressar? - perguntou Emrys.

- Isso - disse Artur com firmeza - é uma questão para o rei Mark decidir. Não nós.

- Esfregou o longo rosto ossudo com ambas as mãos. - Acho que será melhor mediarmos a questão. - Sorriu. - Há muito tempo que estive nessa parte do Mundo. Talvez seja a hora de voltar. Você vem, Derfel? Você é amigo de Tristão. Talvez ele o ouça.

- Com prazer, Senhor - assenti.

O Conselho concordou em deixar Artur mediar a questão, em reenviar Cyllan para *Kernow* com a mensagem descrevendo o que Artur ia fazer, e depois, com uma dúzia dos meus lanceiros de serviço, rumamos para Sul e depois para Oeste para nos encontrarmos com os amantes errantes.

Começou como uma viagem bastante agradável, apesar da delicada questão que envolvia a sua finalidade. Nove anos de paz haviam aumentado a boa qualidade da terra e se o tempo quente do Verão perdurasse, apesar das sombrias previsões de Culhwuch, tudo parecia indicar que nesse ano teríamos uma boa colheita. Artur sentiu uma grande alegria ao ver os campos bem tratados e os novos celeiros. Era saudado em todas as cidades e aldeias e a saudação era sempre calorosa. Coros de crianças cantavam para ele e presentes eram deixados aos seus pés: bonequinhas de

trigo, cestos de fruta ou uma pele de raposa. Ele dava ouro em troca dos presentes, discutia quaisquer problemas que afligissem a aldeia, falava com o magistrado local e depois continuávamos. A única nota desagradável foi deixada pela hostilidade cristã, porque em quase todas as aldeias havia um pequeno grupo de cristãos que, aos gritos, rogava pragas a Artur até os seus vizinhos os abafarem ou os empurrarem para longe. Erguiam-se novas igrejas por todo o lado, normalmente construídas onde outrora os pagãos haviam venerado um poço sagrado ou uma nascente. As igrejas eram o produto dos afadigados missionários do bispo Sansum e interroguei-me por que razão os pagãos não utilizavam semelhantes homens para viajar pelas estradas e pregarem aos camponeses. As novas igrejas dos cristãos eram, reconhecidamente, coisas de pouco valor, meras choupanas de vime e cobertura de colmo com uma cruz pregada numa das partes superiores de forma triangular, mas multiplicavam-se, e o mais rancoroso dos seus sacerdotes amaldiçoava Artur por ser pagão e detestava Guinevere pela sua adesão a Ísis.

Guinevere nunca se importou que a odiassem, mas a Artur desagradava-lhe todo o rancor religioso. Nessa viagem a *Isca* parou muitas vezes para falar com cristãos que vociferavam contra ele, mas as suas palavras não surtiam efeito. Os cristãos não se importavam que ele tivesse trazido paz à região, nem que eles tivessem prosperado, apenas lhes

interessava o fato de Artur ser pagão.

- Eles são como os Saxões - disse-me ele melancolicamente ao deixarmos para trás outro grupo hostil, - só ficarão satisfeitos quando forem senhores de tudo.

- Então devíamos fazer-lhes o que fizemos aos Saxões, Senhor - disse eu. -

Colocá-los uns contra os outros.

- Eles já lutam entre si - disse Artur. - Entende esta discussão sobre Pelagianismo?

- Nem quero entendê-la - respondi irreverente, embora na verdade a idéia se tornasse cada vez mais viciosa com um grupo de cristãos acusando os outros de heresia e ambos os lados provocando mortes nos seus opositores. - Conseguiu entendê-la?

- Acho que sim. Pelágio recusou-se a acreditar que a humanidade é

intrinsecamente má, enquanto homens como Sansum e Emrys dizem que todos nascemos maus. - Fez uma pausa. Suspeito que se eu fosse cristão, seria um pelagiano.

- Pensei em Mordred e concluí que a humanidade pode bem

ser intrinsecamente má, mas não disse nada. - Acredito na humanidade ainda mais do que em qualquer deus.

Cuspi para a beira da estrada para afastar o mal que as suas palavras pudessem trazer.

- Penso muitas vezes - disse eu - sobre o rumo que as coisas teriam tomado se Merlim tivesse continuado com o seu Caldeirão.

- Aquele velho pote? - riu Artur. - Há anos que não pensava nisso! - Sorriu com a lembrança desses tempos longínquos. - Nada teria mudado, Derfel. Por vezes penso que toda a vida de Merlim se resumiu a colecionar os Tesouros, e uma vez todos na sua posse nada mais lhe restava para fazer! Ele nem tão pouco teve coragem para tentar pôr em prática a magia dessas coisas por suspeitar que nada iria acontecer.

Olhei de relance para a espada pendurada na sua anca, um dos treze Tesouros, mas nada disse porque mantinha a minha promessa com Merlim de não revelar a Artur o verdadeiro poder da Excalibur. E em vez disso perguntei-lhe:

- Acha que Merlim incendiou a sua própria torre?

Interroguei-me sobre isso admitiu.

- Não, - disse eu com firmeza - ele acreditava. E acho que, por

vezes, se atreve a acreditar que encontrará de novo os Tesouros.

- Então é melhor que se apresse - disse Artur mordaz, - pois não deve lhe restar muito tempo.

Passamos essa noite no palácio do governador romano em *Isca*, onde agora vivia Culhwuch. Ele sentia-se melancólico, não por causa de Tristão, mas porque a cidade se transformara num antro de cristãos fanáticos. Apenas uma semana antes, um bando de jovens cristãos havia invadido os templos pagãos da cidade e atirado ao chão as estátuas dos deuses e salpicado as paredes com excrementos. Os lanceiros de Culhwuch prenderam alguns dos profanadores e encheram a prisão com eles, mas Culhwuch estava preocupado com o futuro.

- Se não domarmos agora - disse ele - eles farão a guerra pelo seu Deus.

- Besteira - disse Artur rejeitando essa hipótese.

Culhwuch abanou a cabeça.

- Eles querem um rei cristão, Artur.

- Terão Mordred no próximo ano - disse Artur.

- Ele é cristão? - perguntou Culhwuch.

- Se não for mais nada - disse eu.

- Mas não é a ele que eles querem disse Culhwuch sombrio.

- Então quem eles querem? - perguntou Artur, finalmente intrigado com os avisos de seu primo.

Culhwuch hesitou, depois encolheu os ombros.

- Lancelot.

- Lancelot! - Artur pareceu divertido. - Não sabem que ele mantém os seus templos pagãos abertos?

- Eles nada sabem sobre ele - disse Culhwuch – mas, não precisam saber.

Pensam nele do mesmo modo que o povo pensou em você nos últimos anos de vida de Uther. Pensam nele como o seu libertador.

- Libertador de quê? - perguntei com desdém.

- De nós pagãos, claro - disse Culhwuch. - Eles insistem que Lancelot é o rei cristão que os conduzirá a todos para o céu. E sabe porquê? Por causa daquela águia-marinha no seu escudo. Tinha um peixe nas suas garras, recordam-se? E o

peixe é um símbolo cristão. - Extravasou o seu desagrado. - Eles nada sabem sobre ele - disse de novo, - mas vêem esse peixe e pensam que é um sinal do seu Deus.

- Um peixe? - Manifestamente, Artur não acreditou em Culhwuch.

- Um peixe - insistiu Culhwuch. - Talvez eles rezem a uma truta? Sei lá! Já

veneram um espírito santo, uma virgem e um carpinteiro, por que não também um peixe?

São todos loucos.

- Não são loucos - insistiu Artur - exaltados talvez.

- Exaltados! Esteve em algum dos seus ritos ultimamente? - Culhwuch desafiou o primo.

- Depois do casamento de Morgana, não.

- Então venha e veja com os seus próprios olhos - disse Culhwuch.

Eram nove horas e tínhamos acabado de jantar, mas Culhwuch insistiu para que vestíssemos mantos escuros e o seguíssemos para fora do palácio por uma das portas laterais. Subimos por uma área escura até o fórum onde os

cristãos tinham o seu santuário, num antigo templo romano outrora dedicado a Apolo, mas que agora fora purgado do paganismo, caído e dedicado ao cristianismo. Avançamos pela porta oeste e encontramos um nicho na sombra onde, imitando o grande tropel de veneradores, nos ajoelhamos.

Culhwuch dissera-nos que os cristãos aqui vinham todas as noites em adoração, e todas as noites, dissera ele, o mesmo delírio seguia-se às oferendas de pão e vinho que o sacerdote distribuía aos crentes. O pão e o vinho eram mágicos, supostamente eram o corpo e o sangue do seu Deus, e nós observamos como os veneradores se amontoavam junto ao altar para receber as suas migalhas. Pelo menos metade deles eram mulheres que, uma vez recebido o pão dos sacerdotes, começavam a ser arrebatadas pelo êxtase.

Eu tinha visto muitas vezes tão estranho fervor, pois os antigos ritos pagãos de Merlim terminavam com frequência com mulheres gritando e dançando em volta das fogueiras do Tor, e estas mulheres comportavam-se em muito de modo semelhante. Dançavam de olhos fechados e acenavam com as mãos levantadas para o telhado branco onde a fumaça das tochas e das tigelas de incenso queimado provocava um espesso nevoeiro.

Algumas lamuriavam palavras estranhas, outras estavam em

transe e apenas olhavam estarecidas para uma estátua da sua mãe de Deus, poucas contorciam-se no chão, mas a maioria dançava ao ritmo da cadência do canto de três sacerdotes. A maioria dos homens presentes na igreja observava, mas alguns juntaram-se às mulheres que dançavam e foram eles os primeiros a despir-se até à cintura e pegarem em correias de couro com nós com as quais começaram a chicotear as suas próprias costas. Isso deixou-me espantado, porque nunca antes vira nada assim, mas o meu espanto transformou-se em horror quando algumas das mulheres se juntaram aos homens e começaram a gritar de gozo extático à medida que as chicotadas provocavam sangue nos seus seios nus e nas suas costas.

Artur odiou isto.

- É uma loucura - sussurrou ele, - pura loucura!

- Está se alastrando - avisou-o Culhwuch sombriamente. - Uma das mulheres batia nas costas nuas com a extremidade de uma corrente enferrujada e os seus queixumes delirantes ecoaram na grande câmara de pedra enquanto o seu sangue salpicava espesso para o chão de laje. - Eles continuarão assim toda a noite.

Os veneradores haviam se deslocado gradualmente para frente para cercarem os dançarinos extáticos, deixando-nos

aos três isolados no nosso nicho na penumbra. Um sacerdote nos viu ali e precipitou-se na nossa direção.

- Comeram o corpo de Cristo? - perguntou.

- Comemos ganso assado - disse Artur educadamente, levantando-se.

O sacerdote fitou-nos e, reconhecendo Culhwuch, cuspiu-lhe no rosto.

- Pagão! - gritou ele. - Idólatra! Atreve-se a profanar o templo de Deus!

Bateu em Culhwuch, um erro, pois Culhwuch deu-lhe um soco que fez o sacerdote rodopiar para trás e o atirou ao chão, mas a alteração chamara a atenção e elevou-se um gemido entre os homens que tinham estado observando os dançarinos flageladores.

- É hora de irmos - disse Artur, e nos retiramos, de forma inteligente, atravessando o fórum para o local onde os lanceiros de Culhwuch guardavam a arcada do palácio. Os cristãos saíram em torrentes da sua igreja no nosso encalço, mas os lanceiros impassíveis fecharam-se numa barreira de escudos e baixaram as suas espadas, e os cristãos não fizeram qualquer tentativa para invadir o palácio.

- Eles podem não atacar esta noite - disse Culhwuch, - mas pela manhã ficam mais bravios.

Artur observou os cristãos vociferantes de uma janela do palácio.

- O que eles querem? - perguntou perplexo.

Ele gostava que a sua religião fosse decorosa. Quando vinha a *Lindinis* juntava-se sempre a Ceinwyn e a mim nas nossas orações da manhã quando nos ajoelhávamos em silêncio diante dos nossos deuses domésticos, oferecendo-lhes um naco de pão e rezando para que as nossas tarefas diárias fossem realizadas com correção, era esse o tipo de veneração que agradava a Artur. Estava simplesmente estupefato com as coisas que vira na igreja de Isca.

- Eles acreditam - começou Culhwuch a explicar o fanatismo que testemunháramos - que o seu Deus voltará à terra dentro de cinco anos, e acreditam que têm o dever de a preparar para a sua vinda. Os seus sacerdotes dizem-lhes que os pagãos têm de ser banidos antes da chegada do seu Deus e eles pregam que *Dumnónia* tem de ter um rei cristão.

- Terão Mordred - disse Artur ameaçador.

- Então, o melhor será mudar o dragão do seu escudo para um peixe - disse Culhwuch - pois, o seu fervor é cada vez

maior. Haverá problemas.

- Conseguiremos acalmá-los - disse Artur. – Nós lhes diremos que Mordred é

cristão e talvez isso os acalme. Talvez fosse melhor construirmos a igreja que Sansum deseja - acrescentou ele virando-se para mim.

- Se isso os impedir de provocar tumultos - disse eu - porque não?

Deixamos *Isca* na manhã seguinte, escoltados agora por Culhwuch e uma dúzia dos seus homens, e atravessamos o *Exe* pela ponte romana e depois viramos para Sul para as profundas terras junto ao mar, que ficavam nas costas mais longínquas de *Dumnónia*. Artur nada mais disse sobre o delírio cristão que testemunhara, mas nesse dia estava estranhamente silencioso e adivinhei que os ritos o tinham transtornado profundamente. Ele detestava todo o tipo de delírio, pois isso despia homens e mulheres da sua razão, e deve ter temido o que tamanha loucura podia fazer à sua cautelosa paz.

Mas por agora o nosso problema não eram os cristãos de *Dunnónia*, mas Tristão.

Culhwuch enviara uma palavra ao príncipe, avisando-o da

nossa aproximação, e Tristão veio receber-nos. Cavalgava sozinho, e os cascos do seu cavalo lançavam jatos de pó à medida que galopava na nossa direção. Saudou-nos feliz, mas recuou diante da fria reserva de Artur. Essa reserva não era causada por nenhum desagrado natural que Artur sentisse por Tristão de fato ele gostava do príncipe, mas provinha antes da aceitação de Artur de não vir apenas para mediar esta disputa, mas para tomar parte no julgamento de um velho amigo.

- Ele tem preocupações - expliquei vagamente, tentando acalmar Tristão e fazer-lhe ver que a frieza de Artur não indicava mau prenúncio.

Eu conduzia o meu próprio cavalo, porque me sentia sempre mais satisfeito a pé, e Tristão, tendo cumprimentado Culhwuch, deslizou da sua sela e caminhou ao meu lado.

Descrevi os selvagens êxtases cristãos e atribuí a frieza de Artur às suas preocupações sobre o seu significado, mas Tristão não quis ouvir nada disso. Estava apaixonado, e como todos os apaixonados, só conseguia falar da sua amada.

- Uma jóia, Derfel - disse ele - é o que ela é, uma jóia irlandesa! - Caminhou compassos largos ao meu lado, com um braço em volta do meu ombro e com o seu longo cabelo

negro tilintando devido aos anéis de guerreiro que colocara nas suas tranças. A sua barba estava mais raiada de branco, mas continuava a ser um bonito homem com um nariz ossudo e escuro, olhos vivos que brilhavam de paixão. - O seu nome - disse ele sonhador, - é Isolda.

- Já soubemos - disse eu friamente.

- Uma filha de *Demétia* - disse ele - uma filha de Oengus Mac Airem. Uma princesa, meu amigo, de Uí Liatháin. -

Pronunciou o nome da tribo de Oengus Mac Airem como se as suas sílabas fossem forjadas no ouro mais puro. - Isolda de Uí Liatháin.

Quinze Primaveras de idade e tão bela como a noite.

Pensei na paixão des governada de Artur por Guinevere e nos meus próprios anseios de alma por Ceinwyn e o meu coração chorou pelo meu amigo. Ele fora cego pelo amor, arrebatado por ele, e por ele enlouquecido. Tristão sempre fora um homem de paixões, dado a momentos de profunda tristeza ou a elevados arroubos de felicidade, mas esta era a primeira vez que o via assolado pelos tumultuosos ventos do amor.

- Seu pai - avisei-o cauteloso - deseja Isolda de volta.

- Meu pai está velho - disse ele, rejeitando todos os

obstáculos - e quando ele morrer atravessarei o mar com a minha princesa de Uí Liatháin até os portões de ferro de *Tintagel* e construirei para ela um castelo com torres de prata que tocarão as estrelas. -

Riu da sua própria extravagância. – Você vai adorá-la, Derfel!

Eu não disse mais nada, deixei-o apenas falar, falar. Ele não tinha qualquer interesse pelas nossas notícias, não se importando nem um pouco que eu tivesse três filhas ou que os Saxões estivessem na defensiva. No seu universo só havia espaço para Isolda.

- Aguarde até vê-la, Derfel! - disse ele uma e outra vez, e quanto mais nos aproximávamos do seu refúgio mais excitado ele ficava, até que, por fim, incapaz de estar separado da sua Isolda por mais tempo, saltou para cima do seu cavalo e afastou-se à

nossa frente galopando. Artur olhou-me motejado e eu fiz-lhe uma careta.

- Está apaixonado - disse eu, como se tivesse de explicar.

- Com o gosto de seu pai por garotinhas - acrescentou Artur severamente.

- Eu e você conhecemos o amor, Senhor - disse eu, - seja

gentil com eles.

O refúgio de Tristão e de Isolda era um lugar belo, talvez o mais belo que alguma vez vi. Era um lugar onde pequenas colinas eram cortadas por ribeiros e densos bosques, onde abundantes rios corriam velozes para o mar e onde escarpas abruptas ecoavam ruidosas com o chilreio dos pássaros. Era um local bravo, mas maravilhoso, apropriado ao delírio amoroso no seu estado selvagem.

E aí, na pequena e escura casa senhorial por entre os densos bosques verdes, conheci Isolda.

Pequena e morena, graciosa e frágil é como me recordo de Isolda. Pouco maior do que uma criança, é a verdade, ainda que tivesse sido forçada a ascender à condição de mulher pelo casamento com Mark. Aos meus olhos, parecia uma menina tímida, pequena e magra, apenas uma delicada menina quase-mulher que mantinha os seus enormes olhos escuros fixos em Tristão até ele insistir para que nos cumprimentasse. Fez uma vênia a Artur.

- Não se ajoelhe diante de mim - disse Artur, erguendo-a, - pois é uma Rainha.

E ele deixou-se cair sobre um joelho e beijou a sua pequena mão.

A sua voz era sussurrante, tal como a voz dos espíritos. O seu cabelo era escuro e ela tentara parecer mais velha, prendendo-o num grande círculo no alto da cabeça e pendurando em si algumas jóias, mas usava-as de forma desajeitada, recordando-me Morwenna quando punha as vestes de cerimônia de sua mãe. Olhou-nos fixamente com receio. Acho que Isolda percebeu, mesmo antes de Tristão, que esta incursão de lanceiros armados não era uma vinda de amigos, mas a chegada dos seus juizes.

Culhwuch concedera aos amantes o seu refúgio. Era uma casa senhorial de madeira, pequena, mas bem construída, e pertencera a um chefe de tribo que apoiara a rebelião de Cadwy e que por isso fora degolado. Esta casa, com três choupanas e um paiol, era circundada por uma paliçada num pequeno vale arborizado onde os ventos do mar não conseguiam corroer as suas coberturas de colmo, e deste modo, com seis leais lanceiros e um pequeno monte de tesouros roubados, Tristão e Isolda pensavam transformar o seu amor num grandioso hino.

Artur retalhou o seu hino em mil pedaços.

- O tesouro - disse a Tristão nessa noite - tem de ser devolvido ao seu pai.

- Pode ficar com ele! - declarou Tristão. - Trouxe-o apenas

para não ter de apelar para a sua caridade, Senhor.

- Durante todo o tempo que estiver nesta região, meu Príncipe e Senhor - disse Artur com dificuldade - serão nossos convidados.

- E por quanto tempo será, Senhor? - perguntou Tristão.

Artur franziu as sobrancelhas e olhou para cima para as escuras coberturas de colmo da casa senhorial.

- É chuva? Parece que passou tanto tempo desde as últimas chuvas.

Tristão fez de novo a pergunta e uma vez mais Artur se recusou a responder.

Isolda agarrou a mão do seu príncipe e manteve-a assim enquanto Tristão recordava a Artur o Vale do *Lugg*.

- Quando mais ninguém veio em seu auxílio, Senhor, eu vim.

- Disse Tristão.

- É verdade, meu Príncipe e Senhor - admitiu Artur.

- E quando lutou contra Owain, Senhor, eu me mantive ao seu lado.

- Manteve-se - disse Artur.

- E trouxe os meus escudos de falcão para Londres.

- Realmente, meu Príncipe e Senhor, e nessa ocasião eles lutaram bem.

- Aceitei o juramento da Távola Redonda - disse Tristão. Nunca mais ninguém voltou a chamar-lhe Irmandade da Bretanha.

- É verdade, Senhor - disse Artur com dificuldade.

- Então, Senhor - implorou Tristão, - não serei eu digno do seu auxílio?

- É muito digno dele, meu Príncipe e Senhor - disse Artur - e eu não o esquecerei.

Era uma resposta evasiva, mas a única que Tristão recebeu nessa noite.

Deixamos os amantes na casa, e fizemos as nossas próprias camas de palha nos pequenos paíóis. A chuva parou durante a noite e a manhã seguinte rompeu quente e bela. Só mais tarde percebi que Tristão e Isolda já haviam deixado a casa.

- Se tivessem um pingão de juízo - resmungou Culhwuch para mim - fugiriam para tão longe quanto conseguissem.

- Fugirão?

- Eles não raciocinam, Derfel, são amantes. Pensam que o mundo existe para sua conveniência. - Agora Culhwuch coxeava ligeiramente, o legado do ferimento que recebera na batalha contra o exército de Aelle. - Foram para o mar para rezar a *Manawydan*.

Culhwuch e eu seguimos os amantes, subindo do declive arborizado para a colina batida pelo vento que terminava numa falésia escarpada onde as aves marinhas planavam e contra a qual se quebrava o vasto oceano, numa rebentação de borrifos esfarrapados. Culhwuch e eu nos detivemos no topo da falésia e olhamos fixamente para uma pequena enseada onde Tristão e Isolda caminhavam pela areia. Na noite anterior, ao observar a tímida rainha, eu não compreendera exatamente o que levava Tristão ao delírio amoroso, mas nessa manhã ventosa compreendi.

Observava-a quando de repente ela se separou de Tristão e correu à sua frente, saltando, rodopiando e rindo para o seu amante que caminhava lentamente atrás dela.

Tinha um vestido folgado branco e o seu cabelo preto, que já não estava preso num círculo, acariciado pelo ondulado e livre vento salgado. Parecia um ser sobrenatural, semelhante às ninfas aquáticas que dançaram na Bretanha antes dos

romanos chegarem. E então, talvez para agradecer com Tristão, ou para tornar os seus apelos mais próximos de *Manawydan*, o deus do mar, correu destemida para as enormes vagas prestes a rebentar. Mergulhou nas ondas desaparecendo de imediato e Tristão nada mais conseguiu fazer do que estar furioso de pé na areia olhando para a massa de espuma branca do mar agitado. E então, lustrosa como uma lontra num caudal, surgiu a sua cabeça. Acenou, nadou um pouco, depois avançou com dificuldade regressando à praia com o seu vestido branco molhado colando-se ao seu patético corpo magro. Não pude deixar de ver que tinha seios pequenos e hirtos e pernas longas e delgadas, e nessa altura Tristão escondeu-a dos nossos olhares, embrulhando-a nas abas da sua larga capa negra e aí, junto ao mar, estreitou-a nos seus braços e encostou a face ao seu cabelo molhado e salgado. Culhwuch e eu nos afastamos dali, deixando os amantes sozinhos e entregues ao vento vindo do mar e que soprava da *Lyonesse* imaginária.

- Ele não pode fazê-los regressar - resmungou Culhwuch.
- Não deve - concordei. Fitamos o interminável mar agitado.
- Então porque Arthur não os tranquiliza? - perguntou Culhwuch irritado

- Não sei.

- Devia tê-los enviado para *Broceliande* - disse Culhwuch. O vento levantava a sua capa enquanto caminhávamos para Oeste contornando as colinas por cima da enseada. O nosso caminho conduziu-nos a um lugar alto de onde podíamos avistar, embaixo, um belo porto natural onde o oceano inundara a depressão de um rio e formara uma seqüência de extensos lagos de água salgada bem abrigados. *Halcwm* Culhwuch chamou ao porto e a fumaça provém do sal. Apontou para uma luz difusa e cinzenta que se via na margem mais longínqua dos lagos.

- Ali deve haver marinheiros que possam levá-los para *Broceliande* - disse eu, pois o porto tinha pelo menos uma dúzia de barcos ancorados no seu abrigo.

- Tristão não iria - disse-me Culhwuch com tristeza. - Eu sugeri, mas ele acredita que Artur é seu amigo. Ele confia em Artur. Está impaciente por ser rei, pois diz que nesse momento todas as lanças de *Kernow* estarão ao serviço de Artur.

- Porque ele não matou simplesmente o pai? - perguntei eu em tom amargo.

- Pela mesma razão que nenhum de nós mata Mordred, esse patifezinho - disse Culhwuch. - Não se mata um rei por

ninharias.

Nessa noite jantamos de novo na casa senhorial, e uma vez mais Tristão pressionou Artur a dizer quanto tempo ele e Isolda podiam ficar em *Dumnónia*, e novamente Artur evitou dar-lhe uma resposta.

- Amanhã, meu Príncipe e Senhor - prometeu ele a Tristão, - amanhã

decidiremos tudo.

Mas na manhã seguinte, dois navios negros com longos mastros de onde pendiam velas em farrapos e cujas proas eram altas, levantadas e esculpidas com cabeças de falcões, navegaram em direção aos lagos salgados de *Halcwm*. Os dois navios eram atravessados por uma multidão de homens apinhados que, no preciso instante em que os vagos contornos de terra surgiram enfunando as suas velas de vento, desarmaram os remos e conduziram os longos barcos negros para a praia. Feixes de lanças empilhavam-se na popa dos navios onde os timoneiros manobravam os enormes remos na direção correta. Ramos verdes estavam atados a cada uma das cabeças de falcão da proa, significando que os navios vinham em paz.

Eu não sabia quem eles traziam, mas podia adivinhar. O rei Mark viera de *Kernow*.

O rei Mark era um homem enorme, recordando-me Uther na sua idade avançada.

Era tão gordo que não conseguia subir as colinas de *Halcwm* sem ajuda, por isso era transportado por quatro lanceiros numa cadeira equipada com duas resistentes vigas.

Quarenta outros lanceiros acompanhavam o seu rei, precedido por Cyllan, o seu paladino.

A tosca cadeira foi içada colina acima e depois para baixo pelo vale arborizado onde Tristão e Isolda julgavam ter encontrado refúgio.

Isolda gritou ao vê-los, e depois, em pânico, correu desesperadamente para fugir do marido. Mas a paliçada tinha apenas uma entrada e a enorme cadeira de Mark preenchia-a, por isso recuou apressadamente para a casa senhorial onde o seu amante estava cercado. As portas da casa estavam guardadas pelos homens de Culhwuch e estes recusaram-se a deixar que Cyllan ou qualquer outro lanceiro de Mark entrasse no edifício. Ouvia-se Isolda chorando, Tristão gritando e Artur implorando. O rei Mark ordenou que a sua cadeira fosse colocada no lado oposto à porta da casa e aí aguardou até Artur surgir, o rosto pálido e tenso, e se ajoelhar diante dele.

O rei Mark tinha um rosto feio manchado por derrames. A

sua barba era escassa e branca, a sua respiração pouco profunda provocava um ruído áspero na sua garganta larga e os seus pequenos olhos estavam marejados de lágrimas. Acenou a Artur, depois libertou-se com dificuldade da sua cadeira e, sobre as pernas grossas e inseguras, seguiu Artur até à choupana maior. Estava um dia quente, mas o corpo volumoso de Mark ainda estava envolto numa capa de pele de foca uma vez que achara que estaria frio. Colocou uma mão no braço de Artur para que o ajudasse a andar até à choupana onde tinham sido colocadas duas cadeiras.

Culhwuch, com aversão, colocara a sua figura corpulenta na porta de entrada da casa senhorial e aí permaneceu com uma espada visível. Eu mantive-me de pé ao seu lado enquanto, atrás de nós, a Isolda dos cabelos negros chorava.

Artur permaneceu uma hora inteira dentro da choupana, depois surgiu e olhou para mim e para Culhwuch. Pareceu suspirar, depois passou por nós e entrou na casa.

Não ouvimos o que disse, mas ouvimos Isolda gritar.

Culhwuch lançou um olhar feroz e fixo aos lanceiros de *Kernow*, implorando para que apenas um deles o desafiasse, mas nenhum se mexeu. Cyllan, o paladino, estava de pé, imóvel, ao lado do portão com uma enorme lança de guerra e a sua formidável espada comprida.

Isolda gritou de novo e então, de repente, Artur saiu para a luz do dia e puxou-me pelo braço.

- Venha, Derfel.

- E eu? - perguntou Culhwuch provocador.

- Fique de vigia, Culhwuch - disse Artur. - Que ninguém entre na casa.

Ele se afastou e eu o acompanhei.

Não disse nada enquanto subimos a colina nem quando caminhamos ao longo do caminho da colina, e continuou sem proferir palavra quando nos dirigimos para o pico da enseada. A pedra do promontório avançava para o mar à nossa frente, onde a água batia com intensidade e bramia ao quebrar a sua espuma para leste num vento constante.

O Sol brilhava sobre nós, mas no mar distante havia uma enorme nuvem e Artur olhou fixamente a chuva que caía nas ondas esgotadas. O vento fazia rodopiar a sua capa branca.

- Conhece a lenda de Excalibur? - perguntou-me de repente. Melhor do que ele, pensei, mas não lhe disse que a espada era um dos Tesouros da Bretanha.

- Sei, meu Senhor - disse eu, interrogando-me porque estaria

me fazendo aquela pergunta naquele momento, - que Merlim a ganhou num concurso de sonhos na Irlanda e que ele a deu em *Stones*.

- E disse-me que se alguma vez estivesse em grande necessidade, então tudo o que tinha a fazer era puxar a espada, espetá-la no solo e *Gofannon* viria do Outro Mundo para me ajudar. Não é assim?

- Sim, Senhor.

- Então, *Gofannon!* - gritou ele para o vento que vinha do mar ao mesmo tempo que puxava a grande espada. - Venha! E com essa invectiva cravou com força a espada na turfa.

Uma gaivota piou ao vento, o mar sugou as rochas quando recuou para as profundezas e uma rajada de vento salgado passou pelas nossas capas, mas não surgiu nenhum deus.

- Os deuses me ajudem - disse por fim Artur, fitando a espada oscilante, - mas como gostaria de matar aquele monstro gordo.

- Então porque não o fez? - perguntei com brusquidão.

Por breves instantes não disse nada e eu vi que lágrimas lhe corriam pelas faces muito encovadas.

- Eu lhes ofereci a sua morte, Derfel - disse ele. - Rápida e sem dor. - Esbofeteou as suas faces, e depois, num súbito acesso de raiva, deu um pontapé na espada. -

Deuses! - Cuspiu para a espada trêmula. - Que deuses?

Puxei Excalibur da turfa e limpei a terra da extremidade. Ele recusou aceitar a espada novamente, por isso pousei-a reverentemente num pedregulho cinzento.

- O que vai acontecer, Senhor? - perguntei.

Sentou-se em outra pedra. Durante algum tempo não me respondeu, fitando apenas a chuva no mar distante com as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces.

- Vivi a minha vida, Derfel - disse por fim - seguindo os juramentos. Não conheço nenhuma outra forma. Fico melindrado com os juramentos, e assim deviam ser todos os homens, pois os juramentos nos unem, embaraçam a nossa liberdade, e qual de nós não deseja ser livre? Mas se abandonamos os juramentos, então abandonamos o governo.

Caímos no caos. Caímos apenas. Não somos melhores do que os animais. - De repente deixou de conseguir falar, e apenas chorava.

Fitei as vagas cinzentas do mar. Onde, interrogava-me, começam estas imensas vagas e onde terminam elas?

- Considera - perguntei - que o juramento é um erro?

- Um erro? - Lançou-me um olhar fortuito, depois voltou os olhos para o oceano. -

Por vezes um juramento não pode ser mantido. Não consegui salvar o reino de *Ban*, embora os deuses saibam como tentei, mas não podia fazê-lo. E assim quebrei esse juramento e pagarei por isso, mas não o quebrei por livre vontade. Ainda tenho de matar Aelle, e esse é um juramento que tem de ser mantido, mas por enquanto não quebrei o juramento, apenas o adiei. Prometi tirar *Henis Wyren* de *Diwrnach*, e assim o farei. E

talvez esse juramento tenha sido um erro, mas prestei-o. Aqui está a sua resposta. Se um juramento é um erro continua ainda a ter obrigações para com ele, porque o prestou. -

Limpou as faces. - Por isso sim, um dia terei de pegar as minhas lanças contra *Diwrnach*.

- Não prestou juramento a Mark - disse eu amargo.

- Nenhum, mas Tristão sim, assim como Isolda.

- São os seus juramentos assunto nossos? - perguntei.

Fitou sua espada cinzenta, embutida com complexas espirais e cabeças de dragões com compridas línguas que refletiam as nuvens escuras como ardósia.

- Uma espada e uma pedra - disse ele suavemente, pensando talvez no momento em que Mordred seria rei. Levantou-se de repente, e virou as costas à espada para olhar fixamente para península, para as suas colinas verdes. - Suponha que dois juramentos colidam. Suponha que eu jurei lutar por você e jurei lutar pelo seu inimigo, que juramento mantenho?

- O primeiro prestado - disse eu, - conhecendo a lei tão bem como ele.

- E se os dois tivessem sido prestados ao mesmo tempo?

- Então submete-se ao juízo do rei.

- Porquê o rei? - examinou-me como se eu fosse um lanceiro novo sendo ensinado sobre as leis de *Dumnónia*.

- Porque o seu juramento ao rei - disse eu respeitosamente - está acima de todos os outros juramentos, e o seu dever é para com ele.

- Então, o rei - disse ele energicamente - é o guardião dos

nossos juramentos, e sem um rei nada existe a não ser um emaranhado de juramentos incompatíveis. Sem um rei, é o caos. Todos os juramentos conduzem ao rei, Derfel, todo o nosso dever termina com o rei e todas as nossas leis estão à guarda do rei. Se desafiamos o nosso rei, desafiamos a ordem. Podemos combater outros reis, podemos até matá-los, mas apenas porque ameaçam o nosso rei e a sua ordem. O rei, Derfel, é a nação, e nós pertencemos ao rei. O que quer que você ou eu façamos, temos de apoiar o rei.

Eu sabia que ele não falava de Tristão nem de Mark. Pensava em Mordred e por isso me atrevi a dizer o indizível, uma vez que isso se havia propagado tão lentamente pela *Dumnónia* ao longo de todos esses anos.

- Há aqueles, Senhor - disse eu, - que dizem que deveria ser o rei.

- Não! - Gritou a palavra para o vento. - Não! - repetiu mais brandamente, olhando-me.

Baixei os olhos para a espada sobre a pedra.

- Porque não?

- Porque prestei um juramento a Uther.

- Mordred - disse eu - não está preparado para ser Rei. E você sabe disso, Senhor.

Virou-se e olhou de novo para o mar.

- Mordred é o nosso rei, Derfel, e isto é tudo o que você ou eu precisamos saber.

Ele tem os nossos juramentos. Não podemos julgá-lo, ele nos julgará, e se você ou eu decidirmos que outro homem devia ser rei, então onde está a ordem? Se um homem subir ao trono injustamente, então qualquer homem pode ascender a ele. Se eu o tomasse, porque não haveria outro de o tirar? Toda a ordem desapareceria. Restaria apenas o caos.

- Acha que Mordred se importa com a ordem? - perguntei-lhe amargamente.

- Acho que Mordred ainda não foi convenientemente aclamado - disse Artur. -

Creio que quando os elevados poderes lhe forem entregues,

ele poderá mudar. Acho que é mais provável que não mude, mas acima de tudo, Derfel, acredito que ele é o nosso rei e nós temos de suportá-lo porque é isso que temos de fazer queiramos ou não. Em todo este mundo, Derfel - disse ele, limpando de repente a Excalibur e volteando a sua espada por todo o horizonte, - em todo este mundo existe apenas uma ordem indubitável, e essa é a ordem do rei. Não dos deuses. Eles desapareceram da Bretanha. Merlim pensou que podia fazê-los regressar, mas olha agora para Merlim. Sansum diz-nos que o seu Deus tem poder e na verdade Ele pode ter, mas não para mim. Eu penso apenas nos reis, e neles estão concentrados os nossos juramentos e os nossos deveres. Sem eles seríamos coisas selvagens disputando um lugar. - Meteu a Excalibur com força na sua bainha. -

Tenho de apoiar os reis, porque sem eles existiria o caos e por isso disse a Tristão e a Isolda que teriam de ser julgados.

- Julgados! - exclamei, e depois cuspi na turfa.

Artur olhou-me irado de olhos fixos.

- Eles são acusados - disse ele - de roubo. Eles são acusados de quebrarem juramentos. São acusados de fornicção. - A última palavra enrolou-se na sua boca e ele virou-se e afastou-se de mim para a proferir com brusquidão na direção do mar.

- Eles estão apaixonados! - protestei, e como nada dissesse ataquei-o mais diretamente. - E você foi julgado, Artur Uther, quando quebrou um juramento? Não o juramento a *Ban*, mas o juramento que havia feito quando prometeu em casamento a Ceinwyn. Quebrou um juramento, e ninguém o colocou diante de magistrados!

Virou-se para mim num acesso de raiva flamejante e por breves instantes achei que ia desembainhar a Excalibur e atacar-me com a espada, mas depois estremeceu e ficou imóvel. Os seus olhos fervilhavam de novo com lágrimas. Nada disse por um longo tempo, depois acenou afirmativamente com a cabeça.

- É verdade que quebrei esse juramento. Acha que não o lamentei?

- E não permite que Tristão quebre um juramento?

- Ele é um ladrão! - disse-me Artur com rispidez e enfurecido.
- Acha que devíamos arriscar anos de incursões na fronteira por um ladrão que fôrnicava com a madrasta? Conseguiria falar com as famílias dos fazendeiros mortos na nossa fronteira e justificar as suas mortes em nome do amor de Tristão? Acha que devem morrer mulheres e crianças porque um príncipe está apaixonado? É essa a sua justiça?

- Acho que Tristão é nosso amigo - disse eu, e como não

respondia, cuspi para os seus pés. - Mandou chamar Mark, não foi?

Assentiu com a cabeça.

- Sim. Enviei um mensageiro de *Isca*.

- Tristão é nosso amigo - gritei-lhe.

Cerrou os olhos.

- Ele roubou um rei - disse ele teimoso. - Roubou ouro, uma mulher e orgulho.

Quebrou juramentos. O seu pai busca a justiça e eu jurei justiça.

- Ele é seu amigo - insisti. - E meu!

Abriu os olhos e fitou-me.

- Um rei vem até mim, Derfel, e me pede justiça. Devo eu negar a justiça de Mark, porque ele é velho, grosseiro e feio? Terão a juventude e a beleza direito a perverter a justiça? Por que outro motivo lutei ao longo de todos estes anos, se não para me assegurar que a justiça seria imparcial? - Agora rogava-me. - Enquanto viajávamos para cá, por todas essas aldeias e cidades, terão as pessoas fugido ao ver as nossas espadas? Não! E porquê? Porque sabem que no reino de

Mordred existe justiça. E agora, porque um homem partilha o leito com a mulher de seu pai, você atiraria essa justiça para o lado como um fardo incômodo?

- Sim - disse eu - porque ele é um amigo, e porque se o obrigar a depor em julgamento eles serão considerados culpados. Não têm chance em tribunal - protestei amargamente - porque Mark é um Senhor da Palavra.

Artur dirigiu-me um sorriso triste, pois reconheceu as imagens que eu deliberadamente provocara. Essas imagens eram do nosso primeiro encontro com Tristão, e também esse encontro se devera a uma questão legal, e nesse caso quase fora proferida uma enorme injustiça, porque o acusado era um Senhor da Palavra. Segundo a nossa lei, o testemunho concedido por um Senhor da Palavra era incontroverso. Mil pessoas podiam jurar o contrário, mas o seu testemunho nada valia se fosse contradito por um lorde, um druida, um sacerdote, um pai falando dos seus filhos, um donatário falando da sua oferenda, uma mulher solteira falando da sua virgindade, um pastor falando dos seus animais ou um condenado proferindo as suas últimas palavras. E Mark era um lorde, um rei, e a sua palavra prevalecia sobre as de um príncipe ou de uma rainha. Nenhuma corte da Bretanha absolveria Tristão e Isolda e Artur sabia. Mas Artur fizera um juramento de proteger a lei.

Porém, nesse dia distante, quando Owain esteve tão próximo de perverter a justiça ao usar o privilégio de um Senhor da Palavra para dizer uma mentira, Artur apelara para o tribunal das espadas. Com o auxílio de Tristão, o próprio Artur lutara contra Owain e vencera.

- Tristão - disse eu, então, a Artur - poderá apelar para o tribunal das espadas.

- É esse o seu privilégio - disse Artur.

- E como sou seu amigo - disse eu friamente - posso lutar por ele.

Artur olhou-me de olhos arregalados, como se só naquele momento tivesse percebido as verdadeiras razões da minha hostilidade.

- Você, Derfel? - perguntou-me.

- Lutarei por Tristão - disse eu friamente - porque ele é meu amigo. Como outrora você foi.

Fez uma pausa por breves instantes.

- Esse é o seu privilégio - disse ele, por fim, - mas eu cumpri o meu dever. -

Afastou-se e eu o segui dez passos atrás, quando ele

abrandava, eu abrandava, e quando se virava para me observar, eu desviava o olhar. Ia lutar por um amigo.

Artur ordenou aos lanceiros de Culhwuch, em breves palavras, que escoltassem Tristão e Isolda a *Isca*. Aí, decretou, que o seu julgamento teria lugar. O rei Mark podia arranjar um juiz e nós, dumnonianos, o outro.

O rei Mark sentou-se na sua cadeira sem dizer nada. Tinha se insurgido para que o julgamento tivesse lugar em *Kernow*, embora certamente soubesse que isso não tinha importância. Tristão não seria deposto em julgamento, porque nunca lhe sobreviveria.

Apenas podia apelar para a espada.

O príncipe assomou à porta da casa senhorial e aí enfrentou o seu pai. O rosto de Mark nada deixava transparecer, Tristão estava pálido e Artur mantinha-se de pé com a cabeça baixa para que não tivesse de olhar para nenhum dos dois homens.

Tristão não envergava armadura nem trazia nenhum escudo. O seu cabelo escuro, com os seus anéis de guerreiro, estava penteado para trás e preso com uma fita de linho branco que devia ter rasgado do vestido de Isolda. Vestia uma camisa, calças axadrezadas e botas e tinha uma espada embainhada. Avançou alguns passos na direção de seu pai e parou.

Puxou a espada, fitou os olhos implacáveis de seu pai e depois enterrou a espada com força na turfa.

- Serei julgado pela corte das espadas - insistiu.

Mark encolheu os ombros e fez um gesto letárgico com a mão direita, e esse gesto trouxe Cyllan para frente. Era evidente que Tristão conhecia as mestrias do paladino, pois pareceu nervoso quando o enorme homem, cuja barba descia até à cintura, despiu a sua capa. Cyllan afastou o seu cabelo negro da tatuagem do machado, depois colocou o seu elmo de ferro na cabeça. Cuspiu nas mãos, esfregou o cuspo na palma das mãos e avançou devagar e tocou na lâmina da espada de Tristão. Com este gesto aceitara o combate.

Invoquei a *Hywelbane*.

- Lutarei por Tristão – me ouvi dizer. Estava estranhamente nervoso, e não era apenas o nervoso que antecede o combate. Era o medo do imenso abismo que se abria na minha vida, o abismo que me separava de Artur.

- Eu lutarei por Tristão - insistiu Culhwuch. Avançou e colocou-se a meu lado. -

Você tem filhas, idiota - murmurou.

- Você também.

- Mas eu venço este sapo barbudo mais depressa do que você, pau de virar tripas saxão - disse Culhwuch ternamente. Tristão colocou-se entre nós e protestou que seria ele a lutar sozinho contra Cyllan, que este era o seu combate e de mais ninguém, mas Culhwuch resmungou-lhe para que fosse para dentro de casa. - Venci homens com o dobro do tamanho deste grosseirão barbudo - disse a Tristão.

Cyllan desembainhou a sua longa espada e deu uma cutilada no ar.

- Um de vocês - disse ele descuidadamente - não me interessa qual.

- Não! - gritou Mark de repente. Chamou Cyllan e dois outros dos seus lanceiros, e os três homens ajoelharam-se ao lado da cadeira de Mark e ouviram as instruções do seu Rei.

Culhwuch e eu pensamos que Mark iria ordenar aos seus três homens que lutassem conosco.

- Eu fico com o patife de barba grande e testa suja - decidiu Culhwuch - você fica com aquele cretino ruivo, Derfel, e o meu Príncipe e Senhor pode espetar o calvo. Dois minutos de trabalho?

Isolda apareceu, vinda do interior da casa senhorial. Parecia aterrorizada por estar na presença de Mark, mas veio para nos beijar a mim e a Culhwuch. Culhwuch submergiu-a nos seus braços, enquanto eu me ajoelhei e beijei a sua mão pálida e magra.

- Obrigada - disse ela na sua vozinha toldada. Os seus olhos estavam vermelhos de lágrimas. Pôs-se em pontas de pés para beijar Tristão, e depois, lançando um olhar assustado e acanhado ao marido, fugiu recuando para a penumbra da casa senhorial.

Mark ergueu a sua pesada cabeça do colarinho da pele de foca.

- A corte das espadas - disse numa voz enrouquecida pelas mucosidades - exige um homem para cada um. Sempre assim foi.

- Então mande as suas donzelas uma de cada vez, meu Rei e Senhor - gritou Culhwuch - e eu as matarei cada uma por vez.

Mark abanou a cabeça.

- Um homem, uma espada - insistiu - e o meu filho invocou o privilégio, por isso lutaré.

- Meu Rei e Senhor - disse eu - decreta o costume que um

homem pode lutar pelo seu amigo na corte das espadas. Eu, Derfel Cadarn, insisto nesse privilégio.

- Nada sei sobre tal costume - mentiu Mark.

- Artur conhece - disse eu desapiedado. - Ele lutou por seu filho na corte das espadas e hoje lutarei eu por ele.

Mark virou os seus olhos lacrimosos na direção de Artur, mas este abanou a cabeça como que para sugerir que nada queria ter a ver com esta discussão. Mark voltou a olhar para mim.

- A ofensa de meu filho é imoral - disse ele - e ninguém senão ele devia defendê-la.

- Eu a defenderei! - disse eu, depois Culhwuch deu um passo para junto de mim e insistiu que lutaria por Tristão. O rei apenas olhou para nós, ergueu a sua mão direita e fez um gesto enfatiado.

Os lanceiros de *Kernow*, instruídos pelo homem de cabelo ruivo e pelo guerreiro pelado, formaram uma barreira de escudos ao sinal do rei. Era uma barreira com a profundidade de dois homens e a linha da frente segurava os seus escudos numa fileira fechada enquanto a segunda fila segurava os seus escudos para proteger as cabeças da linha da frente. Depois, à voz de comando, atiraram as suas lanças

para o chão.

- Malditos! - disse Culhwuch, pois percebeu o que estava para acontecer. -

Quebramo-los, Lorde Derfel? - perguntou-me.

- Quebramo-los, Lorde Culhwuch - disse eu vingativo.

Havia quarenta homens de *Kernow*, e três nossos. Os quarenta arrastavam os pés lentamente para frente na sua barreira de escudos bem fechada com os olhos cautelosamente postos em nós por baixo do rebordo dos elmos. Não empunhavam lanças nem haviam desembainhado nenhuma espada. Não vinham para nos matar, mas para nos imobilizar.

E Culhwuch e eu os atacamos. Havia anos que eu não precisava quebrar uma barreira de escudos, mas o antigo desvario voltou ao meu espírito assim que gritei o nome de *Bei*, depois gritei o nome de *Ceinwyn* ao mesmo tempo que avançava com a ponta da *Hywelbane* à altura dos olhos de um homem, e quando ele se desviou para o lado atirei com o meu ombro para a união do escudo dele com o do seu companheiro do lado.

A parede quebrou-se e eu gritei triunfante enquanto esmurrava com o punho de *Hywelbane* a parte de trás da

cabeça de um homem, trespassando-a depois pela frente para alargar a fenda. Em combate, nesta altura, os meus homens estariam à estocada atrás de mim, abrindo as fendas e encharcando o chão com sangue inimigo, mas eu não tinha nenhum homem atrás de mim nem qualquer arma opondo-se, apenas escudos e mais escudos, e deste modo rodopiei num círculo, fazendo com que a *Hywelbane* silvasse como se golpeasse em todas as direções aqueles escudos inexoravelmente fechados sobre mim. Atrevi-me a não matar nenhum dos lanceiros, pois isso seria desonroso, depois de eles terem tão deliberadamente posto de parte as suas próprias armas, e desapossado dessa oportunidade apenas podia tentar assustá-los. Mas eles sabiam que eu não mataria e, deste modo, um círculo de escudos rodeou-me, fechou-me, e a *Hywelbane* foi finalmente detida desfalecendo sob um monte de escudos de ferro. De repente, os escudos de *Kernow* pressionaram-me com mais força.

Ouvi Artur gritando um comando severo, e adivinhei que alguns dos lanceiros de Culhwuch e meus haviam desejado ajudar os seus senhores, mas Artur os fez recuar. Ele não queria uma luta sangrenta, *Kernow* contra *Dumnónia*. Apenas queria esta questão cumprida e terminada.

Culhwuch havia sido cercado como eu e zombava dos seus captos, chamando-os de infantes, cães e vermes, mas os

homens de *Kernow* tinham as suas ordens.

Nenhum de nós estava ferido, apenas bem seguros pela pressão dos homens e dos seus escudos, e deste modo, tal como Isolda, apenas conseguíamos ver que o paladino de *Kernow* avançava com a espada virada para baixo e fazia uma vênia ao seu príncipe.

Tristão sabia que iria morrer. Retirara a fita do cabelo e prendera-a no punho da sua espada, e beijava agora a faixa de linho. Depois estendeu sua espada, tocou a espada do paladino, e precipitou-se para diante com uma investida.

Cyllan desviou-se. O som das duas espadas ecoou na paliçada, depois ecoou de novo assim que Tristão atacou uma segunda vez, agora oscilando a espada numa rápida cutilada descendente. Mas uma vez mais Cyllan desviou-se. Fez isso com facilidade, quase com lassidão. Por mais duas vezes Tristão atacou, e depois susteve o fôlego oscilando e investindo tão depressa quanto conseguia, tentando desesperadamente manter baixa a guarda de Cyllan. No entanto, apenas fátigava o seu próprio braço, e assim que parou para respirar e recuou um passo, o paladino investiu.

A estocada foi muito bem dada. Fora até magnificamente dada, se estivesse vendo uma espada sendo usada apropriadamente. Fora até misericordiosamente dada, pois

Cyllan tirou a vida a Tristão num pestanejo. O Príncipe nem tempo teve de olhar para trás para a sua amada que estava à porta da casa senhorial, na penumbra. Rodou apenas os olhos esbugalhados para o seu assassino, e o sangue brotou do corte na sua garganta, deixando vermelha a sua camisa branca. Depois a sua espada caiu enquanto ele morria, exalando um som sufocante. E quando a sua alma o abandonou, tombou.

- Justiça feita, meu Rei e Senhor - disse Cyllan friamente quando puxou a sua espada do pescoço de Tristão e se afastou. Dos lanceiros que me rodeavam, nenhum se atreveu a me olhar nos olhos, recuando apenas. Apanhei a *Hywelbane* e a visão da sua espada cinzenta foi turvada pelas minhas lágrimas. Ouvi Isolda gritar quando os homens do seu marido mataram os seis lanceiros que acompanhavam Tristão e que guardavam agora a sua rainha. Fechei os olhos.

Não olharia para Artur. Não falaria com Artur. Caminhei para o promontório e aí

rezei aos meus deuses e lhes pedi que voltassem à Bretanha, e enquanto rezava os homens de *Kernow* levaram a rainha Isolda para o lago salgado onde os dois navios negros aguardavam. Mas não a levaram de volta a *Kernow*. Em vez disso, a princesa de Uí Liatháin, essa criança de quinze

primaveras que saltara de pés descalços para as ondas e cuja voz fora um sussurro de fada semelhante aos espíritos dos marinheiros que cavalgam nas longas asas do mar, foi amarrada a um poste e rodeada por uma pilha de madeira flutuante, que abundava na costa de *Halcwm*, e aí, diante dos olhos impiedosos do seu marido, foi queimada viva. O cadáver do seu amado foi queimado na mesma pira.

Não partiria com Artur. Não falaria com ele. Deixei-o partir, e nessa noite dormi na velha e escura casa senhorial onde os amantes haviam dormido. Depois, viajei para *Lindinis* e foi então que confessei a Ceinwyn o antigo massacre no paul quando eu matara o inocente para manter o juramento. Disse-lhe que Isolda fora queimada viva e que gritava enquanto o seu marido assistia.

Ceinwyn abraçou-me.

- Não conhecia essa dureza em Artur? - perguntou-me suavemente.

- Não.

- Ele é tudo o que está entre nós e o horror - disse Ceinwyn - como poderia ele ser outra coisa senão duro?

Até neste momento, de olhos cerrados, vejo por vezes essa criança saindo do mar, sorrindo, com o seu corpo delgado

delineado pelo vestido branco e as suas mãos estendidas em direção ao seu amado. Não consigo ouvir o grito de uma gaivota sem a ver, pois ela irá perseguir-me até ao dia da minha morte, e depois da morte, onde quer que a minha alma vá, ela lá estará; uma criança morta por um rei, segundo a lei, em *Camelot*.

Durante muitos anos depois do juramento da Távola Redonda não vi Lancelot nem nenhum dos seus escudeiros. Amhar e Loholt, os dois filhos gêmeos de Artur, viviam em *Venta*, a capital de Lancelot, onde chefiavam bandos de lanceiros, mas a única luta em que pareciam participar era nas suas tabernas. Dinas e Lavaine também estavam em *Venta* onde presidiam um templo dedicado a Mercúrio, um deus romano, rivalizando as suas cerimônias com as realizadas na igreja do palácio de Lancelot, consagrada pelo bispo Sansum, um visitante freqüente de *Venta* que relatara que o povo belga parecia suficientemente satisfeito com Lancelot, afirmação que nós entendemos como não serem eles declaradamente rebeldes.

Lancelot e os seus companheiros também visitavam *Dumnónia*, a maioria das vezes atravessando a sua fronteira para o Palácio do Mar, mas outras viajando para tão longe como *Durnovária* para estarem presentes em algum grande festim. Eu, todavia, me afastava simplesmente de tais festivais se soubesse que eles vinham, e nem Artur nem

Guinevere alguma vez me pediram que comparecesse. E também não fui convidado para o grande funeral que se seguiu à morte de Elaine, a mãe de Lancelot.

Na verdade, Lancelot não era um mau governante. Não era um Artur, pois em nada se importava com a qualidade da justiça ou com a equidade dos impostos ou do estado das estradas, ignorando simplesmente essas coisas, mas como antes do seu governo elas já haviam sido ignoradas, ninguém notou uma grande diferença. Lancelot, à

semelhança de Guinevere, preocupava-se apenas com o seu conforto e, tal como ela, construiu um suntuoso palácio onde abundavam estátuas. As paredes haviam sido pintadas para torná-lo mais vivo e, claro, expunham a extravagante coleção de espelhos nos quais ele podia admirar o seu próprio reflexo infinitas vezes. O dinheiro para estes luxos era extorquido dos impostos, e se estes fossem pesados então a compensação era a libertação das terras belgas de rápidos ataques saxões. Espantosamente, Cerdic mantivera o acordo com Lancelot e os temíveis lanceiros de Sais nunca empreenderam ataques rápidos aos terrenos das herdades abastadas de Lancelot.

Porém, nem eles necessitavam de empreendê-los, pois Lancelot convidara-os a virem viver no seu reino. A região havia sido despovoada devido aos longos anos de guerra e

vastas extensões de campos férteis haviam sido tomados de novo pelos bosques, por isso entre as gentes de Cerdic, Lancelot convidou colonos para cultivarem os campos. Os Saxões prestaram juramentos de lealdade a Lancelot, fizeram a terra prosperar, construíram novas vilas, pagaram os seus impostos, e os seus lanceiros chegaram mesmo a marchar no seu grupo de guerra. Os guardas do seu palácio, constavam-nos, eram agora todos saxões. A Guarda Saxônica, como lhes chamava, e ele próprio os escolhia pela sua altura e pela cor dos cabelos. Não os vi durante esses anos, apesar de eventualmente os ter encontrado, mas eram todos homens altos e louros, transportando machados polidos até brilharem como espelhos. Havia corrido o rumor que Lancelot pagava um tributo a Cerdic, mas Artur furioso negou-o quando o nosso Conselho lhe perguntou se era verdade. Artur não concordou que os colonos saxões fossem convidados para a região bretã, mas a decisão desta questão, dizia ele, cabia a Lancelot e não a nós, e pelo menos a região estaria em paz. Segundo parecia, a paz desculpava tudo.

Lancelot até se vangloriava de ter convertido a sua Guarda Saxônica ao cristianismo, pois o seu batismo, é agora visível, não tivera lugar apenas pelo espetáculo, mas fora bastante real, ou pelo menos foi o que Galaad me contou numa das suas freqüentes visitas a *Lindinis*. Descreveu a igreja que Sansum construíra no palácio de *Venta* e disse-me que

todos os dias um coro cantava e um grupo de sacerdotes celebrava os mistérios cristãos.

- É tudo muito bonito - disse Galaad ansioso. Isto ocorreu antes de eu ver os êxtases arrebatadores em *Isca* e não fazia a mínima idéia que tais frenesis tivessem lugar, por isso não lhe perguntei se aconteciam em *Venta*, ou se o seu irmão encorajava os cristãos de *Dumnónia* a verem-no como libertador.

- O cristianismo modificou seu irmão? - perguntou Ceinwyn.

Galaad observou o tremor das suas mãos enquanto penteava um fio de lã da roca para o carretel.

- Não, - admitiu. - Ele pensa que é suficiente rezar uma vez por dia e depois comporta-se como muito bem quer. Mas muitos cristãos são assim, infelizmente.

- E como procede ele? - perguntou Ceinwyn.

- Mal.

- Deseja que deixe a sala - perguntou Ceinwyn docemente - para que possa dizer a Derfel sem me embaraçar? E depois ele poderá me dizer quando formos para a cama.

Galaad riu.

- Ele está enfadado, Senhora, e alivia o seu enfado da forma habitual. Caça.

- Assim faz Derfel e assim faço eu. Caçar não é mau.

- Ele caça garotas - disse Galaad com tristeza. - Não as trata mal, mas na verdade elas não têm muita escolha. Algumas ficam agradadas e todas elas enriquecem bastante, mas também se tornam suas prostitutas.

- Ele assemelha-se à maior parte dos reis - disse Ceinwyn secamente

- É tudo o que ele faz?

- Passa horas com aqueles dois patifes druidas - disse Galaad - e ninguém sabe por que razão um rei cristão o faria, mas ele clama ser apenas por amizade. Encoraja os seus poetas, coleciona espelhos e visita o Palácio do Mar de Guinevere.

- Com que finalidade? - perguntei.

- Para conversar, conforme diz. - Galaad encolheu os ombros.

- Afirmam falar sobre religião. Ou melhor, discutem sobre isso. Ela tornou-se muito devota.

- A Ísis - disse Ceinwyn recriminadora. Nos anos que se

seguiram ao juramento da Távola Redonda todos ouvimos dizer como Guinevere cada vez mais amiúde se retirava para a prática da sua religião, de tal modo que agora o Palácio do Mar era, dizia-se, um enorme santuário dedicado a Ísis, e as servidoras de Guinevere, todas mulheres escolhidas pelo seu encanto e boa aparência, eram as sacerdotisas de Ísis.

- A deusa suprema - disse Galaad depreciativamente, depois com cautela fez o sinal da cruz para repelir o mal pagão. - Claro que Guinevere acredita que a deusa tem um enorme poder que pode ser canalizado para as questões humanas. Não creio que Artur goste disto.

- Ele está aborrecido com tudo isto - disse Ceinwyn, fiando e retirando o último fio de lã da roca e depois pousando-a. - Só se lamenta por Guinevere só lhe falar da sua religião. Deve ser horrivelmente entediante para ele. - Esta conversa ocorreu muito antes de Tristão fugir com Isolda para *Dumnónia*, e quando Artur ainda era um conviva desejado em nossa casa.

- Meu irmão clama estar fascinado pelas suas idéias - disse Galaad - e talvez esteja. Ele afirma que ela é a mulher mais inteligente da Bretanha e diz que não casará

até encontrar uma mulher como ela.

Ceinwyn riu.

- Então foi uma sorte ter me deixado. Que idade tem ele agora?

- Trinta e três, acho.

- Tão velho! - disse Ceinwyn, sorrindo-me, pois eu era apenas um ano mais novo.

- O que aconteceu a Ade?

- Ela deu-lhe um filho, e morreu ao tê-lo.

- Não! - disse Ceinwyn, impressionada como sempre ficava ao ouvir falar numa morte durante um parto. - E você diz que ele tem um filho?

- Um bastardo - disse Galaad reprovadamente. - Peredur é seu nome. Agora tem quatro anos, e não é um mau rapazinho. Na verdade até gosto dele.

- Houve alguma vez alguma criança de quem não tivesse gostado? - perguntei-lhe friamente.

- Palha-de-aço - disse ele, e todos sorrimos com o velho apelido.

- Imaginem Lancelot com um filho! - disse Ceinwyn com aquela entoação de efetiva surpresa com que as mulheres acolhem semelhantes notícias. Para mim a existência de outro

bastardo real parecia nada ter de extraordinário, mas percebi já que homens e mulheres reagem a estas coisas de forma bem diferente.

Galaad, tal como o seu irmão, nunca casara. Também não tinha propriedades, mas era feliz e mantinha-se ocupado prestando serviço a Artur como embaixador. Tentou manter viva a Irmandade da Bretanha, embora eu tivesse sabido quão depressa essas ocupações entraram em declínio, e viajou por todos os reinos bretões, transportando mensagens, resolvendo disputas e usando a sua condição real para resolver quaisquer problemas que *Dumnónia* pudesse ter com outros estados. Era Galaad quem normalmente viajava para *Demétia* para restringir os ataques súbitos de Oengus Mac Airem a *Powys* e foi Galaad quem, depois da morte de Tristão, levou a notícia do destino de Isolda a seu pai. Depois disso não o vi por muitos meses.

Também tentei não ver Artur. Estava muito zangado com ele, e também não responderia às suas cartas nem iria ao Conselho. Ele veio a *Lindinis* por duas vezes nos meses que se seguiram à morte de Tristão, e de ambas fui friamente educado e também das duas vezes o deixei assim que conseguí. Conversou com Ceinwyn por longo tempo e ela tentou reconciliar-nos, mas eu não conseguia afastar do meu pensamento a imagem daquela criança queimando.

Porém, também não conseguia ignorar Artur completamente. A segunda aclamação de Mordred estava agora apenas a alguns meses e os preparativos tinham de ser feitos. A cerimônia teria lugar em *Caer Cadarn*, a uma curta distância a leste de *Lindinis*, e inevitavelmente Ceinwyn e eu fôramos encarregados dos preparativos. O

próprio Mordred até demonstrou algum interesse nisso, talvez por perceber que a cerimônia o libertaria finalmente de toda a disciplina.

- Terá de decidir - disse-lhe eu certo dia - quem irá aclamá-lo.

- Artur o fará, não é? - perguntou sombrio.

- Normalmente é feito por um druida - disse eu, - mas se deseja uma cerimônia cristã então terá de escolher entre Emrys ou Sansum.

Encolheu os ombros.

- Sansum, suponho.

- Então devíamos ir falar-lhe - disse eu.

Nós fizemos isso num dia rigoroso de pleno Inverno. Eu tinha outros assuntos em *Ynys Wydryn*, mas antes fui com Mordred ao santuário cristão onde um sacerdote nos disse

que o bispo Sansum estava ocupado rezando a missa e que devíamos aguardar.

- Ele sabe o rei está aqui? - perguntei.

- Eu lhe direi, Senhor - disse o sacerdote, e retirou-se apressadamente correndo sobre o chão gelado.

Mordred caminhou vagorosamente até junto da campa de sua mãe, onde, apesar do frio, uma dúzia de peregrinos se ajoelhou em veneração. Era uma campa muito simples, compondo-se apenas de um pequeno monte de terra com uma cruz de pedra, enfezada pela urna de chumbo que Sansum colocara para receber as oferendas dos peregrinos.

- O bispo virá nos ver sem demora - disse eu. - Esperamos ali dentro?

Abanou a cabeça e franziu as sobrancelhas para o pequeno monte com erva.

- Ela devia ter uma campa melhor - disse ele.

- Isso é bem verdade - disse eu, admirado por ele ter sequer falado. – Você pode construí-la.

- Teria sido melhor - disse ele falsamente - se outros lhe tivessem prestado esse tributo.

- Meu Rei e Senhor - disse eu, - nós estávamos tão ocupados defendendo a vida do seu filho que tivemos pouco tempo para nos ocuparmos dos seus ossos. Mas tem razão, e nós fomos descuidados.

Bateu taciturno com o pé na urna, depois espiou para o interior para ver os pequenos tesouros que haviam sido deixados pelos peregrinos. Os que rezavam junto à

campa afastaram-se cautelosamente, não por medo de Mordred que duvido tenham até

reconhecido, mas porque o amuleto de ferro que eu usava no pescoço traía-me como pagão.

- Porque foi ela enterrada?- perguntou-me Mordred de repente. - Porque não foi queimada?

- Porque ela era cristã - disse eu, escondendo o meu horror pela sua ignorância.

Expliquei que os cristãos acreditavam que os seus corpos seriam de novo usados na última vinda de Cristo, enquanto nós pagãos assumíamos novos corpos-sombra no Outro Mundo e por isso não precisávamos dos nossos cadáveres, os quais, se pudéssemos, queimávamos para evitar que os nossos espíritos vagueassem pela Terra. Se não pudéssemos pagar uma pira funerária então queimávamos o

cabelo da pessoa morta e cortávamos um pé.

- Vou fazer-lhe um jazigo - disse ele depois de eu terminar a minha explicação teológica. Perguntou-me como morrera a sua mãe e contei-lhe toda a história de como Gundleus de *Silúria* perfidamente desposara Norwenna, depois a assassinara quando ela se ajoelhara diante dele. E contei-lhe como Nimue se vingara de Gundleus.

- Essa bruxa - disse Mordred. Ele temia Nimue, e não admira, pois ela tornara-se cada vez mais temida, cada vez mais lúgubre, cada vez mais suja. Agora ela era uma solitária, escavando à procura de vida nos restos das coisas que Merlim juntava onde entoava as suas palavras mágicas, acendia fogueiras aos seus deuses e recebia poucos visitantes, embora uma vez por outra, sem aviso, se dirigisse a passos largos a *Lindinis* para ouvir a opinião de Merlim. Nessas raras visitas eu tentava alimentá-la, as crianças fugiam dela, e ela afastava-se, resmungando para consigo como o seu único olho desvairado, a capa cheia de lama seca e cinzas, e o cabelo negro baço emaranhado com porcaria. Ela era obrigada a ver abaixo do seu refúgio no Tor o santuário cristão aumentando, ficando cada vez mais forte e ainda mais organizado. "Os antigos deuses", pensei, "estavam perdendo rapidamente a Bretanha." Sansum, claro, estava ansioso para que Merlim morresse para se apoderar do Tor e construir uma igreja no seu cume com marcas de

fogueiras, mas o que Sansum não sabia era que todas as terras de Merlim estavam destinadas a mim em testamento.

De pé junto à campa da sua mãe, Mordred interrogava-se sobre a semelhança de nomes entre a minha filha mais velha e a sua falecida mãe e eu disse-lhe que Ceinwyn era prima de Norwenna.

- Morwenna e Norwenna são nomes antigos em *Powys* - expliquei.

- Ela me amava? - perguntou Mordred, e a incongruência desta palavra na sua boca provocou em mim hesitação. Pensei que talvez Artur tivesse razão. Talvez Mordred se tornasse responsável. É certo que, ao longo de todos os anos em que o conhecera, nunca havia tido uma conversa tão cortês.

- Amava-o muito - respondi-lhe com verdade. - As vezes em que vi sua mãe mais feliz foi quando estava com ela. Ali em cima. - Apontei para a parte negra rochosa e escarpada da encosta onde, outrora, o castelo de Merlim e a sua torre de sonho se tinham erguido no Tor. Havia sido nesse local que Norwenna fora assassinada e Mordred lhe fora roubado. Nessa época ele era bebê, até mais novo do que eu quando fui retirado da minha mãe, Erce. Viveria ainda? Não, viajara para *Silúria* para tentar encontrá-la, e esse esquecimento

fez-me sentir culpado. Toquei no amuleto de ferro.

- Quando eu morrer - disse Mordred - quero ir para a mesma sepultura de minha mãe. E eu próprio a farei. Um jazigo de pedra com os nossos corpos elevados num pedestal.

- Deve falar com o bispo - disse eu - e tenho certeza que ficará feliz por fazer todo o possível para ajudá-lo. - "Desde que", pensei cinicamente, "ele não tenha de pagar pelo sepulcro abobadado."

Virei-me enquanto Sansum se apressava atravessando a relva. Fez uma vênia a Mordred, depois deu-me as boas-vindas ao santuário.

- Você vem, faço votos, em busca da verdade, Lorde Derfel?

- Vim visitar aquele santuário - disse eu, apontando para o Tor, - mas o meu Rei e Senhor tem assuntos seus a tratar com você.

Deixei-os sozinhos e subi para o Tor no meu cavalo, passando junto a um grupo de cristãos que, dia e noite, rezavam no sopé do Tor para que os habitantes pagãos fossem mandados embora. Aguentei os seus insultos, depois subi a colina íngreme para verificar que a comporta havia caído da sua última dobradiça. Prendi o meu cavalo a uma estaca do que restava da paliçada, depois carreguei a

trouxa de roupas e peles que Ceinwyn fizera para que as pobres gentes que partilhavam o refúgio de Nimue não congelassem no rigoroso Inverno. Dei as roupas a Nimue e ela deixou-as cair descuidadamente na neve, depois puxou pela minha manga e conduziu-me à sua nova cabana, que ela construía justamente onde outrora se erguera a torre de sonho de Merlim. A cabana tresandava tão abominavelmente que eu quase sufoquei, mas ela já se esquecera do seu asfixiante cheiro fétido. Estava um dia glacial e uma saraivada gelada vergastava de leste empurrada por um vento úmido, mas ainda assim eu preferiria manter-me de pé debaixo do aguaceiro gelado do que tolerar aquela cabana.

- Olhe - disse ela orgulhosa, e mostrou-me um caldeirão, não o Caldeirão, mas apenas um caldeirão comum de ferro remendado pendurado numa viga do telhado, cheio de um líquido escuro. Raminhos de visco-branco, um par de asas de morcego, a pele velha de serpentes, uns chifres de veado partidos e ramos de ervas também pendiam das traves do telhado, que por serem tão baixas me obrigaram a dobrar para entrar na cabana, onde a enorme quantidade de fumaça fazia arder os olhos. Um homem nu estava deitado num colchão de palha na penumbra e queixou-se da minha presença.

- Calado - disse-lhe Nimue com rispidez, depois agarrou um

pau e empurrou-o para dentro do líquido negro do caldeirão, que fumegava devagar em cima de uma pequena fogueira e de onde saía muito mais fumaça do que calor. Ela mexeu o caldeirão, encontrou aquilo que queria, o que quer que fosse, e içou-o do líquido. Vi que era um crânio humano. - Lembra-se de Balise?

- Claro - disse eu. Balise fora um druida, um homem velho quando eu era jovem, e agora há muito falecido.

- Eles queimaram-lhe o corpo - disse-me Nimue, - mas não a cabeça, e a cabeça de um druida, Derfel, é uma coisa com um poder terrível Um homem a trouxe na semana passada. Ele tinha-a numa barrica de cera de abelha e eu a comprei.

O que significou que eu adquiri a cabeça. Desde sempre que Nimue comprara objetos com poder de culto: a membrana fetal de uma criança morta, os dentes de um dragão, um pedaço do pão mágico cristão, pontas de seta de sílex, e agora a cabeça de um homem morto. Ela costumava vir ao palácio e pedir dinheiro por estas coisas espalhafatosas, mas agora eu achava mais simples deixar-lhe um pouco de ouro, mesmo que isso significasse que ela desperdiçaria o metal em qualquer coisa estranha que lhe oferecessem.

Certa vez pagou um lingote de ouro inteiro pela carcaça de um cordeiro que nascera com duas cabeças, e pregou a

carcaça à paliçada que dava para o santuário cristão e aí a deixou apodrecer. Não quis perguntar-lhe quanto tinha pago por uma barrica de cera que continha a cabeça de um homem morto.

- Retirei a cera - disse-me ela - e ferveu-a até a carne se separar do osso.

Em parte isso explicava o opressivo cheiro fétido da cabana.

- Não existe augúrio mais poderoso - disse-me ela, com o seu único olho brilhando na cabana escura - do que a cabeça de um druida fervilhando num pote de urina com as dez ervas castanhas de Crom Dubh. - Largou o crânio e este afundou na superfície escura do líquido. Agora espere - ordenou-me.

Estava me sentindo tonto com a fumaça e o cheiro fétido, mas esperei obediente enquanto a superfície do líquido tremia, brilhava e finalmente baixava até nada restar senão um brilho escuro tão liso como um espelho delgado apenas com um vago vapor elevando-se da superfície negra. Nimue inclinou-se para se aproximar e susteve a respiração, e eu percebi que estava vendo maus presságios na superfície do líquido. O

homem sobre o colchão de palha tossiu horripelmente, depois agarrou sem forças um cobertor puído com que tapou parte da sua nudez.

- Tenho fome - gemeu.

Nimue ignorou-o. Aguardei.

- Estou desiludida com você, Derfel - disse Nimue de repente, com o seu bafejo ondulando a superfície do líquido.

- Porquê?

- Vejo que uma rainha foi queimada viva junto a uma costa do mar. Eu teria gostado das suas cinzas, Derfel - disse reprovadora. - Eu podia ter usado as cinzas de uma rainha. Devia saber disso. - Ficou em silêncio e eu nada disse. O líquido estava de novo imóvel, e quando Nimue voltou a falar o fez numa voz estranha e rouca que não embaciou em absoluto a superfície negra do líquido. - Dois reis virão a *Cadarn*, mas um homem que não é rei aí governará. As mortes ocorrerão no casamento, os perdidos virão para a luz e uma espada pousará no pescoço de uma criança. - Depois gritou terrivelmente, assustando o homem nu que fugiu frenético para o canto mais afastado da cabana, onde se inclinou submisso com as mãos cobrindo-lhe a cabeça. - Diga isto a Merlim - disse-me Nimue na sua voz natural. - Ele saberá o que significa.

- Direi - prometi.

- E diga-lhe - disse ela com um fervor desesperado,

agarrando-me no braço com uma das mãos imundas em concha, - que vi o Caldeirão no líquido. Diz-lhe que em breve será usado. Em breve, Derfel! Diga-lhe isto.

- Digo - disse eu, e depois, incapaz de suportar por mais tempo o cheiro, libertei-me do aperto da sua mão e recuei para a neve que caía.

Ela seguiu-me para fora da cabana e deu um puxão numa aba da minha capa para se cobrir da saraiva. Caminhou comigo passando pela comporta quebrada e estava estranhamente alegre.

- Todos pensam que estamos perdendo, Derfel - disse ela - todos pensam que estes cristãos imundos estão se apoderando da região. Mas não estão. O Caldeirão será revelado em breve, Merlim regressará e o poder se libertará.

Detive-me no portão e olhei fixamente o grupo de cristãos que estava sempre reunido no sopé do *Tor* para rezar as suas extravagantes orações de braços abertos.

Sansum e Morgana combinaram que eles aí ficariam para que as suas constantes orações pudessem servir para escorraçar os pagãos para fora do cume do *Tor* onde havia vestígios de fogueiras. Nimue olhou para baixo, para o grupo, fixamente e com desdém.

Alguns dos cristãos reconheceram-na e fizeram o sinal da cruz.

- Acha que o cristianismo está ganhando, Derfel? - perguntou-me ela.

- Receio que sim - disse eu, ouvindo os uivos de raiva vindos do sopé do *Tor*.

Lembrei-me dos veneradores delirantes em *Isca* e interroguei-me por quanto tempo o horror desse fanatismo podia ser mantido sob controle. - Receio bem que sim - disse eu tristemente.

- O Cristianismo não está ganhando - disse Nimue desdenhosamente. - Veja. -

Curvou-se de súbito, libertando-se da minha capa, e levantou o vestido imundo para expor a sua deplorável nudez aos cristãos, e depois obscenamente impeliu com força as ancas para eles e lançou um grito choroso que se perdeu no vento assim que largou o vestido. Alguns dos cristãos fizeram o sinal da cruz, mas a maioria, notei, fez instintivamente o sinal pagão contra o mal com as suas mãos direitas e depois cuspiram para o chão. - Viu? - disse ela com um sorriso - eles ainda acreditam nos antigos deuses.

Ainda acreditam. E em breve, Derfel, terão provas. Conte isto

a Merlim.

De fato contei a Merlim. Permaneci de pé diante dele e informei-o de que dois reis viriam a *Cadarn*, mas um homem que não era rei governaria, que as mortes ocorreriam no casamento, os perdidos chegariam à luz e uma espada assentaria no pescoço de uma criança.

- Diga isso de novo, Derfel - disse ele, olhando-me de soslaio e afagando um velho gato malhado com riscas pretas estendido ao comprido no seu colo.

Repeti tudo solenemente, depois acrescentei a promessa de Nimue de que o Caldeirão em breve seria desvendado e que o seu horror estava eminente. Ele riu, abanou a cabeça, depois voltou a rir. Acalmou o gato para que ficasse no seu colo.

- E você diz que ela tem a cabeça de um druida? - perguntou.

- A cabeça de Balise, Senhor.

Coçou o gato por baixo do queixo.

- A cabeça de Balise foi queimada, Derfel, há anos. Foi queimada, depois esmagada e reduzida a pó. Reduzida a nada. Eu sei, porque fui eu quem o fez. - Cerrou os olhos e adormeceu.

No Verão seguinte, na véspera de lua cheia, quando as árvores que cresciam junto ao sopé de *Caer Cadarn* estavam carregadas de folhas, numa manhã de Sol brilhante que iluminava as vedações decoradas com briônias, bons-dias e salgueirinha, aclamamos Mordred nosso Rei no antigo cume de *Caer*.

A antiga fortaleza de *Caer Cadarn* mantinha-se deserta durante a maior parte do ano, mas continuava sendo a nossa colina da realeza, o solene lugar de rituais no coração real de *Dumnónia*. As muralhas do forte foram mantidas robustas, mas o interior era um lugar triste com cabanas apodrecidas que se inclinavam servilmente em torno do grande, mas lúgubre salão de festas, que se transformara em abrigo para pássaros, morcegos e ratos. O salão ocupava a parte mais baixa do vasto cume de *Caer Cadarn*, enquanto na zona mais alta, para oeste, se erguia um círculo de pedras cobertas de líquen, circundando o grande bloco de pedra cinzenta semelhante a lousa, a antiga pedra da realeza de *Dumnónia*. Neste local, o grande deus *Bei* havia sagrado rei *Beli Mawr*, o seu filho semideus e semi-humano, como o primeiro dos nossos reis e desde então, mesmo nos anos em que os romanos governaram, todos os nossos reis aqui vieram para ser aclamados. Mordred nascera nesta colina e também aqui fora aclamado quando bebê, apesar de essa cerimônia haver sido um mero sinal do seu estatuto real não lhe conferindo quaisquer direitos. Mas agora ele estava no início da sua

idade viril e desse dia em diante seria rei, mais do que apenas de nome. Esta segunda aclamação desobrigou o juramento de Artur e concedeu a Mordred todo o poder de Uther.

As multidões cedo começaram a reunir-se. O salão de festins fora varrido, depois pendurados estandartes e decorado com galhos verdes. Tonéis de hidromel e púcaros de cerveja haviam sido colocados na relva, enquanto fumaça emergia em grossos rolos das grandes fogueiras onde bois, porcos e veados eram assados para o festim. Homens tatuados de tribos de *Isca* misturavam-se com os cidadãos elegantes de *Durnovária* e *Corinium* vestidos com togas, e ambos ouviram os bardos de branco que cantavam canções especialmente compostas a enaltecer o caráter de Mordred e a predizer as glórias do seu reino. Os bardos nunca eram de confiança.

Eu era o paladino de Mordred e por isso, sozinho entre os lordes na colina, envergava todos os meus ornamentos de guerra. Já não eram as vestes coçadas e mal remendadas que eu vestira na batalha fora de Londres, pois agora eu possuía uma nova e dispendiosa armadura, que refletia o meu elevado estatuto. Tinha um casaco de fina malha romana enfeitado com argolas de ouro na gola, bainha e mangas. Calçava botas altas até ao joelho onde cintilavam barras de bronze, luvas compridas até os cotovelos delimitadas por couraças de ferro que me protegiam os antebraços e os

dedos, e um belo elmo com embutidos de prata com uma aba em cota de malha que me protegia a parte de trás do pescoço. O elmo tinha proteções que balançavam sobre gonzos nas partes laterais do meu rosto e um remate em ouro do qual pendia a minha cauda de lobo recém-escovada. Envergava uma capa verde, com a *Hywelbane* na minha anca e um escudo que, em homenagem a esse dia, tolerava o dragão vermelho de Mordred em vez da minha própria estrela branca.

Culhwuch viera de Isca. Abraçou-me.

- Isto é uma farsa, Derfel - resmungou.

- Um belo e feliz dia, Senhor Culhwuch - disse, olhando-o de frente, não sorriu, e em vez disso olhou carrancudo para a multidão expectante.

- Cristãos - e cuspiu.

- Parecem ser muitos.

- Merlim está aqui?

- Sentia-se cansado - disse eu.

- Quer então dizer que teve bastante juízo para não vir aqui - disse Culhwuch. -

Então quem faz hoje as honras?

- O bispo Sansum.

Culhwuch cuspiu. A sua barba ficara mais grisalha nos poucos meses que haviam passado e ele movia-se com rigidez, embora ainda fosse um homem muito robusto.

- Já fala com Artur? - perguntou.

- Falamos quando é necessário - respondi evasivo.

- Ele quer voltar a ser seu amigo - disse-me Culhwuch.

- Ele lida com os amigos de forma muito estranha - disse eu severamente.

- Ele precisa de amigos.

- Então tem sorte em ter você - repliquei, e virei-me assim que um *lur* soou, interrompendo a nossa conversa.

Lanceiros abriam uma passagem por entre a multidão, usando os escudos e as hastes das lanças para empurrar as pessoas devagar para trás, e no corredor de lanceiros avançava lentamente em direção ao círculo de pedras uma procissão de lordes, magistrados e sacerdotes. Tomei o meu lugar na procissão ao lado de Ceinwyn e das minhas filhas.

Nesse dia, a reunião era mais um tributo a Artur do que a Mordred, pois todos os seus aliados se encontravam presentes. Cuneglas viera de *Powys*, trazendo uma dúzia de lordes e o seu herdeiro, o príncipe Perddel que era agora um bonito rapaz com a cara redonda e séria de seu pai. Agrícola, agora velho e de articulações rígidas, acompanhava o rei Meurig, ambos de toga.

Tewdric, o pai de Meurig ainda vivia, mas o velho rei desistira do trono, rapara o cabelo para que ficasse igual à tonsura de um sacerdote e retirou-se para um mosteiro no vale de *Wye* onde pacientemente criou uma biblioteca, reunindo textos cristãos e permitindo que seu filho pedante governasse *Gwent* em seu lugar. Byrthig, que sucedera a seu pai como rei de *Gwynedd*, e que agora tinha apenas dois dentes, manteve-se de pé

agitado, achando que os rituais eram algo inevitavelmente irritante que deviam terminar antes de ele poder regressar aos tonéis de hidromel já servidos. Oengus Mac Airem, o pai de Isolda e rei de *Demétia*, viera com um grupo dos seus temíveis Escudos Negros, enquanto Lancelot, rei de *Belgae*, era escoltado por uma dúzia de homens gigantes da sua Guarda Saxônica e pelos sinistros pares de gêmeos, Dinas e Lavaine e Amhar e Loholt.

Reparei que Artur abraçou Oengus que, feliz, retribuiu o

gesto. Não havia má

vontade, conforme parecia, apesar da horrível morte de Isolda. Artur usava uma capa castanha, talvez por não querer que uma das suas capas brancas ofuscasse o herói do dia. Guinevere estava maravilhosa num vestido de cor castanha-avermelhada ornamentado com prata e bordado com o seu símbolo do veado coroado com a lua.

Sagramor veio numa toga negra e trouxe Malla, a sua mulher saxã, que estava grávida, e os seus dois filhos varões. Não veio ninguém de *Kernow*.

Os estandartes dos reis, chefes de tribos e lordes pendiam das muralhas onde um círculo de lanceiros, todos equipados com escudos com dragões pintados de fresco, estavam de sentinela. Soou de novo um *lur* com o seu som pesado espalhando-se pelo ar quente enquanto outros vinte lanceiros escoltavam Mordred em direção ao círculo de pedras onde, quinze anos antes, o aclamáramos pela primeira vez. Essa primeira cerimônia ocorrera no Inverno e o bebê Mordred fora embrulhado em peles e transportado para as pedras numa alvoroçada guerra de escudos. Morgana vigiara essa primeira aclamação, marcada pelo sacrifício de um saxão cativo, mas desta vez a cerimônia seria um rito inteiramente cristão. Os cristãos, pensei de modo severo, independentemente do que Nimue possa pensar, ganharam.

Ali não estavam presentes druidas, à exceção de Dinas e Lavaine, mas esses não tinham qualquer lugar de destaque. Merlim dormia no jardim de *Lindinis*, Nimue estava no *Tor* e nenhum cativo seria trucidado para se descobrir os augúrios relativos ao reino do rei recém-aclamado. Na primeira aclamação de Mordred havíamos morto um prisioneiro saxão, trespassando-o acima do abdômen para que a sua morte fosse lenta e agonizante, e Morgana observara cada cambaleio doloroso e todas as golfadas de sangue como sinais do futuro. Tais augúrios, recordo-me, não haviam sido bons, apesar de terem prometido a Mordred um longo reinado. Tentei recordar-me do nome desse pobre saxão, mas tudo o que me ocorria era o seu rosto aterrado e o fato de eu ter gostado dele, e então de repente o seu nome surgiu vindo com o recuar dos anos.

Wlenca! Pobre e Trêmulo Wlenca. Morgana insistira na sua morte, mas agora, com um crucifixo balançando-lhe à frente da máscara, estava aqui apenas como mulher de Sansum e não tomaria parte nos ritos.

Uma exclamação em surdina saudou a chegada de Mordred. Os cristãos aplaudiram, enquanto nós pagãos apenas tocamos as nossas mãos respeitosamente e depois ficamos em silêncio. O rei estava todo vestido de preto: camisa preta, calças axadrezadas pretas, capa preta e um par de botas pretas, uma das quais fora monstruosamente confeccionada

para revestir o seu pé direito defeituoso. Um crucifixo em ouro pendia do seu pescoço e pareceu-me ver no seu rosto redondo e feio um sorriso dengoso, ou talvez essa careta apenas traísse o seu nervosismo. Mantivera a barba, mas era uma coisa fina que pouco valorizava a sua cara bulbosa metida nos tufos salientes de cabelo. Caminhou sozinho para o interior do círculo real e tomou o seu lugar junto à pedra real.

Sansum, magnífico de branco e dourado, apressou-se a colocar-se ao lado do rei. O bispo ergueu os braços e, sem qualquer preâmbulo, começou a rezar em voz alta.

A sua voz, sempre poderosa, retumbou por entre a imensa multidão que se comprimia por trás dos lordes, chegando aos imóveis lanceiros que se encontravam em cima das plataformas das muralhas de combate.

- Senhor Deus! - gritou. - Concedei a Vossa bênção a este Vosso filho Mordred, a este rei abençoado, a esta luz da Bretanha, a este monarca que comandará o Vosso reino de *Dumnónia* na sua nova e abençoada era.

Confesso que parafraseio o sacerdote, pois na verdade pouca atenção prestei quando Sansum pregou ao seu Deus. Ele era bom em tais discursos públicos, mas eram todos muito semelhantes; sempre muito longos, sempre cheios de

enaltecimentos do cristianismo e sempre repletos de sarcasmos em relação ao paganismo, por isso em vez de ouvir, eu observava a multidão para ver quem no meio dela estendia os braços e cerrava os olhos. A maioria fazia-o. Artur, sempre pronto a mostrar respeito para com qualquer religião, estava apenas de pé com a cabeça baixa e segurava a mão do seu filho, enquanto, do outro lado de Gwydre, Guinevere contemplava o céu com um sorriso secreto no seu rosto belo. Amhar e Loholt, filhos de Artur e Aillean, rezavam com os cristãos, enquanto Dinas e Lavaine apenas se mantinham de pé, com os braços cruzados por cima das suas vestes brancas, e olhavam fixamente para Ceinwyn que, à semelhança daquele dia em que fugira dos seus esponsais, não usava nem ouro nem prata. O seu cabelo ainda mantinha um esplendor tão belo e pálido, e ela continuava a ser para mim a criatura mais adorada que alguma vez caminhara sobre a terra. O seu irmão, o rei Cuneglas, também estava ao seu lado, de pé, e ao deparar-se com o meu olhar durante um dos altos vôos de fantasia de Sansum dirigiu-me um sorriso forçado. Mordred, de braços abertos em oração, observou-nos a todos com um sorriso cabotino.

Depois de terminada a oração, o bispo Sansum tomou o braço do rei e conduziu-o para junto de Artur que, na qualidade de guardião do reino, apresentaria agora o novo governante ao seu povo. Artur sorriu a Mordred para encorajá-lo, depois conduziu-o caminhando pela parte

exterior do círculo de pedras e, enquanto Mordred passava, os que não eram reis curvavam-se sobre um joelho. Eu, como seu paladino, caminhei atrás dele com uma espada desembainhada. Caminhamos de frente para o Sol, a única altura em que um círculo podia alguma vez ser percorrido deste modo, para mostrar que o nosso novo rei descendia de *Beli Mawr* e podia assim desafiar a ordem natural de todas as coisas vivas, embora o bispo Sansum declarasse, evidentemente, que a caminhada contra o Sol provava a morte das superstições pagãs. Vi que Culhwuch conseguira esconder-se durante a caminhada em círculo para não ter de se ajoelhar.

Depois de completar dois círculos inteiros de pedras, Artur conduziu Mordred à

pedra real e ajudou-o a subir para que o rei aí ficasse sozinho. Dian, a minha filha mais nova, deu então uns passos incertos e vacilantes para diante com uma grinalda de centáureas azuis no cabelo e colocou um pão grande junto aos pés desproporcionados de Mordred simbolizando o seu dever de alimentar o seu povo. As mulheres murmuraram quando a viram, porque Dian, tal como as suas irmãs, herdara a beleza descuidada de sua mãe. Pousou o pão, depois olhou à sua volta aguardando um sinal sobre o que havia de fazer em seguida e, como se nada lhe fosse revelado, olhou majestosamente para cima para o rosto de

Mordred e imediatamente se desfez em lágrimas. As mulheres suspiraram, contentes, ao mesmo tempo que a criança corria para a mãe chorando e Ceinwyn a chegava a si e lhe secava as lágrimas. Gwydre, o filho de Artur, levou em seguida um chicote de couro que colocou aos pés do rei como símbolo do dever de Mordred conceder justiça à região, e depois eu levei a nova espada real, forjada em Gwent e com um punho de couro preto envolto numa tela de ouro, e estendi a espada para a mão direita de Mordred.

- Meu Rei e Senhor - disse eu, olhando-o nos olhos, - isto é pelo seu dever de proteger seu povo. - O sorriso dengoso de Mordred desaparecera e fitava-me com uma dignidade fria que me fez desejar que Artur tivesse razão e que a solenidade deste ritual concedesse, de fato, a Mordred o poder de ser um bom rei.

Depois, um a um, o presenteamos com as nossas oferendas. Eu dei-lhe um belo elmo, ornado em ouro e com um dragão vermelho esmaltado com gravações a fogo na cabeça. Artur deu-lhe um casaco com incrustações, uma lança, e uma caixa de marfim cheia de moedas de ouro. Cuneglas ofereceu-lhe lingotes de ouro das minas de *Powys*.

Lancelot presenteou-o com uma cruz maciça de ouro e um pequeno espelho em *electrum* emoldurado a ouro. Oengus Mac Airem colocou aos seus pés duas grossas peles de

urso, enquanto Sagramor colocou uma imagem saxônica em ouro da cabeça de um touro na pira. Sansum presenteou o rei com um pedaço da cruz onde, afirmou bem alto, Cristo fora crucificado. O pedaço de madeira escura estava fechado num frasco de vidro romano que fora selado a ouro. Só Culhwuch nada ofereceu. De fato, depois das oferendas terem sido entregues e dos lordes terem se colocado em linha para se ajoelharem diante do rei e lhe prestarem os seus juramentos de lealdade, não se via Culhwuch em parte alguma.

Eu fui o segundo homem a prestar juramento, seguindo Artur até à pedra real onde me ajoelhei no lado contrário ao grande monte de ouro reluzente e pus os meus lábios na extremidade da nova espada de Mordred e jurei pela minha vida que o serviria lealmente.

Fora um momento solene, pois tratara-se do juramento real, o juramento que regia todos os outros.

Houve um acontecimento novo nessa aclamação, um ritual que Artur imaginara como uma forma de continuar a paz que ele tão zelosamente construía e mantivera ao longo dos anos. A nova cerimônia era uma extensão da sua Irmandade da Bretanha, pois convencera os reis da Bretanha pelo menos àqueles que estavam presentes a beijarem Mordred e a prestar juramentos de nunca lutarem uns contra os outros.

Mordred, Meurig, Cuneglas, Byrthig, Oengus e Lancelot todos se abraçaram, juntaram as suas espadas usadas no juramento e juraram manter a paz uns com os outros. Artur irradiou alegria e Oengus Mac Airem, um tratante se é que alguma vez existiu algum, lançou-me um pestanejo prolongado. Vinha o tempo das colheitas e eu sabia que os seus lanceiros desferiam ataques rápidos sobre os celeiros de *Powys*, independentemente dos juramentos que ele tivesse prestado.

Depois de o juramento real ter sido prestado, representei o último ato da aclamação. Primeiro dei a Mordred a minha mão enluvada e ajudei-o a descer da pedra e então, depois de tê-lo conduzido à pedra mais a norte do círculo exterior, peguei a sua espada real e coloquei o lado da sua lâmina descoberta em cima da pedra real. Aí ficou, reluzente, uma espada sobre uma pedra, o verdadeiro sinal de um rei, e depois cumpri o dever do paladino do rei que consistia em andar em largas passadas junto ao círculo e cuspir aos espectadores e desafiando todos quantos ouviam a atreverem-se a negar o direito de Mordred Uther ser o rei desta região. Pisquei o olho às minhas filhas ao passar, assegurando-me que o meu cuspo aterrara nas vestes luzidas de Sansum, e certificando-me igualmente que não havia aterrado no vestido bordado de Guinevere.

- Declaro que Mordred Uther seja rei! - gritei de novo e ainda

outra vez. - E se algum homem o negar, que me defronte aqui e agora. - Caminhei devagar com a *Hywelbane* desembainhada e gritei o meu desafio bem alto. - Declaro que Mordred Uther seja o rei, e se algum homem o negar, deixem que me defronte aqui e agora.

Quase completara o círculo quando ouvi a lâmina roçar na bainha enquanto era puxada.

- Eu nego! - Gritou uma voz e o grito foi seguido por um sobressalto de horror da multidão. Ceinwyn empalideceu, e as minhas filhas, que já estavam assustadas por me ver com as irreconhecíveis vestes de ferro, aço, couro e pêlo de lobo, esconderam os rostos nas suas camisas de linho.

Virei-me devagar e vi que Culhwuch voltara para o círculo e me encarava agora com a sua grande espada de batalha desembainhada.

- Não, - pedi-lhe, - por favor.

Culhwuch, de expressão severa, deu um passo largo para o centro do círculo e arrancou a espada do rei com punho de ouro de cima da pedra.

- Nego Mordred Uther - disse Culhwuch cerimoniosamente, depois atirou a espada real para a relva.

- Mate-o - gritou Mordred do seu lugar ao lado de Artur. - Cumpra o seu dever, Lorde Derfel!

- Nego a sua adequação para governar! - gritou Culhwuch para a assembléia.

Uma aragem ergueu os estandartes pendurados nas paredes e fez mover o cabelo dourado de Ceinwyn.

- Ordeno que o mate! - gritou Mordred exaltado.

Caminhei para dentro do círculo para encarar Culhwuch. Agora o meu dever era lutar com ele, e se ele me matasse então seria escolhido outro paladino do rei e assim continuaria a estúpida questão até Culhwuch, batido, ensangüentado e em convulsão exalar o seu último suspiro no solo de *Caer Cadarn*, ou, o que era mais provável, eclodir no cume uma batalha em larga escala que terminasse com a facção triunfante de Culhwuch ou de Mordred. Tirei o elmo da cabeça, afastei o cabelo da frente dos olhos e vacilei-o por cima da parte superior da minha bainha. Depois, ainda com a *Hywelbane* na mão, abracei Culhwuch.

- Não faça isto - sussurrei ao seu ouvido. - Não posso matá-lo, meu amigo, por isso só te restará matar-me.

- Ele é um sapo miserável, um verme, não um rei - murmurou.

- Por favor - disse eu. - Eu não posso matá-lo. Sabe disso.

Apertou-me com força.

- Faça as pazes com Artur, meu amigo - sussurrou-me ele, depois afastou-se com um passo e bateu com força a sua espada na bainha. Levantou a espada de Mordred da relva, lançou ao rei um olhar irritado, depois voltou a colocar a espada sobre a pedra. - Dou-me por vencido - gritou ele para que todo o cume o pudesse ouvir, depois dirigiu-se a Cuneglas e ajoelhou-se aos seus pés. - Aceita o meu juramento, meu Rei e Senhor?

Fora um momento embaraçoso, porque se o rei de *Powys* aceitasse a lealdade de Culhwuch então a primeira atuação de *Powys* deste recente reino de *Dumnónia* seria acolher um inimigo de Mordred, mas Cuneglas não hesitou. Empurrou o punho da sua espada para diante para que Culhwuch o beijasse.

- De boa vontade, Lorde Culhwuch - disse ele - de boa vontade.

Culhwuch beijou a espada de Cuneglas, depois ergueu-se e caminhou para o portão oeste. Os seus lanceiros seguiram-no e, deste modo, com a saída de Culhwuch, Mordred teria por fim o poder do reino inabalável. Fez-se silêncio, depois Sansum começou a dar vivas ao rei e os cristãos imitaram-no

e desta forma foi aclamado o seu novo governante. Os homens reuniram-se em volta do rei, congratulando-o, e eu vi que Artur fora deixado sozinho. Olhou-me e sorriu, mas eu me virei para outro lado. Embainhei a *Hywelbane*, depois inclinei-me para as minhas filhas ainda assustadas e disse-lhes que nada havia a recear. Dei a Morwenna o meu elmo para que o segurasse, e mostrei-lhe como as proteções laterais balançavam para trás e para diante nas suas dobradiças.

- Não as quebre! - adverti-a.

- Pobre lobo - disse Seren, acariciando a cauda do lobo.

- Matou muitos cordeiros.

- Foi por isso que vocês mataram o lobo?

- Claro.

- Lorde Derfel! - Chamou de repente a voz de Mordred, e eu endireitei-me e virei-me para ver que o rei afastara os seus admiradores e, coxeando, atravessava o círculo real na minha direção.

Fui ao seu encontro, depois fiz uma vênia com a cabeça.

- Meu Rei e Senhor.

Os cristãos haviam-se reunido atrás de Mordred. Eram agora os senhores, e a sua vitória era evidente nos seus rostos.

- Fez um juramento, Lorde Derfel - disse Mordred - de me obedecer.

- Eu o fiz, meu Rei e Senhor.

- Mas Culhwuch ainda vive - disse ele numa voz embaraçada. - Não é assim?

- Vive, meu Rei e Senhor - disse eu.

Mordred sorriu.

- Um juramento quebrado, Lorde Derfel, merece castigo. Não foi o que sempre me ensinou?

- Sim, meu Rei e Senhor.

- E o juramento, Lorde Derfel, foi prestado sobre a sua vida, não foi?

- Sim, meu Rei e Senhor.

Cofiou a barba fina.

- Mas as suas filhas são lindas, Derfel, por isso lamentaria perdê-lo de *Dumnónia*.

Eu o perdôo por Culhwuch ainda viver.

- Obrigado, meu Rei e Senhor - disse eu, reprimindo a tentação de lhe bater.

- Mas um juramento quebrado ainda merece castigo - disse ele excitado.

- Sim, meu Rei e Senhor - concordei. É verdade.

Fez uma pequena pausa, depois bateu-me com força no rosto com o malho de couro da justiça. Riu, e estava tão deliciado com a reação inesperada do meu rosto que me bateu com o malho uma segunda vez.

- Castigo cumprido, Lorde Derfel - disse ele, depois virou-se e se afastou. Os seus aliados riram e aplaudiram.

Não ficamos para o festim, nem para os jogos de luta, nem para os fictícios assaltos de esgrima ou as exibições de malabarismo, nem tão pouco para ver dançar o urso domesticado e o concurso dos bardos. Caminhamos, em família, de volta a *Lindinis* junto ao ribeiro onde os salgueiros cinzentos e as lisimáquias púrpuras floriam. Fomos a pé para casa.

Cuneglas seguiu-nos uma hora depois. Planejava ficar conosco durante uma semana, depois regressaria a *Powys*.

- Regresse comigo - disse ele.

- Prestei juramento a Mordred, meu Rei e Senhor.

- Oh, Derfel, Derfel! - Colocou o braço em volta do meu pescoço e subiu para o pátio exterior comigo. - Meu caro Derfel, você é tão mau como Artur! Acha que a Mordred lhe interessa que mantenha ou não o juramento?

- Tenho esperança que ele me não queira como inimigo.

- Quem sabe o que ele quer? - perguntou Cuneglas. - Garotas, provavelmente, e cavalos rápidos e veados em retirada e hidromel forte. Vamos para casa, Derfel!

Culhwuch estará lá.

- Terei saudades dele, Senhor - disse eu. Enquanto regressávamos de *Caer Cadarn* fizera votos para que Culhwuch nos aguardasse em *Lindinis*, mas infelizmente ele não se atrevera a desperdiçar tempo algum e cavalgava para o norte para escapar aos lanceiros enviados para encontrá-lo antes que atravessasse a fronteira.

Cuneglas abandonou a sua tentativa para me convencer a ir para o Norte.

- O que estava Oengus, aquele tratante, fazendo ali? -

perguntou-me impertinente. - E também fazendo aquela promessa de manter a paz!

- Ele sabe, meu Rei e Senhor - disse eu, - que se perder a amizade de Artur as suas lanças invadirão a sua região.

- Ele tem razão - disse Cuneglas ameaçador. - Talvez eu conceda essa tarefa a Culhwuch. Terá agora Artur algum poder?

- Isso depende de Mordred.

- Admitamos que Mordred não é completamente tolo. Não consigo conceber *Dumnónia* sem Artur. - Virou-se quando um grito vindo do portão anunciou mais visitantes.

Eu tinha quase certeza que iria ver os escudos de dragão e um grupo de homens de Mordred à procura de Culhwuch, mas afinal era Artur e Oengus Mac Airem quem chegavam com uma vintena de lanceiros. Artur hesitou à entrada do portão.

- Sou bem-vindo? - gritou-me.

- Claro, Senhor - respondi, embora sem ser de forma acolhedora. As minhas filhas espiavam-no por trás de uma janela e uns instantes depois correram, gritando, para recebê-lo. Cuneglas juntou-se a elas, ignorando claramente o

rei Oengus Mac Airem que veio para junto de mim. Fiz uma vênua, mas Oengus puxou-me na vertical e enlaçou-me nos seus braços. A sua gola de pêlo tresandava a suor e a gordura retardada. Sorriu-me ironicamente.

- Artur me disse que você já luta numa guerra decente há dez anos - disse ele.

- Deve haver esse tempo, Senhor.

- Perderá a prática, Derfel. No primeiro combate bem travado de um rapaz e alguma escorregadela te arrancarão as entranhas para alimentar os seus cães. Como você está?

- Mais velho do que antes, Senhor. E o senhor?

- Continuo vivo - disse ele, depois lançou um rápido olhar para trás para Cuneglas. - Presumo que o rei de *Powys* não queira cumprimentar-me?

- Ele acha, meu Rei e Senhor, que os seus lanceiros estão muito ocupados na sua fronteira.

Oengus riu.

- Tenho de mantê-los ocupados, Derfel, sabe como é. Os lanceiros de Idle causam problemas. E além disso, hoje em dia tenho muitos desses canalhas. A Irlanda está tornando-

se cristã! - cuspiu. - Um bretão intrometido chamado Padraig transformou-os em maricas. Vocês nunca se atreveram a conquistar-nos com as suas lanças, por isso enviaram esse monte de merda de foca para nos enfraquecer, e qualquer irlandês com coragem suficiente virá para os reinos irlandeses na Bretanha para fugir dos seus cristãos. Pregou-lhes com uma folha de trevo! Imaginam vocês isto? Conquistar a Irlanda com uma folha de trevo? Não admira que todos os guerreiros decentes venham me procurar, mas o que posso fazer com eles?

- Mande-os matar Padraig - sugeri.

- Ele já está morto, Derfel, mas os seus seguidores estão todos vivos demais. -

Oengus atraíra-me para um canto do pátio onde parou e levantou os olhos para o meu rosto. - Ouvi dizer que tentou proteger a minha filha.

- Assim foi, Senhor - disse eu. Vi que Ceinwyn chegara do palácio e beijava Artur.

Seguravam-se um ao outro enquanto falavam e Ceinwyn olhava de soslaio recriminadora na minha direção. Voltei a virar-me para Oengus. - Desembainhei uma espada por ela, meu Rei e Senhor.

- Fez bem, Derfel - disse ele descuidadamente - fez bem, mas não tem importância. Tenho várias filhas. Nem tenho certeza se consigo me lembrar de qual delas era Isolda. Uma coisinha magricela, não era?

- Uma menina linda, meu Rei e Senhor.

Ele riu:

- Quando se é velho, qualquer coisa jovem com mamas é bela. Tenho uma beleza na descendência. Argante, chama-se ela, e quebrará alguns corações antes da idade adulta. O seu novo rei procurará uma noiva, não é?

- Creio que sim.

- Argante servirá para ele - disse Oengus. Não estava sendo gentil para Mordred ao sugerir a sua linda filha para Rainha de *Dumnónia*, mas antes assegurando-se que *Dumnónia* continuasse a proteger *Demétia* dos homens de *Powys*. - Talvez eu a traga aqui numa visita - disse ele. Depois abandonou o assunto desse possível casamento e desferiu um violento murro no meu peito. - Ouça, meu amigo - disse ele energicamente -

não vale a pena zangar-se com Artur por causa de Isolda.

- Foi por isso que ele o trouxe até aqui, Senhor? - perguntei

com suspeição.

- Claro que foi, seu idiota! - disse Oengus feliz. - E porque eu não suporto todos aqueles cristãos em *Caer*. Faça as pazes, Derfel. A Bretanha não é assim tão grande para que os homens decentes possam começar cuspir uns aos outros. Ouvi dizer que Merlin vive aqui?

- Vai encontrá-lo por ali - disse eu apontando na direção de um arco que conduzia a um jardim onde as rosas de Ceinwyn desabrochavam - o que resta dele.

- Vou espreitar aquele lorpa. Talvez ele consiga me dizer o que tem uma folha de trevo de tão especial. E preciso de um encantamento para me ajudar a fazer mais filhas. -

Riu e afastou-se. - Estou ficando velho, Derfel, estou ficando velho!

Artur deixou as minhas três filhas à guarda de Ceinwyn e do seu tio Cuneglas, depois caminhou na minha direção. Hesitei, depois gesticulei através do portão e caminhei à sua frente para o prado onde aguardei fitando, por cima das árvores que se interpunham, as muralhas de *Caer Cadarn* com os estandartes pendurados.

Ele parou atrás de mim.

- Foi na primeira aclamação de Mordred - disse ele suavemente - que conhecemos Tristão. Lembra-se?

Não me virei.

- Sim, Senhor.

- Já não sou seu senhor, Derfel - disse ele. - O nosso juramento para com Uther foi cumprido, está terminado. Eu não sou seu senhor, mas serei seu amigo. - Hesitou. - E

em relação ao que aconteceu, lamento.

Continuei sem me virar. Não por orgulho, mas porque tinha lágrimas nos olhos.

- Também lamento - disse eu.

- Perdoa-me? - perguntou com humildade. - Voltamos a ser amigos?

Olhei fixamente para *Caer* e pensei em todas as coisas que eu fizera que necessitavam de perdão. Pensei nos corpos na charneca. Nesse tempo eu era um jovem lanceiro, mas a juventude não desculpava a chacina. Não cabia a mim, pensei, perdoar Artur pelo que fizera. Ele tinha de fazê-lo por si próprio.

- Seremos amigos - disse eu - até à morte.

E então virei-me. E abraçamo-nos. Cumprira-se o nosso juramento a Uther. E

Mordred era rei

QUARTA PARTE

Os Mistérios de Isis

- Isolda, era bela? - pergunta-me Igraine.

Por instantes refleti na pergunta.

- Era jovem - disse eu por fim - e como dizia seu pai...

- Li o que seu pai - disse interrompeu-me Igraine com brevidade.

Quando vem a *Dinnewrac*, Igraine senta-se sempre e lê na íntegra os pergaminhos prontos antes de se sentar no peitoril da janela e falar comigo. Hoje está

pendurada nessa janela uma cortina de couro para tentar impedir que o frio entre neste aposento mal iluminado com velas de pavio de medula de junco sobre a minha mesa e cheio de fumaça, porque o vento vem de Norte e a fumaça da lareira não encontra a saída pela chaminé.

- Foi há muito tempo - disse eu com lassidão - e só a vi por

um dia e duas noites.

Recordo-a como sendo bela, mas suponho que achamos sempre os mortos bonitos quando desaparecem novos.

- Todas as canções dizem que ela era bela - disse Igraine melancolicamente.

- Eu paguei a bardos por essas canções - disse eu. - Tal como paguei a homens para que levassem as cinzas de Tristão de volta a *Kernow*. - "Era justo", pensara eu, que depois de morto, Tristão fosse para a sua própria região, e eu misturara os seus ossos com os de Isolda e as suas cinzas com as dela, e na verdade com uma razoável quantidade de cinzas de madeira e encerrei-as num frasco que encontráramos na casa senhorial onde haviam partilhado o seu sonho de amor impossível. Na época eu era abastado, um grande senhor, dono de escravos, criados e lanceiros, suficientemente rico para comprar uma dúzia de canções sobre Tristão e Isolda, ainda hoje entoadas em todos os salões de banquetes. Também me certifico de que as canções culpem Artur pelas suas mortes.

- Mas porque fez ele isso? - perguntou Igraine.

Esfreguei a face com a mão.

- Artur adorava a ordem - expliquei. - Não creio que alguma

vez ele tenha acreditado nos deuses. Bom, acreditava que existiam, não era tolo, mas não acreditava que ainda se importassem conosco. Lembro-me de, certa vez, ele rir e dizer que era muito arrogante da nossa parte pensarmos que os deuses nada de melhor tinham para fazer do que preocuparem-se conosco. Perdemos minutos de sono por causa do rato que está no telhado de colmo? perguntou-me. Então porque haviam os deuses de se importar conosco? Desta forma, tudo o que lhe restava, à parte os deuses, era a ordem, e a única coisa que mantinha a ordem era a lei, e a única coisa que obrigava os poderosos a obedecer à lei eram os seus juramentos. Era, na verdade, bastante simples. - Encolhi os ombros. - Claro que ele tinha razão; quase sempre tinha.

- Devia tê-los deixado viver - insistiu Igraine.

- Ele obedeceu à lei - afirmei, sombriamente. - Muitas vezes me arrependi de ter permitido que os bardos culpassem Artur. Ele me perdoou, todavia.

- E Isolda foi queimada viva? - Igraine estremeceu. - E Artur deixou simplesmente que isso acontecesse?

- Ele podia ser muito duro - disse eu, - e tinha de ser, para que todos nós, sabe Deus, pudéssemos ser brandos.

- Ele devia tê-los poupado - insistiu Igraine.

- E se o tivesse feito não teria havido canções nem histórias
- respondi. - Teriam envelhecido, teriam se tornado gordos e teriam morrido. Ou então, Tristão teria regressado a casa em *Kernow* quando o seu pai morresse e desposado outras mulheres.

Quem sabe?

Quanto tempo viveu Mark? - perguntou-me Igraine.

- Apenas mais um ano - disse eu. - Morreu de estrangúria.

- De quê?

Sorri.

- Uma doença malcheirosa, senhora. As mulheres, creio, não estão sujeitas a ela.

Então, um sobrinho, de cujo nome não me recordo, tornou-se rei.

Igraine fez uma careta.

- Mas lembra-se de Isolda saindo do mar, correndo - disse ela acusadora, -

porque o seu vestido estava molhado.

Sorri.

- Como se fosse ontem, Senhora.

- O mar da Galiléia - disse Igraine com muita vivacidade, pois São Tudwal entrara de repente no nosso aposento. Tudwal tem agora dez ou onze anos de idade, um rapaz franzino de cabelo preto e um rosto que me recorda o de Cerdic. Uma cara de ratazana, partilhando ele tanto a sua cela como a sua autoridade. - Quão afortunados nós somos por termos dois santos na nossa comunidade.

- O santo deseja que lhe decifre estes pergaminhos - pediu Tudwal, colocando-os sobre a minha mesa. Ignorou Igraine. Segundo parece, os santos podem ser indelicados para com as rainhas.

- O que são? - perguntei-lhe.

- Um mercador deseja que os compremos - disse Tudwal. - Clama serem salmos, mas os olhos do santo estão muito cansados para lê-los.

- Certamente - disse eu. De fato, a verdade é que Sansum não sabe ler e Tudwal é muito preguiçoso para aprender, embora todos tenhamos tentado ensiná-lo e agora todos nós simulamos que consegue. Desenrolei com cuidado o pergaminho antigo, quebradiço e frágil. O idioma era Latim,

uma língua que mal entendo, mas reparei na palavra *Christus*. - Não são salmos - disse eu, - todavia são cristãos. Suponho que sejam fragmentos de Evangelhos.

- O mercador deseja quatro moedas de ouro.

- Duas moedas - disse eu, apesar de muito não cuidar que os comprássemos ou não. Deixei os pergaminhos encaracolar-se. - O homem disse onde os arranjou?

Tudwal encolheu os ombros.

- Com os saxões.

- Deveríamos na verdade conservá-los - afirmei respeitosamente, devolvendo-lhos. O seu lugar deveria ser a cela dos tesouros. Onde, pensei, a *Hywelbane* permanecia com todos os outros pequenos tesouros que eu trouxera da minha longa vida. Tudo exceto o brochezinho de ouro de Ceinwyn que mantenho escondido do santo mais velho.

Agradei humildemente ao santo mais jovem por me consultar, e fiz uma vênia com a cabeça quando saiu.

- Miserável sapo borbulhoso - disse Igraine depois de Tudwal ter saído. Cuspiu para a fogueira. - Você é cristão, Derfel?

- Certamente que sim, Senhora! - protestei. - Que pergunta!

Franziu-me as sobancelhas motejadora.

- Pergunto-o - disse ela - porque me parece que é hoje menos cristão do que era quando começou a escrever esta história.

Esta, pensei, foi uma observação inteligente. E igualmente verdadeira, mas não me atrevi a confessá-lo abertamente, pois Sansum adoraria ter uma desculpa para me acusar de heresia e mandar-me para a fogueira. Não economizaria nela, pensei, ainda que racionasse o que devíamos consumir em nossos corações. Sorri.

- Faz com que me recorde das coisas antigas, Senhora - afirmei, - é tudo. - Não era tudo. Quanto mais relembrava os antigos anos, mais essas coisas antigas voltavam ao meu pensamento. Toquei um prego de ferro da minha mesa de madeira para impedir o agouro do ódio de Sansum. - Há muito que abandonei o paganismo.

- Quem me dera ser pagã - disse Igraine melancólica, puxando a sua capa de pêlo de castor para bem junto dos ombros. Os seus olhos continuam luminosos e o seu rosto está tão cheio de vida que estou certo que está grávida. - Não diga aos santos que afirmei isto - acrescentou rapidamente. - E Mordred, era cristão?

- Não. Mas sabia que era em *Dumnónia* onde estava o seu apoio, por isso fez o bastante para mantê-los felizes. Deixou Sansum construir a sua grande igreja.

- Onde?

- Em *Caer Cadarn*. - Sorri ao recordar-me disso. - Nunca foi terminada, mas devia ser uma grande igreja em forma de cruz. Disse que a igreja acolheria a segunda vinda de Cristo no ano quinhentos, e demoliu a maior parte do castelo de festas e usou a sua madeira para construir o muro e o círculo de pedras para as fundações da igreja.

Certamente que deixou a pedra real. Depois, apoderou-se de metade das terras que pertenciam ao palácio de *Lindinis* e usou a sua riqueza para pagar os monges de *Caer Cadarn*.

- As suas terras?

Abanei a cabeça.

- As terras sempre foram de Mordred, nunca minhas. E, claro, Mordred quis que fôssemos expulsos de *Lindinis*.

- Para que pudesse ele viver no palácio?

- Para que Sansum vivesse lá. Mordred mudou-se para o Palácio de Inverno de Uther. Ele gostava de lá estar.

- Então para onde foram vocês?

- Encontramos um lar - disse eu. - Era a velha casa senhorial de Ermid, ao sul da lagoa *Issa*. Não foi o meu *Issa* quem deu o nome à lagoa, evidentemente, mas um antigo chefe de tribo e Ermid fora outro chefe de tribo que vivera na sua margem sul. Após a sua morte adquiri as suas terras, e depois de Sansum e Morgana se apoderarem de *Lindinis* mudei-me para lá. As minhas filhas sentiram falta dos amplos corredores de *Lindinis* e da ressonância dos aposentos, mas eu gostava da casa senhorial de Ermid. Era antiga, coberta de colmo, coberta de sombras de árvores e cheia de aranhas que faziam Morwenna gritar e, pela minha filha mais velha, tornei-me Lorde Derfel *Cadarn*, o chacinador de aranhas.

- Teria morto Culhwuch? - perguntou-me Igraine.

- De modo nenhum!

- Odeio Mordred - afirmou.

- Não é a única, Senhora.

Olhou fixamente para a fogueira na lareira por alguns instantes.

- Tinha mesmo de ser rei?

- Desde que dependesse de Artur, sim. Se fora eu? Não, o teria morto com a *Hywelbane*, ainda que isso significasse quebrar o meu juramento. Era um rapaz triste.

- Tudo parece tão triste - disse Igraine.

- Esses foram anos muito felizes e até mesmo mais tarde, em algumas ocasiões.

Olhando para trás, nessa época éramos bastante felizes. Ainda me recordo dos gritos das minhas filhas ecoando em *Lindinis*, o barulho dos passos e a sua excitação com algum novo jogo ou alguma descoberta estranha. Ceinwyn estava sempre feliz (tinha esse dom natural) e os que a rodeavam contraíam essa felicidade e transmitiam-na. E acho que *Dumnónia* era feliz. Prosperou, sem dúvida, e os que trabalharam com mais afinco enriqueceram. Os cristãos fervilhavam de descontentamento, mas ainda assim esses foram os anos gloriosos, o tempo de paz, o tempo de Artur.

Igraine pôs em desalinho as novas folhas de pergaminho à procura de uma passagem em particular.

- Sobre a Távola Redonda - começou.

- Por favor - disse eu, levantando a minha mão para calar o que sabia ser um protesto.

- Derfel! - disse ela com dureza. - Todos sabem que foi uma coisa solene! Uma coisa importante! Todos os melhores guerreiros da Bretanha prestaram o juramento a Artur, e todos eles eram amigos. Todos sabem!

- Era uma mesa de pedra rachada que pelo final do dia estava ainda mais rachada e suja de vômito. Todos estavam muito bêbedos.

Suspirou.

- Imagino que apenas tenha se esquecido da verdade - disse ela, abandonando o assunto com muita facilidade, o que me faz pensar que Dafydd, o escrivão que traduz as minhas palavras para a língua inglesa, surgirá com algo mais condizente com a preferência de Igraine. Não há muito, cheguei mesmo a ouvir uma história que afirmava compor-se a mesa de um amplo círculo de madeira em volta da qual toda a Irmandade da Bretanha se sentava com solenidade, mas essa mesa nunca existiu, nem nesse local nunca poderia ter estado a menos que tivéssemos abatido metade dos bosques de *Dumnónia* para construí-la.

- A Irmandade da Bretanha - disse eu pacientemente - foi uma idéia de Artur que nunca deu resultado efetivo. Nem podia! Os juramentos reais dos homens foram preferidos ao juramento da Távola Redonda, e ademais, ninguém à

exceção de Artur e Galaad alguma vez acreditou de fato nele. No final, creia no que digo, até ele estava confuso, ainda que nunca ninguém o tivesse dito.

- Certamente que tem razão - disse ela, significando isto que tinha absoluta certeza que eu estava errado. - E quero saber o que aconteceu a Merlim.

- Vou contar. Prometo.

- Agora! - insistiu. - Conte-me agora. É verdade que ele enfraqueceu, simplesmente?

- Não - disse eu. - Chegou a sua hora. Nimue estava certa, entende. Em *Lindinis* ele apenas esperava. Ele sempre gostou de simular, lembra-se? Nesses anos ele fingiu ser um homem velho, moribundo, mas por baixo dessa capa, onde nenhum de nós via, o poder sempre estivera lá. Porém, estava velho, e teve de acumular o seu poder. Sabe que ele aguardava o momento em que o Caldeirão fosse desvendado e sabia que, então, iria precisar do seu poder, mas até ser necessário era feliz em deixar Nimue guardar a chama.

- Então o que aconteceu? - perguntou Igraine excitada.

Enrolei a manga do meu hábito de monge pelo coto do meu pulso.

- Se Deus me deixar viver, minha Rainha e Senhora, eu contarei - afirmei, e nada mais lhe disse. Estava prestes a chorar ao recordar-me daquele último exemplo selvagem do poder de Merlin na Bretanha, mas esse momento situa-se mais adiante, muito mais adiante nesta história, bem depois da época em que a profecia de Nimue sobre a vinda dos reis para *Cadarn* se realizou.

- Se me não conta - disse Igraine, - então não te conto as minhas novidades.

- Está grávida - disse eu, - e estou feliz pela senhora.

- Safado, Derfel - protestou. - Queria fazer uma surpresa!

- Tem rezado para isso, senhora, e eu também, e como podia Deus não atender às nossas preces?

Fez uma careta.

- Deus enviou a Nwyllle a sífilis, foi o que Deus fez. Toda ela eram manchas, chagas e pus escorrendo, por isso o rei a mandou embora. Estou muito contente. - Tocou na barriga. - Só desejo que ele viva para governar, Derfel.

- Ele? perguntei.

- Ele - respondeu com firmeza.

- Então rezarei também por isso - afirmei devotadamente, sem saber se rezaria ao Deus de Sansum ou aos mais bárbaros deuses da Bretanha. Ao longo da minha vida muitas orações dissera, tantas, e para onde me tinham trazido elas? Para este refúgio úmido nas colinas, enquanto os nossos velhos inimigos cantam nos nossos antigos castelos. Mas esse fim também se situa bastante mais adiante, e a história de Artur está

longe de estar concluída. Em alguns aspectos mal começou, pois agora, ao renunciar à

sua glória e conceder o seu poder a Mordred, haviam chegado os tempos de provação, e iriam provar as adversidades de Artur, o meu Senhor de juramentos, o meu Senhor severo, mas meu amigo até à morte.

A princípio nada aconteceu.

Suspendemos o nosso fôlego, esperamos o pior, e nada aconteceu.

Pusemos um campo a feno, depois cortamos o linho e colocamos as hastes fibrosas nos tanques de maceração para que as nossas vilas fedessem durante semanas.

Ceifamos os campos de centeio, cevada e trigo, depois ouvimos os escravos entoando as suas canções em círculo

na eira ou nas mós de rotação ininterrupta. A palha das ceifas era utilizada no reparo das coberturas de colmo para que, durante algum tempo, os remendos de ouro dos telhados luzissem ao Sol tardio do Verão. Colhíamos fruta dos pomares, cortávamos a lenha para o Inverno e colhíamos as hastes dos salgueiros para a arte da cestaria. Comíamos amoras silvestres e nozes, colocávamos fumaça nas colméias para afugentar as abelhas e espremiávamos o seu mel para dentro de sacas, que pendurávamos defronte dos fogões das cozinhas onde deixávamos comida para os mortos na véspera do Samain.

Os saxões permaneciam em *Lloegyr*, era feita justiça nas nossas cortes, garotas eram dadas em casamento, crianças nasciam e crianças morriam. O ano findo trazia neveiros e geada. O gado era abatido e o mau cheiro dos tanques de maceração dava lugar ao cheiro nauseabundo dos poços de curtumes. Os panos de linho entrançado acabados de fazer encontravam-se numa barrela em tanques cheios de cinzas de madeira, água da chuva e urina, que recolhêramos ao longo de todo o ano, os impostos de Inverno eram pagos, e no Solstício nós, mitraístas, matávamos um touro no nosso festival anual em honra do Sol, enquanto nesse mesmo dia os cristãos celebravam o nascimento do seu Deus. No *Imbolc*, na grande festa da estação fria, alimentamos duzentas almas no nosso palácio, certificando-nos que três fâcas estivessem sobre a mesa para uso dos deuses

invisíveis e oferecíamos sacrifícios pelas colheitas do novo ano. Cordeiros recém-nascidos eram o primeiro sinal desse novo ano, depois vinha a época da lavra e da sementeira e de novos rebentos verdes nas velhas árvores despidas.

Era o primeiro ano novo do governo de Mordred.

O governo trouxera algumas mudanças. Mordred pediu que lhe fosse concedido o Palácio de Inverno de seu avô, o que a ninguém surpreendeu, mas fiquei admirado quando Sansum pediu para si próprio o palácio de *Lindinis*. Fez o pedido no Conselho, alegando que necessitava do espaço do palácio para a sua escola e para a comunidade de Morgana de mulheres santas, e ainda por desejar estar próximo da igreja que iria construir no alto de *Caer Cadarn*. Mordred acenou o seu consentimento, e deste modo Ceinwyn e eu fomos sumariamente expulsos, mas a casa senhorial de Ermid estava vazia e nos mudamos para os seus domínios junto à lagoa, onde havia nevoeiros freqüentes.

Artur mostrou-se contra a permissão da ida de Sansum para *Lindinis*, do mesmo modo que se opôs ao pedido do mesmo de que as riquezas reais pagassem o reparo dos estragos feitos no palácio por, clamava Sansum, crianças muito indisciplinadas. Foram estas as únicas decisões de Mordred, já que normalmente se contentava em deixar que Artur se ocupasse dos assuntos do reino. Apesar de já não ser o

protetor de Mordred, Artur era nesse tempo o conselheiro mais importante e o rei raras vezes vinha ao Conselho, preferindo caçar. Nem sempre eram veados nem lobos o que ele caçava e eu e Artur acostumamo-nos a levar ouro a algumas choupanas no campo para recompensar o homem pela virgindade da sua filha ou pela vergonha da sua mulher. Esta não era uma tarefa agradável, mas raros e afortunados eram os reinos onde não fosse necessária.

Dian, a nossa filha mais nova, adoeceu nesse Verão com uma febre que não desapareceria, ou antes surgia e desaparecia, mas com tal ferocidade que por três vezes nós julgamos morta, e por três vezes as misturas de Merlim revivificaram-na, embora nada do que o velho fizesse parecesse capaz de debelar o padecimento. Das nossas três filhas, Dian prometia ser a mais viva. Morwenna, a mais velha, era uma criança sensível, que gostava de proteger as suas irmãs mais novas como uma mãe e a quem os trabalhos da lida caseira fascinavam; sempre com curiosidade em relação às cozinhas, aos tanques de maceração do linho ou aos tanques onde estavam de molho. Seren, o astro, era a nossa perfeição, uma criança que herdara todas as características delicadas de sua mãe, mas acrescentara-lhes uma natureza melancólica e encantadora. Passava horas com os bardos aprendendo as suas canções e tocando as suas harpas, mas Dian, como Ceinwyn dizia, era a minha filha. Dian não tinha medo. Sabia atirar com arco e flecha, adorava

montar a cavalo, e até mesmo aos seis anos de idade conseguia manobrar um *coracle**

tão bem como qualquer pescador da lagoa. Tinha seis anos quando a febre a atacou e, não tivesse ela surgido, provavelmente teríamos viajado todos juntos para *Powys*, pois estávamos apenas a um mês do primeiro aniversário da aclamação de Mordred, quando inesperadamente o rei exigiu que Artur e eu viajássemos para o reino de Cuneglas.

Mordred fez a exigência num dos seus raros comparecimentos ao Conselho real.

O surgimento inesperado da imposição surpreendeu-nos, bem como a necessidade da incumbência que propôs, mas o rei estava determinado. Havia claro, um motivo inconfessado, apesar de nem Artur nem eu nem qualquer outro dos presentes ao Conselho o termos entendido. Sansumera, todavia a exceção, pois fora ele quem propusera a idéia, tendo passado muito tempo até descobrirmos as razões da sugestão do Lorde *Rato*. Nem era essa nenhuma razão óbvia para suspeitarmos da proposta do rei, pois parecia-nos bastante razoável, apesar de nem Artur nem eu compreendermos por que motivo haveríamos de ser os dois enviados para *Powys*.

A questão procedia de uma história muito antiga. Norwenna,

a mãe de Mordred, havia sido assassinada por Gundleus, o rei da *Silúria*, e embora este tivesse recebido o seu castigo, o homem que traíra Norwenna ainda vivia. O seu nome era Ligessac, e fora o chefe da guarda de Mordred quando o rei era apenas um bebê. Porém, Ligessac recebera um suborno de Gundleus, abrindo os portões do *Tor* de Merlim aos desígnios assassinos do rei siluriano. Mordred fora arrebatado por Morgana para um local seguro, mas a sua mãe morrera. Ligessac, cuja perfídia causara a morte de Norwenna, sobreviveu à guerra que se seguiu ao assassinio, tal como havia sobrevivido à batalha do Vale do *Lugg*.

É certo que Mordred ouvira a história, e era perfeitamente natural que se interessasse pelo destino de Ligessac, mas foi o bispo Sansum quem transformou esse interesse em obsessão. Para lá do meio, Sansum descobriu que Ligessac se refugiara com um bando de cristãos eremitas numa região montanhosa e remota do norte da *Silúria*, nessa altura sob o governo de Cuneglas.

- Sofro ao trair um companheiro cristão - anunciou hipocritamente o *Lorde Rato* na reunião do Conselho, - mas faz-me também sofrer que um cristão tivesse sido culpado de tão vil traição. Ligessac ainda vive, meu Rei e Senhor e deveria ser trazido à vossa justiça.

* *Coracle nome* atribuído a um pequeno barco, de um lugar,

com uma armação leve de madeira, e revestido com peles ou tela impermeável, ainda hoje empregado em Clare e nos nos Severn e Towy. [N da T]

Artur sugeriu que fosse pedido a Cuneglas que prendesse o fugitivo e o enviasse para *Dumnónia*, mas Sansum abanou a cabeça à proposta e disse ser seguramente descortês pedir a outro rei que iniciasse a vingança que tocava tão de perto a honra de Mordred.

- Esta é uma questão dumnoniana - insistiu Sansum, - e só dumnonianos, meu Rei e Senhor, deviam ser os agentes do seu sucesso.

Mordred anuiu e depois insistiu para que ambos fôssemos capturar o traidor.

Artur, surpreso como habitualmente quando Mordred se afirmava no Conselho, levantou objeções. Por que motivo, queria ele saber, deviam dois lordes partir com uma incumbência, que podia com sucesso ser entregue a uma dúzia de lanceiros? Mordred sorriu dengosamente à pergunta.

- Julga, Lorde Artur, que *Dumnónia* cairá se você e Lorde Derfel estiverem ausentes?

- Não, meu Rei e Senhor - disse Artur, - mas Ligessac deve

agora estar velho e não serão necessários dois grupos de guerra para capturá-lo.

O rei bateu com o punho na mesa.

- Depois da morte de minha mãe - acusou ele Artur - permitiu que Ligessac escapasse. No Vale do *Lugg*, Lorde Artur, de novo permitiu que Ligessac escapasse.

Deve-me a sua vida.

Por um momento, Artur ficou rígido diante desta acusação, mas depois inclinou a cabeça reconhecendo a obrigação.

- Mas Lorde Derfel - realçou - não foi responsável.

Mordred lançou-me um olhar rápido. Continuava a não lhe agradar por todas as surras que apanhara em criança, mas eu tinha esperança que as bofetadas que me dera na sua aclamação e o seu mesquinho triunfo com a nossa expulsão de *Lindinis* tivessem saciado a sua sede de vingança.

- Lorde Derfel - disse ele, fazendo como sempre com que o título soasse ridículo

- conhece o traidor. Quem mais o reconheceria? Insisto para que vão ambos. E também não necessitam levar dois grupos de guerra completos - remetendo para a última objeção de

Artur. - Apenas alguns homens serão suficientes. - Deve ter-se sentido constrangido por dar a Artur semelhante alvitre militar, pois a sua voz diminuiu debilmente, olhando dissimulado para os outros conselheiros antes de recobrar a parca firmeza que possuía. -

Quero Ligessac aqui antes do Samain - insistiu, - e o quero vivo.

Quando um rei insiste, os homens obedecem, por isso Artur e eu, cada um com trinta homens, dirigimo-nos para Norte. Nenhum de nós acreditava que precisássemos de tantos, mas era uma oportunidade para conceder a alguns homens desocupados o exercício de uma longa marcha. Os meus outros trinta lanceiros ficaram para guardar Ceinwyn, enquanto alguns homens de Artur permaneceram em *Durnovária* e outros partiram para reforçar Sagramor, que ainda guardava a fronteira saxônica do norte. Os habituais grupos de guerra estavam ativos nessa fronteira, não tentando invadir-nos, mas antes fazendo pilhagens de gado e escravos, como havia acontecido durante todos os anos de paz. Empreendemos ataques-surpresa semelhantes, mas ambos os lados tinham cuidado para não deixar que esses ataques se transformassem numa guerra em grande escala. A paz de recurso que forjámos em Londres mantivera-se notavelmente, apesar da paz entre Aelle e Cerdic haver sido pouco duradoura. Ambos haviam lutado um com o outro,

mas as suas contendas haviam-nos deixado por longo tempo em paz. De fato, havíamos crescido habituados à paz.

Os meus homens caminharam para Norte enquanto Artur cavalgou pela estrada, ou pelo menos conduziu os seus cavalos pelas boas estradas romanas que, em primeiro lugar, nos levaram ao reino de *Gwent*, pertencente a Meurig. O rei concedeu-nos um festim de má vontade, no qual os nossos homens eram suplantados em número pelos sacerdotes, e depois disso desviamos para *Wye Valley* para ver o velho Tewdric, que encontramos vivendo numa humilde choupana coberta de colmo com metade do tamanho da edificação onde guardava a sua coleção de pergaminhos cristãos. A rainha Enid, sua esposa, mostrou-se descontente com o destino que a levava dos palácios de *Gwent* para esta vida nos bosques infestados de ratos, mas o velho rei estava feliz. Acatara ordens dos cristãos e com jovialidade ignorou as censuras de Enid. Ofereceu-nos uma refeição de feijões, pão e água e regozijou-se com as novas do cristianismo estar espalhando-se em *Dumnónia*. Nós os questionamos sobre as profecias que pressagiavam o regresso de Cristo dentro de quatro anos e Tewdric afirmou rezar para que fossem verdadeiras, mas suspeitava que fosse muito mais provável que Cristo aguardasse os cem anos antes de regressar em glória.

- Porém, quem sabe? - perguntou. - É possível que Ele venha

dentro de quatro anos. Quão glorioso pensamento!

- Só desejo que seus companheiros cristãos se contentem em esperar em paz -

disse Artur.

- Eles têm o dever de preparar a terra para a Sua vinda - afirmou Tewdric severamente. - Têm de fazer convertidos, Lorde Artur, e depurar a terra do pecado.

- Se não tiverem cuidado provocarão uma guerra entre eles e os que restarem de nós, - queixou-se Artur, e contou a Tewdric como haviam ocorrido distúrbios por todas as cidades de *Dumnónia* quando os cristãos quiseram demolir ou profanar os templos pagãos. O que víamos em Isca havia sido apenas o início daqueles tumultos e a agitação alastrava rapidamente, sendo um dos seus sintomas a marca do peixe, um simples gatafunho de duas linhas curvas, que os cristãos pintavam nos muros pagãos ou gravavam nas árvores de matas druidas. Culhwuch tivera razão: o peixe era um símbolo cristão.

- É porque a palavra grega para peixe é *ichthus* - disse-nos Tewdric, - e as letras gregas formam o nome de Cristo, *Iesous Christos, Theou Uios, Soter*. Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Muito simples, muito simples mesmo. - Soltou um riso abafado sentindo prazer na sua explicação, e facilmente

se percebia de onde Meurig herdara o seu fastidioso pedantismo. - Claro que se eu continuasse a governar ficaria preocupado com toda esta desordem, mas, como cristão devo sentir-me contente. Os santos padres nos dizem que existirão muitos sinais e prodígios dos últimos dias, Lorde Artur, e os distúrbios civis são apenas um desses sinais. Assim, talvez o fim esteja próximo?

Artur esmigalhou um pedaço de pão no seu prato.

- Agrada-o mesmo esses distúrbios? - perguntou ele. - Aprova ataques sobre os pagãos? Os santuários queimados e estragados?

Através da porta aberta, Tewdric olhou fixamente os bosques verdes que faziam uma enorme pressão sobre o seu pequeno mosteiro.

- Acho que têm de ser duros para que outros os entendam - disse ele, evadindo uma resposta direta à pergunta de Artur. - Deve ver os distúrbios como sintomas de entusiasmo, Lorde Artur, não como sinais da graça de Nosso Senhor. - Fez o sinal da cruz e sorriu-nos. - A nossa fé é uma fé de amor. O Filho de Deus humilhou-se para nos salvar dos nossos pecados, e nos foi ordenado que O emitássemos em tudo o que fazemos ou pensamos. Fomos encorajados a amar os nossos inimigos e a praticar o bem àqueles que nos

odeiam. Todavia estes são mandamentos severos, muito severos para a maioria das pessoas, e deve recordar-se que aquilo por que rezamos com maior fervor é

o regresso a esta terra do Nosso Senhor Jesus Cristo. - Fez de novo o sinal da cruz. - As pessoas oram e anseiam pela Sua segunda vinda, mas temem que se o Mundo ainda for governado por pagãos, Ele possa não vir, e deste modo sentem-se impelidos a destruir o ateísmo.

- Destruindo o paganismo - observou Artur com mordacidade, - dificilmente parece digno de uma religião que prega o amor.

- Destruir o paganismo é um ato cheio de amor - insistiu Tewdric. - Se vocês pagãos se recusarem a aceitar Cristo, então irão com toda a certeza para o inferno. Não importa que tenham levado uma vida virtuosa, pois ainda assim irão arder por toda a eternidade. Nós cristãos temos o dever de salvá-los desse destino, e não é esse dever um ato de amor?

- Não, se eu não desejar ser salvo - disse Artur.

- Então terá de sofrer a inimizade daqueles que o amam - disse Tewdric - ou, pelo menos, terá de sofrê-la até o entusiasmo esmorecer. E assim acontecerá. Estes entusiasmos nunca duram por muito tempo, e se o Nosso Senhor Jesus Cristo não regressar dentro de quatro anos

seguramente que o entusiasmo se desvanecerá até que chegue o milênio. - Olhou de novo fixamente para os densos bosques. - Quão glorioso seria se eu vivesse para ver o rosto do meu Salvador na Bretanha. - Voltou-se para Artur.

- E receio que os presságios do Seu regresso serão perturbadores. Sem dúvida que os Saxões serão um incômodo. Hoje em dia causam muitos distúrbios?

- Não, - disse Artur, - mas o seu número aumenta todos os anos. Temo que não permaneçam calmos por muito mais tempo.

- Rezarei para que Cristo regresse antes de eles partirem - disse Tewdric. - Não creio que suportaria perder terras minhas para os Saxões. Não que esse seja ainda assunto meu, claro - acrescentou apressadamente, - agora deixo todas essas coisas para Meurig. - Levantou-se assim que uma trombeta soou da capela vizinha. - Hora de preces!

- afirmou feliz. - Vocês me fazem certamente companhia?

Desculpamo-nos, e na manhã seguinte subimos as colinas que nos afastavam do mosteiro do antigo rei e nos dirigimos para *Powys*. Duas noites depois estávamos em *Caer Sws* onde nos reunimos com Culhwuch, que prosperava no seu novo reino. Nessa noite todos bebemos muito hidromel e na manhã seguinte, quando Cuneglas e eu cavalgamos para

Cwm Isaf, doía-me a cabeça. Descobri que o rei mantivera a nossa casinha intacta.

- Nunca sei quando voltará a precisar dela de novo, Derfel - disse-me ele.

- Talvez em breve - admiti sombriamente.

- Em breve? Faço votos para que assim seja.

Encolhi os ombros.

- Não somos muito bem acolhidos em *Dumnónia*. Mordred guarda ressentimentos em relação a mim.

- Então peça para ser desobrigado do seu juramento.

- Assim fiz - disse eu - e ele recusou. Pedira-o a seguir à aclamação, quando a desonra das duas bofetadas ainda estava viva em mim, e depois pedira novamente, seis meses mais tarde, e voltou a recusar. Acho que era suficientemente esperto para saber que a melhor maneira de me punir era forçar-me a servi-lo.

- São os seus lanceiros que ele quer? - perguntou-me Cuneglas, sentando-se no banco sob a macieira junto à porta da casa.

- Apenas a minha lealdade servil - afirmei amargamente. - Ele

parece não querer disputar qualquer guerra.

- Então não é tolo de todo - disse Cuneglas secamente. Depois falamos de Ceinwyn e das minhas filhas e Cuneglas ofereceu-se para enviar Malaine, o seu novo chefe dos druidas, para junto de Dian. - Malaine tem uma notável habilidade com ervas.

Melhor do que o velho Iorweth. Sabe que ele morreu?

- Ouvi dizer. E se pudesse dispensar-me Malaine, meu Rei e Senhor, ficaria muito contente.

- Partirá amanhã. As minhas sobrinhas poderão adoecer. Será uma solução, a sua Nimue?

- Nem mais nem menos do que Merlim - disse eu, tocando na extremidade de uma velha lâmina de foice cravada na casca da macieira. O toque no ferro era para afastar o mal que ameaçava Dian. - Os antigos deuses - disse eu amargamente

-
abandonaram *Dumnónia*.

Cuneglas sorriu.

- Derfel, nunca se deve subestimar os deuses. Eles terão de novo o seu tempo em *Dumnónia*. - Fez uma pausa. - Os

cristãos gostam de se denominar ovelhas, não é

assim? Bem, escute com atenção os seus balidos quando os lobos se aproximam.

- Que lobos?

- Os Saxões - afirmou tristemente. - Concederam-nos dez anos de paz, mas os seus barcos ainda estão acostados nas costas a leste e sinto o seu poder aumentar. Se começarem de novo a combater conosco, então os seus cristãos ficarão bastante satisfeitos com as espadas pagãs. - Levantou-se e pousou uma mão no meu ombro. - Os Saxões são um assunto inacabado, Derfel, um assunto inacabado.

Nessa noite concedeu um festim em nossa honra e na manhã seguinte, com um guia cedido por Cuneglas, viajamos para Sul por entre as colinas batidas pelo vento, que se encontravam na antiga fronteira da *Silúria*.

Dirigíamo-nos para uma comunidade cristã afastada. Havia ainda poucos cristãos em *Powys*, pois Cuneglas expulsou impiedosamente os missionários de Sansum do seu reino quando descobriu a sua presença. Porém, alguns cristãos viviam no reino, e eram em grande número nas antigas terras da *Silúria*. Este grupo em particular era famoso entre os cristãos da Bretanha pela sua santidade, e eles ostentavam essa santidade ao viverem na extrema pobreza num lugar

bravio e rude. Ligessac encontrara o seu refúgio entre estes cristãos fanáticos, que, tal como Tewdric dissera, flagelavam a sua carne, atitude que ele pensava ser de competição uns com os outros para ver qual chefiaria as vidas mais miseráveis. Alguns viviam em grutas, outros recusavam todo qualquer abrigo, outros ainda apenas comiam coisas verdes, outros rejeitavam todas as roupas, outros vestiam-se com túnicas feitas de pêlo com espinheiros entrelaçados no tecido, alguns usavam coroas feitas de espinhos e outros espancavam o seu próprio corpo dia após dia até sangrar, tal como os flageladores que víramos em *Isca*. Pareceu-me que o melhor castigo para Ligessac era deixá-lo numa comunidade como esta, mas tínhamos ordens para buscá-lo e levá-lo para *Dumnónia*, o que significava que teríamos de desafiar o chefe da comunidade, um temível bispo chamado Cadoc, cuja beligerância era conhecida.

Esta reputação convenceu-nos a vestir as nossas armaduras enquanto nos aproximávamos do sórdido baluarte de Cadoc, situado nas altas colinas. Não envergávamos as nossas melhores armaduras, pelo menos aqueles de nós que tinham essa possibilidade, pois esses ornamentos seriam desperdiçados numa cáfila de piedosos fanáticos semiloucos, mas todos tínhamos elmos e usávamos malha ou couro, transportando ainda os nossos escudos. Se nada mais acontecer, pensamos, o aparato de guerra poderá intimidar os discípulos de Cadoc, que, asseverou-nos o

nosso guia, contava com não mais de vinte almas.

- E todos são loucos - disse-nos ele. - Um deles ficou de pé completamente imóvel durante um ano inteiro! Dizem que nem um músculo mexeu. Ficou tão só de pé

como uma estaca de feijoeiro enquanto o alimentavam com sofreguidão por uma extremidade e lhe retiravam os dejetos pela outra. Estranha espécie de Deus que pede isto a um homem.

A estrada para o refúgio de Cadoc fora sulcada na terra pelos pés dos peregrinos, e serpenteava subindo os flancos de amplas colinas sem árvores onde a única coisa viva que vimos foram cabras e bodes. Não vimos pastores, mas sem dúvida que eles nos viram.

- Se Ligessac tem algum tino - disse Artur - há muito que terá partido. Por esta altura já devem ter nos visto.

- E o que diremos a Mordred?

- A verdade, sem dúvida - disse Artur friamente.

A sua armadura era constituída por um elmo simples de lanceiro e uma cota de couro, todavia até coisas tão humildes nele pareciam elegantes e limpas. A sua vaidade nunca foi ostensiva como a de Lancelot, mas de fato

orgulhava-se da limpeza, e de alguma forma toda esta expedição às inóspitas regiões montanhosas do interior ofendiam o seu sentido de limpeza e correção. O tempo não ajudava, pois estava um dia de Verão ventoso e úmido, com chuva a assolar de Oeste num vento gelado.

Os ânimos de Artur podiam ter estado em baixo, mas os nossos lanceiros estavam alegres. Inventaram piadas sobre assaltar a praça forte de sua alteza real o rei Cadoc e vangloriarem-se do ouro, das argolas de guerreiros e dos escravos que capturassem no assalto e as extravagantes reivindicações das piadas faziam-nos rir, quando por fim nos deparamos com a última depressão das colinas e pudemos olhar para baixo para o vale onde Ligessac encontrara o seu refúgio. Era de fato um lugar miserável; um mar de lama no qual uma dúzia de cabanas de pedra redonda circundavam uma pequena igreja quadrada também de pedra. Havia alguns quintais rudes com vegetais, um pequeno lago escuro e alguns currais de pedra para as cabras da comunidade, todavia sem paliçada.

A única proteção que o vale podia vangloriar-se era uma enorme cruz esculpida na pedra com desenhos intrigantes e uma imagem do Deus cristão entronizado em glória.

A cruz, que era um maravilhoso trabalho em pedra, marcava a depressão onde a terra de Cadoc começava, e foi ao seu

lado, com uma vista ampla para o minúsculo povoado, que se encontrava apenas a alguns metros, que Artur deteve o nosso bando de guerra.

- Não invadiremos a propriedade - disse-nos brandamente, - até termos oportunidade de falar com ele.

Colocou a haste da sua lança no chão ao lado das patas da frente do seu cavalo e aguardou.

Era visível uma dúzia de pessoas naqueles domínios e ao nos verem correram para a igreja, de onde, um momento mais tarde, surgiu um homem enorme, que subiu pela estrada em grandes passadas na nossa direção. Era um homem gigante, tão alto como Merlim, com um peito maciço e umas mãos grandes e fortes. Também estava imundo, com a cara por lavar e uma túnica castanha cheia de lama seca e sujeira, enquanto o seu cabelo grisalho, tão sujo como a sua túnica, parecia nunca ter sido cortado. A sua barba crescia em desalinho, passando abaixo da sua cintura, enquanto por trás da sua tonsura o cabelo espetava num emaranhado sujo, semelhante a um enorme velo cinzento acabado de tosquiar. O seu rosto tinha um bronzeado escuro, a sua boca era enorme, a testa protuberante e olhos irados. Era uma cara impressionante. Trazia um bordão na mão direita, enquanto no lado esquerdo da sua anca, sem bainha, pendia uma longa e rústica espada. Dava a impressão de outrora ter sido

um lanceiro útil, e não tive dúvidas que ele ainda conseguisse dar um ou dois murros com força.

- Não são bem-vindos aqui - gritou enquanto se aproximava cada vez mais de nós, - a menos que venham para depor as suas miseráveis almas diante de Deus.

- As nossas almas já foram depositadas diante dos nossos deuses - respondeu Artur com modos agradáveis.

- Pagãos! - O homem, que presumi ser o famoso Cadoc, cuspiu-nos. - Vem com ferro e aço para um lugar onde crianças cristãs brincam com o Cordeiro de Deus?

- Viemos em paz - insistiu Artur.

O bispo cuspiu um enorme escarro amarelo na direção do cavalo de Artur.

- Você é Artur Uther Satan - disse ele - e a sua alma é um monte de porcaria.

- E você, presumo, é o bispo Cadoc - respondeu Artur com cortesia.

O bispo manteve-se de pé ao lado da cruz e traçou uma linha na estrada com a extremidade mais grossa do seu bordão.

- Só os fiéis e os penitentes podem transpor esta linha, pois

este é solo sagrado de Deus.

Artur olhou com pasmo por uns instantes para a sordidez lamacenta à sua frente, depois sorriu gravemente para o desafiador Cadoc.

- Não desejo entrar no seu solo de Deus, bispo - disse ele, - todavia peço, em paz, que nos traga o homem chamado Ligessac.

- Ligessac - gritou-nos Cadoc estrondosamente, como se estivesse dirigindo-se a uma assembléia de milhares de pessoas. - É o abençoado de Deus e do seu filho santificado. Foi-lhe aqui erigido um santuário e nem você nem ninguém que se denomine lorde pode invadir esse santuário.

Artur sorriu.

- Um rei governa aqui, bispo, não o seu Deus. Só Cuneglas pode erigir santuários, e ele não o fez.

- Meu Rei, Artur - disse Cadoc orgulhosamente - é o Rei dos Reis, e Ele ordenou-me que lhes recusasse a entrada.

- Vai resistir?- Perguntou Artur com uma surpresa educada na voz.

- Até à morte! - gritou Cadoc.

Artur abanou a cabeça com tristeza.

- Não sou cristão, bispo - disse ele suavemente, - contudo não vocês não pregam que o seu Outro Mundo é um lugar de alegria absoluta? - Cadoc não respondeu e Artur encolheu os ombros. - Então, faça-lhes um favor, não é assim, despachando-os para esse destino?

Fez a pergunta e depois puxou a *Excalibur*.

O bispo usou o seu bordão para aprofundar a linha que traçara, cruzando o trilho lamacento.

- Eu os proíbo de atravessar esta linha - gritou. - Proíbo-o em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo! - Depois ergueu o bordão e apontou-o para Artur. Manteve-o parado por breves instantes, depois passou a sua extremidade velozmente sobre os restantes para nos envolver a todos, e confesso que naquele momento senti um arrepio.

Cadoc não era Merlim, e o seu Deus, pensei, não tinha poder como os deuses de Merlim, mas ainda assim estremei quando aquele bordão apontou na minha direção, e o meu medo fez-me tocar na minha malha de ferro e cuspir para a estrada. - Vou agora para as minhas orações, Artur - disse Cadoc, - e vocês, se desejam viver, virem-se e vão embora deste local, porque se passarem por esta cruz sagrada, juro, pelo sangue puro do Senhor Jesus Cristo, que as suas almas

serão consumidas em tormento. Conhecerão o fogo sempre eterno. Serão amaldiçoados desde o início dos tempos até o seu final e da abóbada celeste até ao mais fundo dos infernos. - E proferida esta violenta maldição, cuspiu uma vez mais, virou-se e depois afastou-se.

Artur usou a aba da sua capa para limpar a chuva da *Excalibur*, depois embainhou a espada.

- Parece que não somos bem-vindos - disse ele com algum divertimento, depois virou-se e acenou a Balin, o cavaleiro mais velho ali presente. - Traga os cavaleiros coloquem-se por trás da aldeia. Certifiquem-se de que ninguém consegue fugir. Uma vez nas suas posições, levo Derfel e os seus homens para revistarmos as casas. E escute! -

A sua voz elevou-se para que os sessenta homens pudessem ouvi-lo. - Estas pessoas irão resistir. Vão nos insultar e lutarão conosco, mas não damos tréguas a nenhum deles.

Apenas a Ligessac. Não os roubem e não firam nenhum deles desnecessariamente.

Lembrem-se que são soldados e eles não. Tratem-nos com respeito e às suas maldições respondam com o silêncio. - Falou com severidade, e depois de ter certeza que todos os nossos homens o haviam entendido, sorriu para Balin e num

gesto mandou-o seguir adiante.

Os trinta cavaleiros com armaduras cavalgaram em frente, deslocando-se velozmente para fora da estrada, para galoparem depois em torno da orla do vale e chegarem à longínqua encosta para lá da aldeia. Cadoc, que ainda caminhava na direção da sua igreja, lançou-lhes um olhar rápido, mas não se mostrou de todo alarmado.

- Pergunto-me - disse Artur - como ele soube quem eu era?

- O Senhor é famoso, - respondi-lhe. Ainda lhe chamava Senhor e sempre o faria.

- O meu nome é conhecido, certamente, mas não o meu rosto. Não aqui. -

Encolheu os ombros esquecendo o mistério. - Ligessac sempre foi cristão?

- Desde a primeira vez que o vi. Mas nunca um cristão bom.

Sorriu.

- A vida virtuosa torna-se mais fácil quando se é mais velho. Pelo menos eu acho. Ele observou os seus cavaleiros passando pela aldeia a galope com os cascos dos seus cavalos levantando grandes jatos de água da erva

encharcada, depois tomou o peso da sua lança e olhou para trás para os meus homens. - Lembrem-se! Nada de roubos! -

Tentei imaginar o que poderia haver para roubar num lugar imundo como aquele, mas Artur sabia que todos os lanceiros normalmente encontram alguma coisa e levam-na como recordação. - Não quero problemas. Apenas viemos à procura do nosso homem, depois partimos. - Tocou nos quadris de *Llamrei* e a égua preta avançou, obediente.

Nós, os soldados a pé, seguimos obliterando com as nossas botas a linha traçada por Cardoc na estrada lamacenta ao lado da cruz intrincadamente escavada.

Nenhum raio caiu do céu.

O bispo chegava agora à sua igreja e parou à entrada. Virou-se, viu-nos caminhar na sua direção e esgueirou-se para dentro.

- Eles souberam que vínhamos - disse-me Artur, - por isso não encontraremos Ligessac aqui. Receio que seja uma perda de tempo para nós, Derfel.

Uma ovelha coxa subia a estrada com dificuldade e Artur deteve o seu cavalo para que ela passasse. Vi-o arrepiar-se e percebi que estava ofendido pela sujeira do povoado, que quase rivalizava com a imundície do *Tor* de Nimue.

Cadoc reapareceu à porta da igreja quando nos encontrávamos apenas a uma centena de passos. Por essa altura, os nossos cavaleiros aguardavam por trás da aldeia, mas Cadoc nem se incomodou em olhar para ver onde eles estavam. Levou apenas um grande *lur* de carneiro aos lábios e soprou um chamamento que ecoou pela concavidade nua das colinas com um somoco. Tocou o *lur* uma vez, fez uma pausa para encher os pulmões de ar, depois soprou de novo.

E, de repente, tínhamos um combate entre mãos.

Era quase certo que eles haviam sabido que vínhamos a caminho, e haviam-se preparado para nos defrontar. Todos os cristãos de *Powys* e *Silúria* devem ter sido chamados para defender Cadoc e esses homens surgiam agora nos cumes a toda a volta do vale, enquanto outros corriam para bloquear a estrada por trás de nós. Alguns traziam lanças, outros escudos e outros nada mais do que foices ou forquilhas, mas pareciam bastante confiantes. Muitos, percebi, haviam outrora sido lanceiros voluntários na guerra, todavia o que dava a esses cristãos uma verdadeira confiança, à parte a sua fé em Deus, era que contavam, pelo menos, com duzentos homens.

- Idiotas! - disse Artur irado. Detestava violência desnecessária e sabia que nesse momento algumas mortes eram inevitáveis. Também sabia que nós venceríamos, pois

apenas fanáticos que acreditassem que o seu Deus lutaria por eles investiriam contra sessenta dos melhores guerreiros de *Dumnónia*.

- Idiotas! - Disse de novo violentamente, depois lançou um olhar rápido para a aldeia e viu mais homens armados saindo das cabanas. - Fique aqui, Derfel - disse ele. -

Aguate-os apenas, que nós os colocaremos para fugir. - Puxou as esporas com um toque rápido e galopou sozinho até o extremo da aldeia em direção aos seus cavaleiros.

- Escudo defensivo - disse eu em voz baixa. Éramos apenas trinta homens e o nosso círculo de fileiras duplas formou uma circunferência tão pequena que deve ter parecido um alvo fácil para aqueles cristãos vociferantes que desciam agora as colinas correndo ou que saíam da aldeia para nos aniquilar. O escudo defensivo nunca é uma formação comum com soldados, porque a extensão das lanças para fora do círculo significa que as suas pontas ficam muito afastadas e quanto menor for o círculo mais largas serão as aberturas entre os ferros das lanças; mas os meus homens estavam bem treinados. A fileira da frente ajoelhou-se com os seus escudos tocando-se e os punhos das suas longas lanças cravados no chão atrás dos escudos. Nós, na segunda fileira, colocamos os nossos escudos sobre os escudos da primeira fileira, apoiando-os no chão para que os nossos

atacantes encontrassem um compacto muro duplo de madeira coberta de couro. Depois, cada um de nós permaneceu de pé atrás de um homem ajoelhado e elevamos as nossas lanças acima das suas cabeças. A nossa tarefa era proteger a fileira da frente e a deles era permanecerem firmes. Teríamos um serviço árduo e sangrento, mas desde que os homens ajoelhados mantivessem os seus escudos elevados e segurassem as suas lanças firmes, e desde que nós os protegêssemos, o escudo defensivo seria suficientemente seguro. Lembrei aos homens ajoelhados o seu treino, dizendo-lhes que estavam ali apenas como obstáculo e que deixassem a matança conosco.

- *Bei* está conosco - disse-lhes.

- Artur - também acrescentou Issa com entusiasmo.

Pois seria Artur a proceder à verdadeira matança do dia. Nós éramos o engodo e ele era o executor, e os homens de Cadoc tomaram de assalto esse engodo como um salmão irado saltando para apanhar uma efêmera. O próprio Cadoc comandou o ataque a partir da aldeia, empunhando a sua espada enferrujada e um grande escudo redondo pintado com uma cruz preta por trás da qual apenas consegui ver o contorno esfumado da raposa de *Silúria*, traindo a sua antiga fidelidade como lanceiro nas fileiras de Gundleus.

Essa horda cristã não atacou como um escudo defensivo. Isso podia ter-lhes dado a vitória, mas em vez disso atacaram-nos da antiga forma que utilizáramos quando fôramos vencidos pelos romanos. Nos velhos tempos, quando os romanos se encontravam há pouco na Bretanha, as tribos atacavam-nos numa investida gloriosa, vociferante e bem regada de hidromel. Semelhante investida era temível de se ver, mas fácil de derrotar para homens disciplinados, e os meus lanceiros estavam impecavelmente disciplinados.

Sem dúvida que sentiram medo. Eu senti, pois a investida vociferadora é uma visão terrível. Contra homens mal disciplinados funciona, por causa do terror que provoca, e esta era a primeira vez que eu via essa antiga formação das batalhas da Bretanha. Os cristãos de Cadoc investiram fanaticamente contra nós, competindo para ver quem seria o primeiro a tocar nas nossas lanças. Soltavam gritos agudos e rogavam pragas, e era como se cada um quisesse ser um mártir ou então um herói. A sua arremetida selvagem sempre incluiu mulheres que gritavam ao mesmo tempo que agitavam mocas de madeira ou foices. Até havia crianças no meio dessa gentilha vociferante.

- Bei! - gritei quando o primeiro homem tentou passar pelo homem ajoelhado na fileira da frente e caiu morto pela minha lança. Trespassei-o por completo como a uma lebre pronta para ser assada, depois atirei-o, espada e tudo, para fora do

círculo, para que o seu corpo moribundo formasse um obstáculo aos seus companheiros. A *Hywelbane* matou o homem que se seguiu e eu ouvi os meus lanceiros ajoelhados entoarem o seu horrível canto de combate enquanto rasgavam, estocavam, cortavam e trespassavam.

Éramos todos tão bons, tão rápidos e tão meticulosamente treinados. Haviam sido dispendidas horas no treino deste escudo defensivo e apesar de haver anos que a maioria de nós não combatia numa batalha, descobrimos que os nossos antigos instintos estavam tão rápidos como outrora, e foi o instinto e a experiência que nos salvaram nesse dia. O inimigo era uma prensa de moagem fanática soltando gritos estridentes, que se amontoava junto ao nosso círculo e impelia as suas lanças na nossa direção, mas o nosso escudo defensivo exterior manteve-se firme como uma rocha e o monte de mortos e atacantes moribundos que aumentou tão rapidamente em frente dos nossos escudos fez recuar os outros atacantes. Durante um ou dois minutos, enquanto o chão junto ao nosso escudo defensivo ainda estava livre de obstáculos e os mais corajosos entre o inimigo ainda podiam aproximar-se, deu-se uma luta frenética, quando o círculo de mortos e moribundos já nos protegia, só os mais bravos dos nossos atacantes tentavam alcançar-nos. Então, nós os quinze da fileira interior podíamos escolher os nossos alvos e usá-los para praticar o manuseio da lança ou da espada. Lutamos depressa, animando-nos uns aos outros e matamos

sem misericórdia.

O próprio Cadoc veio para o combate, agitando a enorme espada enferrujada tão vigorosamente que silvava no ar. Conhecíamos bastante bem o seu manejo e ele tentou derrubar um dos homens ajoelhados, pois sabia que uma vez quebrado o círculo exterior, todos nós seríamos mortos com bastante rapidez. Aparei o grande golpe com a *Hywelbane*, respondi com uma oscilação rápida que enfraqueceu na sua imunda cabeleira espessa, depois Eachern, o pequeno e robusto lanceiro irlandês, que ainda me servia apesar das ameaças de Mordred, bateu com a haste da sua lança no rosto do bispo. A ponta da lança de Eachern desaparecera, arrancada por um golpe de espada, mas ele atirou a ponta de ferro da extremidade mais grossa do bastão à testa de Cadoc

O

bispo entortou os olhos por breves instantes, a sua boca escancarou-se mostrando dentes apodrecidos, depois afundou simplesmente na lama.

O último atacante a tentar e a conseguir rachar o escudo defensivo foi uma mulher de cabelo desalinhado, que trepou pelo círculo de mortos e me gritou uma praga ao mesmo tempo que tentava saltar por cima dos homens ajoelhados da fileira da frente.

Agarrei-a pelo cabelo, deixei que a sua foice partisse a ponta na minha cota de malha, depois arrastei-a para dentro do círculo onde Issa lhe bateu com força na cabeça. Só

nessa altura Artur atacou. Treze cavaleiros com longas lanças carregaram, retalhando a gentalha cristã. Suponho que estivemos nos defendendo, ao todo, durante três minutos, mas assim que Artur chegou o combate terminou num abrir e fechar de olhos. Os seus cavaleiros surgiram com as lanças baixas em sinal de ataque, galopando velozmente, e eu vi um terrível esguicho de sangue, quando uma das lanças estocou com força provocando um som oco. Deste modo, os nossos atacantes fugiram em pânico e Artur, sem a sua lança e com a *Excalibur* reluzindo-lhe na mão, gritava aos seus homens para que parassem de matar.

- Escorracem-nos apenas! - gritava. - Escorracem-nos!

Os seus cavaleiros separaram-se em pequenos grupos, que dispersaram os sobreviventes aterrados e os perseguiram, subindo a estrada em direção à cruz guardiã.

Os meus homens descontraíram-se. Issa ainda permanecia sentado em cima da mulher de cabelo eriçado, e Eachem procurava a ponta da sua lança, que havia perdido.

Dois homens do escudo defensivo haviam sofrido feridas graves, e um da segunda fileira tinha um maxilar quebrado e

ensangüentado, mas ademais estávamos incólumes, enquanto à nossa volta havia vinte e três cadáveres e, pelo menos, o mesmo número de homens gravemente feridos. Cadoc, estonteado por causa do soco de Eachern, estava ainda vivo e amarramos-lhe as mãos e os pés. Depois, apesar das instruções de Artur para mostrarmos respeito pelo nosso inimigo, cortamos-lhe o cabelo e a barba para envergonhá-lo. Ele cuspiu-nos e amaldiçoou-nos, mas tapamos-lhe a boca com madeixas cortadas da sua barba oleosa, depois o fizemos caminhar de volta à aldeia.

E foi aí que descobri Ligessac. A final não havia fugido, aguardando apenas na igreja junto ao pequeno altar. Estava velho, magro e de cabelo grisalho, e rendeu-se resignadamente, mesmo quando lhe cortamos a barba e fizemos uma corda tosca com o seu cabelo, que prendemos em volta do seu pescoço para mostrar que era um traidor condenado. Até pareceu bastante grato por voltar a ver-me após todos aqueles anos.

- Eu disse que não te venceriam - disse ele, - não Derfel Cadarn.

- Eles sabiam que vínhamos? - perguntei-lhe.

- Sabíamos há uma semana - disse ele, suavemente, estendendo as mãos para que Issa pudesse prender os seus

pulsos com uma corda. - Quisemos que viéssem.

Pensamos que era esta a nossa oportunidade de libertar a Bretanha de Artur.

- Porque haveriam de querer fazer tal coisa? - perguntei-lhe.

- Porque Artur é um inimigo dos cristãos, eis a razão - disse Ligessac.

- Não é não, - disse eu com desdém.

- E o que você sabe, Derfel? - perguntou-me Ligessac. - Preparamos a Bretanha para a volta de Cristo e temos de libertar a terra dos ateus! - Fez esta proclamação num tom de voz alto e desafiador, depois encolheu os ombros e sorriu ironicamente. - Mas eu lhes disse que esta não era a forma de matar nem Artur nem Derfel. Eu disse a Cadoc que vocês eram bons demais. - Levantou-se e seguiu Issa para fora da igreja, mas depois virou-se para trás e olhou para mim, que ainda permanecia à porta. - Suponho que vou morrer agora?

- Em *Dumnónia* - disse eu.

Encolheu os ombros.

- Verei Deus frente a frente - disse ele - por isso o que há a temer?

Segui-o para fora da igreja. Artur havia esvaziado a boca do bispo e Cadoc ameaçava-nos numa torrente de palavras obscenas. Fiz cócegas, com a *Hywelbane*, no queixo recém-tosquiado do bispo.

- Ele sabia que estávamos a caminho - disse eu a Artur - e planejou matar-nos aqui.

- Falhou - disse Artur, desviando a sua cabeça para o lado para evitar um esgaro do bispo. - Guarde a espada.

- Não o quer morto? - perguntei.

- O seu castigo é viver aqui - ordenou Artur - em vez de ser no céu.

Levou Ligessac e afastou-se, e nenhum de nós chegou a refletir sobre o que Ligessac revelara na igreja. Afirmara que sabiam que estávamos a caminho há uma semana completa, mas uma semana antes estivéramos em *Dumnónia*, não em *Powys*, o que significava que alguém em *Dumnónia* enviara o anúncio da nossa aproximação.

Todavia, nunca nos lembramos de relacionar ninguém em *Dumnónia* com esse massacre lamacento nas colinas esquálidas, atribuímos a chacina ao fanatismo cristão, não à traição, mas esta emboscada fora planejada.

Nos dias que correm, certamente que há cristãos que contam uma história diferente. Dizem que Artur surpreendeu o refúgio de Cadoc, violou as mulheres, matou os homens e roubou todos os tesouros de Cadoc, mas não vi qualquer violação, matamos tão só aqueles que tentaram nos matar, e não encontrei qualquer tesouro para roubar todavia, ainda que isso tivesse acontecido, Artur não lhe teria tocado com um dedo sequer. Viria o tempo, e também não tardaria, em que eu vi Artur matar libertinamente, mas todas essas mortes seriam de pagãos, no entanto, os cristãos ainda insistiram

que ele era seu inimigo e a história da derrota de Cadoc apenas aumentou o seu ódio por ele.

Cadoc fora elevado à condição de santo vivo e foi por esse tempo que os cristãos começaram a insultar Artur como o Inimigo de Deus. E esse título encolerizado ficou-lhe associado até ao final dos seus dias.

Claro que o seu crime não respeitava apenas à fratura de algumas cabeças cristãs no vale de Cadoc, mas antes à sua tolerância para com o paganismo durante o tempo em que governou *Dumnónia*. Nunca ocorreu aos cristãos mais exacerbados que Artur fosse, ele próprio, um pagão e que simplesmente tolerasse o Cristianismo. Eles apenas o condenavam por ter poder para obliterar o ateísmo e não o ter feito, e esse pecado transformou-o em Inimigo de Deus. Claro que se lembravam ainda de como ele havia anulado a isenção dos empréstimos forçados, que Uther concedera à igreja.

Contudo, nem todos os cristãos o odiavam. Pelo menos um número razoável de lanceiros que haviam pelejado ombro a ombro conosco no vale de Cadoc eram, eles próprios, cristãos. Galaad gostava dele, e havia muitos outros, como o bispo Emrys, que eram seus aliados silenciosos. Contudo, nesses dias tormentosos, no final dos primeiros quinhentos anos da lei de Cristo na Terra, a igreja não escutava os

homens serenos e decentes, mas os fanáticos que clamavam dever o mundo ser expugnado dos pagãos, se de fato Cristo estava prestes a vir de novo. É certo que agora sei que a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo é a única fé verdadeira, e que nenhuma outra fé pode existir na gloriosa luz da sua verdade, mas ainda assim me pareceu estranho, e continua ainda hoje a parecer-me, que Artur, o mais justo e leal dos governantes, fosse chamado o Inimigo de Deus.

Seja por que motivo for. Demos a Cadoc uma dor de cabeça, atamos a garganta de Ligessac com uma trela feita com a sua barba, e nos afastamos.

Artur e eu nos separamos junto à cruz de pedra no extremo do vale de Cadoc.

Ele levaria Ligessac para o Norte e depois iria para Leste em busca das boas estradas que o conduziriam a *Dumnónia*, enquanto eu decidira viajar para mais longe, até *Silúria*, ao encontro de minha mãe. Levei Issa e mais quatro outros lanceiros e deixei que os outros regressassem para casa na companhia de Artur.

Nós os seis circundamos o vale de Cadoc onde um bando deplorável de cristãos feridos e ensangüentados havia se reunido para orar em memória dos seus mortos, e depois atravessamos a pé as altas colinas nuas e descemos para os

íngremes vales verdes que nos levavam ao mar *Severn*. Eu não sabia onde Erce vivia, embora suspeitasse que não seria difícil descobri-la, pois Tanaburs, o druida que eu matara no Vale do *Lugg*, murmurara um terrível feitiço contra ela. Mas seguramente que a escrava saxã tão debilmente amaldiçoada pelo druida estaria agora bastante bem. E estava.

Encontrei-a vivendo junto ao mar numa aldeia minúscula onde as mulheres faziam sal e os homens apanhavam peixe. Os aldeãos fugiram aos gritos dos estranhos escudos dos meus homens, mas eu me curvei para entrar num das casinhas, onde uma criança atemorizada me apontou a casa da mulher saxã, que se revelava ser uma cabana no alto da falésia irregular por cima da praia. Nem tão pouco era uma cabana, mas antes um abrigo grosseiro feito de madeira flutuante e coberta por um tosco telhado de colmo de algas marinhas e palha. Uma fogueira crepitava no pequeno espaço fora do abrigo e uma dúzia de peixes fumegava por cima das suas chamas, enquanto uma fumaça ainda mais sufocante era arrastada pelo vento das fogueiras de carvão que faziam fervilhar as panelas de sal na base da escarpa. Deixei a minha lança e o escudo no sopé da falésia e subi o caminho íngreme. Um gato mostrou-me os dentes e silvou-me quando me inclinei para olhar para dentro da escura cabana.

- Erce? - chamei. - Erce?

Algo se mexeu na penumbra. Era uma sombra monstruosa e escura de onde pendiam camadas sobrepostas de peles e panos andrajosos, e que me observou com atenção.

- Erce? - perguntei. – Você é Erce?

O que podia eu esperar? Não via a minha mãe há mais de vinte e cinco anos, desde o dia em que fora arrancado dos seus braços pelos homens de Gundleus e entregue a Tanaburs para o sacrifício no poço da morte. Erce gritara enquanto eu lhe era roubado, e depois havia sido levada para a sua nova escravidão na *Silúria*, e teria me julgado morto até Tanaburs lhe revelar que eu ainda vivia. Enquanto caminhava para sul através dos profundos vales da *Silúria*, o meu espírito inquieto antevira um abraço, lágrimas, perdão e felicidade.

Todavia, em vez disso, uma enorme mulher de cabelo louro, que se tornara cinzento-sujo, arrastando um misto de peles e cobertores, olhou-me pestanejando com desconfiança. Era uma criatura enorme, um grande monte de carne decadente com uma cara tão redonda como um escudo e manchada pela doença e as escaras. Os seus olhos eram pequenos e duros e raiados de sangue.

- Chamei-me Erce em tempos - disse ela numa voz rouca.

Recuei para fora da cabana repellido pelo seu cheiro fétido de

urina e podridão.

Ela me seguiu, arrastando-se pesadamente e apoiando-se com as mãos para depois pestanejar ao Sol da manhã. Estava vestida com farrapos.

- Você é Erce? - perguntei-lhe.

- Outrora - disse ela, e bocejou mostrando uma boca estragada sem dentes. - Há

muito. Agora me chamam Enna. - Fez uma pausa. - Enna louca - acrescentou tristemente, depois examinou as minhas roupas delicadas, o meu valioso cinturão da espada e as botas altas. Quem é, Senhor?

- Me chamo Derfel Cadarn - disse eu, - um Lorde de *Dumnónia*. - O nome nada lhe disse. - Sou seu filho - acrescentei.

Não teve qualquer reação a esta afirmação, recostando-se apenas de encontro à

parede de madeira flutuante da sua cabana, que cedeu perigosamente sob o seu peso.

Enfiou uma mão bem fundo dentro dos farrapos e coçou o peito.

- Todos os meus filhos estão mortos - disse ela.

- Tanaburs me levou - recordei-lhe - e me atirou no poço da morte.

A história parecia nada lhe dizer. Ajeitou-se desinteressada contra a parede e o seu enorme corpo pesava mais a cada difícil aspiração que ela se esforçava por fazer.

Brincou com o gato e olhou fixamente para lá do mar *Severn* onde, indistinta pela distância, a costa dumnoniana era uma linha escura sob uma fileira de nuvens carregadas de chuva.

- Outrora tive um filho - disse, por fim - que foi oferecido aos deuses no poço da morte. Wygga, era o seu nome. Wygga. Um bom menino.

- Wygga? Wygga! - Esse nome tão rude e feio me imobilizou por alguns instantes.

- Eu sou Wygga - disse eu, finalmente, odiando o nome. - Foi-me dado um outro nome depois de ter sido resgatado do poço - expliquei-lhe. Falamos em saxão, uma língua em que eu era agora mais fluente do que a minha mãe, pois muitos anos haviam passado desde que ela não a falava.

- Oh, não - disse ela, franzindo as sobrancelhas. Pude ver um piolho rastejando por um fio do seu cabelo. Não insistiu de

novo. - Wygga era apenas um rapazinho.

Apenas um rapazinho. Ele era o meu primeiro filho, e eles o levaram.

- Sobrevivi, mãe - disse eu. Estava revoltado por ela, fascinado por ela e arrependido por nunca ter ido à sua procura. - Sobrevivi ao poço e lembro-me de você. - E

assim era, embora na minha memória ela fosse tão esguia e ágil quanto Ceinwyn.

- Apenas um rapazinho - disse Erce sonhadora. Cerrou os olhos e julguei que dormia, mas pareceu-me que urinava, pois surgiu um fio de água no fundo das suas roupas escorrendo em pingos pela rocha na direção da fogueira que se debatia por se manter acesa.

- Fale-me de Wygga - pedi-lhe.

- Trazia-o dentro de mim - disse ela - quando Uther me prendeu. Um homem grande, Uther, com um grande dragão no seu escudo. - Coçou no lugar onde estava o piolho, que desapareceu no meio do seu cabelo. - Ele deu-me a Madog e foi nos domínios de Madog que Wygga nasceu. Éramos felizes com Madog. Era um Senhor bom, bondoso para os seus escravos, mas chegou Gundleus e mataram Wygga.

- Não mataram - insisti. - Tanaburs não lhe contou?

À menção do nome do druida ela estremeceu e apertou o xale esfarrapado ainda mais sobre os seus ombros descomunais. Nada disse, mas algum tempo depois surgiram lágrimas no canto dos seus olhos.

Uma mulher subiu pelo caminho na nossa direção. Vinha devagar e apreensivamente, lançando olhares circunspetos na minha direção e caminhou timidamente até à plataforma de pedra. Quando por fim se sentiu segura passou por mim correndo e inclinou-se ao lado de Erce.

- O meu nome - disse eu à recém-chegada - é Derfel Cadarn, mas outrora chamei-me Wygga.

- O meu nome é Linna - disse a mulher na língua bretã. Era mais nova do que eu, mas a vida dura desta costa desenhara linhas fundas no seu rosto, vergado os seus ombros e enrijecido as suas articulações, enquanto o trabalho duro de vigiar as panelas do sal nas fogueiras haviam deixado a sua pele escurecida pelo carvão.

- É filha de Erce? - adivinhei.

- Filha de Enna - corrigiu-me.

- Então sou seu meio-irmão - disse eu.

Não creio que ela tivesse acreditado em mim, e porque havia de acreditar?

Ninguém saía vivo de um poço da morte. Contudo eu havia saído, e desse modo fora tocado pelos deuses e entregue a Merlim, mas o que podia esta história significar para estas duas mulheres cansadas e rudes?

- Tanaburs! - disse Erce de repente, e ergueu ambas as mãos para afastar o mal.

- Ele levou o pai de Wygga! - gemeu num lamento choroso balançando-se de um lado para o outro. - Entrou em mim e tirou-me o pai de Wygga. Amaldiçoou-me e amaldiçoou Wygga e o meu ventre. - Agora chorava e Linna embalou a cabeça de sua mãe nos seus braços e olhou-me reprovadamente.

- Tanaburs - disse eu - não teve poder sobre Wygga. Wygga matou-o por ter poder sobre ele. Tanaburs não conseguiu levar o pai de Wygga.

Talvez a minha mãe tivesse ouvido, mas não acreditou em mim. Era embalada nos braços de sua filha e as lágrimas corriam-lhe pelas faces sujas e marcadas pelas pústulas, quando mal se lembrou dos quase imperceptíveis fragmentos da praga de Tanaburs.

- Wygga mataria o seu pai - disse-me ela, - era o que dizia a praga, que o filho matará o pai.

- Então Wygga ainda vive - insisti.

Parou o seu balanceio de repente e observou-me. Abanou a cabeça.

- Os mortos regressam para matar. Crianças mortas! Vejo-as, Senhor, lá longe -

falou seriamente e apontou para o mar, - todos os mortos pequeninos indo para a sua vingança. - Embalou-se de novo nos braços da filha. - E Wygga matará o seu pai. - Agora chorava profundamente. - E o pai de Wygga era um homem tão bom! Que herói. Quão grande e forte. E Tanaburs amaldiçoou-o. - Fungou, depois sussurrou uma canção de embalar por um momento antes de falar mais ainda de meu pai, dizendo como as suas gentes cruzaram os mares para a Bretanha e como usara a sua espada para construir para si uma bela casa. Erce, deduzi, fora uma criada nessa casa e o Senhor saxão levava-a para a sua cama e, desse modo, dera-me vida, a mesma vida que Tanaburs não conseguira tirar no poço da morte. - Ele era um homem encantador - disse Erce de meu pai, - um homem tão encantador e bonito. Todos o temiam, mas para mim, ele era bom.

Costumávamos rir juntos.

- Como se chamava ele? - perguntei, e acho que sabia a resposta antes de ela a proferir.

- Aelle - disse ela num sussurro, - encantador e bonito Aelle.
- A fumaça formou um remoinho junto à minha cabeça, e, por um momento, senti o meu cérebro tão vazio como o espírito de minha mãe. Aelle? Eu era filho de Aelle?

- Aelle - disse Erce sonhadoramente - encantador e bonito Aelle.

Não tinha outras perguntas para lhe fazer e por isso forcei-me a ajoelhar diante de minha mãe e a abraçá-la. Beije-a em ambas as faces depois apertei-a com força como se pudesse devolver-lhe alguma da vida que ela me dera, e apesar de não opor resistência ao abraço, continuava a não saber que eu era seu filho. Retirei-lhe alguns piolhos.

Puxei Linna e descobri que era casada com um dos pescadores da aldeia e tinha seis filhos vivos. Dei-lhe ouro, acho que mais do que alguma vez esperara ver, e provavelmente mais ouro do que suspeitava existir. Olhou-me fixamente e depois, incrédula, para os pequenos lingotes.

- A nossa mãe ainda é escrava? - perguntei-lhe.

- Todos somos - disse ela, fazendo um gesto para toda a miserável aldeia.

- Isso comprará a sua liberdade - disse eu, apontando para o ouro, - se a quiser.

Encolheu os ombros, e suspeitei que serem livres nenhuma diferença faria nas suas vidas. Eu podia ter encontrado o seu Senhor e comprado eu próprio a sua liberdade, mas certamente que vivia num lugar bem distante dali e o ouro, se gasto sensatamente, facilitaria a sua dura vida fossem escravas ou estivessem livres. Um dia, prometi a mim mesmo, voltaria e tentaria fazer algo mais.

- Tome conta da nossa mãe - pedi a Linna

- Tomarei, Senhor - disse ela respeitosamente, mas eu continuava a achar que não acreditara em mim.

- Não trate o seu próprio irmão por Senhor - disse-lhe eu, mas ela não se deixou convencer.

Deixei-a e desci para a costa onde os meus homens aguardavam com a bagagem.

- Vamos para casa - disse eu. Era ainda manhã e tínhamos muitos dias de caminho à nossa frente. Um caminho em direção a nossa casa.

Para casa, para Ceinwyn. Para as minhas filhas, que descendiam de uma linha dos reis bretões e do sangue real

do seu inimigo saxão. Porque eu era filho de Aelle.

Detive-me numa colina verde por cima do mar e interroguei-me sobre a extraordinária teia da vida, mas não consegui que fizesse sentido. Eu era filho de Aelle, mas que diferença fazia isso? Nada explicava e nada questionava o destino é inexorável. Iria para casa.

Foi Issa quem primeiro viu a fumaça. Sempre tivera olhos de falcão e, nesse dia, enquanto me detinha numa colina tentando encontrar um sentido nas revelações de minha mãe, Issa perscrutou fumaça para lá do mar.

- Senhor? - chamou ele, e a princípio não respondi, tão absorto estava no que ouvira. Eu mataria meu pai? E esse pai era Aelle? - Senhor! - disse Issa com mais insistência, afastando-me dos meus pensamentos. - Senhor, Senhor, fumaça.

Ele apontava para o Sul em direção a *Dumnónia* e primeiro pensei que a brancura era apenas uma parte mais pálida entre as nuvens carregadas de chuva, mas Issa tinha certeza e dois outros lanceiros asseveraram que o que víamos era fumaça e não uma nuvem ou chuva.

- Há mais, Senhor - disse um deles, apontando mais para o Oeste, onde outra pequena mancha branca contrastava com o cinzento.

Um fogo podia dever-se a um acidente, talvez um palácio ardendo ou um campo seco em chamas, mas com esse tempo úmido nenhum campo teria se incendiado e em toda a minha vida nunca vira dois castelos em chamas, a menos que um inimigo os tivesse ateado com tochas.

- Senhor? - incitou-me Issa, pois ele, tal como eu, tinha a sua mulher em *Dumnónia*.

- Voltemos para a aldeia - disse eu. - Agora.

O marido de Linna concordou em nos transportar de barco. A viagem não era longa, pois aqui o mar tinha apenas cerca de oito milhas de extensão e permitia-nos uma viagem mais rápida para casa. No entanto, como todos os lanceiros, preferíamos uma viagem longa e seca a outra curta e molhada, por isso essa travessia foi uma prova tormentosa, encharcada e fria. Um vento forte soprava de Oeste, transportando mais nuvens e chuva, e com ele o mar altercava-se com vagas curtas e revoltas, que rebentavam e passavam por sobre os baixos alcatrates do barco. Gritamos pelas nossas vidas enquanto o pequeno barco tosco rangia, batia violentamente na água e nos arrastava vagarosamente para Sul. O nosso barqueiro, Balig de seu nome, e que era meu cunhado, declarou não haver prazer comparável ao de um bom barco batido por um vento forte e bradou graças a *Manawydan* por nos enviar semelhante tempo, embora Issa

enjoasse como um cão e eu me esforçasse, em vão, por vomitar. Mas todos ficamos contentes quando, no meio da tarde, ele nos deixou em terra, numa praia de *Dumnónia* a não mais de três ou quatro horas de casa.

Paguei a Balig, depois dirigimo-nos para o interior passando por uma região plana e úmida. Existia uma aldeia não longe da praia, mas as suas gentes haviam visto a fumaça e estavam assustadas; tomando-nos por inimigos, fugiram para as choupanas. A aldeia possuía uma pequena igreja, uma simples cabana coberta de colmo com uma cruz de madeira pregada num espigão, mas os cristãos haviam todos desaparecido. Um dos aldeãos pagãos que havia ficado disse que os cristãos haviam partido para leste.

- Eles seguiram o seu sacerdote, Senhor - disse-me ele.

- Porquê? - perguntei. - Para onde?

- Não sabemos, Senhor. - Lançou um olhar rápido ao fumaça distante. - Os Saxões voltaram?

- Não - tranquilizei-o, e fiz votos para que tivesse razão.

A fumaça que lentamente se esbatia não me pareceu a mais de seis ou sete milhas de distância e tive dúvidas que tanto Aelle como Cerdic pudessem ter chegado tão longe em *Dumnónia*. Se o tivessem conseguido, então toda a

Bretanha estaria perdida.

Apressamo-nos. Nesse momento tudo o que queríamos era chegar até junto das nossas famílias e, quando soubéssemos que estavam bem, seria chegada a altura de saber o que estava acontecendo. Tínhamos duas estradas à escolha até à casa senhorial de Ermid. Uma, a mais distante, bem para o interior e por onde levaríamos quatro ou cinco horas, sendo a maior parte do percurso feito na penumbra, e outra que atravessava os grandes pântanos de Avalon; traiçoeiras enseadas pantanosas, pauis com salgueiros nas suas margens e baldios cobertos de junco por onde, quando a maré estava alta e o vento soprava de Oeste, por vezes o mar podia infiltrar-se, encher e inundar os níveis, afogando viajantes incautos. Havia estradas por entre esse vasto pântano, e até mesmo passadiços de madeira que conduziam ao lugar onde os salgueiros podados cresciam e onde as armadilhas das enguias e do peixe haviam sido colocadas, mas nenhum de nós conhecia os caminhos do pântano. Ainda assim, escolhemos estes caminhos traiçoeiros, já que nos permitiam um caminho mais rápido para casa.

Ao cair a noite encontramos um guia. Tal como a maior parte das gentes dos pântanos ele era pagão e, assim que soube quem eu era, ofereceu satisfeito os seus serviços. No meio dos pântanos, erguendo-se da luz crepuscular, conseguimos ver o *Tor*.

Disse-nos o nosso guia que teríamos de aí nos deslocar primeiro, e depois encontrar um dos barqueiros de *Ynys Wydryn* que nos fizesse atravessar num barco de junco de fundo chato as águas pouco profundas da lagoa de Issa.

Ainda chovia quando deixamos a aldeia dos pântanos, com as gotas batendo de leve no junco e salpicando os charcos, mas a chuva parou em menos de uma hora e gradualmente uma Lua pálida e suave brilhou debilmente por trás das escassas nuvens que deslizavam suave e rapidamente de oeste. O nosso caminho cruzou fossos escuros em pontes de tábuas grossas, atravessadas pelo intrincado e entrelaçado trabalho de verga das armadilhas de enguias urdidas com salgueiros, e serpenteamos incompreensivelmente pelo meio de pauis despidos de interesse onde o nosso guia murmurou feitiços contra os espíritos dos pântanos. Afirmou-nos que em algumas noites estranhas luzes tremeluziam nos úmidos terrenos baldios, os espíritos, pensava ele, de muitas pessoas que haviam morrido neste labirinto de água, lama e junco. As nossas passadas atemorizaram os patos que emitiram gritos agudos e voaram dos seus ninhos, batendo desesperadamente as asas escuras em direção ao céu de nuvens passageiras.

O nosso guia falou-me, contando-me histórias de dragões que dormiam sob os pântanos e de vampiros que se arrastavam pelos ancoradouros lamacentos. Trazia no

pescoço um colar feito com a coluna de um homem afogado, o único amuleto seguro, dizia ele, contra essas coisas temíveis que assombravam o nosso caminho.

Pareceu-me que o *Tor* não se aproximava, mas isso não passava da nossa impaciência e passo a passo, de ancoradouro em ancoradouro, nos aproximávamos de fato e, à medida que a enorme colina se elevava cada vez mais no céu com farrapos de nuvens, vimos uma mancha de luz brilhante surgir no seu sopé. Era um enorme clarão de chamas, e a princípio pensamos que o santuário do Espinheiro Sagrado tivesse ardido, mas à medida que nos aproximávamos mais aumentavam as chamas, ainda que com a mesma intensidade, e eu julguei que a luz viesse das fogueiras ao ar livre, talvez acesas para iluminar algum rito cristão que servisse para afastar algum perigo do santuário.

Todos fizemos o sinal contra o mal, depois, por fim, alcançamos um talude que nos levava diretamente da terra úmida aos terrenos mais altos de *Ynys Wydryn*.

O nosso guia deixou-nos ali. Preferia os perigos do pântano aos perigos das fogueiras acesas de *Ynys Wydryn*, por isso ajoelhou-se diante de mim e recompensei-o com o último ouro de que dispunha, depois ergui-o e agradei-lhe.

Os seis continuamos para frente passando pelo meio da

pequena cidade de *Ynys Wydryn*, um lugar de pescadores e cesteiros. As casas estavam escuras e os caminhos desertos, vendo-se apenas cães e ratazanas. Nos dirigíamos para a paliçada de madeira que circundava o santuário, e apesar de conseguirmos ver a fumaça incandescente das fogueiras agitando-se por cima da vedação, ainda não conseguíamos ver nada do que acontecia no seu interior. Contudo, o nosso caminho levou-nos a passar o portão principal do santuário e, ao nos aproximarmos mais, ainda vi que haviam dois lanceiros montando guarda à entrada.

A luz das chamas que passava pelo portão aberto iluminou um dos seus escudos que tinha o último símbolo que jamais esperara ver em *Ynys Wydryn*. Era a águia marinha de Lancelot com o peixe preso nas suas garras.

Os nossos próprios escudos balançavam nas nossas costas estando, deste modo, as suas estrelas brancas escondidas, e como todos usávamos a cauda de lobo cinzenta, os lanceiros devem ter pensado que éramos amigos, pois não gritaram qualquer ordem quando nos aproximamos. Em vez disso, julgando que queríamos entrar no santuário, afastaram-se para o lado, e só quando eu estava prestes a passar o portão, atraído pela minha curiosidade em conhecer o contributo de Lancelot para os estranhos acontecimentos desta noite, é que os dois homens perceberam que não éramos companheiros seus. Um tentou barrar-me a

passagem com uma lança.

- Quem são vocês? - desafiou-me.

Afastei a sua lança para o lado e depois, antes que pudesse dar um grito de alarme, empurrei-o para trás do portão enquanto Issa arrastava o seu companheiro para fora dali. Uma enorme multidão estava reunida dentro do santuário, mas todos estavam de costas voltadas para nós e ninguém viu o barulho no portão principal. Nem podiam ouvir alguma coisa, pois a multidão entoava cânticos e cantava e o seu confuso murmúrio abafara o pequeno ruído que fizéramos. Arrastei o meu cativo para as sombras junto à

estrada, onde me ajoelhei ao seu lado. Havia deixado cair a minha lança quando o empurrara para fora do portão, por isso puxei a minha pequena faca que usava no cinto

- Você é um homem de Lancelot? - perguntei-lhe

- Sim - sibilou.

- Então o que está fazendo aqui? - perguntei. - Este país pertence a Mordred.

- O rei Mordred está morto - disse ele, assustado com a lâmina da faca que eu segurava contra a sua garganta. Eu nada disse, pois estava tão atônito com a resposta que nada

encontrei para dizer. O homem deve ter pensado que o meu silêncio pressagiava a sua morte, pois ficou desesperado. - Estão todos mortos!

- Quem?

- Mordred, Artur, todos eles.

Por breves instantes pareceu-me que o meu mundo desabava pelas fundações.

O homem lutou um pouco, mas a pressão da minha faca acalmou-o.

- Como? - silvei.

- Não sei.

- Como? - perguntei mais alto.

- Não sabemos! - insistiu. Mordred foi morto antes de irmos e dizem que Artur morreu em *Powys*.

Oscilei para trás e fiz um gesto a um dos meus homens para que mantivesse os dois cativos em silêncio com a lâmina da sua lança. Depois contei as horas que haviam passado desde que vira Artur. Havia apenas dias que havíamos nos separado na cruz de Cadoc, e a estrada que Artur tomara para casa era muito mais longa do que a minha; se ele

tivesse morrido, pensei, a notícia da sua morte não teria seguramente chegado a *Ynys Wydryn* antes de mim.

- O seu rei está aqui? - perguntei ao homem.

- Sim.

- Porquê? - perguntei.

A sua resposta soou um pouco mais que um sussurro.

- Para tomar o reino, Senhor.

Cortamos tiras da lã das capas dos dois homens, amarramos os seus braços e pernas e enchemos as suas bocas com mãos cheias de lã para mantê-los em silêncio.

Nós os empurrámos para um fosso, avisámos que deviam ficar calados e depois conduzi os meus cinco homens de novo para o portão do santuário. Queria olhar para o seu interior por alguns instantes, entender o que conseguisse, e só depois me apressaria a ir para casa.

- Capas sobre os seus elmos - ordenei aos meus homens e escudos voltados ao contrário.

Levantamos as capas para cima dos nossos elmos para que as caudas de lobo ficassem escondidas, depois seguramos os nossos escudos com a frente para baixo contra as nossas

pernas para que as estrelas não se vissem, e deste modo disfarçados penetramos em silêncio no santuário agora desprotegido. Movemo-nos nas sombras, circundando as costas da multidão excitada até chegarmos às fundações de pedra do santuário que Mordred começara a construir para a sua mãe defunta. Trepamos para a fileira de pedras mais elevada da sepultura inacabada e daí pudemos ver, por sobre as cabeças da multidão, que coisa estranha acontecia entre as duas filas de fogueiras que iluminavam a noite de *Ynys Wydryn*.

No início pensei tratar-se de outro rito cristão como o que testemunhara em *Isca*, porque o espaço entre as filas de fogueiras estava cheio de mulheres que dançavam, homens que oscilavam e sacerdotes que cantavam. O barulho que faziam era uma cacofonia de guinchos, gritos e gemidos. Monges com malhos de couro vagueavam pelo meio dos extáticos e flagelavam as suas costas nuas, e cada chicotada forte provocava apenas mais gritos de júbilo. Uma mulher ajoelhava-se junto ao Espinheiro Sagrado.

- Venha, Senhor Jesus! - gritava. - Venha!

Um monge batia-lhe com frenesi, e fazia-o com tamanha força que as suas costas nuas eram um sinistro lençol de sangue, mas a cada nova batida o fervor da sua prece desesperada aumentava.

Preparava-me para saltar do sepulcro e voltar ao portão quando surgiram lanceiros vindos dos edifícios do santuário e empurraram os adoradores rudemente para o lado para abrir espaço entre as fogueiras que iluminavam o Espinheiro Sagrado.

Arrastaram do local a mulher que gritava. Mais lanceiros se seguiram, dois deles carregando uma liteira, por trás da qual o bispo Sansum comandava um grupo de sacerdotes vestidos com aprumo. Lancelot e os seus servidores acompanhavam os sacerdotes. Bors, o paladino de Lancelot, estava presente, e Amhar e Loholt estavam com o rei belga, mas não vi os terríveis gêmeos Lavaine e Dinas.

A multidão gritou ainda mais alto quando viu Lancelot. Estendiam as mãos na sua direção e alguns se ajoelhavam à sua passagem. Ele estava ataviado na sua armadura branca esmaltada de lâminas metálicas, que jurava ter sido o equipamento de guerra do antigo herói Agamêmnon, e usava o seu elmo preto ornamentado com longas penas de cisne. O seu longo cabelo negro, que oleara até ficar brilhante, surgia por baixo do elmo e caía suavemente sobre a capa vermelha que lhe cobria os ombros. A espada de Cristo estava embainhada e as suas pernas estavam protegidas por umas botas altas de guerra em couro vermelho. A Guarda Saxônica seguia atrás, homens enormes envergando cotas de malha prateadas, armados com

machados de guerra de gumes largos onde se refletiam as chamas crepitantes das fogueiras. Não via Morgana, mas o coro formado pelas vozes das suas mulheres santas vestidas de branco tentava em vão fazer ouvir a sua canção por cima dos lamentos e gritos da multidão excitada.

Um dos lanceiros transportava um poste, que colocou num buraco preparado para o efeito ao lado do Espinheiro Sagrado. Por um momento temi que fôssemos ver algum pobre pagão ser queimado no poste e cuspi para afastar o mal. A vítima era transportada na liteira. Os homens que a carregavam depuseram o seu fardo junto do Espinheiro Sagrado, apressando-se, em seguida, a amarrar o prisioneiro ao poste, mas quando se afastaram e nós pudemos finalmente ver bem o que acontecia, percebi que não era nem um prisioneiro nem um condenado à fogueira. De fato, não era um pagão quem estava amarrado àquele poste, mas sim um cristão, e não era uma morte o que nós víamos, mas um casamento.

E pensei na estranha profecia de Nimue. A morta será tomada em casamento.

Lancelot era o noivo e estava agora de pé ao lado da sua noiva amarrada ao poste. Era uma rainha, em tempos princesa de *Powys*, que se tornara princesa de *Dumnónia* e depois rainha de *Silúria*. Era Norwenna, nora de Sua Alteza

Real, o rei Uther, a mãe de Mordred, e falecera havia catorze anos. Jazera na sua campa durante todos esses anos, mas agora fora desenterrada e os seus restos mortais estavam firmemente atados ao poste junto do Espinheiro Sagrado.

Olhei estarrecido pelo horror, depois fiz o sinal para afastar o mal e bati na malha de ferro da minha armadura. Issa tocou-me no braço, como se assim quisesse assegurar-se de que não estava vivendo um pesadelo inimaginável.

A rainha morta era pouco mais do que um esqueleto. Um xale branco fora colocado sobre os seus ombros, todavia não conseguia esconder os medonhos farrapos de pele amarelada e os nódulos de carne branca e gorda ainda agarrados aos seus ossos. O crânio pendia de uma das cordas que a seguravam ao poste e estava semicoberto por uma camada de pele esticada. O malar caíra para um dos lados e estava suspenso do crânio, enquanto os seus olhos eram apenas sombras escuras na máscara mortal, iluminada pelas fogueiras, que era o seu rosto. Um dos guardas colocara uma coroa de papoulas no alto do seu crânio do qual pendiam andrajosas mechas de cabelo úmido e frio que lhe roçavam o xale.

- O que está acontecendo? - perguntou Issa num tom de voz suave

- Lancelot reclama *Dumnónia* - sussurrei-lhe - e ao desposar Norwenna liga-se à

família real de *Dumnónia*. - Não havia outra explicação possível. Lancelot roubava o trono de *Dumnónia*, e esta cerimônia macabra no meio de grandes fogueiras lhe concederia uma justificativa legal pouco convincente. Desposava a morta para se tornar herdeiro de Uther.

Sansum fez um gesto pedindo silêncio e os monges que transportavam os malhos gritaram para a multidão excitada que lentamente acalmou o seu frenesi. De vez em quando ouvia-se um grito de mulher e a multidão estremecia nervosa, mas por fim fez-se silêncio. As vozes dos coros esvaneceram-se e Sansum ergueu os braços e orou para que o Deus Todo Poderoso abençoasse esta união de um homem com uma mulher, deste rei com esta rainha, e depois instruiu Lancelot para que tomasse a mão da noiva.

Lancelot alcançou com a sua mão direita enluvada os ossos amarelos e levantou-os. As patilhas do elmo, que lhe protegiam as faces, estavam abertas e eu pude ver o seu sorriso irônico. A multidão gritava de alegria e lembrei-me das palavras de Tewdric acerca de sinais e presságios, e supus que este casamento ímpio era para os cristãos a prova de que o regresso do seu Deus estava iminente.

- Pelo poder em mim investido pelo Pai Santo e pela graça que me foi concedida pelo Espírito Santo - gritou Sansum, - eu os declaro marido e mulher!

- Onde está o nosso rei? - perguntou-me Issa.

- Quem sabe? - respondi-lhe sussurrando. - Provavelmente morto. - Depois vi como Lancelot erguia os ossos amarelos da mão de Norwenna e fingia beijar os seus dedos. Um destes caiu quando ele largou a mão

Sansum, que nunca perdia uma oportunidade para pregar, começou a discursar para a multidão e foi então que Morgana me abordou. Não a vira aproximar-se e só

percebi a sua presença quando ao sentir uma mão puxar-me pela capa me virei, alarmado, e vi a sua máscara de ouro reluzindo à luz da fogueira.

- Quando eles descobrirem que os guardas não estão no portão - sibilou ela -

revistarão estes domínios e vocês serão homens mortos. Sigam-me, idiotas.

Assaltados por um sentimento de culpa descemos das pedras e seguimos a sua figura corcunda e escura à medida que ela se esgueirava por trás da multidão e era engolida

pela penumbra da grande igreja do santuário. Aí parou e fitou-me.

- Eles disseram que vocês estavam mortos - disse ela. - Mortos juntamente com Artur no santuário de Cadoc.

- Eu vivo, Senhora.

- E Artur?

- Estava vivo há três dias atrás, Senhora - respondi. - Nenhum de nós morreu no santuário de Cadoc.

- Graças a Deus - suspirou ela, - graças a Deus. - Depois agarrou a minha capa e puxou a minha cara para bem perto da sua máscara. - Ouça - disse ela com urgência, - o meu marido não teve alternativa quanto a esta questão.

- Se o diz, Senhora - disse eu, não acreditando nela nem por um segundo, mas compreendendo que Morgana estava fazendo tudo o que estava ao seu alcance para contentar ambos os lados desta crise, que tão rapidamente se abatera sobre a *Dumnónia*.

Lancelot apoderava-se do trono, e alguém conspirara para garantir que Artur estivesse fora do país quando o fizesse. Pior, pensei, alguém enviara Artur e eu próprio para o alto vale de Cadoc e contratara homens para nos fazer uma

emboscada. Alguém queria nos ver mortos e fora Sansum quem primeiro nos revelara o refúgio de Ligessac e também ele quem se opusera a que fosse permitido aos homens de Cuneglas fazer a detenção, e era Sansum quem agora se encontrava diante de Lancelot e de um cadáver iluminado pelas fogueiras desta noite. Pressenti a marca das garras de Lorde *Rato* em todo este assunto iníquo, embora tivesse dúvidas sobre se Morgana saberia metade do que o seu marido fizera ou planejara. Ela estava muito velha e era sensata demais para se deixar infectar pelo frenesi religioso, e ela pelo menos tentava escolher um caminho seguro por entre a vaga de horrores.

- Jure-me que Artur vive! - pediu-me ela.

- Não morreu no vale de Cadoc - disse eu. - Isso eu lhe asseguro.

Durante algum tempo ficou em silêncio e acho que chorava por trás da máscara.

- Diga a Artur que em outra coisa não podíamos fazer - disse ela.

- Assim farei - prometi. - O que pode dizer de Mordred?

- Está morto - sibilou ela. - Foi morto enquanto caçava.

- Mas se eles mentiram em relação a Artur - disse eu, - então porque não sobre Mordred?

- Quem sabe? - benzeu-se e puxou a minha capa. - Venha - disse abruptamente, e conduziu-nos ao longo da parte lateral da igreja em direção a uma pequena cabana de madeira.

Alguém estava preso no seu interior, pois ouvia punhos baterem na porta, trancada com trelas de couro atadas em nós. - Devia ir ver a sua mulher, Derfel - disse-me Morgana enquanto tentava desatar o nó com a sua única mão sã. - Dinas e Lavaine partiram para o Sul depois do anoitecer na direção da sua casa, e com eles levaram lanceiros.

O pânico cresceu rapidamente dentro de mim, fazendo-me usar a ponta da minha lança para rasgar a trela de couro. Assim que o nó se soltou, a porta escancarou-se e Nimue saltou para fora com as mãos enclavinhadas como garras, mas depois reconheceu-me e esbarrou contra o meu corpo, apoiando-se nele. Cuspiu para Morgana.

- Vai, sua louca - respondeu-lhe Morgana, - e lembre-se que fui eu quem hoje te salvou da morte.

Tomei as duas mãos de Morgana, a queimada e a sã, e levei-as aos lábios.

- Pelo que fez esta noite, Senhora - disse eu, - estou em dívida com a senhora.

- Vá, idiota - disse ela, - e sem demora!

E correndo atravessamos a parte de trás do santuário, passando depósitos, cabanas de escravos e celeiros. Saímos depois pelo pequeno portão para o local onde os pescadores deixavam os seus pequenos barcos de junco. Apanhamos duas das pequenas embarcações e usamos as longas lâminas das nossas espadas como varas.

Recordei, então, esse dia longínquo da morte de Norwenna em que Nimue e eu fugíamos de *Ynys Wydryn* desse mesmo modo. Dessa vez, como agora, dirigíamo-nos à

casa senhorial de Ermid e então, como hoje, éramos fugitivos perseguidos numa terra governada por inimigos.

Nimue pouco sabia do que havia se passado em *Dumnónia*. Afirmou que Lancelot viera e se declarara rei, mas sobre Mordred ela apenas conseguia repetir o que Morgana afirmara, que o rei fora morto enquanto caçava. Contou-nos como os lanceiros haviam vindo para o *Tor* e a tinham feito cativa no santuário onde Morgana a aprisionara.

Depois disso, ouvira ela, uma turba de cristãos havia subido ao *Tor*, espancado quem quer que tivessem encontrado, derrubado as cabanas e começado a construir uma igreja com as madeiras recuperadas.

- Então Morgana salvou mesmo a sua vida - disse eu.

- Ela quer a minha sabedoria - disse Nimue. - O que mais saberão eles fazer com o Caldeirão? Por isso Dinas e Lavaine foram à sua casa, Derfel. À procura de Merlim. -

Cuspiu para dentro da lagoa. - É como te digo, eles desenterraram o Caldeirão e não sabem como controlar o seu poder. Dois reis vieram para Cadarn. Mordred foi um e Lancelot o outro. Fomos lá esta tarde e estivemos sobre a pedra. E esta noite os mortos estão sendo tomados em casamento.

- E afirmou ainda - recordei-lhe amargamente, - que uma espada se deterá no pescoço de uma criança. - Mergulhei a minha lança na lagoa pouco profunda, na urgência desesperada de chegar à casa de Ermid, onde as minhas filhas e Ceinwyn se encontravam, e para onde os druidas silurianos e os seus lanceiros haviam se dirigido há perto de três horas.

Chamas iluminaram o nosso caminho de volta a casa. Não as chamas que alumiam o casamento de Lancelot com a morta, mas outras recentes, que crepitavam vermelhas e altas a partir da casa senhorial de Ermid. Íamos a meio da lagoa quando esse fogo se inflamou bruscamente, estremecendo os seus longos reflexos na água escura.

Eu rezava a *Gofannon*, a *Lleullaw*, a *Bei*, a *Cernunnos*, a *Taranis*, a todos os deuses, onde quer que estivessem, para que apenas um deles se vergasse do reino das estrelas e salvasse a minha família. As chamas irromperam mais alto, cuspidas fagulhas de colmo ardendo para a fumaça levado para leste e que atravessava a pobre *Dumnónia*.

Depois de Nimue contar a sua história caminhamos em silêncio. Issa tinha lágrimas nos olhos, por estar preocupado com Scarach, a garota irlandesa que desposara, e interrogava-se, tal como eu, sobre o que acontecera aos lanceiros que havíamos deixado guardando a casa senhorial. Havia seguramente homens suficientes para deterem os ataques surpresa de Dinas e Lavaine. Todavia, as chamas diziam o contrário e enterramos as hastes das nossas lanças com mais força para fazer com que as embarcações se deslocassem ainda mais depressa.

Ouvimos os gritos ao nos aproximarmos. Éramos apenas seis lanceiros, mas não hesitei, nem tentei fazer uma aproximação indireta, dirigindo simplesmente as embarcações para o ancoradouro escondido pelas sombras das árvores, situado ao longo da paliçada da casa senhorial. Aí, próximo do pequeno *coracle* de Dian que Gwlyddyn, o criado de Merlim, fizera para ela, saltamos para terra firme.

Mais tarde, juntei as peças desta história. Gwilym, o homem

que comandara os lanceiros que haviam ficado para trás enquanto eu me dirigira para Norte com Artur, vira a fumaça distante a Leste e supôs que havia tumultos aproximando-se. Colocara todos os seus homens em alerta, depois considerou com Ceinwyn deviam ir para os barcos e esconder-se nos pântanos situados depois do mar. Ceinwyn havia negado. Malaine, o seu irmão druida, dera a Dian uma mistura de folhas que lhe baixara a febre, mas a criança ainda estava fraca, e ademais, ninguém sabia o que o fogo significava, nenhum mensageiros havia trazido qualquer aviso, deste modo, Ceinwyn enviou dois dos lanceiros para Leste em busca de notícias e aguardaram então por trás da paliçada de madeira.

O cair da noite não trouxe notícias, mas sentiram-se um pouco aliviados quando alguns lanceiros caminharam na noite, e Ceinwyn sentiu-se mais segura do que à luz do dia. Do interior da paliçada e para lá da lagoa viram as chamas em *Ynys Wydryn* e interrogaram-se sobre o que significariam. Ninguém ouviu os cavaleiros de Dinas e Lavaine aproximarem-se vindos dos bosques vizinhos, uma vez que desmontaram bastante longe da casa senhorial, prenderam as rédeas dos seus cavalos às árvores e então, sob a Lua pálida e toldada de nuvens, rastejaram em direção à paliçada. Apenas quando os homens de Dinas e Lavaine atacaram o portão, Gwilym percebeu que a casa senhorial estava sendo atacada. Os seus dois batedores não haviam regressado,

não havia guardas nos bosques e o inimigo estava a poucos metros do portão da paliçada quando o alarme soou pela primeira vez. Não era um portão imponente, não mais do que da altura de um homem, e a primeira fileira de inimigos investiu na sua direção sem armaduras, lanças ou escudos, conseguindo trepá-lo antes mesmo que os homens de Gwilym tivessem se reunido. Os guardas do portão lutaram e mataram, mas um número suficiente desses primeiros atacantes sobreviveu, levantando a tranca do portão e deste modo abrindo-o ao ataque dos lanceiros de Dinas e Lavaine, munidos de pesadas armaduras. Dez desses lanceiros pertenciam à Guarda Saxônica de Lancelot, enquanto os outros eram guerreiros belgas, que haviam jurado servir o seu rei.

Os homens de Gwilym reuniram-se o melhor que conseguiram, e a luta mais feroz teve lugar à porta da casa senhorial. Foi aí que o próprio Gwilym caiu morto juntamente com seis dos seus homens. Ainda outros seis estavam estendidos no pátio onde um armazém fora incendiado e eram essas as chamas que haviam iluminado o nosso caminho ao longo da lagoa e que agora, quando chegávamos ao portão aberto, nos mostravam o horror no interior da paliçada.

A batalha não terminara. Dinas e Lavaine haviam planejado bem a sua perfídia, mas os seus homens não haviam

conseguido transpor a porta da casa senhorial e o resto dos meus lanceiros mantinham ainda o grande edifício intacto. Eu conseguia ver os seus escudos e lanças bloqueando o arco da porta, e via outra lança surgindo numa das altas janelas, por cuja empena saía a fumaça. Dois dos meus batedores de caça estavam nessa janela, e as suas flechas impediam que os homens de Dinas e Lavaine trouxessem fogo do armazém em chamas para o telhado de colmo da casa senhorial. Ceinwyn, Morwenna e Seren estavam todas dentro da casa senhorial, juntamente com Merlim, Malaine e a maior parte das outras mulheres e crianças que viviam nos nossos domínios, mas estavam cercados por homens que excediam o seu número. Os druidas inimigos haviam encontrado Dian.

Dian estivera dormindo numa das choupanas, como fazia freqüentes vezes, gostando de estar na companhia da sua velha ama, casada com o meu ferreiro, e talvez tenha sido o seu cabelo de ouro que a denunciou ou então, como lhe era característico, tivesse gritado desafios aos captores, dizendo-lhes que o seu pai se vingaria.

E agora Lavaine, vestido de preto e com a bainha vazia balançando na sua anca, segurava Dian contra o seu corpo. Os seus pequenos pés sujos de terra saíam esticados por baixo do pequeno vestido branco que trazia e lutava o melhor que podia, mas Lavaine mantinha o seu braço

esquerdo bem apertado em volta da sua cintura e na sua mão direita empunhava uma espada desembainhada contra a sua garganta.

Issa prendeu-me o braço para me impedir que carregasse furiosamente sobre a linha de homens com armaduras que se encontravam de frente para a casa cercada.

Eram vinte. Não via Dinas, mas suspeitei que estivesse com os outros lanceiros inimigos nos fundos da casa, onde estariam impedindo a fuga de todas as almas sitiadas ali.

- Ceinwyn! - Chamou Lavaine na sua voz cavada. - Saia daí! O meu rei a quer!

Pousei a minha lança e puxei a *Hywelbane*. A sua lâmina sibilou suavemente na parte de cima da bainha.

- Saia para fora! - Gritou Lavaine de novo.

Toquei nos pedaços de osso de porco que tinha no copo da espada, e depois rezei aos meus deuses para que me fizessem terrível nessa noite.

- Quer a sua cria morta? - gritou Lavaine, e Dian gritava quando a lâmina da espada se estreitava na sua garganta. - O seu homem morreu! - gritou Lavaine. - Morreu em *Powys* com Artur, e não virá para socorrê-la. - Pressionou a espada

com mais força e Dian voltou a gritar.

Issa manteve a sua mão no meu braço.

- Ainda não, Senhor - sussurrou, - ainda não.

Os escudos junto à porta da casa senhorial separaram-se e Ceinwyn saiu. Trazia uma capa escura presa à garganta.

- Ponha a criança no chão - disse ela a Lavaine calmamente.

- A criança será libertada quando vier comigo - disse Lavaine. - O meu rei exige a sua companhia.

- O seu rei? - perguntou Ceinwyn. - Que rei é esse?

Ela sabia bem que homens haviam chegado nessa noite, pois os seus escudos por si só contavam essa história, mas não facilitaria nada a Lavaine.

- O rei Lancelot - disse Lavaine. - Rei dos belgas e rei de *Dumnónia*.

Ceinwyn estreitou mais a sua capa escura junto aos ombros.

- Então, o que quer o rei Lancelot de mim? - perguntou. Atrás dela, no espaço dos fundos da casa, e debilmente iluminados pelo armazém em chamas, consegui ver mais alguns lanceiros de Lancelot. Havia retirado os cavalos

dos meus estábulos e observavam agora o confronto entre Ceinwyn e Lavaine.

- Esta noite, Senhora - explicou Lavaine, - o meu rei casou-se.

Ceinwyn encolheu os ombros.

- Então não precisa de mim.

- A noiva, Senhora, não pode conceder ao meu rei os privilégios que um homem exige na sua noite de núpcias. Terá de ser a senhora, a satisfazer o seu prazer. É uma antiga dívida de honra que possuí. Além disso, - acrescentou Lavaine, - agora é viúva.

Precisa de outro homem.

Fiquei ansioso, mas Issa agarrou de novo o meu braço, apertando-o. Um dos homens da Guarda Saxônica próximo de Lavaine estava impaciente e Issa sugeriu em surdina que esperássemos até o homem se descontraír de novo.

Ceinwyn inclinou a cabeça por alguns segundos, depois voltou a olhar para cima.

- E se eu for - disse ela numa voz sombria, - deixa a minha filha viver?

- Viverá - prometeu Lavaine.

- E todos os outros também? - perguntou, fazendo um gesto com a mão para a casa senhorial.

- Esses também - disse Lavaine.

- Então liberte a minha filha - pediu Ceinwyn.

- Primeiro venha até aqui - respondeu Lavaine. - E traga Merlim contigo.

Dian deu-lhe um pontapé com os calcanhares nus, mas ele estreitou de novo a espada e ela permaneceu quieta. O telhado do armazém caiu, explodindo em fagulhas e pedaços de palha em chamas que subiram no céu escuro. Algumas das chamas caíram no telhado de colmo da casa senhorial onde tremeluziram debilmente. Por ora, a água da chuva no telhado de colmo protegia a casa senhorial, mas eu sabia que, em breve, o telhado queimaria.

Fiquei tenso, pronto para atacar, mas então Merlim surgiu por trás de Ceinwyn. Vi que a sua barba estava novamente com tranças; trazia o seu grande bastão e deteve-se muito reto e sinistro, como há anos não o via. Colocou o seu braço direito em volta dos ombros de Ceinwyn.

- Liberte a criança - ordenou.

Lavaine abanou a cabeça.

- Fizemos um feitiço com a sua barba, velho, e você não tem poder sobre nós.

Todavia, esta noite teremos o prazer de conversar contigo enquanto o nosso rei tiver prazer com a princesa Ceinwyn. Vocês os dois - ordenou, - venham até aqui.

Merlim ergueu o bastão e apontou-o para Lavaine.

- Na próxima lua cheia - disse ele, - você morrerá junto ao mar. Você e o seu irmão morrerão e os seus gritos ressoarão através dos tempos. Solte a criança.

Nimue silvou suavemente por trás de mim. Ela havia se apoderado da minha lança e levantado a pala de couro que tapava a horrível cavidade vazia do seu olho.

Lavaine ficara imóvel com a profecia de Merlim.

- Na próxima lua cheia - disse ele - ferveremos as tranças da tua barba em sangue de touro e entregaremos a sua alma ao verme Annwn - cuspiu. - Vocês dois, -

acrescentou rapidamente, - venham aqui.

- Liberte a minha filha - pediu Ceinwyn.

- Quando chegar a mim - disse Lavaine, - ela será libertada.

Houve uma pausa. Ceinwyn e Merlim falaram baixo um com o outro.

Morwenna gritou do interior da casa senhorial e Ceinwyn virou-se e falou com a filha, depois tomou a mão de Merlim e começaram a caminhar em direção a Lavaine.

- Assim não, Senhora - gritou-lhe Lavaine. - O meu Rei e Senhor Lancelot exige que venha até ele nua. O meu Rei e Senhor a tomará depois de passar nua pelos campos e pela cidade e entrar nua na sua cama. Você o envergonhou, Senhora, e esta noite ele a fará pagar a sua vergonha cem vezes.

Ceinwyn deteve-se e olhou-o irritada e com ferocidade. Mas Lavaine pressionou apenas a sua espada contra a garganta de Dian, a criança estremeceu de dor, e Ceinwyn instintivamente puxou o alfinete que apertava a sua capa e deixou-a cair, mostrando um simples vestido branco.

- Tire o vestido, Senhora - ordenou-lhe Lavaine asperamente, - tire-o, ou sua filha morre.

Carreguei sobre eles. Gritei o nome de *Bei* e carreguei como um louco. Os meus homens acompanharam-me, e mais homens vieram da casa senhorial quando viram as estrelas

brancas nos nossos escudos e as caudas cinzentas nos nossos elmos. Nimue atacou conosco, guinchando e gemendo, e eu vi a linha de lanceiros inimigos virar-se com o horror estampado nos seus rostos. Corri direito a Lavaine. Ele me viu, me reconheceu e gelou de terror. Disfarçara-se de sacerdote cristão, pendurando um crucifixo no pescoço.

Não era hora dos homens se disfarçarem de druidas, mas chegara a hora de Lavaine morrer e eu gritei o nome dos meus deuses enquanto carregava sobre ele.

Um guarda saxão correu então para a minha frente com o seu machado brilhante refletindo a luz das chamas ao mesmo tempo em que oscilava a sua pesada lâmina em direção ao meu crânio. Detive-a com o meu escudo e a força do golpe empurrou-me o braço para baixo. Depois, deslizei a *Hywelbane* para diante, rodei a lâmina na sua barriga e libertei-a com um puxão, trazendo atrás uma massa de intestinos saxônios. Issa matara outro saxão e Scarach, a sua temida mulher irlandesa, viera da casa senhorial para bater num saxão ferido com o cabo de uma lança, enquanto Nimue levava a sua lança à barriga de um homem. Detive outro golpe de espada, deitei o lanceiro ao chão com a *Hywelbane* e olhei desesperadamente em volta à procura de Lavaine. Vi-o correr com Dian nos braços. Tentava chegar junto do irmão nos fundos da casa quando um monte de lanceiros o interceptou e ele se virou, me viu e fugiu atravessando o

portão. Levava Dian como um escudo.

- Eu o quero vivo! - bradei e precipitei-me na sua direção por entre o caos iluminado pelo fogo. Outro saxão aproximou-se de mim gritando o nome do seu deus, e eu tirei-lhe o nome de deus da garganta com uma estocada da *Hywelbane*.

Depois Issa gritou um aviso e ouvi o barulho de cascos e vi que os inimigos que haviam estado guardando os fundos da casa senhorial atacavam a cavalo para resgatar os seus companheiros. Dinas, que estava vestido como o seu irmão com o hábito negro de um sacerdote cristão, comandava o ataque com uma espada desembainhada.

- Detenham-nos! - clamei. Ouvi Dian gritar. Os inimigos estavam em pânico.

Suplantavam-nos em número, mas a irrupção de lanceiros da noite escura agitara demais os seus corações e a Nimue com um só olho, guinchando feroz com a sua lança ensangüentada, deve ter-lhes parecido um temível fantasma das trevas que viera para levar as suas almas. Fugiram aterrorizados. Lavaine aguardou o irmão perto do armazém em chamas e ainda detinha a sua espada na garganta de Dian. Scarach, silvando como Nimue, perseguiu-o em silêncio com a sua lança, mas ela não se atreveu a arriscar a vida da minha filha. Outros do inimigo treparam pela paliçada, alguns fugiram pelo portão, alguns foram

derrubados na penumbra entre as cabanas e alguns outros escaparam correndo ao lado dos cavalos aterrorizados que ruidosamente passavam por nós para o meio da noite.

Dinas cavalcou direto a mim. Ergui o meu escudo, tomei o peso da *Hywelbane* e gritei um desafio, mas no último momento quando se preparava para lançar violentamente a sua espada à minha cabeça, desviou o cavalo de olhos brancos para o lado e cavalcou na direção do irmão gêmeo. Ao aproximar-se de Lavaine desceu da sela e estendeu-lhe os braços. Scarach precipitou-se rapidamente do caminho por onde o cavalo em carga passara assim que Lavaine saltou para o abraço salvador de Dinas. Este largou Dian e a vi afastar-se dele enquanto eu corria atrás do cavalo. Lavaine agarrava-se desesperadamente ao irmão que com igual desespero se agarrava a uma correia da sela enquanto o cavalo se afastava galopando. Gritei-lhes para que ficassem e lutassem, mas os gêmeos apenas galoparam para o meio das negras árvores por onde os outros sobreviventes inimigos haviam fugido. Amaldiçoei as suas almas. Detive-me no portão e chamei-os de insetos, covardes e criaturas do mal.

- Derfel? - chamou-me Ceinwyn atrás de mim. - Derfel?

Abandonei as minhas pragas e virei-me para ela.

- Estou vivo - disse eu, - estou vivo.

- Oh, Derfel! - gemeu ela, e foi então que vi que Ceinwyn segurava Dian e que o seu vestido branco já não era branco, mas vermelho.

Corri para junto delas. Dian estava aconchegada com firmeza nos braços de sua mãe. Deixei cair a espada, arranquei o elmo da cabeça e caí de joelhos ao seu lado.

- Dian? - sussurrei. - Meu amor?

Vi a sua alma tremeluzir nos seus olhos. Ela me viu, sem dúvida, e viu a sua mãe antes de morrer. Olhou para nós por um instante e depois a sua jovem alma voou tão branda como uma asa na escuridão e estremeceu apenas como a chama de uma vela extinguindo-se com uma brisa de vento. A sua garganta fora cortada quando Lavaine saltara para os braços do irmão, e agora o seu pequeno coração desistia da batalha. Mas ela me viu primeiro. Eu sei que viu. Ela me viu, depois morreu. Coloquei os meus braços à

sua volta e da sua mãe e chorei como uma criança. Pela minha adorada Dian, chorei.

Havíamos detido quatro prisioneiros ilesos. Um pertencia à Guarda Saxônica e três eram lanceiros belgas. Merlim interrogou-os, e depois de acabar cortei os quatro aos

pedaços. Chacinei-os. Matei com raiva, soluçando enquanto os matava, cego para tudo exceto para o peso da *Hywelbane* e a vazia satisfação de sentir a sua lâmina ferindo as suas carnes. Um a um, diante dos meus homens, diante de Ceinwyn, diante de Morwenna e de Seren, matei com crueldade os quatro homens, e quando terminei a *Hywelbane* estava molhada e vermelha da ponta ao copo, mas continuei a mutilar os seus corpos já

sem vida. Os meus braços estavam ensopados de sangue, a minha raiva podia ter enchido o mundo inteiro e ainda assim não me traria a pequena Dian de volta.

Desejei mais homens para matar, mas os inimigos feridos já tinham as suas goelas cortadas e deste modo, sem mais vingança para fazer e ensangüentado como estava, caminhei para as minhas filhas aterrorizadas e segurei-as nos braços. Eu não conseguia parar de chorar; nem elas. Segurei-as como se a minha vida dependesse das suas, e depois as levei até junto de Ceinwyn, que ainda embalava o cadáver de Dian. Abri gentilmente os braços de Ceinwyn e coloquei-os em torno das suas filhas vivas, depois peguei no pequeno corpo de Dian e levei-o para o armazém em chamas. Merlim acompanhou-me. Tocou com o seu bastão na testa de Dian, depois me fez um aceno com a cabeça. Era tempo, dizia ele, de deixar a alma de Dian atravessar a ponte das espadas. Mas primeiro beijei-a, depois pousei o seu corpo e usei a

minha faca para cortar uma madeixa espessa do seu cabelo dourado, que coloquei cuidadosamente na minha bolsa. Feito isto, voltei a levantá-la, beijei-a uma última vez e atirei o seu cadáver para as chamas. O seu cabelo e o seu vestidinho branco luziram.

- Espevite o fogo! - disse Merlin com brusquidão para os meus homens. -

Alimente-o!

Deitaram abaixo uma cabana para transformar o fogo numa fornalha, que consumisse o corpo de Dian até nada restar. A sua alma já se encaminhava para o seu corpo-sombra no Outro Mundo, e agora a sua pira funerária crepitava no escuro enquanto eu me ajoelhava diante das chamas com uma alma vazia e enraivecida.

Merlim ergueu-me.

- Temos de ir, Derfel.

- Eu sei.

Abraçou-me, estreitando-me com força nos seus braços longos e fortes como um pai.

- Se eu a pudesse ter salvo - disse ele suavemente.

- Tentou - disse eu, e amaldiçoei-me por me ter demorado em *Ynys Wydryn*.

- Venha - disse Merlim. - Temos de estar bem longe pelo amanhecer. Pegamos no pouco que conseguíamos levar. Desfiz-me da armadura ensangüentada que envergava e vesti a minha cota de malha ornamentada de ouro. Seren levou três gatinhos num saco de couro, Morwenna uma roca e uma trouxa de roupa, enquanto Ceinwyn transportou um saco de comida. Ao todo éramos oitenta; lanceiros, famílias, criados e escravos, e todos eles haviam atirado uma pequena lembrança para a pira funerária, um pedaço de pão, na sua maioria, embora Gwlyddyn, o criado de Merlim, tivesse atirado o *coracle* de Dian para as chamas para que ela pudesse guiá-lo pelos lagos e ancoradouros do Outro Mundo.

Ceinwyn, caminhando com Merlim e Malaine, o seu irmão druida, perguntou o que acontecia às crianças no Outro Mundo.

- Brincam - disse Merlim com toda a sua antiga autoridade. - Elas brincam por baixo das macieiras e esperam por você.

- Ela será feliz - tranquilizou-a Malaine.

Ele era um jovem alto, magro e com o corpo inclinado para frente, que transportava o velho bastão de lorweth. Pareceu

chocado com o horror desta noite, e estava claramente nervoso por causa do vestido imundo e manchado de sangue de Nimue. A pala do seu olho havia desaparecido e o seu cabelo sinistro pendia liso e sujo.

Uma vez satisfeita com o destino de Dian, Ceinwyn colocou-se ao meu lado, caminhando comigo. Eu sentia ainda uma estranha agonia, culpando-me por ter parado para ver a cerimônia de casamento de Lancelot, mas Ceinwyn estava agora mais calma.

- Foi o destino, Derfel - disse ela, - e ela agora está feliz. - Tomou o meu braço. -

E você está vivo. Eles nos disseram que vocês estavam mortos. Você e Artur.

- Ele vive - prometi-lhe. Caminhei em silêncio, seguindo os hábitos brancos dos dois druidas. - Um dia - disse eu algum tempo depois - encontrarei Dinas e Lavaine e a sua morte será terrível.

Ceinwyn apertou-me o braço.

- Quão felizes nós éramos todos juntos - disse ela. Começara de novo a chorar e eu tentei encontrar palavras para consolá-la, mas não podia haver explicação para os deuses nos terem roubado Dian. Atrás de nós, luzindo no céu da

noite, as chamas e a fumaça da casa senhorial de Ermid agitavam-se em direção às estrelas. O telhado de colmo da casa senhorial pegara fogo e a nossa antiga vida desvanecia-se em cinzas.

Seguimos um caminho tortuoso junto à margem da lagoa. A Lua deslizara de trás das suas nuvens para espalhar uma luz de prata sobre os juncos e os salgueiros e pelo lago pouco profundo e ondulado pelo vento. Caminhamos em direção ao mar, todavia eu mal pensara no que devíamos fazer quando chegássemos à costa. Os homens de Lancelot andariam à nossa procura, isso era certo, e de qualquer modo nós precisávamos encontrar segurança.

Merlim questionara os nossos prisioneiros antes de eu os matar e contou-nos então, a Ceinwyn e a mim, o que soubera. Muitas das coisas nós sabíamos. Dizia-se que Mordred fora morto enquanto caçava e um dos prisioneiros clamara que o rei fora assassinado pelo pai de uma garota que havia violado. Corriam rumores que Artur estaria morto e por isso Lancelot se declarara o rei de *Dumnónia*. Os cristãos haviam-no acolhido acreditando que Lancelot era o seu novo João Batista, um homem que pressagiara a primeira vinda de Cristo, tal como Lancelot pressagiava agora a segunda.

- Artur não morreu - afirmei amargamente. Era esperado ter

sido morto, e era esperado eu morrer com ele, mas falharam. E como pode Lancelot saber tão depressa da sua morte, se eu vi Artur há três dias?

- Ele não ouviu coisa alguma - disse Merlim calmamente. - Ele apenas desejava.

Cuspi.

- Foram Sansum e Lancelot - disse eu irritado. - Provavelmente Lancelot preparou a morte de Mordred e Sansum as nossas. Agora Sansum tem o seu rei cristão e Lancelot tem *Dumnónia*.

- Só que você está vivo - disse Ceinwyn com suavidade.

- E Artur vive - disse eu, - e se Mordred está morto, então o trono pertence a Artur.

- Só se ele desafiar Lancelot - disse Merlim secamente.

- Certamente que ele desafiará Lancelot - disse eu teimosamente.

- Artur está enfraquecido - avisou-me Merlim com gentileza. - Muitos dos seus homens foram mortos. Todos os guardas de Mordred estão mortos, assim como todos os lanceiros em *Caer Cadarn*. Cei e os seus homens estão mortos em *Isca*,

ou se não estão mortos, são fugitivos. Os cristãos rebelaram-se, Derfel. Ouvi dizer que marcaram as suas casas com o símbolo do peixe, e os habitantes das que não tivessem a marca seriam chacinados. - Caminhou num silêncio sombrio por algum tempo. - Eles estão purificando a Bretanha para a vinda do seu Deus.

- Mas Lancelot não matou Sagramor - disse eu, fazendo votos para o que afirmara fosse verdade, - e Sagramor comanda um exército.

- Sagramor está vivo - assegurou-me Merlim, e depois deu a pior notícia daquela terrível noite, - mas foi atacado por Cerdic. Creio que Lancelot e Cerdic podem ter combinado dividir *Dumnónia* entre si. Cerdic tomará as regiões da fronteira e Lancelot governará o resto.

Não consegui encontrar nada para dizer. Parecia incompreensível. Cerdic andava livremente pela *Dumnónia*? E os cristãos haviam se sublevado para fazer de Lancelot o seu rei? E tudo havia acontecido tão rapidamente, no espaço de dias, e não houvera qualquer sinal disso antes de eu deixar *Dumnónia*.

- Houve sinais - disse Merlim, lendo o meu pensamento. - Apenas aconteceu que nenhum de nós os levou a sério. Quem se importava que alguns cristãos pintassem o peixe

nas paredes das suas casas? Quem reparou nos seus frenesis? Nos habituamos tanto ao palavreado dos seus sacerdotes que deixamos de escutar o que diziam. E quem de nós acredita que o seu Deus virá à Bretanha dentro de quatro anos? Havia sinais a toda a nossa volta, Derfel, e nós nos mantivemos cegos diante deles. Todavia não foi isso o que causou este horror.

- Sansum e Lancelot causaram-no - disse eu.

- Trouxe o Caldeirão - disse Merlim. - Alguém o utilizou, Derfel, e o seu poder está livre pela terra. Suspeito que Dinas e Lavaine o tenham, mas não sabem como controlá-lo e desse modo espalharam o seu horror.

Continuei a caminhar em silêncio. O mar *Severn* era agora visível, numa maré

escura prateada ondulando suavemente sob uma Lua que descia no horizonte. Ceinwyn chorava baixinho e eu tomei a sua mão.

- Descobri - disse-lhe eu, tentando distraí-la do seu sofrimento - quem é meu pai.

Só ontem descobri.

- O teu pai é Aelle - disse Merlim tranquilamente.

Olhei-o fixamente.

- Como sabia?

- Está no teu rosto, Derfel, no teu rosto. Esta noite, quando atravessou o portão, faltava apenas uma capa preta de pêlo de urso para ser ele. - Sorriu. - Recordo-me de você como um rapaz sério, todas as perguntas e olhares carregados, depois esta noite veio como um guerreiro dos deuses, um ser aterrador de ferro, aço, plumas e escudo.

- É verdade? - perguntou-me Ceinwyn.

- Sim - admiti, temi qual pudesse ser a sua reação. Não necessitava ter receado.

- Então Aelle deve ser um grande homem - disse ela com firmeza, e lançou-me um sorriso triste, - meu Príncipe e Senhor.

Alcançamos o mar e viramos para Norte. A partir daí podíamos apenas dirigir-nos para *Gwent* e *Powys* para onde a demência ainda não se espalhara, mas o nosso caminho terminava num local onde a areia da praia se esgotava numa língua de terra e onde a maré quebrava branca numa vasta, mas pequena ondulação de lodo. À nossa esquerda estava o mar, à nossa direita estávamos pântanos de Avalon, e pareceu-me estarmos cercados, mas Merlim nos disse para

que não nos preocupássemos.

- Descanse - disse ele, - pois o auxílio em breve chegará. - Olhou para Leste para ver uma réstia de luz surgindo por cima das colinas para lá dos pântanos. - Aurora -

anunciou ele - e quando o Sol estiver bem alto, o nosso auxílio virá.

Sentou-se e rezou com Seren e os seus gatinhos enquanto os restantes se deitavam na areia com as trouxas ao lado, e Pyrlig, o nosso bardo, cantava a Canção de Amor de Rhiannon, que sempre fora a canção favorita de Dian. Ceinwyn, com um braço em volta de Morwenna, chorava enquanto eu olhava fixamente para o mar cinzento agitado e sonhava com a vingança.

O Sol despontou, prometendo outro belo dia de Verão em *Dumnónia*, embora neste dia os cavaleiros com armaduras de ferro estivessem espalhando-se pelo campo à

nossa procura. O Caldeirão fora finalmente usado, os cristãos haviam se juntado diante do estandarte de Lancelot, o horror espalhava-se, atravessando a terra e todo o trabalho de Artur fora afrontado.

Nessa manhã, os homens de Lancelot não eram os únicos a nos procurar. As aldeias dos pântanos haviam sabido da

notícia da casa senhorial de Ermid, tal como haviam ouvido que a horripilante cerimônia em *Ynys Wydryn* fora um casamento cristão.

Porque qualquer inimigo dos cristãos era um amigo dos povos do pântano, os seus barqueiros, batedores de caça e caçadores dispuseram-se em longas fileiras atravessando os pântanos à nossa procura.

Encontraram-nos duas horas depois de raiar o dia e levaram-nos para Norte através dos caminhos pantanosos onde nenhum inimigo se atreveria a entrar. Ao cair da noite, já fora dos pântanos, nos aproximamos da cidade de *Abona* onde barcos velejavam para a costa siluriana com cargas de cereais, olaria, estanho e chumbo. Um grupo dos homens de Lancelot guardava os molhes de construção romana que formavam em linha o porto do rio, mas o seu exército estava pouco disperso e não havia mais de vinte lanceiros vigiando os barcos, estando na sua maioria quase ébrios com uma carga pilhada de hidromel. Matamos a todos. A morte já havia chegado a *Abona*, pois os corpos de uma dúzia de pagãos jazia na lama acima da estreita linha do rio. Os cristãos fanáticos que haviam chacinado os pagãos já haviam partido para se juntar ao exército de Lancelot, e as pessoas que permaneceram na cidade estavam cheias de medo. Contaram-nos o que havia acontecido na cidade, juraram a sua própria inocência em relação às mortes, depois

trancaram as suas portas, onde era visível a marca do peixe. Na manhã seguinte, numa maré cheia, velejamos rumo à *Isca* siluriana, o forte no *Usk*, onde outrora Lancelot havia feito o seu palácio quando se aborreceu com o inadequado trono da *Silúria*.

Ceinwyn sentou-se ao meu lado nos embornais do barco.

- É estranho - disse ela - como as guerras começam e terminam com os reis.

- Como? - perguntei.

Ela encolheu os ombros.

- Uther morreu e apenas se combateu até Artur matar o meu pai, depois tivemos paz, e agora Mordred chega ao trono e temos guerra de novo. É como as estações, Derfel. A guerra vem e volta. - Encostou a sua cabeça ao meu ombro. - Então o que faremos agora?

- Você e as meninas vão para o Norte, para *Caer Sws* - afirmei - e eu ficarei para lutar.

- Artur irá lutar? - Ela quis saber.

- Se Guinevere tiver sido morta - disse eu, - ele lutará até não haver nenhum inimigo vivo.

Nada ouvimos sobre Guinevere, mas com cristãos saqueando toda a *Dumnónia* pareceu improvável que não tivesse sido molestada.

- Pobre Guinevere - disse Ceinwyn - e pobre Gwydre. - Ela gostava muito do filho de Artur.

Acostamos no rio *Usk*, salvos, por fim, num território governado por Meurig, e daí

caminhamos para Norte, para *Burrium*, a capital de *Gwent*. Este era um país cristão, mas não fora infectado pela demência que assolara *Dumnónia*. *Gwent* tinha um rei cristão, e talvez essa circunstância tivesse sido suficiente para manter o seu povo calmo. Meurig culpou Artur.

- Ele devia ter contido o paganismo - disse-nos.

- Porquê, meu Rei e Senhor? - perguntei. - O próprio Artur é pagão.

- A verdade de Cristo é cegamente óbvia, devia eu ter pensado - disse Meurig. -

Se um homem não consegue ler os cursos da história então só terá de se culpar O

cristianismo. é o futuro, Lorde Derfel, e o paganismo é o seu

passado.

- Não é um grande futuro - acrescentei com desdém - se for para a história terminar dentro de quatro anos.

- Não termina! - disse Meurig. - Começa! Quando Cristo vier novamente, Lorde Derfel, terão chegado os dias de glória! Todos seremos reis, todos ficarão contentes e todos serão abençoados.

- Exceto nós pagãos.

- Naturalmente, o inferno terá de ser alimentado. Contudo, terão ainda tempo de aceitar a verdadeira fé.

Tanto eu como Ceinwyn declinamos o convite para nos batizarmos e, na manhã

seguinte, ela partiu para *Powys* com Morwenna, Seren e as outras mulheres e crianças.

Nós, lanceiros, abraçamos as nossas famílias e ficamos vendo-as se afastarem para Norte. Meurig concedeu-lhes uma escolta e eu enviei seis dos meus homens com ordens para voltarem ao Sul assim que as mulheres estivessem em segurança à guarda de Cuneglas. Malaine, druida de *Powys* seguiu com eles, mas Merlim e Nimue, cuja chama pela busca do Caldeirão de repente ardia tão ferosa como na Estrada

Sombria, permaneceram conosco.

O rei Meurig viajou conosco para *Glevum*. Esta era uma cidade dumnoniana, mas situada justamente na fronteira de *Gwent* e os seus muros de terra e madeira guardavam o território de Meurig. Deste modo, muito sensatamente, havia colocado uma guarnição de lanceiros seus para garantir que os tumultos de *Dumnónia* não se espalhassem para norte para *Gwent*. Levamos meio dia para chegar a *Glevum* e aí, no grande castelo romano onde fora instalado o último Grande Conselho de Uther, encontrei o restante dos meus homens, os homens de Artur e ele próprio.

Viu-me entrar no castelo e o alívio espelhado no seu rosto foi tão sentido que os meus olhos se encheram de lágrimas. Os meus lanceiros, que haviam permanecido com Artur quando me dirigi para Sul à procura de minha mãe, bradaram vivas, e os curtos instantes que se seguiram foram preenchidos com ruidosos encontros e troca de notícias.

Contei-lhes da casa senhorial de Ermid, disse-lhes o nome dos homens que haviam morrido, assegurei-lhes que as suas mulheres ainda viviam, e depois olhei para Artur.

- Contudo, mataram Dian - disse eu.

- Dian?

Creio que a princípio ele não acreditou em mim.

- Dian - disse eu, e lágrimas desventuradas voltaram a surgir nos meus olhos.

Artur conduziu-me devagar para fora do castelo e caminhou com o seu braço direito em volta dos meus ombros em direção às muralhas de *Glevum*, onde lanceiros de Meurig com capas vermelhas fortificavam agora todas as plataformas de combate.

Obrigou-me a contar de novo toda a história, justamente a partir do momento em que o havia deixado até à altura em que apanháramos o barco em Abona.

- Dinas e Lavaine. - Proferiu os nomes em tom amargo, depois desembainhou a *Excalibur* e beijou a lâmina cinzenta. - A sua vingança é minha - afirmou com formalidade, depois deslizou a espada na bainha.

Nada dissemos por algum tempo, inclinando-nos tão só no alto do muro e olhando fixamente o vasto vale a sul de *Glevum*. Quão calmo nos pareceu. O feno estava quase pronto para ser cortado e havia viçosas papoulas por entre o milho.

- Você tem notícias de Guinevere?

Artur quebrou o silêncio e percebi algo próximo do desespero na sua voz.

- Não, Senhor.

Estremeceu, depois recuperou o controle.

- Os cristãos a odeiam - disse ele em voz baixa, e depois, coisa que não lhe era característica, tocou no ferro do copo da *Excalibur* para afastar o mal.

- Senhor - tentei acalmá-lo, - ela tem guardas. - E o seu palácio fica junto ao mar.

Teria fugido se houvesse perigo.

- Para onde? *Broceliande*? Mas acha que Cerdic enviou barcos? - Cerrou os olhos por alguns segundos, depois abanou a cabeça. - Apenas podemos aguardar novas.

Perguntei-lhe se sabia de Mordred, mas nada mais ouvira do que todos nós.

- Suspeito que esteja morto - afirmou sombriamente - porque se tivesse fugido já

teria chegado aqui para se juntar a nós. - Tinha, de fato, novas de Sagramor, e estas eram más. - Cerdic feriu-o gravemente. *Caer Ambra* caiu, *Calleva* desapareceu e

Corinium está cercado. Eu devia ter ali permanecido por mais alguns dias, pois Sagramor conseguiu acrescentar duzentas lanças à sua guarnição, mas os seus mantimentos acabarão pelo final do mês. Parece que temos de novo a guerra. - Deu uma gargalhada curta e seca. - Você tinha razão quanto a Lancelot, não é? E eu estava cego. Tomei-o como amigo.

Eu nada disse, olhando-o apenas de soslaio e vi, para minha surpresa, que havia cabelos grisalhos nas suas têmporas. Para mim ele era ainda jovem, mas acho que se algum homem o conhecesse nessa época pela primeira vez, o julgaria bem próximo da meia-idade.

- Como Lancelot foi capaz de trazer Cerdic para *Dumnónia* - perguntou zangado,

- ou de encorajar os cristãos na sua demência?

- Por querer ser rei de *Dumnónia* - afirmei, - e ele precisa das suas lanças. E

Sansum deseja ser seu conselheiro-chefe, o seu tesoureiro real e ainda tudo o mais.

Artur estremeceu.

- Acha que foi mesmo Sansum quem planejou as nossas

mortes no santuário de Cadoc?

- Quem mais poderia ser? - indaguei. - Foi Sansum, creio, quem primeiro associou o peixe no escudo de Lancelot ao nome de Cristo, e ele quem levou a excitação da comunidade cristã ao fervor que precipitaria Lancelot para o trono de *Dumnónia*. Tive dúvidas que Sansum acreditasse muito na iminente vinda de Cristo, mas ele quis, de fato, deter tanto poder quanto pudesse e Lancelot era o candidato de Sansum para a realeza de *Dumnónia*. Se Lancelot tivesse êxito na tomada do trono, todas as rédeas do poder voltariam para as garras de Lorde Rato. *Ele é um canalha perigoso* - afirmei vingativo. -

Devíamos tê-lo morto há dez anos.

- Pobre Morgana - suspirou Artur. Depois fez uma careta. - O que nós fizemos de errado?

- Nós? - perguntei indignado. - Nada fizemos de errado.

- Nunca compreendemos o que os cristãos queriam - afirmou. - Mas o que poderíamos ter feito caso soubéssemos? Eles aceitariam apenas a vitória total.

- Não foi algo que tenhamos feito - disse eu, - apenas o que o calendário lhes fez a eles. O ano quinhentos os enlouqueceu.

- Eu tinha esperanças - afirmou brandamente - que tivéssemos afastado *Dumnónia* da demência.

- Concedeu-lhes a paz, Senhor - afirmei - e a paz permitiu-lhes produzir a sua demência. Se em todos estes anos tivéssemos lutado contra os Saxões, todas as suas energias teriam se esgotado na batalha e na sobrevivência, mas em vez disso demos-lhes a oportunidade de fomentar as suas idiotices.

Encolheu os ombros.

- Mas o que fazemos agora?

- Agora? - disse eu. - Lutamos!

- Com quê? - perguntou amargamente. - Sagramor tem as mãos ocupadas com Cerdic. Cuneglas nos enviará lanças, estou certo, mas Meurig não lutará.

- Não? - perguntei, alarmado. - Mas ele prestou o juramento da Távola Redonda!

Artur sorriu tristemente.

- Esses juramentos, Derfel, como nos perseguiram. E nestes dias tristes, parece, os homens prestam-nos tão levianamente. Lancelot também prestou o juramento, não

foi?

Mas Meurig diz que com Mordred morto não há *casus belli*.

- Citou o latim amargamente, e recordei-me de Meurig usando as mesmas palavras antes do Vale do *Lugg*, e como Culhwuch zombara da erudição do rei ao distorcer o latim dizendo "a barriga da vaca".

- Culhwuch virá - afirmei.

- Para lutar pelos territórios de Mordred? - perguntou Artur.

- Tenho dúvidas.

- Para lutar pelo, Senhor - afirmei. - Uma vez que Mordred está morto, você o rei.

Sorriu amargamente diante desta declaração.

- Rei de quê? De *Glevum*? - Riu. Tenho a voc, tenho Sagramor, tenho o que Cuneglas me der, mas Lancelot tem *Dumnónia* e tem Cerdic. - Caminhou em silêncio por algum tempo, depois lançou-me um sorriso desonesto. - Temos de fato outro aliado, embora dificilmente seja amigo. Aelle retirou vantagem da ausência de Cerdic para retomar Londres. Talvez Cerdic e ele se matem um ao outro?

- Aelle - afirmei - será morto pelo seu filho, não por Cerdic.

Lançou-me um olhar motejador.

- Que filho?

- É uma maldição - afirmei - e sou o filho de Aelle.

Deteve-se e olhou-me pasmado para ver se eu estava brincando.

- Você? - perguntou.

- Eu, Senhor.

- É verdade?

- Juro pela minha honra, Senhor, sou filho do seu inimigo.

Continuou a olhar-me admirado, depois começou a rir. O riso era genuíno e extravagante, terminando em lágrimas que limpou enquanto abanava a cabeça divertido.

- Caro Derfel! Se pelo menos Uther e Aelle soubessem! Uther e Aelle, os grandes inimigos, cujos filhos se tornaram amigos. O destino é inexorável.

- Talvez Aelle saiba - afirmei, lembrando-me quão gracilmente ele me admoestara por ignorar Erce.

- Agora ele é nosso aliado - afirmou Artur, - quer queiramos

quer não. A menos que a nossa escolha seja não lutar.

- Não lutar? - perguntei horrorizado.

- Há momentos - disse Artur suavemente - em que tudo o que desejo é ter Guinevere e Gwydre de novo e uma pequena casa onde possamos viver em paz. Estou até tentado a jurar, Derfel, que se os deuses me devolverem a minha família, nunca mais os perturbarei. Irei para uma casa como a que você tem em *Powys*, lembra-se?

- *Cwm Isaf* - afirmei, e me perguntei como Artur podia alguma vez acreditar que Guinevere pudesse ser feliz em tal lugar.

- Igual mesmo a *Cwm Isaf* - afirmou melancolicamente. - Um arado, alguns terrenos, um filho para criar, um rei a quem respeitar e canções à noite, à lareira. - Virou-se e olhou fixamente de novo para o Sul. A leste do vale grandes colinas verdes erguiam-se íngremes, e os homens de Cerdic não estavam muito longe desses cumes. - Estou cansado de tudo isto - afirmou Artur. Por um momento quase chegou às lágrimas. - Pensa em tudo o que conseguimos, Derfel, todas as estradas, tribunais e pontes, e todas as disputas que resolvemos e toda a prosperidade que criamos, e tudo isso se transformou em nada por causa da religião! Religião! - Cuspiu sobre as muralhas. - Valerá ainda a pena lutarmos pela *Dumnónia*?

- Vale a pena lutarmos pela alma de Dian - afirmei, - e enquanto Dinas e Lavaine viverem não estarei em paz. E eu rezo, Senhor, para que não tenha semelhantes mortes para vingar, mas ainda assim deve lutar. Se Mordred está morto, então o senhor é o rei, e se ele vive, temos os nossos juramentos.

- Os nossos juramentos - disse ele ressentido, e estou certo que pensava nas palavras que proferira naquele promontório sobre o mar onde Isolda fora condenada a morrer. - Os nossos juramentos.

Mas os juramentos eram tudo o que agora tínhamos, pois eram eles os nossos guias em épocas de caos, e este atravessava agora copiosamente toda a *Dumnónia*. Pois alguém havia entornado o poder do Caldeirão e os seus horrores ameaçavam submergir-a todos nós.

Nesse Verão, *Dumnónia* assemelhava-se a um alvo gigantesco e Lancelot arremessara bem os seus pedaços, ganhando metade do alvo com o seu arremesso sem barreiras. Restituíra o vale do Tamisa aos Saxões, todavia, mas as outras regiões do país eram agora suas, graças aos cristãos que cegamente haviam lutado por ele, porque o seu escudo ostentava o seu símbolo místico do peixe. Tive dúvidas que Lancelot continuasse sendo mais cristão do que Mordred fora, mas os missionários de Sansum haviam

propalado a sua insidiosa mensagem, e no que dizia respeito aos pobres cristãos desiludidos, Lancelot era o mensageiro de Cristo.

Lancelot não alcançara todos os seus desígnios. O seu conluio para matar Artur falhara, e enquanto Artur vivesse Lancelot corria perigo. Todavia no dia seguinte à minha chegada a *Glevum*, ele tentou limpar o alvo. Tentou vencê-lo por completo.

Enviou um cavaleiro com o seu escudo virado ao contrário e um raminho de visco-branco preso à ponta da sua lança. O cavaleiro transportava uma mensagem que chamava Artur a *Dun Ceinach*, uma antiga fortaleza de terra, erigida no seu cume, apenas a algumas milhas a sul das muralhas de *Glevum*. A mensagem pedia que Artur se deslocasse ao antigo forte nesse mesmo dia, garantia a sua segurança e permitia-lhe que se fizesse acompanhar de tantos lanceiros quantos desejasse. O tom imperioso da mensagem quase convidava à recusa, mas terminava prometendo a Artur notícias de Guinevere, e Lancelot de certo soubera que essa promessa levaria Artur a sair de *Glevum*.

Partiu uma hora depois. Nós o acompanhamos, vinte homens, todos de armaduras aprestadas sob um Sol escaldante. Enormes nuvens brancas deslocavam-se lentamente sobre as colinas, que se erguiam íngremes na

vertente leste do amplo vale do *Severn*. Podíamos ter seguido os trilhos que serpenteavam em torno dessas colinas, mas atravessavam muitos locais onde podia estar montada uma emboscada e, deste modo, tomamos a estrada sul ao longo do vale, uma estrada romana que se precipitava pelos campos onde as papoulas resplandeciam por entre o centeio que se alongava e a cevada.

Decorrida uma hora de caminho, viramos para Leste e galopamos junto a uma sebe branqueada pelos espinheiros-alvar em flor, depois atravessamos uma campina de feno quase pronto para a ceifa, e deste modo chegamos à íngreme encosta coberta de erva, encimada pelo antigo forte. Ovelhas dispersaram em várias direções à medida que subíamos a vertente, que, de tão íngreme, preferi deslizar do dorso do meu cavalo e o conduzi pelas rédeas. Tufos de orquídeas floriam, cor-de-rosa e castanhas entre a erva.

Nos detivemos cem passos abaixo do cume e subi sozinho para me assegurar de que nenhuma emboscada nos aguardava por trás dos altos muros do forte revestidos com erva. Quando os alcancei arfava e suave, mas nenhum inimigo rastejava por trás do talude. Na verdade, o velho forte parecia deserto não fora duas lebres que fugiram diante do meu repentino aparecimento. O silêncio do topo da colina tornou-se cauteloso, e foi então que um único cavaleiro surgiu do meio de algumas pequenas árvores, que cresciam

na parte norte do forte. Trazia uma lança, que com grande alarde atirou ao chão, virou o seu escudo ao contrário e depois deslizou do dorso do seu cavalo. Uma dúzia de homens seguiu-o saindo do meio das árvores e também eles atiraram as suas lanças para o chão como que para me reafirmar que a sua promessa de uma trégua era genuína.

Acenei a Artur para que subisse. Os seus cavalos detiveram-se junto ao muro e ele e eu seguimos apeados. Artur envergava a sua melhor armadura, pois não vinha como suplicante, mas como um guerreiro com um elmo de plumas brancas e uma capa prateada sobre uma armadura de lâminas metálicas.

Dois homens foram ao nosso encontro. Eu esperava ver o próprio Lancelot, mas foi Bors, seu primo e paladino, quem se aproximou de nós. Era um homem alto, de cabelo negro, barba farta e ombros largos; um guerreiro de predicados. Bors não me desagradava nem eu a ele, porém as nossas lealdades ditavam que devíamos ser inimigos.

Bors acenou com a cabeça um cumprimento breve. Envergava a sua armadura, mas o seu companheiro caminhava em vestes de sacerdote. Era o bispo Sansum. Esse fato surpreendeu-me, visto Sansum ser bastante cauteloso na dissimulação das suas lealdades, e pensei que o nosso Lorde Rato, se tão notoriamente ostentava a sua

fidelidade a Lancelot, estaria muito confiante da vitória. Artur lançou-lhe um rápido olhar de repúdio, depois olhou para Bors.

- Tem notícias de minha esposa? - perguntou com brevidade.

- Ela está viva - afirmou Bors - e está acautelada, bem como seu filho.

Artur cerrou os olhos. Não conseguia esconder o alívio que sentia, e até por breves instantes nem mesmo conseguiu falar.

- Onde eles estão? - perguntou depois de se ter recomposto.

- No Palácio do Mar - afirmou Bors, - sob escolta.

- Vocês mantêm mulheres cativas? - perguntei com desdém.

- Eles estão sob escolta, Derfel - respondeu Bors com igual desdém, já que os cristãos de *Dumnónia* estão chacinando os seus inimigos. E esses cristãos, Lorde Artur, não têm afeição por sua esposa. O meu Rei e Senhor Lancelot tem sua esposa e seu filho sob sua proteção.

- Então o seu Rei e Senhor Lancelot - disse Artur com um laivo de sarcasmo -

pode trazê-los para o Norte sob escolta.

- Não - disse Bors. Tinha a cabeça descoberta e o calor do Sol fazia com que o suor lhe escorresse para a cara larga e marcada com cicatrizes.

- Não? - perguntou Artur perigosamente.

- Tenho uma mensagem que lhe é dirigida, Senhor - informou Bors desafiadoramente, - e é a seguinte. O meu Rei e Senhor concede-lhe o direito de viver em *Dumnónia* com sua esposa. Será tratado com honrarias, mas tão só se prestar um juramento de lealdade ao meu rei.

Fez uma pausa e lançou um rápido olhar ao céu. Era um daqueles portentosos dias em que a Lua partilha o céu com o Sol, e ele gesticulou na direção da Lua, que estava abalonada em algum lugar entre a meia-lua e a lua cheia.

- Até chegar à lua cheia - disse ele - deve apresentar-se diante do meu Rei e Senhor em *Caer Cadarn*. Pode levar não mais de dez homens, prestará o seu juramento, e pode depois viver em paz sob o seu domínio.

Cuspi para mostrar o que pensava em relação à sua promessa, mas Artur ergueu uma mão para conter a minha fúria.

- E se eu não for? - perguntou.

Outro homem poderia ter sentido embaraço por entregar a mensagem, mas Bors não mostrou quaisquer escrúpulos.

- Se não vier - informou - então o meu Rei e Senhor presumirá que está em guerra com ele, caso em que precisará de todas as lanças que conseguir reunir. Mesmo daquelas que protegem agora a sua esposa e o seu filho.

- Então os cristãos dele, - Artur fez um movimento brusco com o queixo na direção de Sansum - podem matá-los?

- Ela pode sempre ser batizada! - intrometeu-se Sansum. Agarrava a cruz que lhe pendia sobre o hábito negro. - Garantirei a sua segurança se ela for batizada.

Artur fitou-o. Depois, bem deliberadamente, cuspiu em cheio na cara de Sansum.

O bispo fez um movimento súbito e brusco para trás. Reparei que Bors se divertia e suspeitei que a pouca afeição entre o paladino de Lancelot e o seu capelão acabava de desaparecer. Artur voltou a olhar para Bors.

- Diga-me de Mordred - pediu ele.

Bors pareceu surpreso com a pergunta.

- Outras notícias não tenho - afirmou depois de uma pausa. -

Está morto.

- Viu o seu cadáver? - perguntou Artur.

Bors voltou a hesitar, depois abanou a cabeça.

- Foi morto por um homem cuja filha violara. Coisa diferente não sei, senão que o meu Rei e Senhor veio para a *Dumnónia* para reprimir os tumultos que se seguiram à sua morte. - Fez uma pausa como se esperasse que Artur dissesse algo mais, mas como não o fizesse levantou apenas os olhos para a lua. - Tem até à Lua cheia - acrescentou. Virou-se e afastou-se.

- Um instante! - gritei, fazendo com que Bors se virasse. - E eu?

Os olhos severos de Bors penetraram fixamente os meus.

- O que há com você? - perguntou com desdém.

- O assassinato de minha filha exige um juramento meu? - perguntei.

- O meu Rei e Senhor nada quer de você - disse Bors.

- Diga-lhe então, que dele quero um benefício. Diga-lhe que quero as almas de Dinas e de Lavaine, e que se for a última coisa que me permita fazer, eu as terei.

Bors encolheu os ombros como se as suas mortes para ele nada significassem, depois voltou a olhar para Artur.

- Nós o aguardaremos em *Caer Cadarn*, Senhor - disse ele e depois afastou-se.

Sansum ficou para gritar conosco, dizendo-nos que Cristo vinha na sua glória e que todos os pagãos e pecadores seriam varridos da Terra antes desse dia glorioso. Cuspi-lhe depois virei-me e segui Artur. Sansum seguiu-nos de perto, gritando para os nossos calcanhares, mas de repente gritou o meu nome. Ignorei-o.

- Lorde Derfel! - Gritou de novo. - Seu idólatra! Seu amante de deuses falsos!

Sabia que tais insultos me fariam voltar atrás e dirigir-me a ele enfurecido, e no entanto ele não queria a minha ira, mas a minha atenção.

- Nada quis dizer com aquilo, Senhor - disse ele prontamente quando me apressei a recuar na sua direção. - Tenho de lhe falar. Depressa.

Lançou um olhar rápido para trás certificando-se de que Bors estava fora do alcance das nossas vozes, depois atirou-me outro ronco exigindo o meu arrependimento apenas para garantir que Bors pensasse que me vexava.

- Achei que você e Artur estivessem mortos - disse ele em voz baixa.

- Planejou as nossas mortes - acusei-o.

Ficou lívido.

- Pela minha alma, Derfel, não! Não! - Fez o sinal da cruz. - Podem os anjos arrancar a minha língua e dá-la a comer ao Diabo, se minto. Juro por Deus Todo Poderoso, Derfel, que eu nada sabia.

Proferida esta mentira, lançou de novo um olhar rápido em volta, depois olhou de novo para mim.

- Dinas e Lavaine - afirmou suavemente - montam guarda a Guinevere no Palácio do Mar. Lembre-se que fui eu, Senhor, quem lhe disse isto.

Sorri.

- Não quer que Bors saiba que me revelou essa informação, não é assim?

- É, Senhor, por favor!

- Então isto deverá convencê-lo da sua inocência - afirmei, e dei ao *Lorde Rato* duas consideráveis bofetadas que devem ter-lhe deixado a cabeça zunindo como o grande sino do

santuário. Rodopiou na direção da turfa de onde me rogou pragas aos guinchos enquanto eu me afastava. Compreendi agora por que motivo Sansum fora àquela alta fortaleza junto ao céu. Lorde Rato sabia, com toda certeza, que a sobrevivência de Artur ameaçava o novo trono de Lancelot, e que ninguém podia jovialmente manter a sua lealdade a um senhor a quem Artur se opusesse. Sansum, tal como a sua mulher, estava garantindo que eu lhe devesse um reconhecimento.

- O que foi tudo aquilo? - perguntou-me Artur quando cheguei junto dele.

- Disse-me que Dinas e Lavaine estão no Palácio do Mar e que montam guarda a Guinevere.

Artur resmungou, depois levantou os olhos para a Lua, empalidecida pelo Sol, suspensa sobre as nossas cabeças.

- Quantas noites faltam para a lua cheia?

- Cinco? - Tentei adivinhar. - Seis?

Merlim saberá.

- Seis dias para decidir - disse ele, depois parou e olhou fixamente para mim.

Eles se atreverão a matá-la?

- Não, Senhor - afirmei, fazendo votos para que estivesse certo. - Eles não se atrevem a fazer de si um inimigo. Querem que vá prestar o seu juramento e, então, o matarão. Depois disso, poderão matá-la.

- E se eu não for - afirmou suavemente, - continuarão a mantê-la presa. E

enquanto eles a tiverem presa, Derfel, fico desamparado.

- Tem uma espada, Senhor, e uma lança e um escudo. Nenhum homem o imaginaria desamparado.

Por trás de nós, Bors e os seus homens subiam para as suas selas e afastavam-se. Ficamos mais alguns instantes nas muralhas de *Dun Ceinach* olhando fixamente para Oeste. Era um dos mais belos panoramas de toda a Bretanha, uma vista imensa para Oeste, atravessando o *Severn* e mergulhando fundo na distante *Silúria*. Conseguia-se ter uma visão de muitas milhas, e deste lugar alto parecia tão luminoso, verde e belo. Era um lugar pelo qual valia a pena lutar.

E tínhamos seis noites até chegar a lua cheia.

- Sete dias - disse Merlim.

- Tem certeza? - perguntou Artur.

- Talvez seis - concedeu Merlim. - Espero que não desejem que eu faça os cálculos. Que tarefa entediante!

Desempenhei-a para Uther e quase sempre o resultado era outro. Seis ou sete, é razoavelmente aproximado. Talvez oito.

- Malaine descobrirá - disse Cuneglas.

Quando regressamos de *Dun Ceinach* soubemos que Cuneglas viera de *Powys*.

Trouxera Malaine consigo depois de encontrar o druida, que havia acompanhado *Ceimwyn* e as outras mulheres para o Norte. O rei de *Powys* abraçou-me e jurou a sua própria vingança contra Dinas e Lavaine. Ele trouxera sessenta lanceiros no seu séquito e disse-nos que outros cem o seguiam já para o Sul. Disse que viriam mais, pois Cuneglas esperava lutar e providenciava generosamente todos os guerreiros que havia comandado.

Os seus sessenta guerreiros estavam agora com os homens de Artur de cócoras em torno das orlas do grande castelo de *Glevum*, enquanto os seus senhores falavam no seu centro. Apenas Sagamor não se encontrava lá, já que estava com os seus lanceiros atormentando o exército de Cerdic próximo de *Corinium*. Meurig estava presente e incapaz de esconder o seu aborrecimento por Merlim ter ocupado a grande

cadeira no topo da mesa. Cuneglas e Artur ladeavam Merlim, Meurig encarava Merlim do outro lado da mesa, e Culhwuch e eu ocupávamos os outros dois lugares. Culhwuch viera para *Glevum* com Cuneglas e a sua chegada assemelhara-se a uma lufada de ar fresco num castelo fuliginoso. Estava ansioso por lutar. Declarou que com Mordred morto, Artur era rei de *Dumnónia*, e Culhwuch estava pronto para abrir caminho à custa de sangue para proteger o trono de seu primo. Cuneglas e eu partilhámos a combatividade, Meurig lançou gritos agudos sobre prudência, Artur nada disse, enquanto Merlim parecia estar dormindo.

Tive dúvidas que o fizesse, porque surgiu no seu rosto um ténue sorriso, e os seus olhos estavam fechados quando se fingia ditosamente alheio de tudo o que dizíamos.

Culhwuch desdenhou a mensagem de Bors. Insistiu que Lancelot nunca mataria Guinevere, e que tudo o que Artur tinha de fazer era dirigir-se para Sul à frente dos seus homens e o trono cairia nas suas mãos.

- Amanhã! - disse Culhwuch a Artur. - Partiremos amanhã. Dentro de dois dias, tudo estará terminado.

Cuneglas era um pouco mais cauteloso, aconselhando Artur a esperar até que os seus lanceiros powysianos chegassem, mas assim que isso acontecesse, certamente deveríamos

declarar guerra e avançar para o Sul.

- Qual o tamanho do exército de Lancelot? - perguntou.

Artur encolheu os ombros.

- Sem contar com os homens de Cerdic? Talvez trezentos?

- Não é nada! - bramiu Culhwuch. – Nós os mataremos antes do café da manhã.

- E muitos cristãos ferosos - avisou-o Artur.

Culhwuch expôs uma idéia de cristãos que fez o cristão Meurig indignar-se atabalhoada e veementemente. Artur acalmou o jovem rei de Gwent.

- Todos vocês se esquecem de uma coisa - disse ele suavemente. - Eu nunca quis ser rei. E continuo a não querer.

Houve um momento de silêncio em volta da mesa, apesar de alguns dos guerreiros na orla do castelo resmungassem um protesto pelas palavras de Artur.

- O que fosse que quisesse - quebrou Cuneglas o nosso silêncio - já não tem importância. Parece que os deuses tomaram essa decisão por você.

- Se os deuses me quisessem para rei - disse Artur - tudo teriam feito para que minha mãe desposasse Uther.

- Então o que você quer? - bramiu Culhwuch desesperado.

- Quero voltar a ter Guinevere e Gwydre - respondeu Artur brandamente. - E

Cerdic derrotado - acrescentou, antes de baixar os olhos e fitar, por uns instantes, a cabeceira da mesa marcada. -

Quero viver como um homem comum. Com uma esposa, um filho, uma casa e uma fazenda. Quero paz - e pela primeira vez ele não falava de toda a Bretanha, mas apenas de si próprio. - Já não quero estar enleado em juramentos, não quero estar para sempre lidando com as ambições dos homens e não quero ser o sentenciador da felicidade dos homens. Quero apenas fazer o que fez o rei Tewdric.

Quero encontrar um lugar verde e ali viver.

- E apodrecer? - Merlim desistiu de fingir que dormia.

Artur sorriu.

- Há tanto que aprender, Merlim. Por que razão faz um homem duas espadas do mesmo metal e no mesmo fogo, e uma lâmina será verdadeira e a outra se arqueará na sua primeira batalha? Há tanto que entender.

- Ele quer tornar-se ferreiro - disse Merlim a Culhwuch.

- O que eu quero é Guinevere e Gwydre de novo - declarou Artur com firmeza.

- Então deve prestar juramento a Lancelot - disse Meurig.

- Se ele for para *Caer Cadarn* para prestar juramento a Lancelot - disse eu amargamente - encontrará cem homens armados e será abatido como um cão.

- Não estiver acompanhado de reis - disse Artur, com suavidade. Todos o olhamos fixamente e pareceu surpreso pela nossa perplexidade diante das suas palavras.

- Reis? - Culhwuch quebrou, por fim, o silêncio.

Artur sorriu.

- Se o meu Rei e Senhor Cuneglas e o meu Rei e Senhor Meurig concordarem em me acompanhar a *Caer Cadarn*, tenho dúvidas que Lancelot ousasse me matar. Uma vez diante dos reis da Bretanha, terá de falar, e se ele falar, chegaremos a um acordo. Ele me teme, porém, se descobre que nada tem a temer, me deixará viver. E deixará a minha família viver.

Houve novo silêncio enquanto digeríamos tudo aquilo,

depois Culhwuch vociferou um protesto.

- Deixaria aquele canalha do Lancelot ser rei? - Alguns dos lanceiros que se encontravam na orla do castelo resmungaram seu acordo.

- Primo, primo! Artur - tentou acalmar Culhwuch. - Lancelot não é um homem malévolo. Acho que é fraco, mas não malévolo. Ele não faz planos, não tem sonhos, apenas um olho ganancioso e mãos velozes. Ele pega as coisas à medida que vão surgindo, depois amalha-as e fica aguardando algo mais para arrebatá-las. Agora me quer morto, porque me teme, mas quando descobrir que o preço da minha morte é muito elevado, então aceitará o que puder ter.

- Aceitará a sua morte, idiota! - Culhwuch bateu com o punho repetidas vezes na mesa. – Ele lhe contará mil mentiras, protestará a sua amizade e fará deslizar uma espada entre as suas costelas assim que os seus reis forem para os seus reinos?

Ele mentirá - concordou Artur, tranquilamente. - Todos os reis mentem. Nenhum reino poderia ser governado sem mentiras, porque elas são o que usamos para construir as nossas reputações. Pagamos aos bardos para que transformem as nossas esquálidas vitórias em grandes triunfos e, por vezes, chegamos mesmo a acreditar em todas

essas mentiras que nos cantam. Lancelot adoraria acreditar em todas essas canções, mas a verdade é que ele é fraco e anseia desesperadamente por amigos fortes. Agora me teme, pois presume a minha inimizade, mas quando descobrir que não sou seu inimigo, então descobrirá também que precisa de mim. Precisarás de todos os homens que conseguir encontrar, se quiser livrar *Dumnónia* de Cerdic.

- E quem convidou Cerdic a vir para a *Dumnónia*? - protestou Culhwuch. - Foi Lancelot!

- E em breve se arrependerá de tê-lo feito - disse Artur calmamente. - Usou Cerdic para arrebatá-la sua presa, e descobrirá que Cerdic é um aliado perigoso.

- Você lutaria por Lancelot? - perguntei horrorizado.

- Lutarei pela Bretanha - afirmou Artur. - Não posso pedir a homens que morram para me transformar naquilo que não quero ser, mas posso pedir-lhes que lutem pelos seus lares, pelas suas mulheres e pelos seus filhos. E é por isso que eu luto. Por Guinevere. E para derrotar Cerdic, e uma vez derrotado, que importa que Lancelot governe *Dumnónia*? Alguém tem de fazê-lo e atrevo-me a dizer que ele será melhor rei do que Mordred alguma vez foi. - Houve de novo silêncio. Um cão de caça ganiu na orla do castelo e um lanceiro espirrou. Artur olhou para nós e viu que estávamos

ainda estupefatos. - Se eu lutar contra Lancelot, então regressamos à Bretanha que tínhamos antes do Vale do *Lugg*. Uma Bretanha na qual lutamos uns contra os outros, em vez de ser contra os Saxões. Aqui existe apenas um preceito, que é a velha insistência de Uther de que os Saxões têm de ser mantidos afastados do mar *Severn*. E, neste momento -

disse ele vigorosamente - os Saxões estão mais perto do *Severn* do que alguma vez estiveram. Se eu lutar por um trono que não quero, dou a Cerdic a possibilidade de tomar *Corinium*, e depois a cidade e se ele tomar, de fato, *Glevum*, então terá nos dividido em duas partes. Se eu lutar contra Lancelot, então os Saxões ganharão tudo. Tomarão *Dumnónia* e *Gwent*, e depois disso, irão para o Norte para *Powys*.

- Exatamente.

Meurig aplaudiu Artur.

- Não lutarei por Lancelot - disse eu irado, e Culhwuch aplaudiu-me.

Artur sorriu-me.

- Meu querido amigo Derfel, não esperaria que lutasse por Lancelot, apesar de querer, na verdade, os seus homens para

lutar contra Cerdic. E o meu preço para ajudar Lancelot a derrotar Cerdic é que te entregue Dinas e Lavaine.

Olhei-o espantado. Só nesse momento percebi quão longe havia ido o seu pensamento. Todos os outros nada mais havíamos visto além da traição de Lancelot, mas Artur pensava apenas na Bretanha e na necessidade desesperada de manter os Saxões afastados de *Severn*. Ele ignoraria a hostilidade de Lancelot, imporia a minha vingança nele, depois continuaria com a tarefa da derrota dos Saxões.

- E os cristãos? - perguntou Culhwuch com ironia. - Acha que eles te deixarão regressar à *Dumnónia*? Acha que esses canalhas não te farão uma pira funerária?

Meurig grasnou outro protesto que Artur silenciou.

- O fervor cristão se consumirá - disse Artur. - É como uma demência, e uma vez esgotada, irão para casa apanhar os pedaços das suas vidas. E uma vez Cerdic derrotado, Lancelot pode pacificar a *Dumnónia*. Eu apenas viverei com a minha família, que é tudo o que desejo.

Cuneglas estivera reclinado na sua cadeira olhando fixamente para os fragmentos que restavam das pinturas romanas do teto do castelo. Nessa altura, endireitou-se e olhou para Artur.

- Diga-me novamente o que quer - pediu suavemente.

- Quero que os Bretões tenham paz - respondeu Artur pacientemente, - e quero que se faça Cerdic recuar, e quero a minha família.

Cuneglas olhou para Merlin.

- Então, Senhor? - solicitou a opinião do velho homem.

Merlim estivera prendendo duas das tranças da sua barba com nós, mas agora parecia brandamente surpreso e, com vivacidade, desembaraçou os fios da barba.

- Tenho dúvidas que os deuses queiram o que Artur quer - disse ele. - Todos vocês estão esquecendo do Caldeirão.

- Isto nada tem a ver com o Caldeirão - disse Artur firmemente.

- Tem tudo a ver com isto - disse Merlin com uma súbita e surpreendente dureza, - e o Caldeirão traz o caos. Você deseja a ordem, Artur, e acha que Lancelot escutará a sua razão e que Cerdic se submeterá à sua espada, mas a sua ordem sensata jamais funcionará no futuro como funcionou no passado. Acha mesmo que homens e mulheres te agradeceram por lhes ter trazido paz? Eles apenas se enfadaram com a sua paz, e desse modo fermentaram os seus

próprios tumultos para preencher o seu enfado.

Os homens não querem a paz, Artur, eles querem distrair-se do tédio, enquanto você

deseja o tédio como um homem sedento busca hidromel. A sua razão não vencerá os deuses, e eles garantirão isso. Acha que pode afastar-se rastejando para uma herdade e fingir ser um ferreiro? Não. - Merlin sorriu malicioso e apanhou o seu comprido e escuro bordão. - Até neste momento os deuses estão causando-lhe dificuldades. - Apontou o bastão para as portas da frente do castelo. - Observe a sua dificuldade, Artur Uther.

Todos nos viramos para ver Galaad de pé na porta. Vestia uma armadura de malha, trazia uma espada na sua anca e salpicos de lama até à cintura. E com ele estava um miserável palha-de-aço, com um pé defeituoso, um nariz esborrachado, uma cara redonda e uma barba acanhada.

Pois Mordred ainda vivia.

Houve um silêncio surpreso. Mordred coxeou para o interior do salão e os seus olhos pequenos traíram o seu ressentimento pela ausência de acolhimento. Artur olhou simplesmente estupefato para o seu senhor, a quem prestara juramento, e percebi que ele estava desfazendo na sua mente todos os planos cuidadosos que acabara de nos descrever.

Não podia existir paz tolerável com Lancelot, porque o senhor a quem Artur prestara juramento ainda vivia.

Dumnónia possuía um rei, que não era Lancelot. Era Mordred e ele tinha o juramento de Artur.

Depois, o silêncio quebrou-se quando os homens se juntaram à volta do rei para saber notícias suas. Galaad afastou-se para me abraçar.

- Graças a Deus você está vivo - disse ele com um alívio sincero.

Sorri ao meu amigo.

- Espera que eu te agradeça por ter salvo a vida do meu rei? - perguntei-lhe.

- Alguém devia, pois ele não o fez. É uma bestinha ingrata - disse Galaad. - Só

Deus sabe porque vive quando tantos homens bons morrem. Llywarch, Bedwyr, Dagonet, Blaise. Todos morreram. - Nomeava os guerreiros de Artur que haviam sido mortos em *Durnovária*. De algumas das mortes eu já soubera, outras foram para mim novidade, mas Galaad sabia ainda como tinham ocorrido. Estava em *Durnovária* quando o rumor da morte de Mordred dera origem aos tumultos dos cristãos, mas Galaad jurou ter havido lanceiros entre os

rebeldes. Ele acreditava que os homens de Lancelot haviam se infiltrado na cidade disfarçados de peregrinos em viagem para *Ynys Wydryn* e que esses lanceiros haviam conduzido o massacre.

- A maior parte dos homens de Artur estavam nas tabernas - disse ele - e tiveram poucas chances. Poucos sobreviveram, mas só Deus sabe onde estão agora. - Fez o sinal da cruz. - Isto não é obra de Cristo, Derfel, sabe disso não sabe? É o Diabo congeminando. - Olhou-me de uma forma dolorosa, quase assustada. - É verdade o que se diz sobre Dian?

- Sim - disse eu.

Galaad me abraçou sem proferir qualquer palavra. Ele nunca casara e não tinha filhos, mas adorava as minhas filhas. Admirava todas as crianças.

- Dinas e Lavaine mataram-na - disse-lhe - e ainda vivem.

- A minha espada é sua - afirmou.

- Eu sei - assenti.

- E se isto fosse obra de Deus - disse Galaad seriamente - então Dinas e Lavaine não estariam à serviço de Lancelot.

- Não censuro o teu Deus - disse-lhe eu, - não censuro

nenhum Deus.

Virei-me para observar a agitação em torno de Mordred. Artur gritava por silêncio e ordem, tinha sido mandado aos criados que trouxessem comida e roupas apropriadas a um rei e outros homens tentavam ouvir as suas novas.

- Lancelot não exigiu o teu juramento? - perguntei a Galaad.

- Ele não sabia que eu estava em *Durnovária*. Eu estava na casa do bispo Emrys e ele me deu um hábito de monge para usar por cima disto. - Afagou a sua cota de malha.

- Depois fui para o Norte. Pobre Emrys está furioso. Ele acha que os seus cristãos enlouqueceram e eu penso o mesmo. Acho que podia ter ficado e lutado, mas não o fiz.

Fugi. Tinha ouvido que você e Artur estavam mortos, mas não acreditei. Pensei que o encontraria, mas em vez de você, encontrei o nosso rei. - Contou-me como Mordred fora à caça do javali para o norte de *Durnovária*, e Lancelot, acreditava Galaad, enviara homens para interceptar o rei quando regressasse de *Durnovária*; mas uma garota qualquer de aldeia conquistara Mordred e quando ele e os seus companheiros terminaram a conquista já era quase escuro. Deste modo, ele quis à sua disposição a casa maior da aldeia e ordenou comida. Os seus assassinos haviam-no esperado no portão mais a norte da cidade, enquanto

Mordred fazia um banquete a uma dúzia de milhas dali, e em algum momento durante essa noite os homens de Lancelot devem ter decidido começar a matar, ainda que o rei dumnoniano tivesse de um modo qualquer escapado à sua emboscada. Haviam espalhado o rumor da sua morte e usaram-no para justificar a usurpação de Lancelot. Mordred soube dos tumultos quando os primeiros fugitivos chegaram de *Durnovária*. A maior parte dos seus companheiros havia desaparecido, os aldeãos ganhavam coragem para matar o rei que violara uma das suas filhas e roubado muita da sua comida, e Mordred entrou em pânico. Ele e os seus últimos amigos fugiram para o Norte em trajes dos aldeãos.

- Tentavam chegar a *Caer Cadarn* - disse-me Galaad, - supondo que iriam encontrar aí leais lanceiros, mas, na sua vez, encontraram a mim. Eu tentava chegar à

sua casa, mas ouvimos dizer que todos haviam fugido, por isso trouxe-o para Norte.

- Viu saxões?

Abanou a cabeça.

- Eles estão no vale do Tamisa. Nós os evitamos. - Fitou a multidão que se empurrava em volta de Mordred. - Então, o que acontecerá agora?

Mordred tinha idéias fixas. Estava vestido com uma capa emprestada e sentado à mesa onde comia com sofreguidão pão e carne salgada. Dizia a Artur que marchasse imediatamente para o Sul, e sempre que Artur tentava interrompê-lo, o rei batia na mesa e repetia a sua exigência.

- Nega o seu juramento? - gritou-lhe Mordred por fim, vomitando pedaços de pão e carne semi-mastigados.

- O Lorde Artur, - respondeu Cuneglas acremente, - está tentando proteger a sua esposa e o seu filho.

Mordred olhou sem expressão para o rei powysiano.

- Primeiro que o meu reino? - perguntou finalmente.

- Se Artur for combater - explicou Cuneglas a Mordred, - Guinevere e Gwydre morrem.

- Então nada fazemos? - gritou Mordred.

Estava histérico.

- Pensamos na questão - disse Artur amargamente.

- Pensaram? - gritou Mordred, depois levantou-se. - Vocês pensam simplesmente, enquanto aquele canalha governa o meu país? Prestou um juramento? -

quis saber de Artur. - E de que servirão estes homens se não lutar? - Fez um aceno em direção aos lanceiros, que estavam agora de pé num círculo junto à mesa. - Lutará por mim, é o que fará! É o que exige o seu juramento. Lutará! - Bateu de novo na mesa. - Não pense! Lute!

Eu aguentara o bastante. Talvez a alma morta da minha filha tenha vindo até

mim naquele momento, pois quase sem pensar caminhei para diante em largas passadas e desafivelei o cinto da minha espada. Retirei a *Hywelbane* do cinto, atirei a espada para o chão, depois dobrei a correia de couro ao meio. Mordred observava-me e proferiu atabalhoadamente um débil protesto quando me aproximei dele, mas ninguém se mexeu para me deter.

Cheguei ao lado do meu rei, fiz uma pausa, depois bati-lhe com força no rosto com o cinto dobrado

- Esta - disse eu, - não é a paga pelos sapatos que me deu, mas pela minha filha, e esta - bati-lhe de novo, com muito mais força - é por ter fracassado em manter o juramento de defender o seu reino.

Lanceiros bramiram aprovação. O lábio inferior de Mordred tremia como quando levava todas aquelas surras em criança. As faces avermelharam pelos açoites e um fio de sangue

surgiu de um minúsculo corte por baixo do seu olho. Tocou com um dedo no sangue, depois cuspiu-me um pedaço de carne e pão semi-mastigados.

- Você morrerá por isto - prometeu-me, e depois, num acesso de raiva, tentou me bater. - Como podia eu defender o reino? Vocês não estavam lá! Artur não estava lá? -

Tentou me bater uma segunda vez, mas detive de novo o seu soco com o meu braço, depois tirei o meu cinto para lhe bater de novo.

Horrorizado com o meu comportamento, Artur puxou-me o braço para baixo e arrastou-me. Mordred seguiu-nos, tentando sem conseguir alcançar-me com os punhos, mas depois um bastão negro bateu no seu braço com força e ele virou-se enfurecido para assaltar o seu novo atacante.

Mas era Merlin quem agora se elevava acima do irado rei.

- Bata-me, Mordred - disse o druida calmamente, - e o transformarei em sapo e o darei a comer às serpentes de *Annwn*.

Mordred olhou estupefato para o druida, mas nada disse. Tentou empurrar o bastão para o lado, mas Merlin segurou-o com firmeza, usando-o para empurrar o jovem rei de costas em direção à sua cadeira.

- Diga-me, Mordred - disse Merlim enquanto o empurrava para que se sentasse na cadeira, - porque mandou Artur e Derfel para tão longe?

Mordred abanou a cabeça. Estava assustado com este novo Merlim, muito reto e muito alto. Ele conhecera o druida como um velho débil, que se expunha ao Sol nos jardins de *Lindinis*, e este revigorado Merlim com a barba coberta e entrançada aterrorizava-o.

Merlim ergueu o seu bastão e bateu com ele na mesa.

- Porquê? - perguntou suavemente depois de o eco da pancada do bastão ter se dissipado.

- Para prenderem Ligessac - sussurrou Mordred.

- Seu idiota retorcido - disse Merlim. Uma criança poderia ter preso Ligessac. Por que razão enviou Artur e Derfel?

Mordred abanou apenas a cabeça, Merlim suspirou.

- Passou muito tempo, jovem Mordred, desde que fiz uso da grande magia. Estou infelizmente sem prática, mas acho que com a ajuda de Nimue, posso transformar a sua urina no pus negro, que feda como uma vespa sempre que mije. Posso confundir o seu cérebro, o que quer que dele reste, e posso fazer com que a sua virilidade - de repente o bastão vacilou

na virilha de Mordred - murche até o tamanho de um feijão seco. É tudo o que posso fazer, Mordred, e tudo o que farei a menos que me diga a verdade. - Sorriu, e havia mais ameaça neste sorriso do que no bastão imóvel. - Diga-me, rapazinho, porque enviou Artur e Derfel para o acampamento de Cadoc?

O lábio inferior de Mordred tremia.

- Porque Sansum me disse para fazê-lo.

- O Lorde Rato! - exclamou Merlim como se a resposta o surpreendesse. Voltou a sorrir, ou pelo menos mostrou os dentes. - Tenho outra pergunta, Mordred e se não me disser a verdade, então os seus intestinos vomitarão sapos ao lodo, a sua barriga se transformará num ninho de vermes e a sua garganta se encherá com a sua bÍlis. Farei com que trema sem descanso, para que toda a sua vida, a sua vida inteira, seja um cagador de sapos, um comedor de vermes, um tremente cuspidor de bÍlis. Eu o tornarei -

fez uma pausa e baixou a voz - ainda mais horrível do que a sua mãe te fez. Por isso, Mordred, diga-me o que Sansum prometeu que aconteceria se afastasse Artur e Derfel?

Mordred olhou estarrecido e horrorizado para o rosto de Merlim. Merlim aguardou. Como nenhuma resposta chegasse ergueu o bastão em direção ao alto telhado do

salão.

- Em nome de *Bei* - entoou sonoramente - e de *Callyc*, o seu senhor dos sapos, e em nome de *Sucellos* e de *Horfael*, o seu dono dos vermes, e em nome de...

- Eles seriam mortos! - gritou Mordred desesperadamente.

O bastão desceu lentamente para apontar de novo para o rosto de Mordred.

- Ele prometeu-lhe isso, rapazinho? - indagou Merlim.

Mordred contorceu-se na cadeira, mas não conseguia fugir daquele bastão.

Engoliu, olhou para a esquerda e para a direita, mas do salão não vinha qualquer ajuda.

- Que eles seriam mortos - admitiu Mordred - pelos cristãos.

- E porque você quereria? - inquiriu Merlim.

Mordred hesitou, mas Merlim ergueu de novo o bastão bem alto e o rapaz fez abruptamente a sua confissão.

- Porque não posso ser rei enquanto ele viver!

- Achava que a morte de Artur o deixaria livre para se

comportar como quer?

- Sim!

- E acreditou que Sansum era seu amigo?

- Sim.

- E nunca pensou que Sansum também pudesse querer-te morto? - Merlim abanou a cabeça. - Que rapaz tolo você é. Não sabe que os cristãos nunca fazem nada como deve ser? Até o seu primeiro se deixou pregar numa cruz. Essa não é a forma como os deuses eficientes se comportam, de maneira nenhuma. Obrigado, Mordred, pela nossa conversa. - Sorriu, encolheu os ombros e afastou-se. - Só tentei ajudar - afirmou ao passar por Artur.

Mordred parecia que sempre tivera os estremeções que Merlim ameaçara.

Agarrou-se aos braços da cadeira, tremendo, e surgiram lágrimas nos seus olhos pelas humilhações que acabara de sofrer. Tentou recuperar algum do seu orgulho ao apontar para mim e pedir a Artur que me prendesse.

- Não seja tolo! - virou-se Artur para ele irado. - Acha que podemos recuperar o seu trono sem os homens de Derfel? - Mordred nada disse, e aquele impertinente silêncio impeliu

Artur para uma fúria semelhante à que me levara a bater no meu rei. - Poderá ser feito sem você! - disse ele rispidamente para Mordred. - E o que quer que se faça, ficará

aqui, sob escolta! - Mordred olhou-o boquiaberto e uma lágrima caiu, diluindo o pequeno fio de sangue. - Não como prisioneiro, meu Rei e Senhor - explicou Artur com lassidão, -

mas para preservar a sua vida das centenas de homens que gostariam de tirá-la.

- Então o que vai fazer? - perguntou Mordred, agora absolutamente patético.

- Como disse - respondeu-lhe Artur com desdém, - pensarei no assunto.

E nada mais diria.

A configuração do desígnio de Lancelot era agora bem evidente. Sansum havia planejado a morte de Artur, Lancelot enviara homens para causar a morte de Mordred e depois seguira com o seu exército achando que todos os obstáculos para o trono de *Dumnónia* haviam sido eliminados e que os cristãos açoitados com chicotes até ao frenesi pelos missionários de Sansum, matariam quaisquer inimigos que ainda houvesse, enquanto Cerdic segurara os homens de Sagramor na baía.

Todavia, Artur vivia, bem como Mordred, e desde que este estivesse vivo, Artur tinha um juramento a cumprir, e esse juramento dizia que tínhamos de fazer a guerra.

Não importava que pudesse franquear o vale *Severn* aos Saxões, tínhamos de lutar contra Lancelot. Estávamos presos pelo juramento.

Meurig não enviaria nenhum lanceiro para o combate contra Lancelot. Clamava precisar de todos os homens para guardar as suas próprias fronteiras contra um possível ataque de Cerdic ou de Aelle, e nada do que alguém pudesse dizer o dissuadiria.

Concordou em deixar a sua guarnição em *Glevum*, e, deste modo, libertar a sua guarnição dumnoniana para se juntar às tropas de Artur, mas nada mais cederia.

- Ele é um canalhazinho amarelo - resmungou Culhwuch.

- É um jovem sensível - disse Artur. - O seu objetivo é preservar o seu reino. Ele nos falou nas suas ordens de guerra num salão nos banhos romanos de *Glevum*. O

apartamento tinha um chão de lajes e um teto em abóbada onde se via restos pintados de ninfas nuas sendo perseguidas por um fauno por entre espirais de folhas e flores.

Cuneglas foi generoso. Os lanceiros que trouxera de *Caer Sws* seriam enviados sob o comando de Culhwuch para ajudar os homens de Sagramor. Culhwuch jurou que nada faria para ajudar à restauração de Mordred, mas não tinha escrúpulos em combater os guerreiros de Cerdic, e que essa era ainda tarefa de Sagramor. Uma vez o numidiano reforçado pelos homens vindos de *Powys*, ele se dirigiria para o Sul, interceptaria os saxões que estivessem sitiando *Corinium* e, desse modo, arrastaria os homens de Cerdic numa campanha que os impedisse de ajudar Lancelot no coração da *Dumnónia*.

Cuneglas prometeu a todos nós a ajuda que conseguisse, mas disse que levaria pelo menos duas semanas reunindo toda a sua força e a trazê-la para Sul, para *Glevum*.

Artur tinha poucos homens preciosos em *Glevum*. Tinha os trinta homens que haviam partido para Norte para prender Ligessac, que estavam agora postos a ferros em *Glevum*, e tinha os meus homens, e a esses ele podia acrescentar os setenta lanceiros que haviam constituído a pequena guarnição de *Glevum*. Esses números aumentavam todos os dias com os refugiados que conseguiam fugir aos grupos de cristãos em alvoroço que ainda abatiam quaisquer pagãos que tivessem ficado na *Dumnónia*.

Ouvimos dizer que muitos desses fugitivos estavam ainda

na *Dumnónia*, alguns mantendo-se firmes em antigos fortes de terra ou nas profundezas das regiões dos bosques, mas outros haviam vindo para *Glevum*, e entre eles estava Morfans, o *Disforme*, que escapara ao massacre nas tabernas de *Durnovária*. Artur encarregou-o das forças de *Glevum* e ordenou-lhe que as conduzisse para sul, em direção a *Aquae Sulis*. Galaad iria com ele.

- Não aceitem a batalha - avisou-os Artur - incitem apenas o inimigo, atormentem-no, irrite-no. Fiquem nas colinas, sejam lesto, e mantenham-nos olhando neste sentido. Quando o meu Rei e Senhor vier - ele referia-se a Cuneglas - podem juntar-se ao seu exército e marchar para o Sul em direção a *Caer Cadarn*.

Artur declarou não lutar nem com Sagramor nem com Morfans, mas em vez disso iria em busca do auxílio de Aelle. Artur sabia melhor do que ninguém que a notícia dos seus planos seria levada para o Sul. Em *Glevum* havia cristãos suficientes que acreditavam que Artur era o Inimigo de Deus e que viam em Lancelot o mensageiro do regresso de Cristo à Terra, que fora enviado do céu; Artur queria que esses cristãos enviassem as suas mensagens para *Dumnónia* e queria que essas mensagens dissessem a Lancelot que Artur se atrevia a não arriscar a vida de Guinevere marchando contra ele. Em vez disso, Artur iria pedir que Aelle levasse os seus machados e as suas lanças contra os homens de

Cerdic.

- Derfel virá comigo - disse-nos nesse momento.

Eu não queria acompanhar Artur. Protestei que havia outros intérpretes, e o meu único desejo era juntar-me a Morfans e desse modo marchar para Sul, para *Dumnónia*.

Eu não queria enfrentar o meu pai, Aelle. Queria combater, não voltar a colocar Mordred no seu trono, mas derrubar Lancelot e encontrar Dinas e Lavaine.

Artur recusou-me.

- Você virá comigo, Derfel - ordenou-me - e levaremos quarenta homens.

- Quarenta? - objetou Morfans.

Quarenta era um número enorme para desguarnecer o seu pequeno grupo de guerra, que teria de distrair Lancelot.

Artur encolheu os ombros.

- Não ouse parecer fraco - diante de Aelle. disse ele. - De fato, devia levar mais, mas quarenta homens podem ser suficientes para convencê-lo que não estou desesperado. - Fez uma pausa. - Há uma última coisa. - Falou num tom de voz carregado que captou a atenção de homens que se preparavam para deixar a casa dos banhos. -

Alguns de vocês não estão inclinados a lutar por Mordred. Culhwuch já deixou *Dumnónia*, Derfel partirá, sem dúvida, quando esta guerra terminar, e quem sabe quantos mais de partirão? *Dumnónia* não pode perder tais homens. - Fez uma pausa. Começara a chover e a água pingava dos tijolos que apareciam por entre os desenhos do teto pintado. - Falei com Cuneglas - disse Artur, dando conhecimento da presença do rei de *Powys* com uma inclinação da cabeça - e falei com Merlim, e falamos das antigas leis e costumes do nosso povo. O que faço, será de acordo com a lei, e não posso libertá-los de Mordred, pois o meu juramento o proíbe, e a antiga lei do nosso povo não pode perdoá-lo. - Fez outra pausa com a sua mão direita inconscientemente agarrando no copo da *Excalibur*. - Mas a lei permite, sim, uma coisa. Se um rei for incapaz de governar, o seu Conselho pode governar em seu lugar, desde que o rei conceda a honra e os privilégios do seu posto. -

Merlim me assegura que é assim e Cuneglas afirma que o mesmo aconteceu no reino de Brychan, o seu bisavô.

- Tinha macaquinhos no sótão! - adiantou Cuneglas satisfeito.

Artur sorriu levemente, depois fungou enquanto organizava as suas idéias.

- Não foi isto o que alguma vez quis - protestou devagar, com a sua voz sombria ecoando na câmara que ainda pingava, - mas vou propor ao Conselho de *Dumnónia* que eu governe no lugar de Mordred.

- Sim! - gritou Culhwuch.

Artur aquietou-o.

- Eu desejara - disse ele - que Mordred aprendesse a ser responsável, mas não o fez. Não me importo que me queira morto, mas me importo que ele tenha perdido o seu reino. Quebrou o seu juramento de aclamação e agora duvido que ele alguma vez consiga cumprir esse juramento. - Fez uma pausa, e muitos de nós devem ter refletido sobre quanto tempo teria levado a Artur para compreender uma coisa que parecera tão óbvia a todos nós. Durante anos, ele resistira teimosamente ao reconhecimento do despreparo de Mordred para governar, mas agora, depois de Mordred ter perdido o seu reino e, o que era muito pior aos olhos de Artur, falhara na proteção dos seus súditos, Artur estava finalmente preparado para encarar a verdade. Pingos de água caíram na sua cabeça descoberta, mas pareceu não prestar atenção a isso. - Merlin diz que Mordred está possuído por um espírito maligno. Não sou entendido nesses assuntos, mas esse veredicto não me parece improvável e por isso, se o Conselho concordar, proporei que depois de termos

restaurado Mordred, lhe concedamos todas as honras devidas ao nosso rei. Ele poderá viver no Palácio de Inverno, poderá caçar, poderá comer como um rei e saciar todos os seus apetites segundo a lei, mas não governará. Estou propondo que lhe concedamos todos os privilégios, mas nenhum dos deveres do seu trono.

Aplaudimos. E como o fizemos. De agora em diante, parecia, tínhamos algo por que lutar. Não por Mordred, esse sapo miserável, mas por Artur, porque apesar de todas as suas belas palavras sobre o Conselho governar *Dumnónia* em vez de Mordred todos sabíamos o que significavam. Queriam dizer que Artur seria rei de *Dumnónia* em tudo exceto na denominação e que para esse final feliz deveríamos levar as nossas armas para a guerra. Aplaudimos, porque agora tínhamos uma razão para lutar e morrer.

Tínhamos Artur.

Artur escolheu vinte dos seus melhores cavaleiros e insistiu para que eu escolhesse vinte dos meus mais hábeis lanceiros para que compusessem a nossa embaixada para Aelle.

- Temos de impressionar seu pai - disse-me ele - e não se impressiona um homem chegando com lanceiros frágeis e idosos. Levamos os nossos melhores homens.

- Insistiu ainda para que Nimue nos acompanhasse. Ele teria preferido a companhia de Merlim, mas o druida declarou estar muito velho para a longa viagem e propôs Nimue para substituí-lo.

Deixamos Mordred escoltado por lanceiros de Meurig. Mordred soube dos planos de Artur em relação a si, mas não tinha aliados em *Glevum* nem opositores na sua alma apodrecida, embora tivesse tido a satisfação de ver Ligessac ser estrangulado no fórum, e depois dessa morte lenta, Mordred deteve-se no terraço do grande castelo e fez um discurso comovente no qual ameaçou um destino igual para todos os traidores da *Dumnónia*, depois voltou taciturno para os seus aposentos, enquanto nós seguíamos Culhwuch para Leste. Ele havia partido para se juntar a Sagramor e ajudar a empreender o ataque que todos nós esperávamos que salvasse *Corinium*.

Artur e eu marchamos para o interior muito belo, a província de *Gwent*, a leste, mais rica. Era um local de suntuosas *villas*, amplas fazendas e grande riqueza, a maior parte das quais se erguiam por trás dos locais onde as ovelhas pastavam nas colinas redondas. Marchamos sob dois estandartes, o urso de Artur e a minha própria estrela, e permanecemos bem a norte da fronteira dumnoniana, para que todas as novas que chegassem a Lancelot lhe contassem que Artur não oferecia qualquer ameaça ao seu

trono roubado. Nimue caminhava conosco. Merlim havia conseguido, de algum modo, convencê-la a lavar-se e a encontrar roupas limpas, e depois, desesperado por não mais conseguir desemaranhar a imundície do seu cabelo, havia-o cortado curto e queimado as tranças encrostadas de sujeira. Ficava-lhe bem o cabelo curto, usava de novo uma pala no olho e levava um bastão sem mais bagagem. Caminhava descalça e avançava com relutância por não ter querido ir, mas Merlim convencera-a, apesar de Nimue ainda se queixar que a sua presença era dispensável.

- Qualquer louco é capaz de derrotar um feiticeiro saxão - disse ela a Artur quando nos aproximávamos do final do primeiro dia de marcha. - Basta cuspir-lhes, rolar os olhos e acenar um osso de galinha. É tudo o que é preciso.

- Não encontraremos nenhum feiticeiro saxão - respondeu Artur calmamente.

Estávamos agora em campo aberto, longe de qualquer vila, e ele deteve o seu cavalo, levantou a mão e esperou que os homens se reunissem à sua volta. - Não encontraremos qualquer feiticeiro - disse-nos - porque não vamos nos encontrar com Aelle. Vamos para o Sul para a nossa própria região. Bem para o Sul.

- Para o mar? - adivinhei.

Ele sorriu.

- Para o mar. - Juntou as mãos na barra da sua sela. - Somos poucos e Lancelot tem muitos, mas Nimue pode fazer-nos um encantamento de dissimulação e marcharemos à noite e marcharemos muito. - Sorriu e encolheu os ombros. - Nada consigo fazer enquanto minha esposa e o meu filho estiverem prisioneiros, mas se os libertarmos, então eu também serei livre. E quando estiver livre posso lutar contra Lancelot, mas vocês devem saber que o nosso auxílio estará longe e bem no interior de uma *Dumnónia* que é mantida pelos nossos inimigos. Quando eu tiver Guinevere e Gwydre não sei como conseguiremos fugir, mas Nimue nos ajudará. Os deuses nos ajudarão, contudo, se algum de vocês teme esta tarefa, pode regressar agora.

Ninguém o fez, e ele devia saber que ninguém o faria. Estes quarenta eram os nossos melhores homens e eles teriam seguido Artur até para dentro do buraco das serpentes. Artur, claro, não contara a ninguém, exceto a Merlin, o que planejava para que absolutamente nada pudesse chegar aos ouvidos de Lancelot; nesse momento, ele encolheu lamentavelmente os ombros para mim, como que pedindo desculpa por me desapontar, mas devia saber como eu me sentia feliz por não irmos apenas ao lugar onde Guinevere e Gwydre estavam mantidos reféns, como ainda onde os dois assassinos de Dian pensavam estar a salvo de toda e

qualquer vingança.

- Partimos esta noite - disse Artur - e não descansaremos antes da alvorada.

Vamos para o Sul e pela manhã quero estar nas colinas para lá do Tamisa.

Pusemos as capas sobre as nossas armaduras, cobrimos os cascos dos cavalos com faixas de roupa e depois viajamos para Sul durante a noite. Os cavaleiros conduziam os seus animais e Nimue conduzia a nós, utilizando a sua estranha habilidade para encontrar o caminho por um país desconhecido na escuridão.

Em algum lugar nessa escura noite atravessamos para o interior da *Dumnónia*, e assim que descemos das colinas para o vale do Tamisa, vimos, bem distante à nossa direita, um brilho no céu que mostrava onde os homens de Cerdic estavam acampados nas imediações de *Corinium*. Uma vez fora das colinas o nosso caminho levou-nos inevitavelmente pelo meio de pequenas aldeias onde os cães ladraram à nossa passagem, mas ninguém nos fez qualquer pergunta. Os habitantes ou estavam mortos ou então temeram que fôssemos Saxões, e deste modo, como um bando de fantasmas, passamos por eles. Um dos cavaleiros de Artur era nativo das terras do rio e levou-nos por um vau, que

subiu até ao nosso peito. Mantivemos as nossas armas e os nossos sacos com pão bem alto, depois forçamos o caminho através da forte corrente e, deste modo, alcançamos o longínquo talude onde Nimue sibilou um encantamento de dissimulação para uma vila próxima. Pela manhã, estávamos nas colinas do sul, em segurança dentro de uma fortaleza de terra dos Antigos Povos.

Dormimos durante o dia e à noite continuamos para o Sul. O nosso caminho conduziu-nos através de uma região bela e rica onde os Saxões ainda não haviam estado, mas onde nenhum aldeão nos desafiou, pois só um louco faria perguntas a um homem armado que viajasse à noite em época de tumultos. Ao romper do dia chegamos à grande planície e o nascer do Sol afastou as sombras dos montes da morte do Antigo Povo, ao longo da erva pálida. Alguns dos montes tinham ainda tesouros guardados por espíritos de tumbas e esses evitamos quando vislumbramos um buraco com erva onde os cavalos podiam comer e nós descansar.

No luar seguinte passamos as Pedras, esse enorme misterioso círculo onde Merlim dera a Artur a sua espada e onde, tantos anos depois, nós tínhamos dado o ouro a Aelle antes de marcharmos para o Vale do *Lugg*. Nimue deslizou pelo meio dos enormes pilares, tocando-lhes com o seu bastão, depois permaneceu de pé no seu centro com os olhos fixos nas estrelas. A Lua estava quase cheia e a sua

luz conferia às Pedras uma pálida luminosidade.

- Ainda possuem magia? - perguntei-lhe quando nos levou lá acima.

- Algumas - disse ela - mas está desaparecendo, Derfel. Toda a nossa magia está desaparecendo. Precisamos do Caldeirão.
- Sorriu no escuro. - Já não é longe, pressinto-o. Ainda vive, Derfel, e nós vamos encontrá-lo e restituí-lo a Merlim.

Havia agora nela uma paixão, a mesma paixão que mostrara quando nos aproximamos do fim da Estrada Sombria. Artur caminhava pela escuridão pela sua Guinevere, eu por vingança e Nimue para convocar os deuses com o Caldeirão, mas ainda assim éramos poucos e do inimigo eram muitos.

Estávamos agora bem no interior da nova região de Lancelot, todavia não vimos quaisquer vestígios dos seus guerreiros nem qualquer sinal dos bandos fanáticos de cristãos dos quais se dizia aterrorizarem ainda os pagãos campesinos. Os lanceiros de Lancelot não tinham qualquer afazer nesta parte da *Dumnónia*, pois vigiavam as estradas de *Glevum*, enquanto os cristãos deviam ter partido para apoiar o seu exército, na crença de que seria por obra de Cristo, caminhando nós, sem sermos molestados, à medida que descíamos da grande planície para as terras do rio da costa sul da *Dumnónia*.

Contornamos a cidade fortaleza de *Sorviodunum* e sentimos o cheiro de fumaça das casas que haviam sido queimadas. Mas mesmo aí ninguém nos desafiou, pois caminhávamos sob a Lua quase cheia e estávamos protegidos pelos feitiços de Nimue.

Alcançamos o rio na quinta noite. Acabáramos de passar a fortaleza romana de *Vindocládia*, onde Artur tinha certeza que estaria colocada uma guarnição das tropas de Lancelot, e ao amanhecer nos escondemos nos densos bosques acima do promontório onde se encontrava o Palácio do Mar. Este ficava apenas a uma milha para oeste e nós o alcançamos sem sermos vistos, surgindo como fantasmas da noite na nossa própria terra.

E também faríamos o nosso ataque à noite. Lancelot usava Guinevere como um escudo, e nós levaríamos os seus escudos, e assim libertados, empunharíamos as nossas lanças ao seu coração traidor. Mas não por Mordred, pois agora lutávamos por Artur e pelo reino feliz que vimos depois da guerra.

Como os bardos agora dizem, lutamos por *Camelot*.

A maior parte dos lanceiros dormiu nesse dia, mas Artur, Issa e eu rastejamos até à orla do bosque e contemplamos através do pequeno vale o Palácio do Mar.

Estava tão belo com a sua pedra branca reluzindo ao Sol nascente. Olhamos fixamente para o seu flanco leste de um promontório que era ligeiramente mais baixo do que o palácio. O seu muro leste era cortado apenas por três pequenas janelas, por isso nos pareceu semelhante a uma enorme fortaleza branca na colina verde, embora essa ilusão desaparecesse pela grande marca do peixe que havia sido cruelmente manchada no muro caiado, supostamente para defender o palácio da ira de quaisquer cristãos itinerantes. A longa fachada sul por cima do promontório e do mar que ficava para lá de uma ilha de areia no talude sul do promontório, era onde os construtores romanos haviam colocado as suas janelas, tal como haviam relegado as cozinhas e os aposentos dos escravos e os celeiros para o terreno norte por trás da vila onde se encontrava a casa de madeira de Gwenhwyvach. Agora também havia uma pequena aldeia de cabanas de colmo, calculei que para os lanceiros e suas famílias, e um rolo de fumaça elevou-se das chaminés das cozinhas das cabanas. Depois das cabanas haviam os pomares e as hortas, e ainda depois deles, cercado pelos profundos bosques, que cresciam densos, nesta zona do país, havia campos com algum feno já cortado.

Em frente do palácio, e tal como me recordava daquele dia distante em que prestara o precioso juramento a Artur na Távola Redonda, os dois taludes encimados por arcadas

alongadas em direção ao promontório. O palácio estava todo exposto ao Sol, tão branco, grandioso e belo.

- Se os romanos voltassem hoje - disse Artur orgulhosamente, - nunca perceberiam que foi reconstruído.

- Se os romanos voltassem hoje - disse Issa - teriam uma verdadeira batalha entre mãos. - Eu insistira para que ele viesse para a orla das árvores, pois não conhecia ninguém com melhor visão e precisávamos passar este dia apenas descobrindo quantos guardas Lancelot havia colocado no Palácio do Mar.

Nessa manhã não contamos mais de uma dúzia. Assim que despontou o dia, dois homens treparam em uma plataforma de madeira construída sobre o telhado e daí

observavam a estrada que levava a norte. Quatro outros lanceiros caminhavam para cima e para baixo na arcada mais próxima, e pareceu sensato deduzir que outros quatro estariam colocados na arcada de oeste, escondida da nossa vista. Os outros guardas estavam todos no terreno que ia do terraço de pedra balaustrado no fundo dos jardins ao promontório, uma patrulha que, evidentemente, guardava os caminhos que seguiam ao longo da costa. Issa, despiu a armadura e tirou o elmo, fez um reconhecimento nessa direção, espreitando através dos bosques, tentando ver a

fachada da vila entre as estreitas arcadas.

Artur examinou fixamente o palácio. Estava silenciosamente extasiado, sabendo que estava a um passo de um resgate ousado, que soaria como um choque por todo o novo reino de Lancelot. Na verdade, raramente vira Artur tão feliz como naquele dia. Ao vir para tão fundo na *Dumnónia*, libertara-se das responsabilidades de governo e agora, tal como no muito longínquo passado, o seu futuro dependia apenas da arte da sua espada.

- Nunca pensa no casamento, Derfel? - perguntou-me de repente.

- Não, Senhor - respondi-lhe. - Ceinwyn jurou nunca se casar, e não vejo necessidade alguma em desafiá-la. - Sorri e toquei no meu anel de amantes com o seu pequeno fragmento do Caldeirão de ouro. - Se me permite, acho que somos mais casados do que a maioria dos casais que estiveram diante de um druida ou de um sacerdote.

- Não me refiro a isso - disse ele. - Nunca pensou no casamento?

Sublinhou a palavra "no".

- Não, Senhor - respondi. - Não exatamente.

- Obstinado Derfel - zombou de mim. - Quando eu morrer - disse ele sonhador -

creio desejar um enterro cristão.

- Porquê? - perguntei, horrorizado, e tocando na minha cota de malha para que esse ferro me defendesse do mal.

- Porque repousarei com a minha Guinevere para sempre - disse ele, - ela e eu, numa tumba, juntos.

Pensei na carne de Norwenna, pendurada dos seus ossos amarelos e fiz uma careta.

- Estará no Outro Mundo com ela, Senhor.

- As nossas almas estarão sim - admitiu ele, - e os nossos corpos-sombra lá

estarão, mas porque não podem também estes corpos jazer de mãos dadas?

Abanei a cabeça.

- Seja queimado - disse eu, - a menos que deseje que a sua alma vagueie perdida pela Bretanha.

- Talvez tenha razão - disse ele facilmente.

Estava deitado sobre a barriga, escondido da vila por um cenário de tasna e loios. Nenhum de nós tinha armadura. Nós vestiríamos essa indumentária de guerra no crepúsculo antes de sairmos da escuridão para abater os guardas de Lancelot.

- O que os faz felizes, a você e a Ceinwyn? - perguntou-me Artur. Não fazia a barba desde que saíramos de *Glevum* e o restolho da sua recente barba nascia grisalho.

- Amizade - afirmei.

Franziu as sobrancelhas.

- Apenas isso?

Pensei nisso. Distantes iam os primeiros escravos para os campos de feno com as suas foicinhas apanhando o Sol da manhã em brilhantes lampejos.

Rapazinhos corriam para cima e para baixo nas hortas para assustarem os gaios das plantas das ervilhas e as gralhas das groselheiras verdes, das groselheiras vermelhas e das framboeseiras, enquanto mais próximo, um grupo de verdelhões se altercavam ruidosamente. Parecia que nenhum cristão fanático havia perturbado este lugar, de fato, parecia impossível que a *Dumnónia* estivesse de toda em guerra.

- Continuo a sentir uma ânsia sempre que olho para ela - admiti.

- É isso, não é? - disse ele entusiasmado. - Uma ânsia! Uma rapidez no coração.

- Amor - disse eu secamente.

- Temos sorte, você e eu - disse ele, sorrindo. - É amizade, é amor, e é ainda algo mais. É o que os Irlandeses chamam *anmchara*, uma alma amiga. A quem você

deseja mais falar no último dia? Eu adoro as noites em que posso apenas sentar-me e falar. E pondo-se o Sol, vêm as traças para junto das velas.

- E nós falamos de crianças - disse eu, e desejei não o ter feito - e das querelas entre os criados, e se a escrava estrábica da cozinha está de novo grávida, e nos interrogamos quem quebrou o gancho de ferro do fogão, e se o telhado de colmo precisa de reparo ou se ainda irá durar mais um ano, e tentamos resolver o que fazer com o cão velho que já não consegue andar, e que desculpa Cadell irá conjurar para não pagar de novo a sua renda, e discutimos se o linho esteve tempo suficiente em infusão, e se devíamos pôr mosto nas tetas das vacas para melhorar a sua produção. É sobre isso que falamos.

Ele riu.

- Guinevere e eu falamos da *Dumnónia*. Da Bretanha. E, claro, de Ísis. - Algum do seu entusiasmo dissipou-se quando mencionou aquele nome, mas depois encolheu os ombros. - Não que estejamos juntos tempo suficiente. Foi por isso que eu sempre esperei que Mordred acatasse o fardo, então eu estaria sempre aqui.

- Falando de ganchos de ferro quebrados em vez de Ísis? - importunei-o.

- Desses assuntos e de todos os outros - disse ele calorosamente. - Um dia cultivarei esta terra, e Guinevere continuará com o seu trabalho.

- O seu trabalho?

Ele sorriu perverso.

- Para conhecer Ísis. Ela diz que se conseguir contactar com a deusa, o poder virá ao Mundo. - Encolheu os ombros, cético como sempre em relação a tais pretensões religiosas extravagantes. Só Artur se atreveria a enterrar a *Excalibur* no solo e a desafiar *Gofannon* a vir em seu auxílio, pois nunca acreditou, de fato, que *Gofannon* alguma vez viesse. - Nós somos para os deuses, - disse-me certa vez, - como ratos num telhado de colmo, e sobrevivemos apenas durante

tanto tempo quanto aquele que não fomos notados. - Mas apenas o amor exigia que ele expandisse uma seca tolerância à paixão de Guinevere. - Gostaria de estar mais convencido em relação a Ísis - admitiu-me então -

mas, claro, os homens não são parte dos mistérios. - Sorriu. - Guinevere até invoca *Gwydre Horus*.

- *Horus?*

- O filho de Ísis - explicou.

- Que nome feio.

- Não tão feio como Wygga - disse eu.

- O quê? - perguntou, depois de repente, firmou-se. - Olhe! - Disse ele entusiasmado. - Olhe!

Ergui a cabeça para olhar por cima do cenário de flores e lá estava Guinevere.

Até mesmo a um quarto de milha de distância ela era inconfundível, com o seu cabelo ruivo caindo em desalinho por cima do longo vestido azul que trazia. Caminhava ao longo da arcada mais próxima através do pequeno pavilhão aberto no seu extremo virado para o mar. Três criadas caminhavam atrás com dois dos seus galgos escoceses. Os

guardas afastaram-se e fizeram uma vênia à sua passagem. Uma vez no pavilhão sentou-se a uma mesa de pedra e as três criadas serviram-lhe o almoço.

- Ela comerá fruta - disse Artur ternamente. - No Verão, é apenas o que come pela manhã. - Sorriu. - Se ela soubesse quão próximo estou!

- Esta noite, Senhor - garanti-lhe, - estará com ela.

Assentiu.

- Pelo menos a têm tratado bem.

- Lancelot o teme demais para que a trate mal, Senhor. - Alguns momentos mais tarde, Dinas e Lavaine surgiram na arcada. Vestiam os seus hábitos druidas e eu toquei no copo da *Hywelbane* quando os vi e prometi à alma da minha filha que os gritos dos seus assassinos fariam todo o Outro Mundo aninhar-se com medo. Os dois druidas chegaram ao pavilhão, fizeram uma vênia a Guinevere, depois juntaram-se a ela à mesa.

Gwydre veio correndo alguns momentos mais tarde e vimos Guinevere ondulando o seu cabelo, depois mandou-o embora para a guarda de um criado.

- Ele é um bom rapazinho - disse Artur com ternura. - Nele

não há engano. Não é

como Amhar e Loholt. Falhei com eles, não foi?

- Eles são ainda jovens, Senhor - disse eu.

- Mas eles servem agora o meu inimigo - afirmou sombrio. - O que devo fazer com eles?

Culhwuch o teria, sem dúvida, aconselhado a matá-los, mas eu apenas encolhi os ombros.

- Mande-os para o exílio - disse eu. Os gêmeos podiam fazer companhia aos homens infelizes que não prestaram qualquer juramento. Eles podiam vender as suas espadas até que por fim fossem mortos em alguma batalha esquecida contra os Saxões, os Irlandeses ou os Escoceses.

Na arcada surgiram mais mulheres. Algumas eram criadas, enquanto outras eram as cortesãs de Guinevere. Lunete, o meu antigo amor, era provavelmente uma dessas doze mulheres que eram confidentes de Guinevere e também as sacerdotisas da sua fé.

No meio da manhã adormeci com a minha cabeça encaixada nos braços e o meu corpo embalado pelo calor do Sol de Verão. Quando acordei descobri que Artur havia desaparecido e que Issa viera substituí-lo.

- Lorde Artur regressou para junto dos lanceiros, Senhor - disse-me ele.

Bocejei.

- O que viu?

- Outros seis homens. Todos da Guarda Saxônica.

- Saxões de Lancelot?

Assentiu.

- Todos eles no grande jardim, Senhor. Mas apenas os seis. Ao todo vimos dezoito homens, e alguns outros deverão estar de guarda à noite, mas ainda assim não pode haver mais de trinta no total.

Calculei que ele tivesse razão. Trinta homens seriam suficientes para guardar este palácio, e mais seriam supérfluos, sobretudo se Lancelot precisava de todas as lanças para guardar o seu reino roubado. Levantei a cabeça e vi que a arcada estava agora vazia, tendo apenas quatro guardas que pareciam visivelmente enfastiados. Dois estavam sentados com as costas assentes em pilares, enquanto os outros dois conversavam no banco de pedra onde Guinevere tomara o seu almoço. As suas lanças estavam apoiadas na mesa. Os dois guardas em cima da

pequena plataforma no telhado estavam igualmente preguiçosos. O Palácio do Mar aquecia sob um Sol intenso de Verão e ninguém ali acreditava que algum inimigo pudesse estar a menos de uma centena de quilômetros.

- Contou a Artur sobre os Saxões? - perguntei a Issa.

- Sim, Senhor. Ele disse que era apenas de se esperar. Lancelot quer que ela seja bem guardada.

- Vá e durma um pouco – disse-lhe. - Agora eu vigio.

Ele partiu e, apesar da minha promessa, adormeci de novo. Tinha caminhado toda a noite e estava fatigado, e ademais, pareceu não haver qualquer perigo que ameaçasse na orla daquele bosque de Verão. E desse modo eu dormi um pouco apenas, pois fui abruptamente acordado por um latido repentino e o garatujar de grandes patas.

Acordei aterrorizado descobrindo dois galgos escoceses a babando-se de pé

sobre mim, um dos quais ladrava e o outro rosnava. Alcancei a minha faca, mas depois a voz de uma mulher gritou aos cães.

- Para baixo! gritou-lhes ela. - Drudwyn, Gwen, para baixo! Calados!

Relutantemente os cães deitaram-se e virei-me, deparando com Gwenhwyfach observando-me. Trazia um velho vestido castanho, tinha um lenço sobre a cabeça e um cesto no braço onde juntava ervas silvestres. O seu rosto estava mais redondo do que nunca e o seu cabelo, que aparecia por baixo do lenço, estava solto e emaranhado. - O

Lorde Derfel adormecido - disse ela feliz.

Toquei com um dedo nos lábios e lancei um olhar rápido na direção do palácio.

- Eles não me observarão - disse ela, - eles não se importam comigo. Além disso, muitas vezes falo sozinha. Os loucos fazem-no, você sabe.

- Você não é louca, Senhora.

- Eu devia gostar de ser - disse ela. - Não compreendo porque alguém quereria ser outra coisa no mundo. - Riu, puxou o seu vestido para cima e sentou-se pesadamente ao meu lado. Virou-se quando os cães rosnaram a um barulho atrás de mim e observou divertida enquanto Artur serpenteava pelo caminho para se juntar a mim. Deve ter ouvido o latido. - Na tua barriga como uma serpente, Artur? - perguntou ela.

Tal como eu fizera Artur tocou com um dedo nos lábios.

- Eles não se importam comigo - repetiu Gwenhwyvach. -
Veja! - E

vigorosamente acenou com os seus braços na direção dos guardas que simplesmente abanaram as cabeças e se viraram para o outro lado. - Eu não vivo tão longe para que se preocupem. Eu sou apenas a mulher gorda e louca que passeia com os cães. - Acenou de novo, e uma vez mais os sentinelas a ignoraram. - Até Lancelot não repara em mim - acrescentou tristemente.

- Ele está aqui? - perguntou Artur.

- Claro que ele não está aqui. Está muito distante daqui. Você também, disseram-me. Não devia estar falando com os saxões?

- Estou aqui para levar Guinevere - disse Artur - e a você também - acrescentou galanteador.

- Eu não quero ser levada daqui - protestou Gwenhwyvach. - E Guinevere não sabe que você está aqui.

- Ninguém devia saber - disse Artur.

- Ela devia! Guinevere devia! Ela olha fixamente para o pote de óleo. Ela diz que aí consegue ver o futuro! Mas não o viu,

não é? Deu um risinho sacudido, depois virou-se e fitou Artur como se achasse a sua presença divertida. - Está aqui para salvá-la?

- Sim.

- Esta noite? - Gwenthwyvach tentou adivinhar.

- Sim.

- Ela não te agradecerá - disse Gwenthwyvach - não esta noite. Não há nuvens, vê? - Acenou para o céu quase sem nuvens. - Sabe que não se pode adorar Ísis com nuvens, porque a Lua não pode entrar no templo, e esta noite ela aguarda a lua cheia.

Uma grande lua cheia, igualzinha a um queijo fresco. - Mexeu no longo pêlo de um dos cães. - Este é Drudwyn e é um menino mau. E este é Gwen. Chape! - disse inesperadamente. - É como vem a lua, chape! Para dentro do seu templo. - Riu de novo. -

Desce direitinha pela clarabóia e chape... para dentro do buraco.

- Gwydre estará no templo? - perguntou-lhe Artur.

- Gwydre não. Não são permitidos homens, foi o que me

disseram. -

Gwenhwyvach fez esta afirmação num tom sarcástico, e pareceu prestes a dizer mais qualquer coisa, mas depois encolheu simplesmente os ombros. - Gwydre será posto na cama - disse ela em vez do que pensava. Olhou fixamente para o palácio e no seu rosto redondo surgiu um sorriso lento e vago. - Como vai entrar, Artur? Há imensas trancas naquelas portas e todas as janelas estão aferrolhadas.

- Vamos conseguir - disse ele - desde que não diga a ninguém que nos viu.

- Desde que você me deixe aqui - disse Gwenhwyvach - nem às abelhas digo. E

a elas conto-lhes tudo. Tem de ser, de outro modo o mel fica seco. Não é assim, Gwen? -

perguntou à cadela, remexendo as suas orelhas moles.

- Eu a deixarei aqui se é isso o que deseja - prometeu-lhe Artur.

- Só eu - disse ela, - só eu, os cães e as abelhas. É tudo o que quero. Eu e os cães e as abelhas e o palácio. Guinevere pode ficar com a lua. - Voltou a sorrir, depois empurrou-me o ombro com uma mão de chumbo. - Lembra-se da porta da

adega por onde eu o levei, Derfel? A que comunica com o jardim?

- Acho que sim - disse eu.

- Vou me certificar que esteja destrancada. - Deu novas risadinhas antecipando algum divertimento. - Escondo-me na adega e destranco a porta quando todos estiverem à espera da Lua. Aí não há guardas à noite, porque a porta é muito grossa. Os guardas estão todos nas suas cabanas ou aqui fora. - Ela virou-se para olhar para Artur. - Você virá? - perguntou ansiosamente.

- Prometo - replicou Artur.

- Guinevere ficará contente - disse Gwenthwyvach. - E eu também. - Riu e arrastou os seus pés pesadamente. - Esta noite quando a Lua vier a fazer chape. - E com isto afastou-se com os dois cães. Dava palmadinhas por baixo do queixo enquanto andava e até dançou dois desajeitados passos. - Chape! - gritou bem alto, e os cães saltavam junto dela à medida que saltava descendo a encosta.

- Ela está louca? - perguntei a Artur.

- Um pouco, acho eu. - Observou a sua figura rotunda descendo desajeitadamente a colina. - Mas ela nos deixará

entrar, Derfel, deixará entrar. - Sorriu, depois inclinou-se e apanhou uma mão-cheia de loios do extremo do campo. Dispô-los num pequeno ramo, depois sorriu tímido. - Para Guinevere, esta noite.

Ao anoitecer, depois de terminado o seu trabalho, os malhadores do feno regressavam dos campos e os guardas do telhado desceram a longa escada. Os caldeireiros na arcada estavam cheios com madeira fresca que era agora acesa, mas calculei que as fogueiras se destinassem a iluminar o palácio e não como aviso da aproximação de algum inimigo. Gaivotas voaram para os seus refúgios em terra e o pôr do Sol tornava as suas asas tão cor-de-rosa como os óvulos enrolados por entre os espinheiros.

De volta aos bosques Artur colocou a sua armadura de lâminas metálicas.

Afivelou a *Excalibur* por cima do brilho lúcido do metal do casaco, depois lançou uma capa preta sobre os ombros. Raramente usava capas pretas, preferindo a sua branca, mas à noite os trajes escuros ajudariam a nos disfarçar. Ele levaria o seu elmo reluzente por baixo da capa para esconder as suas plumas suntuosas de longas penas brancas de ganso.

Dez dos seus cavaleiros ficariam junto às árvores. A sua

tarefa era aguardar pelo som do *lur* de prata de Artur e depois atacar as cabanas dos lanceiros. Os enormes cavalos e os seus cavaleiros com armaduras, com enormes e ruidosas passadas à noite, serviriam para pôr em pânico quaisquer guardas que pudessem interferir com a nossa retirada. Artur fez votos para que o *lur* só soasse quando tivéssemos encontrado tanto Gwydre como Guinevere e estivessem prontos para partir.

O restante de nós faria a longa viagem para o lado oeste do palácio, e daí

treparíamos escondidos pelas sombras dos jardins da cozinha para alcançar a porta da adega. Se Gwenhwyvach falhasse na sua promessa teríamos de ir em volta para frente do palácio, matar os guardas e entrar por um dos postigos das janelas no terraço. Uma vez dentro do palácio deveríamos matar todos os lanceiros que encontrássemos.

Nimue viria conosco. Quando Artur acabou de falar, ela nos disse que Dinas e Lavaine não eram druidas verdadeiros, não como Merlim ou o velho Iorweth, mas ela avisou-nos que os gêmeos silurianos possuíam, de fato, alguns poderes estranhos e devíamos esperar encontrar a sua feitiçaria. Ela passara a tarde vasculhando os bosques e erguia agora uma capa numa trouxa que pareceu contorcer-se quando ela a vestiu, e essa estranha visão fez os meus homens tocar na

ponta das suas lanças.

- Tenho aqui coisas para suspender os seus feitiços - disse-nos ela, - mas tenham cuidado.

- E eu quero Dinas e Lavaine vivos - disse eu aos meus homens.

Esperamos armados e com as armaduras colocadas, quarenta homens em ferro, aço e couro. Esperamos enquanto o Sol morria e a lua cheia de Ísis subia vagarosamente do mar como uma grande bola redonda de prata.

Nimue fez os seus feitiços e alguns de nós rezamos. Artur sentou-se em silêncio, mas observou-me quando retirei da minha bolsa a pequena trança de cabelo dourado.

Beijei o cabelo de cor viva, segurei-o por instantes contra a minha face, depois atei-a em volta do copo da *Hywelbane*. Senti uma lágrima rolar pelo meu rosto, enquanto pensava na minha pequenina no seu corpo-sombra, mas esta noite, com a ajuda dos meus deuses, eu daria a Dian a sua paz.

Puxei o elmo para frente, apertei a fivela por baixo do queixo e atirei a pluma de pêlo de lobo para trás dos ombros. Calçamos as luvas de couro rijo e passamos os braços esquerdos através das presilhas dos escudos. Desembainhamos as espadas e as expusemos para que

fossem tocadas por Nimue. Por momentos pareceu-nos que Artur queria dizer mais qualquer coisa, mas em vez disso limitou-se a ajustar o pequeno ramo de centáureas azuis no pescoço da sua armadura laminada. Em seguida fez um aceno de cabeça na direção de Nimue que, vestida de negro e segurando firmemente um estranho volume, nos guiou para Sul, através do arvoredor.

Depois das árvores estendia-se um pequeno prado que descia até à margem do rio, descrevendo uma encosta suave. Atravessamos o prado escuro em fila indiana, ainda fora do alcance do palácio. A nossa presença sobressaltou algumas lebres que, tendo saído para uma refeição à luz do luar, se esgueiraram, tomadas de pânico, quando passamos por alguns arbustos baixos e descemos um talude irregular, direitos à praia de seixos que bordejava a enseada. Daí seguimos para Oeste, resguardados dos olhares dos guardas que se encontravam nas arcadas do palácio, ao longo do talude alto da enseada. A sul, ouvia-se a rebentação das ondas que se sobrepunha ao ruído produzido pelas nossas botas ao pisar a praia de seixos.

Olhei por cima do talude uma única vez e vi o palácio, que se erguia sobre a terra escura como uma prodigiosa maravilha branca banhada pelo luar. A sua beleza me fez pensar em *Ynys Trebes*, essa mágica cidade à beira-mar que havia sido arrasada e destruída pelos Francos. Este lugar possuía a

mesma beleza etérea, cintilando sobre a terra escura como se fosse feito de raios de lua.

Quando já estávamos bem para oeste do palácio escalamos o talude, ajudando-nos uns aos outros com as hastes das lanças e continuamos para Norte, atrás de Nimue e através dos bosques. O luar filtrado através da folhagem estival era suficiente para iluminar o nosso caminho e nenhum guarda apareceu para nos desafiar. O bramido incessante do mar enchia a noite, embora em dado momento um grito tivesse soado muito perto de nós deixando-nos petrificados, antes de reconhecermos o ruído de uma lebre sendo morta por uma doninha. Suspiramos de alívio e prosseguimos.

Por fim, quando parecia que tínhamos percorrido uma longa distância entre o arvoredado, Nimue virou para Leste e nós seguimos no seu encaço até à orla do bosque, onde ficamos frente a frente com as paredes caiadas do palácio. Não estávamos longe da clarabóia circular de madeira que conduzia ao templo e eu pude ver que ainda levaria algum tempo até que a Lua estivesse suficientemente alta para derramar a sua claridade através da clarabóia, iluminando assim a cave de paredes negras.

Foi quando nos encontrávamos na orla do bosque que os cânticos começaram.

De início, eram de tal modo suaves que cheguei a pensar que se tratava dos gemidos do vento. Em seguida, porém, o som tornou-se mais alto e dei-me conta que era um coro de vozes femininas entoando uma melodia desconhecida, fantástica e pungente que em nada se parecia com tudo o que já ouvira antes. A melodia devia chegar até nós através da clarabóia, já que soava como se estivesse muito distante de nós; um cântico espectral, como um coro de mortos cantando para nós diretamente do Outro Mundo. Não conseguíamos discernir as palavras, mas sabíamos que se tratava de uma canção triste, composta em mínimas que evoluíam estranhamente para cima e para baixo, crescendo para tornar a descer até se tornar um som suave e demorado que se misturava com o som distante da rebentação. A música era de uma grande beleza, mas fez-me estremecer e procurar a lança com uma das mãos.

Se tivéssemos abandonado a proteção das árvores teríamos penetrado no campo de visão dos guardas colocados na arcada oeste. Deste modo avançamos alguns passos ao longo do bosque, de onde poderíamos alcançar o palácio através de um labirinto de sombras projetadas pela Lua. Havia um pomar, algumas fileiras de árvores de frutos e até uma sebe alta que protegia a horta dos veados e das lebres. Nos movíamos lentamente, um de cada vez, e durante todo esse tempo aquele cântico estranho crescia e esmorecia, fluía e carpia. Uma coluna de fumaça serpenteou sobre a

clarabóia e o cheiro que dele se libertava flutuou na nossa direção, empurrado pela suave brisa noturna. Era um odor a templo; penetrante e quase doentio.

Estávamos agora a alguns metros de distância das cabanas dos lanceiros. Um cão começou a ladrar, logo seguido de outro, mas nenhum dos ocupantes das cabanas atribuiu os latidos a alguma situação insólita, pois algumas vozes limitaram-se a gritar por silêncio. Pouco a pouco, os cães obedeceram às vozes de comando, deixando apenas o ruído do vento agitando as árvores, o bramido do mar e a melodia espectral e tênue do cântico.

Eu seguia à frente, para indicar o caminho, já que era o único que conhecia a porta pequena, e apesar de ter receio de não encontrá-la a descobri com facilidade. Com cuidado descí os velhos degraus de tijolo e empurrei a porta com suavidade. Esta ofereceu alguma resistência e por alguns instantes, achei que ainda devia estar trancada.

Foi então que, com um ranger metálico de gonzos, ela se abriu e inundou-me de luz.

A cave estava iluminada por velas. Pisquei os olhos, encandeado, e depois ouvi a voz estridente de Gwenhwyvach.

- Depressa! Depressa!

Entramos. Trinta homens possantes vestidos com armaduras, capas e elmos e armados de lanças.

Gwenhwyvach nos pediu silêncio num sussurro, em seguida fechou a porta atrás de nós e tornou a colocar a pesada barra no devido lugar.

- O templo é ali - sussurrou, apontando para um corredor iluminado por velas, que haviam sido ali colocadas para iluminar a passagem que conduzia à porta do santuário. Estava excitada e o rosto rechonchudo estava ruborizado. O cântico obsessivo do coro soava muito mais suave, pois era abafado pelos cortinados interiores do templo e pela sua pesada porta exterior.

- Onde está Gwydre? - murmurou Artur para Gwenhwyvach.

- Nesta sala - disse Gwenhwyvach.

- Há guardas? - perguntou ele.

- À noite há apenas servos no palácio - murmurou.

- E Dinas e Lavaine estão aqui? - inquiri eu.

Ela sorriu.

- Você vai vê-los, prometo-lhe. Vai vê-los. - Puxou a capa de Artur, para conduzi-lo na direção do templo. - Venha.

- Primeiro vou buscar Gwydre - insistiu Artur, desaperando a capa e tocando no ombro de seis dos seus homens. - Vocês esperam aqui - sussurrou. - Esperem aqui. Não entrem no templo. Vamos deixá-las acabar o culto.

Depois, caminhando em silêncio, guiou os seis homens e juntos atravessaram a cave e subiram alguns degraus de pedra.

Ao meu lado, Gwenthwyvach soltou uma gargalhada abafada.

- Rezei uma oração a *Clud* - murmurou - e ela vai nos ajudar.

- Ótimo - disse eu.

Clud é uma deusa da luz e não seria mau poder contar com a sua ajuda esta noite.

- Guinevere não gosta de *Clud* - censurou Gwenthwyvach. - Não gosta de nenhum dos deuses da Bretanha. Já vai alta, a Lua?

- Ainda não. Mas está subindo.

- Então ainda não chegou o momento - disse-me Gwenthwyvach.

- O momento para quê, Senhora?

- Você verá! - tornou a rir. – Você verá - repetiu e depois recuou assustada quando Nimue furou o grupo de lanceiros nervosos.

Nimue tinha tirado a viseira de pele, pelo que a órbita vazia e engelhada aparecia como um buraco negro no seu rosto e Gwenthwyvach recuou, aterrorizada soltou um gemido assustado.

Nimue ignorou Gwenthwyvach. Em vez disso passou o olhar pela cave e farejou como se fosse um cão, procurando um rasto. Eu só conseguia ver teias de aranha e odres de vinho e jarros de hidromel e sentia um odor úmido a podre, mas Nimue farejou algo detestável. Assobiou e depois cuspiu na direção do santuário. A trouxa que trazia nas mãos mudou lentamente de lugar.

Nenhum de nós se mexeu. Para dizer a verdade, fomos dominados por uma espécie de terror, ali naquela cave à luz das velas. Artur deixara-nos, não tínhamos sido descobertos, mas o som dos cânticos e a quietude do palácio eram ambos petrificadores.

Talvez esse terror tivesse origem num feitiço lançado por Dinas e Lavaine, ou talvez fosse porque tudo ali parecia tão pouco natural. Estávamos habituados a madeira, colmo, terra e ervas e aquele lugar úmido feito de arcos de tijolo e

pavimentos de pedra era estranho e enervante. Um dos meus homens tremia.

Nimue acariciou a mão do homem para tornar a incutir-lhe coragem e em seguida caminhou, descalça, na direção das portas do templo. Acompanhei-a, cuidando onde pousava as minhas botas para não fazer barulho. Queria puxá-la para trás. Era evidente que estava empenhada em desobedecer às ordens de Artur, que nos ordenara que esperássemos até que os ritos tivessem terminado, e eu temia que ela fizesse qualquer coisa precipitada que alertasse as mulheres do templo e fizesse com que elas desatassem aos gritos, o que arrancaria os lanceiros às suas cabanas. Mas as minhas botas pesadas e barulhentas não deixavam que me movimentasse tão rapidamente quanto Nimue que caminhava descalça ignorando os meus sussurros de advertência. Ao invés apoderou-se de um dos puxadores de bronze do templo. Hesitou por um instante e depois abriu a porta e, de súbito, a melodia fantasmagórica e clangorosa subiu de tom.

Os gonzos das portas tinham sido oleados e a porta abriu-se silenciosamente deixando ver uma escuridão absoluta. Era a escuridão mais completa que eu jamais vira e era provocada pelos pesados cortinados suspensos a escassos metros para além da porta. Fiz sinal aos meus homens para que não se mexessem e dispus-me a seguir Nimue. Quis retê-la, mas

ela resistiu à pressão das minhas mãos e puxou a porta do templo. Os cânticos soavam agora mais perto. Não conseguia ver nada e apenas podia ouvir o coro, mas o templo estava impregnado de um odor intenso e nauseabundo.

Nimue tateou o escuro à minha procura e depois puxou a minha cabeça para baixo até ficar perto da dela.

- O mal! - pronunciou suavemente.

- Não devíamos estar aqui - sussurrei.

Ela ignorou o meu comentário. Em vez disso tornou a tatear no escuro e descobriu o cortinado e, um instante depois, uma estreita fenda de luz surgiu quando ela descobriu o rebordo do cortinado. Continuei atrás dela, baixei-me e olhei por cima do seu ombro. De início, a abertura era tão pequena que eu não conseguia ver quase nada, mas depois, à medida que os meus olhos iam discernindo o que estava do outro lado do cortinado, acabei por ver demais. Vi os mistérios de Ísis.

Para que eu conseguisse encontrar um sentido para aquela noite tinha de saber a história de Ísis. Fiquei conhecendo-a mais tarde, mas naquele momento, olhando por cima dos cabelos curtos de Nimue, não fazia a menor idéia do que o ritual significava.

Sabia apenas que Ísis era uma deusa e que para muitos romanos era uma deusa dotada dos maiores poderes. Sabia também que era uma protetora de tronos, o que explicava o trono negro e baixo que continuava sobre o estrado, no extremo mais afastado da cave, embora não conseguíssemos vê-lo com muita nitidez em virtude da espessa cortina de fumaça que revolteava e flutuava por todo o aposento escuro, subindo na direção da clarabóia. A fumaça libertava-se dos braseiros, cujas chamas tinham sido engrossadas por ervas que exalavam o odor acre e estonteante que cheiráramos na orla do bosque.

Não podia ver o coro que continuava cantando apesar da fumaça, mas podia distinguir os adoradores de Ísis e, de início, não acreditei no que os meus olhos viram.

Não queria acreditar.

Vi oito adoradores ajoelhados no chão de pedra negra, todos eles nus. Estavam de costas para nós, mas ainda assim pude ver que alguns dos adoradores nus eram homens. Não eram, pois, surpreendentes os risinhos abafados de Gwenhwyvach, que daquela maneira antecipava este momento, pois já devia conhecer aquele segredo. Os homens, Guinevere sempre asseverara, não eram admitidos no templo de Ísis, mas ali estavam eles naquela noite e, eu suspeitava, em todas as noites em que a lua cheia

derramasse a sua fria claridade através da abertura no teto da cave. As chamas vacilantes dos braseiros projetavam os seus clarões acobreados sobre as costas dos adoradores. Estavam todos nus. Homens e mulheres, todos nus, tal como Morgana me prevenira havia tantos anos.

Os adoradores estavam nus, mas o mesmo não acontecia com os dois oficiantes.

Lavaine era um deles. Estava de pé, num dos lados do trono negro e baixo, e a minha alma exultou quando o vi. Fora a espada de Lavaine que decepara a cabeça de Dian e entre ele e a minha espada havia apenas a largura da cave propriamente dita. Ali estava ele, alto, ao lado do trono, a cicatriz que lhe cortava a face iluminada pela claridade dos braseiros e os seus cabelos negros, oleados como os de Lancelot de forma que caíssem sobre as suas vestes negras. Na mão segurava um esguio bastão negro, encimado por uma pequena lua dourada, em quarto crescente. Não havia sinal de Dinas.

Duas tochas cintilantes enfiadas em argolas de ferro ladeavam o trono, onde Guinevere estava sentada, personificando Ísis. Os seus cabelos estavam enrolados no alto da cabeça, presos por um aro de ouro do qual saíam dois chifres projetados para cima. Não eram chifres de um animal que eu conhecesse, e mais tarde viemos a descobrir

que tinham sido talhados em marfim. Em torno do pescoço trazia uma pesada torques de ouro, mas não usava mais nenhuma jóia, apenas uma ampla capa vermelha-escura que escondia todo o seu corpo. Não via o chão à frente dela, mas sabia que o poço pouco profundo se situava ali e supus que estivessem à espera que o luar penetrasse através da clarabóia e inundasse as águas negras com o seu clarão prateado.

Ao fundo viam-se os cortinados, por trás dos quais, dissera Ceinwyn, havia uma cama, que no momento estavam corridos.

De súbito, uma luz vacilante cintilou no meio do fumaça flutuante, e os adoradores nus soltaram uma exclamação perante a promessa nela encerrada. A pequena réstia de luz era pálida e prateada, a prova de que a Lua ia já suficientemente alta para que os seus primeiros raios oblíquos descessem sobre o pavimento da cave.

Lavaine esperou alguns instantes que a claridade se tornasse mais intensa e então bateu duas vezes no chão com o bastão.

- Eis chegada a hora - disse, na sua voz gutural e áspera, - eis chegado o momento.

O coro calou-se.

Depois nada aconteceu. Limitaram-se a esperar em silêncio que a coluna formada pela luz da Lua envolta em fumaça engrossasse e deslizasse ao longo do pavimento, trazendo-me à memória aquela noite distante em que, enrodilhado no cume do outeiro rochoso perto de *Llyn Cerrig Bach*, vira o luar deslizar na direção do corpo de Merlim. Agora, via de novo o luar deslizar e oscilar no interior do templo silencioso de Ísis.

O silêncio estava carregado de maus presságios. Uma das mulheres nuas, ajoelhadas, soltou um gemido baixo e tornou a imobilizar-se. Outra balouçava para frente e para trás.

O raio de luar tornou-se ainda mais amplo e os seus reflexos projetavam uma claridade pálida sobre o rosto belo e severo de Guinevere. A coluna de luz era agora quase vertical. Uma das mulheres nuas tremia, não de frio, mas sim de êxtase. Então, Lavaine inclinou-se para frente para espreitar pela clarabóia. A Lua iluminou a sua barba enorme, e o seu rosto surgiu duro e largo marcado pela cicatriz feita em combate. Olhou para cima durante alguns instantes e depois recuou alguns passos e tocou solenemente o ombro de Guinevere.

Ela ergueu-se e os chifres que adornavam a sua cabeça quase tocaram o teto baixo e arqueado da cave. Os seus braços e mãos estavam escondidos por trás da capa, que caía a direito desde os ombros até ao chão. Cerrou os olhos.

- Quem é a deusa? - perguntou.

- Ísis, Ísis, Ísis - as mulheres pronunciaram o nome com suavidade, - Ísis, Ísis, Ísis.

A coluna formada pela luz do luar era agora quase tão larga quanto a clarabóia e fazia lembrar um imenso pilar de luz prateada e nebulosa, que reluzia e ondulava no centro da cave. Quando vira o templo pela primeira vez, achara-o um lugar extravagante, mas à noite, iluminado por aquele cintilante pilar de luz branca parecia-me tão fantástico e fantasmagórico e misterioso como todos os santuários que eu conhecia.

- E quem é o deus? - perguntou Guinevere, ainda de olhos cerrados.

- Osíris - responderam os homens nus em voz baixa, - Osíris, Osíris, Osíris.

- E quem se sentará no trono? - perguntou Guinevere.

- Lancelot - responderam homens e mulheres em conjunto, - Lancelot, Lancelot.

Foi quando ouvi esse nome que soube que nada ficaria no lugar certo esta noite.

Esta noite nunca traria de volta a velha *Dumnónia*. Esta noite nada nos ofereceria a não ser o horror, pois eu sabia que esta noite destruiria Artur e queria afastar-me daquele cortinado, voltar para o interior da cave e empurrá-lo para o ar fresco da noite iluminada pelo luar claro para depois fazê-lo recuar no tempo, anos, dias e horas de forma que ele nunca tivesse de passar por esta noite. Mas não me mexi. Nimue não se mexeu. Nenhum de nós ousou mexer-se, pois Guinevere estendera a sua mão direita para aceitar o bastão negro que Lavaine lhe estendia. Este gesto entreabriu a capa vermelha, no lado direito, e eu vi que por baixo das pesadas dobras da capa ela estava nua.

- Ísis, Ísis, Ísis - suspiravam as mulheres.

- Osíris, Osíris, Osíris - sussurravam os homens.

- Lancelot, Lancelot, Lancelot - entoaram todos em cântico.

Guinevere pegou o bastão com a extremidade dourada e deu um passo em frente, deixando cair de novo a capa que cobriu de sombras o seu seio direito. Em seguida, em movimentos muito lentos e gestos exagerados, tocou com o bastão algo que estava dentro do poço de água, precisamente por baixo da brilhante e tremeluzente clarabóia de fumaça prateada, que agora descia dos céus na vertical. Mais ninguém se movia dentro da cave. Ninguém parecia respirar, sequer.

- Ergam-se! - ordenou Guinevere, - ergam-se.

E o coro começou a entoar de novo o seu cântico bizarro e obsessivo.

- Ísis, Ísis, Ísis – eles cantavam, e sobre as cabeças dos adoradores vi um homem erguer-se do interior do poço. Era Dinas, e o seu corpo alto e musculoso e os longos cabelos negros escorriam água à medida que ele se endireitava e que o coro entoava o nome da deusa cada vez mais alto. - Ísis! Ísis! Ísis! - cantaram eles, até Dinas ficar finalmente em pé diante de Guinevere, de costas para nós, e nu. Ele saiu do poço e Guinevere entregou o bastão negro a Lavaine, depois ergueu as mãos e desapertou a capa deixando-a cair para cima do trono. A esposa de Artur ficou ali, de pé, nua, à

exceção do ouro que lhe adornava o pescoço e do marfim que lhe rodeava a cabeça, e abriu os braços para que o neto nu de Tanaburs pudesse subir para o estrado e receber o seu abraço. - Osíris! Osíris! Osíris! - clamavam as mulheres que se encontravam na cave.

Algumas balançavam-se para frente e para trás como os adoradores cristãos de *Isca*, que tinham sucumbido a um êxtase semelhante. As vozes que ecoavam pela cave tornavam-se agora dissonantes. - Osíris! Osíris! Osíris! - cantavam, e Guinevere recuou quando Dinas se virava em

toda a sua nudez para enfrentar os adoradores e erguia os braços num gesto de triunfo. Com esse movimento exibiu o seu magnífico corpo nu e não havia dúvidas que era um homem ou quanto ao que se dispunha a fazer em seguida, quando Guinevere, com o seu corpo alto, bonito e direito, magicamente tingido de prata pelo luar cintilante envolto pelo fumaça, tocou o seu braço direito e o conduziu na direção do cortinado por trás do trono. Lavaine acompanhou-os enquanto as mulheres se contorciam em adoração e balouçavam para frente e para trás, proferindo o nome da sua grande deusa.

- Ísis! Ísis! Ísis!

Guinevere afastou o pesado cortinado para o lado. Por breves instantes entrevi o aposento que estava por trás dele, que parecia tão brilhante como o Sol. Então, o cântico dissonante elevou-se para atingir um novo pico de excitação quando os homens do templo se aproximaram das mulheres que estavam ao seu lado; nesse preciso momento as portas atrás de mim escancararam-se e Artur, magnífico no seu equipamento de guerra, entrou no vestíbulo do templo.

- Não, Senhor - disse-lhe eu, - não, Senhor, por favor.

- Não devias estar aqui, Derfel - falou num tom de voz baixo, mas com uma entoação reprovadora. Na sua mão direita

segurava o pequeno ramo de centáureas azuis que colhera para Guinevere, enquanto com a esquerda segurava a mão do filho. - Afaste-se - ordenou.

Nesse momento, porém, Nimue afastou o enorme cortinado para os lados e o pesadelo do meu Senhor começou.

Ísis é uma deusa. Os romanos trouxeram-na para a Bretanha, embora ela não fosse originária de Roma, mas sim de um país longínquo, bem a oriente de Roma. Mitras era outro dos deuses naturais dessas regiões, ainda que não fosse do mesmo país, segundo creio. Galaad disse-me que metade das religiões do Mundo nasciam no Oriente onde, acho eu, os homens se parecem mais com Sagramor do que conosco. O

cristianismo é outra dessas crenças trazidas de terras longínquas onde, assegura-me Galaad, os campos nada produzem senão areia, o Sol é mais escaldante que na Bretanha e a neve nunca cai.

Ísis vinha dessas regiões ardentes. Tornou-se uma deusa poderosa para os romanos e muitas mulheres, na Bretanha, adotaram o seu culto que permaneceu depois da partida dos romanos. Nunca fora tão popular como o cristianismo, pois este abria as suas portas a todos os que quisessem adorar o seu Deus, enquanto Ísis, tal como Mitras, restringia o círculo dos seus seguidores àqueles, e apenas àqueles, que

tivessem sido iniciados nos seus mistérios. De certa maneira, dissera Galaad, Ísis fazia lembrar a Santa Mãe dos cristãos, pois era considerada a mãe perfeita do seu filho, *Horus*. Ísis, porém, possuía poderes que a Virgem Maria nunca reclamara para si. Aos olhos dos seus adeptos, Ísis era a deusa da vida e da morte, da cura e, claro, dos tronos mortais.

Galaad contara-me que ela era casada com um deus chamado *Osíris*, mas este fora morto numa guerra entre deuses e o seu corpo foi desmembrado em vários pedaços, que foram atirados para dentro de um rio. Ísis recuperou os membros espalhados do seu corpo e, ternamente, voltou a reuni-los e deitou-se com eles com o fito de fazer o marido regressar à vida. Osíris voltou a viver, de fato, reanimado pelos poderes de Ísis. Galaad odiava esta história e benzera-se várias vezes enquanto a contava. Suponho que a cerimônia a que Nimue e eu tínhamos assistido naquela cave escura e cheia de fumaça era a história da ressurreição e da mulher que faz reviver o homem. Vimos Ísis, a deusa, a mãe, a geradora de vida executar o milagre que tornava a instilar o sopro da vida no corpo do marido e a transformava na guardiã dos vivos e dos mortos e na soberana dos tronos dos homens. E era este último poder, o poder que determinava quais os homens que deveriam sentar-se nos tronos desta terra, que era, para Guinevere, a dádiva suprema da deusa. Era o poder que investia o outorgador de tronos que levava Guinevere a adorar Ísis.

Nimue afastou o cortinado para os lados e a cave encheu-se de gritos.

No espaço de um segundo, no espaço de um terrível segundo, Guinevere hesitou junto ao cortinado, no outro extremo do aposento, e virou-se para ver o que tinha vindo perturbar os seus ritos. Ficou onde estava, alta, nua e terrífica na sua beleza pálida, ladeada por um homem nu. À entrada da cave, segurando o filho numa das mãos e as flores na outra, estava o homem que era seu marido. As proteções do elmo de Artur estavam desapertadas e eu pude contemplar o seu rosto naquele momento terrível. Era como se a sua alma tivesse escapado nesse momento.

Guinevere desapareceu atrás do cortinado, levando Dinas e Lavaine com ela, e Artur soltou um som medonho, um som que era uma combinação de um grito de guerra com o clamor um homem devastado pela dor. Empurrou Gwydre para trás, deixou cair as flores, depois desembainhou a *Excalibur* e precipitou-se para frente atravessando sem pensar o grupo de adoradores nus que gritavam e se afastavam com movimentos atabalhoados para deixá-lo passar.

- Agarrem-nos a todos! - gritei para os lanceiros que seguiam atrás de Artur, -

não os deixem escapar! Apanhem-nos!

Em seguida corri atrás de Artur com Nimue ao meu lado. Artur saltou por cima do poço negro, soltou uma das tochas quando atravessou o estrado e descerrou o cortinado preto com a lâmina da *Excalibur*.

E aí estacou.

Parei ao seu lado. Livrara-me da lança enquanto atravessava o templo e nesse momento tinha a *Hywelbane* na mão. Nimue estava ao meu lado e soltou um uivo triunfante quando contemplou o pequeno aposento quadrado que era um prolongamento da cave arqueada. Parecia ser o santuário interior de Ísis e, aí, ao serviço da deusa, estava o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*.

O Caldeirão foi a primeira coisa que vi, já que estava colocado sobre um pedestal negro que chegava à cintura de um homem e as velas espalhadas pelo aposento eram tantas que o Caldeirão parecia resplandecer em reflexos de prata e ouro cintilando sob a sua luz brilhante. Esta luz tornava-se ainda mais brilhante porque o aposento, à exceção da parede coberta pelo cortinado, estava forrado de espelhos. Havia espelhos nas paredes e até no teto, espelhos que multiplicavam as chamas das velas e refletiam a nudez de Guinevere e Dinas. Aterrorizada, Guinevere enfiara-se na cama ampla que ocupava o canto mais recuado do aposento e agarrara-se furiosamente a uma manta felpuda, num

esforço para esconder a palidez da sua pele. Dinas estava a seu lado, as mãos coladas às virilhas, e Lavaine enfrentava-nos com um olhar desafiador.

Olhou para Artur, pôs de parte Nimue com um relance e estendeu o esguio bastão negro na minha direção. Ele sabia que eu tinha vindo para matá-lo e agora iria tentar deter-me recorrendo à mais poderosa das magias que estivesse ao seu alcance.

Apontou o bastão para mim e com a outra mão segurava um fragmento incrustado em cristal da verdadeira cruz que o bispo Sansum dera a Mordred no dia da aclamação deste. Segurava o fragmento suspenso sobre o Caldeirão, repleto de um líquido escuro e aromático.

- As suas outras filhas morrerão também - disse-me. - Basta que o largue.

Artur ergueu a *Excalibur*.

- O teu filho também! - disse Lavaine, deixando-nos a ambos petrificados. -

Agora, vão - disse, com uma autoridade tranqüila. - Invadiram o santuário da deusa e agora vão sair, deixando-nos empaz. Ou então todos vocês, e todos os seus entes queridos, morrerão.

Esperou. Atrás dele, entre o Caldeirão e a cama, estava a Távola Redonda de Artur com a imagem de um cavalo alado em pedra, sobre o qual, tinham sido colocados um cesto castanho-claro, um chifre vulgar, um velho cabresto, uma faca usada, uma pedra de amolar, uma cota com mangas, uma capa, um prato de barro, um escudo, um anel de guerreiro e um monte de tábuas de madeira podres e partidas. O pedaço da barba de Merlim também estava entre os objetos, ainda envolta na sua fita preta. Todo o poder da Bretanha estava concentrado naquele pequeno aposento, aliado a um pedaço da mais poderosa das magias cristãs.

Ergui a *Hywelbane* e nesse momento Lavaine fez menção de deixar cair o fragmento da cruz verdadeira para dentro do líquido, o que fez com que Artur levasse a mão ao meu escudo.

- Saiam - disse Lavaine. Guinevere nada disse, limitando-se a fixar em nós os olhos muito abertos, por cima da pele que a cobria parcialmente.

Então, Nimue sorriu. Tinha segurado a capa enrolada numa trouxa em ambas as mãos, mas nesse momento sacudiu-a na direção de Lavaine. Gritou enquanto desenrolava a capa. Foi um guincho terrível e sobrenatural, que ecoou muito acima dos gritos proferidos pelas mulheres atrás de nós.

Víboras voaram pelos ares. Devia haver uma dúzia de cobras dentro da capa, todas elas reunidas por Nimue durante a tarde desse dia e reservadas para aquele momento. Contorciam-se no ar e Guinevere gritou e puxou a pele para cobrir o rosto enquanto Lavaine, ao ver uma cobra voar direita aos seus olhos, vacilou e agachou-se instintivamente. O fragmento da cruz verdadeira resvalou pelo chão enquanto as cobras, excitadas pelo calor que fazia na cave, serpenteavam sobre o leito e por cima dos Tesouros da Bretanha. Dei um passo em frente e desferi um golpe violento no estômago de Lavaine. Ele caiu e depois gritou quando uma das víboras lhe mordeu o tornozelo.

Dinas encolheu-se para fugir das cobras que estavam sobre a cama e depois ficou absolutamente imóvel quando a *Excalibur* lhe tocou a garganta.

A *Hywelbane* estava colada à garganta de Lavaine e, com a lâmina, obriguei-o a levantar o rosto e a fitar-me. Então sorri.

- A minha filha - disse, em voz baixa - está nos vendo do Outro Mundo. E envia-lhe saudações, Lavaine.

Ele tentou falar, mas nenhuma palavra saiu da sua boca. Uma cobra deslizou sobre a perna dele.

Artur fixou o olhar no lugar onde a mulher se escondia, debaixo da pele. Então, de uma forma quase terna, afastou as

cobras da pele preta com a ponta da *Excalibur* e puxou a pele para trás até conseguir ver o rosto de Guinevere. Ela olhou para ele e, nesse momento, nada restava da sua imensa altivez. Era apenas uma mulher aterrorizada.

- Você tem alguma roupas aqui? - perguntou Artur com ternura.

Ela abanou a cabeça.

- Há uma capa vermelha sobre o trono - disse-lhe eu.

- Pode ir buscá-la, Nimue? - perguntou Artur.

Nimue trouxe a capa e Artur estendeu-a na direção da mulher, suspensa na ponta da *Excalibur*.

- Aqui está - disse, no mesmo tom terno, - para você.

Um braço nu emergiu de debaixo da pele e agarrou a capa.

- Vire-se Guinevere - dirigiu-se a mim numa voz sumida e assustada.

- Vire-se, Derfel, por favor - disse Artur.

- Uma coisa, antes disso, Senhor.

- Vire-se - insistiu ele, sem desviar os olhos da mulher.

Alcancei o rebordo do Caldeirão e o tirei do pedestal. O valioso Caldeirão caiu ao chão com estridor e o líquido que ele continha espalhou-se numa mancha escura sobre as lajes do pavimento. O movimento atraiu a sua atenção. Ele fitou-me e eu quase não reconheci o seu rosto, de tão duro, frio e desprovido de vida estava. Mas algo mais tinha de ser dito nessa noite e se o meu Senhor tinha de engolir aquele cálice de horrores então podia perfeitamente esvaziá-lo até à última gota amarga. Tornei a aproximar a ponta da *Hywelbane* debaixo do queixo de Lavaine.

- Quem é a deusa? - perguntei-lhe.

Ele abanou a cabeça e eu empurrei *Hywelbane* com força suficiente até lhe fazer sangrar a garganta.

- Quem é a deusa? - tornei a perguntar.

- Isis - murmurou ele.

Apertava o tornozelo no lugar onde a cobra o mordera.

- E quem é o Deus? - inquiri.

- Osíris - respondeu ele numa voz aterrorizada.

- E quem - perguntei - deverá sentar-se no trono?

Ele tremeu e ficou calado.

- Estas, Senhor - disse eu a Artur, a minha espada ainda encostada à garganta de Lavaine, - são as palavras que não escutou. Mas eu as ouvi, e Nimue também. Quem deverá sentar-se no trono? - tornei a perguntar a Lavaine.

- Lancelot - disse ele, num tom de voz tão sumido que era quase inaudível.

Artur, porém, ouviu, tal como deve ter visto a grande insígnia bordada a branco sobre a suntuosa coberta preta que cobria o leito, escondido debaixo da pele de urso, no aposento forrado de espelhos. Era a águia-marinha de Lancelot.

Cuspi sobre Lavaine, embainhei a *Hywelbane* e depois dei um passo em frente e agarrei-o pelos longos cabelos negros. Nimue já tinha agarrado Dinas. Nós os arrastamos de volta ao templo e eu corri o cortinado atrás de mim para que Artur e Guinevere pudessem ficar a sós. Gwenthwyvach tinha observado toda a cena e desfazia-se agora em gargalhadas sonoras. Os adoradores e o coro, todos nus, estavam agachados num dos cantos da cave, guardados pelas lanças dos homens de Artur. Gwydre, aterrorizado, estava encolhido junto à porta da cave.

- Atrás de nós, Artur - gritou uma palavra:

- Porquê?

E eu levei os assassinos da minha filha para a noite enluarada.

Quando a madrugada despontou estávamos ainda no Palácio do Mar. Já

devíamos ter partido, pois alguns dos lanceiros tinham conseguido escapar das cabanas quando os cavaleiros desceram finalmente da colina, chamados pelo corno de Artur, e estes fugitivos fariam soar o alarme por toda a *Dumnónia*, a norte. Artur, porém, parecia incapaz de tomar uma decisão. Era um homem atordoado.

Ainda chorava quando a alvorada inundou o mundo com a sua claridade.

Dinas e Lavaine morreram nesse momento. Morreram à beira do ribeiro. Não creio que seja um homem cruel, mas as suas mortes foram extremamente cruéis e demoradas. Foi Nimue quem as planejou, e durante todo o tempo que as suas almas demoraram a libertar-se da carne ela não se cansou de repetir aos seus ouvidos, num tom ciciante, o nome de Dian.

Quando morreram já não eram homens, as suas línguas tinham desaparecido e a cada um deles só restava um olho, um pequeno gesto de misericórdia que apenas lhes foi concedido para que pudessem conhecer o calvário seguinte que os esperava. E viram-no, de fato, enquanto morriam. A

última coisa que ambos viram foi a madeixa de cabelo brilhante no punho da *Hywelbane*, no momento em que concluí o que Nimue começara. A essa altura, os gêmeos eram meras coisas, coisas sangrentas e trêmulas de terror, e quando morreram beijeí o pequeno pedaço de cabelo, que em seguida levei até junto de um dos braseiros que ardiam sob as arcadas do palácio e atirei para o meio das brasas, para que nenhum fragmento da alma de Dian fosse deixado vagueando pela terra. Nimue fez o mesmo com a barba entrançada de Merlim.

Abandonamos os corpos dos gêmeos virados sobre o lado esquerdo, junto ao mar e as primeiras gaivotas da aurora aproximaram-se para bicar a carne torturada com os seus bicos longos e curvos.

Nimue resgatara o Caldeirão e os Tesouros.

Antes de morrerem, Dinas e Lavaine, contaram-lhe toda a história, e Nimue comprovou que sempre estivera certa. Fora Morgana quem roubara os Tesouros dando-os a Sansum para assim convencê-lo a desposá-la. Sansum, por sua vez oferecera-os a Guinevere. Fora a promessa de uma oferenda de peso o que propiciara a reconciliação entre Guinevere e o Lorde Rato, antes do batismo de Lancelot no rio *Churn*. Quando ouvi a história pensei que se ao menos tivesse aceito que Lancelot fosse admitido nos mistérios de Mitras

talvez nada disto tivesse acontecido. O destino é inexorável.

As portas do santuário estavam fechadas, agora. Nenhum dos que tinham ficado presos no seu interior tinha escapado e mal Guinevere fora tirada de lá e depois de Artur ter conversado com ela durante muito tempo, regressara à cave sozinho, com a *Excalibur* pela mão só tornando a sair uma hora depois. Quando reapareceu, o seu rosto estava mais gelado do que o mar e tão cinzento como a lâmina da *Excalibur*. Só que a preciosa lâmina estava agora tingida de vermelho e banhada em sangue. Numa das mãos trazia o círculo de ouro em forma de chifres que Guinevere usara quando personificara Ísis e, na outra, a espada.

- Estão mortos - disse-me.

- Todos?

- Todos. - Parecia estranhamente des preocupado, embora tivesse sangue nos braços e na armadura e, até, uns salpicos nas plumas do elmo.

- As mulheres também? - perguntei, porque Lunete estava entre as adoradoras de Ísis. Não sentia nenhum afeto por ela nesse momento, mas em tempos fora minha amante e senti pena dela. Os homens do templo tinham sido os mais formosos dos lanceiros de Lancelot e as mulheres eram servas de Guinevere.

- Todas mortas - disse Artur, num tom quase leviano. Aproximara-se lentamente percorrendo o caminho de gravilha que atravessava o jardim.

- Não foi a primeira noite que fizeram isto - disse ele, e na sua voz havia uma nota de perplexidade. - Parece até que o faziam com freqüência. Todos eles. Sempre que a Lua estava na fase certa. E faziam-no uns com os outros. Exceto Guinevere. Ela só o fazia com os gêmeos ou com Lancelot.

Nesse momento estremeceu, traindo o primeiro indício de emoção desde que deixara a cave com uma expressão glacial no olhar.

- Aparentemente - disse ele costumava fazê-lo em meu benefício. Quem deverá

sentar-se no trono? Artur, Artur, Artur; mas eu não devo ter sido do agrado da deusa. -

Tinha começado a chorar. - Ou então resisti à deusa com muita obstinação e eles mudaram o nome para Lancelot. - Trespassei os ares com um movimento fútil da espada ensanguentada. - Lancelot - disse ele numa voz embargada pela angústia. - Há anos que ela dorme com Lancelot, Derfel, e tudo em nome da religião, diz ela! Da religião! Ele personificava habitualmente Osíris e ela, Ísis. Que outra coisa poderia ela ter sido? -

Alcançou o terraço e sentou-se num banco de pedra de onde podia contemplar a enseada banhada pela Lua. - Não devia tê-los morto - disse, passado muito tempo.

- Não, Senhor - disse eu, - não devia ter feito.

- Mas que mais podia eu fazer? Era uma obscenidade, Derfel, simples obscenidade! - Nesse momento começou a soluçar. Disse qualquer coisa sobre a vergonha, sobre o fato dos mortos terem sido testemunhas da vergonha da sua esposa, e da sua própria desonra, e quando não foi capaz de dizer mais nada, limitou-se a soluçar descontroladamente enquanto eu permanecia calado. Ele não parecia importar-se em saber se eu iria ficar junto dele ou não, mas deixei-me ficar até ao momento de levar Dinas e Lavaine para a beira-mar, para que Nimue pudesse arrancar as suas almas dos respectivos corpos, centímetro por centímetro.

E agora, na madrugada cinzenta, Artur estava sentado, exausto, sobre o mar. Os chifres jaziam aos seus pés, enquanto o elmo e a *Excalibur* repousavam no banco ao seu lado. O sangue que manchava a lâmina da espada secara, entretanto e formara uma espessa crosta castanha.

- Temos de partir, Senhor - disse-lhe eu à medida que a alvorada emprestava ao mar uma tonalidade semelhante à da lâmina de uma lança.

- Amor - disse ele, amargamente.

Pensei que ele tinha me ouvido bem.

- Temos de partir, Senhor - tornei a dizer.

- Para quê? - perguntou ele.

- Para completar o seu juramento.

Cuspiu e continuou sentado, em silêncio. Os cavalos tinham sido trazidos do bosque e o Caldeirão, bem como os Tesouros da Bretanha, estavam devidamente acondicionados para iniciar a viagem. Os lanceiros fitavam-nos e esperavam.

- Haverá algum juramento - perguntou ele, desiludido - que não tenha sido quebrado? Um único?

- Temos de ir, Senhor - disse-lhe, mas ele não se mexeu, nem falou, e eu virei-lhe as costas. - Então partiremos sem você - disse eu, brutal.

- Derfel! - chamou Artur, a voz embargada por uma dor genuína.

- Senhor? - Virei-me.

Baixou os olhos e fitou a espada, parecendo surpreso

quando viu que estava toda ensangüentada.

- A minha mulher e o meu filho estão num aposento lá em cima - disse-me. - Vá

buscá-los, sim? Podem viajar no mesmo cavalo. Depois podemos ir.

Lutava ferozmente para falar com uma voz normal, como se esta fosse apenas mais uma madrugada como as outras.

- Sim, Senhor - disse eu.

Levantou-se e enfiou a *Excalibur* dentro da respectiva bainha, mesmo ensangüentada.

- Em seguida, creio eu - disse em tom azedo, - temos de reconstruir a Bretanha?

- Sim, Senhor - respondi, - temos.

Olhou para mim e percebi que queria chorar outra vez.

- Sabe de uma coisa, Derfel? - perguntou-me.

- Diga, Senhor - pedi.

- A minha vida nunca mais tornará a ser a mesma, não é?

- Não sei, Senhor - disse, - não sei mesmo.

As lágrimas corriam ao longo das suas faces.

- Vou amá-la até o dia em que morrer. Todos os dias que viva pensarei nela.

Todas as noites, antes de adormecer, eu a verei, e todas as madrugadas hei de virar-me no nosso leito para descobrir que ela não está lá. Todos os dias, Derfel, e todas as noites e todas as madrugadas até ao instante da minha morte.

Pegou o elmo adornado com a pluma salpicada de sangue, abandonou os chifres de marfim e acompanhou-me. Fui buscar Guinevere e o filho dela no aposento onde ambos se encontravam recolhidos e partimos.

Gwenhwyvach ficou com o Palácio do Mar só para ela. Aí passou a viver sozinha, meio tresloucada, e rodeada por cães e pelos magníficos tesouros que sucumbiam à

ruína a toda a volta. Punha-se à janela, aguardando a chegada de Lancelot, pois estava certa que um dia, o seu Senhor viria viver com ela à beira-mar no palácio da irmã. O seu Senhor, porém, nunca chegou, os tesouros foram roubados, o palácio ruiu e Gwenhwyvach morreu. Pelo menos foi o que nos contaram. Ou talvez ainda viva lá, aguardando junto à enseada o homem que jamais chegará.

Partimos. E nos taludes lamacentos da enseada, as gaivotas debicavam e dilaceravam a carne putrefata.

Num longo vestido negro coberto por uma capa verde-escura e com o cabelo ruivo esticado para trás num penteado severo preso por uma fita negra, Guinevere seguia montada na égua de Artur, *Llamrei*. Sentada de lado, agarrando as rédeas pelo bridão com a mão direita e, com o braço esquerdo, rodeando a cintura do filho assustado e choroso que não tirava os olhos do pai. Este caminhava teimosamente atrás do cavalo.

- Sou o pai dele, suponho? - Artur cuspiu-lhe uma vez.

Guinevere, os olhos vermelhos das lágrimas, limitou-se a desviar o olhar. O

movimento do cavalo fazia-a balançar para frente e para trás, para frente e para trás, o que apesar de tudo não a impedia de manter o mesmo porte gracioso de sempre.

- E mais ninguém, meu Príncipe - respondeu após uma longa pausa. - Mais ninguém.

Depois disso caminhou em silêncio. Não desejava a minha companhia, não desejava a companhia de ninguém a não ser a da sua própria dor, pelo que fui juntar-me a Nimue na cabeça do cortejo. Logo atrás vinham os cavaleiros,

seguidos de Guinevere, e na retaguarda os meus lanceiros escoltando o Caldeirão. Nimue percorria a mesma estrada que nos conduziu até à costa e que no trecho que atravessávamos no momento não era mais do que uma trilha acidentada que subia até uma charneca descarnada interrompida por extensões escuras de teixo e giesta.

- Gorfyddyd tinha razão, afinal - disse eu pouco depois.

- Gorfyddyd? - perguntou Nimue, espantada por eu ter ido resgatar no passado o nome daquele velho rei.

- No Vale do *Lugg* - recordei-a, - ele disse que Guinevere era uma meretriz.

- E você, Derfel Cadarn - disse Nimue, com desdém, - é especialista em meretrizes?

- E que outra coisa é ela senão isso? - perguntei, com azedume.

- Não é uma meretriz - disse Nimue. Esboçou um gesto para frente, apontando para as colunas de fumaça que se elevavam acima das árvores distantes denunciando o local onde uma guarnição de *Vindocládia* cozinhava o almoço. - Teremos de evitá-los -

disse Nimue e saiu da estrada conduzindo-nos até um

arvoredo mais denso que se estendia para oeste. Suspeitei que a guarnição já tinha conhecimento que Artur viera ao Palácio do Mar e não sentia qualquer desejo de enfrentá-lo, mas, obediente seguiu atrás de Nimue e os cavaleiros fizeram o mesmo.

- O que fez Artur - disse ela mais tarde - foi casar com uma rival em vez de ter escolhido uma companheira.

- Uma rival?

- Guinevere seria capaz de governar a *Dumnónia* tão bem como qualquer homem

- volveu Nimue - e melhor do que muitos. É mais inteligente do que ele e igualmente determinada. Se tivesse nascido filha de Uther em vez de ter por pai aquele idiota do Leodegan, tudo teria sido muito diferente. Seria uma nova Boudicca e haveria cristãos mortos daqui até o mar da Irlanda, e saxões mortos até ao mar Germânico.

- Boudicca - lembrei-lhe - perdeu a guerra.

- Tal como Guinevere - disse Nimue, sombriamente.

- Não vejo como pode ter sido rival de Artur - disse, algum tempo depois. - Ela tinha poder. Suponho que ele nunca tomou uma decisão sem falar com ela.

- E ele discutia com o Conselho, do qual nenhuma mulher pode fazer parte -

disse Nimue, mordaz. - Imagine-se na posição de Guinevere, Derfel. Ela é mais arguta do que todos vocês juntos, mas qualquer idéia que ela pudesse ter era posta à consideração de um grupo de homens apagados e lentos. Você e o bispo Emrys e Cythryn, aquele cretino, que finge ser tão sensato, justo e depois chega em casa e bate na mulher e obriga-a a assistir enquanto ele está na cama com uma anã.

Conselheiros! Acha que a *Dumnónia* iria notar a diferença se todos vocês morressem afogados?

- Um rei deve ter um Conselho - reagi, indignado.

- Não, se for inteligente - disse Nimue. - Por que motivo deveria ter? Será que Merlim tem um Conselho? Será que Merlim tem necessidade de um quarto repleto de idiotas pomposos que lhe digam o que tem de fazer? A única finalidade de um conselho é

fazer com que todos vocês se sintam muito importantes.

- Faz mais do que isso - insisti. - Como é que um rei conhece o que o seu povo está pensando se não existir um Conselho?

- Que importa o que pensamos os tolos? Basta dar ao povo

uma oportunidade para pensar por ele e metade dele se converterá ao cristianismo. Ora aí está um elogio à sua capacidade para pensar - cuspiu. - E o que você faz, exatamente, no Conselho, Derfel?

Diz a Artur aquilo de que falamos seus pastores? E Cythryn, suponho eu, representa os homens-anões da *Dumnônia*. É isso? - riu. - O povo! O povo é idiota, é por isso que têm um rei e é por isso que o rei tem lanceiros.

- Artur - disse eu, resoluto - tem governado bem o país e o tem feito sem ter de usar as lanças contra o povo.

- E veja o que aconteceu ao país - respondeu Nimue. Caminhou em silêncio durante alguns momentos. Ao fim de algum tempo suspirou. - Guinevere tinha razão desde o início. Artur devia ser rei. Ela sabia isso. Queria isso. Teria até se dado por feliz se tal tivesse acontecido, pois se Artur fosse rei ela seria rainha, e isso teria lhe proporcionado tanto poder quanto precisava. Mas o teu bem-amado Artur não quer sentar-se no trono. Tão magnânimo! Todos aqueles juramentos sagrados! E que queria ele em vez disso? Ser lavrador. Viver como você e Ceinwyn; um lar feliz, filhos, - riu e fez com que estas coisas soassem ridículas. - Acha que perguntou a Guinevere se sentiria satisfeita com esse tipo de vida? Só a idéia a deixava entediada! E isso foi tudo o que Artur sempre quis. Ela é uma dama, inteligente, perspicaz e

ele queria transformá-la numa vaca leiteira. E você se admira que ela tenha procurado outras fontes de excitação?

- Na devassidão?

- Oh, não sejas pateta, Derfel. O fato de ter dormido contigo faz de mim uma meretriz. - Tínhamos alcançado as árvores e Nimue virou para Norte e caminhou entre os freixos e os ulmeiros altos. Os lanceiros seguiram-nos em silêncio. Acho que se os tivéssemos obrigado a andar em círculos eles nos teriam seguido sem protestar, tão atônitos e tolhidos estavam pelos horrores da noite anterior.

- Ela quebrou os votos de casamento, e depois? - disse Nimue. - Acha que é a primeira a fazê-lo? Ou acha que isso faz dela uma meretriz? Seja como for, a Bretanha está saturada de meretrizes. Ela não é uma meretriz, Derfel. É uma mulher forte, que nasceu com um espírito arguto e boa aparência, e Artur gostou da aparência, mas não quis fazer uso da sua mente. Não deixou que ela fizesse dele rei e por isso se virou para aquela religião ridícula. E tudo o que Artur fez foi dizer-lhe quão feliz ela seria quando ele pudesse pendurar a *Excalibur* e começar a criar gado! - Riu perante aquela idéia. - E uma vez que Artur nunca pensaria em ser infiel, nunca suspeitou que Guinevere fosse. Nós, sim, mas Artur não. Insistia em afirmar para si próprio que o casamento era perfeito e durante todo aquele tempo em que

ele permanecia a quilômetros de distância, a beleza de Guinevere atraía homens como o mel atrai as moscas. E eram homens formosos, inteligentes, espirituosos, homens que desejavam o poder. Um deles era um homem formoso que desejava todo o poder que pudesse conseguir, e então Guinevere decidiu ajudá-lo. Artur queria um estábulo, mas Lancelot quer ser Rei Supremo da Bretanha e para Guinevere esse é um desafio mais interessante do que criar vacas ou limpar a porcaria feita pelas crianças. E aquela religião idiota encorajou-a. O soberano dos tronos!

- cuspiu. - Ela não se deitava com Lancelot por ser uma meretriz, meu estúpido, ela deitava-se com ele para fazer com que o seu homem se tornasse Rei Supremo.

- E Dinas? - perguntei. - E Lavaine?

- Eram os sacerdotes dela. Ajudavam-na, e em algumas religiões, Derfel, os homens e as mulheres copulam, faz parte do culto. E porque não? - Empurrou uma pedra com o pé e viu-a desaparecer no meio da corriola. - E acredite, Derfel, aqueles dois eram homens bonitos. Sei, porque lhes arranquei essa beleza, embora não o tivesse feito em virtude do que fizeram com Guinevere. Fiz pelo insulto que fizeram a Merlin e pelo que fizeram com a sua filha. - Caminhamos em silêncio durante alguns metros. - Não despreze Guinevere. Não a despreze por se sentir entediada. Despreza-a, se tiver

de fazê-lo, por ter roubado o Caldeirão e agradeça a Dinas e a Lavaine pelo fato de nunca terem libertado o seu poder. Funcionou com Guinevere, todavia. Ela banhava-se nele todas as semanas e era por isso que nunca envelhecia nem uma semana.

Virou-se quando um som de passos soou atrás de nós. Era Artur que corria ao nosso encontro. Ainda parecia atordoado, mas em dado momento devia ter percebido que abandonáramos a estrada.

- Onde vamos? - perguntou.

- Quer que a guarnição nos veja? - perguntou Nimue voltando a apontar para a fumaça provocada pelos cozidos deles.

Ele não disse nada, olhou apenas para a fumaça como se nunca tivesse visto coisa semelhante até aí. Nimue olhou-me de relance e encolheu os ombros perante a sua evidente confusão.

- Se quisessem lutar - disse Artur - já teriam vindo à nossa procura.

Tinha os olhos inchados e raiados de sangue, e talvez fosse imaginação minha, mas o seu cabelo parecia mais grisalho.

- Que faria - perguntou-me Artur - se fosse o inimigo?

Não se referia à insignificante guarnição em *Vindocládia*, mas também não pronunciava o nome de Lancelot.

- Tentaria nos encurralar, Senhor - disse eu.

- Como? Onde? - perguntou, irritado. - A norte, é isso? Essa é a estrada mais rápida que podemos tomar até encontrar lanceiros que estejam do nosso lado, e eles ficarão sabendo disso. Não iremos para o Norte. - Olhou para mim, e foi quase como se não tivesse me reconhecido. - Vamos nos atirar às gargantas deles, Derfel - disse num tom selvagem.

- Às gargantas deles, Senhor?

- Vamos para *Caer Cadarn*.

Fiquei calado durante alguns segundos. Ele não estava bem. A dor e a raiva tinham-no perturbado e perguntava-me como poderia dissuadi-lo de embarcar neste suicídio.

- Nós somos quarenta, Senhor - disse eu, em voz baixa.

- *Caer Cadarn* - repetiu, ignorando a minha objeção. - Quem dominar *Caer* dominará a *Dumnónia*, e quem dominar a *Dumnónia* dominará a Bretanha. Se não quiser vir, Derfel, segue então o teu caminho. Eu vou para *Caer Cadarn*.

Virou-se.

- Senhor! - chamei-o. - *Dunum* está no seu caminho.

Era uma fortaleza importante, e embora a sua guarnição estivesse sem dúvida esgotada, possuía perfeitamente lanças em número suficiente para destruir a nossa pequena força.

- Não me interessa quantas fortalezas se atravessarem no nosso caminho - Artur cuspiu aquelas palavras. – Você fará o que quiser, Derfel, mas eu vou para *Caer Cadarn*.

- Afastou-se, gritando aos seus cavaleiros que rumassem para oeste.

Fechei os olhos, convencido que o meu senhor tinha enlouquecido. Privado do amor de Guinevere, ele nada mais queria senão morrer. Queria cair derrubado pelas lanças inimigas no coração do país pelo qual se batera durante tanto tempo. Não me ocorria outra explicação para o fato de ele querer conduzir o seu grupo de lanceiros exaustos para o centro da rebelião, a não ser que quisesse morrer ao lado do trono real de *Dumnónia*. Foi então que me ocorreu uma recordação e abri os olhos.

- Há muito tempo atrás - disse a Nimue, - falei com Aillean. Era uma escrava irlandesa, mais velha do que Artur, mas fora

a sua amante dedicada antes de ele conhecer Guinevere, e Amhar e Loholt eram os filhos ingratos que ela lhe dera. - Ainda era viva, continuava graciosa e grisalha agora, mas provavelmente permanecia retida em *Corinium*. E agora, perdido numa *Dumnónia* dilacerada, ouvia de novo a sua voz e as palavras proferidas muitos anos antes voltavam a ecoar na minha mente. - Observe Artur, porque quando pensar que ele está perdido, quando tudo parecer mais obscuro que nunca, ele o deixará atônito. Ele sairá vitorioso. - Repeti estas palavras a Nimue. - Ela disse também, que uma vez tendo vencido cometeria o erro habitual e perdoaria os seus inimigos.

- Não desta vez - disse Nimue. - Não desta vez. O pateta aprendeu a lição, Derfel. E você, que fará?

- O que sempre acabo por fazer - respondi. - Irei com ele. Direto à garganta do inimigo. Para *Caer Cadarn*.

Naquele dia, Artur parecia invadido por uma energia frenética e desesperada, como se a resposta para todo o seu sofrimento estivesse no alto de *Caer Cadarn*. Não fez qualquer tentativa para esconder a sua reduzida força de combate, marchou apenas para Norte e depois para Oeste erguendo bem alto o urso do seu estandarte. Montou o cavalo de um dos seus homens e vestiu a sua famosa armadura para que ninguém pudesse reconhecer a figura que

cavalgava rumo ao coração do território. Viajava tão rapidamente quanto o ritmo de marcha dos meus lanceiros permitia, e quando os cascos de um dos cavalos se abriu em dois, limitou-se a abandonar o animal e a continuar com vigor redobrado. Queria chegar a *Caer*.

Atingimos *Dunum* em primeiro lugar. O Povo Antigo construíra uma imensa fortaleza na colina de *Dunum*, à qual os romanos tinham acrescentado a sua própria muralha. Artur reparara as fortificações e destacara para lá uma guarnição permanente.

Os homens desta guarnição nunca tinham travado qualquer batalha, mas se Cerdic alguma vez decidisse atacar a costa oeste de *Dumnónia*, *Dunum* constituiria um dos seus principais obstáculos. Além disso, mesmo durante os longos anos de paz, Artur nunca permitira que a fortaleza se degradasse. Um estandarte esvoaçava acima da muralha e, à

medida que nos aproximávamos, percebi que não se tratava da águia-marinha, mas sim do dragão vermelho. *Dunum* permanecera fiel.

A guarnição ficara reduzida a trinta homens. Os outros, ou eram cristãos que tinham desertado ou, temendo que Mordred e Artur estivessem de fato mortos, tinham baixado os braços e partido. Lanval, no entanto, o comandante da

guarnição, mantivera-se no seu posto acompanhado dos poucos que tinham ficado, alimentando a esperança de que as terríveis notícias fossem falsas. Agora, Artur chegara, e Lanval conduziu os seus homens para fora dos portões enquanto Artur desmontava e corria para abraçar o velho guerreiro. Éramos setenta lanças ao todo, agora, em vez de quarenta e eu tornei a recordar as palavras de Aillean.

- É precisamente quando se acha que ele está vencido, - dissera ela, - que ele começa a vencer.

Lanval cavalgava ao meu lado e contou-me que os soldados de Lancelot tinham passado pela fortaleza.

- Não pudemos detê-los - disse, com amargura, - e eles não nos desafiaram.

Apenas tentaram fazer com que eu me rendesse. Disse-lhes que só mandaria baixar o estandarte de Mordred quando Artur me ordenasse, e não acreditaria que Artur estava morto senão quando me trouxessem a sua cabeça num escudo.

Artur deve ter-lhe dito alguma coisa sobre Guinevere, pois Lanval passou a evitá-la, apesar de em tempos ter sido comandante da guarda dela. Conte-lhe uma pequena parte do que se passara no Palácio do Mar e ele abanou a cabeça, tristemente.

- Ela e Lancelot deitavam-se juntos em *Durnovária* - disse ele, - naquele templo que ela mandou construir.

- Sabia disso? - perguntei, horrorizado.

- Eu não sabia - respondeu, numa voz cansada, - mas ouvia rumores, Derfel, simples rumores, e não queria saber mais nada. - Cuspiu para a beira da estrada. - Eu estava presente no dia em que Lancelot chegou de *Ynys Trebes* e lembro-me que os dois não conseguiam tirar os olhos um do outro. Deitaram-se um com o outro mais tarde, claro, e Artur nunca suspeitou de nada. E facilitou-lhes tanto a vida! Confiava nela e nunca estava em casa. Estava sempre fora, inspecionando fortalezas ou presidindo a um tribunal. - Lanval abanou a cabeça. - Não duvido que ela chame a isso uma religião, Derfel, mas digo-lhe uma coisa, se aquela dama está apaixonada por alguém esse alguém é Lancelot.

- Acho que ela ama Artur - disse eu.

- Talvez, mas ele é direto demais para o gosto dela. Não há mistério no coração de Artur, está tudo escrito no seu rosto e ela é uma dama que aprecia a sutileza. É como te digo, é Lancelot quem faz o coração dela bater mais depressa.

”E era Guinevere”, pensei com tristeza, ”quem fazia o coração de Artur bater mais depressa.” Nem me atrevia a pensar no que estaria acontecendo dentro do coração dele

naquele momento.

Dormimos ao relento nessa noite. Os meus homens guardavam Guinevere, que se ocupava diligentemente do filho. Nenhuma palavra fora pronunciada acerca do seu destino, e nenhum de nós queria interrogar Artur sobre o assunto, por isso a tratávamos com uma distância educada. Ela tratava-nos da mesma maneira, não pedindo favores e evitando Artur. Quando a noite caiu contou histórias a Gwydre, mas depois de ele ter adormecido vi-a balançar-se para frente e para trás ao lado do filho, chorando baixinho.

Artur viu também e depois ele próprio começou a chorar, afastando-se para o extremo do amplo terreno para que ninguém testemunhasse o seu sofrimento.

Retomamos a marcha de madrugada e a estrada por onde seguíamos conduziu-nos a uma paisagem deslumbrante, iluminada pela suave claridade do Sol que acabava de romper num céu sem nuvens. Esta era a *Dumnónia* pela qual Artur lutara, uma terra rica e fértil que os deuses tinham dotado de uma beleza imensa. As aldeias eram farradas com espessos telhados de colmo e bordadas com pomares frondosos, embora muitas das paredes das habitações tivessem sido desfiguradas pelo símbolo do peixe, enquanto outras tinham sido queimadas. Reparei, no entanto, que os cristãos não insultaram Artur como teriam feito outrora e

isso me fez desconfiar que a febre que tinha atingido a *Dumnónia* poderia estar diminuindo. Entre as aldeias, a estrada serpenteava entre as flores rosa dos espinheiros e por entre prados transbordantes de trevo, margaridas, ranúnculos amarelos e papoulas. Carriças e verdelhões-amarelos, as últimas aves a fazer os ninhos, esvoaçavam com pedaços de palha presos nos bicos, enquanto bem mais alto, no topo de alguns carvalhos, vi um falcão levantar vôo, para logo me dar conta que não era nenhum falcão, mas sim um jovem cuco que ensaiava o seu primeiro vôo. E aquilo, pensei, é um bom presságio, pois Lancelot, tal como o jovem cuco, apenas se assemelhava a um falcão quando, na verdade, não era mais do que um usurpador.

Nos detivemos algumas milhas antes de *Caer Cadarn*, num pequeno mosteiro que tinha sido construído no local onde borbulhava uma nascente sagrada, na orla de um bosque de carvalhos. Outrora fora um santuário de druidas e agora era o Deus cristão quem guardava as águas. A divindade, porém, não conseguiu opor resistência aos meus homens que, sob as ordens de Artur, derrubaram o portão da paliçada e tomaram uma dúzia dos hábitos castanhos dos monges. O bispo do mosteiro recusou-se a aceitar o pagamento oferecido e, em vez disso, amaldiçoou Artur, que possuído agora de uma ira ingovernável agrediu o bispo, derrubando-o. Deixamos o bispo sangrando para dentro da nascente sagrada e marchamos para Oeste. O bispo

chamava-se Carannog e é agora um santo. Às vezes penso que Artur fez mais santos que Deus.

Chegamos a *Caer Cadarn* depois de termos atravessado *Pen Hill*, mas paramos no sopé da colina antes que pudéssemos ser vistos das muralhas. Artur escolheu uma dúzia de lanceiros e ordenou-lhes que cortassem o cabelo à maneira cristã e depois que vestissem os hábitos dos monges. Nimue encarregou-se do corte dos cabelos e juntou todas as madeixas dentro de um saco, para que ficassem em segurança. Eu queria ser um dos doze, mas Artur recusou. Aqueles que se dirigissem aos portões de *Caer Cadarn*, disse ele, tinham de ter um rosto que não pudesse ser reconhecido.

Issa submeteu-se à lei da faca, sorrindo abertamente para mim depois da sua cabeleira ter desaparecido da parte da frente do couro cabeludo.

- Pareço-me com um cristão, Senhor?

- Parece o seu pai - disse eu, - calvo e feio.

Os doze homens levavam as espadas escondidas debaixo do hábito, mas não podiam levar lanças. Em vez disso separamos as cabeças das lanças das respectivas hastes e demos-lhe estas últimas, para que as utilizassem como armas. As suas fronte rapadas pareciam mais pálidas do

que os seus rostos, mas com os capuzes dos hábitos tapando-lhes as cabeças passariam bem por monges.

- Vão - disse-lhe Artur.

Caer Cadarn não possuía qualquer interesse do ponto de vista militar, mas enquanto lugar simbólico da realeza da *Dumnónia* o seu valor era incalculável. Por essa razão apenas, sabíamos que a velha fortaleza estaria muito bem guardada e que os nossos doze monges iriam precisar, tanto de sorte como de coragem para enganar a guarnição e convencê-la a abrir-lhes os portões. Nimue abençoou-os e em seguida dispuseram-se a escalar o cume de *Pen* descendo depois a encosta em fila indiana. Ou porque trazíamos conosco o Caldeirão, ou porque a sorte que normalmente acompanhava Artur na guerra uma vez mais não o abandonou, o certo é que o nosso ardil

funcionou. Deitados sobre a erva macia, Artur e eu víamos Issa e os seus homens deslizar e tropeçar ao longo da íngreme encosta oeste de *Pen Hill*, atravessar os prados verdejantes e depois escalar a trilha íngreme e acidentado que conduzia ao portão oriental de *Caer Cadarn*. Alegaram que eram foragidos que tinham escapado a um dos ataques-surpresa dos cavaleiros de Artur e a sua história convenceu os guardas, que lhes abriram os portões. Issa e os seus homens mataram os guardas, apoderando-se em seguida das

lanças e escudos das suas vítimas para assim defender o precioso portão que tinha sido aberto. Os cristãos jamais perdoaram Artur por este ardil.

Artur saltou para a garupa de *Llamrei* no instante em que viu que o portão de *Caer* tinha sido tomado.

- Vamos! - gritou, e os seus vinte cavaleiros cavalgaram até ao cume de *Pen* descendo depois a íngreme colina coberta de erva que se seguia. Dez homens seguiram Artur até à fortaleza propriamente dita, enquanto os outros dez contornavam a galope o sopé da colina de *Caer Cadarn*, para barrar a saída de qualquer soldado da guarnição.

O resto de nós os seguiram. Lanval ficou encarregado de guardar Guinevere e por isso avançava mais lentamente, mas os meus homens desceram as escarpas destemidamente e galgaram o trilho pedregoso de *Caer* até onde Issa e Artur esperavam.

A guarnição, uma vez derrubado o portão, não esboçara um gesto de luta. Eram cinqüenta homens, na sua maioria veteranos estropiados ou jovens imberbes, mas ainda assim suficientemente numerosos para terem defendido as muralhas de um ataque provocado pelas nossas debilitadas forças. Os poucos que tentaram escapar foram facilmente capturados pelos nossos cavaleiros e trazidos de volta à

fortaleza. Issa e eu já

tínhamos rumado em direção à muralha próxima ao portão oeste, onde depois de termos baixado a bandeira de Lancelot, hasteamos o urso de Artur. Nimue queimou os cabelos cortados e depois cuspiu sobre os monges aterrorizados que viviam no *Caer* e tinham por missão supervisionar a construção da grande igreja de Sansum.

Estes monges, que davam mostras de ser mais recalcitrantes do que os lanceiros da guarnição, já tinham escavado os alicerces da igreja demarcando-os com pedras tiradas do círculo de pedras que se erguera no cume de *Caer*. Tinham derrubado metade das paredes do salão de celebrações e usado madeira para começar a erguer as paredes da igreja, que tinha a forma de uma cruz.

- Darão uma boa fogueira - disse Issa alegremente, acariciando a sua recente calvície.

Guinevere e o filho, não admitidos no interior do salão, ficaram com a cabana maior que havia no *Caer*. Era a casa da família de um dos lanceiros, que foi expulsa de casa para que Guinevere a ocupasse. Ela estremeceu ao contemplar o leito feito compalha de cevada e as teias de aranha que se acumulavam no travejamento do teto.

Lanval colocou um lanceiro à entrada e depois observou um

dos cavaleiros de Artur que arrastava o comandante da guarnição, que fazia parte do grupo que tentara escapar, de volta à fortaleza.

O comandante derrotado era Loholt, um dos irascíveis filhos gêmeos de Artur, que transformara a vida de Aillean, sua mãe, num mar de infelicidade e nunca deixara de alimentar um ressentimento em relação ao progenitor. Agora, Loholt, que encontrara em Lancelot um amo, era arrastado pelos cabelos até onde seu pai o esperava.

Loholt caiu de joelhos.

Artur contemplou-o demoradamente, depois virou-se e afastou-se.

- Pai! - gritou Loholt, mas Artur ignorou-o.

Caminhou até junto dos prisioneiros alinhados. Reconheceu alguns homens, pois tinham em tempos estado a seu serviço, enquanto outros tinham vindo do antigo reino dos belgas que pertencera a Lancelot. Esses homens, dezenove ao todo, foram levados para a igreja meio-construída e ali foram mortos. Foi um castigo severo, mas Artur não estava inclinado a oferecer misericórdia a homens que tinham invadido o seu território.

Ordenou aos seus homens que os matassem, e eles

obedeceram. Os monges protestaram e as esposas e filhos dos prisioneiros gritaram na nossa direção até que dei ordens para que todos fossem conduzidos até ao portão oriental e expulsos.

Restaram trinta e um prisioneiros, todos eles dumnonianos, e Artur escolheu seis à medida que os ia contando um por um: o quinto homem, o décimo, o décimo-quinto, o vigésimo, o vigésimo-quinto e o trigésimo.

- Mate-os - ordenou-me friamente. Então conduzi os seis homens até à igreja e acrescentei os seus corpos ao monte de cadáveres ensangüentados. O restante dos prisioneiros ajoelharam e, um por um, beijaram a espada de Artur renovando assim os juramentos que os ligavam a ele, embora antes de beijarem a lâmina da espada cada homem tivesse sido obrigado a ajoelhar perante Nimue que marcou as suas fronteiras com a cabeça de uma lança que mantinha em brasa numa fogueira. Os homens receberam, pois, as marcas próprias de guerreiros que tinham se rebelado contra o senhor a quem tinham jurado servir, e a cicatriz que a partir daí ostentariam nas respectivas testas significavam que seriam mortos se voltassem a ser considerados traidores. De momento, com as fronteiras queimadas e doloridas, constituíam aliados dúbios, mas ainda assim Artur conseguiu reunir e comandar mais de oitenta homens, um pequeno exército.

Loholt esperava, ainda ajoelhado. Era ainda muito jovem, com um rosto imberbe e uma barba rala, que Artur agarrou e usou para arrastá-lo até à pedra real, que era tudo o que restava do antigo círculo. Atirou o filho de encontro à pedra.

- Onde está seu irmão? - perguntou.

- Com Lancelot, Senhor.

Loholt tremia. O cheiro de pele queimada aterrorizava-o.

- Onde?

- Seguiram para o Norte, Senhor.

Loholt ergueu os olhos para o pai.

- Então pode ir juntar-se a eles - disse Artur, e o rosto de Loholt expressou um alívio profundo ao saber que iria viver.

- Mas primeiro diga-me - prosseguiu Artur num tom de voz glacial - porque é que ergueu a mão contra o seu pai?

- Disseram que havia morrido, Senhor.

- E que você fez, meu filho, para vingar a minha morte? - perguntou Artur. Depois esperou por uma resposta, mas Loholt nada tinha para lhe dizer. - E quando soube que estava vivo, por que razão continuou a opor-se a mim?

Loholt fitou o rosto implacável de seu pai e, em algum lugar no seu íntimo, reuniu coragem para falar.

- Nunca foi um pai para nós - disse, azedo.

O rosto de Artur contorceu-se violentamente e eu pensei que ele fosse explodir numa ira medonha, mas quando tornou a falar a sua voz soou estranhamente calma.

- Coloque a tua mão direita sobre a pedra - ordenou a Loholt. Loholt acreditou que iria fazer um juramento e, obedientemente, colocou a mão no centro da pedra real.

Então, Artur desembainhou a *Excalibur* e Loholt compreendeu as intenções de seu pai e escondeu rapidamente a mão.

- Não! - gritou. - Peço-lhe! Não!

- Segura-a, Derfel - disse Artur.

Loholt debateu-se, mas não era um adversário à altura da minha força.

Esbofetei-o para dominá-lo, depois descobri o seu braço direito até ao cotovelo e imobilizei-o sobre a pedra, mantendo-o firmemente preso enquanto Artur erguia a lâmina da espada. Loholt chorava.

- Não, pai! Peço-lhe!

Mas naquele dia, não havia sombra de misericórdia dentro de Artur. E durante muitos dias depois disso foi assim.

- Você ergueu a mão contra o teu próprio pai, Loholt, e por isso perde ambos: o pai e a mão. Eu o renego.

E com essa terrível maldição, deixou cair a espada e um jato de sangue manchou a pedra enquanto Loholt se contorcia violentamente para trás. Gritava enquanto segurava o coto ensanguentado e contemplava horrorizado a mão decepada e depois desatou a choramingar em agonia.

- Ata-lhe o braço, - Artur ordenou a Nimue. - Depois, esse pateta é livre para partir.

Afastou-se.

Empurrei a mão decepada, onde luziam ainda dois patéticos anéis de guerreiro, que estava em cima da pedra. Artur deixou cair a *Excalibur* sobre a erva, e eu a peguei e a depus, com toda a reverência sobre a mancha de sangue. "Assim está certo", pensei. "A espada certa na pedra certa, e tinham sido precisos tantos anos para colocá-la ali."

- Agora esperaremos - disse Artur, sombrio. - até que o infame venha até nós.

Ainda era incapaz de proferir o nome de Lancelot.

Lancelot chegou dois dias mais tarde.

A sua rebelião estava desmoronando-se, embora nós ainda não soubéssemos.

Sagramor, apoiado pelos primeiros dois contingentes de lanceiros oriundos de *Powys* tinha isolado os homens de Cerdic em *Corinium*, e o saxão só escapou recorrendo a uma desesperada marcha noturna no decurso da qual, mesmo assim, perdeu mais de cinquenta homens que pereceram nas mãos sedentas de vingança de Sagramor. A fronteira de Cerdic situava-se ainda mais para Oeste do que antes, mas as notícias de que Artur estava vivo e conquistara *Caer Cadarn*, e a ameaça do ódio implacável de Sagramor foram suficientes para convencer Cerdic a abandonar Lancelot, seu aliado.

Recuou para a sua nova fronteira e incumbiu alguns dos seus homens da missão de roubar o que pudessem das terras belgas de Lancelot. Cerdic, ao menos, retirou algum benefício da rebelião.

Lancelot comandou o seu exército até *Caer Cadarn*. O núcleo deste exército era composto pela sua Guarda Saxônica e por duzentos guerreiros belgas, reforçados pela adesão de centenas de voluntários cristãos que acreditavam

estar cumprindo o trabalho de Deus servindo Lancelot. No entanto, a notícia que Artur tomara o *Caer* e os ataques que Galaad e Morfans comandavam a sul de *Glevum* confundia-os e desencorajava-os.

Os cristãos começaram a desertar, embora pelo menos duzentos deles ainda se mantivessem fiéis a Lancelot quando ele chegou, à hora do crepúsculo, dois dias depois de termos conquistado a colina real. Ainda dispunha de uma oportunidade de conservar o seu novo reino, se ousasse atacar Artur. Mas hesitou, e na madrugada do dia seguinte, Artur incumbiu-me de levar uma mensagem. Coloquei o meu escudo ao contrário e ateí um raminho de folhas de carvalho à minha lança para indicar que vinha para parlamentar e não para lutar, e fui recebido por um chefe belga que prometeu respeitar a minha trégua antes de me conduzir ao palácio em *Lindinis*, onde Lancelot estava instalado. Esperei no pátio exterior, vigiado por lanceiros carrancudos, enquanto Lancelot tentava decidir se queria ou não receber-me.

Esperei mais de uma hora até que, por fim, Lancelot apareceu. Vestia a armadura de esmalte branco, trazia o elmo dourado debaixo de um dos braços e a espada de Cristo suspensa sobre a anca. Amhar e Loholt, de braço enfaixado, estavam atrás dele, a sua Guarda Saxônica e uma dúzia de chefes ladeavam-no e Bors, o seu paladino, estava a seu lado. Todos eles exalavam o odor da derrota. Conseguia

sentir-lhe o cheiro, como se fosse carne putrefata. Lancelot poderia ter-nos cercado em *Caer*, voltado atrás para massacrar Morfans e Galaad e depois regressar para nos matar de fome. Mas tinha perdido a coragem. Queria apenas sobreviver. Sansum, reparei depois de um olhar de relance, não estava visível. O Lorde Rato sabia quando devia ser discreto.

- Voltamos a nos encontrar, Lorde Derfel - cumprimentou-me Bors, falando pelo seu amo.

Ignorei Bors.

- Lancelot – me dirigi diretamente ao rei, mas recusei-me a honrá-lo mencionado o título, - Artur, o meu Senhor, concederá misericórdia aos seus homens mediante uma condição.

Falei alto para que todos os lanceiros que se encontravam no pátio pudessem ouvir-me. A maioria dos guerreiros ostentava a insígnia de Lancelot nos seus escudos, mas alguns tinham pintado cruces ou as linhas curvas dos peixes.

- A condição para que se beneficiem de misericórdia - prossegui, - é que você

combata contra o nosso paladino, homem contra homem,

espada contra espada. Se viver poderá partir em liberdade e os seus homens poderão acompanhá-lo, se morrer, os seus homens continuarão a ser livres para partir. Mesmo que escolha não combater, os seus homens serão perdoados, exceto aqueles que outrora prestaram juramento a Mordred, nosso Rei e Senhor. Esses serão mortos.

Era uma proposta engenhosa. Se Lancelot combatesse salvaria as vidas dos homens que tinham trocado de facção para apoiá-lo, mas se recuasse e não aceitasse o desafio o condenaria à morte e a sua preciosa reputação sofreria com isso.

Lancelot olhou de relance para Bors e depois tornou a fitar-me. O meu desprezo por ele naquele momento era imenso. Deveria estar lutando contra nós, não arrastando os pés pelos pátios de *Lindinis*. Mas a ousadia de Artur o deixara estupefato. Ignorava quantos homens nós tínhamos, podia apenas ver que os contrafortes de *Caer* fervilhavam de lanças e o desejo de luta esmorecera dentro dele. Inclinou-se para o primo e ambos trocaram algumas palavras. Lancelot voltou a fitar-me depois de Bors ter falado com ele e o rosto estava iluminado por um meio-sorriso.

- Bors, o meu paladino - disse, - aceita o desafio de Artur.

- A proposta é para que você mesmo combata - disse eu, - e

não para que alguém cace e massacre a presa por você.

Bors resmungou ao ouvir as minhas palavras, e desembainhou a espada até o meio. Mas o chefe belga, que tinha garantido que eu estaria em segurança deu um passo em frente empunhando uma lança e Bors recuou.

- E o paladino de Artur - perguntou Lancelot - seria o próprio Artur?

- Não - respondi e sorri. - Implorei-lhe que me concedesse essa honra e a obtive.

Eu a queria em virtude da forma como insultou Ceinwyn. Pensando em obrigá-la a desfilarem nua por *Ynys Wydryn*, mas serei eu quem arrastará o seu corpo nu por toda a *Dumnónia*.

E quanto à minha filha - continuei, - a morte dela já está vingada. Os seus druidas jazem caídos sobre o lado esquerdo, Lancelot. Os seus corpos estão por queimar e as suas almas vagueiam por aí.

Lancelot cuspiu aos meus pés.

- Diga a Artur - disse ele - que enviarei a minha resposta ao meio-dia.

Virou-se.

- E você tem alguma mensagem para Guinevere? - perguntei-lhe, e a interrogação obrigou-o a virar-se. - A sua amante está em *Caer*. Quer saber o que irá lhe acontecer? Artur contou-me qual seria o seu destino.

Fitou-me com repugnância, cuspiu mais uma vez, e depois se virou e afastou-se.

Imitei-o.

Regressei a *Caer* e encontrei Artur no contraforte próximo ao portão oeste onde, muitos anos antes, ele me falara sobre o dever de um soldado. Esse dever, dissera ele, era travar batalhas em nome daqueles que não podiam combater por si próprios. Este era o seu credo, e ao longo de todos aqueles anos lutara pela criança que se chamava Mordred e agora, por fim, lutava por si mesmo, e ao fazê-lo perdia tudo aquilo que mais desejara.

Transmiti-lhe a resposta de Lancelot e ele assentiu com um aceno de cabeça, não disse nada e fez-me sinal para que o deixasse.

No final da manhã, Guinevere mandou Gwydre à minha procura. O garoto escalou os contrafortes até o lugar onde eu me encontrava com os meus homens e puxou-me pela

capa.

- Tio Derfel? - Ergueu uns olhos tristes e fitou-me. - A minha mãe o chama. -

Falava com medo, e os seus olhos estavam marejados de lágrimas.

Olhei de relance para Artur, mas ele não prestava qualquer atenção a nenhum de nós e, por isso, desci os degraus e acompanhei Gwydre até à cabana do lanceiro.

Chamar-me deve ter sido um rude golpe para o orgulho ferido de Guinevere, mas ela queria transmitir uma mensagem a Artur e sabia que mais ninguém em *Caer Cadarn* era tão próximo dele quanto eu. Levantou-se quando eu me inclinei para passar pela porta.

Cumprimentei-a com uma vênia e esperei até ela mandar Gwydre sair dizendo-lhe que fosse conversar com o pai.

Por pouco a altura da cabana não permitiria que Guinevere ficasse de pé. O rosto dela estava distorcido, quase macilento, mas de certa forma a tristeza que ele espelhava conferia-lhe uma beleza luminosa que a sua habitual expressão altiva lhe negava.

- Nimue me disse que viu Lancelot - falou em voz tão sumida

que tive de me inclinar para frente para ouvir as suas palavras.

- Sim, Senhora, vi.

A mão direita dela brincava inconscientemente com as pregas do vestido.

- E ele enviou alguma mensagem?

- Nenhuma, Senhora.

Ela fitou-me com os seus enormes olhos verdes muito abertos.

- Por favor, Derfel - disse em voz baixa.

- Incitei-o a falar, Senhora. Ele nada disse.

Ela deixou-se cair sobre um banco grosseiro. Permaneceu em silêncio durante algum tempo, durante o qual contemplei uma aranha que se infiltrara por entre o colmo e descia enquanto urdia a sua teia, cada vez mais próxima do cabelo dela. O inseto me deixava estupefato e eu perguntava a mim mesmo se deveria afastá-lo ou deixá-lo simplesmente em paz.

- Que lhe disse? - perguntou ela.

- Me ofereci para combater contra ele, Senhora, homem

contra homem. A *Hywelbane* contra a lâmina de Cristo. E depois prometi arrastar o seu corpo nu por toda a *Dumnónia*.

Ela abanou a cabeça energicamente.

- Combater - disse, zangada, - é tudo o que vocês, seus brutos, sabem fazer! -

Fechou os olhos durante alguns segundos. - Perdoe-me, Lorde Derfel - disse, humilde. -

Não devia insultá-lo, não quando preciso que solicite um favor a Lorde Artur. - Ergueu os olhos para mim e vi que ela estava tão destroçada quanto o próprio Artur. - Aceita fazê-lo?

- suplicou ela.

- Que favor, Senhora?

- Diga-lhe que ele poderá ficar com o nosso filho, e que ele é nosso filho, e que eu partirei e ele nunca mais me verá ou ouvirá falar em mim.

- Farei o que me pede, Senhora - disse eu.

Ela percebeu a nota de dúvida na minha voz e fitou-me tristemente. A aranha desaparecera entre a sua farta

cabeleira ruiva.

- Acha que ele vai recusar - perguntou numa voz fraca e assustada.

- Senhora - disse eu, - ele a ama. Ama-a tanto que acho que nunca será capaz de se separar de si.

Uma lágrima assomou a um dos seus olhos e deslizou ao longo da face.

- Então que irá ele fazer comigo? - perguntou, mas eu não respondi. - Que irá ele fazer, Derfel? - tornou a perguntar Guinevere com uma ponta da sua antiga energia. -

Diga-me!

- Senhora - disse eu, grave, - ele a instalará num lugar seguro e aí a manterá, com uma escolta para guardá-la.

”E todos os dias”, pensei, ”pensará nela, e todas as noites a convocará para os seus sonhos, e todas as madrugadas virará no leito e descobrirá que ela não está ao seu lado.”

- Será bem tratada, Senhora - tranquilizei-a, gentilmente.

- Não, - lamentou-se ela. Poderia ter antecipado a morte, mas esta promessa de encarceramento surgia aos seus olhos como algo muito mais terrível. - Diga-lhe que me deixe partir,

Derfel. Diga-lhe que me deixe partir e pronto!

- Intercederei pela senhora - prometi-lhe, - mas acho que ele não o fará. Não acho que possa fazê-lo.

Chorava convulsivamente agora, a cabeça entre as mãos, e embora eu esperasse, ela não disse mais nada, então recuei e saí da cabana. Gwydre achara a companhia do pai muito sorumbática e queria regressar para junto da mãe, mas eu o levei comigo e pedi-lhe que me ajudasse a limpar e a afiar a lâmina da *Excalibur*. O pobre Gwydre estava assustado, pois não compreendia o que acontecera e nem Guinevere nem Artur pareciam capazes de lhe explicar.

- A sua mãe está muito doente - disse-lhe, - e você sabe que por vezes as pessoas doentes precisam ficar sozinhas - sorri-lhe. - Talvez possa vir viver com Morwenna e Seren.

- Acha que sim?

- Acho que sua mãe e o seu pai vão dizer que sim - respondi, - e eu gostaria que viesse. Agora, não escove a espada! Afie-a. Movimentos suaves e longos, assim!

Ao meio-dia dirigi-me ao portão oeste e fiquei à espera do mensageiro de Lancelot. Mas ninguém apareceu. Ninguém apareceu. O exército de Lancelot esboroava-se como areia empurrada pela água da chuva. Alguns viajaram para o Sul e

Lancelot os acompanhou. As penas de cisne dos seus homens surgiram no prado no sopé de *Caer* e aí depuseram as suas lanças, escudos e espadas, ajoelhando-se em seguida sobre a erva para receber a misericórdia de Artur.

- O Senhor venceu - disse.

- Sim, Derfel - disse ele, ainda sentado, - parece que sim.

A sua nova barba, estranhamente grisalha, fazia-o parecer mais velho. Não lhe emprestava uma aparência mais frágil, mas dava-lhe um ar mais envelhecido e mais duro.

Assentava-lhe bem. Por cima da cabeça dele, uma rajada de vento agitou o estandarte onde se via a insígnia do urso.

Sentei-me ao seu lado.

- A princesa Guinevere - disse, enquanto via o exército inimigo depor as suas armas e ajoelhar-se abaixo de nós - suplicou-me que lhe pedisse um favor.

Ele não disse nada. Nem olhou para mim.

- Ela quer...

- Partir - interrompeu-me.

- Sim, Senhor.

- Com a sua águia-marinha - disse ele, com amargura.

- Ela não disse isso, Senhor.

- E para onde iria ela? - perguntou ele, fitando-me depois com os seus olhos gélicos. - Ele perguntou por ela?

- Não, Senhor. Ele não disse nada.

Artur riu ao ouvir isto, mas foi um riso cruel.

- Pobre Guinevere - disse ele, - pobre, pobre Guinevere. Ele não a ama, não é?

Ela foi apenas algo de belo para ele, mais um espelho no qual vê refletida a sua própria beleza. Isso deve fazê-la sofrer, Derfel, isso deve fazê-la sofrer.

- Ela suplica-lhe que a liberte - insisti, - tal como prometera fazer. Ela deixará

Gwydre aqui, ela...

- Ela não pode impor nenhuma condição - reagiu Artur, zangado. - Nenhuma.

- Não, Senhor - disse eu. Fizera o melhor que sabia por ela e fracassara.

- Ela ficará em *Dumnónia* - decretou Artur.

- Sim, Senhor

- E você também ficará aqui - ordenou-me com aspereza. - Mordred poderá

libertá-lo do teu juramento para com ele, mas eu não. Você é o meu homem, Derfel, é o meu conselheiro e ficará aqui comigo. De hoje em diante passa a ser o meu paladino.

Virei-me para olhar para a pedra real, onde depusera a espada acabada de limpar e de afiar.

- Ainda sou o paladino de um rei, Senhor? - perguntei.

- Nós já temos um rei - disse ele - e não serei eu quem vai quebrar esse juramento, mas serei eu quem governará este país. Mais ninguém, Derfel, apenas eu.

Pensei na ponte em *Pontes*, onde tínhamos atravessado o rio, antes do confronto com Aelle.

- Se não for rei, Senhor - disse eu, - então será o nosso Imperador. Será um Senhor dos Reis.

Ele sorriu. Era o primeiro sorriso que eu via no seu rosto desde que Nimue descerrara o cortinado negro, no Palácio do Mar. Era um sorriso triste, mas era visível.

Também não recusou o título que eu lhe atribuía.

Imperador Artur, Senhor dos Reis.

Lancelot partira e o que restava do seu exército estava agora ajoelhado aos nossos pés, invadido pelo terror. Os seus estandartes tinham sido derrubados, as lanças depostas e os escudos jaziam no chão. A demência que assolara a *Dumnónia* como uma tormenta, amainara, Artur vencera e, abaixo de nós, sob um escaldante Sol de Verão, um exército ajoelhava implorando a sua misericórdia. Este fora, outrora, o sonho de Guinevere. A *Dumnónia* aos pés de Artur, a sua espada sobre a pedra real. Agora, porém, era tarde demais. Muito tarde para ela.

Para nós, todavia, que nos mantivéramos fiéis aos nossos juramentos, era o que sempre havíamos desejado: por agora, em tudo menos no título, Artur era Rei.

Nota do Autor

As histórias do Caldeirão são um elemento comum nas histórias populares celtas, e a sua procura era pretexto suficiente para que grupos de guerreiros se perdessem em lugares sombrios e perigosos. Conta-se que Cúchulain, esse grande herói irlandês, terá roubado o Caldeirão mágico de uma fortaleza mágica, e temáticas semelhantes aparecem igualmente nos mitos gauleses. A origem destes mitos é hoje

quase impossível de identificar, mas podemos estar razoavelmente certos de que as histórias populares medievais acerca da busca do Santo Graal eram apenas novas versões cristianizadas dos mitos do Caldeirão, muito mais antigos. Uma dessas histórias envolve o Caldeirão de *Clyddno Eiddyn*, um dos Treze Tesouros da Bretanha. Estes tesouros estão ausentes das versões modernas da saga arturiana, mas tinham uma presença muito marcante nas versões mais antigas. A lista dos tesouros varia de fonte para fonte, pelo que compilei uma amostra mais ou menos representativa, ainda que a explicação de Nimue no que diz respeito às suas origens, na página 121-122, seja pura invenção da minha parte.

Os caldeirões e os tesouros mágicos dizem-nos que pisamos território pagão, o que estranho o fato das histórias arturianas mais tardias serem tão marcadamente cristianizadas. Seria Artur o "Inimigo de Deus"? Algumas das primeiras narrativas sugerem, de fato, que a igreja celta tratava Artur com hostilidade. Assim, em *The Life of St. Padarn*, é referido que Artur teria roubado a túnica vermelha do santo e só concordou em devolvê-la depois do santo o ter enterrado até o pescoço. Diz-se ainda que Artur teria roubado o altar de S. Carannog, para usá-lo como mesa de refeições, na verdade, em muitas vidas de santos, Artur é descrito como um tirano que apenas é possível contrariar através da piedade ou das preces do homem santo. S. Cadoc

foi, evidentemente, um rival famoso em cuja vida se vangloria do número de vezes em que venceu Artur, incluindo um relato algo desagradável na qual Artur, interrompido durante um jogo de dados por um casal de amantes em fuga, tenta violar a garota. Este Artur, ladrão, mentiroso e hipotético violador não é claramente o Artur das lendas modernas, mas as histórias sugerem de fato a idéia que Artur terá de certo modo incorrido no desagrado da igreja dos primeiros tempos, e a explicação mais simples para o fato reside no fato de Artur ser pagão.

Não podemos estar certos disto, tal como não podemos adivinhar que tipo de pagão ele era. O druidismo, a religião autóctone da Bretanha fora de tal modo destruída por quatro séculos de supremacia romana que no final do século V pouco mais era que um mero invólucro, embora permanecesse muito arraigada nas zonas rurais da Bretanha.

O "doloroso golpe" do druidismo correspondia ao ano negro de 60 A.C., ano em que os romanos invadiram *Ynys Mon (Anglesey)* destruindo o centro de culto do credo dominante. *Llyn Cerrig Bach*, o Lago das Pequenas Pedras, existiu de fato, e as investigações arqueológicas indicaram que se tratava de um local de importantes rituais druidas. Infelizmente, porém, o lago e tudo o que o rodeava foram destruídos durante a Segunda Guerra Mundial, quando da ampliação do *Valley Airfield*.

Os credos rivais do druidismo foram todos introduzidos pelos romanos, e durante algum tempo o mitraísmo foi uma séria ameaça ao cristianismo. Enquanto isso, outras divindades como Mercúrio e Ísis continuaram também a ser adoradas, embora o cristianismo fosse de longe a mais bem sucedida das importações. Chegara inclusive à

Irlanda, para onde foi levado por Patrick (Padraig), um cristão bretão que segundo se diz usou folhas de trevo para ensinar a doutrina da Santíssima Trindade. Os Saxões expulsaram o cristianismo das zonas da Bretanha que conquistaram, pelo que os Ingleses tiveram de esperar mais cem anos até que Santo Agostinho de Cantuária reintroduzisse a fé em *Lloegyr* (hoje, Inglaterra). Este cristianismo agostiniano era diferente das antigas formas celtas, a Páscoa era celebrada num dia diferente e, em vez da tonsura druida que implicava rapar a parte da frente da cabeça, os novos cristãos tinham uma calvície circular no alto da cabeça, que nos é mais familiar.

Tal como em *O Rei do Inverno*, introduzi propositadamente alguns anacronismos.

As lendas arturianas são terrivelmente complexas, sobretudo porque incluem toda a espécie de histórias diferentes, muitas das quais como é o caso da história de Tristão e Isolda começaram por ser narrativas bastante independentes e só,

lentamente, foram incorporadas na saga arturiana, mais abrangente. Cheguei a pensar em deixar de fora todos os acréscimos posteriores, mas isso teria me impedido de utilizar entre outras coisas, Merlim e Lancelot. Optei, por isso, por deixar que o romantismo prevalecesse sobre o pedantismo. Confesso que o fato de ter incluído a palavra *Camelot* é um completo disparate histórico, já que o termo só foi inventado no século XII, então Derfel nunca poderia tê-lo ouvido.

Algumas personagens, como Derfel, Ceinwyn, Culhwuch, Gwenhwyvach, Gwydre, Amhar, Loholt, Dinas e Lavaine saíram das histórias com o passar dos séculos para serem substituídas por novas personagens, como Lancelot.

Outros nomes foram mudando com os anos: Nimue tornou-se Vivien, Cei passou a Kay e Peredur passou a chamar-se Parsival. Os nomes mais antigos são gauleses e podem ser difíceis, mas à exceção de *Excalibur* (para *Caledfwlch*) e de Guinevere (para Gwenhwyfar), preferi usá-los porque refletem a Bretanha do século V. As lendas arturianas são histórias galesas e Artur é um antepassado dos Gauleses, enquanto os seus inimigos como Cerdic e Aelle eram o povo que viria a ficar conhecido como sendo os Ingleses, e pareceu-me justo acentuar as origens galesas das histórias. Não que eu tenha a pretensão de afirmar que a trilogia "Crônicas do Senhor da Guerra" seja uma história exata

daqueles tempos, nem sequer é uma tentativa de construir uma história como essa, trata-se apenas de mais uma variação de uma saga fantástica e complexa que tendo chegado até nós vinda de uma época bárbara, continua a maravilhar-nos pelas suas dimensões heróicas, românticas e trágicas.